

P/V 16097-000

literatura  
livre

# A Bota de Ferro

JACK  
LONDON

*The Iron Heel* (1908)  
Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue:  
PORTUGUÊS • INGLÊS

Sesc



— •  
literatura  
**livre**

# A Bota de Ferro

Jack London

Edição Bilingue





— •  
literatura  
**livre**

# A Bota de Ferro

Jack London

*Tradução:*  
Ricardo Giassetti

Edição Bilingue  
Português-Inglês

**sesc** **mojo**<sup>org</sup>

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

---

L847 London, Jack (1876-1916)  
A Bota de Ferro / Jack London. Prefácio de Anthony Meredith.  
Tradução de Ricardo Giassetti. – São Paulo: Instituto Mojo, 2022.  
(Coleção Literatura Livre).  
E-Book: PDF, ePUB, MOBI  
Disponível em: <https://mojo.org.br>

*Título Original: The Iron Heel. Edição bilíngue Português / Inglês.*

ISBN 978-65-89008-28-6

1. Literatura Americana. 2. Romance. 3. Literatura Distópica. 4. Questões Sociais. 5. Oligarquia. 6. Revolucionários. I. Título. II. Série. III. Giassetti, Ricardo, Tradutor. IV. Meredith, Anthony. V. Instituto Mojo de Comunicação Intercultural. VI. Literatura Livre. VII. Chaney, John Griffith (1876–1916).

CDU 820(72)

CDD 810

---

**Catálogo elaborado por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154**

# A BOTA DE FERRO

Prefácio .....	11
Capítulo 1. Minha águia .....	19
Capítulo 2. Desafios .....	43
Capítulo 3. O braço de Jackson .....	67
Capítulo 4. Escravos da máquina .....	85
Capítulo 5. Os filomatas .....	99
Capítulo 6 Prenúncios .....	131
Capítulo 7. A visão do bispo .....	143
Capítulo 8. Os quebra-máquinas .....	153
Capítulo 9. A matemática de um sonho .....	177
Capítulo 10. O vórtice .....	203
Capítulo 11. A grande aventura .....	219
Capítulo 12. O bispo .....	231
Capítulo 13. A greve geral .....	247
Capítulo 14. O começo do fim .....	261
Capítulo 15. Últimos dias .....	275
Capítulo 16. O fim .....	285
Capítulo 17. O uniforme escarlate .....	301
Capítulo 18. Na sombra de Sonoma .....	313
Capítulo 19. Transformação .....	327

Capítulo 20. Um oligarca perdido . . . . .	341
Capítulo 21. O rugido da besta abismal . . . . .	353
Capítulo 22. A Comuna de Chicago . . . . .	363
Capítulo 23. O povo do abismo . . . . .	383
Capítulo 24. Pesadelo . . . . .	405
Capítulo 25. Os terroristas . . . . .	415
The iron heel . . . . .	423
Foreword . . . . .	427
Chapter I. My eagle . . . . .	433
Chapter II. Challenges . . . . .	457
Chapter III. Jackson's arm . . . . .	479
Chapter IV. Slaves of the machine . . . . .	497
Chapter V. The philomaths . . . . .	511
Chapter VI. Adumbrations . . . . .	541
Chapter VII. The bishop's vision . . . . .	553
Chapter VIII. The machine breakers . . . . .	563
Chapter IX. The mathematics of a dream . . . . .	587
Chapter X. The vortex . . . . .	611
Chapter XI. The great adventure . . . . .	625
Chapter XII. The bishop . . . . .	637
Chapter XIII. The general strike . . . . .	653
Chapter XIV. The beginning of the end . . . . .	667

Chapter XV. Last days .....	681
Chapter XVI. The end .....	691
Chapter XVII. The scarlet livery.....	707
Chapter XVIII. In the shadow of Sonoma .....	719
Chapter XIX. Transformation .....	733
Chapter XX. A lost oligarch .....	747
Chapter XXI. The roaring abysmal beast .....	759
Chapter XXII. The Chicago commune.....	769
Chapter XXIII. The people of the abyss .....	789
Chapter XXIV. Nightmare .....	811
Chapter XXV. The terrorists.....	821

### Manifesto pela democratização

do domínio público .....	825
Literatura Livre .....	826
Instituto Mojo.....	827
Ficha técnica .....	828





*No início, esta Terra, um palco tão sombrio de aflição  
Quase nos enjoa com a mudança das cenas.  
Mas seja paciente. Nosso dramaturgo pode mostrar  
Em cinco atos o que este drama selvagem significa.*

*A Bota de Ferro*



# PREFÁCIO

**N**ão podemos dizer que o *Manuscrito Everhard* é um importante documento histórico. Para o historiador, ele está repleto de erros — não erros de fato, mas erros de interpretação. Olhando para os sete séculos que se passaram desde que Avis Everhard escreveu seu manuscrito, os eventos e suas consequências, que eram confusos e desconhecidos a ela, agora são claros para nós. Ela não tinha o distanciamento crítico. Estava envolvida demais nos eventos sobre os quais escreveu. Mais ainda, ela foi parte dos eventos que descreveu.

No entanto, enquanto documento pessoal, o *Manuscrito Everhard* tem um valor inestimável. Mas, aqui, aparece de novo a falha de perspectiva e vícios devido ao viés romântico. Ainda assim, sorrimos e certamente perdoamos Avis Everhard pelos traços heroicos nos quais ela desenha seu marido. Hoje, nós sabemos que ele não era tão colossal, e que teve um destaque menor nos acontecimentos de seu tempo do que o *Manuscrito* nos leva a acreditar.

Sabemos que Ernest Everhard era um homem excepcionalmente forte, mas não tão excepcional quanto sua esposa pensava que ele fosse. Afinal, ele era apenas um entre um grande número de heróis que, em todo o mundo, dedicaram suas vidas à Revolução. No entanto, devemos admitir que ele realizou um trabalho fora do comum, especialmente em sua elaboração e interpretação da filosofia da classe trabalhadora. “Ciência Proletária” e “Filosofia Proletária” eram suas expressões para elas, e aí se revela o provincianismo de sua mente — um defeito, porém, do qual ninguém poderia escapar, já que ele era produto daqueles tempos.

Mas, voltando a falar do *Manuscrito*, o texto é especialmente valioso em nos comunicar o *clima* daqueles tempos terríveis. Não encontramos em nenhum outro lugar um retrato mais vívido da psicologia das pessoas daquele período turbulento entre os anos de 1912 e 1932 — seus enganos e sua ignorância; suas dúvidas, medos e concepções equivocadas; seus delírios éticos, suas paixões violentas, sua inconcebível sordidez e egoísmo, que, para nós, nesta era iluminada em que vivemos, são as coisas mais difíceis de entender. A história nos diz que essas coisas aconteceram, mas nem a história, a biologia ou a psicologia são capazes de dar vida a essas coisas. Nós as aceitamos como fatos, mas nos falta uma maior compreensão sobre elas.

Certa simpatia nos envolve quando nos debruçamos sobre o *Manuscrito Everhard*. Entramos na mente dos protagonistas daquele drama global de tanto tempo atrás e, enquanto convivemos, seus processos mentais se mesclam com os nossos. Entendemos o amor de Avis Everhard por seu marido-herói, mas também sentimos, assim como ele naqueles primeiros dias, o velado e terrível vulto da Oligarquia. A Bota de Ferro (um nome excelente) que sentimos esmagar e recair sobre toda a humanidade.

E, em nossa visita, notamos que aquela expressão histórica, a Bota de Ferro, originou-se na mente de Ernest Everhard. Esta, podemos dizer, é a principal dúvida que este documento recém-descoberto esclarece. Antes disso, o uso mais antigo conhecido da expressão foi registrado no panfleto “Ye Slaves” [“Seus escravos”], escrito por George Milford e publicado em dezembro de 1912. O tal George Milford era um agitador sobre o qual nada se sabe, exceto alguma informação extra revelada neste manuscrito, que nos conta que ele foi executado na Comuna de Chicago. Evidentemente, ele ouvira Ernest Everhard usar a expressão em algum discurso público, provavelmente quando em campanha pelo Congresso no outono de 1912. Pelo manuscrito, entendemos que Everhard usou a expressão em um jantar para convidados na primavera de 1912. Esta foi, certamente,

a primeira ocasião em que a Oligarquia foi chamada dessa maneira.

A ascensão da Oligarquia sempre será motivo de admiração secreta para o historiador e o filósofo. Outros grandes eventos históricos têm seu lugar na evolução social. Eles foram inevitáveis. Seu aparecimento poderia ter sido previsto com a mesma certeza com que os astrônomos de hoje preveem a configuração das estrelas. Sem esses outros grandes eventos históricos, a evolução social não poderia ter continuado. O comunismo primitivo, a escravidão aos bens móveis, a escravidão agrícola e a escravidão assalariada foram trampolins necessários na evolução da sociedade. Mas seria ridículo afirmar que a Bota de Ferro foi necessária também. Em vez disso, hoje, a consideramos um passo para o lado, ou um passo atrás, comparadas às tiranias sociais que tornaram o mundo primitivo um inferno, mas que eram tão necessárias quanto a Bota de Ferro foi desnecessária.

Por mais obscuro que tenha sido o feudalismo, sua chegada foi inevitável. O que mais poderia ter acontecido, após o colapso daquela grande máquina governamental centralizada conhecida como Império Romano, além do feudalismo? Não acontece o mesmo, no entanto, com a Bota de Ferro. Não havia lugar para ela no ordenado processo de evolução social. Não era necessária e não era inevitável.



Deve continuar sendo sempre uma grande deformidade histórica — um capricho, uma assombração, um fantasma, algo inesperado e inimaginável; e deve servir de advertência aos imprudentes cientistas políticos atuais, que falam com tanta propriedade sobre os processos sociais.

O capitalismo foi considerado pelos sociólogos da época como o ápice do domínio burguês, o fruto maduro da revolução burguesa. E nós, hoje, só podemos aplaudir esse julgamento. Mesmo gigantes intelectuais como Herbert Spencer afirmavam que, após o capitalismo, viria o socialismo. Da decadência do capitalismo individualista, afirmava-se, surgiria a tal flor dos tempos, a Irmandade dos Homens. Em vez disso, apavorante tanto para nós que olhamos para trás quanto para aqueles que viveram nessa época, o capitalismo, podre de maduro, pariu essa ramificação deformada, a Oligarquia.

O movimento socialista do início do século 20 previu tarde demais a instalação da Oligarquia. Mesmo quando era prognosticada, a Oligarquia já estava lá — um fato estabelecido pelo sangue, uma realidade estupenda e tenebrosa. Nem nesse momento, como bem mostra o *Manuscrito Everhard*, não se imaginava qualquer permanência da Bota de Ferro. Sua derrubada seria uma questão de poucos anos, segundo o julgamento dos revolucionários. É verdade que eles sabiam que a Revolta Camponesa não havia sido bem planejada e que

a Primeira Revolta fora prematura, mas eles mal perceberam que a Segunda Revolta, planejada e madura, estava fadada à mesma fraqueza e à punição ainda mais severa.

É evidente que Avis Everhard completou o *Manuscrito* nos últimos dias de preparação para a Segunda Revolta. Vem daí o fato de que não há menção a seu resultado desastroso. É bem nítido que ela pretendia que o *Manuscrito* fosse publicado imediatamente, assim que a Bota de Ferro fosse vencida, para que seu marido, morto muito recentemente, recebesse o crédito por tudo o que ele havia arriscado e realizado. Então, veio o inexorável esmagamento da Segunda Revolta, e é provável que no momento crucial, antes de fugir ou ser capturada pelos Mercenários, ela escondeu o *Manuscrito* no carvalho oco da Estalagem Wake Robin.

Não existe mais nenhum registro sobre Avis Everhard. Não há dúvida de que ela foi executada pelos Mercenários. E, como se sabe, nenhum registro de que tais execuções foi documentado pela Bota de Ferro. Mas ela mal tinha noção, enquanto escondia o *Manuscrito* e se preparava para fugir, o quão terrível seria a deflagração da Segunda Revolta. Mal sabia ela que a evolução tortuosa e distorcida dos próximos três séculos geraria uma Terceira e uma Quarta Revolta, e muitas outras, todas afogadas em mares de sangue, antes que o Movimento Mundial do Trabalho se desenvolvesse.

E mal ela sonhou que, por sete longos séculos, o tributo de seu amor a Ernest Everhard repousaria imperturbável no coração do velho carvalho da Estalagem Wake Robin.

Anthony Meredith

Ardis, 27 de novembro de 419 B.O.M.



# CAPÍTULO 1. MINHA ÁGUIA

**O** vento suave do verão agita as sequoias, e as doces ondulações cadenciadas do Wild-Water tocam as pedras cobertas de musgo. Há borboletas ao sol e, por toda parte, surge o zumbido hipnótico das abelhas. Tudo está muito quieto e pacífico, eu me sento aqui, pondero, e estou inquieta. É o silêncio que me deixa inquieta. Ele parece irreal. O mundo todo está quieto, esse é o silêncio antes da tempestade. Eu aguço meus ouvidos e todos os meus sentidos em busca de alguma pista dessa tempestade iminente. Oh, que não seja prematura! Para que não caia antes do tempo!<sup>1</sup>

---

1 A Segunda Revolta foi, em grande parte, obra de Ernest Everhard, embora ele obviamente tenha recebido ajuda de líderes europeus. A captura e a execução secreta de Everhard foi o grande evento da primavera de 1932 d.C. No entanto, ele havia se preparado tão completamente para a revolta que seus companheiros de conspiração conseguiram, com poucos entraves ou atrasos, realizar seus planos. Foi depois da execução de Everhard que sua esposa se dirigiu à estalagem Wake Robin, um pequeno bangalô nas colinas de Sonoma, na Califórnia.

Não é de se admirar que eu esteja inquieta. Eu penso sem parar, e não consigo parar de pensar. Minha vida tem sido dura há tanto tempo que me sinto oprimida pela paz e pela tranquilidade, e não posso deixar de me debruçar sobre o turbilhão insano de morte e destruição que está prestes a explodir. Em meus ouvidos, estão os gritos dos feridos. E posso ver, como vi no passado,<sup>2</sup> todas as deformações e mutilações da macia e bela carne, além das almas arrancadas com violência de corpos orgulhosos e lançadas a Deus. Assim, nós, pobres humanos, alcançamos nossos objetivos, lutando por entre a carnificina e a destruição para trazer paz e felicidade duradouras à Terra.

E aqui estou, solitária. Quando não penso no que está por vir, penso no que já se foi e no que não é mais — minha Águia, batendo suas incansáveis asas no vazio, voando em direção ao que sempre foi o seu Sol, o ideal flamejante da liberdade humana. Não posso ficar de braços cruzados esperando pelo grande evento que está se formando, embora ele não esteja aqui para ver. Ele dedicou todos os anos de sua humanidade a isso e foi por isso que deu a própria vida. É a sua obra. Ele conseguiu.<sup>3</sup>

---

2 Sem dúvida, uma referência à Comuna de Chicago.

3 Com todo o respeito a Avis Everhard, deve-se salientar que Everhard foi apenas um dos muitos líderes que planejaram a Segunda Revolta. E nós, hoje, olhando para trás ao longo dos



E é assim, neste angustiante tempo de espera, que escreverei sobre meu marido. Há muita luz que somente eu, de todas as pessoas vivas, posso lançar sobre seu caráter, e um caráter tão nobre nunca é enaltecido o suficiente. Ele tinha uma alma incrível e, quando meu amor se tornou altruísta, sofreu minha maior amargura: ele não estaria aqui para testemunhar o próximo nascer do sol. Não podemos falhar. Ele doou sua força e sua vontade para isso. Abaixo a Bota de Ferro! Em breve, ela estará longe da humanidade indefesa. Quando a notícia se espalhar, os trabalhadores do mundo todo se levantarão. Não houve nada parecido na história do mundo. A solidariedade do trabalho está assegurada e, pela primeira vez, haverá uma revolução internacional tão ampla quanto o mundo é vasto.<sup>4</sup>

---

séculos, podemos dizer com segurança que, mesmo que ele tivesse sobrevivido, o resultado da Segunda Revolta não teria sido menos calamitoso do que foi.

- 4 A Segunda Revolta foi verdadeiramente internacional. Era um plano colossal — colossal demais para ser elaborado pelo gênio de um só homem. O trabalhador, em todas as oligarquias do mundo, estava preparado para se levantar ao sinal. Alemanha, Itália, França e toda a Australásia eram países trabalhistas — estados socialistas. Eles estavam prontos para ajudar na revolução. Eles o fizeram galantemente, e foi por essa razão que, quando a Segunda Revolta foi esmagada, eles também foram subjugados pelas oligarquias unidas do mundo. Seus governos socialistas foram substituídos por governos oligárquicos.

Veja, estou cheia de expectativas. Tenho vivido isso dia e noite e por tanto tempo que não me sai mais da cabeça. Sequer consigo pensar em meu marido sem pensar no todo. Ele era a alma disso tudo, e como posso separar os dois em pensamento?

Como eu tinha dito, há luzes que somente eu posso lançar sobre o seu caráter. É bem sabido que ele lutou e sofreu muito pela liberdade. O quanto ele trabalhou e o quanto ele sofreu. Eu bem sei, pois vivi com ele essa ansiedade por vinte longos anos e convivi com sua paciência, seu esforço incansável, sua infinita devoção à Causa pela qual, apenas dois meses atrás, ele deu a vida.

Tentarei escrever com simplicidade e contar aqui como Ernest Everhard entrou em minha vida — como o conheci, como nosso amor floresceu até eu me tornar parte dele e as tremendas mudanças que ele causou em minha vida. Dessa forma, você pode olhá-lo através dos meus olhos e aprendê-lo como eu o aprendi — em tudo, exceto nas coisas secretas e doces demais para serem reveladas.

Eu o conheci em fevereiro de 1912, quando veio à nossa casa em Berkeley, convidado pelo meu pai<sup>5</sup> para um jantar.

---

5 John Cunningham, pai de Avis Everhard, era professor da Universidade Estadual, em Berkeley, Califórnia. Seu campo de estudo era física e, além disso, ele fez muitas pesquisas

Não posso dizer que minha primeira impressão sobre ele tenha sido favorável. Ele era um dos muitos convidados daquele jantar e, na sala de estar em que nos reunimos antes que todos chegassem, ele fez uma aparição um tanto controversa. Era a “noite dos pastores”, como meu pai costumava dizer, e Ernest certamente estava deslocado no meio dos sacerdotes.

Em primeiro lugar, suas roupas não estavam de acordo. Ele usava um terno escuro, comprado pronto, que não se ajustava ao seu corpo. Na verdade, nenhuma roupa pronta o vestiria bem. E naquela noite, como sempre, o tecido estava justo em seus músculos e, ao longo dos ombros fortes, o paletó criava um labirinto de dobras. Seu pescoço era o de um boxeador,<sup>6</sup> grosso e forte. “Então, esse era o filósofo social e ex-ferreiro que meu pai havia descoberto”, foi o que pensei. E ele certamente se parecia com um, com seus

---

inovadoras, tornando-se um destacado cientista. Sua principal contribuição para a ciência foram seus estudos sobre o elétron e seu trabalho monumental sobre a “Identificação de matéria e energia”, no qual ele estabeleceu, além da dúvida e para sempre, que a unidade final de matéria e a unidade final de força eram idênticas. Essa ideia já havia sido aventada, mas nunca demonstrada, por Sir Oliver Lodge e outros pesquisadores no novo campo da radioatividade.

6 Naquela época, era costume dos homens competir por bolsas de dinheiro. Eles lutavam com as mãos. Quando alguém era espancado até ficar inconsciente ou morto, o sobrevivente levava o dinheiro.

músculos e aquele pescoço de touro. Imediatamente, eu o classifiquei: uma espécie de prodígio, pensei, um Tom Cego<sup>7</sup> da classe trabalhadora.

E, então, quando ele apertou a minha mão! Seu aperto de mão foi firme e forte, mas ele olhou para mim com seus ousados olhos negros — com ousadia demais, pensei. Eu era uma criatura daquele ambiente e, naquela época, eu tinha fortes instintos de classe. Tal ousadia por parte de um homem da minha classe teria sido quase imperdoável. Me lembro de que não pude evitar baixar os olhos, e que fiquei bastante aliviada quando passei por ele e me virei para cumprimentar o bispo Morehouse — um dos meus favoritos, um homem doce e sério de meia-idade, de aparência e bondade semelhantes a Cristo, além de também ser um acadêmico.

Mas a ousadia que tomei como presunção era uma pista vital da natureza de Ernest Everhard. Ele era simples, direto, sem medos e se recusava a perder tempo com maneirismos convencionais. “Você me agradou,” ele me explicaria muito depois. “E por que eu não deveria encher meus olhos com o que me agrada?” Como eu disse, ele não tinha medo de nada. Ele era um aristocrata de nascença — apesar do fato de estar

---

7 Essa referência obscura se aplica a um músico negro cego que conquistou o mundo na segunda metade do século 19 da Era Cristã.

no campo dos não-aristocratas. Ele era um super-homem, uma fera de cabelos loiros como Nietzsche<sup>8</sup> tinha descrito e, além disso, ele estava enfeitiçado pela democracia.

No interesse de conhecer os outros convidados, e com minha impressão desfavorável, me esqueci completamente do filósofo da classe trabalhadora, embora uma ou duas vezes eu o tenha notado à mesa — especialmente o brilho em seus olhos enquanto ele ouvia o sermão de um pastor e depois de outro. Ele tinha senso de humor, pensei, e quase o perdoei por suas roupas. Mas o tempo passou e o jantar continuou, ele não abriu a boca enquanto os pastores falavam sem parar sobre a classe trabalhadora e sua relação com a igreja, o que a igreja tinha feito e o que continuava a fazer por eles. Percebi que meu pai estava aborrecido porque Ernest não falava. Em determinado momento, meu pai aproveitou uma pausa e pediu para que ele dissesse alguma coisa, mas Ernest encolheu os ombros e com um “não tenho nada a dizer” continuou a comer amêndoas salgadas.

Mas papai não aceitou a negativa. Depois de um tempo, ele declarou:

---

8 Friedrich Nietzsche, o filósofo louco do século 19 da Era Cristã, cujo teve violentos vislumbres da verdade, mas que, antes de seu fim, filosofou sobre o grande círculo do pensamento humano que se perde na loucura.

— Temos conosco um membro da classe trabalhadora. Tenho certeza de que ele pode apresentar as coisas sob um ponto de vista interessante e inovador. Refiro-me ao sr. Everhard.

Os outros fingiram um interesse bem-educado e pediram que Ernest apresentasse suas opiniões. A atitude deles foi tão tolerante e gentil que beirava o paternalismo. Eu percebi que Ernest não deixou de notar e achar graça. Ele olhou lentamente ao seu redor, e eu vi o brilho do riso em seus olhos.

— Não sou versado nas cortesias da controvérsia eclesiástica — começou ele, hesitando depois com modéstia e indecisão.

— Continue — eles insistiram. O dr. Hammerfield disse: — Nós toleramos a verdade de qualquer homem, basta que seja sincera — emendou.

— Então, você separa a sinceridade da verdade? — Ernest deu uma breve risada.

O dr. Hammerfield engasgou, mas conseguiu responder:

— O melhor de nós pode estar enganado, jovem, o melhor de nós.

Os modos de Ernest mudaram no mesmo instante. Ele se tornou outro homem.

— Muito bem, então — ele respondeu —, e me permitam começar dizendo que vocês estão todos enganados.



Vocês não sabem de nada, ou menos que nada, sobre a classe trabalhadora. Sua sociologia é tão viciada e inútil quanto seu método de pensar.

O problema não foi tanto o que ele disse, mas como ele disse. Eu me inflamei ao primeiro som de sua voz. Era tão ousada quanto seus olhos. Era um toque de clarim que me deixou inquieta. E toda a mesa se inflamou, agitada em sua monotonia e sonolência.

— O que é tão terrivelmente cruel e inútil em nosso método de pensar, jovem? — O dr. Hammerfield quis saber, já demonstrando desagrado em sua voz e maneira de falar.

— Vocês são metafísicos. Vocês podem provar qualquer coisa pela metafísica. Sendo assim, qualquer metafísico pode provar que todos os outros metafísicos estão errados para sua mera satisfação. Vocês são anarquistas no reino do pensamento. E vocês são criadores de universos insanos. Cada um de vocês habita em um universo de sua própria criação, gerado a partir de suas próprias fantasias e desejos. Vocês não conhecem o mundo real em que vivem, e seu modo de pensar não tem lugar no mundo real, exceto na medida em que se trata de um fenômeno de aberração mental. — ele continuou: — Sabem do que me lembrei enquanto ouvia vocês falarem sem parar? Vocês me lembraram o mundo dos escolásticos da Idade Média que debatiam grave e eruditamente a fascinante

questão de quantos anjos poderiam dançar na ponta de uma agulha. Ora, meus caros senhores, vocês estão tão distantes da vida intelectual do século 20 quanto um pajé que fazia, dez mil anos atrás, seus encantamentos na floresta virgem.

Enquanto falava, Ernest parecia estar arrebatado. Seu rosto brilhava, seus olhos estalavam e faiscavam, seu queixo e sua mandíbula eram eloquentemente agressivos. Mas aquilo era apenas parte da sua personalidade. Aquilo sempre despertava as pessoas. Sua maneira avassaladora de ataque a marretadas sempre fazia com que todos se esquecessem de si mesmos. E, naquele momento, eles já estavam se esquecendo. O bispo Morehouse se inclinou para a frente, escutando atentamente. A irritação e a raiva coravam o rosto do dr. Hammerfield. E outros também estavam irrequietos; alguns sorriam, entretidos com sua suposta superioridade. Quanto a mim, achei aquilo extremamente divertido. Olhei para meu pai, para verificar se estava rindo por ter lançado aquela sua bomba-humana entre nós.

— Seus termos são bastante vagos — interrompeu o dr. Hammerfield. — O que, exatamente, você quer dizer quando nos chama de metafísicos?

— Eu os chamo de metafísicos porque vocês raciocinam metafisicamente — Ernest continuou. — Seu método de raciocínio é o oposto do científico. Suas conclusões não

são confirmadas. Você pode provar tudo e nada, bem como dois de vocês podem nunca concordar em nada. Cada um de vocês entra em sua própria consciência para explicar a si mesmo e ao universo. Vocês também podem se içar por seus próprios meios para explicar a consciência pela consciência.

— Eu não entendo — disse o bispo Morehouse. — A mim me parece que todas as coisas da mente são metafísicas. A mais exata e convincente de todas as ciências, a matemática, é puramente metafísica. Todo e qualquer processo de raciocínio de quem pensa a ciência é metafísico. Certamente, você vai concordar comigo.

— Como você mesmo diz, você não entende — respondeu Ernest. — O metafísico raciocina dedutivamente a partir de sua própria subjetividade. O cientista raciocina indutivamente a partir de fatos empíricos. O metafísico raciocina os fatos a partir da teoria, o cientista raciocina a teoria a partir dos fatos. O metafísico explica o universo a partir de si mesmo, o cientista se explica a partir do universo.

— Graças a Deus, não somos cientistas — o dr. Hammerfield murmurou, complacente.

— O que vocês são, então? — Ernest exigiu.

— Filósofos.

— Aí está — Ernest riu. — Vocês abandonam o mundo real e concreto para flutuar no ar com uma palavra que os

faz voar. Por favor, aterrissem e me digam exatamente o que vocês querem dizer com filosofia.

— Filosofia é — pigarreou o dr. Hammerfield — algo que não pode ser definido de forma abrangente, exceto por mentes e temperamentos filosóficos. O cientista míope com o nariz metido em um tubo de ensaio não pode entender a filosofia.

Ernest ignorou a provocação. Esse sempre foi o seu jeito de voltar o ponto contra um oponente, naquele momento, ele o fez com uma expressão de fraternidade radiante no rosto.

— Então, sem dúvida, você entenderá a definição que farei agora de filosofia. Mas antes, vou desafiá-lo a apontar o erro ou a permanecer metafisicamente em silêncio. A filosofia é, meramente, a ciência mais ampla de todas. Seu método de raciocínio é o mesmo de qualquer ciência específica e de todas as ciências. E, por esse mesmo método de raciocínio, o método indutivo, a filosofia funde todas as ciências específicas em uma grande ciência. Como diz Spencer, os dados de qualquer ciência em particular são conhecimentos parcialmente unificados. A filosofia unifica o conhecimento contribuído por todas as ciências. A filosofia é a ciência da ciência, a ciência-mestra, se preferir. Gostou da minha definição?

— Muito crível, muito crível — o dr. Hammerfield murmurou sem jeito.

Mas Ernest foi implacável.

— Lembre-se — ele advertiu — de que minha definição é fatal para a metafísica. Se você não apontar agora uma falha em minha definição, você estará desqualificado para avançar em argumentos metafísicos. Você deve repassar a sua vida procurando por essa falha e deve permanecer metafisicamente silencioso até encontrá-la.

Ernest esperou. O silêncio foi doloroso. O dr. Hammerfield estava amargurado, mas também intrigado. O ataque a marretadas de Ernest o desconcertara. Ele não estava acostumado com o método simples e direto da controvérsia. Ele olhou ao redor em súplica, porém ninguém respondeu por ele. Eu flagrei meu pai sorrindo atrás de seu guardanapo.

— Existe outra maneira de desqualificar os metafísicos — continuou Ernest, depois da derrota do dr. Hammerfield. — Julgá-los por suas obras. O que eles fizeram pela humanidade além de fiarem fantasias etéreas e de confundirem suas próprias sombras com deuses? Eles aumentaram a alegria da humanidade, admito; mas qual bem tangível trouxeram para nós? Eles filosofaram, se me perdoam o mau uso da palavra, sobre o coração ser a sede das emoções, enquanto os cientistas formulavam o sistema circulatório. Declamavam sobre a fome e a peste como flagelos de Deus, enquanto os

cientistas construíam celeiros e drenavam pântanos. Eles construíram deuses em suas próprias formas e a partir de seus próprios desejos, enquanto os cientistas construíam estradas e pontes. Eles descreviam a Terra como o centro do universo, enquanto os cientistas descobriam a América e sondava o universo, as estrelas e as leis da física. Em suma, os metafísicos não fizeram nada, absolutamente nada, pela humanidade. Passo a passo, diante do avanço da ciência, eles foram sendo rechaçados. Tão rápido quanto os fatos apurados derrubavam suas explicações subjetivas, eles faziam novas explicações subjetivas, incluindo novas explicações dos últimos fatos apurados. E isso, não duvido, continuarão fazendo até o fim dos tempos. Senhores, um metafísico é um curandeiro. A diferença entre vocês e o esquimó que faz um deus comedor de gordura vestido em peles é apenas de alguns milhares de anos de fatos comprovados. Só isso.

— No entanto, o pensamento de Aristóteles governou a Europa por doze séculos — anunciou o dr. Ballingford pomposamente. — E Aristóteles era um metafísico.

O dr. Ballingford olhou ao redor da mesa e foi recompensado com acenos e sorrisos de aprovação.

— Sua ilustração é muito infeliz — respondeu Ernest. — Você se refere a um período muito sombrio na história humana. Na verdade, chamamos a esse período de Idade das

Trevas. Um período em que a ciência foi estuprada pelos metafísicos, em que a física se tornou uma busca pela Pedra Filosofal, em que a química se tornou alquimia e a astronomia se tornou astrologia. Tudo graças ao rapto do pensamento de Aristóteles!

O dr. Ballingford pareceu aflito. Animando-se, disse:

— Considerando esse quadro horrível que você desenhou, você ainda assim deve confessar que a metafísica foi inerentemente potente na medida em que resgatou a humanidade desse período sombrio em direção à iluminação dos séculos seguintes.

— A metafísica não teve nada a ver com isso — retrucou Ernest.

— O quê? — o dr. Hammerfield gritou. — Não foi o pensamento e a especulação que levaram às grandes descobertas?

— Ah, meu caro senhor — Ernest sorriu —, achei que você estava suspenso do debate. Você ainda não identificou a falha na minha definição de filosofia. Você está agora sobre uma base insubstancial. Mas é o jeito dos metafísicos, e eu o perdoou. Não, repito, a metafísica não teve nada a ver com isso. Pão e manteiga, sedas e joias, dólares e centavos e, aliás, o fechamento das rotas comerciais terrestres para a Índia, essas foram as coisas que resultaram nas grandes descobertas. Com a queda de Constantinopla, em 1453, os

turcos bloquearam o caminho das caravanas para a Índia. Os comerciantes da Europa tiveram de encontrar outra rota. Essas são as causas originais para as grandes descobertas. Colombo navegou para encontrar uma nova rota às Índias. Assim está escrito em todos os livros de história. Aliás, novos fatos foram aprendidos sobre a natureza, tamanho e forma da Terra, e o sistema ptolomaico foi pelos ares.

O dr. Hammerfield bufou.

— Não concorda comigo? — Ernest perguntou. — Então, em que estou errado?

— Eu só posso reafirmar minha posição — o dr. Hammerfield retorquiu azedamente. — É uma história muito longa para discutirmos agora.

— Nenhuma história é longa demais para o cientista — disse Ernest docemente. — É por isso que o cientista chega aos lugares. É por isso que ele chegou à América.

Não vou descrever a noite toda, embora seja uma alegria recordar cada momento, cada detalhe, daquelas primeiras horas em que conheci Ernest Everhard.

A majestosa batalha continuava inflamada, os rostos dos pastores ficaram corados e excitados, especialmente nos momentos em que Ernest os chamava de filósofos românticos, projetores de sombras e coisas semelhantes. E, invariavelmente, ele os encurralava novamente com fatos.



“O fato, homem, o fato inegável!” ele proclamava triunfante, quando trazia uma nova foice até eles. Ernest transbordava em fatos. Ele os fazia tropeçar em fatos, os emboscava com fatos, os bombardeava com fatos por todos os lados.

— Você parece orar no altar dos fatos — o dr. Hammerfield zombou dele.

— Não há outro Deus senão o fato, e o sr. Everhard é seu profeta — parafraseou o dr. Ballingford.

Ernest concordou, sorrindo.

— Sou como o homem do Texas — disse ele. E, ao ser solicitado, explicou. — Vejam, o homem do Missouri sempre diz: “Você tem de me mostrar”. Mas o homem do Texas diz: “Você tem de mastigar para mim”. E assim fica evidente que ele não é um metafísico.

Em outro episódio, quando Ernest acabara de dizer que os filósofos metafísicos nunca poderiam resistir ao teste da verdade, o dr. Hammerfield exigiu repentinamente:

— Qual é o teste da verdade, meu jovem? Você poderia gentilmente explicar o que há tanto tempo intriga cabeças mais sábias do que a sua?

— Certamente — respondeu Ernest. Sua arrogância os havia irritado. — As cabeças sábias ficaram tão intrigadas com a verdade que acabaram decolando no ar atrás dela. Se eles tivessem permanecido em terra firme, não teria sido

difícil encontrá-la. Oras, eles teriam descoberto que estavam testando a mais pura verdade com cada ato prático e cada pensamento de suas vidas.

— O teste, o teste — o dr. Hammerfield repetiu impacientemente. — Nos poupe da introdução. Nos dê o que temos procurado há tanto tempo. O teste da verdade. Nos dê, e seremos como deuses.

Havia um ceticismo indelicado e zombeteiro em suas palavras e modos que secretamente agradavam a maioria dos presentes à mesa, embora parecessem incomodar o bispo Morehouse.

— O dr. Jordan<sup>9</sup> declarou isso muito claramente — retomou Ernest. — Seu teste de verdade é: “Será que vai funcionar? Você confiaria sua vida nisso?”

— Rapaz! — o dr. Hammerfield zombou. — Você nem levou em conta o Bispo Berkeley.<sup>10</sup> Ele nunca foi respondido.

— O mais nobre metafísico de todos — Ernest riu. — Mas seu exemplo é lamentável. Como o próprio Berkeley atestou, sua metafísica não funcionava.

---

9 Um notável educador do final do século 19 e início do século 20 da Era Cristã. Foi presidente da Universidade de Stanford, uma instituição beneficente privada da época.

10 Um monista idealista que, por muito tempo, intrigou os filósofos da época com sua negação da existência da matéria, mas cujo argumento inteligente foi finalmente demolido quando os novos fatos empíricos da ciência foram filosoficamente generalizados.

O dr. Hammerfield estava zangado, e com razão. Era como se ele tivesse pego Ernest em um furto ou em uma mentira.

— Jovem — ele trombeteou —, essa declaração está no mesmo nível de tudo o que você proferiu esta noite. É uma suposição básica e injustificada.

— Estou completamente devastado — Ernest murmurou mansamente. — Simplesmente não sei o que deu em mim. Você terá de mastigar isso para mim, doutor.

— Eu vou, eu vou — balbuciou o dr. Hammerfield. — Como sabemos? Você não sabe se o Bispo Berkeley aceitou que sua metafísica não funcionava. Você não tem provas. Jovem, ela sempre funcionou.

— Tomo isso como prova de que a metafísica de Berkeley não funcionou, porque... — Ernest pausou calmamente por um momento. — Porque Berkeley tinha o costume de passar por portas em vez de paredes. Porque ele confiou sua vida ao pão com manteiga e rosbife. Porque ele se barbeava com uma navalha para cortar a sua barba.

— Mas essas são coisas reais! — o dr. Hammerfield vociferou. — A metafísica é da mente.

— E elas funcionam... na mente? — Ernest perguntou suavemente.

O outro assentiu.

— E até mesmo uma multidão de anjos pode dançar na ponta de uma agulha... na mente — Ernest continuou, pensativo. — E um deus comedor de gordura e vestido com peles pode existir e operar... na mente; e não há provas do contrário... na mente. Suponho, doutor, que você vive... na mente?

— Minha mente para mim é um reino — foi a resposta.

— Essa é outra maneira de dizer que você vive no ar. Mas você volta à Terra na hora das refeições, tenho certeza, ou quando acontece um terremoto. Ou será, doutor, que você teme que, em um terremoto, esse seu corpo incorpóreo seja atingido por um tijolo imaterial?

Instantânea e inconscientemente, a mão do dr. Hammerfield tocou sua cabeça, lugar em que uma cicatriz ficava escondida sob o seu cabelo. Acontece que Ernest havia usado a ilustração mais inapropriada possível. O dr. Hammerfield quase fora morto no Grande Terremoto<sup>11</sup> por uma chaminé que desabou. Todos caíram na gargalhada.

— Bem? — Ernest perguntou, quando os risos diminuíram. — Provas contrárias?

E, no silêncio, ele perguntou novamente:

---

11 O Grande Terremoto de 1906 d.C., que destruiu São Francisco.

— Bem? — e ele acrescentou: — Continua tudo bem, mas esse seu argumento não parece estar tão bem assim.

Mas o dr. Hammerfield estava temporariamente nocauteado, a batalha prosseguiu em novas direções. Ponto após ponto, Ernest desafiou os pastores. Quando eles afirmaram que conheciam a classe trabalhadora, ele lhes disse verdades fundamentais que desconheciam e os desafiou a refutá-las. Ele lhes deu fatos, sempre fatos, desnudou suas excursões pelas alturas e os trouxe de volta à terra firme e aos seus fatos.

Para mim, é como se essa cena tivesse acontecido ontem! Posso ouvi-lo agora, com aquele tom de guerra em sua voz, esfolando-os com seus fatos, cada fato uma chicotada que abria feridas. E ele foi implacável. Não tiveram misericórdia dele,<sup>12</sup> nem ele de ninguém. Nunca me esquecerei de seu golpe final:

— Vocês confessaram repetidamente esta noite, literalmente ou por alguma declaração de ignorância, que vocês não conhecem a classe trabalhadora. Mas não se culpem por isso. Como poderiam saber algo sobre a classe trabalhadora? Vocês não vivem onde a classe trabalhadora mora. Vocês se

---

12 Esta expressão faz parte dos costumes da época. Quando, entre homens que lutavam até a morte como animais selvagens, um homem vencido jogava suas armas no chão, cabia ao vencedor matá-lo ou poupá-lo.

reúnem com a classe capitalista em outra localidade. E por que não? É a classe capitalista que lhes paga, que os alimenta, que coloca em vocês essas roupas que estão vestindo hoje. E, em troca, vocês colam em seus empregadores rótulos da metafísica que sejam aceitáveis; e os rótulos mais aceitáveis assim o são porque não ameaçam a ordem estabelecida da sociedade.

Nesse momento, houve uma agitada discordância ao redor da mesa.

— Vejam, não estou desafiando a sua sinceridade — Ernest continuou. — Vocês são sinceros. Vocês pregam o que acreditam. É aí que reside sua força e seu valor — para a classe capitalista. Mas se vocês mudassem sua crença para algo que ameaçasse essa ordem, então, sua pregação seria inaceitável para seus empregadores e vocês seriam demitidos. De vez em quando, um ou outro de vocês é dispensado por esse motivo.<sup>13</sup> Não estou certo?

Dessa vez, não houve discordância. Eles se mantiveram silenciosos e aquiesceram, com exceção do dr. Hammerfield, que disse:

---

13 Naquela época, muitos pastores eram expulsos da igreja por pregarem doutrinas inaceitáveis. Eram expulsos especialmente quando sua pregação se tornava maculada pelo socialismo.

— Nós pedimos que renunciem quando o pensamento deles está equivocado.

— O que é outra maneira de dizer “quando o pensamento deles é inaceitável” — emendou Ernest, continuando. — Então, eu digo a vocês: sigam pregando, ganhem seu salário, mas deixem a classe trabalhadora em paz pelo amor de Deus. Vocês moram no acampamento inimigo. Vocês não têm nada em comum com a classe trabalhadora. Suas mãos são macias com o trabalho que outros realizaram por vocês. Seus abdomens estão redondos de tanta fatura. (Foi quando o dr. Ballingford encolheu a barriga e todos olharam para sua prodigiosa circunferência. Dizia-se que ele não via seus próprios pés há anos.) E suas mentes estão cheias das doutrinas que são os alicerces da ordem em vigor. Vocês são tão mercenários (mercenários sinceros, admito) quanto os homens da Guarda Suíça.<sup>14</sup> Sejam fiéis ao seu sal e ao seu emprego. Guardem, com a vossa pregação, os interesses de seus patrões, mas não desçam à classe trabalhadora para serem falsos líderes. Vocês não podem honestamente estar em dois exércitos ao mesmo tempo. A classe trabalhadora vai bem sem vocês. Acreditem em mim, a classe trabalhadora

---

14 Os mercenários estrangeiros contratados como guardas do palácio de Luís 16, um rei da França que foi decapitado por seu povo.

continuará bem sem vocês. E, além disso, a classe trabalhadora  
estará melhor sem do que com vocês.



## CAPÍTULO 2. DESAFIOS

**D**epois que os convidados se retiraram, papai despen-  
cou em uma cadeira e gargalhou grotescamente.  
Desde antes da morte de minha mãe, eu não o via  
rir com tanto entusiasmo.

— Aposto que o dr. Hammerfield nunca enfrentou nada parecido em sua vida — ele riu. — “As cortesias da controvérsia eclesiástica!” Você viu como ele começou como um cordeiro, o Everhard? Viu? E com que rapidez ele se tornou um leão acuado? Ele tem uma mente esplendidamente disciplinada. Ele teria sido um bom cientista se suas energias tivessem sido melhor conduzidas.

Nem preciso dizer que fiquei profundamente interessada em Ernest Everhard. Não apenas pelo que ele disse ou como ele disse, mas pelo homem em si. Eu nunca havia conhecido alguém como ele. Acredito que esse seja o motivo de eu ainda era solteira, apesar dos meus vinte e quatro anos. Eu gostei dele, tive de reconhecer. E minha simpatia

estava alicerçada em coisas além do intelecto e do argumento. Independentemente de seus músculos e de seu pescoço de boxeador, ele me impressionou como um menino ingênuo. Senti que, sob o disfarce de um fanfarrão intelectual, havia um espírito delicado e sensível. Eu senti isso de forma incompreensível, pois essa sensação vinha claramente das minhas intuições femininas.

Havia algo naquele seu toque de clarim que tocou meu coração. Ainda soava em meus ouvidos, e senti que gostaria de ouvi-lo novamente — e de rever aquele brilho alegre em seus olhos, o qual desmentia a seriedade apaixonada de seu rosto. E havia mais territórios, além dos sentimentos vagos e indeterminados, que se agitavam em mim. Eu já quase o amava, embora eu tenha certeza de que, se nunca mais o tivesse visto, aqueles sentimentos vagos teriam se desvanecido e eu logo o esqueceria.

Mas nunca mais vê-lo não seria o meu destino. O recém-nascido interesse de meu pai pela sociologia e seus jantares não permitiriam. Papai não era sociólogo. Seu casamento com minha mãe foi muito feliz; nas pesquisas de sua própria ciência, a física, ele também era bastante feliz. Mas quando mamãe morreu, seu trabalho não foi capaz de preencher o vazio. A princípio, de maneira branda, ele se interessou pela filosofia; depois foi atraído para a economia e à sociologia.

Ele tinha um forte senso de justiça; e, com a paixão de reparar o mal, logo se incendiou. Saudei com gratidão esses sinais de seu novo interesse pela vida, embora eu mal imaginasse qual seria o resultado. Com o entusiasmo de um menino, ele mergulharia empolgado nessas novas atividades, independentemente para qual lugar elas o levassem.

Como ele sempre foi acostumado com laboratórios, acabou transformando a sala de jantar em um laboratório sociológico. Ali vinham jantar homens de todos os tipos e condições — cientistas, políticos, banqueiros, comerciantes, professores, líderes trabalhistas, socialistas e anarquistas. Ele os instigava à discussão e analisava seus pensamentos sobre a vida e a sociedade.

Ele havia conhecido Ernest pouco antes da “noite dos pastores”. E, depois que os convidados se foram, eu soube como ele o conhecera: ao passar por uma rua à noite, ele parou para ouvir um homem sobre uma caixa de sabão que se dirigia a uma multidão de trabalhadores. O homem sobre a caixa era Ernest. Não que ele fosse um mero orador de rua. Ele era um destacado conselheiro do partido socialista, um de seus líderes e também um reconhecido mestre na filosofia do socialismo. Mas ele tinha uma maneira peculiar e clara, expunha o complexo em linguagem simples, era

um palestrante e professor nato, e não estava em pé sobre a caixa de sabão para ensinar a economia aos trabalhadores.

Meu pai parou para ouvir e se interessou. Conversou com ele e, depois de uma apresentação efusiva, convidou o rapaz para o jantar dos pastores. Somente depois do jantar, meu pai me contou o pouco que sabia sobre ele. Era da classe trabalhadora, embora fosse descendente da antiga linhagem dos Everhard, que já viviam na América por mais de duzentos anos.<sup>15</sup> Aos dez anos de idade, fora trabalhar nos moinhos; mais tarde, servira como aprendiz e havia se tornado ferrador de cavalos. Ele era autodidata, aprendera alemão e francês sozinho e, naquela época, ganhava a vida traduzindo obras científicas e filosóficas para uma editora socialista à beira da falência em Chicago. Além disso, seu faturamento era complementado pelos pequenos royalties das vendas de suas obras autorais em Economia e Filosofia.

Ele me contou tudo isso antes de ir se deitar, e fiquei acordada ainda por algum tempo, ouvindo na memória o som de sua voz. Seus pensamentos me assustaram. Ele era tão diferente dos homens da minha classe social, tão diferente e forte. Sua maestria me encantava e me apavorava, pois

---

15 A distinção entre ser nativo e ter nascido no estrangeiro era nítida e desagradável naqueles dias.

minhas fantasias vagaram desenfreadamente, até que me flagrei pensando nele como um amante, como meu marido. Sempre ouvira dizer que a força dos homens era uma atração irresistível para as mulheres, mas ele era forte demais. “Não! não!”, eu gritei. “Nunca, que absurdo!” E, no dia seguinte, eu acordei para encontrar em mim mesma o desejo de vê-lo novamente. Eu queria vê-lo vencendo outros homens com seu discurso, ouvir o tom de guerra em sua voz; vê-lo, com toda a sua certeza e força, estraçalhando a complacência deles, sacudindo-os de suas rotinas de pensamento. E se ele fosse só mais um aventureiro? Usando suas próprias palavras, eu diria “funcionou”, produziu o efeito desejado. E, além disso, seu perfil aventureiro era algo bonito de se ver. Nos deixava agitados como no prenúncio de uma batalha.

Vários dias se passaram e, durante esse tempo, li os livros de Ernest, que emprestei de papai. Sua palavra escrita era como a sua fala, clara e convincente. Era a sua absoluta simplicidade que continuava a me convencer, mesmo quando a dúvida pairava. Ele tinha o dom da lucidez. Ele era o palestrante perfeito. No entanto, apesar de seu estilo, havia muita coisa de que eu não gostava. Ele dava muita ênfase ao que chamava de luta de classes, o antagonismo entre trabalho e capital, o conflito de interesses.

Meu pai se divertiu ao me relatar o julgamento do dr. Hammerfield sobre Ernest, que teria dito que ele era “um

cachorrinho insolente, tornado arrogante por um aprendizado pequeno e muito inadequado”. Além disso, o dr. Hammerfield se recusava a encontrar Ernest novamente.

Mas o bispo Morehouse acabou se interessando por Ernest e estava ansioso por outro encontro. “Um jovem forte”, ele teria dito. “É muito, muito vivo. E ele está muito, muito certo.”

Certa tarde, Ernest apareceu em casa com papai. O bispo já havia chegado e tomávamos chá na varanda. A contínua presença de Ernest em Berkeley, aliás, foi explicada pelo fato de ele estar fazendo cursos especiais de biologia na universidade, bem como por estar trabalhando arduamente em um novo livro intitulado *Filosofia e Revolução*.<sup>16</sup>

A varanda, quando Ernest chegou, de repente pareceu ficar pequena. Não que ele fosse tão grande — ele tinha cerca de um metro e setenta —, mas ele parecia irradiar uma atmosfera de grandeza. Quando parou para me cumprimentar, deixou escapar certo constrangimento, que não combinava com seus olhos de aparência ousada; por um tempo, sua mão firme e segura apertou a minha numa saudação. Naquele instante, seus olhos também estavam firmes e seguros, mas

---

16 Esse livro continuou a ser impresso secretamente ao longo dos três séculos da Bota de Ferro. Existem várias cópias de diversas edições na Biblioteca Nacional de Ardis.

parecia existir certa dúvida neles. Como fizera antes, ele olhou para mim por muito tempo.

— Estou lendo sua *Filosofia da classe trabalhadora* — eu disse, e seus olhos se iluminaram em franca satisfação.

— Que bom — ele respondeu. — Você precisa levar em consideração o público para o qual esse livro se dirige.

— Eu levei, e por isso que discordo de você — eu desafiei.

— Eu também discordo de você, sr. Everhard — disse o bispo Morehouse.

Ernest encolheu os ombros divertidamente e aceitou uma xícara de chá. O bispo fez uma reverência e me deu a vez:

— Você fomenta o ódio de classe — eu disse. — Considero errado e criminoso apelar para tudo o que é estúpido e violento na classe trabalhadora. O ódio de classe é antissocial e, também, me parece antissocialista.

— Sou inocente — ele respondeu. — O ódio de classe não está presente no espírito de nada que eu já tenha escrito.

— Oh! — eu exclamei em reprovação, peguei seu livro e o abri.

Ele tomou um gole de chá e sorriu para mim enquanto eu percorria as páginas.

— Página 132 — li em voz alta: — “A luta de classes, portanto, se apresenta no atual estágio de desenvolvimento social entre as classes empresarial e assalariada.”

Olhei para ele, triunfante.

— Nenhuma menção a ódio de classe — ele sorriu de volta.

— Mas você diz “luta de classes” — respondi.

— Bem diferente de ódio de classe — ele devolveu. — E, acredite, não fomentamos o ódio. Dizemos que a luta entre classes é uma lei do desenvolvimento social. Não somos responsáveis por isso. Não criamos a luta de classes. Nós apenas a explicamos, como Newton explicou a gravitação. Nós explicamos a natureza do conflito de interesses que produz a luta de classes.

— Mas não deveria haver conflito de interesses! — exclamei.

— Concordo com você de coração — ele continuou. — É isso o que nós, socialistas, estamos tentando fazer: abolir o conflito de interesses. Perdão. Deixe-me ler um trecho.

Ele pegou seu livro e voltou algumas páginas:

— Página 126: “O ciclo de lutas de classes que começou com a dissolução do arcaico comunismo tribal e a ascensão da propriedade privada terminará com o falecimento da propriedade privada no sentido de sua existência social.

— Mas eu discordo de você — interrompeu o bispo. Em seu rosto pálido e ascético, havia um brilho delator de seus sentimentos. — Sua premissa está errada. Não existe



conflito de interesses entre trabalho e capital. Ou melhor, não deveria existir.

— Obrigado — disse Ernest, gravemente. — Com essa última observação, você corroborou minha premissa.

— Mas por que haveria um conflito? — o bispo exigiu calorosamente.

Ernest encolheu os ombros.

— Porque talvez nós sejamos feitos assim.

— Mas nós não somos — exclamou o outro.

— Você está discutindo o homem ideal? — Ernest perguntou: — ... altruísta e divino, e tão raros que são praticamente inexistentes? Ou você está discutindo o homem médio comum?

— O homem médio comum — foi a resposta.

— Que é fraco e falível, propenso ao erro?

O bispo Morehouse concordou.

— Mesquinho e egoísta?

Novamente, ele assentiu.

— Veja bem! — Ernest avisou. — Eu disse “egoísta”.

— O homem médio é egoísta — confirmou o bispo corajosamente.

— Que quer tudo o que puder ter?

— Que quer tudo o que puder conseguir. Triste, mas verdadeiro.

— Então, você está incluído. — A mandíbula de Ernest estalou como uma armadilha. — Deixe-me explicar. Pense em um homem que trabalha na ferrovia.

— Ele não poderia trabalhar se não fosse pelo capital — interrompeu o bispo.

— É verdade, e você concorda que não existiria o capital se não houvesse trabalho para gerar os dividendos.

O bispo ficou em silêncio.

— Concorda? — Ernest insistiu.

O bispo assentiu.

— Então, nossas declarações se anulam — disse Ernest em um tom prático — e voltamos à estaca zero. Vamos começar de novo. Os operários da ferrovia fornecem o trabalho. Os acionistas fornecem o capital. Pelo esforço conjunto dos trabalhadores e do capital, ganha-se dinheiro.<sup>17</sup> Eles dividem entre eles esse dinheiro que é ganho. A parte do capital é chamada de “dividendos”. A parte do trabalho é chamada de “salários”.

— Muito bem — interpôs o bispo. — E não há razão para que essa divisão não seja amigável.

---

17 Naqueles tempos, grupos predadores controlavam os meios de transporte e, pelo seu uso, cobravam pedágio aos passageiros.

— Você já se esqueceu do que concordamos — respondeu Ernest. — Concordamos que o homem comum é egoísta. Ele é esse homem. Mas não podemos nos alienar e criar uma divisão entre o que o homem deveria ser, e o que ele não é. De volta à terra, o trabalhador, sendo egoísta, quer tudo o que puder obter dessa divisão. O capitalista, sendo egoísta, quer tudo o que puder dessa divisão. Quando há uma quantidade restrita de certa coisa, e quando dois homens querem tudo o que puderem obter dessa mesma coisa, haverá um conflito de interesses entre trabalho e capital. E trata-se de um conflito irreconciliável. Enquanto existirem trabalhadores e capitalistas, eles continuarão a brigar pela divisão. Se você estivesse em São Francisco esta tarde, teria de andar a pé. Não há nenhum bonde circulando.

— Outra greve?<sup>18</sup> — o bispo perguntou alarmado.

— Sim, estão brigando pela divisão dos lucros dos trilhos urbanos.

---

18 Essas disputas eram muito comuns naqueles tempos irracionais e anárquicos. Às vezes, os trabalhadores se recusavam a trabalhar. Às vezes, os capitalistas se recusavam a deixar os trabalhadores trabalharem. Na violência e turbulência de tais desentendimentos, muitas propriedades eram destruídas e muitas vidas perdidas. Tudo isso é inconcebível para nós — tão inconcebível quanto qualquer outro costume da época, a saber, o hábito que os homens das classes baixas tinham de quebrar os móveis quando brigavam com suas esposas.

O bispo Morehouse ficou animado.

— Está errado! — ele exclamou. — É tão míope por parte dos trabalhadores. Como eles esperam ter nossa simpatia...

— Nos obrigando a andar a pé — disse Ernest, maliciosamente.

Mas o bispo Morehouse o ignorou e continuou:

— A visão deles é muito estreita. Os homens devem ser homens, e não animais. Haverá violência, assassinatos, e viúvas e órfãos em desamparo. Capital e trabalho devem ser amigos. Eles devem trabalhar lado a lado e para benefício mútuo.

— Ah, agora você está em órbita novamente — Ernest comentou, secamente. — Volte para a terra. Lembre-se, nós concordamos que o homem médio é egoísta.

— Mas ele não deveria ser! — gritou o bispo.

— Aí eu concordo com você — foi a réplica de Ernest. — Ele não deveria ser egoísta, mas continuará sendo egoísta enquanto viver em um sistema social baseado na ética dos porcos.

O bispo ficou horrorizado, e meu pai riu.

— Sim, a ética dos porcos — Ernest continuou sem remorsos. — Esse é o significado do sistema capitalista. E isso é o que sua igreja está defendendo, o que você está

pregando toda vez que sobe ao púlpito. Ética suína! Não há outro nome para isso.

O bispo Morehouse se voltou suplicante para meu pai, que riu e acenou com a cabeça:

— Temo que o sr. Everhard esteja certo — disse ele. — *Laissez-faire*, a política de desapego, do cada um por si, na qual o diabo se deleita. Como o sr. Everhard disse na outra noite, a função que vocês, clérigos, desempenham mantém a ordem estabelecida da sociedade, sendo a sociedade estabelecida sobre essa base.

— Mas esse não é o ensinamento de Cristo! — exclamou o bispo.

— Hoje em dia a Igreja não ensina mais Cristo — Ernest acrescentou, rapidamente. — É por isso que os trabalhadores não vão ter mais nada com a Igreja. A Igreja tolera a terrível brutalidade e a selvageria com que a classe capitalista trata a classe trabalhadora.

— A Igreja não tolera isso — objetou o bispo.

— A Igreja não protesta contra isso — respondeu Ernest. — E, na medida em que a Igreja não protesta, ela perdoa, pois lembre-se de que a Igreja é apoiada pela classe capitalista.

— Eu não tinha olhado sob essa luz — disse o bispo, ingenuamente. — Você deve estar errado. Eu sei que há

muita coisa triste e perversa neste mundo. Eu sei que a Igreja perdeu o que você chama de proletariado.<sup>19</sup>

— Ela nunca teve o proletariado — exclamou Ernest. — O proletariado nasceu fora da Igreja e sem a Igreja.

— Não estou entendendo — o bispo disse, sem vigor.

— Eu explico. Com a introdução das máquinas e do sistema industrial na última parte do século 18, a grande massa do povo trabalhador foi separada da terra. O antigo sistema de trabalho foi rompido. Os trabalhadores foram expulsos de suas aldeias e reunidos em cidades industriais. Mães e crianças foram colocadas para trabalhar nas novas máquinas. A vida familiar cessou. As condições eram assustadoras. É uma história de sangue.

— Eu sei, eu sei — o bispo Morehouse interrompeu com uma expressão de agonia no rosto. — Foi terrível. Mas isso ocorreu há um século e meio.

— E ali, há um século e meio, originou-se o proletariado moderno — continuou Ernest. — E a Igreja o ignorou. A Igreja se manteve inerte enquanto o capitalismo transformava as

---

19 Proletariado: derivado originalmente do latim *proletarii*, nome dado a Sêrvio Túlio àqueles que tinham valor para o Estado apenas como geradores de filhos (proles). Em outras palavras, eles não tinham predicados para a riqueza, nem posição social, nem alguma habilidade excepcional.

nações em um abatedouro. A Igreja não protestou; e até hoje não protesta. Como diz Austin Lewis,<sup>20</sup> quando fala daquela época, àqueles a quem foi comandado “Alimentar as ovelhas”, venderam suas ovelhas como escravos para trabalharem até a morte sem protesto.<sup>21</sup> A Igreja se manteve inerte e, antes de prosseguir, quero que você concorde ou discorde categoricamente de mim. A Igreja foi inerte nessa época?

O bispo Morehouse hesitou. Como o dr. Hammerfield, ele não estava acostumado a essa feroz “luta interior”, como Ernest a chamava.

— A história do século 18 está registrada — reafirmou Ernest. — Se a Igreja não foi inerte, então, não estará descrita como tal nos livros.

— Acredito que a Igreja tenha sido inerte — confessou o bispo.

— E a Igreja está inerte hoje.

— Não concordo — rebateu o bispo.

---

20 Candidato a governador da Califórnia na chapa socialista nas eleições de 1906 d.C. Era inglês de nascimento, escritor de muitos livros sobre economia política e filosofia, bem como um dos líderes socialistas da época.

21 Não há página mais horrível na história do que o tratamento das crianças e mulheres escravas nas fábricas inglesas na segunda metade do século 18 d.C. De tais infernos industriais, surgiram algumas das fortunas mais vultosas daqueles dias.

Ernest fez uma pausa, olhou para ele inquisitivamente e aceitou o desafio.

— Muito bem — disse ele. — Vamos pensar. Em Chicago, há mulheres que trabalham a semana inteira por noventa centavos. A Igreja protesta?

— Isso é novidade para mim — foi a resposta. — Noventa centavos por semana! É abominável!

— A Igreja protesta? — Ernest insistiu.

— A Igreja não sabia. — O bispo estava em plena luta.

— Ainda assim, a ordem pela Igreja foi: “Alimentar as ovelhas” — zombou Ernest. E então, emendou: — Perdoe meu escárnio, bispo, mas não se pode admirar que tenhamos perdido a paciência com vocês. Quando você protestou em suas congregações capitalistas contra o trabalho de crianças nas fábricas de algodão do Sul?<sup>22</sup> Crianças, de seis e sete anos,

---

22 Everhard poderia ter utilizado um exemplo ainda melhor da defesa aberta da Igreja sulista à escravidão antes do que ficou conhecido como a “Guerra da Rebelião”. Vários desses exemplos, extraídos de documentos da época, são apresentados abaixo. Em 1835 d.C., a Assembleia Geral da Igreja Presbiteriana decidiu que: “a escravidão é reconhecida tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, e não é condenada pela autoridade de Deus”. A Associação Batista de Charleston publicou o seguinte, em um discurso de 1835 d.C.: “O direito dos senhores de dispor do tempo de seus escravos foi distintamente reconhecido pelo Criador de todas as coisas, que certamente tem a liberdade de conferir o direito de propriedade sobre qualquer objeto”. O Rev.



que trabalham todas as noites em turnos de doze horas. Elas nunca veem o sol abençoado. Elas morrem como moscas. Os dividendos são pagos com o sangue delas. E, com os dividendos, igrejas magníficas são construídas na Nova Inglaterra,

---

E. D. Simon, doutor em Adivinhação e professor na Universidade Metodista Randolph-Macon, na Virgínia, escreveu: “Excertos da Sagrada Escritura afirmam inequivocamente o direito à propriedade de escravos, juntamente com os incidentes usuais a esse direito. O direito de comprar e vender é claramente declarado. No geral, então, ou consultemos a política judaica instituída pelo próprio Deus, ou a opinião e prática uniforme da humanidade em todas as épocas, ou as injunções do Novo Testamento e a lei moral, somos levados à conclusão de que a escravidão não é imoral. Tendo estabelecido o ponto de que os primeiros escravos africanos foram legalmente escravizados, o direito de manter seus filhos em cativeiro segue como uma consequência indispensável. Assim, vemos que a escravidão que existe na América está fundamentada no direito”. Não é de todo surpreendente que essa mesma observação tenha sido utilizada pela Igreja, depois de uma geração ou mais, em relação à defesa da propriedade capitalista. No grande museu de Asgard, há um livro intitulado *Ensaio em implementação*, escrito por Henry van Dyke. O livro foi publicado em 1905 d.C. Pelo que podemos perceber, Van Dyke deve ter sido um clérigo. O livro é um bom exemplo do que Everhard teria chamado de pensamento burguês. Observe a semelhança entre a declaração da Associação Batista de Charleston citada acima e a seguinte declaração de Van Dyke, setenta anos depois: “A Bíblia ensina que Deus é o dono do mundo. Ele distribui a cada homem de acordo com Seu próprio prazer, de acordo com as leis gerais”.

onde sua classe prega chavões agradáveis aos elegantes e robustos destinatários desses dividendos.

— Eu não sabia disso — o bispo murmurou fracamente. Seu rosto estava pálido e ele parecia estar enjoado.

— Então, você protestou?

O bispo balançou a cabeça.

— Então, a Igreja é inerte hoje como era no século 18?

O bispo ficou em silêncio e, pela primeira vez, Ernest se absteve de insistir no assunto.

— E não se esqueça de que sempre que um clérigo protesta, ele é dispensado.

— Custa a acreditar que seja verdade — foi a objeção.

— Você vai protestar? — Ernest quis saber.

— Mostre-me os males, como você mencionou, em nossa própria comunidade, e eu protestarei.

— Eu lhe mostro — disse Ernest, calmamente. — Estou à sua disposição. Vou levá-lo em uma jornada pelo inferno.

— E eu protestarei. — O bispo se endireitou na cadeira e sobre seu rosto gentil se espalhou a aspereza do guerreiro.

— A Igreja não ficará inerte!

— Você será dispensado — foi o aviso.

— Vou provar o contrário — foi a resposta. — Se o que você diz é verdade, vou provar que a Igreja errou por ignorância. E, além disso, sustento que o que há de horrível

na sociedade industrial se deve à ignorância da classe capitalista. Ela consertará tudo o que houver de errado assim que receber a mensagem. E a entrega dessa mensagem será o dever da Igreja.

Ernest riu. Ele riu brutalmente, e me senti forçada a defender o bispo.

— Lembre-se — eu disse — de que você vê apenas um lado do escudo. Há muito de bom em nós, embora você não nos dê crédito. O bispo Morehouse está certo. O erro industrial, terrível como você diz, é devido à ignorância. As divisões da sociedade se tornaram muito distantes.

— O índio selvagem não é tão brutal e selvagem quanto a classe capitalista — respondeu. E, naquele momento, eu o odiei.

— Você não nos conhece — respondi. — Não somos brutos selvagens.

— Prove — ele desafiou.

— Como posso provar isso... para você? — Eu estava ficando com raiva.

Ele balançou sua cabeça.

— Eu não peço que você prove para mim. Peço que prove isso a si mesma.

— Eu sei — eu disse.

— Você não sabe nada — foi sua resposta rude.

— Chega, chega, crianças — papai disse, calmamente.

— Não me importo se... — eu insisti indignada, mas Ernest me interrompeu.

— Eu entendo que você tem dinheiro, ou que seu pai tem, o que é a mesma coisa... vocês têm dinheiro investido nos moinhos do Sierra Mills.

— O que isso tem a ver? — exclamei.

— Nada demais — ele começou lentamente —, exceto que o vestido que você usa está manchado de sangue. A comida que você come é um ensopado de sangue. O sangue de crianças e de adultos está pingando das vigas deste telhado. Eu posso fechar meus olhos, agora, e continuo a ouvi-lo pingar, pingar, pingar, pingar sobre mim.

E, adequando a ação às palavras, ele fechou os olhos e se recostou na cadeira. Comecei a chorar de raiva com minha vaidade ferida. Eu nunca havia sido tratada de maneira tão rude em toda a minha vida. Tanto o bispo como papai ficaram embaraçados e perturbados. Eles tentaram levar a conversa para assuntos mais fáceis, mas Ernest abriu os olhos, olhou para mim e acenou para eles. Sua boca e seus olhos estavam sérios, sem nenhum traço de riso. O que ele estava prestes a dizer, qual terrível castigo ele iria me dar, eu nunca soube, pois, naquele momento, um homem que passava parou e olhou para nós. Era um homem grande e mal

vestido. Ele carregava nas costas um grande feixe de varas de vime e bambu, cadeiras e biombos. Ele olhou à casa como se estivesse debatendo consigo mesmo se deveria ou não bater e tentar vender algumas de suas mercadorias.

— O nome desse homem é Jackson — disse Ernest.

— Com esse corpo forte, ele deveria estar trabalhando, e não vendendo<sup>23</sup> — respondi secamente.

— Repare na manga do braço esquerdo dele — disse Ernest, gentilmente.

Olhei e vi que a manga estava vazia.

— Foi um pouco do sangue daquele braço que eu ouvi pingando das vigas do seu telhado — disse Ernest, mantendo a suavidade. — Ele perdeu o braço na Sierra Mills e, como um cavalo aleijado, você o abandonou na estrada para morrer. Quando digo “você”, quero dizer o superintendente e os funcionários que você e os outros acionistas pagam para administrar as usinas. Foi um acidente. Foi causado por ele tentar economizar alguns dólares para a empresa. O tambor dentado da colheitadeira pegou seu braço. Ele poderia ter

---

23 Naquele tempo, havia milhares desses pobres mercadores chamados mascates. Eles carregavam todo o seu estoque comercial de porta em porta. Era um gasto de energia extremamente dispendioso. A distribuição era tão confusa e irracional quanto todo o sistema geral da sociedade.

deixado passar a pequena pedra que viu presa entre os dentes da máquina. Ela teria esmagado uma fileira de espigas. Mas ele estendeu a mão para retirar a pedra, e seu braço foi arrancado e rasgado em pedaços da ponta dos dedos até o ombro. Era noite. Os funcionários estavam trabalhando horas extras. Eles renderam dividendos gordos naquele trimestre. Jackson estava trabalhando há muitas horas, e seus músculos haviam perdido a elasticidade e potência. Eles já se moviam mais lentamente. Foi por isso que a máquina o pegou. Ele tem esposa e três filhos.

— E o que a empresa fez por ele? — perguntei.

— Nada. Oh, bem, eles fizeram uma coisa. Eles lutaram com sucesso contra o processo de indenização que ele abriu quando saiu do hospital. A empresa emprega advogados muito eficientes, você sabe.

— Você não contou toda a história — eu disse com convicção. — Ou então você não conhece toda a história. Talvez o homem tenha sido insolente.

— Insolente! Ha! Ha! — foi sua risada diabólica. — Bom Deus! Insolente! E com o braço arrancado! No entanto, ele era um servo manso e humilde, e não há registro de que ele tenha sido insolente.

— Mas os tribunais — eu insisti. — O caso não teria sido decidido contra ele se não houvesse mais nada além do que você mencionou.

— O Coronel Ingram é o principal advogado da empresa. Ele é um advogado astuto. — Ernest me olhou atentamente por um momento, depois continuou: — Vou lhe dizer o que fazer, srta. Cunningham. Investigue o caso de Jackson.

— Eu já estava decidida a fazer isso — eu disse friamente.

— Muito bem — ele sorriu bem-humorado —, e eu vou te dizer onde encontrá-lo. Mas tremo só de pensar no que você terá de enfrentar pelo braço de Jackson.

E foi assim que tanto o bispo quanto eu aceitamos os desafios de Ernest. Eles foram embora juntos, e eu fiquei com a sensação de que uma injustiça havia sido feita contra mim e à minha classe. O homem era um animal. Eu o odiava e, então, me consolei com a ideia de que seu comportamento era o que se poderia esperar de um homem da classe trabalhadora.





## CAPÍTULO 3. O BRAÇO DE JACKSON

**E**u mal sonhava qual seria o fatídico papel que o braço de Jackson teria em minha vida. O próprio Jackson não me impressionou quando fui atrás dele. Eu o encontrei em uma casa em frangalhos<sup>24</sup> perto da baía, à beira do pântano. Poças de água estagnada cercavam sua residência, suas superfícies cobertas por uma espuma verde e de aparência pútrida, e o fedor que emanava delas era intolerável.

Achei Jackson o homem tranquilo e humilde como tinham me descrito. Ele realizava um trabalho em vime e continuou seu ofício enquanto conversávamos. Mas, apesar de sua mansidão, imaginei ter captado nele a primeira nota de uma nascente amargura quando disse:

---

24 Adjetivo descritivo para casas em ruínas e dilapidadas nas quais grande número de trabalhadores encontrava abrigo naqueles tempos. Eles invariavelmente pagavam aluguel e, considerando o estado dessas casas, tratava-se de um pagamento exacerbado aos proprietários.

— Eles bem que podiam ter me dado um emprego de vigia.<sup>25</sup>

Eu não consegui tirar muito dele. Ele me pareceu inculto, mas a destreza com que trabalhava com uma das mãos parecia desmentir sua estupidez. Isso me deu uma ideia.

— Como você prendeu seu braço na máquina? — perguntei.

Ele olhou para mim de uma forma lenta e ponderada, balançando a cabeça.

— Não sei. Simplesmente aconteceu.

— Descuido? — eu instiguei.

— Não — ele respondeu —, eu não diria isso. Eu estava fazendo hora extra, e acho que estava um pouco cansado. Trabalhei por dezessete anos nos moinhos e notei que a

---

25 Naqueles dias, o roubo era inacreditavelmente comum. Todos roubavam propriedades entre si. Os senhores da sociedade roubavam legalmente ou, então, legalizavam seu roubo, enquanto as classes mais pobres roubavam ilegalmente. Nada estava seguro a menos que fosse vigiado. Um grande número de homens era empregado como vigia para proteger a propriedade de terceiros. As casas dos abastados eram uma combinação de cofre e fortaleza. A apropriação dos pertences pessoais dos outros por nossos próprios filhos, atualmente, é encarada como um resquício rudimentar do que era caracterizado roubo, algo universal, naqueles tempos antigos.

maioria dos acidentes acontece pouco antes do apito.<sup>26</sup> Eu podia apostar que acontecem mais acidentes uma hora antes do apito do que em todo o resto do dia. As pessoas ficam mais lentas depois de trabalharem tantas horas. Digo isso porque já vi muita gente ser despedaçada e moída.

— Muita gente? — eu perguntei.

— Centenas deles, e crianças também.

Com exceção dos terríveis detalhes, a história de Jackson sobre seu acidente foi idêntica à que eu já tinha ouvido. Quando lhe perguntei se havia infringido alguma regra de funcionamento da máquina, ele balançou a cabeça.

— Eu afastei o cinto com a minha mão direita — ele explicou — e tentei alcançar a pedra com a esquerda. Não parei para ver se o cinto tinha soltado. Achei que a minha mão direita já tinha feito isso, mas não. Eu fui rápido, mas o cinto não tinha soltado. E, então, meu braço foi mastigado.

— Deve ter sido muito doloroso — eu disse, com simpatia.

---

26 Os trabalhadores eram chamados e dispensados do trabalho por irritantes apitos a vapor, que gritavam alto.

— O barulho dos ossos esmagando não foi bom — foi sua resposta.

Sua mente estava bastante confusa sobre o processo de indenização. Apenas uma coisa estava clara para ele, que ele não havia recebido nada. Ele tinha a impressão de que o testemunho dos capatazes e do superintendente havia resultado na decisão adversa do tribunal. O testemunho deles, como ele disse, “não foi como deveria ser”. Então, resolvi ir até eles.

Uma coisa era clara, a situação de Jackson era miserável. Sua esposa estava com problemas de saúde e seu trabalho com vime e de mascate não era suficiente para sustentar a família. Ele estava com o aluguel atrasado e seu menino mais velho, de onze anos, havia começado a trabalhar nos moinhos.

— Eles bem que podiam me dar um trabalho de vigia — foram suas últimas palavras ao se despedir.

Quando vi o advogado que cuidara do caso de Jackson, os dois capatazes e o superintendente das fábricas que testemunharam, comecei a sentir que havia algo de concreto, afinal, na alegação de Ernest.

O advogado era um homem fraco e de aparência ineficiente. Ao vê-lo, não me admirei que Jackson tenha

perdido o caso. Meu primeiro pensamento foi que ele era o melhor que Jackson poderia conseguir. Mas, no momento seguinte, duas declarações de Ernest vieram à minha consciência: “A empresa paga advogados muito eficientes” e “O Coronel Ingram é um advogado astuto”. Fiz algumas deduções rápidas. Ocorreu-me que, obviamente, a empresa poderia arcar com um talento jurídico melhor do que um trabalhador como Jackson. Mas isso era apenas um detalhe. Existia alguma razão muito melhor, eu tinha certeza, para que Jackson tivesse perdido a causa.

— Por que você perdeu o processo? — perguntei.

Por um momento, o advogado ficou perplexo e preocupado, e eu senti, em meu coração, certa pena daquela criatura miserável. Então, ele começou a resmungar. Acredito que era um gemido congênito. Ele parecia um homem maltratado desde seu nascimento. Choramou sobre o depoimento. As testemunhas deram provas que ajudaram apenas o outro lado. Nenhuma palavra que ele pudesse extrair delas ajudaria Jackson. Eles sabiam de qual lado da corda ficar. Jackson era um coitado. Ele tinha sido espancado e enganado pelo coronel Ingram. No interrogatório, o Coronel Ingram foi brilhante. Ele fez Jackson responder a perguntas prejudiciais.

— Como suas respostas poderiam ser prejudiciais se ele tinha os direitos ao seu lado? — eu exigi.

— O que os direitos dele têm a ver com isso? — ele retrucou. — Está vendo todos aqueles livros? — Ele apontou para as prateleiras de livros nas paredes de seu pequeno escritório. — Todos os meus estudos me ensinaram que a lei é uma coisa; e o direito é outra coisa. Pergunte a qualquer advogado. Você vai à escola dominical para aprender o que é certo. Mas você vai para esses livros para aprender... a lei.

— Você quer me dizer que Jackson tinha seus direitos e que mesmo assim foi derrotado? — eu perguntei timidamente. — Você quer dizer que não há justiça no tribunal do juiz Caldwell?

O pequeno advogado me encarou por um momento e, então, a beligerância desapareceu de seu rosto.

— Não foi um processo justo — começou a choramingar de novo. — Eles fizeram de Jackson e de mim dois tolos. Que chance eu tinha? O Coronel Ingram é um grande advogado. Se ele não fosse grande, ele seria o responsável pelos negócios jurídicos da Sierra Mills, do Erston Land Syndicate, da Berkeley Consolidated, da Oakland, da San Leandro e da Pleasanton Electric? Ele é um advogado das corporações, e advogados de corporações não são pagos

para serem feitos de bobo.<sup>27</sup> Por que você acha que só a Sierra Mills paga a ele vinte mil dólares por ano? Porque ele vale vinte mil dólares por ano, é por isso. Eu não valho tanto. Se eu valesse, não estaria de fora, passando fome e pegando casos como o de Jackson. Quanto você acha que eu ganharia se tivesse levado o caso de Jackson?

— Você o teria roubado, muito provavelmente — eu respondi.

— É claro que sim — ele gritou com raiva. — Eu preciso sobreviver, não?<sup>28</sup>

— Ele tem esposa e filhos — eu o repreendi.

---

27 A função dos advogados das empresas era servir, por métodos corruptos, às propensões de ganância de dinheiro das corporações. Está registrado que Theodore Roosevelt, na época presidente dos Estados Unidos, disse em 1905 d.C., em seu discurso em Harvard: "Todos nós sabemos que, como as coisas realmente são, muitos dos membros mais influentes e mais bem remunerados da Ordem dos Advogados em todos os centros de riqueza têm como tarefa especial elaborar esquemas ousados e engenhosos pelos quais seus clientes abastados, pessoas físicas ou jurídicas, possam burlar as leis que foram feitas para regular, no interesse do público, os usos de grandes riquezas."

28 Uma ilustração típica da luta interna que permeava toda a sociedade. Os homens atacavam uns aos outros como lobos vorazes. Os grandes lobos comiam os menores; e, na matilha social, Jackson era um dos menores lobos.

— Eu também tenho esposa e filhos — ele retrucou. — E não há uma alma neste mundo, exceto eu, que se importa se eles passam fome ou não.

Seu rosto de repente se suavizou. Ele abriu seu relógio de bolso e me mostrou uma pequena fotografia de uma mulher e de duas meninas, colada dentro da tampa.

— São elas. Olhe para elas. Tivemos um momento difícil, muito difícil. Eu planejava mandá-las embora para o campo se tivesse ganhado o caso de Jackson. Elas estão ficando doentes aqui, mas não posso me dar ao luxo de mandá-las para lá.

Quando fiz menção de sair, ele retomou seu lamento:

— Eu não tive a menor chance. O Coronel Ingram e o juiz Caldwell são muito amigos. Não estou dizendo que se eu tivesse depoimentos melhores das testemunhas essa amizade teria decidido o caso, mas devo dizer que o juiz Caldwell fez muito para impedir que eu conseguisse essas testemunhas. Ora, o juiz Caldwell e o Coronel Ingram pertencem à mesma roda e ao mesmo clube. Eles moram no mesmo bairro, que não é para gente como eu. E suas esposas estão sempre se visitando. Eles estão sempre confraternizando, jogando bridge e coisas do tipo.

— E você acha mesmo que Jackson tinha direito? — eu perguntei, parando por um momento na soleira.



— Eu não acho. Eu sei — foi sua resposta. — E, no começo, eu pensei que ele convenceria a todos. Mas não disse nada à minha esposa. Eu não queria decepcioná-la. Ela já tinha certeza de que se mudariam para o campo.

— Por que você não chamou a atenção para o fato de que Jackson estava tentando preservar a máquina quando foi ferido? — perguntei a Peter Donnelly, um dos capatazes que testemunhou no julgamento.

Ele ponderou muito antes de responder. Então, ele me lançou um olhar ansioso e disse:

— Porque eu tenho uma boa esposa e três das crianças mais doces que você já viu. Foi por isso.

— Não entendi — eu disse.

— Em outras palavras, porque não seria saudável — ele respondeu.

— Você quer dizer... — eu comecei.

Mas ele me interrompeu, irritado:

— Quero dizer o que eu disse. Trabalhei por muitos anos nesses moinhos. Comecei como aprendiz nos fusos. Trabalhei sem parar. Foi com muito trabalho duro que cheguei à minha posição atual. Hoje, eu sou um capataz, veja bem. E duvido que haja um homem nos moinhos que estendesse a mão

para me ajudar se eu precisasse. Eu fui do sindicato. Mas trabalhei na fábrica por duas greves. Eles me chamavam de “fura-greve”. Ninguém aqui hoje me convidaria para tomar um trago. Olha as cicatrizes na minha cabeça. Jogaram tijolos em mim. Todos os aprendizes-mirins nos fusos amaldiçoam o meu nome. Minha única amizade é a empresa. Não é meu dever, mas é pelo meu pão com manteiga e pela vida da minha família que fico do lado do moinho. É isso.

— Jackson era culpado? — perguntei.

— Ele deveria receber pelos danos. Ele era um bom trabalhador e nunca criava problema.

— Então, você não tinha a liberdade de dizer a verdade, como jurou fazer?

Ele balançou sua cabeça.

— A verdade, toda a verdade, e nada além da verdade? — eu disse, solenemente.

Novamente seu rosto ficou contrariado, e ele o ergueu, não para mim, mas para o céu.

— Que minha alma e meu corpo queimem no inferno eterno pela minha família — foi sua resposta.

Henry Dallas, o superintendente, era uma criatura de rosto traiçoeiro que me olhava com insolência e se recusava

a falar. Não consegui dele sequer uma palavra sobre o julgamento e seu testemunho. Mas tive mais sorte com o outro capataz. James Smith era um homem de traços duros e meu coração se apertou quando o encontrei. Ele também me deu a impressão de que não era um agente livre e, enquanto conversávamos, comecei a ver que ele era mentalmente superior à média de sua espécie. Ele concordou com Peter Donnelly que Jackson deveria ter sido indenizado, e foi mais longe e chamou de cruel e fria a ação que deixou um trabalhador à deriva depois de ter se acidentado. Além disso, ele explicou que havia muitos acidentes nas fábricas e que a política da empresa era lutar até o fim contra os processos de danos decorrentes.

— Significa centenas de milhares por ano aos acionistas — disse ele. Enquanto falava, lembrei-me do último dividendo pago a meu pai, de que compramos um lindo vestido para mim e livros para ele. Lembrei-me da acusação de Ernest de que meu vestido estava manchado de sangue e minha carne começou a formigar sob as minhas roupas.

— Ao testemunhar, você sugeriu que Jackson sofreu o acidente ao tentar proteger o maquinário de danos? — eu quis saber.

— Não, eu não sugeri — foi a sua resposta, e sua boca se fechou amargamente. — Eu testemunhei que Jackson se

machucou por negligência e descuido, e que a empresa não era de forma alguma culpada ou responsável.

— Foi um descuido? — perguntei.

— Chame assim ou como preferir. O fato é que um homem se cansa depois de trabalhar por horas.

Eu estava me interessando pelo homem. Ele certamente era de um tipo superior.

— Você é mais bem-educado do que a maioria dos trabalhadores — eu observei.

— Eu fiz o ensino médio. Comecei carreira como faxineiro. Eu queria fazer faculdade, mas meu pai morreu e eu vim trabalhar nos moinhos. — ele continuou: — Eu queria me formar biólogo — explicou ele timidamente, como se confessasse uma fraqueza. — Eu amo animais, mas vim trabalhar nos moinhos. Eu me casei quando fui promovido a capataz, aí veio a família, e... bem, eu não era mais independente.

— O que você quer dizer com isso? — perguntei.

— Estou explicando por que dei aquele testemunho no julgamento; por qual razão segui as instruções.

— Instruções de quem?

— Do Coronel Ingram. Ele delineou o depoimento que eu deveria dar.

— Para Jackson perder a causa.

Ele assentiu, seu rosto começou a ficar corado de nervoso.

— Jackson tinha uma esposa e dois filhos dependendo dele.

— Eu sei — ele disse baixo, embora seu rosto ficasse cada vez mais escuro.

— Conte para mim, foi fácil para você se transformar do que era, digamos, quando estava no ensino médio, no homem que faz algo assim em um julgamento?

A rapidez de sua explosão me alarmou. Ele me atirou<sup>29</sup> uma maldição e cerrou o punho como se estivesse prestes a me atacar.

— Eu imploro seu perdão — disse ele, no momento seguinte. — Não, não foi fácil. E agora acho melhor que você vá embora. Você conseguiu o que queria de mim. Mas preciso lhe dizer algo antes: não adiantará repetir nada do que eu disse. Eu vou negar, e não há testemunhas. Eu negarei cada palavra. Se for preciso, farei isso sob juramento no banco das testemunhas.

---

29 É interessante notar as virilidades da linguagem, faladas comumente naquele tempo, como indicativos da vida, “a lei da selva”, que então se vivia. A referência feita aqui, é claro, não se dirige ao praguejar de Smith, mas ao verbo *atirou* usado por Avis Everhard.

Após minha entrevista com Smith, fui ao escritório do meu pai no prédio da Química e lá encontrei Ernest. Foi bastante inesperado, mas ele me recebeu com seus olhos ferinos e seu aperto de mão firme, bem como aquela sua curiosa mistura de suspeita e tranquilidade. Foi como se nosso último encontro tempestuoso tivesse sido esquecido, mas eu não queria esquecê-lo.

— Eu estive averiguando o caso de Jackson — eu disse sem rodeios.

Ele ficou muito interessado e esperou que eu continuasse, embora eu pudesse ver em seus olhos a certeza de que minhas convicções tinham sido abaladas.

— Parece que ele foi passado para trás — confessei. — Acho que um pouco do sangue dele está pingando das vigas do nosso telhado.

— Claro — ele respondeu. — Se Jackson e todos os seus companheiros fossem tratados com justiça, os dividendos não seriam tão grandes.

— Nunca mais terei prazer em usar vestidos bonitos — acrescentei.

Eu me sentia imprestável e arrependida, e tive a leve sensação de que Ernest era como um padre no confessionário. Então, como sempre, sua força me atraiu. Parecia irradiar uma promessa de paz e proteção.

— Mas você também não será capaz de ter prazer com um pano de saco — disse ele gravemente. — Nos moinhos de juta, caso não saiba, acontece a mesma coisa. E também em todos os outros lugares. Nossa ostentação civilizatória é baseada em sangue, encharcada de sangue, e nem você, nem eu, nem qualquer um consegue escapar da mancha escarlate. Os homens com quem você conversou... quem eram eles?

Contei a ele tudo o que tinha acontecido.

— E nenhum deles era uma pessoa livre — disse ele. — Todos estavam presos à impiedosa máquina industrial. E o *pathos* e a tragédia disso é que eles estão amarrados pelo coração. Seus filhos; as vidas jovens que seus instintos desejam proteger. Esse instinto é mais forte do que qualquer ética que possuam. Meu pai! Ele mentiu, ele roubou, ele fez todo tipo de coisas desonrosas para colocar pão na minha boca e na boca dos meus irmãos. Ele era um escravo da máquina, e isso acabou com a sua vida, trabalhou até a morte.

— Mas você — eu interrompi. — Você certamente é um agente livre.

— Não totalmente — ele respondeu. — Não estou preso pelas cordas do meu coração. Muitas vezes sou grato por não ter filhos, mas amo muito as crianças. No entanto, se eu me casasse, não ousaria ter nenhum.

— Isso certamente é uma má doutrina — eu exclamei.

— Eu sei que é — disse ele, tristemente. — Mas é uma doutrina conveniente. Eu sou um revolucionário e essa é uma profissão perigosa.

Eu ri, incrédula.

— Se eu tentasse entrar na casa de seu pai à noite para roubar seus dividendos da Sierra Mills, o que ele faria?

— Ele dorme com um revólver na mesa ao lado da cama — respondi. — Ele provavelmente atiraria em você.

— E se eu e alguns outros levássemos um milhão e meio de homens<sup>30</sup> para dentro das casas de todos os abastados, haveria um belo tiroteio, não haveria?

— Sim, mas você não está fazendo isso — eu objetei.

— É exatamente o que estou fazendo. E pretendemos tomar, não apenas a riqueza das casas, mas todas as fontes dessa riqueza, todas as minas, ferrovias, fábricas, bancos e lojas. Essa é a revolução. É realmente arriscado. Receio que haverá mais tiroteios do que eu imagino. Mas, como eu dizia, ninguém hoje é um agente livre. Estamos todos presos às rodas e engrenagens da máquina industrial. Você descobriu

---

30 Esta é uma referência ao eleitorado socialista nos Estados Unidos em 1910. A ascensão desse eleitorado indica claramente o rápido crescimento do partido da revolução. Seu número de votos nos Estados Unidos em 1888 era de 2.068; em 1902, de 127.713; em 1904, de 435.040; em 1908, de 1.108.427; e, em 1910, de 1.688.211.



que está, e que os homens com quem conversou também estão. Fale com mais deles. Vá falar com o Coronel Ingram. Procure os repórteres que mantiveram o caso de Jackson fora dos jornais e os editores que administram os jornais. Você vai descobrir que todos são escravos da máquina.

Um pouco mais tarde em nossa conversa, fiz a ele uma simples pergunta sobre a responsabilidade dos trabalhadores por acidentes e, em troca, recebi uma palestra estatística.

— Está tudo nos livros — disse ele. — Os números foram reunidos e foi provado de maneira conclusiva que os acidentes raramente ocorrem nas primeiras horas de trabalho, de manhã, mas aumentam muito nas horas seguintes à medida em que os trabalhadores ficam cansados e mais lentos em seus processos musculares e mentais. Você sabia que seu pai sofre três vezes menos risco de vida e de amputação do que um trabalhador? É verdade. As seguradoras<sup>31</sup> sabem. Elas vão cobrar dele quatro dólares e vinte centavos por ano em

---

31 Na terrível luta de foice daqueles séculos, nenhum homem estava permanentemente seguro, qualquer que fosse a riqueza acumulada. Por medo do bem-estar de suas famílias, os homens conceberam o esquema do seguro. Para nós, nesta era inteligente, tal dispositivo é ridiculamente absurdo e primitivo. Mas, naquela época, o seguro era um assunto muito sério. A parte divertida disso é que os fundos das companhias de seguros eram frequentemente saqueados e desperdiçados pelos próprios funcionários encarregados de sua administração.

uma apólice de mil dólares para acidentes e, pela mesma apólice, para um trabalhador, eles cobrariam quinze dólares.

— E você? — perguntei para, imediatamente, perceber uma preocupação clara em minha voz.

— Ora, como um revolucionário, eu tenho cerca de oito vezes mais chances de ser ferido ou morto que um operário — ele respondeu sem rodeios. — As seguradoras cobram dos químicos altamente treinados que manuseiam explosivos oito vezes mais do que cobram dos trabalhadores. Eu não acho que eles fariam o meu seguro. Por que você perguntou?

Meus olhos tremeram, eu podia sentir o sangue esquentar minhas faces. Não que ele tivesse percebido a minha preocupação, mas eu sim, e bem diante dele.

Nesse momento, meu pai entrou e começou a fazer os preparativos para partir comigo. Ernest devolveu alguns livros que havia pego emprestado e se despediu. Ao sair, ele se virou e disse:

— Ah, a propósito, enquanto você arruína sua própria paz de espírito e eu arruíno a do bispo, vá procurar a sra. Wickson e a sra. Pertonwaithe. Seus maridos, como você sabe, são os dois principais acionistas da Sierra Mills. Como todo o resto da humanidade, essas duas mulheres estão presas à máquina, mas estão amarradas tão completamente que a cavalgam.

## CAPÍTULO 4. ESCRAVOS DA MÁQUINA

**Q**uanto mais eu pensava no braço de Jackson, mais abalada eu ficava. Fui confrontada pela vida real. Era a primeira vez que eu observava a vida. Meu cotidiano universitário, estudos e cultura não eram reais. Eu não tinha aprendido nada além de teorias sobre a vida e a sociedade, as quais pareciam muito boas nas páginas impressas, mas agora eu via a vida de verdade. O braço de Jackson era um fato da vida. “O fato, homem, o fato inegável!” de Ernest ecoava em minha consciência.

Parecia horrendo, impossível, que toda a nossa sociedade fosse baseada em sangue. E ainda havia Jackson. Eu não conseguia me afastar dele. Constantemente, meu pensamento se voltava para ele como a bússola ao polo. Ele tinha sido tratado de maneira terrível. Seu sangue não foi indenizado para que um dividendo maior pudesse ser pago. E eu conhecia muitas famílias felizes e complacentes que haviam recebido esses dividendos e, desse jeito, lucraram com o

sangue de Jackson. Se alguém podia ser tratado de forma tão monstruosa e a sociedade seguir seu caminho desatenta, não poderiam muitos outros homens serem tratados da mesma forma? Lembrei-me das mulheres de Ernest em Chicago, que trabalhavam por noventa centavos por semana; e das crianças escravas das fábricas de algodão no Sul, como ele havia descrito. E pude ver suas mãos brancas e pálidas, das quais o sangue havia sido sugado, trabalhando sobre o tecido com o qual meu vestido era feito. E, então, pensei na Sierra Mills e nos dividendos pagos, vi o sangue de Jackson em meu vestido também. O Jackson que eu não podia escapar. Minhas meditações sempre me levavam de volta a ele.

Nas profundezas do meu ser, tive a sensação de estar à beira de um precipício. Era como se eu estivesse prestes a ter uma nova e terrível revelação da vida. E não sozinha. Meu mundo inteiro estava girando. Lá estava meu pai. Eu podia ver o efeito que Ernest começava a ter sobre ele. E, depois, havia o bispo. Na próxima vez em que o vi, ele parecia um homem doente. Estava com algum distúrbio nervoso e, em seus olhos, havia um horror indescritível. Do pouco que aprendi, sabia que Ernest estava cumprindo sua promessa de levá-lo ao inferno. Mas eu nunca soube quais cenas do inferno os olhos do bispo tinham visto, pois ele parecia atordoado demais para falar sobre elas.

Certa vez, com a forte sensação de que meu pequeno mundo e todo o resto estava se transformando, pensei em Ernest como a causa disso. E também pensei: “Estávamos tão felizes e em paz antes de ele chegar!” E, no momento seguinte, eu estava ciente de que o pensamento era uma traição contra a verdade; Ernest se levantou diante de mim transfigurado, o apóstolo da verdade, com sobrancelhas brilhantes e o destemor de um dos próprios anjos de Deus, lutando pela verdade e pelos direitos, em socorro aos pobres, solitários e oprimidos. E assim surgiu diante de mim outra figura, o Cristo! Ele também havia tomado o partido dos humildes e oprimidos, contra todo o poder estabelecido dos sacerdotes e fariseus. E me lembrei de seu fim na cruz, meu coração se contraiu com uma pontada ao pensar em Ernest. Ele também estaria destinado a uma cruz? Ele, com seu toque de clarim e sua voz guerreira, e todo o seu vigor de homem bom?

E, naquele momento, eu soube que o amava e que estava entregue ao desejo de confortá-lo. Pensei em sua vida. Devia ter sido uma vida sórdida, dura e escassa. E pensei em seu pai, que havia mentido e roubado por ele e trabalhado até a morte. E ele próprio tinha ido para os moinhos quando tinha dez anos! O meu coração parecia explodir com o desejo de cruzar meus braços em torno dele e descansar sua cabeça em

meu peito — sua cabeça que devia estar cansada de tantos pensamentos; e lhe dar descanso — apenas descanso — e servidão e esquecimento em um lugar só nosso.

Encontrei o Coronel Ingram em uma recepção da igreja. Eu o conhecia bem e conhecia bem há muitos anos. Eu o cerquei atrás de grandes palmeiras e seringueiras, embora ele não soubesse que estava sendo caçado. Ele me cumprimentou com sua alegria e os galanteios de sempre. Sempre fora um homem gracioso, diplomático, cauteloso e atencioso. E, quanto à aparência, ele era o homem de aparência mais distinta em nossa sociedade. Ao lado dele, até o venerável diretor da universidade parecia estranho e pequeno.

E, no entanto, entendi o Coronel Ingram situado na mesma posição da ignorância mecânica. Ele não era um agente livre. Ele também estava atado à roda. Jamais esquecerei a mudança em seu rosto quando mencionei o caso de Jackson. Sua boa natureza sorridente desapareceu como um fantasma. Uma expressão repentina e assustadora distorceu seu rosto bem-educado. Senti o mesmo alarme que senti quando James Smith se descontrolou. Mas o Coronel Ingram não praguejou. Essa era a pequena diferença que restava entre o trabalhador e ele. Ele era famoso por sua inteligência, mas agora ele a havia perdido. E, inconscientemente, para um lado e para o

outro, ele procurou por vias de fuga. Mas estava preso entre as palmeiras e as seringueiras.

Ah, ele ficou enjoado ao som do nome de Jackson. Para que trazer o assunto à tona? Ele não gostou da minha piada. Foi mau gosto de minha parte e muito imprudente. Será que eu não sabia que, em sua profissão, os sentimentos pessoais não contavam? Ele deixava seus sentimentos em casa quando descia para o escritório. No escritório, ele tinha apenas sentimentos profissionais.

— Jackson merecia uma indenização? — perguntei.

— Certamente — ele respondeu. — Isto é, pessoalmente, tenho a sensação de que ele merecia. Mas isso não tem nada a ver com os aspectos legais do caso.

Ele voltou a controlar parcamente seu raciocínio disperso.

— Diga-me, o direito tem alguma coisa a ver com a lei? — perguntei.

— Você criou uma contradição nessa frase — ele sorriu em resposta.

— Deveria ter? — eu perguntei; e ele acenou. — E, no entanto, devemos obter justiça por meio da lei?

— Esse é o paradoxo — ele rebateu. — Recebemos justiça.

— Você está falando profissionalmente agora, não está? — perguntei.

O Coronel Ingram corou, corou de verdade; e, de novo, olhou ansiosamente em volta, procurando uma forma de escapar. Mas bloqueei seu caminho e não fiz menção de me mover.

— Diga-me — eu continuei —, quando alguém troca seus sentimentos pessoais por profissionais, a ação não pode ser definida como uma espécie de caos espiritual?

Não obtive resposta. O Coronel Ingram havia fugido de forma inglória, derrubando uma palmeira em seu caminho.

Em seguida, tentei os jornais. Escrevi um relato calmo, contido e desapassionado do caso de Jackson. Não fiz nenhuma acusação contra os homens com quem conversei, nem sequer os mencionei. Eu dei os fatos do caso: os longos anos que Jackson trabalhou nas fábricas; seu esforço para preservar o maquinário; o conseqüente acidente; e sua própria condição atual, miserável e faminta. Os três jornais locais rejeitaram minha comunicação, assim como os dois semanários.

Eu me aproximei de Percy Layton. Ele se formou na universidade, cursara jornalismo e atuava como estagiário de repórter no mais influente dos três jornais. Ele sorriu quando perguntei a razão pela qual os jornais suprimiram todas as menções a Jackson e seu caso.

— Política editorial — disse ele. — Não temos nada a ver com isso. Depende dos editores.



— Mas por que essa é a política? — perguntei.

— Somos todos fechados com as corporações — respondeu ele. — Ao comprar publicidade, nenhum desses assuntos chega ao jornal. Qualquer um que tentasse publicar algo assim, perderia o emprego. Você não conseguiria nem se pagasse dez vezes mais do que as verbas normais de publicidade.

— E quanto a sua própria política? — eu questionei. — Parece que sua função é distorcer a verdade sob o comando de seus patrões, que, por sua vez, obedecem às ordens das corporações.

— Isso não me diz respeito — Ele parecia desconfortável, então, iluminou-se quando viu sua saída. — Eu não escrevo nada inverídico. Eu mantenho tudo alinhado com minha própria consciência. Claro, há muita coisa repugnante no decorrer de um dia de trabalho. Mas, veja bem, isso faz parte do trabalho cotidiano — concluiu, de maneira infantil.

— No entanto, um dia você deseja ter sua mesa de editor e conduzirá sua política.

— A essa altura já estarei endurecido — foi sua resposta.

— Aproveite que você ainda não endureceu e me diga o que pensa hoje sobre a política editorial em geral.

— Eu não penso — ele respondeu, rapidamente. — Não se pode embarçar as cordas se quiser ter sucesso no jornalismo. Foi isso o que eu aprendi, pelo menos.

E ele acenou sua jovem cabeça com sabedoria.

— Mas e o que é certo? — eu insisti.

— Você não entendeu o jogo. Claro que está tudo certo, porque sai tudo certo, não dá para ver?

— Deliciosamente vago — murmurei. Mas meu coração doía pela sua juventude, e senti que eu deveria gritar ou irromper em lágrimas.

Eu estava começando a ver através das aparências da sociedade em que sempre vivi e a encontrar as realidades assustadoras que viviam abaixo de mim. Parecia haver uma conspiração tácita contra Jackson, o que me fez sentir um arrepio de simpatia pelo advogado chorão que lutou de maneira inglória em seu caso. Mas essa conspiração apática se espalhava. Ela não mirava apenas Jackson. Destinava-se a todos os trabalhadores mutilados nos moinhos. E se era contra todos eles nos moinhos, por que não seria contra eles também em todas as outras usinas e fábricas? Na verdade, não seria real para todas as outras áreas?

E, se assim fosse, então, a sociedade era uma mentira. Eu recuei diante de minhas próprias conclusões. Era terrível demais para ser verdade. Mas havia Jackson; e o braço de Jackson; e o sangue que manchava meu vestido e pingava das vigas do meu próprio teto. E havia muitos Jacksons

— centenas deles só nas fábricas, como o próprio Jackson havia dito. Eu não podia escapar de Jackson.

Fui me encontrar com o sr. Wickson e o sr. Pertonwaithe, os homens que detinham a maior parte das ações da Sierra Mills. Mas não consegui abalá-los como abalei os mecânicos a seu serviço. Descobri que eles tinham uma ética superior à do resto da sociedade. Eu posso chamá-la de ética aristocrática ou ética do patrão.<sup>32</sup> Eles falavam sobre políticas amplas e identificavam mecanismos e direitos. E eles falavam de maneira paternal comigo, condescendentes com minha juventude e minha inexperiência. Eles eram os menos humanos de todos que encontrei em minha busca. Eles acreditavam, absolutamente, que sua conduta era correta. Não havia dúvida sobre isso, nenhuma discussão. Estavam convencidos de que eram os salvadores da sociedade e de que eram eles que faziam a felicidade de muitos. E desenharam imagens patéticas de quais seriam os sofrimentos da classe trabalhadora se não fosse o emprego que eles, e somente eles, por sua sabedoria, providenciavam.

---

32 Antes de Avis Everhard nascer, John Stuart Mill, em seu ensaio *On Liberty* [*Sobre a liberdade*], escreveu: “Onde quer que haja uma classe ascendente, grande parte da moralidade emana de seus interesses de classe e de seus sentimentos de superioridade de classe”.

Recém-chegada desses dois mestres, encontrei Ernest e relatei minha experiência. Ele olhou para mim com uma expressão satisfeita e disse:

— Realmente, isso é bom. Você está começando a cavar a verdade para si mesma. É a sua própria generalização empírica, e está correta. Nenhum homem na máquina industrial é um agente com livre arbítrio, exceto o grande capitalista; e ele não é, se você me perdoa, o irlandês.<sup>33</sup> Veja, os patrões têm certeza de que estão certos no que fazem. Esse é o maior absurdo de toda a situação. Eles estão tão presos à sua natureza humana que fazem o que acreditam ser o certo. Eles carecem de uma sanção por seus atos.

“Quando eles querem fazer uma coisa — nos negócios, é claro —, eles devem esperar até que surja em seus cérebros, de alguma forma, um conceito religioso, ético, científico ou filosófico de que a coisa está certa. E, então, eles vão em frente e realizam, sem saber que uma das fraquezas da mente humana é que o desejo é o pai do pensamento. Não importa o que eles queiram fazer, a sanção sempre vem. São casuístas superficiais.

---

33 As contradições verbais, chamadas “touro” (*bulls*), foram por muito tempo uma fraqueza amável dos antigos irlandeses. Esse costume consistia em jogos de palavras aparentemente inofensivos, mas que logo se mostravam contraditórios, impossíveis e absurdos.

Eles são jesuítas. Eles até enxergam o caminho errado para que o certo seja o resultado final. Uma das ficções agradáveis e axiomáticas que eles criaram é de que são superiores ao resto da humanidade em sabedoria e eficiência. Daí vem sua sanção para administrar o pão e a manteiga do resto da humanidade. Eles até ressuscitaram a teoria do direito divino dos reis — reis comerciais no caso deles.<sup>34</sup>

“A fraqueza em sua posição reside no fato de que eles são apenas homens de negócios. Eles não são filósofos. Não são biólogos, nem sociólogos. Se fossem, é claro que tudo estaria bem. Um empresário que também fosse biólogo e sociólogo saberia, bem ou mal, o que é certo fazer pela humanidade. Mas, fora do campo dos negócios, esses homens são estúpidos. Eles conhecem apenas negócios. Eles não conhecem a humanidade, nem a sociedade e, no entanto, se colocam como árbitros do destino dos milhões de famintos e de todos os outros milhões à deriva. A história, algum dia, rirá muito às custas deles.”

Não fiquei surpresa quando tive minha conversa com a sra. Wickson e a sra. Pertonwaithe. Eram mulheres da

---

34 Os jornais, em 1902, creditaram ao presidente da Anthracite Coal Trust [o truste do carvão], George F. Baer, a enunciação do seguinte princípio: “Os direitos e interesses do trabalhador serão protegidos pelos homens cristãos, a quem Deus, em Sua infinita sabedoria, deu os interesses de propriedade do país.”

sociedade.<sup>35</sup> Suas casas eram palácios. Elas tinham muitas casas espalhadas pelo país, no campo, nos lagos e no mar. Elas eram atendidas por exércitos de servos, suas atividades sociais eram desconcertantes. Elas patrocinavam a universidade e as igrejas, os pastores especialmente se dobravam de joelhos em subserviência.<sup>36</sup> Essas duas mulheres eram poderosas, assim como o dinheiro que tinham. Tinham o poder de subsidiar o pensamento a um grau notável, como eu logo aprenderia sob a orientação de Ernest.

Imitavam seus maridos e falavam da mesma maneira sobre política, os deveres e responsabilidades dos ricos. Elas eram influenciadas pela mesma ética que dominava seus cônjuges — a ética de sua classe; e elas pronunciavam frases loquazes que seus próprios ouvidos não entendiam.

Além disso, elas ficaram irritadas quando eu lhes contei sobre a condição deplorável da família de Jackson. E quando perguntei se tinham dado alguma provisão voluntária

---

35 Aqui, a sociedade é usada em um sentido restrito, um uso comum da época para denotar os zangões dourados que não trabalhavam, mas apenas se empanturravam nos tonéis de mel dos trabalhadores. Nem os homens de negócios, nem os trabalhadores tinham tempo ou oportunidade para a “sociedade”. A sociedade foi uma criação dos ricos ociosos que não trabalhavam e agiam desse jeito.

36 “Traga seu dinheiro sujo”, era o sentimento expresso pela Igreja durante esse período.

para o homem, disseram que não precisavam que ninguém as orientasse em seus deveres sociais. Quando lhes pedi categoricamente que ajudassem Jackson, elas se recusaram categoricamente. O espantoso foi que se recusaram quase de maneira idêntica, com as mesmas palavras — eu as entrevistei separadamente e uma não sabia que eu tinha visto ou veria a outra. A resposta em comum foi que estavam satisfeitas com a oportunidade de deixar perfeitamente claro que nenhum prêmio seria dado por seus descuidos; e que elas, ao doarem dinheiro pelo acidente, não pretendiam sugerir aos pobres que se machucassem nas máquinas de propósito.<sup>37</sup>

E essas mulheres foram sinceras. Estavam embriagadas com a convicção da superioridade de sua classe e de si mesmas. Elas tinham uma sanção, em sua própria ética de classe, para cada ato que realizavam. Ao me afastar da grande casa da sra. Pertonwaithe, olhei para trás e me lembrei da expressão de Ernest de que elas estavam presas à máquina, mas que estavam tão presas que a cavalgavam.

---

37 Nos arquivos do "Outlook", semanário crítico do período, em seu número de 18 de agosto de 1906, relata-se a circunstância de um operário que perdeu o braço, cujos detalhes são bastante semelhantes aos do caso de Jackson relatado por Avis Everhard.





## CAPÍTULO 5. OS FILOMATAS

**F**requentemente, Ernest aparecia na nossa casa. Não era apenas por papai, nem eram os jantares controversos que o atraíam para lá. Mesmo naquela época, eu me gabava de ter algum papel importante em suas visitas, e não demorou muito para que eu descobrisse estar certa. Ernest Everhard era um amante único. Seu olhar e seu aperto de mão ficaram mais firmes e diretos, como se isso fosse possível; e a pergunta que havia crescido desde o início em seus olhos, tornou-se ainda mais imperativa.

Minha impressão sobre ele, na primeira vez em que o vi, foi desfavorável. Depois, me senti atraída. Em seguida veio a repulsa, quando ele atacou tão selvagememente minha classe e a mim. Então, como eu entendi que ele não havia caluniado minha classe e que as coisas duras e amargas que ele disse sobre ela eram justificadas, eu me aproximei dele novamente. Ele se tornou meu oráculo. Para mim, ele rasgou a falsa face da sociedade e me deu vislumbres

da realidade que eram tão desagradáveis quanto inegavelmente verdadeiros.

Como eu já disse, nunca tive um amante como ele. Nenhuma garota que morasse em uma cidade universitária passaria vinte e quatro anos sem ter alguma experiência amorosa. Eu só tinha me envolvido com alunos do segundo ano, professores grisalhos e atletas do time. Mas nenhum deles fez amor comigo como Ernest. Seus braços estavam ao meu redor antes que eu percebesse. Seus lábios estavam nos meus antes que eu pudesse protestar ou resistir. Diante de sua intensidade, o pudor convencional de uma donzela era ridículo. Ele me arrebatou com sua esplêndida e irresistível investida. Ele não propôs. Ele colocou os braços em volta de mim, me beijou e deu como certo que deveríamos nos casar. Não houve discussão sobre isso. A única discussão — e que surgiria depois — seria sobre a data desse casamento.

Era inédito. Era irreal. No entanto, de acordo com o teste da verdade de Ernest, funcionou. Eu apostei minha vida nisso. E minha confiança estava correta. No entanto, durante aqueles primeiros dias de nosso amor, o medo do futuro me assolou muitas vezes, quando eu notava a violência e a impetuosidade em sua forma de fazer amor. Contudo, tais temores eram infundados. Nenhuma mulher foi abençoada com um marido mais gentil e terno. Sua gentileza e sua

violência criavam uma curiosa mistura, semelhante à de sua aparência ousada e tranquila. Aquele leve atrevimento! Ele nunca mudou, e isso foi o melhor. Seu comportamento em nossa sala de estar me fazia lembrar o de um touro cuidadoso em uma loja de porcelana.<sup>38</sup>

Foi nesse momento que minha última dúvida sobre a plenitude do meu amor por ele desapareceu (uma dúvida subconsciente, no máximo). Estávamos no Clube Filomata, em uma noite maravilhosa de batalha, em que Ernest fez barba, cabelo e bigode nos padrões em seu próprio covil. O Clube Filomata era o mais seleta da Costa do Pacífico. Foi criação da srta. Brentwood, uma solteirona extremamente rica. O clube era seu marido, sua família e seu brinquedo. Os associados eram os mais ricos e inteligentes da comunidade, com, é claro, uma pitada de acadêmicos para lhes dar um tom intelectual.

O Filomata não tinha uma sede. Não era esse tipo de clube. Uma vez por mês, os membros se reuniam em alguma casa de seus sócios para ouvir uma palestra. Os conferencistas

---

38 Naquela época, ainda era costume encher as salas de estar com penduricalhos. Eles não tinham descoberto a simplicidade de viver. Essas salas eram museus, exigindo um trabalho infundável para mantê-las limpas. O demônio do pó era o senhor da casa. Havia uma infinidade de dispositivos para coletar poeira e apenas alguns poucos dispositivos para se livrar dela.

eram, geralmente, embora nem sempre, contratados. Se um químico em Nova York fizesse uma nova descoberta, digamos, rádio, todas as suas despesas em todo o continente eram pagas, e ele também recebia uma taxa principesca por seu tempo. O mesmo acontecia com um explorador ao retornar das regiões polares, ou o mais recente autor de um sucesso literário ou artístico. Nenhum visitante era permitido, a política do Filomata não permitia que nenhuma de suas discussões chegasse aos jornais. Assim, grandes estadistas — e houve tais ocasiões — foram capazes de falar francamente o que pensavam.

Estou abrindo à minha frente uma carta amassada, escrita por Ernest há vinte anos, e dela copio o seguinte:

*Seu pai é membro do Filomata, então, você pode ir comigo. Portanto, venha na próxima terça-feira à noite. Eu prometo que você terá o melhor dia de sua vida. Em seus encontros recentes, você não conseguiu abalar os padrões. Se você vier, eu vou sacudi-los na sua frente. Vou fazê-los rosnar como lobos. Você apenas questionou a moralidade deles. Quando sua moralidade é questionada, eles se tornam cada vez mais complacentes e superiores. Mas vou ameaçar seus sacos de dinheiro. Isso os fará sacudir até que alcancem as raízes de suas*

*naturezas primitivas. Se você puder vir, verá homens das cavernas em trajes de gala rosnando e roendo um grande osso. Eu lhe prometo uma grande gargalhada e uma visão esclarecedora da natureza animal.*

*Eles me convidaram para me despedaçar. Essa é a ideia da srta. Brentwood. Ela foi descuidada ao insinuar isso quando me convidou. Ela já deu a eles esse tipo de diversão antes. Eles se deleitam em receber reformadores gentis e de alma confiante diante deles. A srta. Brentwood acha que sou meigo como um gatinho e tão bem-humorado e impassível quanto a vaca da família. Não vou negar que ajudei a dar essa impressão a ela. Ela ficou bem hesitante no início, até que deduziu que sou inofensivo. Vou receber um belo cachê — duzentos e cinquenta dólares — como convém ao homem que, embora radical, certa vez se candidatou a governador. Além disso, devo usar um traje de gala. Isso é obrigatório. Eu nunca vesti um terno assim. Acho que vou ter de alugar um. Mas eu faria mais do que isso para ter uma chance com os Filomatas.*

De todos os lugares, naquela noite, o Clube se reuniu exatamente na casa dos Pertonwaithe. Cadeiras extras foram levadas para a grande sala de estar e, ao todo, devia

ter duzentos Filomatas sentados para ouvir Ernest. Eles realmente eram lordes da sociedade. Eu me diverti ao recapitular mentalmente a soma das fortunas representadas, o que chegava a centenas de milhões. E seus donos não eram ricos ociosos. Eram homens de negócios que tiveram papéis ativos na vida industrial e política.

Estávamos todos sentados quando a srta. Brentwood trouxe Ernest. Eles foram imediatamente para a ponta da sala, de onde ele deveria falar. Ele vestia um traje de gala e, por causa de seus ombros largos e da cabeça majestosa, tinha uma aparência magnífica. E havia aquele leve e inconfundível toque de estranheza em seus movimentos. Acho que poderia tê-lo amado só por isso. E, ao olhar para ele, percebi uma grande alegria. Senti novamente a pulsação de sua palma na minha, o toque de seus lábios; e esse orgulho me incitava a me levantar e gritar para todos: “Ele é meu! Ele me envolveu em seus braços, e eu, pobre de mim, expulsei da mente dele todos os seus inúmeros e nobres pensamentos!”

Na ponta da sala, a srta. Brentwood o apresentou ao Coronel Van Gilbert, que presidiria a sessão. O Coronel Van Gilbert era um grande advogado de corporações. Além disso, ele era imensamente rico. O menor contrato que ele se dignaria a assinar seria de cem mil dólares. Ele era um mestre da lei. A lei era uma marionete com a qual ele brincava. Ele a

moldava como argila, a torcia e distorcia como um quebra-cabeça chinês em qualquer padrão que ele escolhesse. Em aparência e retórica, ele era antiquado, mas em imaginação, conhecimento e recursos era tão jovem quanto a mais nova lei. Seu primeiro momento veio quando ele quebrou o testamento de Shardwell.<sup>39</sup> Seu pagamento por esse trabalho foi de quinhentos mil dólares. A partir de então, ele subiu como um foguete. Ele era frequentemente chamado de o maior advogado do país — advogado corporativo, é claro; e nenhuma lista com os três maiores advogados dos Estados Unidos ousaria deixá-lo de fora.

Ele se levantou e começou a apresentar Ernest com algumas frases bem escolhidas, as quais carregavam um leve tom de ironia. O Coronel Van Gilbert foi sutilmente jocoso

---

39 Essa quebra de protocolos era uma característica peculiar do período. Com a acumulação de vastas fortunas, o problema de dispor dessas fortunas após a morte era um problema para os acumuladores. A construção e a quebra de acordos tornaram-se ofícios complementares, como a fabricação de munição e a fabricação de armas. Os mais astutos advogados testamentários foram chamados para fazer testamentos que não podiam ser quebrados. Mas esses testamentos sempre foram quebrados e, muitas vezes, pelos próprios advogados que os redigiram. Não obstante, persistiu na classe rica a ilusão de que um acordo absolutamente inquebrantável poderia ser alcançado. E assim, através das gerações, clientes e advogados perseguiram a ilusão. Era uma busca como a da pedra filosofal dos alquimistas medievais.

ao falar do reformador social e membro da classe trabalhadora, e a plateia riu. Isso me deixou com raiva, eu olhei para Ernest. A visão dele me deixou duplamente irritada. Ele não parecia se ressentir dos insultos delicados. Pior, ele não parecia estar ciente deles. Lá estava ele sentado, gentil, impassível e sonolento. Ele realmente parecia estúpido. E, por um momento, o pensamento surgiu em minha mente: e se ele estivesse amedrontado por esse imponente conjunto de poder e cérebros? Então, eu sorri. Ele não me enganava. Mas ele enganou aos outros, assim como havia enganado a srta. Brentwood. Ela ocupou uma cadeira bem na frente e várias vezes virou a cabeça para um ou outro de seus confrades e sorriu, apreciando as observações.

Quando o Coronel Van Gilbert terminou, Ernest se levantou e começou a falar. Ele começou em voz baixa, hesitante e modesto, e com um ar de evidente embaraço. Ele falou de seu nascimento na classe trabalhadora e da sordidez e miséria de seu ambiente, em que a carne e o espírito eram igualmente famintos e atormentados. Ele descreveu suas ambições e ideais, sua concepção do paraíso onde viviam as pessoas das classes altas. Como ele disse:

*Acima de mim, eu sabia, existia altruísmo de espírito, pensamento puro e nobre, vida intelectual aguçada. Eu*



*sabia de tudo isso porque li os romances da “Biblioteca à beira-mar”,<sup>40</sup> nos quais, com exceção dos vilões e aventureiros, todos os homens e mulheres tinham belos pensamentos, falavam uma bela língua e realizavam atos gloriosos. Em suma, ao aceitar que o Sol nascia todos os dias, aceitei que acima de mim estava tudo o que era belo, nobre e gracioso, tudo o que dava decência e dignidade à vida, tudo o que fazia a vida valer a pena e que remunerava as pessoas por seu trabalho e sua miséria.*

Ele continuou e traçou sua vida nos moinhos, o aprendizado do comércio de ferraduras e seu encontro com os socialistas. Entre eles, ele havia encontrado intelectos aguçados e inteligências brilhantes, ministros do Evangelho que foram expulsos porque seu cristianismo era muito amplo para congregações dos adoradores de Mamom; e professores que foram demitidos da roda da subserviência universitária para com a classe dominante. Os socialistas eram revolucionários, ele disse, lutando para derrubar a sociedade irracional atual e criar o material para construir a sociedade racional do futuro.

---

40 Uma literatura curiosa e surpreendente que serviu para que a classe trabalhadora não pudesse entender totalmente a natureza da classe ociosa.

Ele disse muito mais, o que levaria muito tempo para escrever, mas nunca esquecerei de como ele descreveu a vida entre os revolucionários. Todas as palavras hesitantes desapareceram. Sua voz ficou forte e confiante, brilhando cada vez mais, assim como os pensamentos que Ernest proferia. Ele disse:

*Entre os revolucionários, eu também encontrei a fé calorosa no ser humano, idealismo ardente, doçura do altruísmo, renúncia e martírio — todas as coisas esplêndidas e pungentes do espírito. Ali, a vida era limpa, nobre e viva. Eu estava em contato com grandes almas que exaltavam a carne e o espírito acima de dólares e centavos, para quem o choro fraco da criança faminta da favela significava mais do que toda a pompa e circunstância da expansão comercial e do império mundial. Tudo ao meu redor era nobreza de propósito e heroísmo de esforço, meus dias e minhas noites eram sol e luar, todo fogo e orvalho, diante de meus olhos, sempre ardente e reluzente, o Santo Graal, o próprio Graal de Cristo, o humano caloroso, sofrido e maltratado, mas para ser resgatado e salvo no final.*

Assim como antes, agora, eu o via transfigurado diante de mim. Suas sobrancelhas cintilavam com o divino que vivia

dentro dele. E seus olhos brilhavam ainda mais em meio à aura que parecia envolvê-lo como um manto. Mas os outros não viam esse esplendor, presumi que era devido às lágrimas de alegria e amor que turvaram minha visão. De qualquer forma, o sr. Wickson, sentado atrás de mim, não foi afetado, pois o ouvi zombar em voz alta, “Utópico”.<sup>41</sup>

Ernest prosseguiu em sua ascensão na sociedade, até que finalmente entrou em contato com membros das classes altas e conviveu com os homens que ocupavam os altos cargos. Então, veio a sua desilusão, e ele a descreveu em termos que não lisonjaram seu público. Ele ficou surpreso com a vulgaridade do barro. A vida provou não ser boa e graciosa. Ele ficou horrorizado com o egoísmo que encontrou e, o que o surpreendeu ainda mais, foi a ausência de vida intelectual. Recém-chegado de seus revolucionários, ele ficou chocado

---

41 As pessoas daquela época eram escravos de frases. A abjeção de sua servidão é incompreensível para nós. Havia uma magia nas palavras maior do que a arte do conjurador. Suas mentes estavam tão confusas e caóticas que a pronúncia de uma única palavra poderia negar as generalizações de uma vida inteira de pesquisas e pensamentos sérios. Tal palavra era o adjetivo *utópico*. Sua mera pronúncia poderia condenar qualquer esquema, não importa quão sensata a sua concepção de melhoria ou regeneração econômica fosse. Vastas populações se empolgaram com frases como “dinheiro honesto” e “um jantar de balde cheio”. A cunhagem de tais frases eram consideradas epifanias.

com a estupidez intelectual da classe dominante. E, então, apesar de suas igrejas magníficas e pastores bem pagos, ele encontrou os patrões, homens e mulheres, grosseiramente materiais. Era verdade que eles comentavam sobre seus pequenos ideais e pequenas moralidades, mas, apesar de sua loquacidade, a chave dominante da vida que viviam era materialista. E eles haviam perdido sua moralidade real — por exemplo, aquela que Cristo havia pregado, mas que não era mais professada.

— Conheci homens — disse ele — que invocavam o nome do Príncipe da Paz em seus discursos contra a guerra e que colocavam rifles nas mãos de Pinkertons<sup>42</sup> para abater grevistas em suas próprias fábricas. Conheci homens confusos de indignação com a brutalidade da luta de boxe e que, ao mesmo tempo, participavam da adulteração de alimentos que matava a cada ano mais bebês do que Herodes.

“Esse cavalheiro delicado de feições aristocráticas era um diretor fraco e uma ferramenta das corporações que roubavam secretamente viúvas e órfãos. Esse cavalheiro, que colecionava belas edições e era patrono da literatura, chantageava um gerente de furo no queixo e sobranceiras

---

42 Originalmente, eles eram detetives particulares, mas rapidamente se tornaram combatentes contratados dos capitalistas e, finalmente, se tornaram os Mercenários da Oligarquia.

negras de uma repartição municipal. Esse editor, que publicava anúncios de medicamentos patenteados, me chamou de demagogo e de canalha porque eu o desafiei a publicar em seu jornal a verdade sobre medicamentos patenteados.<sup>43</sup> Esse homem, falando com sobriedade e seriedade sobre as belezas do idealismo e a bondade de Deus, acabara de trair seus companheiros em um negócio. Esse homem, um pilar da igreja e grande contribuinte para missões estrangeiras, fazia suas empregadas trabalharem dez horas por dia com um salário de fome e, ainda, incentivava diretamente a prostituição. Esse homem, que doou cátedras em universidades e ergueu magníficas capelas, cometeu perjúrio nos tribunais por dólares e centavos. Esse magnata das ferrovias quebrou sua palavra como cidadão, como cavalheiro e como cristão, quando concedeu um desconto secreto. E ele concedeu muitos descontos secretos. Esse senador era a ferramenta e o escravo, o pequeno fantoche, de um brutal e ignorante patrão da ferrovia.<sup>44</sup> Assim como esse governador e esse

---

43 Os remédios patenteados eram claras mentiras, mas, assim como os encantos e as indulgências da Idade Média, enganavam o povo. A única diferença era que os medicamentos patenteados eram mais prejudiciais e mais caros.

44 Mesmo tão tarde quanto 1912 d.C., a grande massa do povo ainda persistia na crença de que governava o país em virtude de seus votos. Na realidade, o país era governado pelas chamados

juiz da Suprema Corte; e todos os três recebiam seus passes de trens gratuitos. E, também, esse elegante capitalista que era o dono dos trens, do gerente do trem e das estações que emitiam os passes.

“E foi assim que, em vez de no paraíso, me encontrei no árido deserto do mercantilismo. Não encontrei nada além de estupidez, exceto negócios. Não encontrei nenhum nobre vivo limpo, embora tenha encontrado muitos que estavam vivos — mas apodrecendo. O que encontrei foi um monstruoso egoísmo e crueldade, e um materialismo grosseiro, voraz, praticado e prático.”

Ernest contou a eles muito mais, sobre si mesmos e sobre sua desilusão. Intelectualmente, eles o haviam entediado; moral e espiritualmente, eles o adoeceram; de modo que ficou feliz em voltar para seus revolucionários, que eram mais limpos, nobres e vivos — tudo o que os capitalistas não eram.

— E agora — disse ele —, deixe-me falar sobre essa revolução.

---

mecanismos políticos. A princípio, os patrões desses mecanismos cobravam pedágios extorsivos dos patrões capitalistas por meio da legislação. Mas, em pouco tempo, os patrões capitalistas acharam mais barato possuir seus próprios mecanismos políticos e contratar os patrões dos mecanismos.

Mas, antes, devo dizer que seu terrível e exaltado discurso não os havia tocado. Olhei em volta para seus rostos e vi que permaneciam complacentemente superiores ao que ele havia cobrado deles. E me lembrei do que ele me disse: que nenhuma acusação de sua moralidade os abalaria. No entanto, pude ver que a ousadia de sua linguagem havia afetado a srta. Brentwood. Ela parecia preocupada.

Ernest começou descrevendo o exército da revolução e, à medida em que dava os números de sua força (o volume de votos em vários países), a assembleia começou a ficar inquieta. A preocupação apareceu em seus rostos, e notei um aperto de seus lábios. Por fim, o mediador da batalha havia sido derrubado. Ele descreveu a organização internacional dos socialistas que uniu o um milhão e meio nos Estados Unidos com os vinte e três milhões e meio no resto do mundo.

— Tal exército de revolução — disse ele —, com 25 milhões de homens, é algo para fazer governantes e classes dominantes pararem e considerarem. O grito deste exército é: “Sem divisão! Queremos tudo o que você tem. Não nos contentaremos com nada menos do que tudo o que você tem. Queremos em nossas mãos as rédeas do poder e o destino da humanidade. Aqui estão nossas mãos. São mãos fortes. Vamos depor seus governos, seus palácios e toda a sua vida de rei; e, nesse dia, vocês trabalharão pelo seu pão como o

camponês no campo ou o escriturário faminto e raquítico nas suas metrópoles. Aqui estão nossas mãos. São mãos fortes!”

E, enquanto falava, estendia seus dois grandes braços de seus ombros esplêndidos, e as mãos do ferrador seguravam o ar como garras de águia. Ele era o espírito do trabalho personificado enquanto estava ali, com as mãos estendidas para rasgar e esmagar sua audiência. Percebi um tremor levemente perceptível por parte dos ouvintes diante desses números de uma revolução concreta, potencial e ameaçadora. Ou seja, as mulheres se encolheram e o medo se estampou em seus rostos. Não foi assim com os homens. Eles eram ricos ativos, e não ociosos. Eram lutadores. Um estrondo baixo e gutural surgiu, permaneceu no ar por um momento e cessou. Foi o precursor do rosnado, e eu o ouviria muitas vezes naquela noite — o aviso da brutalidade do homem, a seriedade de suas paixões primitivas. E eles estavam inconscientes de que haviam feito esse som. Era o grunhido da matilha, pronunciado pela matilha, e pronunciado de forma inconsciente. E, naquele momento, quando eu vi a aspereza se formar em seus rostos e vi a luz da luta piscando em seus olhos, percebi que não concordariam que seu governo sobre o mundo fosse arrancado deles.

Ernest prosseguiu com seu ataque. Ele explicava a existência do um milhão e meio de revolucionários nos Estados



Unidos acusando a classe capitalista de ter administrado mal a sociedade. Ele esboçou a condição econômica do homem das cavernas e dos povos selvagens atuais, apontando que eles não possuíam ferramentas e nem máquinas, mas apenas uma eficiência natural para a produção de energia. Em seguida, ele traçou o desenvolvimento da indústria e da organização social de modo que hoje a força de produção do homem civilizado fosse mil vezes maior que a do selvagem.

— Cinco homens — disse ele — podem produzir pão para mil. Um homem pode produzir tecido de algodão para duzentas e cinquenta pessoas, lã para trezentas e botas e sapatos para mil. Pode-se concluir disso que, sob uma administração capaz da sociedade, o homem civilizado moderno estaria muito melhor do que o homem das cavernas. Mas ele é? Vamos ver. Nos Estados Unidos, hoje, há quinze milhões<sup>45</sup> de pessoas vivendo na pobreza; e, por pobreza, entendemos aquela condição de vida em que, por falta de comida e abrigo adequado, o mero padrão de eficiência do trabalho não pode ser mantido. Nos Estados Unidos de hoje, apesar de toda a sua assim chamada legislação trabalhista, existem três milhões de

---

45 Robert Hunter, em 1906, num livro intitulado *Poverty [Pobreza]*, salientou que, naquela época, havia dez milhões de pessoas vivendo na pobreza nos Estados Unidos.

crianças trabalhadoras.<sup>46</sup> Em doze anos, esse número dobrou. E, de passagem, pergunto a vocês, gestores da sociedade, por que não divulgaram os números do censo de 1910? E eu vou responder por vocês: porque vocês ficaram com medo. Os números da miséria teriam precipitado a revolução que está se formando neste momento.

“Mas voltando à minha acusação. Se o poder de produção do homem moderno é mil vezes maior do que o do homem das cavernas, por que então, nos Estados Unidos de hoje, há quinze milhões de pessoas que não estão devidamente abrigadas e adequadamente alimentadas? Por que então, nos Estados Unidos de hoje, existem três milhões de crianças trabalhadoras? É uma acusação verdadeira. A classe capitalista administrou mal. Diante dos fatos de que o homem moderno vive mais miseravelmente do que o homem das cavernas, e que seu poder de produção é mil vezes maior que o do homem das cavernas, nenhuma outra conclusão é possível senão que a classe capitalista administrou mal, que vocês administraram mal, meus patrões, que vocês administraram mal, criminal e egoisticamente. E, nesta conta, vocês não podem me responder aqui, cara a cara, mais

---

46 No Censo dos Estados Unidos de 1900 (o último censo cujos números foram tornados públicos), o número de crianças trabalhadoras registrado foi de 1.752.187.

do que toda a sua classe poderá responder ao um milhão e meio de revolucionários nos Estados Unidos. Vocês não podem responder. Eu desafio vocês a responderem. Além disso, eu me atrevo a dizer que, quando eu terminar, vocês não responderão. Sobre isso, vocês ficarão de boca fechada, embora falem bastante sobre outras coisas.

“Vocês falharam em sua gestão. Vocês bagunçaram a civilização. Vocês têm sido cegos e gananciosos. Vocês se levantaram (assim como se levantam agora), descaradamente, em nossas salas legislativas, declarando que os lucros seriam impossíveis sem o trabalho de crianças e bebês. Não acreditem na minha palavra. Está tudo registrado contra vocês. Vocês embalaram sua consciência para dormir com o burburinho de doces ideais e caras moralidades. Vocês estão gordos de poder e posses, bêbados de sucesso. E vocês não têm mais esperança contra nós do que os zangões, agrupados em torno dos tonéis de mel, quando as abelhas operárias saltam sobre eles para acabar com sua existência rotunda. Vocês falharam em sua gestão da sociedade, e sua gestão deve ser tirada de vocês. Um milhão e meio de homens da classe trabalhadora dizem que vão conseguir que o resto da classe trabalhadora se junte a eles e tirem a administração de vocês. Essa é a revolução, meus patrões. Deem um fim nela se puderem.”

Por um lapso de tempo apreciável, a voz de Ernest continuou a soar pela grande sala. Então, surgiu o estrondo rouco que eu tinha ouvido antes, e uma dúzia de homens ficou de pé clamando pelo reconhecimento do Coronel Van Gilbert. Notei os ombros da srta. Brentwood se movendo convulsivamente e, no momento, fiquei com raiva, pois pensei que ela estava rindo de Ernest. E, então, descobri que não era riso, mas histeria. Ela ficou chocada com a consequência de seu convite a este incendiário diante de seu abençoado Clube Filomata.

O Coronel Van Gilbert não notou a dúzia de homens, com rostos marcados pela paixão, que se esforçavam para obter sua permissão para falar. Seu próprio rosto tinha as marcas da paixão. Ele se levantou em um salto, acenando com os braços e, por um momento, só conseguiu emitir sons incoerentes. Então, o discurso jorrou dele. Mas não era o discurso de um advogado de cem mil dólares, nem a retórica tradicional.

— Falácia sobre falácia! — ele exclamou. — Nunca em toda a minha vida ouvi tantas falácias proferidas em tão pouco tempo. E, além disso, jovem, devo lhe dizer que você não disse nada de novo. Aprendi tudo isso na faculdade antes de você nascer. Jean Jacques Rousseau enunciou sua teoria socialista quase dois séculos atrás. Um retorno ao solo, com certeza! Reversão! Nossa biologia ensina o absurdo disso. Foi realmente dito que um pouco de aprendizado é uma coisa

perigosa, você o exemplificou esta noite com suas teorias malucas. Falácia sobre falácia! Eu nunca fiquei tão enojado em minha vida por excesso de falácias. Quantas generalizações imaturas e raciocínios infantis!

Ele estalou os dedos com desprezo e começou a se sentar. Houve exclamações labiais de aprovação por parte das mulheres, notas mais roucas de confirmação vieram dos homens. Quanto à dúzia de homens que clamavam pela palavra, metade deles começou a falar ao mesmo tempo. A confusão e a balbúrdia eram indescritíveis. Nunca as paredes espaçosas da sra. Pertonwaithe viram um espetáculo dessa monta. Esses, então, eram os frios capitães da indústria e senhores da sociedade, esses selvagens rosnando e latindo em trajes de gala. Verdadeiramente, Ernest os havia sacudido quando estendeu as mãos para pegar suas sacolas de dinheiro, suas mãos que se refletiram em seus olhos como as mãos de um milhão e meio de revolucionários.

Mas Ernest nunca perdia a cabeça em uma situação. Antes que o Coronel Van Gilbert conseguisse se sentar, Ernest estava de pé e saltou para a frente.

— Um por vez! — ele rugiu para eles.

O som surgiu de seus grandes pulmões e dominou a tempestade humana. Por pura compulsão da personalidade, ele ordenou silêncio.

— Um de cada vez — ele repetiu suavemente. — Deixe-me responder ao Coronel Van Gilbert. Depois disso, o resto de vocês pode se dirigir a mim, mas um de cada vez, lembrem-se. Nada de comportamento de matilha aqui. Isto não é um campo de futebol.

— Quanto a você — ele continuou virando-se para o Coronel Van Gilbert —, você não respondeu a nada do que eu disse. Você apenas fez algumas afirmações entusiasmadas e dogmáticas sobre meu calibre mental. Isso pode ser útil para o seu negócio, mas você não pode falar assim comigo. Não sou um operário, de boné na mão, pedindo que você aumente meu salário ou que me proteja da máquina em que trabalho. Você não pode ser dogmático com a verdade quando lida comigo. Guarde isso para lidar com seus escravos assalariados. Eles não ousarão responder a você porque você tem o pão e a manteiga deles, a vida deles, em suas mãos.

“Quanto a esse retorno à natureza que você diz ter aprendido na faculdade antes de eu nascer, permita-me salientar que, aparentemente, você não aprendeu mais nada desde então. O socialismo não tem mais a ver com o estado de natureza do que o cálculo diferencial com uma missa. Chamei sua classe de estúpida quando fora do domínio dos negócios. Você, senhor, exemplificou brilhantemente a minha declaração.”

A terrível punição ao seu advogado de cem mil dólares foi demais para os nervos da srta. Brentwood. Sua histeria tornou-se violenta e ela foi ajudada, chorando e rindo, a sair do salão. Ainda bem, pois havia coisa pior a seguir.

— Não acredite em minha palavra — continuou Ernest quando a interrupção terminou. — Suas próprias autoridades com uma voz unânime provarão que você é estúpido. Seus próprios fornecedores de informações que você paga irão lhe dizer que você está errado. Vá ao seu mais humilde professor assistente de sociologia e pergunte a ele qual é a diferença entre a teoria do retorno à natureza de Rousseau e a teoria do socialismo; pergunte aos seus maiores economistas políticos e sociólogos burgueses ortodoxos; questione através das páginas de cada artigo escrito sobre o assunto armazenado nas prateleiras de suas bibliotecas subsidiadas; e, em todos os lugares, a resposta será que não há nada de congruente entre o retorno à natureza e o socialismo. Por outro lado, a resposta afirmativa unânime será que o retorno à natureza e o socialismo são diametralmente opostos. Como eu disse, não acredite na minha palavra. O registro de sua estupidez está nos livros, seus próprios livros que você nunca leu. E, no que diz respeito à sua estupidez, você é apenas o exemplo de sua classe.

“Você conhece direito e negócios, Coronel Van Gilbert. Você sabe como servir as corporações e aumentar

os dividendos distorcendo a lei. Muito bom. Continue assim. Você é uma figura exemplar. Você é um advogado muito bom, mas é um péssimo historiador, não sabe nada de sociologia e sua biologia é contemporânea a de Plínio.”

O Coronel Van Gilbert se contorcia em sua cadeira. Havia um silêncio completo na sala. Todos estavam fascinados — paralisados, posso dizer. Tal tratamento rude ao grande Coronel Van Gilbert era inédito, inimaginável, impossível de acreditar — o grande Coronel Van Gilbert diante de quem os juízes tremiam quando ele se levantava no tribunal. Mas Ernest nunca deu trégua a um inimigo.

— Isso, é claro, não muda nada — disse Ernest. — Todo homem tem seu ofício. Mas que você cuide do seu, e eu do meu. Você se especializou. Quando se trata de conhecimento da lei, da melhor forma de burlar a lei ou de fazer uma nova lei em benefício de corporações bandidas, estou no chão aos seus pés. Mas, quando se trata de sociologia, o meu ofício, você está no chão aos meus pés. Lembre-se disso. Lembre-se, também, de que a sua lei é coisa de um dia e que você não é versátil nas coisas que duram mais de um dia. Portanto, suas afirmações dogmáticas e generalizações precipitadas sobre coisas históricas e sociológicas não valem o fôlego que você gasta com elas.

Ernest parou por um momento e olhou para ele pensativo, notando seu rosto sombrio e contorcido de raiva,



seu peito ofegante, seu corpo se contorcendo e suas mãos brancas e finas se apertando nervosamente.

— Mas me parece que você ainda está com fôlego, e eu lhe darei uma chance de usá-lo. Eu acusei a sua classe. Mostre-me que minha acusação está errada. Apontei para vocês a miséria do homem moderno, três milhões de crianças escravas nos Estados Unidos, sem cujo trabalho os lucros não seriam possíveis; e quinze milhões de pessoas mal alimentadas, malvestidas e mal alojadas. Apontei que o poder de produção do homem moderno por meio da organização social e do uso de máquinas é mil vezes maior que o do homem das cavernas. E afirmei que desses dois fatos nenhuma outra conclusão era possível além de que a classe capitalista havia administrado mal. Esta foi a minha acusação, e eu específica e longamente desafiei você a respondê-la. Não, eu fiz mais. Eu profetizei que você não responderia. Resta que você destrua a minha profecia. Você chamou meu discurso de falácia. Mostre a falácia, Coronel Van Gilbert. Responda à acusação que eu e meus um milhão e meio de camaradas fizemos contra a sua classe e a você.

O Coronel Van Gilbert se esqueceu completamente de que estava presidindo e de que, por cortesia, deveria permitir que os outros clamores falassem. Ele ficou de pé, jogando seus braços, sua retórica e seu controle ao vento,

alternadamente diminuindo Ernest por sua juventude e demagogia e atacando selvagememente a classe trabalhadora, citando sua ineficiência e inutilidade.

— Para um advogado, você é o homem mais difícil de se manter no mesmo assunto que eu já vi — Ernest começou sua resposta ao discurso. — Minha juventude não tem nada a ver com o que enunciei. Nem a inutilidade da classe trabalhadora. Acusei a classe capitalista de ter administrado mal a sociedade. Você não me respondeu. Você não fez nenhuma tentativa de me responder. Por quê? É por você não ter resposta? Você é o campeão de todo esse público. Todos aqui, exceto eu, estão esperando uma resposta dos seus lábios. Eles dependem dos seus lábios para essa resposta porque eles mesmos não têm a resposta. Quanto a mim, como eu disse antes, sei que você não apenas não pode responder, mas também não tentará responder.

— Isso é intolerável! — O Coronel Van Gilbert gritou.  
— Isso é um insulto!

— Intolerável é que você não responda — Ernest assinalou com gravidade. — Nenhum homem pode ser intelectualmente insultado. O insulto, por sua própria natureza, é emocional. Recupere-se. Dê-me uma resposta intelectual à minha acusação intelectual de que a classe capitalista administrou mal a sociedade.

O Coronel Van Gilbert permaneceu em silêncio, uma expressão mal-humorada e superior em seu rosto, como o rosto de um homem que se nega a falar com um patife.

— Não fique triste — disse Ernest. — Console-se com o fato de que nenhum membro de sua classe ainda respondeu a essa acusação. — Ele se virou para os outros homens que estavam ansiosos para falar. — E agora é sua chance. Desembuchem, sem que se esqueçam de que eu os desafio a me responder a pergunta que fiz ao Coronel Van Gilbert.

Seria impossível para mim escrever tudo o que foi dito na discussão. Eu nunca tinha percebido antes quantas palavras poderiam ser ditas em três curtas horas. De qualquer forma, foi glorioso. Quanto mais seus oponentes se irritavam, mais Ernest os excitava deliberadamente. Ele tinha um domínio enciclopédico do campo do conhecimento e, com meras palavras e frases, como delicados golpes de espada, ele os feria. Ele enumerou os pontos de sua falta de lógica. Aquele era um falso silogismo, tal conclusão não se conectava com a premissa, enquanto a próxima premissa era impostora porque escondia nela a conclusão que se tentava provar. Isso foi um erro, aquilo foi uma suposição, e a próxima era uma afirmação contrária à verdade comprovada e impressa em todas as cartilhas.

E assim foi. Às vezes, ele trocava o florete pelo porrete e despedaçava suas verdades sem piedade. E sempre exigia fatos e se recusava a discutir teorias. E, para eles, seus fatos foram uma Waterloo. Quando atacavam a classe trabalhadora, ele retrucava: “A panela chamando a chaleira; isso não responde à acusação de que seu próprio rosto está sujo.” E a todos ele disse: “Por que você não respondeu à acusação de que sua classe administrou mal? Você falou sobre outras coisas e mais coisas sobre outras coisas, mas você não me respondeu. É porque você não tem resposta?”

O sr. Wickson falou no final da discussão. Ele era o único isento e Ernest o tratava com um respeito que não tinha concedido aos outros.

— Nenhuma resposta é necessária — disse Wickson com lenta deliberação. — Acompanhei toda a discussão com espanto e desgosto. Estou enojado com os senhores, membros da minha classe. Vocês se comportaram como colegiais tolos, misturaram ética e a bile do político comum nesta discussão. Vocês foram controlados e demovidos. Vocês têm sido muito prolixos, e tudo o que produzem é zumbido. Vocês zumbem como mosquitos sobre um urso. Cavalheiros, lá está o urso — e apontou para Ernest — e seu zumbido só fez cócegas em seus ouvidos.

“Acreditem, a situação é séria. Aquele urso estendeu suas patas esta noite para nos esmagar. Ele disse que há um milhão e meio de revolucionários nos Estados Unidos. Isso é um fato. Ele disse que é sua intenção tirar de nós nossos governos, nossos palácios e a nossa vida de reis. Isso também é um fato. Uma mudança, uma grande mudança, está chegando na sociedade. Mas, felizmente, pode não ser a mudança que o urso antecipa. O urso disse que vai nos esmagar. E se esmagarmos o urso?”

O ronco da garganta surgiu na grande sala, os homens acenaram com endosso e certeza. Seus rostos estavam sérios. Eles eram lutadores, isso era certo.

— Mas não vamos esmagar o urso com zumbidos — continuou Wickson fria e desapaixonadamente. — Nós vamos caçar o urso. Não responderemos ao urso em palavras. Nossa resposta será redigida em termos de chumbo. Estamos no poder. Ninguém pode negar. Em virtude desse poder, permaneceremos no poder.

Ele se voltou subitamente para Ernest. O momento foi dramático.

— Esta, então, é a nossa resposta. Não temos palavras para desperdiçar com você. Quando você estender suas mãos fortes para os nossos palácios e a nossa vida de reis, nós lhe mostraremos o que é a força. Nossa resposta será

expressa em estrondos de granadas e estilhaços, bem como no ranger de metralhadoras.<sup>47</sup> Nós esmagaremos vocês, revolucionários, sob nossos calcanhares, e pisaremos nos seus rostos. O mundo é nosso, nós somos seus senhores, e assim permanecerá. Quanto ao fornecedor do trabalho, ele vive na lama desde o início da história, e eu li a história corretamente. E, na lama, ele permanecerá enquanto eu e os meus e aqueles que vierem depois de nós tivermos o poder. Esta é a palavra. É o rei das palavras: Poder. Não Deus, não Mamom, mas Poder. Derrame-o sobre sua língua até formigar. Poder.

— Eu fui respondido — disse Ernest calmamente. — É a única resposta que poderia ser dada. Poder. É o que nós da classe trabalhadora pregamos. Sabemos, e bem sabemos por amarga experiência, que nenhum apelo pelo direito, pela justiça, pela humanidade, jamais poderá tocá-los. Seus corações são duros como a sola da bota com que pisam no rosto dos pobres. Então, nós pregamos o poder. Pelo poder de nossos votos no dia da eleição, tiraremos seu governo de vocês...

---

47 Para demonstrar o teor do pensamento, a citação a seguir vem de *The Cynic's Word Book* [O dicionário do cínico] (1906 d.C.), escrito por um certo Ambrose Bierce, um misantropo declarado e confirmado do período: "Grapeshot, n. Um argumento que o futuro está preparando em resposta às demandas do socialismo americano."

— E se vocês obtiverem a maioria, uma ampla maioria, no dia da eleição? — o sr. Wickson o interrompeu. — Suponha que nos recusemos a entregar o governo a vocês depois de ganharem nas urnas?

— Isso, também, nós consideramos — respondeu Ernest. — E nós lhe daremos uma resposta em termos de chumbo. O poder, que você proclamou, o rei das palavras. Muito bom. Poder será. E, no dia em que vencermos nas urnas, se você se recusar a nos entregar o governo que vencemos constitucional e pacificamente, se você quiser saber o que vamos fazer a respeito... Nesse dia, eu lhe digo, nossa resposta será expressa em estrondos de granadas e estilhaços, bem como no som de metralhadoras.

“Você não escapará de nós. É verdade que você leu a história corretamente. É verdade que, desde o início da história, o trabalho vive na lama. E é igualmente verdade que enquanto você e os seus e aqueles que vierem depois de vocês tiverem poder, esse trabalho permanecerá na lama. Concordo com você. Concordo com tudo o que você disse. O poder será o árbitro, como sempre foi. É uma luta de classes. Assim como sua classe destronou a velha nobreza feudal, também será derrubada pela minha classe, a classe trabalhadora. Se você ler sua biologia e sua sociologia tão claramente quanto lê sua história, verá que esse fim que

descrevi é inevitável. Não importa se será em um ano, dez ou mil, sua classe será destronada. E isso será feito pelo poder. Nós, da classe trabalhista, temos alimentado nossas mentes com essa palavra até que sejam guiadas por ela. Poder. É uma palavra real.”

E assim terminou a noite com os Filomatas.



## CAPÍTULO 6 PRENÚNCIOS

**F**oi nessa época que os avisos de eventos vindouros começaram a cair sobre nós com força e rapidez. Ernest já havia questionado o costume de papai de ter socialistas e líderes trabalhistas em sua casa e de comparecer abertamente às reuniões socialistas; e papai só ria dele por causa de suas preocupações. Quanto a mim, estava aprendendo muito com esse contato com os líderes e pensadores da classe trabalhadora. Eu estava vendo o outro lado do escudo. Fiquei encantada com o altruísmo e o alto idealismo que encontrei, embora estivesse chocada com a vasta literatura filosófica e científica do socialismo que se abriu para mim. Eu aprendia rápido, mas não rápido o suficiente para perceber o recente perigo de nossa posição.

Houve avisos, mas não dei atenção a eles. Por exemplo, a sra. Pertonwaithe e a sra. Wickson exerciam um tremendo poder social na cidade universitária e, delas, emanava o sentimento de que eu era uma jovem muito atrevida e

autoafirmativa, com uma propensão maliciosa para a intromissão e interferência nas relações de outras pessoas. Achei isso nada mais do que natural, considerando o papel que desempenhara na investigação do caso do braço de Jackson. Mas eu subestimei o efeito de tal sentimento, enunciado por duas tão poderosas figuras sociais.

É verdade que notei certa indiferença por parte de meus amigos em geral, mas isso eu atribuí à desaprovação que prevalecia em meus círculos em relação ao meu casamento planejado com Ernest. Foi só algum tempo depois que Ernest me mostrou com clareza que essa atitude geral de minha classe era algo mais do que espontâneo, que, por trás dela, estavam as fontes ocultas de uma conduta organizada. “Você deu abrigo a um inimigo da sua classe”, disse ele. “E não apenas abrigo, mas também o seu amor. Isso é traição à sua classe. Não pense que você vai escapar sem ser penalizada.”

Mas, antes disso, certa tarde, papai chegou em casa. Ernest estava comigo e percebemos que ele estava com raiva — filosoficamente irritado. Ele raramente ficava zangado, mas ele se permitia certa medida de raiva controlada. Ele a chamava de tônico. E pudemos ver que ele estava com sua raiva tônica quando entrou na sala.

— Escutem só essa! — Ele demandou. — Fui almoçar com Wilcox.

Wilcox era o reitor aposentado da universidade, cuja mente já esgotada estava repleta de generalizações que eram recentes em 1870, e que, desde então, ele não conseguira revisar.

— Fui convidado — anunciou papai. — Mandaram me chamar.

Ele fez uma pausa, e nós esperamos.

— Ah, foi feito de maneira muito cuidadosa, admito, mas eu fui repreendido. Eu! E por aquele velho fóssil!

— Aposto que sei por que você foi repreendido — disse Ernest.

— Dou três chances — papai riu.

— Só uma basta — retrucou Ernest. — E não será uma chance. Será uma dedução. Você foi repreendido por sua vida privada.

— Exatamente! — pai exclamou. — Como você adivinhou?

— Eu sabia que isso aconteceria. Avisei sobre isso antes.

— Sim, você avisou — papai meditou. — Mas eu não pude acreditar. De qualquer forma, é apenas uma evidência mais do que decisiva para o meu livro.

— Não é nada comparado ao que virá — continuou Ernest —, se você persistir em seu costume de ter esses socialistas e radicais de todos os tipos em sua casa, inclusive eu.

— Exatamente o que o velho Wilcox disse, dentre tantas outras coisas injustificadas! Ele disse que era de mau gosto, totalmente inútil e, absolutamente, não estava em harmonia com as tradições e políticas da universidade. Ele tinha muitos outros argumentos vagos, e não consegui entender exatamente qual era o seu objetivo. Tornei a coisa incômoda para ele, e ele só conseguia ficar se repetindo e me dizendo o quanto ele me respeitava, que todo o mundo respeitava minha posição de cientista. Não foi uma tarefa agradável para ele. Pude ver que ele não gostou.

— Ele não é um agente livre — disse Ernest. — A tornozeleira<sup>48</sup> nem sempre é usada graciosamente.

— Sim. Isso eu consegui perceber. Ele disse que este ano a universidade precisaria de muito mais verba do que o estado estava disposto a fornecer; e que o restante deveria vir de personagens ricos que não se deixariam concordar com o desvio da universidade de seu alto ideal da busca desapaixonada da inteligência desapaixonada. Quando tentei perguntar sobre o que minha vida doméstica tinha a ver com desviar a universidade de seus altos ideais, ele me ofereceu férias de dois anos,

---

48 Tornozeleira era um dos modos como escravizados africanos eram algemados; e também criminosos. Esse tipo de restrição penitenciária foi abolida somente após a formação da Irmandade do Homem.

com salário integral, na Europa, para recreação e pesquisa. É claro que eu não poderia aceitar dadas as circunstâncias.

— Teria sido muito melhor se você tivesse — disse Ernest gravemente.

— Foi um suborno — protestou o pai. Ernest assentiu.

— Além disso, o vagabundo disse que havia conversas, fofocas de mesa de chá e assim por diante sobre minha filha ser vista em público com um personagem tão notório como você, e que isso não estava de acordo com o tom e a dignidade da universidade. Não que ele se opusesse pessoalmente, claro que não, mas que havia boatos e que eu entenderia.

Ernest considerou essa notícia por um momento e, então, disse com uma expressão muito séria, com uma ira sombria pairando sobre ele:

— Há mais por trás disso do que um mero ideal universitário. Alguém pressionou o reitor Wilcox.

— Você acha? — papai perguntou, e seu rosto mostrou que ele estava mais interessado do que assustado.

— Gostaria de poder transmitir a você a concepção que está se formando em minha própria mente — disse Ernest.

— Nunca na história do mundo a sociedade esteve em um fluxo tão terrível como agora. As rápidas mudanças em nosso sistema industrial estão causando mudanças igualmente rápidas em nossas estruturas religiosas, políticas e sociais.

Uma revolução invisível e temerosa está em andamento nas fibras e na estrutura da sociedade. Só se pode sentir vagamente essas coisas. Mas elas estão no ar, agora, hoje. Pode-se sentir o tamanho delas. São vastas, vagas e terríveis. Minha mente se encolhe ao imaginar do que são capazes. Você ouviu Wickson falar na outra noite. Por trás do que ele disse estavam as mesmas coisas sem nome e sem forma que eu sinto. Ele falou de um medo superconsciente deles.

— Você quer dizer...? — papai começou, mas parou.

— Quero dizer que há uma sombra de tamanho colossal e ameaçador que, neste momento, começa a se espalhar sobre a terra. Chame isso de sombra de uma oligarquia, se quiser; é o mais próximo a isso que me atrevo dizer. Qual seria a sua natureza, eu me recuso a imaginar.<sup>49</sup> Mas o que quero

---

49 Embora, como Everhard, eles não imaginassem qual a natureza disso, havia homens, mesmo antes de seu tempo, que vislumbravam essa sombra. John C. Calhoun disse: “Um poder se ergueu no governo, maior do que o próprio povo, consistindo de muitos e vários poderosos interesses, combinados em uma massa, e mantidos juntos pelo poder coesivo do vasto excedente nos bancos.” E aquele grande humanista, Abraham Lincoln, disse, pouco antes de seu assassinato: “Vejo no futuro próximo uma crise que me enerva e me faz tremer pela segurança do meu país... As corporações foram entronizadas, uma era de corrupção nos altos escalões se seguirá e o poder monetário do país se esforçará para prolongar seu reinado, operando sobre as mazelas do povo até que a riqueza seja agregada em poucas mãos e a República seja destruída.”

dizer é o seguinte: você está em uma posição perigosa. É um perigo que meu próprio medo alimenta porque sequer sou capaz de medi-lo. Siga meu conselho e aceite as férias.

— Mas seria covardia — foi o protesto.

— De jeito nenhum. Você está velho. Você fez seu trabalho no mundo e que grande trabalho foi. Deixe a batalha atual para a juventude e a força. Nós, jovens companheiros, ainda temos nosso trabalho a fazer. Avis estará ao meu lado no que está por vir. Ela será sua representante na frente de batalha.

— Mas eles não podem me machucar — papai objetou.

— Graças a Deus, sou independente. Ah, pode ter certeza de que conheço a terrível perseguição que podem fazer a um professor que depende economicamente de sua universidade. Mas sou independente. Não fui professor por um salário. Posso viver muito confortavelmente com minha própria renda, e o salário é tudo o que podem tirar de mim.

— Mas você não percebe — respondeu Ernest. — Não é isso o que eu temo, sua renda privada, seu próprio capital, tudo pode ser tirado de você tão facilmente quanto seu salário.

Papai ficou em silêncio por alguns minutos. Ele estava pensando intensamente, eu podia ver as linhas de decisão se formando em seu rosto. Finalmente, ele falou.

— Não vou tirar férias — ele fez uma nova pausa. — Vou continuar com o meu livro.<sup>50</sup> Talvez você esteja errado, mas certo ou errado, ficarei com minhas armas.

— Muito bem — disse Ernest. — Você estará no mesmo caminho que o bispo Morehouse e em direção a um desastre semelhante. Vocês dois serão proletários antes disso tudo terminar.

A conversa se voltou para o bispo, pedimos a Ernest que explicasse o que estava fazendo com ele.

— Sua alma está doente pela jornada ao inferno que promovi. Eu o levei até as casas de alguns de nossos operários da fábrica. Mostrei a ele os destroços humanos deixados de lado pela máquina industrial, e ele ouviu suas histórias de vida. Eu o levei pelas favelas de São Francisco e, na embriaguez, na prostituição e na criminalidade, ele aprendeu uma causa mais profunda do que a depravação inata. Ele está muito doente e, pior do que isso, perdeu o controle. Ele é ético

---

50 Este livro, *Economia e Educação*, foi publicado naquele ano. Três cópias dele ainda existem; duas em Ardis e uma em Asgard. Ele tratou, em detalhes elaborados, de um fator na persistência do *status quo*, a saber, o viés capitalista das universidades e escolas comuns. Era uma acusação lógica e contundente a todo o sistema de educação que desenvolvia nas mentes dos alunos apenas ideias favoráveis ao regime capitalista, com exclusão de todas as ideias hostis e subversivas. O livro causou furor e foi prontamente suprimido pela Oligarquia.



demais. Ele foi severamente tocado. E, como antes, ele não é prático. Ele está envolvido com todos os tipos de ilusões éticas e planos para um trabalho missionário entre os mais aculturados. Ele sente que é seu dever ressuscitar o antigo espírito da Igreja e entregar sua mensagem aos patrões. Ele está exausto. Mais cedo ou mais tarde, ele vai explodir e, então, haverá um colapso. Que forma vai tomar eu nem consigo adivinhar. Ele é uma alma pura e exaltada, mas é muito pouco pragmático. Ele me escapou. Não consigo manter seus pés na terra. E, pelo jeito, ele está indo de encontro ao seu Getsêmani. E, depois disso, haverá a sua crucificação. Essas almas elevadas são forjadas para a crucificação.

— E você? — perguntei. E sob o meu sorriso estava a ansiedade do amor.

— Eu não — ele riu de volta. — Posso ser executado ou assassinado, mas nunca serei crucificado. Estou plantado com muita solidez, impassível sobre a terra.

— Mas por que você trouxe a ideia da crucificação do bispo? — insisti. — Você não vai negar que você é a causa disso.

— Por que eu deveria manter uma alma em seu conforto quando há milhões sofrendo na miséria? — ele retrucou.

— Então, por que você aconselhou papai a aceitar as férias?

— Porque não sou uma alma pura e exaltada — foi a resposta. — Porque sou sólido, impassível e egoísta. Porque eu te amo e, como a Rute de antigamente, teu povo é meu povo. Quanto ao bispo, não tem filhos. Além disso, não importa quão pequeno seja o bem, já que, independentemente de seu tamanho, o seu pequeno e incômodo lamento produzirá algum bem na revolução e, cada pequena contribuição, conta.

Eu não podia concordar com Ernest. Eu conhecia bem a natureza nobre do bispo Morehouse, e não podia conceber que sua voz elevada para a justiça não fosse mais do que um pequeno e incômodo lamento. Mas eu ainda não tinha as duras realidades da vida em minhas mãos como Ernest tinha. Ele viu claramente a futilidade da grande alma do bispo, como os próximos eventos logo me mostrariam tão claramente.

Foi logo depois desse dia que Ernest me contou, como uma boa história, a oferta que recebera do governo, a saber, uma nomeação como Comissário do Trabalho dos Estados Unidos. Eu fiquei muito feliz. O salário era relativamente alto e tornaria nosso casamento seguro. Certamente, seria um trabalho agradável para Ernest e, além disso, meu orgulho ciumento por ele me fez saudar a nomeação oferecida como um reconhecimento de suas habilidades.

Então, notei o brilho em seus olhos. Ele estava rindo de mim.

— Você vai... recusar? — eu estremecei.

— É um suborno — disse ele. — Atrás disso está a boa mão de Wickson e, atrás dele, as mãos de homens maiores que ele. É um velho truque, tão velho quanto a luta de classes: cooptar os capitães do exército operário. Pobre trabalhador traído! Se você soubesse quantos de seus líderes foram comprados de maneira semelhante no passado. É mais barato, muito mais barato, comprar um general do que lutar contra ele e todo o seu exército. Isso já aconteceu, mas não vou dizer nomes. Já estou amargo o suficiente no momento. Meu amor, sou um capitão do trabalho. Não consigo me vender. Mesmo sem outra razão, a memória de meu pobre pai e a maneira como ele trabalhou até a morte me impediriam.

Lágrimas encheram os olhos do meu grande e forte herói. Ele nunca poderia perdoar a forma como seu pai tinha sido malformado, as mentiras sórdidas e os furtos mesquinhos a que ele fora obrigado a fim de colocar comida na boca de seus filhos.

— Meu pai era um bom homem — Ernest me disse certa vez. — Sua alma era boa, ainda assim estava distorcida, mutilada e embotada pela selvageria de sua vida. Ele foi transformado em uma fera ferida por seus patrões, os arquiinimais. Ele deveria estar vivo hoje, como seu pai. Ele tinha uma constituição forte. Mas ele foi pego pela máquina

e trabalhou até a morte para obter seu lucro. Pense nisso. Para o seu lucro, seu sangue vital foi transmutado em um banquete, uma joia preciosa, ou alguma orgia sensorial que os ricos parasitas e ociosos, seus patrões, os arquianimais, tanto gostam.

## CAPÍTULO 7. A VISÃO DO BISPO

**E** rnest escreveu em uma carta:

*O bispo enlouqueceu, ele está claramente fora de si. Esta noite, ele vai começar a colocar em ordem este nosso mundo miserável. Ele vai entregar sua mensagem. Ele me contou, e não consegui dissuadi-lo. Hoje à noite, ele preside o IPH,<sup>51</sup> e ele irá incorporar sua mensagem em suas observações introdutórias.*

*Posso levá-la para ouvi-lo? Claro, ele está condenado. Vai partir o seu coração — vai partir o dele; mas para você será uma excelente lição objetiva. Você sabe, meu amor, como sou orgulhoso do seu amor. E, por isso, quero que você conheça meu valor máximo, quero resgatar, aos seus olhos, uma pequena parte de minha dignidade.*

---

51 Não há nenhuma pista a respeito do nome da organização que essas iniciais representam.

*E é assim que meu orgulho deseja que você saiba que meu pensamento é correto e direito. Minhas opiniões são duras; a futilidade de uma alma tão nobre como a do bispo mostrará a compulsão por tal dureza. Então, venha esta noite. Por mais triste que seja o acontecimento, sinto que isso apenas atrairá você para mais perto de mim.*

O IPH realizou sua convenção naquela noite em São Francisco.<sup>52</sup> Essa convenção foi convocada para considerar a imoralidade pública e o remédio para ela. O bispo Morehouse presidia. Ele estava muito nervoso quando se sentou no palanque, a alta pressão sob a qual ele estava era visível. Ao seu lado, estavam o bispo Dickinson; H.H. Jones, chefe do Departamento de Ética da Universidade da Califórnia; a sra. W.W. Hurd, a grande organizadora de caridades; Philip Ward, também um grande filantropo; e vários luminares menores no campo da moralidade e da caridade. O bispo Morehouse levantou-se e começou abruptamente:

— Eu andava pelas ruas em meu *brougham*. Era noite. De vez em quando, eu olhava pela janela e, de repente, meus

---

52 Demorava-se apenas alguns minutos para atravessar de balsa de Berkeley a São Francisco. Essas e as outras cidades da baía praticamente compunham uma comunidade.

olhos pareciam se abrir e eu via as coisas como realmente são. A princípio, cobri os olhos com as mãos para impedir a visão terrível e, então, na escuridão, me veio a pergunta: o que fazer? O que deve ser feito? Um pouco mais tarde me veio a pergunta de outra forma: O que o Mestre faria? E, com a pergunta, uma grande luz pareceu encher o lugar, e eu vi meu dever claramente, como Saulo viu o seu a caminho de Damasco.

“Eu parei o carro, desci e, depois de alguns minutos de conversa, convenci duas das mulheres da rua a entrarem comigo. Se Jesus estava certo, então essas duas infelizes eram minhas irmãs, e a única esperança de sua purificação estava em meu afeto e ternura.

“Eu moro em uma das localidades mais belas de São Francisco. A casa em que moro custa cem mil dólares, seus móveis, livros e obras de arte custam muito mais. A casa é uma mansão. Melhor, é um palácio com muitos empregados. Nunca entendi para que serviam os palácios. Eu achava que para morarmos neles. Mas agora eu sei. Levei as duas mulheres ao meu palácio e elas irão morar comigo. Espero encher todos os cômodos do meu palácio com irmãs como elas.”

O público ficava cada vez mais inquieto e desconfortável, os rostos daqueles que estavam sentados no palanque mostravam cada vez mais consternação e desânimo. E, nesse

momento, o bispo Dickinson se levantou e, com uma expressão de desgosto, desceu do palanque e foi embora. Mas o bispo Morehouse, alheio a todos, com seus olhos cheios de sua visão, continuou:

— Oh, irmãs e irmãos, neste meu ato, encontro a solução de todas as minhas dificuldades. Eu não sabia para que eram feitos os *broughams*, mas agora eu sei. Eles são feitos para carregar os fracos, os doentes e os idosos. Eles são feitos para honrar aqueles que perderam até mesmo o senso de vergonha.

“Eu não sabia para que eram feitos os palácios, mas agora encontrei um uso para eles. Os palácios da Igreja devem ser hospitais e berçários para aqueles que caíram à beira do caminho e estão perecendo.”

Ele fez uma longa pausa, claramente dominado pelo pensamento que estava dentro dele, e atento sobre a melhor forma de expressá-lo.

— Não estou apto, queridos irmãos, para lhes dizer qualquer coisa sobre moralidade. Eu vivi na vergonha e na hipocrisia por muito tempo para poder ajudar os outros. Mas minha ação com essas mulheres, minhas irmãs, me mostrou que o melhor caminho é fácil de encontrar. Para aqueles que creem em Jesus e em seu evangelho, não pode haver outra relação entre os homens além da relação de



afeto. Somente o amor é mais forte que o pecado, é mais forte que a morte. Portanto, digo aos ricos entre vocês que é seu dever fazer o que fiz e estou fazendo. Que cada um de vocês, prósperos, leve para sua casa algum ladrão e o trate como seu irmão; alguma infeliz e a trate como sua irmã. Assim, São Francisco não precisará mais da polícia nem dos magistrados. As prisões serão transformadas em hospitais, e os criminosos desaparecerão com seus crimes.

“Devemos doar a nós mesmos e não apenas o nosso dinheiro. Devemos fazer como Cristo fez; esta é a mensagem da Igreja hoje. Nós nos afastamos dos ensinamentos do Mestre. Somos consumidos em nossos próprios invólucros de carne. Colocamos Mamom no lugar de Cristo. Tenho aqui um poema que conta toda a história. Eu gostaria de ler para vocês. Foi escrito por uma alma errante que ainda via claramente.<sup>53</sup> Não deve ser confundido com um ataque à Igreja Católica. É um ataque a todas as igrejas, à pompa e ao esplendor de todas as igrejas que se desviaram do caminho do Mestre e se protegeram de seus cordeiros. Aqui está:

---

53 Oscar Wilde, um dos senhores da linguagem do século 19 da Era Cristã.

*As trombetas de prata soaram pela redoma;  
O povo se ajoelhou no chão, arrebatados;  
E eu vi, elevado sobre suas cabeças,  
Como um grande Deus, o Santo Senhor de Roma.*

*Seu manto era mais branco que a espuma do mar,  
E, como um rei, envolvia-se em vermelho nobre,  
Três coroas de ouro se equilibravam em sua frente;  
Em esplendor e em luz, o Papa se dirigia ao lar.*

*Meu coração regrediu ao longo de décadas perdidas  
Para alguém que navegava um mar solitário;  
E procurava em vão qualquer lugar de descanso:  
“As raposas têm tocas, e cada pássaro seu ninho,  
Eu, somente eu, devo vagar sem rumo,  
E machucar meus pés, e beber vinho salgado com lágrimas.”*

A plateia estava agitada, mas sem reação. No entanto, o bispo Morehouse não estava ciente disso. Ele se manteve firme em seu caminho.

— E, por isso, digo aos ricos entre vós, e a todos os ricos que oprimem amargamente os cordeiros do Mestre. Seus corações viraram pedra. Vocês fecharam seus ouvidos para as vozes que clamam do chão, as vozes de dor e tristeza que

vocês não ouvem agora, mas que algum dia serão ouvidas. E então eu digo...

Mas, nesse momento, H.H. Jones e Philip Ward, que já haviam se levantado de suas cadeiras, levaram o bispo para fora da plataforma sob o olhar de uma plateia chocada.

Ernest riu dura e selvagememente quando ganhamos a rua. Sua risada me abalou. Meu coração parecia prestes a explodir com lágrimas reprimidas.

— Ele entregou sua mensagem — gritou Ernest. — A humanidade e a natureza profundamente oculta e terna de seu bispo explodiram, e seu público cristão, que o amava, concluiu que ele está louco! Você viu como o conduziram com tanta solícitude do palanque? O inferno deve ter rido com a cena.

— No entanto, causará uma grande impressão o que o bispo fez e disse esta noite — eu disse.

— Você acha? — Ernest perguntou ironicamente.

— Vai causar comoção — eu afirmei. — Você não viu os repórteres rabiscando como loucos enquanto ele falava?

— Nenhuma linha aparecerá nos jornais de amanhã.

— Eu não posso acreditar nisso — eu exclamei.

— Espere e verá — foi a resposta. — Nem uma linha, nem um pensamento que ele proferiu. A imprensa diária? A repressão diária!

— Mas os repórteres — eu retruquei. — Eu os vi.

— Nenhuma palavra que ele pronunciou será impressa.

Você se esqueceu dos editores. Eles recebem seus salários pela política que mantêm. Sua política é não imprimir nada que ameace o mercado. A declaração do bispo foi um violento ataque à moral estabelecida. Foi uma heresia. Eles o levaram do palanque para impedi-lo de proferir mais here-sias. Os jornais purgarão sua heresia com o esquecimento do silêncio. A imprensa dos Estados Unidos? É um parasita que se alimenta da classe capitalista. Sua função é servir ao mercado moldando a opinião pública, e o fazem muito bem.

“Estou tendo uma visão. Os jornais de amanhã apenas mencionarão que o bispo está com problemas de saúde, que tem trabalhado muito e que teve um colapso na noite passada. A próxima menção, daqui a alguns dias, será no sentido de que ele está sofrendo de prostração nervosa e que recebeu férias de seu rebanho agradecido. Depois disso, uma de duas coisas acontecerá: ou o bispo verá o erro de seu caminho e voltará das férias um homem são em cujos olhos não haverá mais visões; ou então ele persistirá em sua loucura, e você verá nos jornais, patética e ternamente, o anúncio de sua insanidade. Depois disso, ele será deixado para balbuciar suas visões em celas acolchoadas.

— Agora você foi longe demais! — exclamei.

— Aos olhos da sociedade, será realmente insanidade — respondeu ele. — Que homem honesto, que não é louco, levaria mulheres perdidas e ladrões para sua casa e morar com ele como irmãos e irmãs? É verdade que Cristo morreu entre dois ladrões, mas isso é outra história. Insanidade? Os processos mentais do homem com quem se discorda estão sempre errados. Portanto, a mente do homem está errada. Onde está a linha entre a mente errada e a mente insana? É inconcebível que qualquer homem sensato discorde radicalmente de suas conclusões mais sãs.

“Há um bom exemplo disso no jornal de hoje. Mary McKenna mora ao sul da Market Street. Ela é uma mulher pobre, mas honesta. Ela também é patriota. Mas ela tem ideias errôneas sobre a bandeira americana e a proteção que ela deveria simbolizar. E aqui está o que aconteceu com ela. Seu marido sofreu um acidente e ficou três meses internado. Apesar de lavar roupa para fora, ela atrasou o aluguel. Ontem, eles a despejaram. Mas primeiro ela içou uma bandeira americana e, embaixo da flâmula, anunciou que, em virtude de sua proteção, eles não poderiam despejá-la na rua. O que foi feito? Ela foi presa e acusada de insanidade. Hoje ela foi examinada pelos especialistas de sempre e foi considerada louca. Ela foi enviada para o Napa Asylum.”

— Mas isso é absurdo — objetei. — Suponha que eu discorde de todo mundo sobre o estilo literário de um livro. Eles não me mandariam para um asilo por isso.

— Muito verdade — respondeu ele. — Mas tal divergência de opinião não constituiria ameaça à sociedade. Aí está a diferença. A divergência de opinião de Mary McKenna e do bispo ameaçam a sociedade. E se todos os pobres se recusassem a pagar aluguel e se abrigassem sob a bandeira? O latifúndio desmoronaria. As opiniões do bispo são igualmente perigosas à sociedade. Portanto, vão mandá-lo para o manicômio.

Mas ainda assim eu me recusava a acreditar.

— Espere para ver — disse Ernest, e eu esperei.

Na manhã seguinte, mandei buscar todos os jornais. Até então Ernest estava certo. Nenhuma palavra sobre o bispo Morehouse. Foi mencionado em um ou dois dos jornais que ele havia sido tomado por sentimentos. No entanto, os chavões dos oradores que o seguiram foram relatados em detalhes.

Vários dias depois, foi feito um breve anúncio de que ele havia saído de férias para se recuperar dos efeitos do excesso de trabalho. Até aí tudo bem, mas não havia sinal de insanidade, nem mesmo de colapso nervoso. Eu mal imaginava a terrível estrada que o bispo estava destinado a percorrer — o Getsêmani e a crucificação sobre os quais Ernest havia comentado.

## CAPÍTULO 8. OS QUEBRA-MÁQUINAS

**P**ouco antes de Ernest concorrer ao Congresso na chapa socialista, papai deu o que ele chamou, em particular, de seu jantar de “Lucros e prejuízos”. Ernest chamou de “O jantar dos quebra-máquinas”. Na verdade, era apenas um jantar para homens de negócios — pequenos homens de negócios, é claro. Duvido que algum deles estivesse metido em negócios que ultrapassassem algumas centenas de milhares de dólares. Eles eram homens de negócios de classe média, verdadeiramente representativos.

Owen, da Silverberg, Owen & Company — uma grande mercearia com várias filiais — estava presente. Nós comprávamos mantimentos deles. Havia ambos os sócios da grande empresa farmacêutica Kowalt & Washburn, e o sr. Asmunsen, proprietário de uma grande pedreira de granito no condado de Contra Costa. E havia muitos homens semelhantes, proprietários ou sócios de pequenas fábricas, pequenas empresas e pequenas indústrias — pequenos capitalistas, em suma.

Eram homens de rosto astuto, interessantes, e falavam com simplicidade e clareza. Sua reclamação unânime era contra as corporações e os trustes. O lema deles era: “Abaixo os trustes”. Toda opressão se originava nos trustes, todos contavam a mesma história de aflição. Eles defendiam que o governo deveria gerir os trustes como ferrovias e telégrafos, e um aumento no imposto de renda, com graus de ferocidade equivalentes, para destruir grandes fortunas. Da mesma forma, eles defendiam, como cura para os males locais, a gestão municipal de serviços públicos como água, gás, telefone e ferrovias.

Especialmente interessante foi a narrativa do sr. Asmunsen sobre suas tribulações como proprietário de uma pedreira. Confessou que nunca tivera lucro com sua pedreira, e isso, apesar do enorme volume de negócios causado pela destruição do grande terremoto de São Francisco. Por seis anos, a reconstrução de São Francisco vinha acontecendo, seu negócio quadruplicara e octuplicara e, mesmo assim, ele não estava em melhor situação.

— A ferrovia conhece meu negócio um pouco melhor do que eu — disse ele. — Ela conhece minhas despesas operacionais até os centavos e conhece os termos dos meus contratos. Como ela sabe essas coisas, só posso adivinhar. Devem ter espões a seu serviço e devem ter



acesso a todos os meus contratos. Pois vejam, quando fecho um grande contrato, cujos termos me dariam um bom lucro, a taxa de frete da minha pedreira no mercado é prontamente aumentada. Nenhuma explicação é feita. A ferrovia fica com meu lucro. Sob tais circunstâncias, nunca consegui que a ferrovia reconsiderasse seus aumentos. Por outro lado, quando há acidentes, aumento das despesas de operação, ou contratos menos rentáveis, sempre consigo fazer com que a ferrovia baixe suas tarifas. Qual é o resultado? Grande ou pequena, a ferrovia sempre fica com meus lucros.

— O que resta para você depois disso — Ernest interrompeu para comentar — seria aproximadamente o equivalente ao salário de um gerente da ferrovia se ela fosse dona da pedreira.

— Basicamente — concordo o sr. Asmunsen. — Há pouco tempo, revisei meus registros dos últimos dez anos. Descobri que nesses dez anos meu ganho foi equivalente ao salário de um gerente. A ferrovia poderia muito bem ser dona da minha pedreira e me contratar para administrá-la.

— Mas se fosse assim — Ernest sorriu —, a ferrovia teria de assumir todo o risco que você tão gentilmente assume por ela.

— É verdade — o sr. Asmunsen respondeu, tristemente.

Depois de deixá-los falar, Ernest começou a fazer perguntas. Ele começou com o sr. Owen:

— Você abriu uma filial aqui em Berkeley cerca de seis meses atrás?

— Sim — respondeu o sr. Owen.

— E, desde então, tenho notado que três pequenas mercearias de esquina fecharam. Foi a sua filial que causou isso?

O sr. Owen afirmou com um sorriso complacente:

— Eles não tinham chance contra nós.

— Por que não?

— Tínhamos um capital maior. Em grandes negócios, há sempre menos desperdício e maior eficiência.

— E sua filial absorveu os lucros das três menores. Entendo. Mas, me diga, o que aconteceu com os donos das três lojas?

— Um virou nosso motorista. Não sei o que aconteceu com os outros dois.

Ernest virou-se abruptamente para o sr. Kowalt.

— Você vende muito a preços reduzidos.<sup>54</sup> O que aconteceu com os donos das pequenas drogarias que você forçou contra a parede?

---

54 Tratavam-se de reduções no preço de venda, até mesmo abaixo do custo de produção. Assim, uma grande empresa poderia vender com prejuízo por um período mais longo do que uma

— Um deles, o sr. Haasfurther, é agora responsável pelo nosso setor de prescrições — foi a resposta.

— E você absorveu os lucros que eles tinham?

— Certamente. É para isso que estamos no negócio.

— E você? — Ernest se voltou de repente ao sr. Asmunsen. — Você está ultrajado porque a ferrovia absorveu seus lucros?

O sr. Asmunsen assentiu.

— O que você quer é que os lucros sejam seus?

Novamente, o sr. Asmunsen assentiu.

— Danem-se os outros?

Não houve resposta.

— Danem-se os outros? — Ernest insistiu.

— É assim que os lucros são feitos — respondeu Asmunsen, secamente.

— Então, o jogo dos negócios é lucrar com os outros e impedir que outros lucrem com você. É isso, não é?

Ernest teve de repetir sua pergunta antes que o sr. Asmunsen desse uma resposta. E, então, ele disse:

— Sim, é isso, exceto que não nos opomos a que os outros obtenham lucros, desde que não sejam extorsivos.

---

pequena empresa e, dessa forma, levar a pequena empresa à falência. Um dispositivo comum de competição comercial.

— Por extorsivo, você quer dizer grande. Mas você não se opõe a fazer grandes lucros sozinho? Certamente não.

E o sr. Asmunsen amavelmente confessou sua fraqueza. Ernest questionou outro homem naquele momento, um sr. Calvin, um ex-grande proprietário de laticínios.

— Há algum tempo você lutava contra o Truste do Leite — disse Ernest. — E agora você está na legislação agropecuária.<sup>55</sup> Como isso aconteceu?

— Ora, eu não desisti da luta — o sr. Calvin respondeu, ele parecia bastante beligerante. — Estou lutando contra o truste no único campo em que é possível lutar, o campo político. Veja bem, há alguns anos, nós, leiteiros, fazíamos tudo do nosso jeito.

— Mas vocês competiam entre vocês? — Ernest interrompeu.

— Sim e isso manteve os lucros baixos. Tentamos nos organizar, mas os leiteiros independentes sempre nos atrapalhavam. Então, veio o Truste do Leite.

---

55 Muitos esforços foram feitos durante este período para organizar a classe dos fazendeiros em um partido político, cujo objetivo seria destruir os trustes e corporações por meio de uma legislação drástica. Todas essas tentativas fracassaram.

— Financiado pelo capital excedente da Standard Oil<sup>56</sup>  
— observou Ernest.

— Sim — reconheceu o sr. Calvin. — Mas não sabíamos disso na época. Seus agentes nos abordaram com um taco nas mãos. “Entre e engorde”, era a proposta deles, “ou fique de fora e morra de fome”. A maioria de nós entrou. Aqueles que não entraram, morreram de fome. Ah, no começo eles nos pagaram. O litro do leite subiu um centavo. Um quarto desse centavo chegava até nós. Três quartos iam para o Truste. Então, o leite subiu mais um centavo, só que desse não vimos nada. Nossas reclamações foram inúteis. O Truste estava no controle. Descobrimos que éramos peões. Finalmente, o quarto de centavo adicional nos foi tirado. Assim, o Truste começou a nos espremer. O que poderíamos fazer? Fomos espremidos. Os produtores de leite haviam desaparecido, havia sobrado apenas o Truste do Leite.

— Mas com o leite dois centavos mais caro você não poderia competir? — Ernest sugeriu, maliciosamente.

— Assim pensamos. Nós tentamos — o Sr. Calvin parou por um momento. — Mas falhamos. O Truste poderia colocar leite no mercado mais barato do que nós. Ele ainda

---

56 O primeiro grande truste bem-sucedido, quase uma geração antes dos outros.

tinha um pequeno lucro enquanto vendíamos com prejuízo real. Gastei cinquenta mil dólares nesse empreendimento. A maioria de nós faliu.<sup>57</sup> Os produtores foram varridos da existência.

— Então, o Truste tirou os lucros de vocês — disse Ernest —, e você entrou na política para legislar sobre a extinção do Truste e recuperar seus lucros?

O rosto do sr. Calvin se iluminou.

— É exatamente isso o que digo em meus discursos aos agricultores. Essa é a nossa ideia, em resumo.

— E, no entanto, o Truste produz leite mais barato do que os laticínios independentes? — Ernest perguntou.

— Por que não deveria, com a esplêndida organização e as novas máquinas que seu grande capital torna possível?

— Não há discussão — respondeu Ernest. — Certamente deveria. Além disso, é um fato.

O sr. Calvin se lançou em um discurso político para expor seus pontos de vista. Ele foi calorosamente seguido por vários outros, o clamor de todos era destruir os trustes.

---

57 Falência era uma instituição peculiar que permitia a um indivíduo fracassado, em uma indústria competitiva, renunciar ao pagamento de suas dívidas. O efeito buscava amenizar as condições extremamente selvagens da feroz luta social.

— Pobre gente simples — Ernest me disse em voz baixa. — Eles veem claramente até onde conseguem, mas veem apenas até a ponta do nariz.

Um pouco mais tarde, ele conseguiu a palavra de novo e, à sua maneira característica, controlou-a pelo resto da noite.

— Eu escutei cuidadosamente todos vocês — ele começou —, e vejo claramente que jogam o jogo dos negócios da maneira ortodoxa. A vida de vocês se resume aos lucros. Vocês têm uma crença firme e permanente de que foram criados com o único propósito de obter lucros. Só há um empecilho. No meio de seu próprio lucro, vem o truste e rouba seus lucros. Este é um dilema que interfere de alguma forma no objetivo da criação, e a única saída, ao que parece, é destruir aquilo que tira os lucros de vocês.

“Eu escutei com atenção, há apenas um nome que irá resumir vocês. Vou chamá-los por esse nome. Vocês são quebra-máquinas. Vocês sabem o que é um quebra-máquinas? Vou lhes contar uma história. No século 18, na Inglaterra, homens e mulheres teciam em teares manuais em suas próprias casas. Era uma maneira lenta, desajeitada e cara de fazer tecidos, um sistema artesanal de fabricação. Então, vieram o motor a vapor e as máquinas que economizavam trabalho. Mil teares montados em uma grande fábrica e acionados por um motor central teciam tecidos muito mais baratos

que os tecelões caseiros em seus teares manuais. Na fábrica, havia uma combinação e, diante disso, a concorrência desaparecia. Os homens e mulheres que haviam trabalhado em teares manuais para si mesmos, agora, iam para as fábricas e trabalhavam nos teares mecânicos, não para si mesmos, mas para os proprietários das fábricas. Além disso, criancinhas foram trabalhar nos teares, com salários mais baixos, e tiraram empregos dos homens. Aqueles foram tempos difíceis para todos. Seu padrão de vida caiu. Eles morriam de fome. E eles disseram que era tudo culpa das máquinas. Portanto, começaram a quebrar as máquinas. Eles não tiveram sucesso e foram muito ignorantes.

“No entanto, vocês não aprenderam a lição deles. Aqui estão vocês, um século e meio depois, tentando quebrar máquinas. Por sua própria confissão, as máquinas dos trustes fazem o trabalho de forma mais eficiente e mais barata. É por isso que não se pode competir com elas. E, ainda assim, vocês quebrariam essas máquinas. Vocês são ainda mais estúpidos do que os ignorantes operários da Inglaterra. E, enquanto você fala sobre restaurar a competição, os trustes vão continuar destruindo vocês.

“Todos vocês contam a mesma história: o fim da competição e o surgimento da combinação, da produtividade. O senhor, sr. Owen, destruiu a concorrência aqui em Berkeley



quando sua filial levou as três pequenas mercearias à falência. Sua combinação foi mais eficaz. No entanto, você sente a pressão de outras forças sobre você, as combinações dos trustes, e reclama. É porque você não é um truste. Se você fosse uma mercearia para os Estados Unidos inteiros, estaria cantando outra música. E a música seria: “Benditos sejam os trustes”. E, mais uma vez, não apenas sua pequena produção não é um truste, mas você mesmo está ciente de sua falta de força. Você está começando a vislumbrar o seu próprio fim. Você se vê e às suas lojas como peões em um jogo. Você vê os interesses dos poderosos crescendo e se tornando mais poderosos a cada dia. Você sente as mãos deles cobertas em cotas de malha descendo sobre seus lucros e tomando um pouco daqui e dali. O truste da ferrovia, o truste do petróleo, o truste do aço, o truste do carvão. E você sabe que eles vão destruí-lo no final, vão tirar de você o último por cento de seus pequenos lucros.

“Você, senhor, é um péssimo jogador. Quando você espremeu os três pequenos armazéns aqui em Berkeley em virtude de sua gestão superior, você inchou o peito, falou sobre eficiência e iniciativa e enviou sua esposa para a Europa com os lucros que tirou dos três menores. É cachorro que come cachorro, e você os comeu. Mas, por outro lado, você está sendo comido por cães maiores, por isso, você reclama.

E o que eu digo a vocês é uma verdade para todos nesta mesa. Vocês estão todos gritando. Todos vocês estão jogando o jogo do perdedor, e todos reclamam disso.

“Mas, quando vocês gritam, vocês não declaram a situação categoricamente, como eu coloquei. Vocês não confessam que gostam de tirar os lucros dos outros e que estão brigando porque outros estão tirando os lucros de vocês. Não, vocês são espertos demais para isso. Vocês dizem outra coisa. Vocês fazem discursos políticos de pequenos capitalistas como o sr. Calvin. O que ele disse? Aqui estão algumas de suas frases que eu peguei: “Nossos princípios originais estão corretos”, “O que este país exige é um retorno aos métodos americanos fundamentais, oportunidades para todos”, “O espírito de liberdade em que esta nação nasceu”, “Voltemos aos princípios de nossos antepassados”.

“Quando ele diz “oportunidades para todos”, ele quer dizer liberdade para espremer lucros, liberdade que agora lhe é negada pelos grandes trustes. E o absurdo disso é que você repetiu essas frases com tanta frequência que acredita nelas. Você quer a oportunidade de saquear seus semelhantes do seu jeito, mas se hipnotiza pensando que quer liberdade. Você é um porquinho ganancioso, mas a magia de suas frases o leva a acreditar que você é um patriota. Seu desejo de

lucro, que é puro egoísmo, se metamorfoseia em solicitude altruísta pela humanidade sofredora. Agora, aqui entre nós, seja honesto pelo menos uma vez. Olhe o assunto de frente e o exponha em termos corretos.”

Havia rostos corados e irritados à mesa, mas também certa admiração. Estavam um pouco assustados com aquele jovem de rosto ameno, com a potência e o trovoar de suas palavras, e sua terrível característica de dar nome aos bois. O sr. Calvin respondeu prontamente.

— E por que não? — ele demandou. — Por que não podemos voltar aos caminhos de nossos pais quando esta república foi fundada? Você falou muitas verdades, sr. Everhard, por mais desagradável que pareçam. Mas aqui entre nós podemos falar. Vamos jogar fora todo o disfarce e aceitar a verdade como o sr. Everhard declarou categoricamente. É verdade que nós, capitalistas menores, queremos lucrar, e que os trustes estão tirando os lucros de nós. É verdade que queremos destruir os trustes para que nossos lucros continuem nossos. E por que não podemos fazê-lo? Por que não? Eu repito: por que não?

— Ah, agora chegamos à essência do assunto — disse Ernest com uma expressão satisfeita. — Vou tentar lhe explicar por que não, embora entender será bem mais difícil. Vejam, vocês estudaram administração, em pequena escala,

mas absolutamente não estudaram a evolução social. Vocês estão em meio a um estágio de transição da evolução econômica, mas vocês não entendem isso, e essa é a causa de toda a confusão. Por que não voltar para o passado? Porque é impossível. Vocês não podem fazer a água correr morro acima, assim como não se pode fazer a maré da evolução econômica fluir de volta pelo longo caminho que já trilhou. Josué fez o sol parar em Gibeão, mas vocês teriam de superar Josué. Vocês fariam o sol retroceder no céu. Vocês teriam de fazer o meio-dia voltar a ser madrugada.

“Em face do maquinário que economiza trabalho, da produção organizada, da maior eficiência na produção, você faria o sol econômico retroceder uma geração inteira ou mais, até o momento em que não havia grandes capitalistas, nem grandes máquinas, nem ferrovias. Voltariam a uma época em que uma multidão de pequenos capitalistas guerreava entre si na anarquia econômica, um tempo no qual a produção era primitiva, desperdiçada, desorganizada e cara. Acredite, a tarefa de Josué era mais fácil e ele tinha Jeová para ajudá-lo. Mas Deus os abandonou, meus pequenos capitalistas. O sol dos pequenos capitalistas está se pondo. Nunca mais vai alvorecer. Nem está em seu poder fazê-lo parar. Vocês estão perecendo, e vocês estão condenados a desaparecer totalmente da face da sociedade.

“Este é o decreto da evolução. É a palavra de Deus. A combinação é mais forte que a concorrência. O homem primitivo era uma criatura insignificante escondida nas fendas das rochas. Ele se organizou e fez guerra contra seus inimigos carnívoros. Eram feras competitivas. O homem primitivo era uma besta organizatória e, por isso, elevou-se à primazia sobre todas as feras. E o homem vem conseguindo combinações cada vez maiores desde então. É a combinação *versus* a competição, uma luta de mil séculos, na qual a competição sempre foi derrotada. Quem se alista do lado da concorrência perece.”

— Mas os próprios trustes surgiram da competição — interrompeu o sr. Calvin.

— É verdade — respondeu Ernest. — E os próprios trustes destruíram a concorrência. Este, usando sua própria frase, é o motivo pelo qual você não está mais no ramo dos laticínios.

A primeira risada da noite correu ao redor da mesa, e até o sr. Calvin juntou-se ao riso contra si mesmo.

— E, agora, enquanto falamos de trustes — Ernest continuou — vamos estabelecer algumas coisas. Farei certas declarações e, se você discordar delas, fale. O silêncio significará concordância. Não é verdade que um tear mecânico tece mais tecidos e tece mais barato do que um tear manual? — Ele fez

uma pausa, mas ninguém falou. — Não é então altamente irracional quebrar o tear mecânico e voltar ao método de tecelagem manual desajeitado e mais caro? — Cabeças assentiram em aquiescência. — Não é verdade que aquilo conhecido como truste produz de forma mais eficiente e barata do que mil pequenas empresas concorrentes? — Ainda ninguém se opôs. — Então, não se torna irracional destruir essa organização barata e eficiente?

Por um longo tempo, ninguém respondeu. Então, o sr. Kowalt se pronunciou:

— O que vamos fazer, então? — demandou. — Destruir os trustes é a única maneira que vemos para escapar de sua dominação.

Ernest era todo fogo e vivacidade nesse instante.

— Eu vou apresentar outro caminho! — ele exclamou. — Não vamos destruir essas máquinas maravilhosas que produzem de forma tão eficiente e barata. Vamos controlá-las. Nós vamos lucrar com sua eficiência e baixo custo. Vamos fazê-las trabalhar para nós mesmos. Vamos expulsar os atuais donos das máquinas maravilhosas e vamos possuir as máquinas maravilhosas nós mesmos. Isso, senhores, é o socialismo, uma organização maior que os trustes, uma combinação econômica e social maior do que qualquer outra que este planeta já teve. Está em consonância com a evolução.

Combatemos uma organização com outra ainda maior. Este é o lado dos vencedores. Venham para o lado socialista e joguem do lado vencedor.

Foi quando surgiu a dissidência. Houve um balançar de cabeças e murmúrios.

— Tudo bem, então, vocês preferem ser anacronismos — Ernest riu. — Vocês preferem desempenhar papéis tradicionais. Vocês estão condenados a perecer como todos os atavismos perecem. Alguma vez vocês já se perguntaram o que acontecerá com vocês quando surgirem organizações maiores do que as atuais? Vocês já consideraram onde estarão quando os próprios trustes se organizarem em uma combinação de organizações — trustes sociais, econômicos e políticos?

Ele se virou abruptamente para o sr. Calvin.

— Diga-me — inquiriu Ernest — se isso não é verdade. Você é obrigado a formar um novo partido político porque os antigos estão nas mãos dos trustes. O principal obstáculo à sua propaganda agropecuária são os trustes. Atrás de cada obstáculo que você encontra, a cada golpe que recebe, a cada derrota, estão as mãos dos trustes. Não é assim? Conte para nós.

O sr. Calvin sentou-se em um silêncio desconfortável.

— Conte — Ernest encorajou.

— É verdade — confessou o sr. Calvin. — Nós conquistamos a legislatura estadual de Oregon e aprovamos uma esplêndida legislação protetora, que foi vetada pelo governador, que é uma criatura dos trustes. Elegemos o governador do Colorado e o legislativo se recusou a permitir que ele assumisse o cargo. Por duas vezes, aprovamos um imposto de renda nacional, e todas as vezes a Suprema Corte o considerou inconstitucional. Os tribunais estão nas mãos dos trustes. Nós, o povo, não pagamos suficientemente aos nossos juízes. Mas chegará um dia...

— Quando a combinação dos trustes controlar toda a legislação, quando a combinação dos trustes for o próprio governo — interrompeu Ernest.

— Nunca! Nunca! — foram os gritos que surgiram. Todos estavam exaltados e beligerantes.

— Conte para nós — Ernest exigiu — o que você fará quando esse momento chegar?

— Nós mostraremos toda a nossa força! — O sr. Asmunsen exclamou, muitas vozes apoiaram sua decisão.

— Que será uma guerra civil — Ernest os advertiu.

— Que assim seja, uma guerra civil — foi a resposta do sr. Asmunsen, com os gritos de todos os homens à mesa atrás dele. — Não esqueceremos os feitos de nossos antepassados. Por nossas liberdades, estamos prontos para lutar e morrer.



Ernest sorriu.

— Não se esqueçam — disse ele — que havíamos concordado tacitamente que a liberdade no seu caso, cavalheiros, significa liberdade para extrair lucros dos outros.

A mesa ficou raivosa, pronta para a briga, mas Ernest controlou o tumulto e se fez ouvir.

— Mais uma pergunta. Quando vocês mostrarem sua força, lembrem-se de que a razão de sua demonstração será que o governo está nas mãos dos trustes. Portanto, contra a sua força, o governo vai enviar o exército, a marinha, a milícia, a polícia... em suma, toda a máquina de guerra organizada dos Estados Unidos. Qual será o papel da sua força, então?

O desânimo se estampou em seus rostos e, antes que pudessem se recuperar, Ernest atacou novamente.

— Vocês se lembram, não muito tempo atrás, quando nosso contingente no exército tinha apenas cinquenta mil homens? Ano após ano foi aumentando até que hoje temos trezentos mil.

Então, ele atacou novamente.

— E isso não é tudo. Enquanto vocês perseguiam diligentemente aquele seu fantasma favorito, o chamado lucro, e moralizavam sobre aquele seu fetiche favorito, a chamada competição, coisas ainda maiores e mais terríveis foram realizadas por combinação de fatores. Há a milícia.

— É a nossa força! — gritou o sr. Kowalt. — Com ela, repeliríamos o ataque do contingente regular.

— Você mesmo seria parte da milícia — foi a réplica de Ernest —, e seria enviado para o Maine, ou Flórida, ou Filipinas, ou qualquer outro lugar, para afogar em sangue seus próprios camaradas em uma guerra civil por suas liberdades. Enquanto do Kansas, ou Wisconsin, ou de qualquer outro estado, seus próprios camaradas se alistariam na milícia e viriam aqui para a Califórnia para afogar em sangue sua própria guerra civil.

Agora, eles realmente estavam chocados e ficaram sem palavras, até que o sr. Owen murmurou:

— Nós não entraríamos para a milícia. Isso resolve tudo. Não seríamos tão tolos.

Ernest riu abertamente.

— Você não entende a combinação que foi realizada. Você não escolheria ajudar a si mesmo. Você seria convocado para a milícia.

— Existe uma coisa chamada código civil — insistiu Owen.

— Não quando o governo suspende a lei civil. Nesse dia, quando você fala em aumentar sua força, sua força se voltará contra você mesmo. Querendo ou não, você iria para a milícia. *Habeas corpus*, alguém acabou de murmurar. Em

vez de *habeas corpus*, você obteria um *post mortem*. Se você se recusasse a entrar para a milícia, ou a obedecer depois de entrar, seria julgado por uma corte marcial e executado como um cão. Esta é a lei.

— Não é a lei! — o sr. Calvin afirmou empolgado. — Não existe tal lei. Jovem, você sonhou tudo isso. Ora, você falou em enviar a milícia para as Filipinas. Isso é inconstitucional. A Constituição afirma especialmente que a milícia não pode ser enviada para fora do país.

— O que a Constituição tem a ver com isso? — Ernest indagou. — Os tribunais interpretam a Constituição; e os tribunais, como o sr. Asmunsen concordou, são criaturas dos trustes. Além disso, como eu disse, é a lei. É a lei há anos, há nove anos, senhores.

— Que podemos ser convocados para a milícia? — o sr. Calvin perguntou, incrédulo. — Que eles podem nos fuzilar ao som dos tambores da corte marcial se recusarmos?

— Sim — respondeu Ernest —, exatamente.

— Como é que nunca ouvimos falar dessa lei? — perguntou papai, e pude ver que também era novidade para ele.

— Por duas razões — disse Ernest. — Primeiro, não houve necessidade de aplicá-la. Se houvesse, vocês teriam ouvido falar dela logo. E, em segundo lugar, a lei foi apressada pelo Congresso e pelo Senado secretamente,

praticamente sem discussão. É claro que os jornais não fizeram menção a isso. Mas nós, socialistas, sabíamos. Publicamos em nossos jornais. Mas vocês nunca leem os nossos jornais.

— Eu ainda insisto que você está sonhando — o sr. Calvin disse teimosamente. — O país nunca teria permitido tal coisa.

— Mas o país já permitiu — respondeu Ernest. — E quanto ao meu sonho... — ele colocou a mão no bolso e tirou um pequeno panfleto — diga-me se isso parece coisa de sonho.

Ele abriu o papel e começou a ler:

— Seção 1, seja promulgada, e assim por diante e assim por diante, que a milícia consistirá de todo cidadão do sexo masculino apto dos respectivos estados, territórios e ao Distrito de Colúmbia, que tenha mais de dezoito e menos de quarenta e cinco anos de idade. Seção 7, que qualquer oficial ou alistado (lembrem-se da Seção 1, cavalheiros, todos vocês são alistados), que qualquer alistado da milícia que se recusar ou deixar de se apresentar a tal oficial de recrutamento, ao ser convocado como aqui prescrito, estará sujeito a julgamento por corte marcial e será punido como tal corte marcial determinar. Seção 8, que os tribunais marciais, para o julgamento de oficiais ou homens da milícia,

sejam compostos apenas por oficiais da milícia. Seção 9, que a milícia, quando chamada ao serviço efetivo dos Estados Unidos, estará sujeita às mesmas regras e artigos de guerra que as tropas regulares dos Estados Unidos.

“Aí estão vocês cavalheiros, cidadãos americanos e companheiros de milícia. Nove anos atrás, nós, socialistas, pensávamos que a lei era contra os trabalhadores. Mas parece que foi direcionada contra vocês também. O congressista Wiley, na breve discussão que foi permitida, disse que o projeto de lei “previa uma força de reserva para pegar a turba pela garganta”. Vocês são a turba, cavalheiros. “E proteger de todos os riscos a vida, a liberdade e a propriedade”. E, no futuro, quando vocês apresentarem a sua força, lembrem-se de que estarão se levantando contra a propriedade dos trustes e a liberdade dos trustes, de acordo com a lei, para espremê-los. Seus dentes foram arrancados, cavalheiros. Suas garras foram lixadas. No dia em que vocês mostrarem a sua força, sem dentes e sem garras, vocês serão tão inofensivos quanto um exército de mariscos.

— Não acredito nisso! — Kowalt gritou. — Não existe tal lei. É uma mentira inventada por vocês socialistas.

— Este projeto de lei foi apresentado na Câmara dos Deputados em 30 de julho de 1902 — foi a resposta. — Foi apresentado pelo deputado Dick, de Ohio. Foi aprovado

às pressas, por unanimidade, pelo Senado em 14 de janeiro de 1903. E, apenas sete dias depois, foi sancionado pelo presidente dos Estados Unidos.<sup>58</sup>

---

58 Everhard estava certo nos detalhes essenciais, embora sua data de introdução do projeto de lei esteja errada. O projeto foi apresentado em 30 de junho, e não em 30 de julho. O Registro do Congresso está aqui, em Ardis, e uma referência a ele mostra a menção do projeto nas seguintes datas: 30 de junho; 9, 15, 16 e 17 de dezembro de 1902; e 7 e 14 de janeiro de 1903. A ignorância evidenciada pelos homens de negócios no jantar não era nada incomum. Poucas pessoas sabiam da existência dessa lei. E. Untermann, um revolucionário, em julho de 1903, publicou um panfleto em Girard, Kansas, sobre a "Bula da milícia". Esse panfleto teve certa circulação entre os trabalhadores, mas a segregação de classes já havia chegado a tal ponto que os membros da classe média nunca ouviram falar do panfleto e, dessa forma, permaneceram na ignorância da lei.

## CAPÍTULO 9. A MATEMÁTICA DE UM SONHO

**E**m meio à consternação que sua revelação havia produzido, Ernest voltou a falar:

— Vocês disseram hoje, uma dúzia de vocês disse, que o socialismo é impossível. Vocês afirmaram o impossível, mas agora vou demonstrar o inevitável. Não apenas é inevitável que vocês, pequenos capitalistas, morram, mas é inevitável que os grandes capitalistas, e também os trustes, morram. Lembrem-se de que a maré da evolução nunca flui para trás. Ele flui sem parar; e flui da competição para a combinação; e da pequena combinação para a grande combinação; e da grande combinação para a colossal combinação; e flui para o socialismo, que é a combinação mais colossal de todas.

“Vocês me dizem que eu sonho. Muito bem. Eu lhes darei a matemática do meu sonho. E, de antemão, desafio vocês a mostrar que minha matemática está errada.

Desenvolverei a inevitabilidade do colapso do sistema capitalista e demonstrarei matematicamente por que ele deve ruir. Aqui vai, e tenham paciência comigo se a princípio eu parecer irrelevante.

“Vamos, antes de tudo, investigar um determinado processo industrial, e sempre que eu disser algo com o qual vocês discordam, por favor, me interrompam. Aqui é uma fábrica de sapatos. Esta fábrica pega couro e o transforma em sapatos. Aqui estão cem dólares em couro. Eles passam pela fábrica e saem em forma de sapatos que valem, digamos, duzentos dólares. O que aconteceu? Cem dólares foram adicionados ao valor do couro. Como foi adicionado? Vamos ver.

“O capital e o trabalho somaram esse valor de cem dólares. O capital forneceu a fábrica, as máquinas e pagou todas as despesas. Trabalho gerou trabalho. Pelo esforço conjunto de capital e trabalho foram criados cem dólares de valor. Estão todos de acordo até agora?”

Cabeças acenaram ao redor da mesa em afirmação.

— Trabalho e capital produziram esses cem dólares e agora devemos dividi-los. As estatísticas desta divisão são fracionárias; então, vamos, por conveniência, arredondá-las. O capital recebe cinquenta dólares como sua parte; e o trabalho recebe em salários cinquenta dólares



como sua parte. Não entraremos na disputa sobre a divisão.<sup>59</sup> Não importa quantas disputas ocorram, em uma porcentagem ou outra, a divisão é organizada. E, tomem nota aqui, que o que é verdade para este processo industrial em particular é verdade para todos os processos industriais. Estou certo?

Mais uma vez, toda a mesa concordou com Ernest.

— Agora, suponham que o trabalho, tendo recebido seus cinquenta dólares, quisesse comprar sapatos de volta. Só poderia recomprar o valor de cinquenta dólares. Isso é claro, não é?

“E agora passamos desse processo específico para a soma total de todos os processos industriais nos Estados Unidos, que inclui o próprio couro, matérias-primas, transportes, venda, tudo. Diremos, a título de números redondos, que a produção total de riqueza nos Estados Unidos em um ano é de quatro bilhões de dólares. Então,

---

59 Aqui, Everhard claramente desenvolve a causa de todos os problemas trabalhistas da época. Na divisão da produção conjunta, o capital queria tudo o que pudesse obter, e o trabalho queria tudo o que pudesse obter. Essa disputa pela divisão era irreconciliável. Enquanto existiu o sistema de produção capitalista, trabalho e capital continuaram a disputar pela divisão da produção conjunta. É um espetáculo ridículo para nós, mas não devemos nos esquecer de que temos sete séculos de vantagem sobre os que viveram naquela época.

o trabalho teria recebido em salários, durante o mesmo período, dois bilhões de dólares. Quatro bilhões de dólares foram produzidos. Quanto disso o trabalho pode comprar de volta? Dois bilhões. Não há discussão sobre isso, tenho certeza. Quanto a isso, minhas porcentagens são relativas. Em razão de mil dispositivos capitalistas, o trabalho não pode comprar de volta nem metade do produto total.

“Mas vamos voltar. Diremos que o trabalho compra de volta dois bilhões. Então, é lógico que o trabalho possa consumir apenas dois bilhões. Ainda há outros dois bilhões a serem contabilizados, que o trabalho não pode comprar de volta e consumir.”

— O trabalho não consome nem mesmo seus dois bilhões — disse Kowalt. — Se consumisse, não haveria nenhum depósito nos bancos e poupanças.

— Os depósitos do trabalho nas caixas econômicas são apenas uma espécie de fundo de reserva que se consome tão rápido quanto se acumula. Esses depósitos são guardados para a velhice, para doença e acidentes e para despesas funerárias. Os depósitos das poupanças são simplesmente um pedaço do pão colocado de volta na prateleira para ser comido no dia seguinte. Não, o trabalho consome o produto total que seus salários comprariam de volta.

“Dois bilhões foram deixados para o capital. Depois de pagar suas despesas, ele consome o restante? O capital consome todos os seus dois bilhões?”

Ernest parou e repetiu a pergunta para vários homens. Eles balançaram a cabeça.

— Não sei — disse um deles com franqueza.

— Claro que não sabe — Ernest continuou. — Pare e pense. Se o capital consumisse sua parte, a soma total do capital não poderia aumentar. Permaneceria constante. Se você observar a história econômica dos Estados Unidos, verá que a soma total do capital aumentou continuamente. Portanto, o capital não consome sua parte. Você se lembra de quando a Inglaterra possuía uma parcela de nossos títulos ferroviários? Com o passar dos anos, compramos de volta esses títulos. O que isso significa? Essa parcela não consumida do capital comprou de volta os títulos. Qual é o significado do fato de que hoje os capitalistas dos Estados Unidos possuem centenas e centenas de milhões de dólares em títulos mexicanos, russos, italianos, gregos? O significado é que aquelas centenas e centenas de milhões faziam parte da parte do valor que o capital não consumia. Além disso, desde o início do sistema capitalista, o capital nunca consumiu toda a sua parte.

“E agora chegamos ao ponto. Quatro bilhões de dólares de riqueza são produzidos em um ano nos Estados Unidos. O

trabalho compra de volta e consome dois bilhões. O capital não consome seus dois bilhões restantes. Há um grande saldo que sobra e que não é consumido. O que é feito com esse saldo? O que pode ser feito com isso? O trabalho não pode consumir nada disso, pois o trabalho já gastou todos os seus salários. O capital não consumirá esse saldo, porque, conforme sua natureza, já consumiu tudo o que podia. E ainda permanece o saldo. O que pode ser feito com isso? O que é feito com isso?”

— É vendido no exterior — disse Kowalt como voluntário.

— Exatamente — concordou Ernest. — Por causa desse saldo surge nossa necessidade de um mercado externo. Isso é vendido no exterior. Tem de ser vendido no exterior. Não há outra maneira de se livrar dele. E esse excedente não consumido, vendido no exterior, torna-se o que chamamos de superávit da balança comercial. Estamos todos de acordo até agora?

— Certamente é uma perda de tempo elaborar esses ABCs do comércio — disse o sr. Calvin, sarcasticamente. — Todos nós os entendemos.

— E é com esses ABCs que elaborei com tanto cuidado que vou confundi-lo — retrucou Ernest. — Aí está a beleza disso. E eu vou confundir você com eles agora mesmo. Aqui vai.

“Os Estados Unidos são um país capitalista que desenvolveu seus recursos. De acordo com seu sistema capitalista de indústria, ele tem um excedente não consumido que deve ser eliminado, e que deve ser eliminado no exterior.<sup>60</sup> O que é verdade para os Estados Unidos é verdade para todos os outros países capitalistas com recursos desenvolvidos. Cada um desses países tem um excedente não consumido. Não se esqueça de que eles já negociaram entre si e de que esses excedentes ainda permanecem. O trabalho, em todos esses países, gastou seus salários e não pode comprar nenhum dos excedentes. O capital, em todos esses países, já consumiu tudo o que pode de acordo com sua natureza. E ainda permanecem os excedentes. Eles não podem dispor desses excedentes uns aos outros. Como eles se livrarão deles?”

---

60 Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos alguns anos antes desta época, fez a seguinte declaração pública: “É necessária uma reciprocidade mais liberal e ampla na compra e venda de *commodities*, para que a superprodução dos Estados Unidos possa ser satisfatoriamente despachada para países estrangeiros. É claro que essa superprodução que ele menciona eram os lucros do sistema capitalista, além do poder de consumo dos capitalistas. Foi nessa época que o senador Mark Hanna disse: “A produção de riqueza nos Estados Unidos é, anualmente, um terço maior do que seu consumo.” Também um colega senador, Chauncey Depew, disse: “O povo americano produz anualmente dois bilhões a mais de riqueza do que consome.”

— Vendem para países com recursos subdesenvolvidos  
— sugeriu Kowalt.

— Exatamente. Veja, meu argumento é tão claro e simples que, em suas próprias mentes, você o leva adiante para mim. E agora o próximo passo. Suponha que os Estados Unidos descartem seu excedente em um país subdesenvolvido como, digamos, o Brasil. Lembrem-se de que esse excedente está além do comércio, cujos artigos de comércio foram consumidos. O que, então, os Estados Unidos recebem em troca do Brasil?

— Ouro — disse o Sr. Kowalt.

— Mas não há tanto ouro no mundo — objetou Ernest.

— Ouro na forma de títulos e papéis e assim por diante  
— o sr. Kowalt emendou.

— Agora você acertou — disse Ernest. — Os Estados Unidos, em troca de seu superávit, recebem do Brasil títulos e papéis. E o que isso significa? Significa que os Estados Unidos estão chegando a possuir ferrovias, fábricas, minas e terras no Brasil. E qual é o significado disso, por sua vez?

O sr. Kowalt ponderou e balançou a cabeça.

— Eu vou dizer — Ernest continuou. — Significa que os recursos do Brasil estão sendo desenvolvidos. E, agora, o próximo ponto. Quando o Brasil, sob o sistema capitalista, tiver desenvolvido seus recursos, ele próprio terá um

excedente não consumido. Ele pode se livrar desse excedente para os Estados Unidos? Não, porque os Estados Unidos têm um superávit. Os Estados Unidos podem fazer o que fizeram anteriormente: livrar-se de seu excedente para o Brasil? Não, pois o Brasil agora também tem superávit.

“O que acontece? Os Estados Unidos e o Brasil devem procurar outros países com recursos subdesenvolvidos, para descarregar sobre eles os excedentes. Mas, pelo próprio processo de descarregar os excedentes, os recursos desses países, por sua vez, serão desenvolvidos. Logo eles terão excedentes e estarão procurando outros países para descarregar. Agora, senhores, sigam-me. O planeta tem um tamanho limitado. Quantos países existem no mundo? O que acontecerá quando todos os países do mundo, até o menor e o último, com um excedente em suas mãos, encontrarem todos os outros países com excedentes em suas mãos?”

Ele fez uma pausa e observou seus ouvintes. A perplexidade e a admiração em seus rostos eram deliciosas. A partir de abstrações, Ernest conjurou uma visão e os fez ver. Eles vislumbraram tudo, sentados ali, e se assustaram.

— Começamos com um ABC, sr. Calvin — disse Ernest, maliciosamente. — Eu agora lhes dei o resto do alfabeto. É muito simples. Essa é a beleza. Vocês certamente já entenderam a resposta que virá. O que acontecerá, então, quando

todos os países do mundo tiverem um excedente não consumido? Onde estará seu sistema capitalista, então?

Mas o sr. Calvin balançou sua cabeça preocupada. Ele estava obviamente investigando o raciocínio de Ernest em busca de um erro.

— Deixe-me passar brevemente sobre o terreno com vocês novamente — disse Ernest. — Começamos com um processo industrial específico, a fábrica de calçados. Constatamos que a divisão do produto conjunto que ocorreu ali foi semelhante à divisão que ocorreu na soma total de todos os processos industriais. Descobrimos que o trabalho poderia recomprar com seus salários apenas uma parte do produto, e que o capital não consumia todo o restante do produto. Descobrimos que, quando o trabalho consumiu toda a extensão de seus salários e quando o capital consumiu tudo o que queria, ainda restava um excedente não consumido. Concordamos que esse excedente só poderia ser alienado no exterior. Concordamos, também, que o efeito de descarregar esse excedente em outro país seria desenvolver os recursos desse país e que, em pouco tempo, esse país teria um excedente não consumido. Estendemos esse processo a todos os países do planeta, até que cada país produzisse todos os anos, e todos os dias, um excedente não consumido, que não se podia destinar a nenhum outro



país. E agora eu pergunto de novo, o que vamos fazer com esses excedentes?

Ainda ninguém respondeu.

— Sr. Calvin? — Ernest perguntou.

— Isso está além de mim — confessou o sr. Calvin.

— Nunca sonhei com uma coisa dessas — disse Asmunsen. — E, no entanto, parece claro como água.

Era a primeira vez que eu ouvia a doutrina da mais-valia de Karl Marx<sup>61</sup> elaborada, e Ernest tinha feito isso de forma tão simples que fiquei perplexa.

— Vou lhes dizer um modo de se livrar do excedente — disse Ernest. — Jogue tudo no mar. Jogue todos os anos centenas de milhões de dólares em sapatos, trigo, roupas e todas as mercadorias do comércio no mar. Isso não vai resolver?

— Certamente vai — respondeu o sr. Calvin. — Mas é absurdo você falar isso.

Ernest estava sobre ele como uma sombra.

---

61 Karl Marx, o grande herói intelectual do socialismo. Um judeu alemão do século 19. Um contemporâneo de John Stuart Mill. Agora nos parece inacreditável que gerações inteiras tenham decorrido após a enunciação das descobertas econômicas de Marx, época em que ele foi desprezado pelos pensadores e estudiosos no mundo todo. Por causa de suas descobertas, ele foi banido de seu país natal e morreu exilado na Inglaterra.

— É mais absurdo do que o que você defende, seu ludita, retornar aos modos antediluvianos de seus antepassados? O que você propõe para se livrar do excedente? Você escaparia do problema do excedente não produzindo nenhum excedente. E como você propõe evitar a produção de um excedente? Ao retornar a um método de produção primitivo, tão confuso, desordenado e irracional, tão dispendioso e caro, que será impossível produzir um excedente.

Sr. Calvin engoliu em seco. O assunto havia voltado ao início. Ele engoliu novamente e limpou a garganta.

— Você está certo — disse ele. — Estou condenado. É absurdo. Mas temos de fazer alguma coisa. É um caso de vida ou morte para nós da classe média. Nós nos recusamos a perecer. Escolhemos ser absurdos e retornar aos métodos verdadeiramente grosseiros e perdulários de nossos antepassados. Vamos regredir nossa indústria ao seu estágio pré-truste. Vamos quebrar as máquinas. E o que você vai fazer sobre isso?

— Mas você não pode quebrar as máquinas — respondeu Ernest. — Você não pode fazer a maré da evolução fluir para trás. Opostas a você estão duas grandes forças, cada uma das quais é mais poderosa que vocês da classe média. Os grandes capitalistas, os trustes, em suma, não o deixarão voltar atrás. Eles não querem que as máquinas sejam destruídas. E

maior que os trustes, e mais poderoso, é o trabalho. Ele não vai deixar que vocês destruam as máquinas. A propriedade do mundo, junto com as máquinas, está entre os trustes e os trabalhadores. Esse é o alinhamento da batalha. Nenhum dos lados quer a destruição das máquinas. Mas ambos querem possuir as máquinas. Nessa batalha, a classe média não tem lugar. A classe média é um pigmeu entre dois gigantes. Vocês não veem, pobre classe média em agonia, que estão presos entre as engrenagens superiores e inferiores, e que nesse momento a moagem começou.

“Eu demonstrei a vocês matematicamente o colapso inevitável do sistema capitalista. Quando cada país estiver com um excedente não consumido e invendável em suas mãos, o sistema capitalista entrará em colapso sob a terrível estrutura de lucros que ele mesmo criou. E, nesse dia, não haverá destruição das máquinas. A luta então será pela propriedade das máquinas. Se o trabalho vencer, seu caminho será fácil. Os Estados Unidos e o mundo inteiro entrarão em uma nova e tremenda era. Em vez de ser esmagada pelas máquinas, a vida se tornará mais justa, mais feliz e mais nobre. Vocês da classe média destruída, junto com o trabalho — e não haverá nada além do trabalho então —, vocês e o trabalho participarão da distribuição equitativa dos produtos das maravilhosas máquinas. E nós, todos nós,

faremos máquinas novas e mais maravilhosas. E não haverá sobras não consumidas, porque não haverá lucros.”

— Mas suponha que os trustes vençam essa batalha pela propriedade das máquinas e do mundo? — o sr. Kowalt perguntou.

— Então — respondeu Ernest —, você e o trabalho, e todos nós, seremos esmagados sob a bota de ferro de um despotismo tão implacável e terrível quanto qualquer despotismo que já manchou as páginas da história da humanidade. Esse será um bom nome para esse despotismo, a Bota de Ferro.<sup>62</sup>

Houve uma longa pausa, e todos os homens à mesa meditaram de maneiras inusitadas e profundas.

— Mas esse seu socialismo é um sonho — disse Calvin; e repetiu: — Um sonho.

— Vou lhe mostrar algo que não é um sonho, então — respondeu Ernest. — E isso eu chamarei de Oligarquia. Vocês chamam isso de plutocracia. Ambos querem dizer a mesma coisa: os grandes capitalistas ou os trustes. Vamos ver onde está o poder hoje. E, para isso, vamos dividir a sociedade em suas classes.

“Existem três grandes classes na sociedade. Primeiro, vem a plutocracia, que é composta por banqueiros ricos,

---

62 O primeiro uso conhecido desse nome para designar a Oligarquia.

magnatas das ferrovias, diretores de corporações e executivos do truste. Em segundo lugar, está a classe média, a sua classe, patrões, que é composta por fazendeiros, comerciantes, pequenos fabricantes e profissionais liberais. E terceiro e último vem a minha classe, o proletariado, que é composta pelos trabalhadores assalariados.<sup>63</sup>

“Você não pode deixar de admitir que a propriedade da riqueza constitui um poder essencial nos Estados Unidos de hoje. Como essa riqueza é possuída por essas três classes? Aqui estão os números. A plutocracia possui sessenta e sete bilhões de riqueza. Do número total de pessoas nos Estados Unidos, apenas nove décimos de um por cento são da plutocracia, mas a plutocracia possui setenta por cento da riqueza total. A classe média possui vinte e quatro bilhões. Vinte e nove por cento são da classe média e possuem vinte e cinco por cento da riqueza total. O que resta é o proletariado. Possui quatro bilhões. Do total, setenta por cento vêm do proletariado. E o proletariado possui quatro por cento da riqueza total. Onde está o poder, senhores?”

---

63 Essa divisão da sociedade feita por Everhard está de acordo com a de Lucien Sanial, uma das autoridades estatísticas da época. Seu cálculo dos membros dessas divisões por ocupação, a partir do Censo dos Estados Unidos de 1900, é o seguinte: classe plutocrática, 250.251; classe média, 8.429.845; e classe do proletariado, 20.393.137.

— Pelos seus próprios números, nós, da classe média, somos mais poderosos que os trabalhadores — observou Asmunsen.

— Chamar o proletariado de fraco não o torna mais forte diante da força da plutocracia — retrucou Ernest. — E, além disso, ainda não terminei. Há uma força maior que a riqueza, e é maior porque não pode ser tirada. Nossa força, a força do proletariado, está em nossos músculos, em nossas mãos para votar, em nossos dedos para puxar gatilhos. Essa força não pode ser tirada de nós. É a força primitiva, é a força que é imanente à vida, é a força que é mais forte que a riqueza, e que a riqueza não pode tirar.

“Mas a sua força é destacável. Ela pode ser tirada de você. Neste momento, a plutocracia a está tirando de vocês. No final, ela vai tirar tudo de vocês. E, então, vocês deixarão de ser a classe média. Vocês descerão até nós. Vocês se tornarão proletários. E a beleza disso é que vocês aumentarão a nossa força. Saudaremos vocês, irmãos, e lutaremos ombro a ombro pela causa da humanidade.

“Entendam que o trabalho não tem nada de concreto que possa ser reduzido. Sua parcela da riqueza do país consiste em roupas e móveis, com aqui e ali, em casos muito raros, uma casa própria. Mas vocês têm a riqueza concreta, vinte e quatro bilhões, e a plutocracia vai tirá-la de vocês. É

claro que existe a grande probabilidade de que o proletariado a tire primeiro. Vocês não veem a sua posição, cavalheiros? A classe média é um cordeirinho vacilante entre um leão e um tigre. Se um não te pegar, o outro vai. E se a plutocracia te pegar primeiro, será apenas uma questão de tempo até o proletariado pegar a plutocracia.

“Mesmo sua riqueza atual não é uma medida verdadeira de seu poder. A força de sua riqueza neste momento é apenas uma casca vazia. É por isso que vocês estão gritando seu débil grito de guerra: ‘De volta aos antigos costumes’. Vocês estão cientes de sua impotência. Vocês sabem que a sua força é uma concha vazia. E eu mostrarei o vazio disso.

“Que poder têm os agricultores? Mais de cinquenta por cento estão escravizados pelo fato de serem meros inquilinos ou hipotecados. E todos eles são escravos em virtude do fato de que os trustes já os possuem ou os controlam (o que é a mesma coisa, só que melhor). Eles possuem e controlam todos os meios de comercialização das colheitas, como frigoríficos, ferrovias, gruas e navios. E, além disso, os trustes controlam os mercados. Por tudo isso, os agricultores estão enfraquecidos. Quanto ao seu poder político e governamental, falarei disso mais tarde, junto com o poder político e governamental de toda a classe média.

“Dia após dia, os trustes sufocam os fazendeiros como sufocam o sr. Calvin e o resto dos leiteiros. E, dia após dia, os comerciantes são sufocados da mesma maneira. Vocês se lembram de como, em seis meses, o truste do tabaco sufocou mais de quatrocentas lojas de charutos só na cidade de Nova York? Onde estão os antigos proprietários das minas de carvão? Vocês sabem hoje, sem que eu lhes diga, que o truste das ferrovias possui ou controla todos os campos de carvão antracito e betuminoso. A Standard Oil<sup>64</sup> não possui uma boa parte das linhas oceânicas? E não controla também o cobre, para não falar da gestão de uma fundição como uma pequena empresa paralela? Há dez mil cidades nos Estados Unidos, hoje à noite, iluminadas pelas empresas de propriedade ou controladas pela Standard Oil, e nessas cidades todo o transporte elétrico — urbano, suburbano e interurbano — está nas mãos da Standard Oil. Os pequenos capitalistas que estavam nessas milhares de empresas desapareceram. Vocês sabem disso. É nesse mesmo caminho que estamos.

“O pequeno fabricante é como o agricultor. E os pequenos fabricantes e agricultores de hoje estão reduzidos, para todos os efeitos, à posse feudal. Aliás, os profissionais liberais e os artistas são, neste momento, vilões em tudo

---

64 Standard Oil e Rockefeller — ver nota de rodapé [10].



menos no nome, enquanto os políticos são capangas. Por que você, sr. Calvin, trabalha todas as suas noites e dias para organizar os fazendeiros, junto com o resto da classe média, em um novo partido político? Porque os políticos dos velhos partidos não querem saber de suas ideias antiquadas. E não querem saber porque são o que eu disse que são, capangas, retentores da plutocracia.

“Falei dos profissionais e dos artistas como vilões. O que mais eles são? Todos, os professores, os pregadores e os editores, mantêm seus empregos servindo à plutocracia, e seu serviço consiste em propagar apenas as ideias que são inofensivas ou elogiosas à plutocracia. Sempre que eles propagam ideias que ameaçam a plutocracia, eles perdem seus empregos e, nesse caso, se não tiverem previsto a tempestade, descem ao proletariado e perecem ou se tornam agitadores da classe trabalhadora. E não se esqueça que é a imprensa, o palanque e a universidade que moldam a opinião pública, definem o ritmo de pensamento da nação. Quanto aos artistas, eles apenas satisfazem os gostos pouco menos que ignóbeis da plutocracia.

“Mas, afinal, a riqueza em si não é o poder real. Ela é o meio para o poder, e o poder é governamental. Quem controla o governo hoje? O proletariado com seus vinte milhões de trabalhadores? Até você ri da ideia. Será que a classe média, com seus oito milhões de membros? Não mais do que o

proletariado. Quem, então, controla o governo? A plutocracia, com seu insignificante quarto de milhão de membros. Mas este quarto de milhão não controla o governo, embora ele preste serviço a esse grupo. É o cérebro da plutocracia que controla o governo, e esse cérebro consiste em sete<sup>65</sup> pequenos e poderosos grupos de homens. E não esqueça de que esses grupos trabalham hoje praticamente em uníssono.

“Deixe-me apontar o poder de apenas um deles, o grupo ferroviário. Emprega quarenta mil advogados para derrotar o povo nos tribunais. Emite milhares de passes gratuitos para juízes, banqueiros, editores, ministros, universitários, membros de câmaras estaduais e do Congresso. Mantém *lobbies* caríssimos<sup>66</sup>

---

65 Ainda em 1907, considerava-se que onze grupos dominavam o país, mas esse número foi reduzido pela fusão dos cinco grupos ferroviários em uma combinação suprema de todas as ferrovias. Esses cinco grupos assim amalgamados, juntamente com seus aliados financeiros e políticos, foram (1) James J. Hill, com seu controle do Noroeste; (2) o grupo ferroviário da Pensilvânia, do gerente financeiro Schiff, com grandes bancos da Filadélfia e Nova York; (3) Harriman, com Frick como advogado e Odell como gestor político, controlando as linhas de transporte continental — central, sudoeste e sul da costa do Pacífico; (4) os interesses ferroviários da família Gould; e (5) Moore, Reid e Leeds, conhecidos como a “multidão de Rock Island”. Esses fortes oligarcas surgiram da competição e percorreram o caminho inevitável da combinação.

66 *Lobby* era uma instituição peculiar para subornar, demolir e corromper os legisladores que deveriam representar os interesses do povo.

em todas as capitais estaduais e na capital nacional. E, em todas as cidades e vilas do país, eles empregam um imenso exército de políticos mesquinhos cujo negócio é assistir às primárias: se reunir em convenções; obter júris; subornar juízes; e, de todas as maneiras, trabalhar por seus interesses.<sup>67</sup>

“Senhores, apenas esbocei o poder de um dos sete grupos que constituem o cérebro da plutocracia.<sup>68</sup> Seus vinte e

---

67 Uma década antes desse discurso de Everhard, a Junta Comercial de Nova York publicou um relatório do qual se cita o seguinte: “As ferrovias controlam absolutamente as câmaras da maioria dos estados da União; elas fazem e desfazem de senadores, congressistas e governadores dos Estados Unidos e são praticamente ditadores da política governamental nacional.”

68 Rockefeller começou como membro do proletariado e, por meio de parcimônia e astúcia, conseguiu desenvolver o primeiro truste perfeito, conhecido como Standard Oil. Não podemos deixar de citar a seguinte página da história da época, mostrando como a necessidade de reinvestimento do excedente da Standard Oil sufocou os pequenos capitalistas e acelerou o colapso do sistema. David Graham Phillips foi um escritor radical do período, a sua citação foi tirada de uma cópia do “Saturday Evening Post”, datada de 4 de outubro de 1902 d.C. Essa é a única cópia dessa publicação que chegou até nós, e, no entanto, pela sua aparência e conteúdo, não podemos deixar de concluir que era um dos periódicos populares de grande circulação. Segue a citação: “Há cerca de dez anos, a renda de Rockefeller foi dada como trinta milhões por uma autoridade ilibada. Ele havia chegado ao limite do investimento lucrativo na indústria do petróleo. Nesse momento, essas enormes somas em dinheiro — mais de dois milhões de dólares por mês — eram entregues apenas para John

.....

Davison Rockefeller. O problema do reinvestimento tornou-se mais grave. Tornou-se um pesadelo. A receita do petróleo crescia, aumentava, e o número de investimentos sólidos era limitado, ainda mais limitado do que é agora. Não foi por nenhuma ânsia especial por mais ganhos que os Rockefeller começaram a ramificar, saindo do petróleo para outras coisas. Eles se viram forçados, arrastados por essa onda crescente de riqueza que seu ímã monopolista atraiu irresistivelmente. Eles desenvolveram uma equipe de investidores e de investigadores. Diz-se que o chefe dessa equipe tem um salário de 125 mil dólares por ano. “A primeira excursão e incursão conspícua dos Rockefeller foi no ramo ferroviário. Em 1895, eles controlavam um quinto da malha ferroviária do país. O que eles possuem ou, por meio de propriedade dominante, controlam hoje? Eles são poderosos em todas as grandes ferrovias de Nova York, norte, leste e oeste, exceto uma, onde sua participação é de apenas alguns milhões. Eles estão na maioria das grandes ferrovias que saem de Chicago. Eles dominam vários dos sistemas que se estendem até o Pacífico. São seus títulos que tornam o sr. Morgan tão poderoso, embora, pode-se acrescentar, eles precisem mais de seus cérebros do que precisam de seus títulos — no momento, a combinação dos dois constitui em grande medida a ‘comunidade do lucro’. “Mas as ferrovias sozinhas não poderiam absorver com rapidez suficiente essas poderosas inundações de riqueza. Atualmente, os dois milhões de dólares mensais de John D. Rockefeller aumentaram para quatro, para cinco, para seis milhões por mês, para 75 milhões de dólares por ano. O óleo de iluminação é puro lucro. Os reinvestimentos da renda somavam outros muitos milhões anuais. “Os Rockefeller entraram no setor de gás e eletricidade quando essas indústrias se desenvolveram para o estágio de investimento seguro. E, agora, uma grande parte do povo americano já começa a enriquecer os Rockefeller assim que o sol se põe, não importa que tipo de iluminação utilizem. Eles entraram em hipotecas agrícolas. Diz-se que, quando a prosperidade, há alguns anos,

quatro bilhões de riqueza não lhes dão vinte e cinco centavos de poder governamental. É uma casca vazia e, em breve, até

---

permitiu que os fazendeiros se livrassem de suas hipotecas, John D. Rockefeller quase foi às lágrimas. Oito milhões de dólares, os quais havia pensado que teria por muitos anos com bons juros, foram de repente despejados à sua porta e lá começaram a gritar por um novo lar. Esse acréscimo inesperado às suas preocupações em encontrar lugares para a progênie de seu petróleo e sua progênie e a progênie de sua progênie era demais para a equanimidade de um homem sem a devida digestão. “Os Rockefeller entraram na mineração — ferro, carvão, cobre e chumbo; em outras empresas industriais; em ferrovias urbanas; em títulos nacionais, estaduais e municipais; em navios e barcos a vapor e telégrafo; em imóveis, em arranha-céus e casas e hotéis e grupos de negócios; em seguros de vida, em bancos. Logo, não havia literalmente nenhum campo da indústria em que seus milhões não estivessem trabalhando. “O banco Rockefeller — o National City Bank — é de longe o maior banco dos Estados Unidos. É superado no mundo apenas pelo Banco da Inglaterra e pelo Banco da França. Os depósitos são, em média, superiores a cem milhões por dia; e domina o mercado de empréstimos e de ações em Wall Street. Mas não é só isso. Ele comanda a rede de bancos Rockefeller, que inclui outros quatorze bancos e sociedades fiduciárias na cidade de Nova York, e bancos de grande força e influência em todos os grandes centros financeiros do país. “John D. Rockefeller possui ações da Standard Oil que valem entre quatrocentos e quinhentos milhões pelas cotações de mercado. Ele tem cem milhões no truste do aço, quase o mesmo valor em um único sistema ferroviário no oeste, metade disso em um segundo, e assim por diante até a mente se cansar da catalogação. Sua receita no ano passado foi de cerca de cem milhões de dólares — é de se duvidar que a renda de todos os Rothschild juntos seja maior. E continua aumentando a passos largos.”

a casca vazia será tirada de vocês. A plutocracia de hoje tem todo o poder em suas mãos. Ela, hoje, faz as leis, pois possui o Senado, o Congresso, os tribunais e as câmaras estaduais. E não só isso. Atrás da lei, deve estar a força para executá-la. Hoje, a plutocracia faz a lei e, para fazer cumprir a lei, tem à sua disposição a polícia, o exército, a marinha e, finalmente, a milícia, que é você, eu e todos nós.”

Pouca discussão ocorreu depois disso, e o jantar logo terminou. Todos estavam quietos e contidos, a despedida foi feita em voz baixa. Parecia que todos estavam assustados com a visão apresentada.

— A situação é, de fato, séria — disse Calvin a Ernest. — Eu tenho pouca divergência com a maneira como você descreveu tudo. Mas discordo de você sobre a ruína da classe média. Sobreviveremos e derrubaremos os trustes.

— E volte para as origens do seus país — Ernest concluiu para ele.

— Que seja — o sr. Calvin respondeu, com gravidade. — Sei que é como quebrar máquinas e que é um absurdo. Mas a vida hoje parece absurda, o que dizer das maquinações da plutocracia. E, de qualquer forma, nosso tipo de quebra de máquinas é pelo menos prático e possível, mas seu sonho não. Seu sonho socialista é... bem, um sonho. Não podemos segui-lo.

— Eu só queria que vocês entendessem um pouco sobre evolução e sociologia — disse Ernest, melancolicamente, ao apertarem as mãos. — Seríamos poupados de muitos problemas se vocês entendessem.





## CAPÍTULO 10. O VÓRTICE

**C**omo trovões recorrentes depois do relampejante jantar dos Homens de Negócios, ocorreram eventos consecutivos imediatos. Eu, pobre de mim, que vivi tão placidamente todos os meus dias na pacata cidade universitária, encontrei a mim e meus assuntos pessoais arrastados para o turbilhão dos grandes negócios mundiais. Se foi meu amor por Ernest ou a visão clara que ele me deu da sociedade em que eu vivia, que me tornou uma revolucionária, eu não sei, mas me tornei uma revolucionária e mergulhei num turbilhão de acontecimentos que seriam inconcebíveis três meses antes.

A minha crise pessoal veio simultaneamente às grandes crises na sociedade. Em primeiro lugar, papai foi dispensado da universidade. Oh, ele não foi tecnicamente dispensado. Exigiu-se a sua demissão, simples assim. Isso, por si só, não foi grave. Na verdade, papai ficou encantado. Ele ficou especialmente satisfeito porque sua demissão foi precipitada

pela publicação de seu livro, *Economia e educação*. Aquilo comprovava sua tese, ele disse. Que melhor evidência poderia ser apresentada para provar que a educação era dominada pela classe capitalista?

Mas esta prova nunca chegou a lugar algum. Ninguém sabia que o haviam forçado a se demitir da universidade. Ele era um cientista tão eminente que tal anúncio, juntamente com o motivo de sua demissão forçada, teria criado certo furor em todo o mundo. Os jornais o encheram de elogios e honras, elogiaram-no por ter desistido da labuta da sala de aula para dedicar o seu tempo à pesquisa científica.

A princípio, papai riu. Depois, ele ficou com raiva — raiva tônica. Então, veio o boicote ao seu livro. Essa supressão foi realizada secretamente, tão secretamente que a princípio não conseguimos compreender. Imediatamente, a publicação do livro causou certo entusiasmo no país. Meu pai foi educadamente maltratado na imprensa capitalista, no sentido de que era uma pena que um cientista tão grande deixasse seu campo e invadisse o domínio da sociologia, sobre o qual ele nada sabia e no qual prontamente havia se perdido. Isso durou uma semana. Enquanto isso, papai ria e dizia que o livro havia tocado um ponto sensível do capitalismo. E, então, abruptamente, os jornais e as revistas de críticas deixaram de dizer qualquer coisa sobre o livro. Além

disso, e com igual rapidez, o livro desapareceu do mercado. Nenhum livreiro tinha uma cópia sequer. Papai escreveu aos editores e foi informado de que as matrizes haviam sido acidentalmente danificadas. Seguiu-se uma correspondência insatisfatória. Levados finalmente a uma posição concreta, os editores declararam que não tinham meios para colocar o livro novamente no prelo, mas que estavam dispostos a abrir mão de seus direitos sobre ele.

— E nenhuma outra editora no país irá aceitá-lo — disse Ernest. — Se eu fosse você, buscaria proteção agora. Você teve uma pequena amostra da Bota de Ferro.

Mas papai era um simples cientista. Ele nunca acreditou em tirar conclusões precipitadas. Um experimento não é um experimento se não for realizado em todos os seus detalhes. Assim, ele pacientemente percorreu as editoras. Elas deram uma infinidade de desculpas, mas nenhuma iria considerar o livro.

Quando papai se convenceu de que o livro havia realmente sido boicotado, ele tentou divulgar o fato nos jornais, mas suas mensagens foram ignoradas. Em uma reunião política dos socialistas, em que muitos repórteres estavam presentes, papai viu sua chance. Ele se levantou e relatou a história da supressão do livro. Ele riu e, no dia seguinte ao ler os jornais, ficou categoricamente irado. Nenhum deles

fez menção ao livro, mas o citaram fora de contexto. Eles distorceram suas palavras e frases, transformaram seus comentários moderados e controlados em um discurso anárquico ensandecido. Tudo feito artisticamente. Um exemplo, em particular, eu me lembro. Ele havia usado a expressão “revolução social”. O repórter simplesmente abandonou o “social”. Isso foi enviado a todo o país em um despacho da Associated Press; e, por todo o país, ecoou um grito de alarme. Meu pai foi tachado de niilista e anarquista. Em uma caricatura amplamente copiada, ele foi retratado agitando uma bandeira vermelha à frente de uma multidão de homens de cabelos compridos e olhos selvagens, os quais carregavam nas mãos tochas, facas e bananas de dinamite.

Ele foi terrivelmente atacado na imprensa, em editoriais longos e agressivos, por sua anarquia, e até foram feitas insinuações de colapso mental. Esse comportamento, por parte da imprensa capitalista, não era novidade, explicou Ernest. Era costume, disse ele, enviar repórteres a todas as reuniões socialistas com o propósito expresso de deturpar e distorcer o que era dito, a fim de afugentar a classe média de qualquer possível filiação ao proletariado. E Ernest repetidamente advertiu papai para parar de lutar e se proteger.

A imprensa socialista do país, porém, assumiu a luta e, em toda a parcela leitora da classe trabalhadora, se sabia

que o livro havia sido suprimido. Mas esse conhecimento terminava na classe trabalhadora. Em seguida, a *Apelo à Razão*, uma grande editora socialista, combinou com papai a publicação do livro. Ele estava exultante, mas Ernest ficou alarmado.

— Eu lhe digo que estamos à beira do desconhecido — ele insistiu. — Grandes coisas estão acontecendo secretamente ao nosso redor. Podemos senti-las. Não sabemos o que são, mas estão lá. Todo o tecido da sociedade estremece com elas. Não me pergunte. Eu não sei. Mas desse fluxo social algo está prestes a se cristalizar. Está se cristalizando agora. A supressão do livro é uma precipitação. Quantos livros foram boicotados? Não temos a menor ideia. Estamos no escuro. Não temos como saber. Talvez haja um boicote à imprensa e às editoras socialistas. Eu tenho medo do que está vindo. Seremos sufocados.

Ernest tinha a mão no pulso dos acontecimentos, ainda mais de perto do que o resto dos socialistas; e, em dois dias, o primeiro golpe foi desferido. A *Apelo à Razão* tinha um semanário, sua circulação regular entre o proletariado era de setecentos e cinquenta mil. Além disso, muitas vezes, lançavam edições especiais com tiragens de dois a cinco milhões. Essas grandes edições eram pagas e distribuídas pelo pequeno exército de trabalhadores voluntários que se reuniram em

torno da Apelo. O primeiro golpe foi direcionado a essas edições especiais, e foi esmagador. Por decisão arbitrária dos Correios, decidiu-se que tais edições não faziam parte da circulação regular do jornal e, por isso, foi negada a sua entrada nas agências.

Uma semana depois, o Departamento dos Correios decidiu que o jornal era sedicioso e bloqueou inteiramente sua postagem. Esse foi um golpe terrível para a propaganda socialista. A Apelo estava desesperada. Eles elaboraram um plano para alcançar seus assinantes por meio das empresas de entregas, mas elas se recusaram a lidar com isso. Este foi o fim da Apelo. Mas não completamente. Ela se preparava para dar prosseguimento à publicação do livro. Vinte mil exemplares do livro de papai estavam na encadernação, as rotativas estavam imprimindo mais. E, então, sem aviso prévio, uma multidão se juntou certa noite e, sob uma bandeira americana tremulante, cantando canções patrióticas, incendiou o grande galpão da Apelo e a destruiu totalmente.

Girard, no Kansas, era uma cidade calma e pacífica. Nunca houve problemas trabalhistas lá. A Apelo pagava salários de acordo com os sindicatos e, de fato, era a espinha dorsal da cidade, dando emprego a centenas de homens e mulheres. Não foram os cidadãos de Girard que compuseram a turba. Essa turba aparentemente havia brotado da terra e,

para todos os efeitos e propósitos, fez seu trabalho e voltou para a terra. Ernest viu no caso um prenúncio mais sinistro.

— Centenas Negras<sup>69</sup> estão sendo organizadas nos Estados Unidos — disse ele. — Esse é o começo. Haverá mais disso. A Bota de Ferro está ficando ousada.

E assim morreu o livro de papai. Nós veríamos grande parte das Centenas Negras nos próximos dias. Semana após semana, mais jornais socialistas eram barrados nos correios e, em vários casos, as Centenas Negras destruíam gráficas socialistas. Claro, os jornais do país viviam de acordo com a política reacionária da classe dominante e a imprensa socialista destruída era deturpada e vilipendiada enquanto as Centenas Negras eram apresentadas como verdadeiros patriotas e salvadores da sociedade. Tão convincente foi toda essa manipulação que até mesmo ministros idôneos elogiaram publicamente as Centenas Negras enquanto lamentavam a necessidade da violência.

A história avançou rapidamente. As eleições do outono ocorreriam em breve, e Ernest foi indicado pelo partido

---

69 As Centenas Negras eram turbas reacionárias organizadas pela autocracia em decadência durante a Revolução Russa. Esses grupos reacionários atacavam os grupos revolucionários e também, em momentos necessários, invadiam e destruíam propriedades para dar à autocracia o pretexto de chamar os cossacos.

socialista para concorrer ao Congresso. Sua chance de eleição era muito favorável. A greve dos bondes em São Francisco havia sido interrompida. E, depois disso, a greve dos caminhoneiros foi quebrada. Essas duas derrotas foram muito desastrosas para os sindicatos. Toda a Water Front Federation, junto com seus aliados nos negócios estruturais, havia apoiado os grevistas, e todos foram esmagados de forma inglória. Foi um golpe sangrento. A polícia espancou muitos com seus cassetetes, a lista de mortos aumentou pelo disparo de uma metralhadora sobre os grevistas dos celeiros da Marsden Special Delivery Company.

Em consequência, todos ficaram contrariados e vingativos. Eles queriam sangue e vingança. Abatidos em seu campo escolhido, eles estavam prontos para dar o troco por meio da ação política. Eles ainda mantinham sua organização trabalhista e isso lhes dava força na luta política em andamento. A chance de Ernest para a eleição era cada vez maior. Dia a dia, sindicatos e mais sindicatos votavam e davam seu apoio aos socialistas, Ernest até riu quando os Assistentes Funerários e os Depenadores de Galinhas entraram na fila de apoiadores. O trabalho tornou-se obstinado. Enquanto despejava seu entusiasmo desenfreado nas reuniões socialistas, mantinha-se impermeável às artimanhas dos políticos do velho partido. Os oradores do antigo partido eram geralmente recebidos



em salões vazios, embora ocasionalmente encontrassem salões cheios nos quais eram tratados com tanta grosseria que mais de uma vez foi necessário chamar as reservas policiais.

A história avançava rapidamente. O ar vibrava, coisas aconteciam e se formavam. O país estava à beira de tempos difíceis,<sup>70</sup> causados por uma série de anos prósperos que resultaram na dificuldade de escoar o excedente no exterior. As indústrias trabalhavam pouco e muitas grandes fábricas esperavam na ociosidade a produção excedente ser consumida. Os salários estavam sendo reduzidos.

Além disso, a grande greve dos maquinistas havia sido quebrada. Duzentos mil deles, junto com seus quinhentos mil aliados dos ofícios metalúrgicos, foram derrotados na mais sangrenta greve que os Estados Unidos já conheceram. Batalhas campais foram travadas com os pequenos exércitos armados dos fura-greves,<sup>71</sup> colocados em campo

---

70 Sob o regime capitalista, esses períodos de dificuldades eram tão inevitáveis quanto absurdos. A prosperidade sempre trouxe calamidade. Isso, claro, se dava em razão do excesso de lucros não consumidos que se acumulavam.

71 Fura-greves eram, em sua motivação e ação, mercenários dos capitalistas. Eram bem organizados e bem armados, estando prontos para serem enviados em trens especiais para qualquer parte do país em que os trabalhadores entrassem em greve ou fossem denunciados pelos empregadores. Somente aqueles tempos curiosos poderiam ter dado origem ao incrível espetáculo

pelas associações patronais. As Centenas Negras apareciam em dezenas de lugares dispersos, destruíam propriedades e, em consequência, cem mil soldados regulares dos Estados Unidos foram convocados para dar um fim ao caso. Vários líderes trabalhistas foram executados. Muitos outros foram sentenciados à prisão, ao mesmo tempo em que milhares de grevistas eram reunidos em currais<sup>72</sup> e tratados de maneira aterrorizante pelos soldados.

Os anos de prosperidade agora precisavam ser pagos. Todos os mercados estavam saturados. Todas as ações estavam em queda. E, em meio à queda geral dos preços, o valor do trabalho desmoronou mais rápido do que todos os outros. A terra se viu convulsionada com dissensões industriais. O

---

de certo Farley, um notório comandante dos fura-greves que, em 1906, cruzou os Estados Unidos em trens alugados, indo de Nova York a São Francisco com um exército de dois mil e quinhentos homens, totalmente armados e equipados, para interromper uma greve dos bondes em São Francisco. Tal ato violava diretamente as leis da terra. O fato de que este ato, e milhares de atos semelhantes, ficaram impunes, mostra de forma cabal que o judiciário era uma extensão da plutocracia.

72 O termo “bull-pen”, vem de “pen” e é o lugar no qual os peões reúnem o gado em uma espécie de cercado (currais). Esse tipo de atrocidade teve origem em uma greve de mineiros de Idaho, no final do século 19, quando muitos dos grevistas foram confinados em um cercado para gado pelas tropas. A prática e o nome continuaram no século 20.

trabalho estava em crise em toda parte e, onde não estava parado, era controlado pelos capitalistas. Os jornais estavam cheios de histórias de violência e sangue. E, ao longo dessa penúria, as Centenas Negras fizeram sua parte. Motins, incêndios criminosos e destruição arbitrária de propriedade eram a sua função, e as desempenhavam muito bem. Todo o contingente regular do exército entrou em campo, convocado à ação pelas ações das Centenas Negras.<sup>73</sup> Todas as cidades e vilas eram como campos de batalha, os trabalhadores eram abatidos como cães. Os fura-greves eram recrutados do vasto exército de desempregados. E, quando os fura-greves eram derrotados pelos sindicatos, as tropas vinham e esmagavam os

---

73 O nome apenas, e não a ideia, havia sido importado da Rússia. As Centenas Negras foram uma ideia desenvolvida pelos agentes secretos dos capitalistas, seu uso surgiu nas lutas trabalhistas do século 19. Não há discussão sobre isso. Ninguém menos que uma autoridade da época, Carroll D. Wright, Comissário do Trabalho dos Estados Unidos, é responsável pela declaração. Em seu livro, intitulado *The Battles of Labor [As batalhas do trabalho]*, é feita a declaração de que “em algumas das grandes greves históricas, os próprios patrões instigaram atos de violência”; e que os fabricantes provocaram deliberadamente greves para se livrar do estoque excedente; e que vagões de carga foram queimados por agentes de empresários durante greves ferroviárias para aumentar a desordem. Foi desses agrupamentos de agentes secretos dos empregadores que surgiram as Centenas Negras. E foram eles, por sua vez, que mais tarde se tornaram aquela terrível arma da Oligarquia, os agentes-provocadores.

sindicatos. Depois, veio a milícia. Até o momento, não havia sido necessário recorrer à lei secreta das milícias. Apenas a milícia regularmente organizada estava em ação e estava em todos os lugares. E, neste tempo de terror, o exército regular foi aumentado em mais cem mil homens pelo governo.

Nunca o trabalho foi tão surrado. Os grandes capitães da indústria, os oligarcas, tinham, pela primeira vez, jogado todo o seu poder nas fendas que as associações patronais em dificuldades haviam aberto. Essas associações eram praticamente questões da classe média e, agora, compelidas pelos tempos difíceis e mercados em queda, auxiliadas pelos grandes capitães da indústria, elas conferiam ao trabalho organizado uma derrota terrível e decisiva. Era uma aliança extremamente poderosa, mas era uma aliança entre um leão e um cordeiro, como a classe média logo aprenderia.

O trabalho sangrava e agonizava, esmagado. No entanto, sua derrota não pôs fim aos tempos difíceis. Os bancos, constituindo eles próprios uma das forças mais importantes da oligarquia, continuaram a pedir créditos. O grupo da Wall Street<sup>74</sup> transformou o mercado de ações em um turbilhão

---

74 Wall Street era assim chamada em razão de uma antiga rua de Nova York, onde ficava a bolsa de valores e onde a organização irracional da sociedade permitia a manipulação dissimulada de todas as indústrias do país.

no qual os valores de todas as terras desmoronaram quase do nada. E, de toda essa ruína, surgiu a forma da Oligarquia em ascensão, imperturbável, indiferente e segura. Sua serenidade e confiança eram aterrorizantes. Não apenas usava seu vasto poder, mas também todo o poder do Tesouro dos Estados Unidos para realizar suas ações.

Os capitães da indústria se voltaram contra a classe média. As associações de empresários, que haviam ajudado os capitães da indústria a rasgar e dilacerar a mão de obra, agora, eram dilaceradas por seus antigos aliados. Em meio ao colapso dos intermediários, dos pequenos empresários e fabricantes, os trustes permaneceram firmes. Não, os trustes fizeram mais do que permanecer firmes. Eles se mantiveram ativos. Eles semearam vento, mais vento e cada vez mais vento, pois queriam colher furacões e lucrar com isso. E que lucros! Lucros colossais! Grandes o suficiente para resistirem à tempestade que era, em grande parte, sua própria constituição. Eles a espalharam e saquearam os destroços que flutuavam ao redor deles. Os valores caíram lamentável e inconcebivelmente, os trustes aumentaram enormemente suas participações, estendendo até mesmo seus empreendimentos a muitos novos campos — e sempre às custas da classe média.

Assim, o verão de 1912 testemunhou o golpe de morte virtual da classe média. Até Ernest ficou surpreso com a rapidez

com que isso foi realizado. Ele balançou a cabeça ameaçadoramente e não viu esperança para as eleições do outono.

— Não adianta — disse ele. — Fomos derrotados. A Bota de Ferro chegou. Eu esperava uma vitória pacífica nas urnas. Eu errei. Wickson estava certo. Seremos roubados de nossas poucas liberdades restantes. A Bota de Ferro pisará em nossos rostos. Só nos resta a revolução sangrenta da classe trabalhadora. Claro que vamos vencer, mas tremo só de pensar.

E, a partir de então, Ernest depositou sua fé na revolução. Nisso, ele estava à frente de seu partido. Seus companheiros socialistas não queriam concordar com ele. Eles ainda insistiam que a vitória poderia ser obtida através das eleições. Não que estivessem atordoados, pois eram muito frios e corajosos, mas estavam incrédulos. Ernest não conseguiu levá-los a temer seriamente a chegada da Oligarquia. Eles ficavam tocados por suas palavras, mas estavam muito seguros de sua própria força. Não havia espaço em sua teoria de revolução social para uma oligarquia, portanto, a Oligarquia não poderia existir.

— Nós vamos mandar você para o Congresso e tudo vai ficar bem — disseram a ele em uma de nossas reuniões secretas.

— E quando eles me tirarem do Congresso — Ernest respondeu friamente — e me colocarem contra uma parede e estourarem meus miolos. E daí?

— Então, nos levantaremos com nossa força — uma dúzia de vozes respondeu ao mesmo tempo.

— Então, vocês irão se esvair em seu sangue — foi sua resposta. — Eu ouvi essa música cantada pela classe média, e onde ela está agora, com toda a sua força?





# CAPÍTULO 11.

## A GRANDE AVENTURA

**O** sr. Wickson não mandou chamar papai. Eles se encontraram por acaso na balsa para São Francisco, de modo que o aviso que ele deu a papai não foi premeditado. Se eles não tivessem se encontrado acidentalmente, não teria havido aviso algum. Não que o resultado teria sido diferente, contudo. Papai vinha de uma velha e robusta linhagem do *Mayflower*,<sup>75</sup> e o sangue era tudo para ele.

— Ernest estava certo — ele me disse, assim que voltou para casa. — Ernest é um jovem impressionante, e eu prefiro ver você como sua esposa do que do próprio Rockefeller ou do rei da Inglaterra.

— O que aconteceu? — eu perguntei, alarmada.

---

75 Um dos primeiros navios que levaram colonos para os Estados Unidos, após a descoberta do Novo Mundo. Os descendentes desses primeiros imigrantes continuaram por muito tempo bastante orgulhosos de sua genealogia, mas, com o tempo, seu sangue se tornou tão difundido que corria nas veias de praticamente todos os americanos.

— A Oligarquia está prestes a pisar em nossos rostos. No seu e no meu. Wickson me contou tudo. Ele foi muito gentil, para um oligarca. Ele se ofereceu para me reintegrar na universidade. O que me diz? Wickson, um ganancioso sórdido, tem o poder de determinar se eu devo ou não ensinar na universidade estadual. Mas ele me ofereceu ainda mais do que isso. Ele se ofereceu para me fazer presidente de uma grande faculdade de ciências que está sendo planejada: a Oligarquia deve se livrar de seu excedente de alguma forma, sabe? Ele me perguntou: “Você se lembra do que eu disse àquele amante socialista da sua filha? Que nós pisaríamos na cara da classe trabalhadora? E assim o faremos. Quanto a você, tenho um profundo respeito como cientista, mas se você apostar suas fichas na classe trabalhadora... bem, cuidado com o seu rosto, isso é tudo.” Então, ele se virou e foi embora.

— Isso significa que precisamos nos casar mais cedo do que você planejava — foi o comentário de Ernest quando contamos a ele.

Não pude acompanhar seu raciocínio, mas logo o entenderia. Foi nessa época que o dividendo trimestral da Sierra Mills foi pago — ou melhor, *deveria* ter sido pago, pois papai não o recebeu. Depois de esperar vários dias, papai escreveu à secretaria. Prontamente, veio a resposta de que não havia

nenhum registro nos livros de que papai possuísse qualquer ação, acompanhado de um educado pedido de informações mais explícitas.

— Vou deixar isso bem explícito e confundi-los — declarou papai, partindo em direção ao banco para pegar, no seu cofre, as ações em questão.

— Ernest é um homem extremamente notável — disse ele ao voltar, quando eu o ajudava a tirar o sobretudo. — Repito, minha filha, aquele seu jovem é alguém muito notável.

Eu havia aprendido que sempre que ele elogiava Ernest dessa maneira era melhor esperar algum desastre.

— Eles já estão com a bota no meu rosto — explicou papai. — Não havia ações. O cofre estava vazio. Você e Ernest terão de se casar rapidamente.

Papai insistia em métodos de laboratório. Ele levou a Sierra Mills ao tribunal, mas não conseguiu levar os livros da Sierra Mills. Ele não controlava os tribunais, mas a Sierra Mills, sim. Aquilo explicava tudo. Ele foi copiosamente espancado pela lei e o roubo descarado foi validado.

É quase risível agora, quando olho para trás, a forma como papai foi violentado. Ele encontrou Wickson acidentalmente na rua, em São Francisco, e lhe disse que ele era um maldito canalha. Então, papai foi preso por tentativa de agressão, multado na justiça e obrigado a promover a paz.

Era tudo tão ridículo que, quando chegou em casa, tive de rir também. Mas qual não foi o furor levantado pelos jornais locais! Falou-se gravemente sobre o bacilo da violência que infectava todos os homens que abraçavam o socialismo. Papai, com sua vida longa e pacífica, foi citado como um exemplo brilhante de como o bacilo funcionava. Além disso, foi afirmado por mais de um artigo que a mente de papai havia enfraquecido sob a tensão do estudo científico, sendo sugerido a ele o confinamento em uma clínica pública para loucos. E isso não era apenas conversa. Era um perigo iminente. Mas papai foi sábio o suficiente para entender. Ele tinha a experiência do bispo para se basear, e se saiu bem. Ele se manteve em silêncio, qualquer que fosse a injustiça imposta contra ele e, realmente, eu acho que surpreendeu seus inimigos.

Houve a questão da casa — a nossa casa. Uma hipoteca foi executada e tivemos de desistir da posse. Obviamente que não havia nenhuma hipoteca, ou sequer houve alguma hipoteca um dia. O terreno tinha sido comprado à vista e a casa fora paga ao ser construída. Tanto a casa como o lote sempre foram livres e desimpedidos. No entanto, existia a tal hipoteca, devidamente legalizada, homologada e assinada, com registro do pagamento dos juros ao longo de vários anos. Papai não fez nenhum alarde. Assim como seu

dinheiro foi roubado, agora, sua casa havia sido roubada. E não houve como impedir. As engrenagens da sociedade estavam nas mãos daqueles empenhados em acabar com ele. No fundo de seu coração, ele era um filósofo e não estava nem mesmo zangado.

— Fui condenado a ser arruinado — ele me confessou —, mas isso não é motivo para eu não tentar reduzir os danos ao máximo. Esses meus velhos ossos são frágeis, aprendi minha lição. Deus sabe que não quero passar meus últimos dias em um asilo para loucos.

O que me faz lembrar do bispo Morehouse, a quem negligenciei por muitas páginas. Mas, primeiro, vou falar do meu casamento. Com o andar dos acontecimentos, meu casamento não tinha mais nenhuma importância, então, mal vou mencioná-lo.

— Agora iremos nos tornar verdadeiros proletários — disse papai, quando fomos despejados de casa. — Muitas vezes, invejei aquele seu jovem por seu conhecimento real do proletariado. Agora, vou ver e aprender pessoalmente.

O sangue da aventura devia ser muito forte em papai. Ele encarava nossa catástrofe como uma aventura. Nenhuma raiva ou amargura o possuía. Ele era muito filosófico e modesto para ser vingativo, vivia muito mais no mundo da mente para sofrer a perda de nossos confortos. E foi assim,

quando nos mudarmos para São Francisco em quatro cômodos miseráveis na favela ao sul da Market Street, que ele embarcou na aventura com a alegria e o entusiasmo de uma criança — combinados com a visão clara e a compreensão mental de um intelecto extraordinário. Ele nunca cristalizou mentalmente a situação. Ele não tinha uma falsa noção de valores. Valores convencionais ou habituais nada significavam para ele. Os únicos valores que ele reconhecia eram fatos matemáticos e científicos. Meu pai era um grande homem. Ele tinha a mente e a alma que só os grandes homens têm. De certa forma, ele era ainda maior do que Ernest, a quem não imagino comparativos.

Até eu encontrei algum alívio em nossa mudança de vida. Se nada mais, eu estava fugindo do ostracismo organizado, cada vez maior, na cidade universitária, desde o início da inimizade que a Oligarquia havia gerado. A mudança foi para mim também uma aventura, e a maior de todas, pois era uma aventura amorosa. O revés em nossa sorte acelerou meu casamento, e foi como esposa que fui morar nos quatro cômodos da Pell Street, na favela de São Francisco.

E de tudo isso houve um resultado: fiz Ernest feliz. Entrei em sua vida tempestuosa, não como uma nova força motriz, mas como uma fonte de paz e repouso. Dei-lhe descanso. Meu amor lhe dava guarida. Era o único sinal claro

de que eu não havia falhado. E despertar a luz da alegria ou do esquecimento naqueles seus pobres olhos cansados... era a minha maior alegria.

Aqueles olhos cansados que eu amava. Ele trabalhava como poucos homens trabalharam e, durante toda a sua vida, trabalhou pelos outros. Esse era o tamanho de sua humanidade. Ele era um humanista e um amante. E ele, com seu espírito de batalha, seu corpo de gladiador e sua alma de águia, era gentil e terno comigo como um poeta. Ele era um poeta. Um bardo em ação. E, durante toda a sua vida, ele cantou a canção do homem. E ele fez isso por puro amor; pela humanidade, ele deu sua vida e foi crucificado.

Tudo isso, ele fez sem esperar recompensas futuras. Em sua concepção das coisas, não havia vida no futuro. Ele, que quase reluzia de imortalidade, negava a si mesmo a vida eterna — tal era o seu paradoxo. Ele, tão caloroso de espírito, era dominado por aquela filosofia fria e proibitiva, o monismo materialista. Eu costumava ser contrária a isso e dizia a ele que media sua imortalidade pelas asas de sua alma, que eu teria de viver infindáveis eras para me aproximar dessa sua medida. Então, ele ria, seus braços se abriam para mim e ele me chamava de “meu doce metafísico”. Então, o cansaço desaparecia de seus olhos, a luz do amor os tomava, deixando clara a grandeza de sua imortalidade.

Além disso, ele dizia que eu era sua dualista. Como Kant, ele explicava, por meio da pura razão, que havia abolido a razão para adorar a Deus. E ele traçou um paralelo e me fez culpada de um ato semelhante. Quando me declarei culpada, mas defendi o ato como puramente racional, ele apenas me abraçou mais e riu como apenas um amante de Deus poderia rir. Eu sempre discordava que a hereditariedade e o ambiente pudessem explicar sua originalidade e genialidade, assim como a mão fria da ciência não poderia tocar, analisar e classificar aquela essência indescritível que lhe dava a própria vida.

Eu afirmava que ele era uma aparição de Deus, que sua alma era uma projeção do caráter divino. Quando ele me chamava de “meu doce metafísico”, eu o chamava de “meu materialista imortal”. E assim nos amávamos e éramos felizes. Eu perdoei seu materialismo por seu imenso trabalho no mundo, realizado sem pensar em ganhos próprios, e por causa de sua enorme modéstia de espírito que o impedia de ter orgulho e consciência real de si mesmo e de sua alma.

Mas ele era orgulhoso. Como se pode ser uma águia e não se orgulhar? Ele dizia que era mais fácil para uma partícula mortal sentir-se como Deus, do que um deus se sentir como Deus. Era assim que ele exaltava o que considerava ser sua mortalidade. Ele gostava de citar um fragmento de



certo poema. Ele nunca tinha lido o poema inteiro e tentara em vão descobrir sua autoria. Apresento aqui o trecho, não apenas porque ele o amava, mas porque sintetizava o paradoxo que vivia em seu espírito e em sua concepção de espírito. Me pergunto como pode um homem, com emoção e ímpeto, recitar esses versos e continuar sendo mortal, uma força fugaz, uma forma em declínio?

*Alegria sobre alegria e ganho sobre ganho*

*É o que meu nascimento me dá de direitos,*

*E eu brado o louvor dos meus dias infinitos*

*Até ecoarem nos cantos da terra.*

*Mesmo que eu sofra todas as mortes que um homem pode morrer*

*Até o fim dos tempos,*

*Eu terei sorvido tudo isso em minha taça de bem-aventurança,*

*Em todas as eras e estações—*

*O creme do orgulho, o sabor do poder,*

*A doçura da feminilidade!*

*Eu me deleito neles de joelhos,*

*Pois, ah, os ventos são bons;*

*Bebo à Vida, bebo à Morte,*

*E estalo meus lábios com música,*

*Pois quando eu morrer, outro “eu” passará a taça adiante.*

*O homem expulso do bosque do Éden  
Era eu, meu Senhor, era eu,  
E eu estarei lá quando a terra e o ar  
Se cindirem do mar ao céu;  
Pois é o meu mundo, meu mundo lindo,  
O mundo das minhas mais queridas aflições,  
Desde o primeiro choro do recém-nascido  
Até os espasmos de dor da mulher.*

*Embalado pelo pulsar de uma raça não nascida,  
Rasgado pelo desejo de um mundo,  
A pressão crescente do meu rebelde sangue jovem  
Apagaria o fogo do julgamento.  
Eu sou um Homem, Homem, Homem, desde a pele corada  
Até o pó de minha vida terrena,  
Desde o ninho escuro do ventre grávido  
Até o brilho da minha alma nua.  
Osso do meu osso e carne da minha carne  
O mundo inteiro se move à minha vontade,  
E a sede não saciada de um Éden amaldiçoado  
Deve angustiar a terra para se saciar.  
Deus Todo-Poderoso, quando eu esvaziar o copo da vida  
De todos os seus brilhos do arco-íris,*

*A desgraça infeliz da noite eterna  
Não será longa demais para os meus sonhos.*

*O homem expulso do bosque do Éden  
Era eu, meu Senhor, era eu,  
E eu estarei lá quando a terra e o ar  
Se cindirem do mar ao céu;  
Pois é o meu mundo, meu mundo lindo,  
O mundo do meu mais amado deleite,  
Do brilho mais cintilante da corrente do Ártico  
Até o ocaso da minha noite de amor.*

Ernest sempre trabalhava demais. Sua constituição maravilhosa o mantinha em pé, mas mesmo seu físico não conseguia apagar o olhar cansado de seus olhos. Seus amados olhos cansados! Ele nunca dormia mais do que quatro horas e meia por noite e, ainda assim, nunca conseguia finalizar todo o seu trabalho. Ele nunca cessou suas atividades como propagandista, sempre tinha sua agenda reservada com muita antecedência para palestras em organizações operárias. Então, começou a campanha eleitoral. Ele fez o trabalho todo sozinho. Com o boicote às editoras socialistas, seus escassos pagamentos de royalties cessaram e ele teve dificuldades para ganhar a vida. Ele tinha de ganhar dinheiro além de todo o

seu outro trabalho. Traduziu muitos artigos para revistas científicas e filosóficas. Ao chegar em casa tarde da noite, exausto pela tensão da campanha, ele mergulhava em suas traduções e seguia até altas horas da manhã. E, além de tudo, ele estudava. Até o dia de sua morte, ele continuou seus estudos e fazia isso de maneira inigualável.

Depois, ele ainda encontrava tempo para me amar e me fazer feliz. Mas isso só foi possível através da fusão completa da minha vida com a dele. Aprendi taquigrafia e datilografia, tornando-me sua secretária. Ele insistiu que eu cortasse meu trabalho pela metade e, por isso, eu me esforcei mais ainda para entender seu trabalho. Nossos interesses se tornaram mútuos, trabalhávamos e nos divertíamos juntos.

Tínhamos momentos furtivos e doces no meio de nosso trabalho — uma mera palavra, ou uma carícia, ou um brilho da luz do amor. E esses momentos eram mais doces por terem sido roubados. Nós vivíamos nas alturas, onde o ar era puro e claro, onde o trabalho era para a humanidade e onde a sordidez e o egoísmo nunca entravam. Nós amávamos o amor, nosso amor nunca foi maculado por nada menos que o melhor. E se algo permanece de tudo isso, é o orgulho de que eu não falhei. Eu lhe dei descanso. Ele, que trabalhou tanto pelos outros, meu querido mortalista de olhos cansados.

## CAPÍTULO 12. O BISPO

**F**oi depois do meu casamento que, por acaso, me encontrei com o bispo Morehouse. Mas vou colocar os eventos em sua sequência adequada. Depois de seu surto na convenção da IPH, o bispo, uma alma gentil, cedeu à pressão amigável exercida sobre ele e tirou férias. Ele voltou mais firme do que nunca em sua determinação de pregar sua mensagem na Igreja. Para consternação de sua congregação, seu primeiro sermão foi bastante semelhante ao discurso que ele havia dado anteriormente. Novamente, ele disse, detidamente e com detalhes angustiantes, que a Igreja havia se desviado dos ensinamentos do Mestre, e que Mamom havia sido colocado no lugar de Cristo.

E o resultado foi, queira ou não, ser levado para um sanatório particular para doenças mentais. Os jornais publicaram relatos patéticos de seu colapso mental e da santidade de seu caráter. Ele foi mantido prisioneiro no sanatório. Liguei várias vezes, mas o acesso a ele era negado. Fiquei terrivelmente

impressionada com a tragédia de um homem são, normal e santo sendo esmagado pela vontade brutal da sociedade. O bispo era realmente saudável, puro e nobre. Como Ernest disse, seu único problema era que ele tinha noções incorretas de biologia e sociologia e, em razão dessas noções, ele não encontrava a maneira correta para corrigir as coisas.

O que mais me deixava aflita era o desamparo do bispo. Se ele persistisse em dizer a sua versão da verdade, estaria condenado a uma ala de loucos, à sua revelia. Seu dinheiro, sua posição e sua cultura, não o salvariam. Seus pontos de vista eram perigosos para a sociedade, e a sociedade não podia conceber que tais opiniões perigosas pudessem ser produto de uma mente sã. Ou, pelo menos, eu acreditava que essa era a atitude da sociedade.

Mas o bispo, apesar da doçura e pureza de seu espírito, era bastante astucioso. Ele entendeu claramente os riscos. Ele se viu preso na teia e tentou escapar dela. Ele foi deixado para lutar sozinho, sem a ajuda de amigos, como papai, Ernest e eu. Ele se recuperou e voltou a ser são na solidão forçada do sanatório. Seus olhos deixaram de ter visões, seu cérebro foi purgado da epifania de que era dever da sociedade alimentar os cordeiros do Mestre.

Como eu disse, ele sarou, e muito bem. Os jornais e as pessoas da igreja saudaram seu retorno. Certa vez, fui à sua

igreja. O sermão tinha o mesmo viés daqueles que ele pregava muito antes de suas visões. Fiquei decepcionada, chocada. Então, a sociedade o havia espancado até a submissão? Ele era um covarde? Ele tinha sido forçado a se retratar? Ou a tensão foi tão grande que ele se rendera mansamente ao rolo compressor oligárquico?

Eu fui até a sua bela casa. Ele estava mudado, lamentavelmente. Ele estava muito magro, havia rugas em seu rosto que eu nunca tinha visto antes. Ele estava claramente angustiado com a minha visita e torcia suas mangas com nervosismo enquanto conversávamos. Seus olhos estavam inquietos, piscando sem parar, recusando-se a encontrar os meus. Sua mente parecia preocupada, havia pausas estranhas em sua fala, rápidas mudanças de assunto e uma completa falta de concentração. Seria este, então, aquele homem firme como Cristo que eu conhecera, com um olhar claro e inabalável como sua alma? Ele havia sido manipulado pelo homem e até seu espírito havia sido oprimido. Sua alma era muito gentil. Não tinha sido poderoso o suficiente para enfrentar a matilha organizada da sociedade.

Fiquei tão triste que sequer consigo descrever. Ele falava de maneira ambígua e estava tão apreensivo que eu não tive coragem de entrar em detalhes. Falou superficialmente de sua doença, conversamos da mesma maneira sobre a igreja,

as mudanças no órgão e sobre pequenas caridades. Minha partida lhe causou um alívio tão evidente que eu teria rido se meu coração não estivesse afogado em lágrimas.

Pobre herói! Eu não fazia ideia! Ele estava lutando como um gigante, e eu não percebi. Completamente sozinho entre milhões de seus semelhantes, ele continuava a sua luta. Dilacerado por seu horror ao asilo e sua fidelidade à verdade e aos direitos, agarrou-se firmemente à verdade e ao direito. Mas ele se sentia tão sozinho que não ousava confiar nem mesmo em mim. Ele havia aprendido bem a lição. Bem demais.

Eu logo saberia de tudo isso. Um dia, o bispo desapareceu. Ele não havia contado a ninguém que partiria. Com o passar dos dias, muitos boatos diziam que ele havia cometido suicídio ao ficar temporariamente perturbado de novo. Mas essa ideia foi dissipada quando se soube que ele havia vendido todos os seus bens — sua mansão na cidade, sua casa de campo em Menlo Park, suas pinturas e coleções, e até mesmo sua querida biblioteca. Era evidente que ele havia feito uma varredura secreta e completa de tudo antes de desaparecer.

Nesse mesmo período, calamidades também nos atingiam e, somente depois de estarmos instalados em nosso novo lar, é que tivemos a oportunidade de realmente nos



perguntar e especular sobre as ações do bispo. Foi quando, de repente, tudo ficou claro. Certa tarde, ao cair da noite, atravessei a rua e entrei no açougue para comprar costeletas para o jantar de Ernest. Chamávamos a última refeição do dia de “ceia” em nossa nova casa.

No momento em que saí do açougue, um homem saiu da mercearia da esquina. Uma estranha sensação de familiaridade me fez olhar novamente. Mas o homem havia se virado e se afastava rapidamente. Havia algo no formato dos ombros, na franja de cabelos prateados sob seu velho chapéu, que despertou lembranças em mim. Em vez de atravessar a rua, corri atrás do homem. Acelerei o passo, tentando não me ater aos pensamentos que se formavam espontaneamente em meu cérebro. Não, era impossível. Não podia ser — não naquele macacão desbotado, folgado demais nas pernas e desfiado nas barras.

Fiz uma pausa, ri de mim mesma e quase abandonei a perseguição. Mas a assombrosa familiaridade daqueles ombros e dos cabelos grisalhos fizeram com que eu me apressasse. Ao passar por ele, lancei um olhar diretamente para o seu rosto. Então, abruptamente, eu me virei para encarar... o bispo.

Ele também estancou e engasgou. O grande saco de papel em sua mão direita caiu na calçada e se rompeu. Sobre

seus pés e os meus, rolou uma enxurrada de batatas. Ele olhou surpreso, mas depois pareceu murchar. Seus ombros caíram de desânimo e ele soltou um suspiro profundo.

Eu estendi minha mão. Ele a apertou, mas sua mão estava úmida. Ele limpou a garganta de vergonha, eu podia ver o suor brotando em sua testa. Era evidente que ele estava muito assustado.

— As batatas — ele murmurou fracamente. — Estão caríssimas.

Juntos, nós as recolhemos e as re colocamos no saco rasgado, que ele agora segurava cuidadosamente com o braço dobrado. Tentei comunicar a ele minha alegria em vê-lo e que ele deveria ir para casa comigo.

— Papai ficará feliz — eu disse. — Moramos logo ali.

— Não posso — ele disse. — Preciso ir. Adeus.

Olhou apreensivamente à sua volta, como se temesse ser descoberto, e fez uma tentativa de seguir em frente.

— Onde você mora? Passarei lá uma outra hora — disse ele ao ver que eu caminhava ao seu lado e que não o abandonaria agora que o encontrara.

— Não — eu respondi com firmeza. — Você precisa vir agora.

Ele olhou para as suas batatas e para os pacotes que eu carregava.

— Realmente, é impossível — disse ele. — Perdoe minha grosseria. Você não faz ideia.

Ele parecia prestes a desmoronar, mas, no momento seguinte, retomou o controle.

— Além disso, esta comida — ele continuou. — Triste história. Terrível. Ela é idosa. Preciso entregar a ela sem demora. Ela está morrendo de fome. Preciso ir. Você entende. Depois, eu volto. Eu prometo.

— Deixe-me ir com você — eu ofereci. — É longe?

Ele suspirou novamente e se rendeu.

— Uns dois quarteirões — disse ele. — Vamos logo.

Sob a orientação do bispo, aprendi algo sobre o meu próprio bairro. Eu não imaginava a miséria que existia ali. Obviamente, isso era porque eu não me preocupava com a caridade. Eu me convenci quando Ernest comparou a caridade com um esparadrapo em uma úlcera. Tirar a úlcera era o remédio. Dar ao trabalhador seu próprio produto, dar a ele uma aposentadoria como a dos soldados para que envelheçam honrosamente em sua profissão. Assim, não haveria necessidade de caridade. Convencida disso, trabalhei com ele na revolução e não esgotei minhas energias para aliviar os males sociais que continuamente surgiam da injustiça do sistema.

Segui o bispo até um pequeno cômodo, três por quatro, em um cortiço de fundos. Ali encontramos uma velhinha

alemã — sessenta e quatro anos, segundo o bispo. Ela ficou surpresa ao me ver, mas acenou com a cabeça em uma saudação cordial e continuou costurando o par de calças masculinas em seu colo. Ao lado dela, no chão, havia uma pilha de calças. O bispo descobriu que não havia carvão nem gravetos e saiu para comprar.

Peguei um par de calças e examinei seu trabalho.

— Seis centavos, senhora — ela disse, balançando a cabeça suavemente enquanto continuava a costurar. Ela costurava lentamente, mas nunca parava. Ela parecia dominada pelo verbo “costurar”.

— Por todo esse trabalho? — perguntei. — É o que eles pagam? Quanto tempo você leva?

— Isso — ela respondeu. — É isso o que eles pagam. Seis centavos para o acabamento. Duas horas de costura em cada par. Mas o chefe não sabe disso — ela acrescentou rapidamente, confessando o medo de se colocar em apuros. — Eu sou lenta. Tenho reumatismo nas mãos. As meninas trabalham muito mais rápido, na metade do tempo. O chefe é gentil e me deixa trazer trabalho para casa. Já estou velha e o barulho da máquina atrapalha a minha cabeça. Se não fosse por sua bondade, eu morreria de fome. Sim, quem trabalha na oficina ganha oito centavos. Mas fazer o quê? Não há trabalho suficiente para os jovens. Os idosos não têm

chance. Muitas vezes, só consigo um par. Outras, como hoje, preciso terminar oito pares antes que anoiteça.

Perguntei-lhe quantas horas trabalhava, e ela disse que dependia da estação.

— No verão, quando há pedidos urgentes, trabalho das cinco da manhã às nove da noite. Mas, no inverno, é muito frio. As mãos demoram a amolecer. Então, acabamos trabalhando até mais tarde. Às vezes, até depois da meia-noite. Esse verão foi ruim. Tempos difíceis. Deus deve estar contrariado. Este é o primeiro trabalho que o chefe me deu esta semana. Quando não há muito trabalho, não podemos comer muito. Já me acostumei. Costurei a minha vida toda, no interior e aqui em São Francisco... trinta e três anos. Se você tem certeza do aluguel, tudo bem. O senhorio é muito gentil, mas só quando o aluguel está em dia. É justo. Ele cobra só três dólares por este cômodo. É bem barato. Mas não é fácil ganhar três dólares todo mês.

Ela parou de falar, balançou a cabeça e continuou costurando.

— Temos de pensar muito bem em como gastar o que ganhamos — sugeri.

Ela assentiu enfaticamente.

— Depois do aluguel, tudo melhora. Claro que não se pode comprar carne. E nem temos leite para o café. Mas pelo menos temos uma refeição por dia e, às vezes, duas.

Ela pronunciou essa última frase com orgulho. Havia um toque de conquista naquelas palavras. Mas seu silêncio me fez notar a tristeza em seus olhos calmos e a torção em seus lábios. Seu olhar se distanciou. Ela os esfregou apressadamente, pois aquilo interferia em sua costura.

— Não, não é a fome que faz o coração doer — explicou. — Você se acostuma com a fome. Eu choro pela minha filha. A máquina matou ela. Ela trabalhava duro, mas não consigo entender. Ela era forte. Ela era jovem, tinha só quarenta, e trabalhou só trinta. Ela começou jovem, é verdade, mas meu marido morreu. A caldeira um dia explodiu. E o que dava para fazer? Ela tinha dez anos, mas era muito forte. Só que a máquina matou a minha filha. Matou mesmo. Matou ela, a moça mais rápida da oficina. Tenho pensado muito nisso, e eu sei. É por isso que não posso trabalhar na oficina. A máquina confunde a minha cabeça. Sempre ouço ela falando: “Eu sou a culpada, fui eu”. E não para de falar isso nem um segundo. Então, penso na minha filha e não consigo trabalhar.

Seus olhos ficaram úmidos novamente, ela teve de limpá-los para continuar costurando.

Ouvi o bispo tropeçando escada acima e abri a porta. Ele estava um espetáculo. Carregava nas costas meio saco de carvão, com gravetos em cima. Ele tinha um pouco de

pó de carvão no rosto e o suor de seus esforços escorria em filetes. Ele largou seu fardo no canto perto do fogão e enxugou o rosto com sua bandana grossa. Eu mal podia aceitar o que os meus sentidos registravam. O bispo, preto como um mineiro, com uma camisa de algodão barata de operário (faltava um botão no colarinho) e de macacão! Isso era o mais incongruente de tudo — o macacão puído na parte de baixo, com suas barras dobradas e preso por um fino cinto de couro nos quadris, como os que os operários usavam.

Embora o bispo estivesse com calor, as pobres mãos inchadas da velha já estavam com cãibras de frio. Antes de sairmos, o bispo acendeu o fogo e eu descasquei as batatas e as coloquei para cozinhar. Com o passar do tempo, eu aprenderia que havia muitos casos semelhantes ao dela. Alguns muito piores, escondidos nas profundezas monstruosas dos cortiços do meu bairro.

Voltamos e encontramos Ernest alarmado com minha ausência. Esgotada a surpresa inicial, o bispo recostou-se na cadeira, esticou as pernas cobertas pelo macacão e deu um suspiro confortável. Éramos os primeiros de seus velhos amigos que ele encontrava depois de seu desaparecimento. Durante as semanas iniciais, ele devia ter sofrido muito com a solidão. Ele nos contou tudo, embora falasse mais sobre sua alegria em cumprir a ordem do Mestre.

— Agora sim — disse ele —, estou alimentando seus cordeiros. E aprendi uma grande lição. A alma não pode ser ministrada antes de o estômago ser apaziguado. Seus cordeiros devem ser alimentados com pão e manteiga, batatas e carne. Depois disso, e somente depois disso, seus espíritos estão prontos para uma nutrição mais refinada.

Ele comeu com vontade o jantar que preparei. Não me lembro de um apetite tão grande quanto esse em nossa mesa nos velhos tempos. Conversamos e ele disse que nunca estivera tão saudável em sua vida.

— Agora, eu caminho muito — disse ele, um rubor surgiu em seu rosto ao pensar em quando ele andava em seu carro, como se fosse um grande pecado. — Minha saúde melhorou muito — acrescentou apressadamente. — Estou muito feliz, de verdade. Muito feliz. Enfim, sou um espírito consagrado.

E, no entanto, havia em seu rosto uma dor permanente, a dor do mundo que agora tomava para si. Ele estava vivenciando a vida em seu estado bruto e era uma vida diferente da que ele conhecera nos livros de sua biblioteca.

— E você é responsável por tudo isso, meu jovem — disse ele diretamente a Ernest.

Ernest ficou tímido.

— Eu-eu avisei — ele vacilou.



— Não, você não entendeu — respondeu o bispo. — Meu tom não é de reprovação, mas de gratidão. Tenho de agradecer a você por me mostrar o caminho. Você me levou das teorias sobre a vida para a própria vida. Você afastou o véu das farsas sociais. Você foi luz na minha escuridão, mas agora eu também vejo a luz. Estou muito feliz, só que... — ele hesitou dolorosamente e seus olhos foram tomados por um grande medo. — É a perseguição. Eu não faço mal a ninguém. Por que eles não me deixam em paz? Mais do que isso. É a natureza da perseguição. Eu não me importaria se eles cortassem minha carne em tiras, ou que me queimassem na fogueira, ou que me crucificassem de cabeça para baixo. Mas é o manicômio que me assusta. Pense nisso! Eu, em um asilo para loucos! É revoltante. Eu vi alguns dos casos no sanatório. Eles eram violentos. Meu sangue gela quando penso nisso. E ficar preso pelo resto da vida em cenas de loucura! Não! não! Isso não! Isso não!

Era de cortar o coração. Suas mãos tremiam, todo o seu corpo se encolheu e ele tentava se afastar da imagem que havia conjurado. Mas, no momento seguinte, já estava calmo.

— Perdão — disse ele, simplesmente. — Meus nervos estão em frangalhos. E se a obra do Mestre nos levar até lá, que assim seja. Quem sou eu para reclamar?

Tive vontade de chorar ao olhar para ele:

— Grande Bispo! Ó herói! O herói de Deus!

À medida em que a noite avançava, ouvimos mais sobre os seus feitos.

— Vendi minha casa... minhas casas, melhor dizendo — ele disse —, e todas as minhas outras posses. Eu fiz tudo isso secretamente, senão teriam tirado tudo de mim. Isso teria sido terrível. Agora, muitas vezes, fico maravilhado com a imensa quantidade de batatas que duzentos ou trezentos mil dólares podem comprar, ou pão, carne, carvão e lenha. — Ele se virou para Ernest. — Você está certo, jovem. O trabalho é terrivelmente mal pago. Eu nunca trabalhei na minha vida, exceto para atrair esteticamente os fariseus. Eu achava que era o arauto da mensagem e, ainda assim, eu valia meio milhão de dólares. Eu nunca soube o que meio milhão de dólares significava até perceber quanta batata, pão, manteiga e carne é possível comprar. E, então, eu percebi outra coisa. Todas aquelas batatas, pão, manteiga e carne estavam ao meu alcance, mas eu não tinha que me esforçar para tê-los. Então, tudo ficou claro para mim: outra pessoa havia trabalhado e se esforçado e aquilo tinha sido tirado dela. E, quando desci entre os pobres, encontrei aqueles que foram roubados e que estavam famintos e miseráveis por terem sido roubados. O dinheiro? Eu o depusitei em muitos bancos, em nomes diferentes. Nunca poderá ser tirado de

mim, porque nunca poderá ser encontrado. E é tão bom, esse dinheiro. Ele compra tanta comida. Eu nunca soube antes para que o dinheiro era bom.

— Será que você conseguiria um pouco dele para a propaganda? — perguntou Ernest, melancolicamente. — Faria um bem imenso.

— Você acha? — disse o bispo. — Não tenho muita fé na política. Na verdade, acho que não entendo a política.

Ernest era delicado nesses assuntos. Ele não repetiu sua sugestão, embora soubesse muito bem a difícil situação em que o Partido Socialista estava por falta de dinheiro.

— Eu durmo em hospedarias baratas — continuou o bispo. — Mas tenho medo, e nunca fico muito tempo no mesmo lugar. Além disso, alugo dois quartos em casas de operários em diferentes bairros da cidade. É uma grande extravagância, eu sei, mas é necessária. Eu compenso em parte fazendo a minha própria comida, embora às vezes eu consiga algo para comer em cafés baratos. E eu fiz uma descoberta. Tamales<sup>76</sup> são muito bons quando a madrugada esfria. Mas eles são muito caros. Então, descobri um lugar em que pago três por dez centavos. Eles não são tão saborosos, mas são

---

76 Um prato mexicano referido, ocasionalmente, na literatura da época. Supõe-se que era calorosamente temperado. Nenhuma receita dele chegou até nós.

muito quentes. E assim finalmente encontrei meu trabalho no mundo, graças a você, jovem. É o trabalho do Mestre. — Ele olhou para mim, seus olhos brilharam. — Você me pegou alimentando os cordeiros dele, não é? E, obviamente, vocês guardarão o meu segredo.

Ele falou sem ressalvas, mas havia um medo real por trás do discurso. Ele prometeu nos procurar novamente. Mas, uma semana depois, lemos no jornal o triste caso do bispo Morehouse, que havia sido internado no Asilo de Napa e para quem ainda havia esperanças. Em vão, tentamos vê-lo para que seu caso fosse reconsiderado ou investigado. Não conseguimos saber nada sobre ele, exceto as reiteradas declarações de que ainda havia esperanças para sua recuperação.

— Cristo disse ao jovem rico para vender tudo o que tinha — disse Ernest, amargamente. — O bispo obedeceu à ordem de Cristo e foi internado num hospício. Os tempos mudaram desde os dias de Cristo. Hoje, um homem rico que dá tudo o que tem aos pobres é louco. Não há discussão. A sociedade falou.

## CAPÍTULO 13. A GREVE GERAL

**O**bviamente, Ernest foi eleito para o Congresso na grande vitória socialista que ocorreu no outono de 1912. Um grande fator que ajudou a engrossar o voto socialista foi a destruição de Hearst.<sup>77</sup> A plutocracia viu nisso uma tarefa fácil. A administração de seus vários jornais custava a Hearst dezoito milhões de dólares por ano e, essa quantia, e ainda mais, vinha dos pagamentos em publicidade da classe média. A fonte de

---

77 William Randolph Hearst foi um jovem milionário da Califórnia que se tornou o empresário de comunicação mais poderoso do país. Seus jornais eram publicados em todas as grandes cidades e atraíam a classe média em extinção e o proletariado. Tão grande era o seu número de seguidores que ele conseguiu tomar posse da casca vazia do antigo Partido Democrata. Ele ocupava uma posição anômala, pregando um socialismo emasculado combinado com um tipo indescritível de capitalismo pequeno-burguês. Eram óleo e água, não havia esperança para ele, embora, por um curto período, tenha sido uma fonte de séria preocupação para os plutocratas.

sua força financeira estava inteiramente na classe média. Os trustes não anunciavam.<sup>78</sup> Para destruir Hearst, bastava tirar dele a sua publicidade.

A classe média ainda não havia sido exterminada por inteiro. Seu esqueleto robusto ainda permanecia, mas já estava sem vida. Os pequenos fabricantes e empresários que ainda sobreviviam estavam à completa mercê da plutocracia. Eles não tinham alma econômica, nem política própria. Quando a plutocracia exerceu seu poder, eles retiraram seus anúncios dos jornais de Hearst.

Hearst lutou de maneira digna. Ele manteve seus jornais com um prejuízo de um milhão e meio por mês. Ele continuou a publicar os anúncios pelos quais não recebia mais pagamento. Novamente, a plutocracia usou seu poder, os pequenos empresários e fabricantes o inundaram com uma enxurrada de avisos de que ele deveria interromper a veiculação de seus antigos anúncios. Hearst insistiu. Notificações foram expedidas contra ele. Mesmo assim, ele persistiu. Ele foi condenado a seis meses de prisão por desacato ao

---

78 Naqueles tempos confusos, o custo da publicidade era inacreditável. Apenas os pequenos capitalistas competiam e, portanto, faziam a publicidade. No lugar em que tinha um truste, não existia concorrência, sendo assim, não havia necessidade dos trustes fazerem propaganda.

tribunal por desobedecer às liminares enquanto, ao mesmo tempo, ele falia por inúmeros processos de danos. Ele não teve chance. A plutocracia o havia condenado. Os tribunais estavam nas mãos da plutocracia para executar a sentença. E, com Hearst, o Partido Democrata também sucumbiu, aquele que ele havia dominado tão recentemente.

Com a destruição de Hearst e do Partido Democrata, havia apenas dois caminhos a seguir. Um, era o do Partido Socialista; e, o outro, era o do Partido Republicano. Foi, então, que nós, socialistas, colhemos os frutos da pregação pseudossocialista de Hearst, pois a grande maioria de seus seguidores veio até nós.

A expropriação dos fazendeiros que ocorreu naquele momento também teria engrossado nosso voto se não fosse pela breve e fútil ascensão do Partido Agro. Ernest e os líderes socialistas lutaram ferozmente para atrair os fazendeiros, mas a destruição da imprensa socialista e das editoras resultou em uma desvantagem muito grande, enquanto a propaganda boca a boca ainda não tinha sido aperfeiçoada. Foi assim que políticos como o sr. Calvin, fazendeiros há muito expropriados, atraíram os fazendeiros e jogaram fora sua força política em uma campanha inútil.

— Os pobres fazendeiros... — Ernest certa vez riu, selvagememente — Os trustes os fazem de bonecos.

E essa era realmente a situação. Os sete grandes trustes, trabalhando com seus enormes excedentes, formaram um truste agrícola. As ferrovias controlavam as tarifas, os banqueiros e os investidores da bolsa de valores controlavam os preços. Há muito já drenavam os agricultores até o endividamento. Os banqueiros, bem como todos os trustes, também há muito tinham emprestado quantias colossais aos fazendeiros. Os agricultores estavam nas cordas. Tudo o que restava era o golpe de nocaute. E foi o que o truste agrícola passou a fazer.

Os tempos difíceis de 1912 já haviam causado uma queda assustadora nos mercados agropecuários. Então, pressionaram os preços de forma deliberada, levando-os à falência, enquanto as ferrovias, com tarifas extorsivas, destruíam as reservas dos fazendeiros. Assim, os agricultores foram obrigados a pedir mais e mais empréstimos, sem conseguir pagar seus empréstimos mais antigos. Seguiu-se, dessa forma, a grande execução de hipotecas e a cobrança forçada de títulos. Os fazendeiros simplesmente entregaram a terra ao truste agrícola. Não havia mais nada a ser feito. E, ao entregarem a terra, os fazendeiros passaram a trabalhar para o truste agrícola, tornando-se gerentes, superintendentes, capatazes e trabalhadores comuns. Trabalhavam por salários. Eles se tornaram vilões; em suma, escravos presos ao solo por um



salário mínimo. Eles não podiam abandonar seus patrões, pois eles compunham a Plutocracia. Eles não podiam ir às cidades, pois ali também a Plutocracia estava no controle. Eles tinham apenas uma alternativa: deixar o campo e se tornar andarilhos famintos. E, mesmo assim, eles se frustraram, pois leis rigorosas de mendicância foram aprovadas e rigidamente aplicadas.

Claro que, aqui e ali, fazendeiros, e até comunidades inteiras de agricultores, escaparam da expropriação em virtude de condições excepcionais. Mas eles eram apenas párias e não contavam; e, no ano seguinte, seriam capturados também.<sup>79</sup>

---

79 A destruição da pequena propriedade no Império Romano ocorreu muito mais lentamente do que a destruição dos fazendeiros e pequenos capitalistas americanos. Houve um momento no século 20 em que praticamente não havia nenhuma pequena propriedade. Muitos fazendeiros, impelidos por um desejo insano pelo solo e dispostos a demonstrar que poderiam se tornar animais, tentaram escapar da expropriação, retirando-se de toda e qualquer negociação de mercado. Não vendiam nada e não compravam nada. Entre eles, começou a surgir uma troca primitiva. Suas privações e dificuldades foram terríveis, mas persistiram. Isso se tornou um movimento de expressão, na verdade. A maneira como foram sufocados foi inovadora, lógica e simples. A plutocracia, em virtude de seu poder sobre o governo, aumentou os impostos. Era o calcanhar de Aquiles da armadura. Sem comprar ou vender, eles não tinham dinheiro e, no final, suas terras foram desapropriadas para pagar os impostos.

Foi assim que, no outono de 1912, os líderes socialistas, com exceção de Ernest, decidiram que o fim do capitalismo havia chegado. Foram tempos difíceis. O resultado era um vasto exército de desempregados. Devido a destruição dos agricultores e da classe média, além da derrota decisiva administrada em todo rol dos sindicatos, os socialistas estavam realmente propensos a acreditar que o fim do capitalismo havia chegado e eles mesmos lançaram o desafio à plutocracia.

Infelizmente, como subestimamos a força do inimigo! Em todos os lugares, os socialistas proclamavam sua próxima vitória nas urnas, enquanto, em termos inequívocos, denunciavam a situação. A plutocracia aceitou o desafio. Foi a plutocracia, com pressões e planejamento, que dividiu nossas forças e nos derrotou. Foi ela, por meio de seus agentes secretos, que levantou o clamor de que o socialismo era sacrílego e ateu; que instigou as igrejas, e especialmente a Igreja Católica toda, e nos roubou uma parcela do voto trabalhista. E foi a plutocracia, através de seus agentes secretos, é claro, que apoiou e propagandeou o Partido Agro nas cidades, entre as fileiras da agonizante classe média.

Mesmo assim, a avalanche socialista não podia ser refreada. Mas, em vez de uma vitória arrebatadora com dirigentes executivos e maiorias em todos os órgãos legislativos, nos encontramos em minoria. É verdade que elegemos

cinquenta congressistas, mas, quando tomaram posse na primavera de 1913, viram-se sem nenhum poder efetivo. No entanto, eles foram mais afortunados do que os Agros, que venceram em uma dúzia de estados e que, na primavera, não tiveram permissão para tomar posse de seus gabinetes. Os titulares se recusaram a se retirar e os tribunais estavam nas mãos da Oligarquia. Mas estou me adiantando em muito nos acontecimentos. Ainda preciso falar das agitações do inverno de 1912.

Os difíceis tempos domésticos causaram uma imensa diminuição no consumo. O trabalhador, desempregado, não tinha poder aquisitivo. O resultado foi que a plutocracia acabou com um excedente ainda maior em suas mãos. Esse excedente precisou ser exportado e, para esse plano colossal, era preciso dinheiro. Em razão de seus árduos esforços para escoar o excedente no mercado mundial, a plutocracia entrou em choque com a Alemanha. Os confrontos econômicos geralmente eram sucedidos por guerras e, esse confronto em particular, não foi exceção. O grande senhor da guerra alemão se preparou; os Estados Unidos também se prepararam.

A nuvem da guerra pairava escura e ameaçadora. O palco estava montado para uma catástrofe mundial, pois todo o mundo passava por tempos difíceis, problemas trabalhistas, classes médias perecendo, enxames de desempregados,

choques de interesses econômicos no mercado mundial e rumores de uma revolução socialista.<sup>80</sup>

A Oligarquia queria a guerra com a Alemanha. A guerra era boa por diversas razões. No malabarismo dos eventos que a guerra causaria, no reembaralhamento das cartas internacionais e na elaboração de novos tratados e alianças, a Oligarquia tinha muito a ganhar. Além disso, a guerra consumiria muitos excedentes nacionais, reduziria os exércitos de

---

80 Por muito tempo, esses murmúrios foram ouvidos. Antes, em 1906 d.C., Lorde Avebury, um inglês, pronunciou o seguinte na Câmara dos Lordes: "A comoção na Europa, o avanço do socialismo e o tenebroso levante do anarquismo são avisos aos governo e classes dominantes de que a condição das classes trabalhadoras na Europa está se tornando intolerável e que, para evitar uma revolução, algumas medidas devem ser tomadas para aumentar salários, reduzir horas de trabalho e baixar os preços dos itens essenciais." O Wall Street Journal, uma publicação dos apostadores da bolsa, comentou o discurso de Lorde Avebury: "Estas palavras foram ditas por um aristocrata, membro do órgão mais conservador de toda a Europa. Isso lhes confere ainda mais significado. Elas contêm mais economia política do que podemos encontrar na maioria dos livros. Elas soam uma nota de advertência. Prestem atenção, senhores dos departamentos de guerra e marinha!" Ao mesmo tempo, Sydney Brooks, nos Estados Unidos, escreveu na Harper's Weekly: "Os socialistas não serão ouvidos em Washington. Por que seriam? Os políticos são sempre as últimas pessoas neste país a ver o que está acontecendo debaixo de seus narizes. Eles vão zombar de mim quando eu profetizar, com a maior confiança, que, na próxima eleição presidencial, os socialistas terão mais de um milhão de votos."

desempregados que ameaçavam os países e daria à Oligarquia o ambiente para aperfeiçoar e executar seus planos. Tal guerra colocaria virtualmente a Oligarquia na posse do mercado mundial. Além disso, tal guerra criaria um grande exército permanente que nunca mais seria dissolvido. Depois disso, na mente das pessoas, seria substituído o slogan “América *versus* Alemanha” por “Oligarquia *versus* Socialismo”.

E, realmente, a guerra teria feito tudo isso se não fossem os socialistas. Uma reunião secreta dos líderes ocidentais foi realizada em nossos quatro minúsculos cômodos em Pell Street. Nessa ocasião, foi considerada pela primeira vez a posição que os socialistas deveriam tomar. Não era a primeira vez que nos envolvíamos em uma guerra,<sup>81</sup> mas era a primeira vez que isso acontecia dentro dos Estados Unidos. Depois de nossa reunião secreta, entramos em contato com

---

81 Foi no início do século 20 d.C. que a organização internacional dos socialistas finalmente formulou sua política de guerra. Sua doutrina resumida era: “Por que os trabalhadores de um país devem lutar contra trabalhadores de outro país em benefício de seus senhores capitalistas? Em 21 de maio de 1905 d.C., quando a guerra pairava entre a Áustria e a Itália, os socialistas italianos, austríacos e húngaros realizaram uma conferência em Trieste e ameaçaram uma greve geral dos trabalhadores de ambos os países caso a guerra fosse declarada. Isso se repetiu no ano seguinte, quando o “Caso Marrocos” ameaçou envolver a França, a Alemanha e a Inglaterra.

a organização nacional e logo nossos telegramas em código cruzavam o Atlântico entre nós e a Bureau Internacional.

Os socialistas alemães estavam prontos para agir conosco. Havia mais de cinco milhões deles, muitos deles no contingente do exército e, além disso, mantinham relações amistosas com os sindicatos. Em ambos os países, os socialistas bravamente se declararam contra a guerra e ameaçaram uma greve geral. Nesse meio tempo, os preparativos para a greve já estavam em andamento. Os partidos revolucionários em todos os países deram voz pública ao princípio socialista da paz internacional, cuja deve ser preservada em todos os casos, mesmo ao ponto de revolta e revolução doméstica.

A greve geral foi a única grande vitória que nós, socialistas americanos, conquistamos. No dia 4 de dezembro, o embaixador americano foi retirado da capital alemã. Naquela noite, uma frota alemã investiu contra Honolulu, afundando três cruzadores americanos, um navio da guarda costeira, e bombardeando a cidade. No dia seguinte, a Alemanha e os Estados Unidos declararam guerra e, dentro de uma hora, os socialistas convocaram a greve geral em ambos os países.

Pela primeira vez, o senhor da guerra alemão viu os homens de seu próprio império contra ele. Sem eles, era impossível administrar seu país. A novidade é que a situação era uma revolta passiva. Eles não lutaram. Eles não fizeram

nada. E, sem fazer nada, amarraram as mãos do seu senhor da guerra. Ele pediu autorização para soltar seus cães de guerra sobre seu proletariado rebelde. Mas isso lhe foi negado. Ele não podia soltar seus cães de guerra. Nem poderia mobilizar seu exército para a guerra, nem punir seus cidadãos. Nem uma engrenagem se moveu em seu império. Nenhum trem se movimentou, nenhuma mensagem telegráfica passou pelos fios, pois os telégrafos e os ferroviários também haviam parado de trabalhar como o resto da população.

Assim como na Alemanha, o mesmo aconteceu nos Estados Unidos. O trabalho organizado havia aprendido uma lição. Derrotado decisivamente em seu próprio campo, abandonou seu passado para atuar no campo político dos socialistas — pois a greve geral foi uma greve política. Além disso, o trabalho organizado tinha sido tão maltratado que não se importou. Todos se juntaram à greve por puro desespero. Milhões de trabalhadores largaram suas ferramentas e abandonaram suas tarefas. Especialmente notáveis, foram os maquinistas. Eles estavam derrotados, sua organização aparentemente havia sido destruída, mas eles apoiaram a greve ao lado de seus aliados da indústria metalúrgica.

Os trabalhadores comuns e todo o trabalho não organizado deixou de trabalhar. A greve travou cada setor para que ninguém pudesse trabalhar. Além disso, as mulheres

provaram ser suas mais fortes promotoras. Elas deram a cara contra a guerra. Elas não queriam que seus homens saíssem para morrer. E, finalmente, a ideia da greve geral também encontrou ânimo no povo. Tocou-os em seu âmago. A ideia era contagiante. As crianças faziam greve em todas as escolas e, os professores que chegavam, voltavam para casa com suas salas de aula desertas. A greve tomou a forma de um grande piquenique nacional. E a ideia da solidariedade do trabalho foi evidenciada e atraiu a imaginação de todos. E, acima de tudo, não havia perigo em participar da colossal brincadeira. Quando todos são culpados, como alguém pode ser punido?

Os Estados Unidos ficaram paralisados. Ninguém sabia o que estava acontecendo. Não havia jornais, nem cartas, nem boletins. Cada comunidade estava completamente isolada como se dez mil milhas de selva virgem se estendessem entre ela e o resto do mundo. Aliás, o mundo tinha deixado de existir. E, por uma semana, esse estado de coisas foi mantido.

Em São Francisco, não sabíamos o que estava acontecendo do outro lado da baía em Oakland ou Berkeley. O efeito sobre os sentidos era estranho, deprimente. Parecia que alguma grande coisa cósmica havia morrido. O pulso da terra tinha parado de bater. Na verdade, a nação estava morta. Não havia carroças rangendo nas ruas, nem apitos nas fábricas, nem o zumbido da eletricidade no ar, nem carros,



nem os gritos dos jornalheiros. Nada além de pessoas que, em raros intervalos, passavam como fantasmas furtivos, elas próprias oprimidas e tornadas irreais pelo silêncio.

E, durante aquela semana de silêncio, a Oligarquia aprendeu sua lição. E a aprendeu muito bem. A greve geral foi um aviso. Nunca deveria se repetir. A Oligarquia cuidaria disso.

No final da semana, como havia sido combinado, os telégrafos da Alemanha e dos Estados Unidos voltaram aos seus postos. Por meio deles, os líderes socialistas de ambos os países apresentaram seu ultimato aos governantes. A guerra deveria ser cancelada, caso contrário, a greve geral continuaria. Logo, chegaram a um entendimento. A guerra foi declarada encerrada e as populações de ambos os países retornaram às suas tarefas.

Foi essa renovação da paz que resultou na aliança entre a Alemanha e os Estados Unidos. Na realidade, tratava-se de uma aliança entre o Imperador e a Oligarquia, com o objetivo de enfrentar seu inimigo comum, o proletariado revolucionário de ambos os países. E foi essa aliança, mais tarde, que a Oligarquia quebrou tão traiçoeiramente, quando os socialistas alemães se levantaram e expulsaram o senhor da guerra de seu trono. Era exatamente nisso que a Oligarquia havia apostado: a destruição de seu grande rival no mercado mundial. Com o imperador alemão fora do caminho, a

Alemanha não teria excedentes para vender no exterior. Pela própria natureza do estado socialista, a população alemã consumiria tudo o que produzisse. É claro que importaria e exportaria determinados produtos, mas seria algo muito diferente de um excedente inconsumível.

— Aposto que a Oligarquia ficou satisfeita — disse Ernest, quando a traição ao imperador alemão ficou conhecida. — Como sempre, a Oligarquia vai acreditar que fez o certo.

Mais do que depressa, a defesa pública da Oligarquia para o ato foi que ela o fez pelo bem do povo americano, de cujos interesses ela cuidava. Ela havia lançado seu odiado rival para fora do mercado mundial, o que nos permitiria dispor de nosso excedente naquele mercado.

— E o mais insano de tudo isso é que somos tão indefesos que esses idiotas realmente estão administrando nossos interesses — foi o comentário de Ernest. — Eles vão conseguir vender mais no exterior, o que significa que seremos obrigados a consumir menos em casa.

## CAPÍTULO 14. O COMEÇO DO FIM

**J**á em janeiro de 1913, Ernest viu a verdadeira tendência dos negócios, mas não conseguiu que seus irmãos líderes enxergassem a Bota de Ferro que surgira em seu cérebro. Eles estavam confiantes demais. Os eventos se encaminhavam para um rápido clímax. Surgiu uma crise comercial mundial. A Oligarquia Americana praticamente possuía o mercado mundial, dezenas de países foram expulsos desse mercado com excedentes não consumíveis e não vendáveis em suas mãos. Para esses países, nada restava além da reorganização. Eles não podiam continuar com seu método de produção de excedentes. O sistema capitalista, no que dizia respeito a eles, estava irremediavelmente quebrado.

A reorganização desses países tomou a forma de revolução. Foi uma época de conflitos e violência. Em todos os cantos, caíam instituições e governos. Em todos os lugares, com exceção de dois ou três países, os antigos

senhores capitalistas lutaram ferozmente por suas posses. Mas os governos foram tirados deles pelo proletariado militante. Finalmente, a máxima de Karl Marx via a luz do dia: “Soa a derrocada da propriedade capitalista privada. Os expropriadores são expropriados”. E tão rápido como os governos capitalistas caíram, comunidades cooperativas surgiram em seu lugar.

“Por que os Estados Unidos ficaram para trás?”; “Ocupem-se, revolucionários americanos!”; “Qual é o problema com a América?” — foram as mensagens enviadas a nós por nossos camaradas bem-sucedidos em outros países. Mas não conseguimos acompanhar. A Oligarquia estava em nosso caminho. Seu volume, como o de um monstro enorme, bloqueava o nosso caminho.

“Vamos tomar posse na primavera”, respondemos. “Vocês vão ver só”.

Esse era o nosso segredo. Tínhamos convencido os Agros e, na primavera, uma dúzia de estados passaria para as suas mãos em virtude das eleições do outono anterior. De uma só vez, seriam integrados uma dúzia de estados comunitários cooperativos. Depois disso, o resto seria fácil.

— Mas e se os Agros não tomarem a posse? — Ernest ponderou. Seus companheiros o chamavam de arauto das calamidades.

Mas a derrota em conseguir tomar posse não era o principal perigo que Ernest tinha em mente. O que ele previu foi a deserção dos grandes sindicatos e a ascensão das castas.

— Ghent ensinou aos oligarcas como fazer isso — disse Ernest. — Aposto que eles fizeram uma cartilha com o seu *Feudalismo benevolente*.<sup>82</sup>

Jamais esquecerei a noite em que, após uma discussão acalorada com meia dúzia de líderes trabalhistas, Ernest se virou para mim e cochichou:

— Agora, acabou. A Bota de Ferro venceu. O fim está próximo.

Essa pequena reunião em nossa casa não era oficial. Ernest, como seus outros camaradas, trabalhava para convencer os líderes trabalhistas a convocar seus homens para a próxima greve geral. O'Connor, o presidente da Associação dos Maquinistas, foi o primeiro dos seis líderes presentes a se recusar a dar tal garantia.

---

82 *Nosso Feudalismo Benevolente* é um livro publicado em 1902 d.C., por W. J. Ghent. Sempre se insistiu que foi Ghent quem despertou a ideia da Oligarquia nas mentes dos grandes capitalistas. Essa crença persistiu em toda a literatura dos três séculos da Bota de Ferro e até mesmo no primeiro século da Irmandade do Homem. Hoje, sabemos melhor, mas nosso conhecimento não supera o fato de que Ghent continua sendo o homem inocente mais maltratado de toda a história.

— Você não vê o fracasso das suas velhas táticas de greve e de boicote? — pediu Ernest.

O'Connor e os outros acenaram com a cabeça.

— E você viu do que uma greve geral é capaz — Ernest continuou. — Acabamos com a guerra contra a Alemanha. Nunca houve uma demonstração tão bela da solidariedade e do poder do trabalho. O trabalho pode e vai governar o mundo. Continue conosco e colocaremos um fim ao reinado do capitalismo. É a sua única esperança, você sabe disso. Não há outra saída. Não importa o que você faça, suas velhas táticas estão fadadas à derrota. Se não por outro motivo, porque os patrões controlam os tribunais.<sup>83</sup>

---

83 Como amostra das decisões judiciais contra o trabalho, veja os casos a seguir. Nas regiões mineiras, o emprego de crianças era corriqueiro. Em 1905 d.C., os trabalhadores conseguiram aprovar uma lei na Pensilvânia que estabelecia que a prova da idade da criança e de certas qualificações educacionais deveria ser acompanhada do juramento dos pais. Isso foi prontamente declarado inconstitucional pelo Tribunal do Condado de Luzerne, sob a alegação de que violava a Décima Quarta Emenda na medida em que discriminava indivíduos da mesma classe — ou seja, crianças acima de quatorze anos de idade e as mais novas. A Justiça Estadual manteve a decisão. O Tribunal Especial de Nova York, em 1905 d.C., declarou inconstitucional a lei que proibia menores e mulheres de trabalhar nas fábricas depois das nove da noite, alegando que tal lei era uma “legislação de classe”. Os padeiros daquela época estavam terrivelmente sobrecarregados. A Câmara Legislativa de Nova York aprovou uma

— Você é muito precipitado — respondeu O'Connor.  
— Você não conhece todas as soluções. Existe outra saída. Sabemos o que fazer. Estamos cansados de greves. Aquilo nos exauriu. Acho que nunca mais precisaremos convocar nossos homens.

— Qual é a sua solução? — Ernest exigiu, sem rodeios.  
O'Connor riu e balançou a cabeça:

— Posso dizer uma coisa: não estamos dormindo. E não estamos sonhando neste momento.

— Nada a temer, ou se envergonhar, espero — Ernest desafiou.

— Acho que conhecemos o nosso negócio melhor do que você — foi a resposta.

— É um negócio obscuro, pelo jeito que você o esconde — disse Ernest, com raiva crescente.

— Pagamos por nossa experiência com suor e sangue, merecemos tudo o que está reservado para nós — foi a resposta. — A caridade começa em casa.

---

lei restringindo o trabalho em padarias a dez horas por dia. Em 1906 d.C., a Suprema Corte dos Estados Unidos declarou essa lei inconstitucional. Em parte, a decisão dizia: "Não há motivo razoável para interferir na liberdade das pessoas ou no direito de livre contrato ao determinar as horas de trabalho da profissão de padeiro".

— Se você tem medo de me dizer qual é a solução, eu conto para você. — O sangue de Ernest ferveu. — Você quer meter a mão nos lucros. Você fez um acordo com o inimigo, foi isso que você fez. Você vendeu a causa do trabalho, de cada trabalhador. Vocês estão deixando o campo de batalha como covardes.

— Eu não estou dizendo nada — O'Connor respondeu carrancudo. — Só acho que sabemos o que é melhor para nós um pouco melhor do que você.

— E você não se importa com o que é melhor para o resto dos trabalhadores. Você os está empurrando para a vala.

— Não estou dizendo nada — insistiu O'Connor —, exceto que sou o presidente da Associação dos Maquinistas e que o meu trabalho é considerar os interesses dos homens que represento, só isso.

Então, quando os líderes foram embora, Ernest, com a calma da derrota, descreveu para mim o roteiro dos próximos acontecimentos:

— Os socialistas costumavam prever com alegria — disse ele — a chegada do dia em que o trabalho organizado, derrotado no campo industrial, chegaria ao campo político. Bem, a Bota de Ferro derrotou os sindicatos no campo industrial e os empurrou para o campo político. Em vez de ser uma alegria para nós, será uma fonte de tristeza. A Bota de



Ferro aprendeu a lição. Mostramos nosso poder na greve geral. E eles tomaram atitudes para evitar outra greve geral.

— Mas como?

— Simplesmente subsidiando os grandes sindicatos. Eles não vão participar da próxima greve. Portanto, não será uma greve geral.

— Mas a Bota de Ferro não pode manter um programa assim tão caro para sempre — ponderei.

— Ah, não subsidiou todos os sindicatos. Isso não é necessário. O que vai acontecer é que adiantarão os salários e reduzirão as horas nos sindicatos ferroviários, nos sindicatos metalúrgicos e siderúrgicos e nos sindicatos dos engenheiros e dos maquinistas. Nessas uniões, continuarão a prevalecer condições mais favoráveis. A associação a esses sindicatos será como um bilhete para o paraíso.

— Ainda não entendi — insisti. — O que será dos outros sindicatos? Há muito mais sindicatos fora dessa combinação.

— Os outros sindicatos serão extintos, todos eles. Pois, entenda, os ferroviários, maquinistas e engenheiros, metalúrgicos e siderúrgicos, fazem todo o trabalho essencial em nossa civilização de máquinas. Com a certeza de sua fidelidade, a Bota de Ferro pode meter os dedos em todo o resto do trabalho. Ferro, aço, carvão, maquinaria e transporte constituem a espinha dorsal de todo o tecido industrial.

— Mas e o carvão? — eu perguntei. — Há quase um milhão de mineiros de carvão.

— Eles são mão de obra praticamente desqualificada. Eles não contam. Seus salários cairão e suas horas aumentarão. Eles serão escravos como todos nós, e se tornarão os mais brutalizados de todos. Eles serão obrigados a trabalhar, assim como os agricultores são obrigados a trabalhar agora para os senhores que roubaram suas terras. E o mesmo acontecerá com todos os outros sindicatos fora dessa combinação. Nós os veremos ruir e se dissipar, seus membros se tornarão escravos levados ao trabalho por estômagos vazios e pela lei do mais forte.

“Sabe o que vai acontecer com Farley<sup>84</sup> e seus fura-greves? Eu vou te dizer. A greve como ocupação cessará. Não haverá mais greves. No lugar das greves, haverá revoltas de escravos. Farley e sua gangue serão promovidos a pastores de escravos. Oh, não será chamado assim, será chamado de fazer cumprir a lei que obriga os trabalhadores a trabalhar.

---

84 James Farley foi um notório fura-greves da época. Era um homem mais corajoso do que ético, e de inegável capacidade. Ele se destacou sob o domínio da Bota de Ferro e finalmente foi incorporado à classe oligarca. Ele foi assassinado em 1932 por Sarah Jenkins, cujo marido, trinta anos antes, havia sido morto pelos fura-greves de Farley.

Essa traição dos grandes sindicatos somente prolongará a luta. Só Deus sabe agora onde e quando a Revolução triunfará.”

— Mas com uma combinação tão poderosa como a Oligarquia e os grandes sindicatos, há alguma razão para acreditar que a Revolução triunfará? — eu perguntei. — A combinação não pode durar para sempre?

Ele balançou sua cabeça.

— Uma de nossas crenças é que todo sistema baseado em classes e castas contém em si os germes de sua própria decadência. Quando um sistema é fundado sobre classes, como a casta pode ser evitada? A Bota de Ferro não será capaz de evitar isso e, no final, a casta destruirá a Bota de Ferro. Os oligarcas já desenvolveram castas entre si, mas espere até que os sindicatos favorecidos desenvolvam sua casta. A Bota de Ferro usará todo o seu poder para impedi-la, mas falhará.

“Nos sindicatos favorecidos, está a nata dos trabalhadores americanos. São homens fortes e eficientes. Eles se tornaram membros desses sindicatos por meio da competição por vagas. Todo trabalhador apto nos Estados Unidos será possuído pela ambição de se tornar membro dos sindicatos favorecidos. A Oligarquia incentivará tal ambição e a consequente competição. Assim, os homens fortes, que poderiam ser revolucionários, serão conquistados e sua força usada para fortalecer a Oligarquia.

“Por outro lado, as castas trabalhistas, os membros dos sindicatos favorecidos, se esforçarão para transformar suas organizações em associações privadas. E eles terão sucesso. A participação nas castas trabalhistas se tornará hereditária. Os filhos sucederão seus pais, assim, não haverá entrada de novas forças em seu eterno reservatório de força, as pessoas comuns. Isso significará a deterioração das castas trabalhistas e, no final, elas se tornarão cada vez mais fracas. Ao mesmo tempo, como instituição, eles se tornarão temporariamente todo-poderosos. Serão como os guardas do palácio na antiga Roma, haverá revoluções palacianas pelas quais as castas operárias tomarão as rédeas do poder. E haverá revoluções contrapalacianas dos oligarcas; e, às vezes, um ou outro estará no poder. Através disso, todo o inevitável enfraquecimento das castas continuará, de modo que, no final, as pessoas comuns se desenvolverão.”

Este prenúncio de uma lenta evolução social foi feito quando Ernest estava deprimido pela deserção dos grandes sindicatos. Nunca concordei com ele nisso, e ainda discordo, enquanto escrevo estas linhas, com mais entusiasmo do que nunca. Mesmo que agora Ernest tenha partido, estamos à beira da revolta que varrerá todas as oligarquias. No entanto, registrei aqui a profecia de Ernest. Apesar de sua crença, ele trabalhou como um gigante contra isso, e ele, mais do que

qualquer homem, tornou possível a revolta que agora mesmo espera o sinal para ser deflagrada.<sup>85</sup>

— Mas se a Oligarquia persistir — perguntei a ele —, o que será dos grandes excedentes anuais?

— Os excedentes terão de ser gastos de alguma forma — respondeu. — Pode confiar que os oligarcas encontrarão uma solução. Magníficas estradas serão construídas. Haverá grandes conquistas na ciência, especialmente na arte. Quando os oligarcas dominarem completamente o povo, terão tempo de sobra para outras coisas. Eles se tornarão adoradores da beleza. Eles se tornarão amantes da arte. E sob sua direção e generosamente recompensados, os artistas trabalharão. O resultado será uma grande arte e os artistas vão ceder ao gosto burguês da classe média. Será uma grande arte e surgirão cidades maravilhosas que tornarão vulgares e baratas as cidades do passado. E, nessas cidades, os oligarcas habitarão e adorarão a beleza.<sup>86</sup>

---

85 A previsão social de Everhard foi notável. Tão claramente quanto à luz dos eventos passados, ele previu a deserção dos sindicatos favorecidos, a ascensão e a lenta decadência das castas operárias e a luta entre os oligarcas decadentes e as castas operárias pelo controle da grande máquina governamental.

86 Não podemos deixar de nos maravilhar com a previsão de Everhard. Antes mesmo que o pensamento de cidades maravilhosas como Ardis e Asgard entrassem nas mentes dos oligarcas, Everhard viu essas cidades e a inevitável necessidade de sua criação.

“Assim, o excedente será constantemente gasto enquanto o trabalhador faz o trabalho. A construção dessas grandes obras e cidades dará uma ração de fome a milhões de trabalhadores comuns, pois a enorme quantidade do excedente os obrigará a um gasto igualmente enorme. Os oligarcas construirão por mil anos, talvez por dez mil anos. Eles construirão como os egípcios e os babilônios nunca sonharam e, quando os oligarcas tiverem perecido, suas grandes estradas e suas cidades maravilhosas permanecerão para a irmandade do trabalho pisar e habitar nelas.<sup>87</sup>

“Os oligarcas farão essas coisas porque não podem deixar de fazê-las. Essas grandes obras serão a forma que o gasto do excedente tomará, da mesma forma que as classes dominantes do Egito de outrora gastaram o excedente que roubaram do povo construindo templos e pirâmides. Sob os oligarcas, florescerá, não uma classe de sacerdotes, mas uma classe de artistas. E, no lugar da classe mercantil da burguesia, estarão as castas operárias. E, abaixo delas, estará

---

87 E, desde aquele dia da profecia, passaram-se os três séculos da Bota de Ferro e os quatro séculos da Irmandade do Homem. Hoje, trilhamos as estradas e habitamos nas cidades que os oligarcas construíram. É verdade que estamos construindo cidades ainda mais maravilhosas, mas as cidades dos oligarcas perduram, inclusive, escrevo estas linhas em Ardis, uma das mais maravilhosas de todas.

o abismo, em que as pessoas comuns apodrecerão, passarão fome e sempre se renovarão — a grande maioria da população. E, no final, quem sabe em que dia, as pessoas comuns se levantarão do abismo. As castas trabalhistas e a Oligarquia desmoronarão e, finalmente, após o trabalho dos séculos, será a vez do homem comum. Eu pensava que viveria para ver esse dia, mas agora sei que nunca o verei.”

Ele fez uma pausa e olhou para mim, acrescentando:

— A evolução social é exasperantemente lenta, não é, querida?

Eu o abracei e ele pousou sua cabeça no meu peito.

— Cante para eu dormir — ele murmurou, desamparado. — Tive uma visão e desejo esquecer.





## CAPÍTULO 15. ÚLTIMOS DIAS

**N**o final de janeiro de 1913, foi publicada a mudança de atitude da Oligarquia em relação aos sindicatos favorecidos. Os jornais publicaram informações de um aumento sem precedentes nos salários e a redução de horas para os ferroviários, os trabalhadores de ferro e aço, bem como aos engenheiros e maquinistas. Mas a verdade completa não foi contada. Os oligarcas não ousaram permitir que se dissesse toda a verdade. Na realidade, os salários haviam aumentado muito mais e os privilégios eram correspondentemente maiores. Tudo isso era segredo, mas os segredos foram revelados. Membros dos sindicatos favorecidos contaram a suas esposas, e as esposas fofocaram, logo, todo o mundo do trabalho sabia o que havia acontecido.

Tratava-se apenas do desenvolvimento lógico do que no século 19 era conhecido como disputa por lucros. Na guerra industrial daquela época, tentou-se a participação nos lucros. Ou seja, os capitalistas se esforçaram para aplacar

os trabalhadores com benesses financeiras por seu trabalho. Mas a participação nos lucros, como sistema, era ridícula e impossível. A participação nos lucros só poderia ser bem-sucedida em casos isolados e em meio a um sistema de conflitos industriais, pois se todo o trabalho e todo o capital compartilhassem dos lucros, as mesmas condições seriam obtidas quando não houvesse participação nos lucros.

Assim, da ideia impraticável de participação nos lucros, surgiu a ideia prática da disputa pelos lucros. “Nos paguem melhor e cobrem da população”, era o slogan dos sindicatos fortes.<sup>88</sup> E, em alguns lugares, essa política egoísta funcionou com sucesso. Ao cobrar da população, o ônus era da grande massa de trabalho desorganizado e do trabalho pouco

---

88 Todos os sindicatos ferroviários entraram nessa combinação com os oligarcas. É interessante notar que a primeira aplicação definitiva da política de apreensão de lucros foi feita por um sindicato ferroviário no século 19, a saber, a Irmandade dos Engenheiros de Locomotivas. Durante vinte anos, P. M. Arthur foi o Grande Chefe da Irmandade. Após a greve na estrada de ferro da Pensilvânia em 1877, ele abordou um esquema para que os engenheiros de locomotivas fizessem um acordo com as ferrovias e “seguissem sozinhos” no que dizia respeito ao resto dos sindicatos. Este esquema foi eminentemente bem-sucedido. Foi tão bem-sucedido quanto egoísta e, dali, foi cunhada a palavra “arturização”, para denotar a participação dos sindicatos. Essa palavra “arturização” há muito intrigou os etimologistas, mas sua derivação, espero, agora está clara.

organizado. Esses trabalhadores realmente tiveram os seus salários equiparados aos de seus irmãos mais fortes, os membros dos sindicatos que eram monopólios trabalhistas. Essa ideia, como digo, foi levada à sua conclusão lógica, em larga escala, pela combinação dos oligarcas com os sindicatos favorecidos.

Assim que o segredo da deserção dos sindicatos favorecidos vazou, houve rumores no mundo do trabalho. Em seguida, os sindicatos favorecidos se retiraram das organizações internacionais e romperam com todas as suas filiações. Depois, começaram os problemas e a violência. Os membros dos sindicatos favorecidos foram tachados de traidores e, em salões e bordéis, nas ruas e no trabalho, e, de fato, em todos os lugares, eram agredidos pelos camaradas por sua traição.

Incontáveis brigas irromperam e muitos foram mortos. Nenhum membro dos sindicatos favorecidos estava seguro. Eles se juntavam em grupos para ir e voltar do trabalho. Andavam sempre no meio da rua. Na calçada, eles podiam ter seus crânios esmagados por tijolos e paralelepípedos jogados de janelas e telhados. Eles foram autorizados a portar armas, as autoridades os ajudaram de todas as maneiras. Seus agressores eram condenados a longas penas de prisão, onde eram tratados com severidade. Por outro lado, nenhum homem, ninguém que não fosse um membro dos sindicatos

favorecidos, tinha permissão para portar armas. A violação dessa lei era considerada uma contravenção grave e punida de acordo.

Os trabalhadores ultrajados continuaram a se vingar dos traidores. Linhagens de castas se formaram da noite para o dia. Os filhos dos traidores eram perseguidos pelos filhos dos trabalhadores traídos, até que se tornou impossível para eles brincar nas ruas ou frequentar as escolas públicas. Além disso, as esposas e famílias dos traidores foram condenadas ao ostracismo, até o merceiro da esquina que lhes vendia mantimentos era boicotado.

Como resultado, rechaçados por todos, os traidores e suas famílias se transformaram em clãs. Achando impossível habitar em segurança no seio do proletariado traído, eles se mudaram para outras localidades habitadas por outros deles mesmo. Nisso, eles foram favorecidos pelos oligarcas. Boas habitações, modernas e estruturadas, foram construídas para eles, cercadas por amplos quintais, separadas aqui e ali por parques e praças. Seus filhos frequentavam escolas especialmente construídas e, nessas escolas, o treinamento manual e a ciência aplicada eram especializados. Assim, e inevitavelmente, o início dessa segregação logo originou a casta. Os membros dos sindicatos favorecidos se tornaram a aristocracia do trabalho. Eles foram separados do resto dos

trabalhadores. Moravam melhor, se vestiam melhor, eram melhor alimentados e mais bem-cuidados. Eles estavam disputando seu lucro contra uma vingança.

Enquanto isso, o resto da classe trabalhadora era tratada com mais severidade. Muitos pequenos privilégios foram abolidos, enquanto seus salários e seu padrão de vida diminuía constantemente. Aliás, suas escolas públicas se deterioraram e a educação aos poucos deixou de ser obrigatória. O aumento da geração mais jovem de crianças que não sabiam ler nem escrever era temerário.

A captura do mercado mundial pelos Estados Unidos perturbou o resto do mundo. Instituições e governos estavam em toda parte falindo ou se transformando. Alemanha, Itália, França, Austrália e Nova Zelândia estavam ocupadas formando comunidades cooperativas. O Império Britânico desmoronava. A Inglaterra tinha muitos problemas. Na Índia, a revolta estava em pleno andamento. O clamor em toda a Ásia era: “Ásia para os asiáticos!” E, por trás desse grito, estava o Japão, sempre incentivando e ajudando as raças amarela e marrom contra a branca. E, enquanto o Japão sonhava com um império continental e se esforçava para realizar seu sonho, ele suprimiu sua própria revolução proletária. Foi uma simples guerra de castas, os trabalhadores nativos contra os samurais, os trabalhadores socialistas foram executados

às dezenas de milhares. Quarenta mil foram mortos nos combates de rua de Tóquio e no fútil assalto ao palácio de Mikado. Kobe ficou em frangalhos. A chacina dos operários do algodão por metralhadoras se tornou a execução mais terrível já encampada pelas modernas máquinas de guerra. A Oligarquia mais feroz de todas era a japonesa. O Japão dominou o Oriente e tomou para si toda a porção asiática do mercado mundial, com exceção da Índia.

A Inglaterra conseguiu esmagar sua própria revolução proletária e manteve a Índia, embora estivesse à beira da exaustão. Além disso, ela se viu obrigada a libertar grandes colônias. Foi assim que os socialistas conseguiram transformar a Austrália e a Nova Zelândia em comunidades cooperativas. E foi pela mesma razão que a pátria mãe perdeu o Canadá. Mas o Canadá esmagou sua própria revolução socialista, ajudado pela Bota de Ferro. Ao mesmo tempo, a Bota de Ferro ajudou o México e Cuba a reprimirem suas revoluções. O resultado foi que a Bota de Ferro se instalou firmemente no Novo Mundo. Ela havia fundido toda a América do Norte, do Canal do Panamá ao Oceano Ártico, em uma massa política compacta.

E a Inglaterra, com o sacrifício de suas grandes colônias, conseguiu apenas manter a Índia. Mas isso foi apenas temporário. A luta com o Japão e o resto da Ásia pela Índia

foi apenas adiada. A Inglaterra estava destinada a perder a Índia em breve, mas, por trás desse evento, a luta entre uma Ásia unida e o mundo tomava forma.

E, enquanto todos estavam dilacerados pelos conflitos, os Estados Unidos também não estavam plácidos e pacíficos. A deserção dos grandes sindicatos impediu nossa revolta proletária, mas a violência estava em toda parte. Além dos problemas trabalhistas, do descontentamento dos fazendeiros e dos remanescentes da classe média, um renascimento religioso se acendeu. Uma ramificação dos Adventistas do Sétimo Dia despontou repentinamente, proclamando o fim do mundo.

— Confusão triplamente confusa! — Ernest exclamou. — Como podemos esperar solidariedade com tantos objetivos contrários e tantos conflitos?

E o renascimento religioso assumiu proporções formidáveis. O povo, em razão de sua miséria e desapontado com todas as coisas terrenas, estava pronto e ansioso por um paraíso no qual tiranos industriais não entrariam antes que camelos passassem por buracos de agulha. Pregadores itinerantes de olhos astutos se espalharam e, apesar da proibição das autoridades civis e da perseguição por desobediência, as chamadas do frenesi religioso foram atizadas por diversas missas campais.

Eram os últimos dias, diziam eles, o começo do fim do mundo. Os quatro ventos estavam soprando. Deus havia incitado as nações à contenda. Foi uma época de visões e milagres, pois havia uma legião de videntes e profetisas. As pessoas deixaram de trabalhar às centenas de milhares e fugiram para as montanhas, para lá esperar a vinda iminente de Deus e a ascensão dos cento e quarenta e quatro mil ao céu. Mas acontece que Deus não apareceu, assim, eles morreram de fome em grande número. Em seu desespero, devastaram as fazendas em busca de comida, o tumulto e a anarquia tomaram os distritos rurais, aumentando as desgraças dos agricultores já expropriados.

Além disso, as fazendas e armazéns eram propriedades da Bota de Ferro. Exércitos de soldados guardavam o campo, os fanáticos foram conduzidos de volta às suas vidas na cidade na ponta de baionetas. Lá, eles eclodiram em turbas e tumultos recorrentes. Seus líderes eram executados por desordem ou confinados em hospícios. Os executados iam para a morte com a alegria dos mártires. Foi uma época de loucura. A agitação se espalhou. Nos pântanos, desertos e lugares ermos, da Flórida ao Alasca, os pequenos grupos de índios sobreviventes dançavam suas danças-fantasmas e esperavam a vinda de seu próprio Messias.

E, no meio de tudo isso, com uma serenidade e uma certeza aterrorizantes, continuou a se erguer a forma daquele



monstro atemporal, a Oligarquia. Com mão e calcanhar de ferro, ela dominou os milhões de rebeldes, organizou a confusão e forjou do próprio caos sua fundação e estrutura.

— Esperem a gente tomar posse — os Agros haviam dito. Calvin dissera isso para nós na Pell Street. — Veja os estados que governaremos. Com o apoio dos socialistas, vamos fazê-los cantar outra música quando assumirmos os cargos.

— Os milhões de descontentes e pobres são nossos — os socialistas haviam dito. — Os Agros vieram até nós, os fazendeiros, a classe média e os trabalhadores. O sistema capitalista cairá em pedaços. No mês que vem, teremos cinquenta homens no Congresso. Daqui a dois anos, todos os cargos serão nossos, do presidente até o motorista da carrocinha.

Para todos, Ernest balançava a cabeça e dizia:

— Quantos rifles você tem? Você sabe onde você comprar munição? A melhor pólvora é de mistura química, não use as misturas mecânicas, escreva o que eu digo.



## CAPÍTULO 16. O FIM

**Q**uando chegou a hora de Ernest e eu irmos para Washington, papai não nos acompanhou. Estava apaixonado pela vida proletária. Ele via nossa favela como um grande laboratório sociológico e havia embarcado em uma orgia investigativa aparentemente infinita. Ele se relacionava com os trabalhadores e era íntimo em dezenas de lares. Além disso, fazia bicos. O trabalho era diversão, bem como pesquisa erudita, pois ele se deliciava, sempre voltava para casa com anotações e a cabeça borbulhando das novas aventuras. Ele era o cientista perfeito.

Ele não precisava mais trabalhar porque Ernest nos mantinha bem com suas traduções. Mas papai preferiu perseguir seu fantasma favorito, era um fantasma de muitas formas e cores, a julgar pela variedade de coisas que fazia. Nunca me esquecerei da noite em que ele trouxe para casa sua roupa de mendigo com suspensórios e barbantes, nem a vez em que fui à mercearia da esquina comprar algo e foi

ele quem me atendeu. Depois disso, não fiquei surpresa quando ele gerenciou o balcão do bar do outro lado da rua por uma semana. Ele trabalhou como vigia noturno, vendedor de batatas, etiquetador em um armazém de enlatados, gerente de uma cartonagem e transportador de água para uma empresa de construção de trilhos urbanos, até se juntou ao Sindicato dos Lavadores de Louça pouco antes de sua extinção.

Acho que o exemplo do bispo, no que diz respeito ao vestuário, fascinou papai, pois ele usava a camisa de algodão barata dos operários e o macacão com o cinto nos quadris. No entanto, ele ainda guardava um hábito da antiga vida: sempre se vestia bem para o jantar, ou melhor, para a ceia.

Eu poderia ser feliz em qualquer lugar com Ernest, mas ter meu pai por perto nessa fase de mudanças me deixava ainda melhor.

— Quando menino — contou papai —, eu era muito curioso. Eu queria saber por que e como as coisas aconteciam. Foi por isso que estudei física. Continuo curioso hoje como eu era na minha infância, é a curiosidade que faz a vida valer a pena.

Às vezes, ele se aventurava ao norte da Market Street, no distrito comercial e dos teatros, onde vendia jornais, entregava mensagens e ajudava nos táxis. Lá, um dia, ao

fechar a porta de um táxi, ele encontrou o sr. Wickson. Muito animado, papai nos descreveu o incidente naquela noite.

— Wickson me lançou um olhar ferino quando fechei a porta para ele e resmungou: “Bah, que se dane”. Ele disse bem assim: “Bah, que se dane”. Seu rosto ficou vermelho e ele ficou tão confuso que nem me deu a gorjeta. Mas ele deve ter se recuperado logo, pois o táxi andou quinze metros e deu meia-volta. Ele se inclinou para fora da porta: “Olá, professor. Acho isto um exagero. O que eu posso fazer por você?” “Eu fechei a porta do táxi para você”, respondi. “De acordo com os bons costumes, você pode me dar um centavo!” “Não isso!” ele bufou. “Eu quis dizer algo mais substancial.” Ele estava falando sério. Levou uma pontada da consciência ou algo assim e, por isso, pensei por um momento. Seu rosto estava bastante interessado quando comecei minha resposta, mas você deveria ter visto quando terminei: “Que tal devolver a minha casa”, eu disse, “e as minhas ações da Sierra Mills?”

Papai fez uma pausa.

— O que ele disse? — eu questioneei, ansiosamente.

— O que ele poderia dizer? Ele não disse nada. Mas eu disse: “Espero que você esteja feliz”. Ele me olhou com curiosidade. “Você está feliz?” eu perguntei. Ele mandou o condutor seguir em frente e foi embora praguejando. E ele não me deu o centavo, muito menos a casa e as ações. Está

vendo, minha querida? A carreira ambulante do papai é cheia de decepções.

E assim papai ficou em nossos cômodos na Pell Street, enquanto Ernest e eu partimos para Washington. A velha ordem havia morrido, a consumação final estava mais próxima do que eu imaginava. Ao contrário do que pensávamos, não houve obstáculos para que os parlamentares socialistas tomassem seus assentos. Tudo correu bem, e eu ri de Ernest quando ele encarou a suavidade como algo sinistro.

Encontramos nossos camaradas socialistas confiantes, otimistas de sua força e das coisas que realizariam. Alguns Agros eleitos para o Congresso aumentavam nossa força e um programa elaborado do que deveria ser feito foi preparado pelas coalisões. Ernest se empenhou leal e energicamente, embora não deixasse de dizer, eventualmente, sobre algo específico: “A melhor pólvora é de mistura química, não use misturas mecânicas, escreva o que eu digo.”

O problema surgiu primeiro com os Agros eleitos nos outros estados. Havia uma dúzia desses estados, mas os Agros eleitos não foram autorizados a tomar posse. Os titulares se recusaram a sair. Foi muito simples. Apenas alegaram irregularidades nas eleições e envolveram toda a situação na interminável burocracia da lei. Os Agros ficaram impotentes. Os tribunais estavam nas mãos de seus inimigos.

O perigo era iminente. Se os Agros enganados se tornassem violentos, tudo estaria perdido. Nós, socialistas, trabalhamos muito para acalmá-los! Havia dias e noites em que Ernest não pregava os olhos. Os grandes líderes dos Agros perceberam o perigo e ficaram conosco até o último homem. Mas de nada adiantou. A Oligarquia queria violência e colocou seus provocadores para trabalhar. Não há dúvidas de que foram os agentes-provocadores que causaram a Revolta Camponesa.

A revolta explodiu em uma dúzia de estados. Os fazendeiros expropriados tomaram posse à força dos governos estaduais. É claro que isso era inconstitucional, bem como é claro que os Estados Unidos colocaram suas tropas em campo. Em todos os lugares, os agentes-provocadores incitavam o povo. Esses emissários da Bota de Ferro se disfarçavam de artesãos, fazendeiros e lavradores. Em Sacramento, capital da Califórnia, os Agros conseguiram manter a ordem. Milhares de provocadores foram enviados às pressas para a cidade. Em turbas compostas inteiramente por eles mesmos, incendiaram e saquearam prédios e fábricas. Eles convenceram as pessoas a se juntarem a eles na pilhagem. Bebidas alcoólicas em grandes quantidades foram distribuídas nas favelas para inflamar ainda mais os ânimos. Então, quando tudo estava pronto, apareceram em cena os soldados dos Estados Unidos,

que eram, na verdade, os soldados da Bota de Ferro. Onze mil homens, mulheres e crianças foram assassinados nas ruas de Sacramento ou assassinados em suas casas. O governo nacional tomou posse do governo estadual e aquilo foi o fim da Califórnia.

E o mesmo aconteceu em outros lugares. Cada estado Agro foi devastado com violência e lavado em sangue. Primeiro, a desordem era incitada pelos agentes-provocadores e as Centenas Negras; depois, as tropas eram convocadas. Os tumultos e o controle das multidões aconteceram em todos os distritos rurais. Dia e noite, a fumaça de fazendas, armazéns, vilarejos e cidades em chamas enchia o céu. Usaram dinamite. Pontes e túneis de ferrovias foram explodidos e trens foram destruídos. Agricultores pobres foram fuzilados e enforcados em grande número. As represálias foram amargas e muitos plutocratas e oficiais do exército foram assassinados. Sangue e vingança moravam no coração dos homens. Os batalhões enfrentaram os fazendeiros com a mesma selvageria que os índios. E eles tinham motivo para isso. Dois mil e oitocentos deles haviam sido exterminados em uma tremenda série de explosões de dinamite em Oregon e, de maneira semelhante, vários carregamentos de trens, em diferentes momentos e lugares, foram destruídos. Foi assim que as tropas regulares e os agricultores lutaram por suas próprias vidas.



Quanto à milícia, com sua lei de 1903 em vigor, e os trabalhadores de certo estado, eles foram obrigados, sob pena de morte, a executar seus companheiros trabalhadores de outros estados. Claro, a lei da milícia não funcionou bem no início. Muitos de seus oficiais foram assassinados, bem como muitos milicianos foram executados pela corte marcial. A profecia de Ernest foi surpreendentemente cumprida nos casos do sr. Kowalt e do sr. Asmunsen. Ambos eram elegíveis para a milícia e ambos foram convocados para servir na expedição punitiva despachada da Califórnia contra os fazendeiros do Missouri. O sr. Kowalt e o sr. Asmunsen se recusaram a servir. Eles receberam pouca atenção. A corte marcial de Drumhead foi seu soldo, a execução militar seu fim. Eles foram fuzilados de costas para o pelotão.

Muitos jovens fugiram em direção às montanhas para escapar de servir na milícia. Lá, eles se tornaram foras da lei, e não receberiam sua punição até tempos mais pacíficos. Foi drástico. O governo emitiu uma proclamação para que todos os cidadãos cumpridores da lei descessem das montanhas por um período de três meses. Quando a data proclamada chegou, meio milhão de soldados foram enviados para os distritos montanhosos em todo o país. Não houve investigação, nem sequer julgamento. Onde quer que um homem fosse encontrado, ele era abatido no local. As tropas operavam com

ordens de que todo aquele que permanecesse nas montanhas era um fora da lei. Alguns bandos, em posições fortificadas, lutaram bravamente, mas, no final, todos os desertores da milícia encontraram a morte.

Uma lição mais imediata, no entanto, foi impressa na mente das pessoas pelo castigo aplicado à milícia do Kansas. O grande Motim do Kansas ocorreu no início das operações militares contra os Agros. Seis mil milicianos se amotinaram. Eles estavam inquietos e nervosos havia várias semanas e, por essa razão, foram mantidos no acampamento. A deflagração de seu motim, no entanto, foi sem dúvida precipitada por agentes-provocadores.

Na noite de 22 de abril, eles se insurgiram e assassinaram seus oficiais, apenas um pequeno remanescente deles escapou. Aquilo fugira do controle da Bota de Ferro, pois os agentes-provocadores haviam feito seu trabalho muito bem. Mas tudo era alimento para a Bota de Ferro. Ela havia se preparado para o golpe e o assassinato de tantos oficiais justificou o que se seguiu. Como que por magia, quarenta mil soldados do exército regular cercaram os descontentes. Era uma armadilha. Os infelizes milicianos descobriram que suas metralhadoras haviam sido adulteradas e que os cartuchos dos pentes não cabiam em seus fuzis. Eles içaram a bandeira branca da rendição, mas ela foi ignorada. Não

houve sobreviventes. Todos os seis mil foram executados. Bombas e granadas foram lançadas sobre eles à distância. Ao contra-atacarem as linhas dos oponentes por puro desespero, foram aniquilados pelas metralhadoras. Falei com uma testemunha ocular, que me contou que o mais próximo que um miliciano chegou de uma das metralhadoras foi cento e cinquenta metros. A terra ficou acarpetada com os corpos e uma carga final de cavalaria esmagou os feridos no chão com cascos dos cavalos, revólveres e sabres.

Simultaneamente à eliminação dos Agros, veio a revolta dos mineiros de carvão. Era o esforço agonizante dos trabalhadores. Três quartos de milhão de mineiros entraram em greve, mas eles estavam muito espalhados pelo país para tirar proveito de sua própria força. Eles foram segregados em seus próprios distritos e espancados até a submissão. Essa foi a primeira grande condução de escravos. Pocock<sup>89</sup>

---

89 Albert Pocock, outro dos notórios fura-greves dos anos anteriores, manteve todos os mineiros de carvão do país sob seu comando até sua morte. Ele foi sucedido por seu filho, Lewis Pocock, e por cinco gerações essa notável linhagem de pastores de escravos administrou as minas de carvão. O Pocock mais velho, conhecido como Pocock I, foi descrito da seguinte forma: “Uma cabeça longa e magra, com uma franja de cabelos castanhos e grisalhos, com grandes maçãs do rosto e um queixo pesado [...] um rosto pálido, olhos cinzentos e sem brilho, uma voz metálica e um jeito preguiçoso. Ele nasceu de pais humildes e

ganhou suas esporas como condutor de escravos e ganhou o ódio eterno do proletariado. Inúmeras tentativas foram feitas contra a sua vida, mas ele parecia ter uma existência enfeitiçada. Ele foi o responsável pela introdução do sistema de passaportes russos entre os mineiros e pela negação de seu direito de remoção de uma parte para outra do país.

Enquanto isso, os socialistas se mantinham firmes. No mesmo momento em que os Agros morriam entre incêndios e sangue e a organização trabalhista estava interrompida, os socialistas mantiveram sua paz e aperfeiçoaram sua organização secreta. Em vão, os Agros nos imploraram. Afirmamos com razão que qualquer revolta de nossa parte seria virtualmente um suicídio para toda a Revolução. A Bota de Ferro, a princípio receosa em lidar com todo o proletariado de uma só vez, teve menos trabalho do que esperava e o que mais queria era uma revolta de nossa parte. Mas contornamos esse assunto, apesar de agentes-provocadores fervilharem em nosso meio. Naqueles primeiros dias, os agentes da Bota de Ferro eram desajeitados em seus métodos. Eles tinham

---

começou sua carreira como barman. Em seguida, ele se tornou um detetive particular de uma empresa ferroviária urbana e, gradativamente, tornou-se um fura-greve profissional. Pocock V, o último da linhagem, voou em pedaços após uma explosão em uma usina de bombeamento durante uma pequena revolta dos mineiros em território indígena. Isso ocorreu em 2073 d.C.

muito a aprender e, nesse meio tempo, nossos Grupos de Combate os eliminavam. Era um trabalho amargo e sangrento, mas lutávamos pela vida e pela Revolução, e tínhamos que combater o inimigo com suas próprias armas. No entanto, éramos justos. Nenhum agente da Bota de Ferro foi executado sem julgamento. Podemos ter cometido erros, mas certamente foram raros. Os mais corajosos, os mais combativos e abnegados de nossos camaradas foram aos Grupos de Combate. Certa vez, passados dez anos, Ernest fez um cálculo a partir dos números fornecidos pelos chefes dos Grupos de Combate, sua conclusão foi de que a vida média de um homem ou mulher depois de se tornar membro era de cinco anos. Os camaradas dos Grupos de Combate eram todos heróis e eles, estranhamente, se opunham a tirar vidas. Eles violaram suas próprias naturezas, mas amavam a liberdade e não conheciam sacrifícios grandes demais pela Causa.<sup>90</sup>

---

90 Esses grupos de Combate foram modelados pouco após a Organização de Combate da Revolução Russa e, apesar dos esforços incessantes da Bota de Ferro, sua atuação persistiu ao longo dos três séculos. Compostos por homens e mulheres movidos por propósitos elevados e sem medo de morrer, os Grupos de Combate exerceram tremenda influência e moderaram a brutalidade selvagem dos governantes. Seu trabalho se restringia a uma guerra invisível contra os agentes secretos da Oligarquia. Os próprios oligarcas eram obrigados a obedecer os decretos dos Grupos e, muitas vezes, quando desobedeciam, eram punidos

.....

com a morte — o mesmo acontecia aos subordinados dos oligarcas, aos oficiais do exército e aos líderes das castas operárias. Justiça severa era aplicada por esses vingadores organizados, mas a sua paixão e o seu procedimento judicial eram dos mais admiráveis. Não houve julgamentos precipitados. Quando um homem era capturado, ele recebia um julgamento justo e a oportunidade de defesa. Por necessidade, muitos homens foram julgados e condenados por procuração, como no caso do general Lampton. Isso ocorreu em 2138 d.C. Possivelmente o mais sanguinário e maligno de todos os mercenários que já serviram à Bota de Ferro, ele foi informado pelos Grupos de Combate sobre seu julgamento. Foi considerado culpado e condenado à morte — e isso depois de três advertências para que ele cessasse seu tratamento selvagem contra o proletariado. Após a sua condenação, ele se cercou de uma miríade de dispositivos de proteção. Anos se passaram, em vão, os Grupos de Combate se esforçavam para executar a sentença. Camarada após camarada, homens e mulheres, fracassaram em suas tentativas e foram cruelmente executados pela Oligarquia. O general Lampton foi quem reviveu a crucificação como um método legal de execução. Mas, no final, o condenado encontrou seu carrasco na forma de uma menina esbelta de dezessete anos, Madeline Provence, que, para cumprir seu propósito, serviu dois anos em seu palácio como costureira da casa. Ela morreu em confinamento solitário após torturas horríveis e prolongadas, mas hoje ela está esculpida em bronze imortal no Panteão da Fraternidade na maravilhosa cidade de Serles. Nós, que por experiência própria, não sabemos nada sobre derramamento de sangue, não devemos julgar com severidade os heróis dos Grupos de Combate. Eles deram suas vidas pela humanidade, nenhum sacrifício era grande demais para eles, enquanto a necessidade inexorável os compelia à atuação violenta em uma era sanguinária. Os Grupos de Combate constituíam o único espinho no pé da Bota de Ferro, o qual ela não conseguia remover. Everhard foi o pai desse curioso

Nós nos propusemos a uma tarefa tripla. Primeiro, a eliminação dos agentes da Oligarquia de nossos círculos internos. Segundo, a organização dos Grupos de Combate e, fora deles, a organização secreta geral da Revolução. E, terceiro, a introdução de nossos próprios agentes secretos em todos os setores da Oligarquia: nas castas operárias e especialmente entre os telégrafos, secretários e funcionários; no exército; nos agentes-provocadores; e nos pastores de escravos. Foi um trabalho lento e perigoso, e, muitas vezes, nossos esforços resultavam fracassos custosos.

A Bota de Ferro havia triunfado na guerra aberta, mas nos mantivemos firmes na nova guerrilha: estranha, terrível e subterrânea. Tudo era invisível, muito não era imaginado. Era um cego contra outro cego. No entanto, em meio a tudo isso, havia ordem, propósito e controle. Nossos agentes se infiltraram em toda a organização da Bota de Ferro, enquanto nossa própria organização estava infiltrada por seus agentes. Foi uma guerra sombria e tortuosa, repleta de intrigas

---

exército, suas realizações e perseverança por trezentos anos testemunham a sabedoria com a qual ele organizou e a base sólida que ele estabeleceu às gerações seguintes. Em alguns aspectos, apesar de suas grandes contribuições econômicas e sociológicas e de seu trabalho como líder geral da Revolução, sua organização dos Grupos de Combate deve ser considerada a sua maior conquista.

e conspirações, tramas e contra-tramas. E, por trás de tudo isso, sempre ameaçadora, estava a morte, violenta e terrível. Homens e mulheres desapareceram, companheiros próximos e queridos. Hoje estão aqui, mas amanhã eles se foram. Nunca mais os encontraremos e sabíamos que estavam mortos.

Não havia confiança aonde quer que fosse. Alguém que conspirava ao nosso lado, pelo que sabíamos, poderia ser um agente da Bota de Ferro. Nós minávamos a organização da Bota de Ferro com nossos agentes secretos; e a Bota de Ferro nos minava com seus agentes secretos dentro de sua própria organização. E foi o mesmo com a nossa organização. E, apesar da ausência de confiança, fomos compelidos a basear todos os nossos esforços na confiança. Muitas vezes, fomos traídos. Os homens são fracos. A Bota de Ferro podia oferecer dinheiro, lazer, alegrias e prazeres guardados em suas maravilhosas cidades. Não podíamos oferecer nada além da satisfação de sermos fiéis a um nobre ideal. Quanto ao resto, o salário dos que eram leais à Causa era composto de perigo constante, tortura e morte.

Digo que os homens são fracos e que, por causa de sua fraqueza, fomos obrigados a lhes dar a única outra recompensa ao nosso alcance: a recompensa da morte. Por necessidade, tivemos de punir nossos traidores. Para cada homem que nos traía, uma dúzia de novos vingadores fiéis brotavam de seus



calcanhares. Podíamos falhar em cumprir nossas sentenças contra alguns inimigos, como os Pockock, por exemplo, mas a única coisa em que não podíamos falhar era na punição de nossos próprios traidores. Demos permissão para a traição de alguns camaradas para que chegassem às cidades-maravilha e ali executar nossas sentenças sobre os verdadeiros traidores. De fato, nos tornamos tão terríveis que se tornou um perigo maior nos trair do que permanecer leal a nós.

A Revolução assumiu em grande parte o caráter de uma religião. Consagrávamos no santuário da Revolução, que era o santuário da liberdade. A divindade se manifestava através de nós. Homens e mulheres devotavam suas vidas à Causa, os recém-nascidos eram entregues a ela como antigamente haviam sido entregues ao serviço de Deus. Éramos os amantes da Humanidade.



## CAPÍTULO 17. O UNIFORME ESCARLATE

**C**om a destruição de seus estados, os Agros desapareceram do Congresso. Foram julgados por alta traição, seus lugares foram ocupados por criaturas da Bota de Ferro. Os socialistas agora eram uma minoria lamentável e sabiam que seu fim estava próximo. O Congresso e o Senado eram farsas com pretextos vazios. As questões públicas eram gravemente debatidas e votadas de acordo com os velhos costumes, mas, na realidade, tudo o que se fazia era dar o cunho de procedimento constitucional aos mandatários da Oligarquia.

Ernest estava em plena luta quando o fim chegou. Aconteceu no debate sobre o projeto de lei em apoio aos desempregados. Os tempos difíceis do ano anterior haviam empurrado grandes massas do proletariado para baixo da linha da fome, a desordem contínua e de grande alcance apenas os afundava ainda mais. Milhões de pessoas passavam fome, enquanto os oligarcas e seus partidários se fartavam

com o excedente.<sup>91</sup> Chamamos a essas pessoas miseráveis de “povo do abismo”,<sup>92</sup> e foi para aliviar seu sofrimento que os socialistas apresentaram a lei dos desempregados. Mas esse não era o desejo da Bota de Ferro. À sua maneira, ela se preparava para colocar esses milhões em seu serviço e, por isso, as ordens foram para que o nosso projeto fosse rejeitado. Ernest e seus companheiros sabiam que o esforço era inútil, mas estavam cansados do marasmo. Eles queriam que algo acontecesse. Mas não estavam conseguindo nada,

---

91 Eram as mesmas condições obtidas no século 19 d.C. na Índia sob o domínio britânico. Os nativos morriam de fome aos milhões enquanto seus governantes lhes roubavam os frutos de seu trabalho e os gastavam em magníficos desfiles e bobagens. Por força, nessa era iluminada, temos muito pelo que nos envergonhar dos atos de nossos ancestrais. Nosso único consolo é filosófico. Devemos aceitar o estágio capitalista na evolução social como semelhante ao estágio anterior do macaco. O humano teve de passar por esses estágios em sua ascensão da lama e do lodo da vida inferior. Era inevitável que grande parte da lama e do lodo se grudasse e não saísse facilmente ao ser sacudido.

92 O “povo do abismo” foi uma frase cunhada pelo gênio de H.G. Wells no final do século 19 d.C. Wells era um vidente sociológico, são e normal, além de simpático ser humano. Muitos fragmentos de seu trabalho chegaram até nós, enquanto duas de suas maiores realizações, *Antecipations (Antecipações)* e *Mankind in the Making (A evolução da humanidade)*, chegaram intactas. Antes dos oligarcas, e antes de Everhard, Wells especulou sobre a construção das cidades-maravilha, embora em seus escritos elas sejam chamadas de “cidades do prazer”.

o melhor que esperavam era acabar com a farsa legislativa da qual eram atores relutantes. Eles não sabiam como seria o fim, mas nunca previram um fim mais catastrófico do que aquele que se seguiu.

Eu me sentei na galeria naquele dia. Todos sentíamos um perigo iminente. Estava no ar, sua presença era visível em razão dos soldados armados alinhados nos corredores e dos oficiais agrupados nas entradas do próprio Congresso. A Oligarquia estava prestes a atacar. Ernest discursava. Ele estava descrevendo o sofrimento dos desempregados como se tivesse a ideia maluca de tocar de alguma forma seus corações e consciências. Os membros republicanos e democratas zombavam e riam dele, houve alvoroço e confusão. Ernest mudou abruptamente seu ataque.

— Não conheço nada que eu possa dizer para influenciá-los — disse ele. — Vocês não têm almas para serem influenciadas. Vocês são covardes, coisas flácidas. Vocês pomposamente se chamam de republicanos e democratas. Não existe o Partido Republicano. Não existe o Partido Democrata. Não há republicanos, nem democratas nesta Câmara. Vocês são lambe-botas bajuladores, filhotes da plutocracia. Vocês falam demais em uma terminologia antiquada de seu amor pela liberdade e, o tempo todo, vestem o uniforme escarlate da Bota de Ferro.

Gritos e berros de “Ordem! Ordem!” abafaram sua voz, mas ele se manteve tranquilamente em pé até o barulho diminuir. Ele acenou com a mão para incluir todos eles, virou-se para seus próprios companheiros e disse:

— Ouça o berro dos animais bem alimentados.

O pandemônio estourou novamente. O orador bateu, pedindo ordem e olhou com expectativa para os oficiais nas portas. Houve gritos de “Rebelde!” e um grande e rotundo representante de Nova York começou a gritar “Anarquista!”. A visão de Ernest não era nada agradável naquele momento. Cada fibra sua tremia, seu rosto era o rosto de um animal em combate, apesar de sua frieza e controle.

— Lembrem-se — disse ele, com uma voz que se fez ouvir acima do barulho — de que se vocês demonstrarem misericórdia agora ao proletariado, algum dia, esse mesmo proletariado terá misericórdia de você.

Os gritos de “Rebelde!” e “Anarquista!” redobram.

— Eu sei que vocês não vão passar este projeto de lei — Ernest continuou. — Vocês receberam a ordem de seus patrões para votar contra. E, mesmo assim, vocês me chamam de anarquista. Vocês, que destruíram o governo do povo e que descaradamente ostentam sua vergonha escarlate em lugares públicos, me chamam de anarquista. Não acredito no fogo do inferno e no enxofre, mas em

momentos como este me arrependo de minha incredulidade. Não, em momentos como este, eu quase acredito. Certamente, deve haver um inferno, pois em nenhum outro lugar pode haver uma punição adequada aos seus crimes. Enquanto vocês existirem, há necessidade do fogo do inferno no universo.

Houve movimento nas portas. Ernest, o orador e todos os membros se viraram para ver.

— Por que você não chama seus soldados, senhor orador, e pede que eles façam seu trabalho? — Ernest exigiu.

— Eles vão realizar seu plano conforme o combinado.

— Há outros planos em andamento — foi a resposta. — É por isso que os soldados estão presentes.

— Nossos planos, eu suponho — Ernest zombou. — Assassinato ou algo assim.

Com a palavra “assassinato”, o alvoroço estourou novamente. Ernest não conseguiu mais se fazer ouvir, mas permaneceu em pé esperando uma calmaria. Então, aconteceu. Do meu lugar na galeria, não vi nada, exceto o clarão da explosão. O rugido encheu meus ouvidos e vi Ernest cambaleando e caindo em um redemoinho de fumaça. Os soldados corriam pelos corredores. Seus companheiros estavam em pé, loucos de raiva, capazes de qualquer violência. Mas Ernest se firmou a seguir e acenou com os braços pedindo silêncio.

— É uma farsa! — sua voz soou em advertência a seus companheiros. — Não façam nada ou vocês serão destruídos.

Então, ele se abaixou lentamente, os soldados o agarraram. No momento seguinte, as galerias foram evacuadas e não vi mais nada.

Embora ele fosse meu marido, eu não tive permissão para chegar até ele. Quando anunciei quem eu era, fui imediatamente presa. E, ao mesmo tempo, foram presos todos os congressistas socialistas em Washington, incluindo o infeliz Simpson, infectado com febre tifoide em seu hotel.

O julgamento foi rápido e breve. Os homens foram condenados. O inacreditável foi que Ernest não seria executado. Este seria um erro da Oligarquia, e dos mais caros. Mas a Oligarquia estava muito confiante naqueles dias. Estava embriagada de sucesso, e mal se imaginava que aquele pequeno punhado de heróis tivesse dentro de si o poder de abalar seus alicerces. Amanhã, quando a Grande Revolta for deflagrada e todo o mundo for tomado pelos desvalidos, milhões de sem-teto, a Oligarquia perceberá, e tarde demais, quão poderoso era aquele bando de heróis.<sup>93</sup>

---

93 Avis Everhard deu como certo que sua narrativa seria lida em sua própria época e, assim, omite mencionar o resultado do julgamento por alta traição. Muitas outras omissões desconcertantes semelhantes serão notadas neste manuscrito.



Na minha posição de revolucionária, como alguém interno que conhecia as esperanças, medos e planos secretos dos revolucionários, estou apta a responder, como poucos, à acusação de que eles explodiram uma bomba no Congresso. Posso dizer categoricamente, sem ressalvas ou dúvidas de qualquer tipo, que os socialistas, dentro e fora do Congresso, não tiveram nada a ver com o caso. Não sabemos quem lançou a bomba, mas a única coisa de que temos certeza absoluta é de que não fomos nós.

Por outro lado, há evidências de que a Bota de Ferro foi responsável pelo ato. Claro que não temos provas. Nossa

---

Cinquenta e dois congressistas socialistas foram julgados e todos foram considerados culpados. Estranho relatar, mas nenhum recebeu a sentença de morte. Everhard e onze outros, entre os quais Theodore Donnelson e Matthew Kent, receberam prisão perpétua. Os quarenta restantes receberam penas entre trinta e quarenta e cinco anos. Arthur Simpson, referido no manuscrito como doente de febre tifoide no momento da explosão, recebeu apenas quinze anos. Diz a tradição que ele morreu de fome em confinamento solitário, esse duro fim é explicado como tendo sido causado por sua teimosia intransigente e seu ódio ardente e sem limites por todos os homens que serviram ao despotismo. Ele morreu em Cabañas, em Cuba, onde três de seus companheiros também foram confinados. Os cinquenta e dois congressistas socialistas foram confinados em fortalezas militares espalhadas por todos os Estados Unidos. Assim, Du Bois e Woods foram mantidos em Porto Rico, enquanto Everhard e Merryweather foram colocados em Alcatraz, uma ilha na baía de São Francisco que já tinha um longo histórico como prisão militar.

conclusão é meramente circunstancial. Aqui estão os fatos que conhecemos: foi informado ao presidente da Câmara, por agentes do serviço secreto do governo, que os congressistas socialistas estavam prestes a recorrer ao terrorismo e que haviam decidido o dia em que suas táticas entrariam em vigor. Este dia era o dia da explosão. Portanto, o Capitólio estava lotado de tropas em antecipação. Como não sabíamos nada sobre a bomba, ou como uma bomba realmente explodiu, ou como as autoridades se prepararam com antecedência para a explosão, é justo concluir que a Bota de Ferro sabia. Além disso, acusamos a Bota de Ferro de ser culpada pelo atentado, e que a Bota de Ferro planejou e perpetrou o ato com o propósito de transferir a culpa para nossos ombros e assim provocar nossa destruição.

Do Orador, o aviso vazou para todas as criaturas da Casa que usavam o uniforme escarlate. Eles sabiam, enquanto Ernest falava, que algum ato violento seria cometido. E, para lhes fazer justiça, eles honestamente acreditavam que o ato seria cometido pelos socialistas. No julgamento, e ainda com franca fé, vários testemunharam ter visto Ernest se preparar para jogar a bomba, e que ela explodiu prematuramente. Claro que eles não viram nada do tipo. Sua imaginação febril e o medo os fizeram pensar assim.

Como Ernest disse no julgamento: “Faz sentido? Se eu fosse jogar uma bomba, que eu escolhesse um singelo

fogo de artifício como o que foi lançado? Não havia pólvora suficiente ali. Fez muita fumaça, mas não machucou ninguém além de mim. Explodiu bem aos meus pés, mas não me matou. Acreditem em mim: quando eu começar a jogar bombas, causarei danos. Haverá mais do que fumaça em meus petardos.”

Em troca, foi argumentado pela promotoria que a fraqueza da bomba era um erro da parte dos socialistas, assim como sua explosão prematura, causada por Ernest ao perder a coragem e deixá-la cair. E, para encerrar a discussão, havia os vários congressistas que testemunharam Ernest se atrapalhar e soltar a bomba.

Quanto a nós, ninguém sabia como a bomba foi lançada. Ernest me disse que, na fração de um instante antes de explodir, ele ouviu o baque e sentiu o golpe em seus pés. Ele testemunhou isso no julgamento, mas ninguém acreditou. Além disso, a coisa toda, na gíria popular, foi “cozinha”. A Bota de Ferro havia decidido nos destruir, e não havia como resistir.

Há um ditado que diz que a verdade prevalece. Cheguei a duvidar desse ditado. Dezenove anos se passaram e, apesar de nossos esforços incansáveis, não conseguimos encontrar o homem que realmente jogou a bomba. Sem dúvida, ele era algum contratado da Bota de Ferro, mas escapou de nós.

Nunca tivemos a menor pista de sua identidade. E agora, nesta data tardia, só nos resta que o caso ocupe seu lugar entre os mistérios da história.<sup>94</sup>

---

94 Avis Everhard teria de sobreviver muitas gerações até que esse mistério em particular fosse esclarecido. Há pouco menos de cem anos, e pouco mais de seiscentos anos depois de sua morte, a confissão de Pervaise foi descoberta nos arquivos secretos do Vaticano. Talvez seja bom contar um pouco sobre esse documento obscuro, que, em geral, interessa apenas ao historiador. Pervaise era um americano de ascendência francesa que, em 1913 d.C., estava confinado na Prisão Tombs, em Nova York, aguardando julgamento por assassinato. De sua confissão, ficamos sabendo que ele não era um criminoso comum. Ele era de sangue quente, apaixonado, emocional. Em um ataque de loucura e de ciúme, ele matou sua esposa — um ato muito comum naqueles tempos. Pervaise foi dominado pelo medo da morte, que é contado detalhadamente em sua confissão. Para escapar da morte, ele faria qualquer coisa, e os agentes da polícia asseguraram que ele não escaparia da condenação por assassinato em primeiro grau quando seu julgamento terminasse. Naqueles dias, assassinato em primeiro grau era uma ofensa capital. O homem ou mulher culpado era colocado em uma cadeira mortal especialmente construída e, sob a supervisão de médicos competentes, era fulminado por uma corrente elétrica. Isso era chamado de eletrocussão e era muito popular naquele período. A anestesia, como forma de morte compulsória, só seria introduzida mais tarde. Este homem, de bom coração, mas com uma selvageria feroz na superfície de seu ser, preso à espera de nada menos que a morte, foi persuadido pelos agentes da Bota de Ferro a jogar a bomba na Câmara dos Deputados. Em sua confissão, ele afirma explicitamente que foi informado de que a bomba seria algo frágil e que nenhuma vida seria perdida. Isso está

.....

diretamente de acordo com o fato de que a bomba foi carregada e que sua explosão aos pés de Everhard não seria mortal. Pervaise foi encaminhado para uma das galerias fechadas para reforma no Capitólio. Ele deveria escolher o momento para o lançamento da bomba e ele ingenuamente confessou que, em seu interesse pelo discurso de Everhard e pela comoção gerada, ele quase se esqueceu de sua missão. Ele não apenas foi libertado da prisão como recompensa por seu ato, mas também recebeu uma renda vitalícia. Coisa que não gozou por muito tempo. Em setembro de 1914 d.C., ele foi acometido de reumatismo no coração e lhe deram três dias de vida. Foi, então, que ele mandou chamar o padre católico Peter Durban, e a ele se confessou. Tão importante pareceu ao padre, que ele teve a confissão anotada e juramentada. O que aconteceu depois disso só podemos supor. O documento era certamente importante o suficiente para chegar a Roma. Influências poderosas devem ter sido exercidas, daí sua supressão. Durante séculos, nenhum indício de sua existência viu a luz do dia. Somente no século passado, Lorbica, o brilhante estudioso italiano, tropeçou nele por acaso durante suas pesquisas no Vaticano. Não há hoje nenhuma dúvida de que a Bota de Ferro foi responsável pela bomba que explodiu na Câmara dos Deputados em 1913 d.C. Mesmo que a confissão de Pervaise nunca tivesse sido revelada, nenhuma dúvida razoável poderia prevalecer. O ato em questão, que mandou cinquenta e dois congressistas para a prisão, equipara-se a inúmeros outros atos cometidos pelos oligarcas e, antes deles, pelos capitalistas. Há o exemplo clássico do assassinato judicial selvagem e arbitrário de inocentes chamados anarquistas no Haymarket, em Chicago, na penúltima década do século 19 d.C. Por tal destruição de propriedade, homens inocentes eram frequentemente punidos – “encurralados”, na linguagem da época. Nos embates trabalhistas entre capitalistas e a Federação de Mineiros da Costa Oeste na primeira década do século 20 d.C.,

.....

foram empregadas táticas semelhantes, mas mais sangrentas. A estação ferroviária em Independence foi explodida por agentes capitalistas. Treze homens morreram e muitos outros ficaram feridos. Os capitalistas no controle da máquina legislativa e judiciária do estado do Colorado acusaram os mineiros do crime e chegaram muito perto de condená-los. Romaines, um dos cooptados deste caso. Assim como Pervaise, estava preso em outro estado, Kansas, aguardando julgamento, quando foi abordado por agentes capitalistas. Mas, ao contrário de Pervaise, a confissão de Romaines foi tornada pública em seu próprio tempo. Durante esse mesmo período, houve o caso de Moyer e Haywood, dois líderes trabalhistas fortes e destemidos. Um era presidente e o outro era secretário da Federação de Mineiros da Costa Oeste. O ex-governador do Idaho foi misteriosamente assassinado. O crime, na época, foi atribuído abertamente aos donos das minas pelos socialistas e mineiros. No entanto, em violação da Constituição Nacional e Estadual, e por meio de conspiração por parte dos governadores do Idaho e do Colorado, Moyer e Haywood foram sequestrados, presos e acusados do assassinato. Foi esse acontecimento que provocou em Eugene V. Debs, líder nacional dos socialistas americanos na época, as seguintes palavras: "Os líderes trabalhistas que não podem ser subornados nem intimidados, devem ser emboscados e assassinados. O único crime de Moyer e Haywood é que eles foram inabalavelmente fiéis à classe trabalhadora. Os capitalistas roubaram nosso país; corromperam nossa política; profanaram nosso judiciário; bem como passaram por cima de nós. E, agora, propõem matar aqueles que não se renderem ao seu domínio brutal. Os governadores do Colorado e do Idaho estão apenas executando os mandatos de seus patrões, a Plutocracia. A disputa é entre Trabalhadores e a Plutocracia. Se eles derem o primeiro golpe violento, nós daremos o último."

## CAPÍTULO 18. NA SOMBRA DE SONOMA

**D**e mim, durante esse período, não há muito a dizer. Por seis meses, fui mantida na prisão, embora sem nenhuma acusação. Eu era uma *suspeita* — uma palavra de medo que todos os revolucionários logo conheceriam. Mas nosso próprio serviço secreto começava a funcionar. No final do meu segundo mês de prisão, um dos carcereiros se apresentou como um revolucionário em contato com a organização. Várias semanas depois, Joseph Parkhurst, o médico da prisão que acabara de assumir, provou ser membro de um dos Grupos de Combate.

Assim, em toda a organização da Oligarquia, nossa própria organização, como uma grande rede, se insinuava. E assim me mantinham em contato com tudo o que acontecia no mundo exterior. E, também, todos os nossos líderes presos estavam em contato com bravos camaradas que se mascaravam sob o uniforme da Bota de Ferro. Embora Ernest estivesse preso a cinco mil quilômetros de distância, na costa

do Pacífico, eu mantinha uma comunicação ininterrupta com ele, e trocávamos cartas regularmente.

Os líderes, dentro e fora da prisão, podiam discutir e dirigir a campanha. Teria sido possível, em poucos meses, efetuar a fuga de alguns deles, mas como o encarceramento não impedia nossas atividades, foi decidido evitar qualquer movimento prematuro. Cinquenta e dois congressistas e mais trezentos de nossos líderes estavam presos. Foi planejado que eles deveriam ser libertados ao mesmo tempo. Se parte deles escapasse, a vigilância dos oligarcas poderia ser despertada para impedir a fuga do restante. Por outro lado, sustentava-se que uma fuga simultânea em todo o país teria imensa influência psicológica sobre o proletariado. Isso mostraria nossa força e aumentaria a confiança.

Assim foi combinado que, quando libertada depois de seis meses, eu deveria desaparecer e preparar um esconderijo seguro para Ernest. Desaparecer em si não era nada fácil. Assim que consegui minha liberdade, meus passos começaram a ser seguidos pelos espões da Bota de Ferro. Precisei despistá-los para chegar à Califórnia. A forma como isso foi feito é risível.

O sistema de passaportes, segundo o modelo russo, já estava em desenvolvimento. Não ousei cruzar o continente com meu próprio nome. Era necessário que eu continuasse



completamente desaparecida se quisesse ver Ernest outra vez, pois, se ainda me seguissem depois que ele escapasse, certamente seríamos recapturados. Então, eu não podia me disfarçar de proletária para viajar. Restava o disfarce de um membro da Oligarquia. Embora os arquioligarcas não passassem de um pequeno bando, havia milhares de outros menores como o sr. Wickson — homens no valor de alguns milhões, adeptos dos arquioligarcas. As esposas e filhas desses oligarcas menores eram uma legião e foi decidido que eu deveria assumir um disfarce assim. Alguns anos depois, isso teria sido impossível, pois o sistema de passaportes se tornaria tão perfeito que nenhum homem, mulher ou criança em toda a terra ficaria sem registro e sem a origem de seus movimentos.

Quando chegou o momento, os espões foram tirados do meu caminho. Uma hora depois, Avis Everhard não existia mais. Naquele momento, uma tal de Felice Van Verdighan, acompanhada por duas empregadas e um cachorrinho, e com outra empregada para o cachorrinho,<sup>95</sup> entrou em uma sala

---

95 Essa imagem ridícula ilustra bem a conduta impiedosa dos patrões. Enquanto as pessoas passavam fome, cães de colo eram atendidos por empregadas. Esse disfarce foi elaborado por Avis Everhard. Vida, morte e a Causa estavam em jogo, portanto, a imagem deve ser aceita como uma imagem verdadeira. Ele oferece um comentário impressionante desses tempos.

de estar em um Pullman<sup>96</sup> e alguns minutos depois viajava rumo ao oeste.

As três empregadas que me acompanhavam eram revolucionárias. Duas eram membros dos Grupos de Combate, e a terceira, Grace Holbrook, entraria para um grupo no ano seguinte — e, seis meses depois, seria executada pela Bota de Ferro. Era ela quem cuidava do cão. Das outras duas, Bertha Stole desapareceria doze anos depois; enquanto Anna Royston ainda vive e desempenha um papel cada vez mais importante na Revolução.<sup>97</sup>

Cruzamos os Estados Unidos até a Califórnia sem surpresas. Quando o trem parou na Sixteenth Street Station, em Oakland, descemos; ali, Felice Van Verdighan, com suas duas empregadas, seu cachorro e a empregada dele desapareceram

---

96 Pullman era a designação dos vagões ferroviários mais luxuosos do período e assim chamados por seu inventor.

97 Apesar dos perigos contínuos e quase inconcebíveis, Anna Royston viveu até a idade real de noventa e um anos. Assim como os Pocock desafiaram os carrascos dos Grupos de Combate, ela desafiou os carrascos da Bota de Ferro. Ela teve uma vida encantadora e prosperou em meio a perigos e surpresas. Ela era uma das executoras dos Grupos de Combate e, conhecida como a Virgem Vermelha, tornou-se uma das figuras inspiradoras da Revolução. Ainda com sessenta e nove anos, ela atirou e matou “Bloody” Halcliffe no meio de sua escolta armada e escapou ilesa. No final, ela morreu pacificamente de velhice em um refúgio secreto dos revolucionários nas montanhas Ozark.

para sempre. As empregadas foram levadas por camaradas de confiança. Outros camaradas tomaram conta de mim. Meia hora depois de sair do trem, eu estava a bordo de um pequeno barco de pesca na Baía de São Francisco. Os ventos diminuíram e nós vagamos sem rumo durante a maior parte da noite. Vi as luzes de Alcatraz onde Ernest jazia e encontrei conforto na ideia de estar perto dele. Ao amanhecer, em um barco a remo dos pescadores, chegamos às Ilhas Marin. Ali, ficamos escondidos o dia todo e na noite seguinte, varridos por uma maré cheia e um vento fresco, atravessamos a baía de San Pablo em duas horas e nos apressamos pelo riacho Petaluma.

Os cavalos e outro camarada nos esperavam e, sem demora, partimos sob a luz das estrelas. Ao Norte, eu podia ver a montanha Sonoma, o nosso destino. Passamos pela cidade velha de Sonoma à direita e subimos um desfiladeiro que ficava entre os penhascos laterais da montanha. A estrada de carroças se tornou uma trilha na floresta, a trilha na floresta se tornou uma trilha de vacas, e a trilha de vacas se estreitou e terminou nos pastos do planalto. Cavalgamos sobre Sonoma. Era o caminho mais seguro. Não havia ninguém em nosso caminho.

O alvorecer nos pegou na frente setentrional e, na luz cinzenta, descemos pelo chaparral até os profundos e quentes desfiladeiros de sequoias com o sopro do verão.

Era um velho rincão para mim, que eu conhecia e amava, e logo me tornei a guia. O esconderijo era meu. Eu o havia selecionado. Descemos pelas encostas e cruzamos um prado de terra firme. Em seguida, passamos por um cume baixo coberto de carvalhos e descemos para um prado menor. Novamente subimos um aclave, desta vez, cavalgando sob o vermelho dos galhos de madronos e das manzanitas. Os primeiros raios do sol batiam em nossas costas enquanto subíamos. Uma revoada de codornas zumbiu por entre as moitas. Uma grande lebre cruzou nosso caminho, saltando rápida e silenciosamente como um cervo. Então, um cervo, com uma galhada enorme e o sol brilhando vermelho-dourado de seu pescoço aos ombros, passou pela crista do cume diante de nós e se foi.

Seguimos em seu rastro por algum tempo, depois, descemos por uma trilha em ziguezague entre um conjunto de nobres sequoias que se erguiam em torno de um lago de águas minerais turvas ao lado da montanha. Eu conhecia cada centímetro do caminho. Um escritor amigo meu foi dono do rancho, mas ele também se tornara um revolucionário, embora mais desastrosamente do que eu, pois já estava morto e enterrado, sem ninguém saber nem como, nem onde. Somente ele, nos dias em que viveu, conhecia o segredo do esconderijo para o qual eu me encaminhava. Ele

havia comprado a fazenda pela beleza e pagou um bom preço por ela, para desgosto dos fazendeiros locais. Ele costumava contar com grande alegria como eles costumavam balançar tristemente a cabeça pelo preço, realizavam uma aritmética mental vagarosa e, depois, diziam: “Mas você não pode ganhar seis por cento com isso”.

Contudo, ele estava morto agora e o rancho não foi herdado por seus filhos. De todos os homens, aquela propriedade agora pertencia ao sr. Wickson, que possuía todas as encostas ao leste e ao norte de Sonoma, desde a propriedade dos Spreckel até a divisão do vale Bennett. Ele havia transformado a área em um magnífico parque de veados, onde, ao longo de milhares de acres de encostas suaves, clareiras e desfiladeiros, os animais corriam livres e selvagens. As pessoas donas da terra foram expulsas. Uma casa estadual para débeis mentais também foi demolida para dar lugar aos veados.

Para completar, a estalagem de caça de Wickson ficava a 400 metros do meu esconderijo. Isso, em vez de ser um perigo, era uma segurança adicional. Estávamos abrigados sob a égide de um dos oligarcas menores. Qualquer suspeita, pela natureza da situação, seria afastada. O último lugar no mundo em que os espiões da Bota de Ferro sonhariam em procurar por mim e por Ernest, quando ele se juntasse a mim, seria o parque de veados de Wickson.

Amarramos nossos cavalos entre as sequoias no lago. De um esconderijo atrás de um tronco oco, meu companheiro tirou uma variedade de coisas: um saco de 20 quilos de farinha, alimentos enlatados de todos os tipos, utensílios de cozinha, cobertores, uma lona grande, livros e material de escrita, um grande pacote de cartas, uma lata de cinco galões de querosene, um fogareiro a óleo e, por último e mais importante, um grande rolo de corda grossa. Tão grande era o suprimento de coisas que seriam necessárias várias viagens para carregá-lo até o refúgio.

Mas o refúgio ficava bem próximo. Pegando a corda e liderando o caminho, passei por uma clareira de folhagens e arbustos emaranhados que cobria a área entre duas colinas arborizadas. A clareira terminava abruptamente na margem íngreme de um riacho. Era um pequeno riacho que vinha direto das nascentes e, mesmo com o verão mais quente, nunca secava. Por todos os lados, havia altas colinas com árvores, elas eram várias e tinham a aparência de terem sido arremessadas ali pela mão de algum titã descuidado. Não havia nenhuma base de rocha nelas. Erguiam-se a centenas de metros e eram compostas de terra vulcânica vermelha, o famoso solo de vinho de Sonoma. Através delas, o pequeno riacho havia cortado seu canal profundo e escarpado.

Descemos até o leito do córrego e, uma vez nele, seguimos o curso de água até por, talvez, trinta metros. Então, chegamos ao grande buraco. Não havia nenhum aviso da existência do buraco, nem era um buraco no sentido comum da palavra. Era preciso rastejar por entre arbustos e galhos densos até a beirada e espiar para baixo, através da vegetação. Eram centenas de metros de comprimento e de largura, metade disso em profundidade. Possivelmente, por causa de alguma falha que ocorreu quando os montículos foram arremessados, e certamente resultado de uma forte erosão, o buraco fora escavado ao longo dos séculos pela água. Em nenhum lugar, a terra nua aparecia. Tudo estava coberto pela vegetação, de capins finos e samambaias douradas a poderosas sequoias e abetos de Douglas. Essas grandes árvores brotavam até das paredes do buraco. Algumas se inclinavam em ângulos de até quarenta e cinco graus, embora a maioria se elevasse diretamente, quase perpendiculares à terra macia.

Era um esconderijo perfeito. Ninguém nunca ia lá, nem mesmo os meninos do povoado de Glen Ellen. Se esse buraco existisse no leito de um cânion com um ou mais quilômetros de comprimento, seria bem conhecido. Mas não se tratava de um desfiladeiro. Do começo ao fim, a extensão do riacho não passava de quinhentos metros. A trezentos metros acima do buraco, ficava a sua nascente no sopé de um prado plano.

Cem metros abaixo do buraco, o riacho corria para o campo aberto, juntando-se ao leito principal e fluindo por terrenos ondulados e cobertos de grama.

Meu companheiro deu uma volta na corda ao redor de uma árvore e me amarrou na outra extremidade para a descida. Rapidamente, cheguei no fundo. E, logo, ele carregou todos os artigos do esconderijo e os baixou para mim. Ele puxou a corda e a escondeu; e, antes de ir embora, me chamou para uma alegre despedida.

Antes de continuar, quero dizer uma palavra sobre este camarada, John Carlson, uma figura humilde da Revolução, um dos inúmeros fiéis nas fileiras. Ele trabalhava para Wickson, nos estábulos perto da estalagem de caça. Na verdade, foi nos cavalos de Wickson que cavalgamos sobre Sonoma. Há quase vinte anos, John Carlson era o guardião do refúgio. Nenhum pensamento de deslealdade, tenho certeza, jamais passou por sua mente durante todo esse tempo. Traição era algo que sua mente jamais sonharia. Ele era fleumático, tão impassível que era difícil imaginar que a Revolução tinha algum significado para ele. E, no entanto, o amor pela liberdade brilhava sombrio e firmemente em sua alma turva. De certa forma, era realmente bom que ele não fosse volúvel e imaginativo. Ele nunca perdeu a cabeça. Podia obedecer a ordens e não era curioso, nem tagarela.



Uma vez, perguntei como era possível que ele fosse um revolucionário.

— Fui soldado quando jovem — foi sua resposta. — Foi na Alemanha. Lá, todos os jovens servem no exército. Então, eu fui para o exército. Tinha outro soldado lá, também jovem. Seu pai era o que vocês chamam de agitador e estava preso por lesa-majestade, o que vocês chamam de falar a verdade sobre o imperador. E o jovem, o filho, conversou muito comigo sobre pessoas e trabalho, o roubo das pessoas pelos capitalistas. Ele me fez ver as coisas de novas maneiras e eu me tornei um socialista. Suas palestras eram muito verdadeiras e boas, eu nunca me esqueci delas. Quando vim para os Estados Unidos, procurei os socialistas. Eu me tornei um membro de uma seção, na época do Partido Socialista Trabalhista. Depois, quando veio a separação, entrei para o Partido Socialista local. Eu estava trabalhando em um estábulo em São Francisco na época. Isso foi antes do terremoto. Venho pagando a minha taxa por vinte e dois anos. Ainda sou membro e ainda pago minha taxa, embora seja mais secreto agora. Sempre pagarei minha taxa e, quando a comunidade cooperativa chegar, serei feliz.

Deixada sozinha, comecei a preparar o café da manhã no fogareiro e a preparar minha casa. Muitas vezes, no início da manhã, ou à noite, depois de escurecer, Carlson descia

furtivamente até o refúgio e trabalhava por algumas horas. No começo, minha casa era a lona. Mais tarde, uma pequena tenda foi montada. E, ainda mais tarde, quando nos asseguramos da perfeita segurança do local, foi erguida uma casinha. Essa casa ficava completamente escondida de qualquer um que pudesse espiar da beira do buraco. A vegetação luxuriante daquele local formava um escudo natural. Além disso, a casa foi construída contra a parede perpendicular à própria parede, escorada por fortes vigas. Escavamos dois pequenos cômodos bem drenados e ventilados. Oh, acreditem, tivemos muitos confortos ali. Quando Biedenbach, o terrorista alemão, se escondeu conosco algum tempo depois, ele instalou um dispositivo que consumia fumaça e nos permitia sentar ao redor de fogueiras crepitantes nas noites de inverno.

Me reservo a dizer algumas palavras sobre aquele terrorista de alma gentil, de que não há camarada na Revolução mais terrivelmente incompreendido. O camarada Biedenbach não traiu a Causa, nem foi executado pelos camaradas como se supõe. Este boato foi divulgado pelas criaturas da Oligarquia. O camarada Biedenbach era traído, esquecido. Ele foi baleado por um de nossos vigias na caverna-refúgio de Carmel, por falha de sua parte em se lembrar dos sinais secretos. Foi tudo um triste engano. E é uma completa mentira que ele tenha traído seu Grupo de

Combate. Nenhum homem mais verdadeiro e leal jamais trabalhou pela Causa.<sup>98</sup>

Há dezenove anos, o refúgio que selecionei tem sido ocupado quase continuamente e, em todo esse tempo, com uma exceção, nunca foi descoberto por um estranho. E, no entanto, ficava a apenas 400 metros da cabana de caça de Wickson e a pouco mais de um quilômetro do vilarejo de Glen Ellen. Sempre podíamos ouvir os comboios matinais e vespertinos chegarem e partirem, e eu costumava acertar o relógio pelo apito das olarias.<sup>99</sup>

---

98 Por mais que procuremos em todo o material daqueles tempos que chegaram até nós, não encontramos nenhuma pista do Biedenbach aqui referido. Nenhuma menção é feita a ele, exceto no *Manuscrito Everhard*.

99 Se o viajante curioso se voltar ao sul a partir de Glen Ellen, ele se encontrará em uma avenida que é idêntica à antiga estrada rural de sete séculos atrás. A uns 400 metros de Glen Ellen, depois de passar a segunda ponte, à direita, será notado um barranco que corre como uma cicatriz pela terra ondulada em direção a um grupo de colinas arborizadas. O barranco é o local em que corria a estrada que, no tempo da propriedade privada da terra, atravessava a propriedade de certo Chauvet, um pioneiro francês da Califórnia que veio de seu país natal nos lendários dias do ouro. Os montículos arborizados são os mesmos montículos descritos por Avis Everhard. O Grande Terremoto de 2368 d.C. desmoronou a lateral de uma dessas colinas e a tombou no buraco onde os Everhards fizeram seu refúgio. Desde a descoberta do *Manuscrito*, escavações foram feitas, e a casa, os dois cômodos da caverna e todo o

---

lixo acumulado pela longa ocupação foram desenterrados. Muitas relíquias valiosas foram encontradas, entre as quais, curioso relatar, está o dispositivo de Biedenbach mencionado na narrativa. Os alunos interessados em tais assuntos devem ler a apostila de Arnold Bentham a ser publicada em breve. Cerca de dois quilômetros a noroeste das colinas arborizadas, há o local chamado Estalagem Wake Robin, na junção de Wild-Water com os Sonoma Creeks. Pode-se notar, de passagem, que Wild-Water foi originalmente chamada de Graham Creek e assim era conhecida nos primeiros mapas locais. Mas o nome posterior se manteve. Foi na Estalagem Wake Robin que Avis Everhard viveu mais tarde por curtos períodos, quando, disfarçada de agente-provoadora da Bota de Ferro, foi capaz de desempenhar impunemente seu papel entre os homens e os eventos. A permissão oficial para ocupar a Estalagem Wake Robin ainda consta nos registros, assinada por ninguém menos que Wickson, o oligarca menor do *Manuscrito*.

## CAPÍTULO 19. TRANSFORMAÇÃO

**V**ocê precisa se reinventar de novo — Ernest me escreveu. — Você precisa desaparecer e se tornar outra mulher. Não apenas nas roupas que veste, mas debaixo delas, dentro da sua pele. Você deve se refazer para que nem eu a conheça... sua voz, seus gestos, seus modos, seu rosto, seu andar, tudo.

Eu obedeci a esse comando. Todos os dias, eu praticava por horas a fio, enterrando para sempre a velha Avis Everhard sob a pele de outra mulher que eu chamaria de meu outro eu. Somente depois de muito esforço, os resultados apareceram. Eu pratiquei o simples detalhe da entonação sem parar até que a voz do meu novo eu se tornasse fixa, automática. Essa é uma das demandas mais importantes em um novo papel. A pessoa deve se tornar tão hábil a ponto de enganar a si mesma. Era como aprender uma nova língua, como o francês, por exemplo. A princípio, falar em francês é um ato

consciente, uma questão de vontade. O aluno pensa em inglês e, então, traduz para o francês, ou lê em francês, mas traduz para o inglês antes que possa entender. Então, mais tarde, firmemente fundamentado, torna-se automático. O aluno lê, escreve e *pensa* em francês, sem nenhum recurso ao inglês.

E assim era com nossos disfarces. A prática era necessária até que nossos papéis se tornassem reais. Voltarmos a ser nossos eus originais exigiria um exercício de força de vontade. É claro que, a princípio, uma boa parte daquilo era um mero experimento desajeitado. Estávamos criando uma nova arte e tínhamos muito a descobrir. Mas o trabalho estava acontecendo em todos os lugares. Mestres dessa arte estavam se desenvolvendo, um conjunto de truques e técnicas estava sendo acumulado. Esse conjunto se tornou uma espécie de livro didático que era repassado, como uma parte do currículo, por assim dizer, na escola da Revolução.<sup>100</sup>

---

100 O disfarce se tornou uma verdadeira arte durante esse período. Os revolucionários mantinham escolas de atuação em todos os seus refúgios. Desprezavam os acessórios, como perucas e barbas, sobancelhas postiças e afins dos atores teatrais. O jogo da revolução era um jogo de vida e morte, meros acessórios eram armadilhas. O disfarce tinha de ser fundamental, intrínseco, parte integrante do próprio ser, uma segunda natureza. A Virgem Vermelha é relatada como uma das mais adeptas dessa arte, à qual deve ser atribuída sua longa e bem-sucedida carreira.

Foi nessa época que meu pai desapareceu. Suas cartas, que me chegavam regularmente, cessaram. Ele não aparecia mais em nossos cômodos na Pell Street. Nossos camaradas, procuraram-no em todos os lugares. Nosso serviço secreto, vasculhou todas as prisões do país. Mas ele desaparecera completamente como se a terra o tivesse engolido e, até hoje, nenhuma pista sobre ele foi descoberta.<sup>101</sup>

Passei seis meses solitários no refúgio, mas não foram meses ociosos. Nossa organização estava em ritmo acelerado, havia montanhas de trabalho sempre esperando para serem feitas. Ernest e seus companheiros líderes, de suas prisões, decidiam o que deveria ser feito, assim, cabia a nós levar o plano a cabo. Houve a organização da propaganda boca a boca; a organização, com todas as suas ramificações, do nosso sistema de espionagem; o estabelecimento de nossas gráficas secretas; e a criação de nossa comunicação subterrânea, o que significou a costura de todos os nossos incontáveis

---

101 O desaparecimento era um dos horrores da época. Constantemente, aparece na música e na literatura como tema. Trata-se de um paralelo inevitável da guerra subterrânea que se alastrou por três séculos. Esse fenômeno era quase tão comum na classe Oligarca e nas castas operárias quanto nas fileiras dos revolucionários. Sem aviso, sem rastro, homens, mulheres e até crianças desapareceram e nunca mais foram vistos, seu fim envolto em mistério.

esconderijos e a formação de novos refúgios, nos quais ainda existiam lacunas na nossa rede global.

Como eu disse, o trabalho nunca terminava. Ao fim de seis meses, minha solidão foi quebrada pela chegada de duas camaradas. Eram jovens, almas corajosas e apaixonadas amantes da liberdade: Lora Peterson, que desapareceu em 1922; e Kate Bierce, que mais tarde se casaria com Du Bois.<sup>102</sup> Ela ainda está conosco, com seus olhos mirando o sol do amanhã, o anúncio da nova era.

As duas garotas chegaram em um turbilhão de excitação, perigo e morte. Na tripulação do barco de pesca que as transportou pela baía de San Pablo, havia um espião. Uma criatura da Bota de Ferro disfarçada de revolucionário e que penetrou profundamente nos segredos de nossa organização. Sem dúvida, ele estava no meu encalço, pois há muito sabíamos que meu desaparecimento havia sido motivo de profunda preocupação para o serviço secreto da Oligarquia. Felizmente, como o resultado provou, ele não divulgou suas descobertas a ninguém. Ele evidentemente adiou seu relatório, preferindo esperar até que tivesse concluído tudo com sucesso: descobrir meu esconderijo e me capturar. Suas

---

102 Du Bois, o atual bibliotecário de Ardis, é descendente direto dessa dupla revolucionária.



informações morreram com ele. Sob algum pretexto, depois que as meninas desembarcaram no riacho Petaluma e foram levadas aos cavalos, ele conseguiu sair do barco.

A meio caminho da montanha Sonoma, John Carlson deixou as meninas seguirem sozinhas com seu cavalo e voltou a pé. Ele tinha suas suspeitas. Então, ele capturou o espião e, quanto ao que aconteceu, Carlson nos deu uma boa ideia.

— Eu o detive — foi a maneira pouco imaginativa de Carlson de descrever o caso. — Eu o detive — ele repetiu com uma luz sombria em seus olhos. Suas mãos enormes e distorcidas pelo trabalho se abriam e se fechavam com eloquência. — Ele não fez barulho. Eu o escondi, esta noite vou voltar e enterrá-lo bem fundo.

Durante esse período, eu costumava me maravilhar com minha própria metamorfose. Às vezes, me parecia impossível o fato de eu ter vivido uma vida plácida em uma cidade universitária, ou então ter me tornado uma revolucionária acostumada a cenas de violência e morte. Uma ou outra não poderia existir. Uma era real, a outra era um sonho; mas qual era qual? A vida real de um revolucionário, escondido em um buraco, seria o pesadelo? Ou eu seria uma revolucionária que, em algum lugar, de alguma forma, sonhava que em uma existência anterior havia vivido em Berkeley e que nunca conhecera uma vida mais violenta do que chás e danças,

sociedades de debates e salas de aula? Mas suponho que essa seja uma experiência comum a todos aqueles que se reuniram sob a bandeira vermelha da Irmandade dos Homens.

Muitas vezes, eu me lembrava de personagens daquela outra vida e, curiosamente, eles apareciam e desapareciam, de vez em quando, em minha nova vida. Lá estava o bispo Morehouse. Em vão, procuramos por ele depois que nossa organização se desenvolveu. Ele havia sido transferido de asilo para asilo. Nós o rastreamos do hospital estadual para loucos em Napa até o de Stockton e, de lá, ao vale de Santa Clara chamado Agnews, onde terminava o seu rastro. Não havia registro de sua morte. De alguma forma, ele deve ter escapado. Eu sequer sonhava com a maneira horrível como o veria pela última vez: o vislumbre fugaz dele no turbilhão de carnificina da Comuna de Chicago.

Nunca mais vi Jackson, que perdera o braço na Sierra Mills e que havia sido a causa de minha própria conversão em revolucionária. Mas todos nós sabíamos o que ele fez antes de morrer. Ele nunca se juntou aos revolucionários. Amargurado por seu destino, meditando sobre seus erros, ele se tornou um anarquista — não um anarquista filosófico, mas um simples animal, louco de ódio e com desejo de vingança. E, bem, ele se vingou. Fugindo dos guardas, durante à noite, enquanto todos dormiam, ele explodiu o

palácio Pertonwaithe em pedaços. Nenhuma alma escapou, nem mesmo os guardas. E, na prisão, enquanto aguardava julgamento, ele se asfixiou debaixo dos cobertores.

O dr. Hammerfield e o dr. Ballingford tiveram destinos bem diferentes do de Jackson. Eles foram fiéis aos seus caracteres e foram recompensados de forma correspondente, com palácios eclesiásticos em que moram em paz com o mundo. Ambos são apologistas da Oligarquia. Ambos engordaram muito. “O dr. Hammerfield”, como Ernest disse certa vez, “conseguiu alterar sua metafísica de modo a dar a sanção de Deus à Bota de Ferro, também incluiu muita adoração à beleza e reduziu a um espectro invisível o vertebrado gasoso descrito por Haeckel — sendo que a diferença entre o dr. Hammerfield e o dr. Ballingford é que o último tornou o Deus dos oligarcas um pouco mais etéreo e um pouco menos vertebrado.”

Peter Donnelly, o capataz da Sierra Mills que encontrei enquanto investigava o caso de Jackson, foi uma surpresa para todos nós. Em 1918, estive presente numa reunião dos 'Frisco Reds. De todos os nossos Grupos de Combate, aquele era o mais formidável, feroz e impiedoso. Não era realmente uma parte de nossa organização. Seus membros eram fanáticos e loucos. Não nos atrevemos a encorajar tal espírito. Por outro lado, mesmo não sendo da organização,

mantivemos relações amistosas com eles. Um assunto de vital importância me levou até lá naquela noite. Eu, sozinha entre vinte homens, era a única pessoa sem máscara. Depois que meus assuntos foram resolvidos, fui levada por um deles. Em uma passagem escura, esse guia acendeu um fósforo e, segurando-o perto do rosto, retirou sua máscara. Por um momento, contemplei as feições apaixonadas de Peter Donnelly. Então, o fósforo se apagou.

— Eu só queria que você soubesse que fui eu — disse ele, na escuridão. — Você se lembra do superintendente Dallas?

Acenei com a cabeça ao me lembrar do superintendente de rosto traiçoeiro da Sierra Mills.

— Bem, eu o peguei primeiro — disse Donnelly, com orgulho. — Depois disso, eu me juntei aos Reds.

— Mas como é que você está aqui? — eu perguntei. — E sua esposa e filhos?

— Mortos — ele respondeu. — É por isso. Não — ele continuou apressadamente —, não é vingança. Eles morreram tranquilos em suas camas, de doença, sabe, um depois do outro. Minhas mãos estavam atadas enquanto eles viviam. E agora que eles se foram, busco vingança pela minha hombridade roubada. Eu já fui Peter Donnelly, o capataz dos fura-greves. Mas esta noite eu sou o número 27 dos 'Frisco Reds. Agora, venha, vou te mostrar o caminho.

Eu ouviria falar mais dele depois. À sua maneira, ele disse a verdade quando me contou que estavam todos mortos. Mas um sobreviveu, Timothy, e seu pai o considerava morto porque ele havia se alistado no serviço mercenário da Bota de Ferro.<sup>103</sup> Um membro dos 'Frisco Reds se comprometia a doze execuções anuais. A pena para o fracasso era a morte. Se um membro não conseguisse alcançar seu número, cometia suicídio. Tais execuções não eram aleatórias. Esse grupo de loucos se reunia com frequência e fazia julgamentos indiscriminados sobre membros e servidores ofensivos da Oligarquia. Depois, as execuções eram distribuídas por sorteio.

Na verdade, o negócio que me levou lá naquela noite era uma provação. Um de nossos próprios camaradas, que durante anos se manteve com sucesso em uma posição clerical no escritório local do serviço secreto da Bota de Ferro, caiu na malha dos 'Frisco Reds e estava sendo julgado. É claro que ele não estava presente e é claro que seus juízes não

---

103 Além das castas trabalhistas, surgiu outra casta, a militar. Um exército permanente de soldados profissionais foi criado, comandado por membros da Oligarquia e conhecido como Mercenários. Essa instituição tomou o lugar da milícia, que se mostrou impraticável sob o novo regime. Fora do serviço secreto regular da Bota de Ferro, foi estabelecido ainda um serviço secreto dos Mercenários, formando uma ligação entre a polícia e os militares.

sabiam que ele era um dos nossos. Minha missão havia sido testemunhar sua identidade e lealdade. Pode-se perguntar como chegamos a saber do caso. A explicação é simples. Um de nossos agentes secretos era membro dos 'Frisco Reds. Era necessário ficarmos de olho tanto no amigo como no inimigo, esse grupo de loucos também devia estar sob nossa vigilância.

Mas voltando a Peter Donnelly e seu filho. Tudo correu bem com Donnelly até que, no ano seguinte, ele encontrou entre o maço de execuções que lhe cabia o nome de Timothy Donnelly. Foi então que seu senso familiar, que ele tinha em grau tão extraordinário, se reafirmou. Para salvar seu filho, ele traiu seus companheiros. Nisso, ele fracassaria parcialmente, mas uma dúzia dos 'Frisco Reds foram executados, o grupo quase foi destruído. Em retaliação, os sobreviventes deram a Donnelly a morte que ele ganhou por sua traição.

Timothy Donnelly também não sobreviveu por muito tempo. Os 'Frisco Reds se comprometeram com sua execução. A Oligarquia fez todos os esforços para salvá-lo. Ele foi transferido de uma parte para outra do país. Três dos Reds perderam a vida no esforço para capturá-lo. O grupo, composto originalmente apenas por homens, teve de recorrer a uma mulher, uma de nossas camaradas, ninguém menos que Anna Roylston. Nosso Círculo Interno a proibiu, mas ela sempre teve vontade própria e desdenhava da disciplina.

Além disso, ela era genial e adorável, e nunca poderíamos discipliná-la de qualquer maneira. Ela faz parte de uma classe que não é receptiva aos padrões comuns dos revolucionários.

Apesar de nossa recusa em conceder permissão para a ação, ela continuou. Anna Royston era uma mulher fascinante. Tudo o que ela tinha de fazer era acenar para um homem e ele viria. Ela partiu o coração de dezenas de nossos jovens camaradas, seduziu muitos outros e, com os tentáculos de seu coração, ela trouxe muitos à nossa organização. No entanto, ela se recusava firmemente a se casar. Ela amava crianças, mas sustentava que ter um filho a reivindicaria da Causa e que era pela Causa que dedicava sua vida.

Foi uma tarefa fácil para Anna Royston conquistar Timothy Donnelly. Sua consciência não a incomodava, pois, naquele exato momento, ocorreu o Massacre de Nashville, quando os Mercenários, comandados por Donnelly, assassinaram literalmente oitocentos tecelões daquela cidade. Mas ela não matou Donnelly. Ela o entregou, prisioneiro, aos 'Frisco Reds. Isso aconteceu apenas no ano passado e, agora, ela tem outro nome. Os revolucionários em todos os lugares a estão chamando de "Virgem Vermelha".<sup>104</sup>

---

104 Os 'Frisco Reds só floresceriam novamente depois do fracasso da Segunda Revolta. E, por duas gerações, o grupo floresceu. Então, um agente da Bota de Ferro conseguiu se tornar membro,

O Coronel Ingram e o Coronel Van Gilbert foram duas outras figuras conhecidas que eu encontraria mais tarde. O Coronel Ingram subiu alto na Oligarquia e se tornou Ministro da Alemanha. Ele era cordialmente detestado pelo proletariado de ambos os países. Foi em Berlim que eu o conheci, onde, como espiã internacional credenciada da Bota de Ferro, fui recebida por ele e lhe prestei muita assistência. Aliás, posso afirmar que, no meu duplo papel, consegui algumas coisas importantes para a Revolução.

O Coronel Van Gilbert ficou conhecido como Van Gilbert “Rosnador”. Seu importante papel foi desempenhado na elaboração do novo código após a Comuna de Chicago. Mas, antes disso, como juiz de primeira instância, ele foi sentenciado à morte por sua postura diabólica. Eu fui um dos que o julgou e o sentenciou. Anna Royston foi quem o executou.

Ainda, outra figura da antiga vida ressurgiu, o advogado de Jackson. Muito menos, eu esperava encontrar novamente aquele homem, Joseph Hurd. Foi um encontro inusitado. Tarde da noite, dois anos depois da Comuna de Chicago, Ernest e eu chegamos juntos ao refúgio de Benton Harbor.

---

penetrou em todos os seus segredos e provocou sua total aniquilação. Isso ocorreu em 2002 d.C. Os membros foram executados um de cada vez, em intervalos de três semanas, e seus corpos foram expostos no gueto trabalhista de São Francisco.



Isso foi em Michigan, do outro lado do lago de Chicago. Chegamos no final do julgamento de um espião. Quando chegamos, a sentença de morte havia sido proferida e ele estava sendo levado. No momento seguinte, o miserável homem se libertou e se jogou aos meus pés, seus braços me agarravam pelos joelhos em um aperto forte enquanto rezava freneticamente por misericórdia. Quando ele virou seu rosto agonizante para mim, eu o reconheci como Joseph Hurd. De todas as coisas terríveis que testemunhei, nunca fiquei tão tocada como com a súplica dessa criatura ávida pela vida. Ele era louco pela vida. Era lamentável. Ele se recusava a me soltar, apesar das mãos de uma dúzia de camaradas. E, quando finalmente ele foi arrastado para longe, eu desabei, desmaiada, no chão. É muito mais fácil ver homens corajosos morrerem do que ouvir um covarde implorar pela vida.<sup>105</sup>

---

105 O refúgio de Benton Harbor era uma catacumba cuja entrada foi habilmente construída por meio de um poço. Encontra-se em bom estado de conservação. Hoje, o visitante curioso pode percorrer seus labirintos até o salão de assembleia, onde, sem dúvida, ocorreu a cena descrita por Avis Everhard. Mais adiante estão as celas em que os prisioneiros eram confinados e a câmara da morte, onde ocorriam as execuções. Mais além fica o cemitério — longas e sinuosas galerias escavadas na rocha sólida, com recessos em cada lado, lugar em que, degrau por degrau, jazem os revolucionários exatamente como foram enterrados por seus camaradas há muitos anos.



## CAPÍTULO 20. UM OLIGARCA PERDIDO

**M**as ao me recordar de minha velha vida, adiantei a história dessa nova vida. A fuga em massa só ocorreria em 1915. Por mais complicada que fosse, tudo foi realizado sem problemas e, por ser uma conquista digna de comemoração, aquilo nos incentivou em nosso trabalho. De Cuba à Califórnia, de dezenas de penitenciárias, presídios militares e fortalezas, em uma única noite, libertamos cinquenta e um de nossos cinquenta e dois congressistas, além de mais trezentos outros líderes. Não houve um único caso de falha. Não só eles fugiram, mas cada um ganhou seus refúgios como planejado. O único camarada congressista que não conseguimos libertar foi Arthur Simpson, pois ele já havia morrido em Cabañas sob torturas cruéis.

Os dezoito meses que se seguiram foram, talvez, os mais felizes da minha vida com Ernest. Durante esse tempo, nunca nos separamos. Mais tarde, quando voltamos ao mundo, nos separamos muito. Espero com menos impaciência a chama

da revolta de amanhã do que naquela noite em que esperei pela chegada de Ernest. Fazia muito tempo que eu não o via, o pensamento de um possível empecilho ou erro em nossos planos quase me deixou louca. As horas passavam como séculos. Eu estava sozinha. Biedenbach e três jovens que moravam no refúgio estavam fora na montanha, fortemente armados e preparados para qualquer coisa. Imagino que todos os nossos esconderijos naquela noite estavam quase vazios.

Assim que o céu empalideceu com o primeiro aviso do amanhecer, ouvi o sinal vindo de cima e dei a resposta. Na escuridão, quase abracei Biedenbach, que desceu primeiro. No momento seguinte, eu estaria nos braços de Ernest. E, naquele momento, entendi que minha transformação havia sido tão completa que só por um grande esforço eu poderia ser a antiga Avis Everhard, com seus velhos costumes e sorrisos, expressões e entonações de voz. Foi apenas com empenho que consegui recuperar minha antiga identidade. Eu não conseguia me permitir esquecer, nem por um instante, a minha nova personalidade, criada com extrema elaboração e necessidade.

Uma vez dentro da pequena cabana, vi o rosto de Ernest na luz. Com exceção da palidez da prisão, não havia mudança nele — pelo menos, não muita. Ele era o meu mesmo amante-marido e herói. E, no entanto, havia certa estranheza nas

linhas de seu rosto. Mas lhe caía bem, pois parecia acrescentar certa nobreza de refinamento aos desenfreados excessos que sempre marcaram suas feições. Ele parecia um pouco mais sério do que antes, mas o brilho divertido ainda estava em seus olhos. Ele estava dez quilos mais magro, mas em esplêndida condição física. Ele se exercitou durante todo o período de confinamento, seus músculos estavam como ferro. Na verdade, ele estava em melhores condições do que antes da prisão. Horas se passaram antes que sua cabeça tocasse o travesseiro e eu o acalmasse para dormir. Mas não havia sono para mim. Eu estava feliz demais, o cansaço da fuga da cadeia e de cavalgar o caminho todo não tinha sido meu.

Enquanto Ernest dormia, troquei meu vestido, arrumei meu cabelo de maneira diferente e voltei ao meu novo eu. Então, quando Biedenbach e os outros camaradas acordaram, com a ajuda deles, eu inventei uma pequena conspiração. Estava tudo pronto e estávamos na sala-caverna, que servia de cozinha e sala de jantar, quando Ernest abriu a porta e entrou. Naquele momento, Biedenbach se dirigiu a mim como Mary, e eu me virei e lhe respondi. Então, olhei para Ernest com certo interesse, como qualquer jovem camarada faria ao ver pela primeira vez um herói tão notável da Revolução. O olhar de Ernest me capturou e ele olhou em dúvida ao redor da sala. No momento seguinte, eu fui apresentada a ele como Mary Holmes.

Para completar a peça, um prato extra foi colocado e, quando nos sentamos à mesa, uma cadeira não estava ocupada. Eu poderia ter chorado de alegria ao notar a crescente inquietação e impaciência de Ernest. Finalmente, ele não aguentou mais.

— Onde está minha esposa? — ele exigiu, sem rodeios.

— Ela ainda está dormindo — eu respondi.

Foi um momento inesquecível. Minha voz era estranha e ele não a reconheceu. A refeição continuou. Falei muito e com entusiasmo, como uma fã, e era óbvio que ele era meu herói. Cheguei a um clímax de entusiasmo e adoração e, antes que ele pudesse adivinhar minha intenção, joguei meus braços ao redor de seu pescoço e beijei seus lábios. Ele me afastou e olhou em volta aborrecido e perplexo. Os quatro homens o saudaram com gargalhadas e as explicações foram dadas. No início, ele continuou cético. Ele me examinou atentamente e ficou meio convencido, depois balançou a cabeça e não acreditou. Foi só quando me tornei a antiga Avis Everhard e sussurrei segredos só nossos em seu ouvido, que ele me aceitou como sua verdadeira e única esposa.

Mais tarde naquele dia, ele me pegou nos braços e se mostrou envergonhado por suas emoções polígamas.

— Você é minha Avis — disse ele —, mas você também é outra pessoa. Vocês são duas mulheres e, portanto, são meu

harém. De qualquer forma, estamos seguros. Se os Estados Unidos ficarem muito perigosos para nós, vou pedir minha cidadania turca.<sup>106</sup>

A vida no refúgio se tornou muito feliz. É verdade, trabalhávamos duro e por longas horas, mas trabalhávamos juntos. Tivemos um ao outro por dezoito meses preciosos, e não estávamos sozinhos, pois sempre havia um vai e vem de líderes e camaradas — vozes estranhas do submundo da intriga e da revolução, trazendo histórias de conflitos e guerra de todos os nossos na linha de batalha. E houve muita diversão e prazer. Não éramos meros conspiradores sombrios. Sofremos muito, preenchemos as lacunas em nossas fileiras e seguimos em frente e, através de todo o trabalho e do jogo da vida e da morte, encontrávamos tempo para rir e amar. Havia artistas, cientistas, acadêmicos, músicos e poetas entre nós. Naquele buraco, a cultura era mais alta e mais refinada do que nos palácios das cidades-maravilha dos oligarcas. Na verdade, muitos de nossos camaradas trabalharam para embelezar esses mesmos palácios e cidades.<sup>107</sup>

---

106 Naquela época, a poligamia ainda era praticada na Turquia.

107 Isso não é fanfarroneio por parte de Avis Everhard. A flor do mundo artístico e intelectual eram os revolucionários. Com exceção de alguns músicos e cantores, e de alguns oligarcas, todos os grandes criadores do período cujos nomes chegaram até nós eram revolucionários.

Não estávamos confinados somente ao refúgio. Muitas vezes, à noite, cavalgávamos pelas montanhas para nos exercitar, e usávamos os cavalos de Wickson. Se ao menos ele soubesse quantos revolucionários seus cavalos carregaram! Fizemos até piqueniques em lugares isolados, onde permanecíamos o dia todo, indo antes do amanhecer e voltando depois de escurecer. Além disso, usávamos nata e manteiga<sup>108</sup> de Wickson, e Ernest às vezes caçava suas codornas e coelhos — e, de vez em quando, algum novilho.

Na verdade, o refúgio era bem seguro. Eu disse que foi descoberto apenas uma vez. Isso me leva ao esclarecimento do mistério do desaparecimento do jovem Wickson. Agora que ele está morto, estou livre para falar. Havia um recanto no fundo do grande buraco onde o sol brilhava por várias horas e não podia ser visto de cima. Ali, era o depósito de grande parte do cascalho do leite do riacho, de modo que era seco e quente, um local agradável para se aquecer. Certa tarde, eu cochilava ali, meio adormecida, lendo um volume

---

108 Mesmo naquele período, a nata e a manteiga ainda eram extraídos grosseiramente do leite de vaca. A preparação laboratorial dos alimentos ainda não havia começado.



de Mendenhall.<sup>109</sup> Eu estava tão confortável e segura que até mesmo suas palavras flamejantes não me comoveram.

Fui despertada por um torrão de terra que tocou meus pés. Então, de cima, ouvi um som de deslizamento. No momento seguinte, um jovem despencou pela parede e pousou aos meus pés. Era Philip Wickson, embora eu não o conhecesse na época. Ele olhou para mim friamente e soltou um assobio baixo de surpresa.

— Bem — ele disse; e, no momento seguinte, de boné na mão, continuou: — Peço desculpas. Eu não esperava encontrar ninguém aqui.

Eu não fiquei nada calma. Eu ainda era novata no que dizia respeito a saber como me comportar em circunstâncias desesperadoras. Mais tarde, quando fui espia internacional, eu teria sido menos desajeitada, tenho certeza. Mas, naquele dia, eu me levantei e proferi o chamado do perigo.

— Porque você fez isso? — ele perguntou, olhando para mim inquisitivamente.

---

109 Em toda a literatura e documentos existentes desse período, é feita referência contínua aos poemas de Rudolph Mendenhall. Ele era chamado por seus companheiros de “A Chama”. Ele foi, sem dúvida, um grande gênio. No entanto, além de fragmentos estranhos e assustadores de seus versos, citados nos escritos de outros, nada dele chegou até nós. Ele foi executado pela Bota de Ferro em 1928 d.C.

Era evidente que ele não suspeitava de nossa presença ao chegar até lá, o que era um alívio.

— O que você acha? — eu retruquei. Naqueles tempos, eu era realmente desajeitada.

— Não sei — ele respondeu, balançando a cabeça. — A menos que você tenha amigos por perto. De qualquer forma, você tem algumas explicações a dar. Não gosto do que estou vendo. Você está invadindo. Esta terra é do meu pai e...

Mas, naquele momento, Biedenbach, sempre educado e gentil, disse atrás dele em voz baixa:

— Mãos para cima, meu jovem senhor.

O jovem Wickson ergueu as mãos primeiro, depois se virou para encarar Biedenbach, que empunhava um fuzil automático trinta-trinta. Wickson se manteve imperturbável.

— Oh-ho — disse ele —, um ninho de revolucionários. Me parece um ninho de vespas. Bem, vocês não vão ficar aqui por muito tempo, eu garanto.

— Talvez, você fique aqui tempo suficiente para reconsiderar essa afirmação — disse Biedenbach, calmamente. — E enquanto isso devo pedir que você entre comigo.

— Entrar? — O jovem ficou genuinamente surpreso. — Vocês têm uma catacumba aqui? Já ouvi falar dessas coisas.

— Venha ver — respondeu Biedenbach, com seu sotaque adorável.

— Mas é ilegal — foi o protesto.

— Sim, na sua lei — respondeu o terrorista, decididamente. — Mas, pela nossa lei, acredite, é bastante lícito. Você deve se acostumar com o fato de estar em outro mundo que não aquele de opressão e brutalidade em que viveu.

— Lá há espaço para conversar — murmurou Wickson.

— Então, fique conosco e converse.

O jovem riu e seguiu seu captor para dentro. Ele foi levado para a sala interior da caverna e um dos jovens camaradas saiu para vigiá-lo enquanto discutíamos a situação na cozinha.

Biedenbach, com lágrimas nos olhos, sustentou que Wickson deveria morrer e ficou bastante aliviado quando o vencemos em sua terrível proposta. Por outro lado, não poderíamos permitir que o jovem oligarca partisse.

— Eu vou te dizer o que fazer — disse Ernest. — Ele vai ficar e vamos educá-lo.

— Peço o privilégio, então, de esclarecer a jurisprudência a ele — exclamou Biedenbach.

E assim, entre gargalhadas, decidimos. Manteríamos Philip Wickson prisioneiro e o educaríamos em nossa ética e sociologia. Mas, enquanto isso, havia trabalho a ser feito. Todos os vestígios do jovem oligarca deveriam ser apagados. Lá estavam as marcas que ele havia deixado ao descer pela

parede do buraco. Essa tarefa coube a Biedenbach e, pendurado em uma corda de cima, ele trabalhou arduamente pelo resto do dia até que não restasse nenhum sinal. Todas as marcas na borda do buraco também foram removidas. Então, no crepúsculo, veio John Carlson, que exigiu os sapatos de Wickson.

O jovem não quis abrir mão de seus sapatos e se ofereceu para lutar por eles, até sentir a força de ferrador das mãos de Ernest. Carlson depois relataria bolhas e muita descamação devido à pequenez dos sapatos, mas conseguiu fazer um ótimo trabalho com eles. De volta à borda do buraco, Carlson calçou os sapatos e se afastou para a esquerda. Ele caminhou por quilômetros, contornando colinas, cumes e cânions, e, finalmente, percorreu a trilha na água corrente de um riacho. Ali, ele tirou os sapatos e, ainda escondendo os rastros, finalmente calçou os seus. Uma semana depois, Wickson recuperou os sapatos do filho.

Naquela noite, os cães foram soltos e dormimos pouco no refúgio. No dia seguinte, uma e outra vez, os cães desceram o desfiladeiro latindo, mergulharam para a esquerda na trilha que Carlson havia feito para eles e se perderam nos desfiladeiros mais distantes no alto da montanha. E, o tempo todo, nossos homens aguardavam no refúgio, armas em punho — revólveres e rifles, para não falar de meia dúzia das

máquinas infernais de fabricação de Biedenbach. Impossível imaginar a surpresa do grupo de busca caso tivessem descoberto nosso esconderijo.

Essa é a história do desaparecimento de Philip Wickson, outrora oligarca e, mais tarde, camarada na Revolução. Nós o convertemos. Sua mente era fresca e plástica, e ele era muito ético por natureza. Vários meses depois, ele foi em um dos cavalos de seu pai pelas montanhas de Sonoma até Petaluma Creek e o embarcamos em um barco de pesca. Sem dificuldade, nós o contrabandeamos pelos nossos túneis até o refúgio em Carmel.

Lá, ele permaneceu por oito meses, ao fim dos quais, por duas razões, relutava em nos deixar. Uma razão era que ele havia se apaixonado por Anna Roylston; e a outra era que ele se tornara um de nós. Somente depois que se convenceu da inexistência de seu caso de amor é que ele aceitou nossas diretrizes e voltou para seu pai. Ostensivamente, um oligarca até sua morte, ele era, na realidade, um dos mais valiosos de nossos agentes. Frequentemente e muitas vezes, a Bota de Ferro ficava incrédula com o fracasso de seus planos e operações contra nós. Se ela soubesse o número de seus próprios membros que eram nossos agentes, ela entenderia. O jovem Wickson nunca vacilou em sua lealdade à Causa. Na verdade, sua própria morte aconteceu por sua devoção.

Na grande tempestade de 1927, enquanto participava de uma reunião com nossos líderes, contraiu a pneumonia que causou sua morte.<sup>110</sup>

---

110 O caso deste jovem não era incomum. Muitos jovens da Oligarquia, impelidos pelo senso de conduta correta, tiveram suas imaginações capturadas pela glória da Revolução, dedicaram-se ética ou romanticamente a ela. De maneira semelhante, muitos filhos da nobreza russa desempenharam os mesmos papéis na revolução daquele país.

## CAPÍTULO 21. O RUGIDO DA BESTA ABISMAL

**D**urante o longo período que passamos no refúgio, mantivemos contato estreito com o que acontecia no mundo exterior, bem como aprendíamos melhor sobre a força da Oligarquia contra a qual estávamos em guerra. Novas instituições foram se definindo a partir do fluxo de transição, assumindo aparência e atributos de perenidade. Os oligarcas conseguiram desenhar uma máquina governamental extremamente complexa e vasta, que funcionava — e isso apesar de todos os nossos esforços para obstruir e barrar sua atividade.

Essa foi uma surpresa para muitos dos revolucionários. Eles não concebiam que isso fosse possível. No entanto, o trabalho no país continuou. Os homens trabalhavam nas minas e nos campos — na realidade, não passavam de escravos. Quanto às indústrias vitais, tudo prosperava. Os membros das grandes castas operárias estavam contentes e

trabalhavam com alegria. Pela primeira vez em suas vidas, eles conheceram a paz industrial. Não havia mais preocupação com os dias de folga, greves e bloqueios com o rótulo do sindicato. Todos viviam em casas mais confortáveis e em suas próprias cidades — maravilhosas quando comparadas com as favelas e guetos em que moravam anteriormente. Eles tinham comida melhor, menos horas de trabalho, mais feriados e uma grande quantidade e variedade de diversões e prazeres. E eles não se importavam com seus irmãos e irmãs menos afortunados, os desfavorecidos, aqueles que haviam caído no abismo. Uma era de egoísmo vicejava sobre a humanidade. E, no entanto, isso não é totalmente verdade. As castas operárias foram escrutinadas por nossos agentes — homens cujos olhos viam, além das necessidades básicas, a figura radiante da liberdade e da fraternidade.

Outra grande instituição que se formava e funcionava bem era a dos Mercenários. Esse corpo de soldados havia evoluído do antigo exército regular e agora tinha um milhão de soldados, sem contarmos as forças coloniais. Os Mercenários constituíam uma raça à parte. Eles moravam em cidades próprias praticamente autogovernadas e recebiam muitos privilégios. Uma grande parte do desconcertante excedente era consumida por eles. Vagarosamente, estavam perdendo o contato e a simpatia com o resto do povo e, de



fato, desenvolviam sua própria moralidade e consciência de classe. E, ainda assim, tínhamos milhares de nossos agentes entre eles.<sup>111</sup>

Os próprios oligarcas tiveram um desenvolvimento notável e, é necessário confessar, inesperado. Eles se disciplinaram como classe. Cada membro tinha seu trabalho, cada um era compelido a cumprir seus deveres. Não havia mais jovens ricos ociosos. Sua força era usada para dar força e unidade à Oligarquia. Eles serviam como líderes de tropas, tenentes e capitães industriais. Eles trilharam carreiras na ciência aplicada, com muitos deles se tornando grandes engenheiros. Entraram nas numerosas divisões do governo, serviram nas possessões coloniais e dezenas de milhares entraram nos vários serviços secretos. Eles foram, posso dizer, aprendizes da educação, da arte, da religião, da ciência, da literatura; e, nesses campos, eles serviram a importante função de moldar os processos de pensamento da nação na direção da perpetuidade da Oligarquia.

---

111 Nos últimos dias da Bota de Ferro os Mercenários tiveram um papel decisivo. Eles compunham o equilíbrio de poder nas lutas entre as castas operárias e os oligarcas, e ora de um lado, ora de outro, lançavam suas forças de acordo com o jogo da intriga e da conspiração.

Eles foram ensinados e, mais tarde, ensinariam que faziam o que era certo. Eles assimilaram a ideia aristocrática desde a infância, em suas primeiras impressões do mundo. A ideia aristocrática era costurada nos tecidos de seus corpos até se tornar seus ossos e suas carnes. Eles se consideravam adestradores de animais selvagens, governantes das feras. De sob seus pés sempre se elevavam os estrondos subterrâneos da revolta. A morte violenta sempre os espreitava. Bombas, facas e projéteis eram vistos como as presas da besta abismal que rugia e que deveria ser vencida para que a humanidade sobrevivesse. Eles eram os salvadores da humanidade e se consideravam trabalhadores heroicos no sacrifício por um bem maior.

Eles, como classe, acreditavam que a civilização dependia deles. Acreditavam que, se algum dia enfraquecessem, a grande fera os engoliria com toda a beleza, as maravilhas e as alegrias, com sua boca cavernosa e que transbordava lodo. Sem eles, a anarquia reinaria e a humanidade regressaria à noite primitiva da qual tão dolorosamente emergiu. A horrível imagem da anarquia sempre foi exibida diante dos olhos de seus filhos. Esses, por sua vez, obcecados por esse medo cultivado, exibiam a imagem da anarquia às próximas gerações de crianças. Essa era a besta a ser pisada e o maior dever do aristocrata era pisoteá-la. Em suma, somente eles,

por sua luta e sacrifício incessantes, se colocavam entre a fraqueza da humanidade e a voracidade da besta. E eles acreditavam nisso, piamente.

Inútil enfatizar essa alta justiça ética de toda a classe oligarca. Essa tem sido a força da Bota de Ferro, e muitos dos camaradas têm sido lentos ou relutantes em perceber. Muitos deles atribuem a força da Bota de Ferro ao seu sistema de recompensa e punição. É um erro. Céu e inferno podem ser os fatores principais de temor para um fanático, mas, para a grande maioria dos religiosos, o céu e o inferno são incidentais ao certo e ao errado. Amar o certo, desejar pelo certo, ser infeliz com qualquer coisa menor do que o certo — em suma, a conduta correta é o fator primordial da religião. E assim também é com a Oligarquia. Prisões, banimento e degradação, honras, palácios e cidades-maravilha: tudo é incidental. A grande força motriz dos oligarcas é a crença de que estão fazendo o certo. Não importam as exceções, nem importam a opressão e a injustiça na qual a Bota de Ferro se eleva. Tudo é permitido. O ponto é que, atualmente, a força da Oligarquia se baseia na satisfação com sua concepção e com sua própria honestidade.<sup>112</sup>

---

112 Os oligarcas emergiram com uma nova ética sobre a incoerência e a inconsistência ética do capitalismo. Coerente e clara, afiada e severa como o aço, mais absurda e distante da ciência — e,

Por esse motivo, nesses vinte anos de penúria, a força da Revolução residiu em nada mais que o seu senso de justiça. É impossível explicar nossos sacrifícios e martírios de qualquer outra maneira. Foi a única razão pela qual Rudolph Mendenhall inflamou sua alma pela Causa e entoou seu selvagem canto de cisne em sua última noite de vida. Por nenhuma outra razão, Hurlbert morreu sob tortura, recusando-se até o fim a trair seus companheiros. Por nenhuma outra razão, Anna Royston recusou a si mesma a benção da maternidade. Por nenhuma outra razão, John Carlson foi o guardião fiel e não recompensado do refúgio de Glen Ellen. Não importa, jovem ou velho, homem ou mulher, alto ou baixo, gênio ou burro, mantenha-se ao lado de seus camaradas da Revolução, a força motriz despertará como um grande e permanente desejo pelo que é certo.

Mas eu fugi da minha narrativa. Ernest e eu entendemos bem, antes de deixarmos o refúgio, como a força da Bota de Ferro estava se desenvolvendo. As castas operárias,

---

ao mesmo tempo, a mais potente já criada por qualquer classe tirânica. Os oligarcas acreditavam em sua ética, apesar do fato de que a biologia e a evolução lhes desmentiam. Com sua fé, eles foram capazes de conter, durante três séculos, a poderosa maré do progresso humano – um espetáculo profundo, imenso e enigmático para o moralista metafísico e que, para o materialista, é fonte de muitas dúvidas e reconsiderações.

os mercenários e as grandes hordas de agentes secretos e policiais de vários tipos estavam todos comprometidos com a Oligarquia. De maneira geral, ignorando-se a perda da liberdade, todos eles estavam em melhor situação do que antes. Por outro lado, a grande massa indefesa da população, o povo do abismo, se afundava em uma apatia brutal de contentamento com a miséria. Sempre que proletários mais fortes afirmavam sua força em meio à massa, eram apartados dela pelos oligarcas e recebiam melhores condições de vida, sendo incorporados às castas operárias ou dos mercenários. Assim, o descontentamento era acalmado e o proletariado despojado de seus líderes naturais.

A condição do povo do abismo era lamentável. Sua educação escolar comum havia sido extinta. Eles viviam como animais em guetos de trabalho, grandes e miseráveis, apodrecendo na fome e na humilhação. Todas as suas antigas liberdades lhes foram tomadas. Agora, não passavam de escravos do trabalho. A escolha de trabalho lhes era negada. Da mesma forma, lhes negavam também o direito de se deslocar de um lugar para outro, ou o direito de portar ou possuir armas. Eles não eram servos da terra como os fazendeiros. Eram servos das máquinas e escravos do trabalho. Quando surgiam necessidades incomuns, como a construção de grandes rodovias, aeroportos, canais, túneis,

metrôs e fortificações, havia alistamentos obrigatórios nos guetos de trabalho e dezenas de milhares deles, querendo ou não, eram transportados para o local dessas operações. Neste momento, grandes exércitos deles trabalham na construção de Ardis, alojados sem nenhuma estrutura em locais onde a vida familiar não pode existir e onde a decência é substituída pela monotonia da bestialidade. Na verdade, é lá, nos guetos trabalhistas, que habita o rugido da besta que os oligarcas tanto temem — mas é a besta que eles mesmos criaram. Dentro dela, eles não deixarão o macaco e o tigre morrerem.<sup>113</sup>

Agora, acabou de ser divulgada a notícia da imposição de novos alistamentos para a construção de Asgard, a cidade-maravilha projetada que excederá em muito Ardis quando for concluída.<sup>114</sup> Nós, da Revolução, daremos prosseguimento

---

113 Aqui, Jack London se refere aos versos de Lorde Alfred Tennyson em *In Memoriam A. H. H.*: “Move upward, working out of the Beast, / And let the ape and the tiger die” (“Caminhem para cima, para fora da Besta, / E deixem que o macaco e o tigre morram”). O poeta faz a alusão de que é natural a humanidade passar por períodos de penúria para que possa evoluir como espécie. Deixando o lado selvagem para trás (o macaco e o tigre), conseguiremos nos distanciar do mal. (N. do T.)

114 Ardis foi concluída em 1942 d.C. Asgard foi concluída em 1984 d.C. Foram cinquenta e dois anos de construção, durante os quais um exército permanente de meio milhão de servos foi empregado. Às vezes, esse número chegava a mais de um milhão — sem levar em conta centenas de milhares das castas operárias e artísticas.

a essa grande obra, mas ela não será construída por servos miseráveis. As muralhas, torres e abóbadas daquela bela cidade serão construídas ao som de cânticos, sua beleza e maravilhas serão tecidas, não com suspiros e gemidos, mas com música e risos.

Ernest estava impaciente para voltar ao mundo e realizar algo, pois nossa fracassada Primeira Revolta — abortada na Comuna de Chicago —, amadurecia rapidamente. No entanto, sua alma era pura paciência e, durante esse seu período de tormento, Hadly foi trazido de Illinois e o transformou em novo homem.<sup>115</sup> Ele tinha grandes planos para a organiza-

---

115 Entre os revolucionários, havia muitos cirurgiões, eles eram prodigiosos na cirurgia plástica. Nas palavras de Avis Everhard, eles poderiam literalmente transformar um homem. Para eles, a eliminação de cicatrizes e deformações era um detalhe trivial. Mudavam as feições com um cuidado microscópico que não deixava vestígios de sua obra. O nariz era um de seus órgãos favoritos. O enxerto de pele e o transplante de cabelo estavam entre seus dispositivos mais usados. As mudanças na expressão que realizavam parecia feitiçaria. Olhos e sobrancelhas, lábios, bocas e ouvidos eram radicalmente alterados. Através de operações ardilosas na língua, garganta, laringe e cavidades nasais, a voz e a maneira de falar podiam ser alteradas. Tempos desesperados geram soluções desesperadas, assim, os cirurgiões da Revolução atenderam à essa necessidade. Entre outras coisas, eles poderiam aumentar a estatura de um adulto em até quatro ou cinco polegadas e diminuí-la em uma ou duas polegadas. Suas técnicas continuam perdidas até hoje. Não temos necessidade de nada disso.

ção de um proletariado erudito e para a manutenção de, ao menos, uma educação mínima ao povo do abismo. Tudo isso, é claro, no caso de a Primeira Revolta ser um fracasso.

Só deixamos o refúgio em janeiro de 1917. Estava tudo planejado. Imediatamente, tomamos nosso lugar como agentes-provocadores no esquema da Bota de Ferro. Eu deveria ser a irmã de Ernest. Nos passaríamos por oligarcas e camaradas em altos cargos, tínhamos todos os documentos necessários e nossos passados foram forjados. Com ajuda interna, nada foi difícil, pois naquele mundo sombrio do serviço secreto as identidades eram nebulosas. Agentes iam e vinha como fantasmas, obedecendo ordens, cumprindo deveres, seguindo pistas, fazendo seus relatórios muitas vezes para oficiais que nunca conheceram ou cooperando com outros agentes que nunca tinham visto antes e que nunca mais veriam.



## CAPÍTULO 22. A COMUNA DE CHICAGO

**C**omo agentes-provocadores, viajávamos muito, e nosso trabalho nos colocava em contato com o proletariado e com nossos camaradas, os revolucionários. Assim, estávamos em ambos os campos ao mesmo tempo, servindo ostensivamente à Bota de Ferro e trabalhando secretamente com todas as nossas forças pela Causa. Havia muitos de nós nos vários serviços secretos da Oligarquia e, apesar das mudanças e reorganizações que os serviços secretos sofreram, eles nunca foram capazes de eliminar todos nós.

Ernest havia planejado quase toda a Primeira Revolta, a data marcada seria algum dia no início da primavera de 1918. No outono de 1917, não estávamos prontos. Ainda havia muito a ser feito e, quando a revolta teve início, é claro que estava fadada ao fracasso. A trama era assustadoramente intrincada e qualquer precipitação certamente a destruiria. Isso a Bota de Ferro previu e tomou as providências necessárias.

Nosso primeiro golpe seria dado no sistema nervoso da Oligarquia, que, prevenida da greve geral e da deserção dos telégrafos, instalou estações de rádio sob o controle dos Mercenários. Mas nós contra-atacamos esse movimento. Quando o sinal fosse dado, de todos os refúgios, por todo o país, nas cidades, vilas e quartéis, nossos camaradas apareceriam e explodiriam as estações de rádio. Assim, ao primeiro choque, a Bota de Ferro seria derrubada e ficaria praticamente aleijada.

Ao mesmo tempo, outros camaradas deveriam explodir as pontes e túneis e destruir toda a rede ferroviária. Além disso, outros grupos, ao sinal, emboscariam os oficiais dos Mercenários e da polícia, bem como todos os oligarcas mais destacados ou que ocupassem cargos executivos. Assim, os líderes do inimigo seriam removidos dos campos de batalha locais que inevitavelmente se espalhariam por todo o território.

Muitas coisas iriam ocorrer simultaneamente quando o sinal fosse dado. Os patriotas canadenses e mexicanos, que eram muito mais fortes do que a Bota de Ferro sonhava, deveriam duplicar nossas táticas. Depois, havia camaradas (estas eram as mulheres, pois os homens estariam ocupados em outro lugar) que deveriam divulgar as proclamações de nossas gráficas secretas. Aqueles entre nós, presentes nos

altos escalões da Bota de Ferro, deveriam proceder imediatamente, criando confusão e anarquia em todos os departamentos. Dentro dos Mercenários, existiam milhares de nossos camaradas. O trabalho deles era explodir os paióis e destruir o intrincado mecanismo da máquina de guerra. Nas cidades dos Mercenários e das castas trabalhistas, programas semelhantes de ruptura deveriam ser executados.

Em suma, um golpe súbito, colossal e impressionante seria desferido. Antes que a Oligarquia paralisada pudesse se recuperar, seu fim teria chegado. Tudo significaria tempos terríveis e grande perda de vidas, mas nada suficiente para que um verdadeiro revolucionário hesitasse. Ora, também dependíamos muito, em nosso plano, do desorganizado povo do abismo. Eles deveriam invadir os palácios e as cidades dos patrões. Não importava a destruição de vidas e propriedades. Que o rugido abismal, a polícia e os Mercenários saíssem do controle. O rugido abismal soaria acima de todos, a polícia e os Mercenários matariam de qualquer maneira. Bastava simplesmente colocarmos nossas várias ameaças em andamento. Enquanto isso, estaríamos fazendo nosso próprio trabalho, em grande parte, desimpedidos, e ganhando o controle de todo o sistema social.

Este era o nosso plano, cada detalhe elaborado em segredo e, à medida que a data se aproximava, comunicado

a mais e mais camaradas. Esse era o ponto de atenção: o período da conspiração. Mas esse ponto de perigo nunca foi alcançado. Através de seu sistema de espionagem, a Bota de Ferro tomou conhecimento da Revolta e se preparou para nos ensinar outra de suas sangrentas lições. Chicago foi a cidade escolhida para essa aula; e, ali, nós fomos ensinados.

Chicago<sup>116</sup> era a mais madura de todas — Chicago, antigamente conhecida como a cidade sanguinária, iria resgatar seu velho nome. Lá, o espírito revolucionário era forte. Muitas greves amargas foram domadas ali, nos dias do capitalismo, e os trabalhadores não haviam se esquecido ou perdoado. Até as castas operárias da cidade respiravam revolta. Muita gente havia sido morta nas primeiras greves. Apesar das novas e favoráveis condições, seu ódio pela classe dos patrões não estava morto. Esse espírito infectou

---

116 Chicago foi o inferno industrial do século 19 d.C. Chegou até nós uma curiosa anedota de John Burns, um grande líder trabalhista inglês e ex-membro do Gabinete Britânico. Em Chicago, durante uma visita aos Estados Unidos, um repórter lhe perguntou sua opinião sobre aquela cidade. “Chicago”, ele respondeu, “é uma edição de bolso do inferno.” Algum tempo depois, quando embarcava em seu vapor para zarpar para a Inglaterra, foi abordado por outro repórter, que queria saber se ele havia mudado de opinião sobre Chicago. “Sim, mudei”, foi sua resposta. “Minha opinião agora é de que o inferno é uma edição de bolso de Chicago.”

os Mercenários, três de seus regimentos estavam prontos para vir maciçamente até nós.

Chicago sempre foi o centro da tempestade do conflito entre trabalho e capital, uma cidade de batalhas urbanas e mortes violentas, com ambas as organizações capitalista e operária conscientes da luta de classes. Ali, nos velhos tempos, os próprios professores primários formaram sindicatos e se associaram aos carregadores e pedreiros da Federação Americana do Trabalho. Chicago se tornaria o olho da tempestade da Primeira Revolta.

O entrave foi precipitado pela Bota de Ferro com muita inteligência. Toda a população, incluindo as castas trabalhistas favorecidas, recebia um tratamento humilhante. Promessas e acordos eram quebrados, punições drásticas eram aplicadas até mesmo aos pequenos infratores. Com tantos tormentos, as pessoas do abismo estavam saindo de sua apatia. Na verdade, a Bota de Ferro estava se preparando para fazer a besta abismal rugir. E, aliado a isso, a Bota de Ferro passou a ser inacreditavelmente descuidada em todas as suas medidas de precaução em Chicago. A disciplina foi relaxada entre os Mercenários que permaneceram, enquanto muitos foram recolhidos e enviados para outras partes do país.

Essa mudança não levou muito tempo, apenas algumas semanas. Nós, da Revolução, ouvíamos rumores vagos sobre

o estado das coisas, mas nada claro o suficiente para que entendêssemos. Na verdade, a intuição dizia que era algo espontâneo vindo da revolta, a qual exigiria um controle mais cuidadoso de nossa parte — mas nunca sonhamos que havia sido fabricado deliberadamente. Sua elaboração foi tão secreta, vinda do círculo mais íntimo da Bota de Ferro, que nós não tínhamos a menor ideia. A contra-trama era uma ótima estratégia e foi habilmente executada.

Eu estava em Nova York quando recebi a ordem de seguir imediatamente para Chicago. O homem que me deu essa ordem era um dos oligarcas, eu deduzi pelo seu discurso, embora não soubesse seu nome, nem tivesse visto seu rosto. Suas instruções eram claras demais para que eu me enganasse. Li claramente nas entrelinhas que nosso plano havia sido descoberto, que estávamos pisando em campo minado. A explosão estava pronta para ser incendiada. Inúmeros agentes da Bota de Ferro, inclusive eu, lá ou a caminho, deveriam fornecer o combustível. Eu me orgulho de ter mantido a compostura sob o olhar aguçado do oligarca, mas meu coração batia como um tambor. Eu poderia ter gritado e agarrado a sua garganta antes que as instruções finais fossem passadas.

Uma vez longe dele, calculei o tempo. Com sorte, eu teria apenas alguns minutos para entrar em contato com algum líder local antes de pegar meu trem. Para não ser

seguida, corri para o pronto-socorro. A sorte estava comigo e tive acesso imediato ao camarada Galvin, o cirurgião-chefe. Comecei a ofegar minhas informações, mas ele me parou.

— Eu já sei — ele disse calmamente, embora seus olhos irlandeses brilhassem. — Eu sabia para que você viria. Recebi a notícia há quinze minutos e já a transmiti. Vamos fazer de tudo para manter os camaradas em silêncio. Chicago deve ser sacrificada, mas somente Chicago.

— Você tentou avisar Chicago? — perguntei.

Ele balançou a cabeça.

— Nenhuma comunicação telegráfica. Chicago está desligada. Aquilo será um inferno.

Ele parou por um momento, eu vi suas mãos brancas se apertarem. Então, ele explodiu:

— Deus do céu! Eu gostaria de estar lá!

— Ainda temos uma chance de evitar — eu disse. — Se o trem não tiver contratemplos, chegarei na hora. Ou talvez alguns dos camaradas do serviço secreto que já sabem consigam chegar a tempo.

— Vocês infiltrados acabaram cochilando desta vez — disse ele.

Eu balancei a cabeça humildemente.

— Foi tudo extremamente secreto — respondi. — Somente os cargos mais altos poderiam saber. Nós ainda

não sabíamos, ainda não chegamos tão alto, e foi assim que nos mantiveram no escuro. Se ao menos Ernest estivesse aqui. Talvez ele esteja em Chicago agora e tudo ficará bem.

O dr. Galvin balançou a cabeça.

— A última notícia que ouvi foi que ele havia sido enviado para Boston ou New Haven. Ficar infiltrado como espião no inimigo deve ser exaustivo, mas é melhor para ele do que ficar em um esconderijo.

Comecei a sair quando Galvin pegou minha mão.

— Mantenha seu coração forte — foram suas palavras de despedida. — E daí que a Primeira Revolta foi perdida? Haverá uma segunda, e estaremos mais sábios. Adeus e boa sorte. Não sei se nos veremos de novo. Vai ser um inferno, mas eu daria dez anos da minha vida para estar lá.

O Twentieth Century<sup>117</sup> deixou Nova York às seis da tarde e deveria chegar a Chicago às sete da manhã. Mas tivemos contratempos naquela noite. À nossa frente, ia um outro trem, mais lento. Entre os viajantes em meu vagão estava o camarada Hartman, também infiltrado no serviço secreto da Bota de Ferro. Foi ele quem me contou sobre o outro trem. Era uma duplicata exata do nosso, mas sem

---

117 Era um trem bastante famoso, com a fama de ser o mais rápido do mundo na época.



passageiros. A ideia era que o trem vazio fosse sacrificado em caso de um atentado ao Twentieth Century. Em nosso trem, havia pouca gente — apenas uma dúzia de padeiros.

— Deve ter gente grande a bordo — concluiu Hartman.

— Eu notei um vagão privado na parte traseira.

A noite havia caído quando paramos para a primeira troca de locomotiva, desci na plataforma para respirar ar fresco e dar uma olhada em volta. Pelas janelas do vagão privado, avistei três homens conhecidos. Hartman estava certo. Um deles era o general Altendorff. Os outros dois eram Mason e Vanderbold, os cérebros do mais alto círculo do serviço secreto da Oligarquia.

Era uma noite tranquila de luar, mas eu estava nervosa e não consegui dormir. Me levantei às cinco da manhã e me vesti.

Perguntei à camareira quanto tempo tínhamos de atraso, ela me disse “duas horas”. Ela era uma mestiça, notei que seu rosto estava abatido, com grandes olheiras e olhos arregalados, como se esperasse algo assombroso.

— Qual é o problema? — perguntei.

— Nada, senhorita. Acho que não dormi bem — foi a sua resposta.

Eu a encarei e tentei alguns de nossos sinais. Ela respondeu. Era uma das nossas.

— Algo terrível vai acontecer em Chicago — disse ela.  
— Tem aquele trem falso na nossa frente. Isso e os trens das tropas nos atrasaram.

— Trens de tropas? — eu me assustei.

Ela assentiu com a cabeça.

— Eles são o chumbo grosso. Viajaram a noite toda junto com a gente. Todos estão a caminho de Chicago. Estão por todos os lados, a coisa é séria.

— Eu tenho um namorado em Chicago — ela adicionou, desculpando-se. — Ele é um de nós e está nos Mercenários. Eu temo por ele.

Pobre garota. Seu namorado estava em um dos três regimentos desleais.

Hartman e eu tomamos café juntos no vagão-restaurante, eu me forcei a comer. O céu estava nublado, o trem corria como um raio sombrio através da mortalha cinzenta do dia que avançava. Os próprios negros que nos serviam sabiam que algo terrível estava para acontecer. A opressão pesava sobre eles e sua leveza havia desaparecido. Estavam negligentes e distraídos, sussurravam melancolicamente entre si na outra extremidade do vagão, ao lado da cozinha. Hartman estava desesperado com a situação.

— O que podemos fazer? — ele repetiu pela vigésima vez, impotente, encolhendo os ombros.

Então, ele apontou para fora da janela:

— Veja, está tudo pronto. Você pode ter certeza de que eles os estão mantendo presos, a quarenta ou cinquenta quilômetros da cidade, em todas as estradas.

Ele se referia aos trens das tropas nas vias paralelas. Ao lado dos trilhos, os soldados preparavam suas refeições em fogueiras acesas no chão e olhavam para nós com curiosidade enquanto passávamos à toda, sem diminuir nossa velocidade.

Tudo estava quieto quando entramos em Chicago. Era evidente que nada tinha acontecido ainda. Os jornais da manhã chegavam nos subúrbios de trem. Naquele dia, não havia nada de especial neles, mas, para os especialistas nas entrelinhas, havia muito. A delicada mão da Bota de Ferro era evidente em cada parágrafo. Eram sugeridos vislumbres de fraqueza na armadura da Oligarquia. Claro, não havia nada de óbvio. Esperava-se que o leitor descobrisse isso sozinho. Tudo foi feito com muita inteligência. Como ficção, aqueles jornais da manhã do dia 27 de outubro eram obras-primas.

Mas não havia noticiário local. Isso por si só foi um golpe de mestre. Toda Chicago estava envolvida em um véu de mistério e sugeria ao leitor que a Oligarquia não ousava ditar as notícias locais. Insinuações mentirosas de insubordinação em todo o país estavam grosseiramente disfarçadas com referências complacentes a medidas punitivas a serem

tomadas. Havia relatos de várias explosões em estações de rádio, com grandes recompensas oferecidas pela captura dos criminosos. Obviamente, nenhuma rádio havia sido explodida. Muitos outros detalhes que se encaixavam na trama dos revolucionários foram dados. A impressão formada na mente dos camaradas de Chicago era de que a Revolta havia começado, mas sua reverberação era confusa em muitos detalhes. Qualquer desinformado teria a sensação vaga, mas segura, de que a revolta já começara e que todo o país estava pronto.

Foi publicado que a deserção dos Mercenários na Califórnia ficou tão séria que meia dúzia de regimentos foram dissolvidos, que seus membros e suas famílias foram expulsos de sua própria cidade para os guetos trabalhistas. E os Mercenários da Califórnia eram na realidade os mais fiéis de todos! Mas como Chicago, isolada do resto do mundo, poderia saber? Em seguida, houve um telegrama que descrevia uma revolta da população na cidade de Nova York, com as castas trabalhistas unidas, que terminava com a declaração (inserida para ser vista como um blefe)<sup>118</sup> de que as tropas tinham a situação sob controle.

E o mesmo que fizeram com os jornais matutinos, também fizeram de mil outras maneiras. Tudo isso nós

---

118 Blefe é uma antiga palavra para mentira.

saberíamos depois. Por exemplo, as mensagens secretas dos oligarcas via cabo, enviadas no começo da noite, na verdade, foram enviadas para serem interceptadas pelos revolucionários.

— Acho que a Bota de Ferro não vai precisar dos nossos serviços — comentou Hartman, baixando o jornal que estava lendo quando o trem parou na estação central. — Nos mandaram aqui à toa. Seus planos evidentemente saíram melhor do que o esperado. O inferno vai começar a qualquer momento.

Ele se virou e olhou para o trem quando descemos.

— Eu sabia — ele murmurou. — Eles deixaram aquele carro privado para trás quando os jornais chegaram a bordo.

Hartman estava irremediavelmente deprimido. Tentei animá-lo, mas ele ignorou meu esforço e, de repente, começou a falar muito apressadamente, em voz baixa, ao passarmos pela estação. A princípio eu não conseguia entender.

— Não tenho certeza — dizia ele —, mas acho que não contei a ninguém. Estou nisso há semanas e não tenho como ter certeza. Cuidado com Knowlton. Ele é suspeito. Ele conhece o caminho de uns vinte refúgios. Ele tem a vida de centenas de nós nas mãos, e eu acho que ele é um traidor. Mas é só um palpite. Eu senti uma mudança nele há pouco tempo. Existe o perigo de ele ter nos vendido, ou que vai fazer isso. Tenho quase certeza. Não vou compartilhar minhas suspeitas

com ninguém, mas, não sei o porquê, acho que não vou sair vivo de Chicago. Fique de olho em Knowlton. Prendam-no. Descubram. Eu não sei de mais nada. É só intuição e, até agora, não encontrei a menor pista. — Continuamos caminhando pela calçada. — Lembre-se — Hartman concluiu com seriedade: — Não tire os olhos de Knowlton.

E Hartman estava certo. Em menos de um mês, Knowlton pagou por sua traição com a vida. Ele foi formalmente executado pelos camaradas de Milwaukee.

As ruas estavam quietas — quietas demais. Chicago estava morta. Não havia o barulho ensurdecedor do trânsito. Não havia nem táxis nas ruas. Os bondes e os elevados não estavam funcionando. Apenas ocasionalmente, nas calçadas, se via algum pedestre desgarrado, e esses pedestres logo desapareciam. Seguiam seu caminho com grande pressa e determinação, mas havia uma curiosa indecisão em seus movimentos, como se esperassem que os prédios desabassem sobre eles ou que as calçadas sumissem de sob seus pés ou voassem pelos ares. Alguns mendigos estavam por ali, com uma ansiedade reprimida na expectativa de que coisas maravilhosas e excitantes aconteceriam.

De algum lugar, bem ao sul, o som surdo de uma explosão chegou aos nossos ouvidos. Mais nada. Seguiu-se o silêncio, embora os mendigos assustados tenham fugido

como veados jovens. As portas de todos os prédios estavam fechadas, as persianas das lojas estavam levantadas. Havia muitos policiais e guardas à vista e, de vez em quando, as viaturas dos Mercenários passavam rapidamente.

Hartman e eu concordamos que seria inútil nos reportarmos aos chefes locais do serviço secreto. Nós sabíamos que nossa falha em relatar isso seria desculpada à luz dos eventos futuros. Então, fomos para o grande gueto trabalhista no South Side na esperança de entrar em contato com outros camaradas. Tarde demais! Era óbvio. Mas não podíamos ficar parados sem fazer nada naquelas ruas soturnas e silenciosas. Onde estaria Ernest? Eu me perguntava. O que estava acontecendo nas cidades das castas operárias e dos Mercenários? Nas fortalezas?

Como que em resposta, um grande rugido se elevou, enfraquecido pela distância, marcado por uma explosão após a outra.

— São as fortalezas — disse Hartman. — Deus tenha pena desses três regimentos!

Num cruzamento, notamos, na direção dos currais, uma gigantesca coluna de fumaça. No cruzamento seguinte, vários pilares de fumaça semelhantes subiam para o céu na direção do West Side. Sobre a cidade dos Mercenários, vimos um grande balão de guerra explodir no ar. Ele despencou em destroços e

chamas. Não havia como saber nada daquela tragédia aérea. Não sabíamos se o balão estava tripulado por camaradas ou inimigos. Um som baixo chegou aos nossos ouvidos, como o borbulhar de um gigantesco caldeirão muito longe, e Hartman disse que eram metralhadoras e rifles automáticos.

Ao nosso redor, o silêncio continuava enquanto caminhávamos. Nada acontecia a nossa volta. A polícia e as viaturas passavam, e mais meia dúzia de carros de bombeiros juntos, evidentemente, retornando de algum incêndio. Uma pergunta foi feita ao bombeiro por um oficial na viatura, ouvimos um grito em resposta: “Sem água! Eles explodiram a represa!”

— Acabamos com o abastecimento de água — Hartman exclamou para mim, animadamente. — Se podemos fazer tudo isso em uma tentativa prematura, isolada e fracassada, o que não poderemos fazer em um esforço conjunto e amadurecido em todo o país?

A viatura que conduzia o oficial arrancou a toda. De repente, houve um rugido ensurdecador. O carro, com sua carga humana, decolou em uma explosão de fumaça e mergulhou como uma massa de destroços e morte.

Hartman exultava:

— Muito bem! Muito bem! — ele repetia, sussurrando.  
— O proletariado recebe sua lição hoje, mas também dá uma.



Policiais correram para o local da explosão. Outra viatura de patrulha parou. Quanto a mim, eu estava em transe. A sequência de eventos era atordoante. Como aconteceu? Eu não sabia como, mas estava olhando diretamente para ele. Eu estava tão confusa no momento que mal percebi que estávamos sendo detidos pela polícia. De repente, vi um policial apontando a arma para Hartman. Mas Hartman se manteve calmo e deu todas as senhas corretas. Vi o revólver hesitar, depois baixar, e ouvi o grunhido irritado do policial. Ele estava muito aborrecido e praguejava contra o serviço secreto. Sempre atrapalhando, ele repetia enquanto Hartman lhe respondia e, com o devido orgulho do serviço secreto, explicava a ele a falta de classe da polícia.

No momento seguinte, eu entendi como a cena tinha ocorrido. Havia um grande grupo em volta dos escombros, dois homens levantaram o oficial ferido para levá-lo até outra viatura. O pânico tomou conta de todos, que se espalharam em puro terror. O oficial ferido foi brutalmente largado e deixado para trás. O policial resmungão ao meu lado também correu, Hartman e eu corremos, sem nem sabermos o porquê, contaminados pelo mesmo terror cego de fugir daquele local.

Não aconteceu nada de relevante, mas tudo ficou explicado. Os fugitivos se reagruparam timidamente, mas, o tempo todo, seus olhos se erguiam apreensivos para os

prédios altos e as muitas janelas que criavam um desfiladeiro de cada lado da rua. De uma dessas incontáveis janelas, uma bomba havia sido lançada; mas de qual delas? Não houve uma segunda bomba, apenas o medo da primeira.

Em seguida, observamos as janelas com curiosidade. Qualquer uma delas continha uma possível morte. Cada edifício, era uma possível emboscada. Era a guerra em uma selva moderna, em meio a uma grande cidade. Cada rua era um desfiladeiro, cada edifício uma montanha. Não tínhamos evoluído muito do homem das cavernas, apesar dos tanques de guerra que passavam.

Ao virarmos uma esquina, encontramos uma mulher. Ela estava deitada na calçada, em uma poça de sangue. Hartman se inclinou e a examinou. Quanto a mim, fiquei completamente impotente. Eu veria muitos outros mortos naquele dia, mas toda a carnificina não me afetaria como aquele primeiro corpo abandonado ali aos meus pés, jogado na calçada.

— Um tiro no peito — foi o relatório de Hartman. Entre seus braços, como se abraçasse uma criança, havia um maço de papel. Mesmo na morte, ela parecia relutante em se separar daquilo que a havia assassinado. Quando Hartman conseguiu liberar o pacote, descobrimos que eram grandes folhas impressas, as proclamações dos revolucionários.

— Uma camarada — eu disse.

Mas Hartman apenas amaldiçoou a Bota de Ferro e seguimos adiante. Muitas vezes, fomos parados pela polícia e pelas patrulhas, mas nossas senhas nos permitiam prosseguir. Nenhuma bomba caiu das janelas. Os últimos pedestres pareciam ter desaparecido das ruas, o silêncio ao nosso redor se tornou mais profundo. Mesmo assim, o gigantesco caldeirão continuava a borbulhar ao longe, com estrondos surdos de explosões vindos de todas as direções, colunas de fumaça que se elevavam da maneira mais do que ameaçadora nos céus.



## CAPÍTULO 23. O POVO DO ABISMO

**D**e repente, notamos uma mudança. Um arrepio de tensão tomou o ar. Carros blindados passavam correndo, dois, três, uma dúzia; e, deles, nos gritavam avisos. Um deles guinou violentamente e em alta velocidade a meio quarteirão de distância e, no momento seguinte, uma bomba explodiu no pavimento e abriu um grande buraco em seu rastro. Vimos a polícia desaparecer em fuga e sabíamos que algo terrível estava por vir. Podíamos ouvir o rugido se formando.

— Nossos bravos camaradas estão chegando — anunciou Hartman.

Podíamos ver a dianteira da coluna de homens preenchendo a rua de sarjeta a sarjeta, enquanto o último tanque passava. O veículo parou por um momento ao nosso lado. Um soldado saltou dele, carregando algo cuidadosamente em suas mãos. Isso, com o mesmo cuidado, ele depositou na sarjeta. Então, ele saltou de volta para o seu assento e

o veículo arrancou, fez a curva na esquina e desapareceu. Hartman correu para a sarjeta e se curvou sobre o objeto.

— Afaste-se — ele me avisou.

Eu vi que ele trabalhava com as mãos freneticamente. Quando ele se voltou para mim, sua testa estava encharcada de suor.

— Desarme — ele disse —, e bem na hora. O soldado era desajeitado. Ele deixou isto para os nossos camaradas, mas faltou tempo. Teria explodido antes. Mas agora não vai explodir de jeito nenhum.

Tudo acontecia muito rapidamente. Do outro lado da rua, meia quadra abaixo, no alto de um prédio, eu podia ver cabeças espiando. Eu acabara de apontá-las para Hartman quando um manto de chamas e fumaça cobriu aquela parte do prédio em que as cabeças apareceram, e tudo foi sacudido pela explosão. Em alguns lugares, a fachada de pedra do edifício desmoronou, expondo sua armação de ferro. No momento seguinte, outras línguas de fogo e fumaça atingiram a fachada do prédio do outro lado da rua. Entre as explosões, ouvíamos o retinir de pistolas automáticas e fuzis. Por vários minutos, essa batalha aérea continuou; e, depois, cessou. Era evidente que nossos camaradas estavam em um prédio, que os Mercenários estavam no outro e que eles se digladiavam com a rua entre eles. Mas não podíamos

dizer qual era qual — qual prédio continha nossos camaradas e qual os Mercenários.

A essa altura, a multidão na rua estava quase em cima de nós. Quando as primeiras fileiras alcançaram os prédios em guerra, ambos entraram em conflito novamente — um prédio jogava bombas e era atacado pelo outro. Assim, sabemos qual prédio era ocupado por nossos camaradas. Eles fizeram um bom trabalho, salvando os que estavam na rua das bombas inimigas.

Hartman agarrou meu braço e me arrastou para uma ampla marquise.

— Eles não são nossos camaradas — ele gritou em meu ouvido.

As portas internas da entrada estavam fechadas e trancadas. Não podíamos escapar. No momento seguinte, a dianteira da coluna passou. Não era uma coluna, mas uma massa, um terrível rio de gente que enchia a rua, o povo do abismo, louco, bêbado e contrariado, finalmente de pé e rugindo pelo sangue de seus patrões. Eu já tinha visto as pessoas do abismo antes, ao passar por seus guetos, e achava que os conhecia, mas descobri que somente agora os olhava pela primeira vez. A apatia muda havia desaparecido. Agora eram dinâmicos — um fascinante espetáculo de pavor. Eles passaram por mim em ondas concretas de ira, rosnando e urrando, carnívoros,

bêbados com o uísque de armazéns saqueados, bêbados de ódio, bêbados de desejo de sangue — homens, mulheres e crianças, em trapos e farrapos, inteligências ferozes e obscuras com tudo de divino apagado de seus rostos e com todos os demônios estampados; macacos e tigres; tuberculosos anêmicos; grandes bestas peludas de carga; rostos pálidos dos quais a sociedade vampírica havia sugado o néctar da vida; formas inchadas e doloridas pela violência física e pela corrupção; bruxas flácidas e zumbis barbudos como patriarcas; juventude purulenta e velhice apodrecida; rostos demoníacos; monstros distorcidos, retorcidos, disformes, estripados pelos estragos da doença e de todos os horrores da fome crônica — o refugio e a escória da vida: uma horda demoníaca furiosa, aos gritos, berros e urros.

E por que não? O povo do abismo não tinha nada a perder a não ser sua miséria e o sofrimento da vida. E a ganhar? Nada, exceto um último e terrível fulgor de vingança. E, enquanto eu olhava, fui atingida pela ideia de que, naquela torrente de lava humana, havia homens, camaradas e heróis, cuja missão tinha sido despertar a besta do abismo e manter o inimigo ocupado em enfrentá-la.

Então, algo estranho se abateu sobre mim. Uma transformação. O medo da morte, por mim e pelos outros, me abandonou. Eu estava estranhamente exaltada, era outro



ser em outra vida. Nada importava. Naquele dia, a Causa perdera, mas ela estaria ali no dia seguinte, a mesma Causa, sempre fresca e sempre ardente. E, depois disso, na orgia de horror que assolou as horas seguintes, observei a tudo com tranquilidade. A morte não significava nada, a vida não significava nada. Eu era uma espectadora interessada nos acontecimentos e, às vezes, arrebatada pela cena, me tornava uma participante curiosa. Minha mente se projetou para uma altitude fria no alto do céu, despojando-se e transformando seus valores. Se não tivesse feito isso, eu talvez tivesse morrido.

Um quilômetro da multidão havia passado quando fomos descobertos. Uma mulher completamente em farrapos, com bochechas cavadas e olhos negros e estreitos como verrumas em chamas, avistou Hartman e eu. Ela deu um berro estridente e se aproximou de nós. Uma parte da multidão se desprende e a seguiu. Consigo vê-la neste momento, enquanto escrevo estas linhas. Deu um salto à frente com seus cabelos grisalhos voando em finos fios emaranhados, sangue escorria por sua testa de algum ferimento no couro cabeludo. Em sua mão direita, ela tinha um machado; a sua mão esquerda, era uma garra amarela, magra e enrugada, riscando o ar convulsivamente. Hartman se colocou à minha frente. Não era hora para explicações. Estávamos bem

vestidos e isso era o suficiente. Seu punho disparou e atingiu a mulher entre seus olhos faiscantes. O impacto do golpe a empurrou para trás, mas ela foi segurada pela parede de seus companheiros que se aproximava, impulsionada para a frente outra vez, atordoada e indefesa. A machadinha tocou débil no ombro de Hartman.

No momento seguinte, eu não sabia o que estava acontecendo. Fui dominada pela multidão. Todos estavam muito próximos, havia muitos gritos, berros e xingamentos. Golpes se abatiam sobre mim. Mãos rasgavam minha carne e puxavam minhas roupas. Senti que estava sendo despedaçada. Eu estava sendo afogada, sufocada. Uma mão forte agarrou meu ombro em meio a toda aquela confusão e me puxou de maneira decidida. Entre a dor e o tumulto, eu desmaiei. Hartman foi meu escudo. Ele me protegeu e recebeu o primeiro impacto do ataque. Isso me salvou, pois, a balbúrdia rapidamente se agigantou para nada além daquelas mãos e braços assassinos.

Acordei no meio de um conflito selvagem. Tudo ao meu redor era conflito. Eu estava sendo carregada por uma inundação dantesca, sendo varrida para algum lugar desconhecido. O ar fresco batia em minhas faces e chegava docemente aos meus pulmões. Desnorteada, eu tinha a vaga consciência de um braço em volta do meu corpo, que ora me conduzia ora

me arrastava. Meus próprios membros me ajudavam muito pouco. Eu via à minha frente as costas do casaco de um homem que avançava. Ele estava aberto de cima a baixo ao longo da costura central, ondulando ritmicamente, a fenda se abria e se fechava regularmente a cada passo seu. Esse fenômeno me fascinou por um tempo, enquanto eu recuperava meus sentidos. Em seguida, percebi pontadas nas faces e no nariz, pude sentir o sangue escorrer em meu rosto. Eu estava sem meu chapéu. Meu cabelo solto esvoaçava, seus movimentos me lembravam da mão que havia puxado meu cabelo momentos antes. Meu peito e braços estavam feridos e doloridos em vários lugares.

Com o pensamento clareando, eu me virei enquanto corria e olhava para o homem que me segurava. Foi ele quem me arrastou para fora e me salvou. Ele notou que eu estava me recuperando.

— Está tudo bem! — ele gritou com a voz rouca. — Eu te reconheci no mesmo instante.

Não consegui reconhecê-lo, mas antes que pudesse falar, pisei em algo vivo e que se contorcia sob meus pés. Fui empurrada pelos que estavam atrás e não consegui olhar para baixo, mas sabia que era uma mulher que havia caído e que estava sendo pisoteada na calçada por milhares de pés.

— Está tudo bem — ele repetiu. — Eu sou Garthwaite.

Ele estava barbudo, esquelético e sujo, mas consegui me lembrar dele mais jovem e robusto nos vários meses que passou em nosso refúgio em Glen Ellen, três anos antes. Ele me passou os sinais do serviço secreto da Bota de Ferro, o sinal de que ele também estava a seu serviço.

— Eu vou tirar você disso assim que possível — ele me assegurou. — Mas cuidado com o seu pé. Pelos céus, não tropece e nem caia de jeito nenhum!

Naquele dia, tudo acontecia abruptamente e, com a mesma rapidez insana, a turba estancou. Eu colidi violentamente com uma mulher grande na minha frente (o homem com o casaco rasgado havia desaparecido) e quem vinha de trás colidiu contra mim. Seguiu-se um diabólico pandemônio — gritos, xingamentos e ameaças de morte. Enquanto isso, acima de tudo, subia o estrondo das metralhadoras e os tiros repetidos dos rifles. A princípio, eu não conseguia distinguir nada. As pessoas caíam sobre mim à direita e à esquerda. A mulher adiante se curvou e caiu, apertando desesperadamente seu abdômen. Minhas pernas tremeram com o chacoalho de um homem em seu espasmo de morte.

Eu entendi que agora nós é que estávamos na dianteira da coluna. Um quilômetro dela havia desaparecido — para onde ou como eu nunca saberia. Até hoje, não sei o que aconteceu com aquele quilômetro de pessoas — se foram

destruídas por algum terrível raio de guerra, se foram dispersadas, se dizimadas aos poucos, ou se escaparam. Mas lá estávamos nós, à frente da coluna em vez de no meio, e estávamos sendo varridos da vida por uma chuva de projéteis.

Conforme a morte diminuía o congestionamento, Garthwaite, ainda segurando meu braço, liderou um grupo de sobreviventes para o grande lobby de um prédio de escritórios. Ali, na parte de trás, contra as portas, fomos pressionados por uma massa de pessoas ofegantes. Por algum tempo, permanecemos nessa mesma posição.

— Que maravilha o que eu fiz — Garthwaite se lamentou para mim. — Joguei você direto em uma armadilha. Tivemos uma chance na rua, mas aqui não temos saída. Está tudo acabado, menos os gritos. *Vive la Révolution!*

Então, o que ele esperava, começou. Os Mercenários estavam matando sem trégua. A princípio, a onda de ressaca sobre nós foi esmagadora, mas à medida em que a matança continuava, a pressão diminuía. Os mortos e moribundos caídos abriam mais espaço. Garthwaite aproximou a boca no meu ouvido e gritou, mas, no meio do rugido ensurdecedor, eu não podia entender nada. Ele não esperou. Ele me agarrou e me jogou no chão. Em seguida, ele puxou uma mulher agonizante sobre mim e, entre apertos e empurrões, rastejou para o meu lado e parcialmente sobre mim. Uma

montanha de mortos e feridos se acumulou sobre nós, e sobre essa montanha, contorcendo-se e gemendo, rastejavam os que ainda sobreviviam. Mas esses movimentos também logo cessaram e um relativo silêncio se estabeleceu, quebrado por gemidos, soluços e sons de afogamento.

Eu teria sido esmagada se não fosse por Garthwaite. Da maneira como eu estava, seria inconcebível suportar o peso que estava sobre mim e sobreviver. E, no entanto, além da dor, o único sentimento que eu possuía era de curiosidade. Como aquilo terminaria? Como seria a morte? Foi assim que recebi meu batismo vermelho na carnificina de Chicago. Antes, a morte era somente uma teoria para mim, mas, depois daquilo, a morte se tornou algo desinteressante, de tão fácil.

Mas os Mercenários ainda não estavam satisfeitos. Eles invadiram o lobby, matando os feridos e procurando por sobreviventes que, como nós, se fingiam de mortos. Lembro-me de um homem que eles arrastaram para fora de uma pilha, implorando em desespero até que um tiro de revólver interrompeu seu discurso. Então, houve uma mulher de uma pilha de corpos que os atacou, rosnando e atirando. Ela disparou seis vezes antes que a pegassem, mas foi impossível saber quanto dano ela causou. Só podíamos entender essas tragédias através dos sons. De vez em quando, aconteciam rajadas como essa, cada rajada

culminando no tiro de um revólver que punha fim a ela. Nos intervalos, ouvíamos os soldados conversando e xingando enquanto vasculhavam as carcaças, sob as ordens de seus oficiais.

Por fim, vieram trabalhar em nossa montanha, e senti a pressão diminuir enquanto puxavam os mortos e feridos. Garthwaite começou a proferir os sinais em voz alta. A princípio não foi ouvido. Então, ele levantou a voz.

— Ouça isso — ouvimos um soldado dizer. E, em seguida, a voz aguda de um oficial:

— Espera aí! Cuidado!

Ah, o primeiro sopro de ar quando fomos arrastados para fora! Garthwaite falou a princípio, mas fui obrigada a passar por um breve teste para provar que estava a serviço da Bota de Ferro.

— Agentes-provocadores, tudo bem — foi a conclusão do oficial. Ele era muito jovem, um cadete ainda, evidentemente de alguma grande família oligarca.

— Que trabalho dos infernos — Garthwaite resmungou. — Vou pedir demissão e entrar no exército. Vocês mandam muito bem!

— Você merece — foi a resposta do jovem oficial. — Eu tenho alguns contatos, e vou ver o que consigo. Vou contar a eles como encontramos você.

Ele anotou o nome e o número de Garthwaite e se virou para mim.

— E você?

— Ah, vou me casar — respondi bem-humorada. — Quero ficar longe disso tudo.

E assim conversamos, enquanto a matança dos feridos continuava. Olhando para trás agora, tudo aquilo não passa de um pesadelo, mas, na hora, parecia a coisa mais natural do mundo. Garthwaite e o jovem oficial se animaram com uma discussão sobre a diferença entre a chamada guerra moderna e as atuais guerrilhas nas ruas e arranha-céus por toda a cidade. Eu os acompanhei atentamente, arrumando meu cabelo e segurando minhas saias em tiras. E, o tempo todo, a matança dos feridos continuou. Às vezes, os tiros de revólver abafavam as vozes de Garthwaite e do oficial, e eles eram obrigados a repetir o que haviam dito.

Fiquei três dias na Comuna de Chicago, a amplitude da carnificina pode ser imaginada quando digo que, em todo esse tempo, não vi praticamente nada além da chacina do povo do abismo e dos combates entre os arranha-céus. Definitivamente, eu não vi nada do trabalho heroico de nossos camaradas. Eu ouvia as explosões de minas e bombas, via a fumaça de suas explosões, mas isso era tudo. Um grande feito aéreo que presenciei, no entanto, foram os ataques de



balão realizados por nossos camaradas às fortalezas. Isso foi no segundo dia. Os três regimentos desleais foram destruídos nas fortalezas até o último homem. As fortalezas ficaram tomadas por Mercenários, o vento soprava na direção certa e, assim, subiam nossos balões em um dos prédios comerciais da cidade.

Mas Biedenbach, depois de deixar Glen Ellen, havia inventado um explosivo muito poderoso: “expedita”, como ele o batizou. Essa era a munição que os balões usavam. Eram simples balões de ar quente, feitos de maneira desajeitada e apressada, mas faziam o trabalho. Eu vi tudo do alto de um edifício comercial. O primeiro balão errou completamente as fortalezas e desapareceu rumo ao campo, coisa que só ficamos sabendo depois. Burton e O’Sullivan estavam nele. Ao descerem, cruzaram uma ferrovia sobre um trem de tropas que ia a toda velocidade para Chicago. Eles despejaram todo o seu suprimento de expedita na locomotiva. O descarrilamento obstruiu os trilhos por dias. O melhor foi que, ao se livrarem do peso da expedita, o balão subiu alto e só foi descer mais de cinco quilômetros adiante, com seus dois heróis ilesos.

O segundo balão foi um fracasso. Seu voo foi ridículo. Flutuou muito baixo e ficou cheio de buracos antes de alcançar as fortalezas. Herford e Guinness estavam nele,

foram despedaçados no pasto em que caíram. Biedenbach se desesperou — como saberíamos depois — e subiu sozinho no terceiro balão. Ele também fez um voo baixo, mas teve sorte, pois não conseguiram perfurar seu balão. Parece que estou presenciando a cena neste momento, do alto do prédio — aquele saco inflado flutuando no ar, aquele minúsculo ponto humano agarrado embaixo dele. Eu não podia ver a fortaleza, mas aqueles que estavam no telhado comigo disseram que ele estava diretamente sobre ela. Não vi a expedita cair quando ele a soltou. Mas eu vi o balão de repente subir para o céu. Algum tempo depois disso, uma grande coluna de fogo se elevou no ar e, logo em seguida, ouvi o rugido dela. O gentil Biedenbach havia destruído uma fortaleza. Dois outros balões seguiram em conjunto. Um foi estraçalhado em pleno ar, a explosão da expedita causou um choque que atingiu o segundo balão. Ele caiu lindamente na outra fortaleza. Não poderia ter sido melhor planejado, embora dois de nossos companheiros tenham sacrificado suas vidas.

Mas vamos voltar ao povo do abismo. Minhas experiências se resumem a eles. Enfurecidos, massacraram e destruíram a cidade toda; e, por sua vez, foram destruídos. Mas eles nunca conseguiram chegar à cidade dos oligarcas no lado oeste. Os oligarcas se protegeram bem. Por pior que fosse a destruição causada no coração da cidade, eles, suas

mulheres e crianças, nada sofreram. Ouvi dizer que seus filhos brincavam nos parques durante aqueles dias terríveis e que sua brincadeira favorita era um faz-de-conta, com seus pais pisando no proletariado.

Mas, para os Mercenários, não foi nada fácil lidar com o povo do abismo ao mesmo tempo em que lutavam contra os camaradas. Chicago foi fiel às suas tradições e, embora uma geração de revolucionários tenha sido exterminada, também levou consigo quase uma geração inteira dos seus inimigos. Claro, a Bota de Ferro manteve os números em segredo, mas, em uma estimativa muito conservadora, pelo menos, cento e trinta mil mercenários foram mortos. Mas os camaradas não tiveram chance. Em vez de todo o país estar de mãos dadas na revolta, eles ficaram sozinhos, e a força total da Oligarquia poderia ser direcionada contra eles, se necessário. Da mesma forma, a cada hora, todos os dias, intermináveis comboios lançavam centenas de milhares de mercenários em Chicago.

E as pessoas do abismo eram muitas! Cansados da manança, um grande movimento de condução foi iniciado pelos soldados, com a intenção de tirar as turbas da rua, como gado, até o Lago Michigan. Foi no início desse movimento que Garthwaite e eu encontramos o jovem oficial. Esse movimento de pastoreio foi quase um fracasso completo,

graças ao esplêndido trabalho dos camaradas. Em vez da grande multidão que os Mercenários esperavam reunir, só conseguiram empurrar cerca de quarenta mil dos miseráveis para o lago. A cada tentativa, quando uma multidão já estava controlada e era levada pelas ruas até a água, os camaradas criavam alguma distração e a multidão escapava pela abertura na rede que os continha.

Garthwaite e eu vimos um exemplo disso logo após o encontro com o jovem oficial. A turba da qual fizéramos parte, e que estava sendo evacuada, estava impedida de seguir para o sul ou para o leste por grandes batalhões de soldados. As tropas com quem estávamos cuidavam do front oeste. A única saída seria o norte, e o norte levava até o lago, assim, as turbas eram forçadas a partir para o leste, oeste e sul por metralhadoras e rifles. Se soubessem que estavam sendo empurradas para o lago, ou se foi apenas um movimento cego do coletivo, não sei, mas, de qualquer forma, a massa dobrou para uma rua transversal a oeste, virou na rua seguinte e deu meia volta em direção ao sul, rumo ao grande gueto.

Ao mesmo tempo, Garthwaite e eu tentávamos seguir para o oeste, fora do perímetro das guerrilhas urbanas, e acabamos no meio dela novamente. Quando chegamos à esquina, uma multidão caiu sobre nós aos urros. Garthwaite me pegou pelo braço e começamos a fugir. Ele me arrastou

para trás das rodas de meia dúzia de blindados equipados com metralhadoras, que chegavam no local. Atrás deles, vinham os soldados com seus rifles automáticos. No momento em que eles tomaram posição, a multidão já estava sobre eles, e tudo indicava que seriam esmagados antes que pudessem entrar em ação.

Um ou outro soldado atirava com seu fuzil, mas era um fogo disperso que não surtia efeito contra a multidão. Ela se aproximava, berrando com puro ódio. Parecia que não conseguiam fazer as metralhadoras funcionar. Os veículos que os trouxeram bloqueavam a rua, obrigando os soldados a se posicionar dentro ou entre elas, bem como nas calçadas. Mais soldados não paravam de chegar e, nesse engarrafamento, era impossível fugirmos. Garthwaite segurou meu braço e nos esgueiramos contra a fachada de um prédio.

A massa estava a menos de seis metros de distância quando as metralhadoras dispararam. Nada poderia sobreviver àquela chuva de fogo mortal. A multidão continuava, mas não podia avançar. Começou a se formar uma pilha, uma onda enorme e crescente de mortos e feridos. Os que vinham atrás insistiam; e a coluna, de sarjeta a sarjeta, ia se dobrando sobre si mesma. Gente ferida, homens e mulheres, respingavam por sobre aquela onda terrível e caíam com suas faces retorcidas, debatiam-se sob os blindados e contra as

pernas dos soldados. Eles golpeavam com suas baionetas os miseráveis aos seus pés, embora eu tenha visto um que se levantou e voou na garganta de um soldado com os dentes. Ambos caíram, soldado e escravo, na espuma da confusão.

Os disparos cessaram. O trabalho estava concluído. A multidão havia sido detida em sua tentativa selvagem de romper o cerco. Ordens foram dadas para que se limpasse a trilha das rodas dos tanques. Eles não podiam rodar sobre aquela enchente de mortos, e a ideia era arrastar os corpos para a rua perpendicular. Os soldados puxaram os corpos para longe das rodas quando aconteceu. Somente mais tarde entenderíamos. A um quarteirão de distância, uma centena de nossos camaradas mantinha um edifício em seu poder. Eles fugiram entre telhados e lajes até que se viram olhando para o sólido batalhão de soldados. Aquilo foi um contramassacre.

Sem aviso, uma chuva de bombas desabou do alto dos prédios. Os blindados explodiram em fragmentos, junto com muitos soldados. Nós, com os sobreviventes, voltamos em louca retirada. Meio quarteirão abaixo, outro prédio abriu fogo contra nós. Assim como os soldados cobriram a outra rua com escravos mortos, agora, eles é quem eram feitos de forragem. Garthwaite e eu tínhamos o corpo fechado. Como havíamos feito antes, novamente procuramos abrigo em uma marquise. Mas ele não seria

pego de surpresa novamente. Quando o rugido das bombas diminuiu, ele tentou espiar.

— A multidão está voltando! — ele me avisou. — Temos que sair daqui!

Fugimos de mãos dadas pela calçada ensanguentada, patinando e escorregando até a esquina. De lá, pudemos ver alguns soldados ainda correndo. Estava tudo calmo, o caminho estava livre. Então, paramos um momento e olhamos para trás. A multidão avançava lentamente. Eles estavam ocupados se armando com os fuzis dos mortos e eliminando os feridos. Vimos a morte do jovem oficial que nos resgatara. Ele se ergueu dolorosamente sobre o cotovelo e sacou sua pistola.

— Lá se vai minha chance de promoção — Garthwaite riu enquanto uma mulher se aproximava do homem ferido, empunhando um cutelo de açougueiro. — Vamos. Temos de ir pelo outro lado, mas vamos conseguir sair daqui.

E fugimos para o leste pelas ruas tranquilas, preparados para surpresas em cada cruzamento. Ao Sul, um clarão monstruoso enchia o céu, entendemos que o grande gueto estava em chamas. Por fim, desmoronei na calçada. Eu estava tão exausta que não podia continuar. Meu corpo todo estava machucado, ferido e dolorido, mas eu não pude deixar de sorrir para Garthwaite, que enrolava um cigarro e dizia:

— Eu sei que meu talento como anjo da guarda é duvidoso, mas é difícil prever a situação. É tudo uma grande baderna. Toda vez que tentamos sair, algo acontece e voltamos atrás. Ainda estamos só a alguns quarteirões de onde encontrei você. Amigos e inimigos, estão todos misturados. É o caos. Você sabe me dizer quem está naqueles prédios malditos? Vá tentar descobrir e mandarão uma bomba na sua cabeça. Tente seguir seu caminho pacificamente e você vai se deparar com uma multidão ou será morto por metralhadoras, ou encontrará os Mercenários, ou será morto por seus próprios camaradas de um telhado. E ainda por cima vem a massa e mata você também.

Ele balançou a cabeça tristemente, acendeu o cigarro e se sentou ao meu lado.

— E eu estou com tanta fome — acrescentou —, que eu poderia comer um paralelepípedo.

No momento seguinte, ele estava na rua com um paralelepípedo nas mãos. Na calçada, ele o arremessou contra a vitrine de uma loja atrás de nós.

— É o térreo e não é bom — ele explicou enquanto me ajudava a passar pelo buraco que havia aberto —, mas é o melhor que podemos fazer. Você tira um cochilo e eu faço o reconhecimento. Vou concluir esse resgate como se deve, mas preciso de tempo, muito tempo, e algo para comer.



Estávamos em uma selaria, ele preparou um sofá com as mantas de cavalo que havia no escritório da administração, nos fundos. Para piorar, eu sentia uma dor de cabeça lancinante se aproximar e fiquei muito feliz ao fechar os olhos e tentar dormir.

— Volto logo — foram suas palavras de despedida. — Não acho que eu vá conseguir um carro, mas certamente trarei algum rango<sup>119</sup>, vamos ver.

E essa foi a última vez que vi Garthwaite em três anos. Em vez de voltar, ele foi levado para um hospital com uma bala nos pulmões e uma alojada no pescoço.

---

119 Comida.



## CAPÍTULO 24. PESADELO

**E**u não preguei os olhos na noite anterior ao Twentieth Century e, extremamente exausta, dormi profundamente. Quando acordei pela primeira vez, já era noite. Garthwaite não havia retornado. Eu tinha perdido meu relógio e não fazia ideia da hora. Deitada com os olhos fechados, eu ouvia o mesmo som surdo de explosões distantes. O inferno ainda rugia. Eu rastejei pela loja até a vitrine. O céu refletia as grandes explosões que tornavam a rua quase tão clara como o dia. Qualquer um podia entender aquilo ao olhar. De vários quarteirões de distância, vinha o estalar de pequenas granadas de mão e o som de metralhadoras. Mais longe, eu ouvia uma longa série de explosões pesadas. Rastejei de volta para as mantas e dormi novamente.

Quando acordei, uma luz pálida se projetava sobre mim. Era a madrugada do segundo dia. Eu rastejei para a frente da loja. Uma nuvem de fumaça, atravessada por fochos de luz, enchia o céu. Um escravo miserável cambaleava do outro

lado da rua. Ele segurava uma das mãos contra o seu flanco, deixando um rastro de sangue em seu caminho. Seus olhos vagavam por toda parte e estavam cheios de apreensão e pavor. Ele chegou a olhar diretamente para mim, seu rosto era patético como o de um animal ferido e caçado. Ele me viu, mas não havia parentesco entre nós; e dele, pelo menos, nenhuma simpatia ou compreensão. Ele se encolheu e continuou, sem esperar nenhuma ajuda de ninguém no mundo todo. Ele era um hilota no grande extermínio de hilotas que os patrões estavam promovendo. Tudo o que podia esperar, tudo o que procurava, era alguma toca para rastejar e se esconder como um animal. O som estridente de uma ambulância na esquina o sobressaltou. Ambulâncias não eram para alguém como ele. Com um gemido de dor, ele se jogou em uma soleira. Um minuto depois, ele voltava a mancar desesperadamente.

Voltei às minhas mantas de cavalo e esperei Garthwaite por uma hora. Minha dor de cabeça aumentava. Com um grande esforço, consegui abrir os olhos e analisar o ambiente. Mas isso me custou um sofrimento absurdo: um grande tambor batia em meu cérebro. Fraca e trôpega, saí pela janela quebrada e descí a rua, na tentativa de escapar, Tateando instintivamente em meio à terrível confusão. E foi então que eu vivi meu pesadelo. Minha memória do que

aconteceu a seguir é a memória que se teria de um pesadelo. Muitos eventos se concentram nitidamente em meu cérebro, mas, entre essas imagens, há intervalos de inconsciência. O que ocorreu nesses intervalos, eu não sei e nunca saberei.

Já na esquina, eu me lembro de tropeçar nas pernas de um homem. Era o pobre animal caçado que mancou diante do meu esconderijo. Eu me lembro com nitidez de suas pobres mãos retorcidas, ali, deitado na calçada — mãos que eram mais como cascos e garras, deformadas por seu trabalho diário, com calos espessos por toda a sua palma. E, quando me levantei e comecei a andar, olhei para o seu rosto e vi que ainda estava vivo. Seus olhos, ainda vagamente inteligentes, me encaravam.

Depois disso, há um branco. Não sei de nada, não vi nada, apenas cambaleava em minha busca por segurança. Minha próxima visão do pesadelo foi uma tranquila rua de mortandade. Eu me surpreendi ao encontrá-los, como um viajante encontraria um riacho que cruza o pasto. Mas aquele riacho não fluía, estava congelado com a morte. De calçada a calçada, e cobrindo as calçadas, o riacho jazia ali, espalhado de maneira bastante uniforme, com apenas eventuais amontoados de corpos rompendo a sua superfície. Pobres pessoas empurradas para o abismo, hilotas perseguidos — eles estavam lá como os coelhos da Califórnia depois de um dia de

condução.<sup>120</sup> Nas ruas por onde vaguei, não havia movimento, nenhum som. Os prédios silenciosos contemplavam a cena de suas muitas janelas. Uma vez — e apenas uma vez — vi um braço que se movia naquele leito de mortos. Juro que eu o vi se mexer, com um estranho gesto de agonia, e, com ele, levantou-se uma cabeça, ensanguentada e horrorizada, que balbuciava na minha direção; e, depois, se deitou para não se mover mais.

Lembro-me de outra rua, ladeada por prédios silenciosos, e do pânico que despertou em mim quando vi as pessoas do abismo de novo. Mas, dessa vez, era um riacho que corria e vinha em minha direção. Então, eu vi que não havia nada a temer. O fluxo se movia lentamente; dele, vinham gemidos e lamentos, maldições, balbucios de senilidade, histeria e loucura. Era o riacho dos jovens ou idosos demais, dos fracos e dos doentes, dos desamparados e dos desesperados, todos os destroços do gueto. A queima do grande gueto no South Side os havia empurrado ao inferno dos conflitos de

---

120 Naqueles dias, a terra era tão escassamente povoada que, muitas vezes, os animais selvagens se tornavam pragas. Na Califórnia, surgiu o costume da condução de coelhos. Em um determinado dia, todos os fazendeiros de uma localidade se organizavam e varriam suas propriedades em linhas convergentes, conduzindo milhares de coelhos para um cercado preparado anteriormente, em que eram espancados até a morte por homens e meninos.

rua, para onde foram ou o que aconteceu com eles eu não sei e nunca saberei.<sup>121</sup>

Tenho lembranças vagas de quebrar uma janela e me esconder em uma loja, para fugir da multidão perseguida por soldados. Além disso, certa vez, uma bomba explodiu perto de mim em uma rua quieta, onde, por mais que eu procurasse por todos os cantos, não havia nenhum ser humano. Minha próxima lembrança nítida começa com o disparo de um rifle e uma súbita tomada de consciência de que eu estava sendo alvejada por um soldado em um blindado. Ele errou o tiro e, no momento seguinte, eu gritei e gesticulei os códigos. Minha memória de estar no veículo é muito nublada, mas essa carona, por sua vez, foi interrompida por uma imagem clara. O disparo do fuzil do soldado sentado ao meu lado me fez abrir os olhos e vi George Milford, que eu conhecera na época da Pell Street, desmoronando lentamente na calçada. Mesmo já no chão, o soldado disparou novamente. Milford se curvou, depois se enrijeceu e caiu esparramado. O soldado riu e o veículo acelerou.

---

121 Durante muito tempo, o incêndio do gueto de South Side foi questão de debate: se foi ou não obra dos Mercenários. Hoje em dia, está definitivamente estabelecido que foram os Mercenários sob as ordens de seus chefes.

Logo depois, fui despertada de um sono profundo por um homem que andava de um lado para o outro ao meu lado. Seu rosto estava contraído e tenso, o suor escorria de sua testa pelo nariz. Ele tinha suas duas mãos apertadas contra o peito, o sangue pingava pelo chão enquanto ele andava. Ele usava o uniforme dos Mercenários. De longe, como se através de paredes grossas, vinha o rugido abafado de bombas explodindo. Eu estava em algum prédio que travava combate com outro prédio.

Um cirurgião entrou para cuidar do soldado ferido, e eu soube que eram duas da tarde. Minha dor de cabeça não melhorava e, em uma pausa do cirurgião, ele me deu uma droga poderosa que acalmaria meu coração e me traria alívio. Eu dormi de novo e, então, me vi no topo do prédio. A luta direta havia cessado e eu agora assistia a um ataque de balão às fortalezas. Havia um braço em volta de mim e eu me apoiava nele. Eu naturalmente achei que se tratava de Ernest e me perguntei como seu cabelo e sobrancelhas podiam estar tão chamuscados.

Nós nos encontramos naquela cidade terrível por mero acaso. Ele não fazia ideia de que eu havia saído de Nova York e, ao entrar no quarto em que eu dormia, a princípio não acreditou no que viu. Eu não vi mais muita coisa da Comuna de Chicago. Depois de assistir aos ataques de balão, Ernest



me levou para o interior do prédio, onde dormi da tarde até a noite. Dormimos o terceiro dia no prédio e, no quarto, Ernest conseguiu um passe e um automóvel das autoridades para sairmos de Chicago.

Venci minha dor de cabeça, mas meu corpo e minha alma estavam exaustos. Eu me aconcheguei a Ernest no automóvel e, com olhos apáticos, observei os soldados que tentavam tirar as máquinas da cidade. A luta ainda estava em curso, mas apenas em localidades isoladas. Aqui e ali, bairros inteiros ainda eram dominados pelos camaradas, mas esses bairros estavam cercados e vigiados por grandes batalhões. Os camaradas eram mantidos nesses perímetros enquanto o trabalho de subjugar-los continuava. Subjugação significava morte, pois não houve trégua, eles lutaram heroicamente até o último homem.<sup>122</sup>

Sempre que nos aproximávamos dessas localidades, os guardas nos mandavam dar a volta. Certa vez, a única maneira

---

122 Os grupos nos edifícios resistiram por mais de uma semana. O mais longo resistiu onze dias. Cada prédio teve de ser invadido como um forte; e, a cada andar, os Mercenários eram obrigados a lutar. Foi uma luta mortal. A trégua não foi dada, nem tomada; e, na luta, os revolucionários tinham a vantagem de estarem acima. Enquanto os revolucionários eram exterminados, o outro lado também tinha perdas consideráveis. O orgulhoso proletariado de Chicago fez jus à sua antiga fama: matou tantos inimigos quanto os seus foram mortos.

de passar por duas posições fortes dos camaradas era através de uma área incendiada entre elas. De ambos os lados, ouvíamos o estrondo e o rugido da guerra, ao passo em que o veículo abria caminho por entre ruínas em chamas e paredes desmoronadas. Muitas vezes, as ruas estavam bloqueadas por montanhas de detritos, os quais nos obrigavam a dar a volta. Era um labirinto de ruínas e nosso avanço foi lento.

Os currais (gueto, fábrica e tudo o mais) haviam se tornado escombros. À direita, uma grande nuvem de fumaça bloqueava o céu — nosso soldado motorista contou que se tratava da cidade de Pullman, ou o que havia sobrado dela, pois estava totalmente em ruínas. Ele havia dirigido até lá para levar despachos na tarde do terceiro dia. Segundo ele, alguns dos piores combates ocorreram ali e era impossível passar em muitas das ruas em razão dos montes de cadáveres.

Singrando por entre as paredes destroçadas de um edifício, no bairro dos currais, a viatura se viu impedida por uma onda de mortos. Parecia realmente ser uma onda vinda do mar. Ficou claro para nós o que havia acontecido. Quando a multidão dobrou a esquina, ela foi varrida, em ângulos retos e à queima-roupa, pelas metralhadoras preparadas na rua transversal. Mas a desgraça também atingiu os soldados. Alguma bomba deve ter explodido entre eles,

pois a multidão, presa entre seus mortos e a marola que se formava por trás, arremessou adiante sua crista de espuma feita de escravos vivos. Soldados e escravos jaziam juntos, dilacerados e mutilados, em volta e sobre os destroços de veículos e armas.

Ernest saltou para fora. Um familiar par de ombros em uma camisa de algodão e uma franja grisalha lhe chamou a atenção. Eu não fui com ele, somente quando ele retornou e voltamos a andar, ele me disse:

— Era o bispo Morehouse.

Logo, estávamos na área rural, e dei uma última olhada para a fumaça no céu. Fraco e distante, veio o baque de uma explosão. Então, baixei meu rosto contra o peito de Ernest e chorei baixo pela Causa, que agora estava perdida. O braço de Ernest sobre mim transmitia seu amor.

— Nós perdemos desta vez, meu amor — disse ele —, mas nada é para sempre. Hoje, aprendemos a lição. Amanhã, a Causa se levantará novamente, mais forte, com sabedoria e disciplina.

O veículo parou em uma estação ferroviária. Ali, pegaríamos um trem para Nova York. Três trens passaram trovejando enquanto esperávamos, eles iam rumo ao oeste, para Chicago. Estavam lotados de trabalhadores esfarrapados e sem qualificação, gente do abismo.

— Hordas de escravos para a reconstrução de Chicago  
— observou Ernest. — É claro, pois todos os escravos de  
Chicago estão mortos.

## CAPÍTULO 25. OS TERRORISTAS

**S**omente quando Ernest e eu já estávamos em Nova York há semanas, é que fomos capazes de compreender a extensão do desastre que se abateu sobre a Causa. A situação era amarga e sangrenta. Em muitos lugares do país, ocorreram revoltas e massacres de escravos. O número de mártires aumentou exponencialmente. Incontáveis execuções ocorreram em todos os cantos. As montanhas e as regiões desertas estavam cheias de foras da lei e refugiados, que agora eram caçados impiedosamente. Nossos próprios refúgios estavam lotados de camaradas que tinham suas cabeças à prêmio. Informações fornecidas por espões revelaram dezenas de nossos refúgios para os soldados da Bota de Ferro.

Muitos dos camaradas desanimaram e retaliaram com táticas terroristas. A derrota de suas esperanças os deixou fora de si. Muitas organizações terroristas paralelas

a nós surgiram e nos causaram muitos problemas.<sup>123</sup> Essas pessoas equivocadas sacrificaram suas próprias vidas desenfreadamente e, muitas vezes, atrapalharam e atrasaram nossos próprios planos.

E a Bota de Ferro esmagou todos eles, impassível e deliberadamente, abalando todo o tecido da estrutura social em sua caça aos camaradas, vasculhando entre os Mercenários, as castas operárias e todos os seus serviços

---

123 Os anais dessa breve era de desespero são uma leitura desanimadora. A vingança era o motivo dominante, os membros das organizações terroristas não valorizavam suas próprias vidas, pois não tinham esperança em relação ao futuro. Os Danitas, tomando o nome dos anjos vingadores da mitologia mórmon, surgiram nas montanhas do Grande Oeste e se espalharam pela costa do Pacífico, do Panamá ao Alasca. As Valquírias eram mulheres. Elas eram as mais terríveis de todas. Nenhuma delas poderia se afiliar caso não tivesse perdido parentes próximos nas mãos da Oligarquia. Elas eram conhecidas por torturar seus prisioneiros até a morte. Outra famosa organização de mulheres foram As Viúvas da Guerra. Uma organização similar às Valquírias eram os Berserkers. Esses homens não davam nenhum valor às suas próprias vidas e foram eles que destruíram totalmente a grande cidade mercenária de Bellona, junto com sua população de mais de cem mil almas. Os Bedlamitas e os Helldamitas eram organizações gêmeas de escravos; enquanto uma nova seita religiosa de pouca duração foi chamada A Ira de Deus. Entre outros, para demonstrar seu compromisso mortal, podemos mencionar Os Corações Feridos, Os Filhos da Manhã, Os Estrelas da Manhã, Os Flamingos, Triângulos Triplos, As Três Barras, Os Rubônicos, Os Vingadores, Os Comanches e os Erebusitas.

secretos, punindo sem piedade, sofrendo em silêncio todas as retaliações e preenchendo as lacunas em sua frente de combate tão rápido quanto surgiam. E, juntos, Ernest e os outros líderes trabalharam arduamente para reorganizar as forças da Revolução. O vulto dessa tarefa pode ser dimensionado quando se considera o preço<sup>124</sup>

---

124 Este é o fim do *Manuscrito Everhard*, interrompido abruptamente no meio de uma frase. Ela deve ter recebido o aviso da chegada dos Mercenários, pois teve tempo de esconder o manuscrito com segurança antes de fugir ou ser capturada. É lamentável que ela não tenha vivido para completar a sua narrativa, pois, sem dúvida, teria esclarecido o mistério que envolveu, durante sete séculos, a execução de Ernest Everhard.

## **Traduzido por Ricardo Giassetti**

Consultor em cultura participativa e inovações digitais, transita pelos mercados editorial, publicitário e audiovisual. Criou metodologias para localização cultural em países diversos como China, Índia, União Europeia, Estados Unidos e América Latina. Autor de *Gunned Down – Down the River* (EUA, 2005) e *O catador de batatas e o filho da costureira* (Brasil-Japão, 2008). É fundador da Mojo (2006) e do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural (2018).



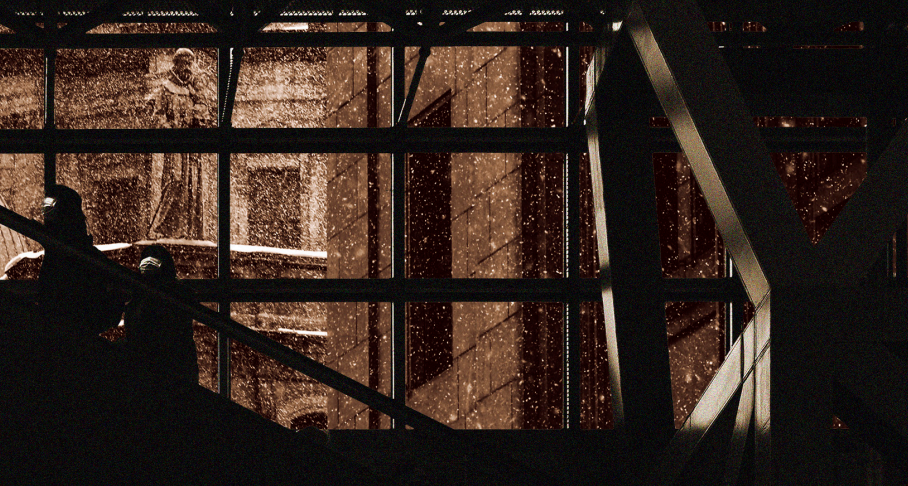








P/Ns 16097-000





# **The iron heel**

Jack London



*“At first, this Earth, a stage so gloomed with woe  
You almost sicken at the shifting of the scenes.  
And yet be patient. Our Playwright may show  
In some fifth act what this Wild Drama means.”*

*THE IRON HEEL*





# FOREWORD

It cannot be said that the Everhard Manuscript is an important historical document. To the historian it bristles with errors—not errors of fact, but errors of interpretation. Looking back across the seven centuries that have lapsed since Avis Everhard completed her manuscript, events, and the bearings of events, that were confused and veiled to her, are clear to us. She lacked perspective. She was too close to the events she writes about. Nay, she was merged in the events she has described.

Nevertheless, as a personal document, the Everhard Manuscript is of inestimable value. But here again enter error of perspective, and vitiation due to the bias of love. Yet we smile, indeed, and forgive Avis Everhard for the heroic lines upon which she modelled her husband. We know to-day that he was not so colossal, and that he loomed among the events of his times less largely than the Manuscript would lead us to believe.

We know that Ernest Everhard was an exceptionally strong man, but not so exceptional as his wife thought him

to be. He was, after all, but one of a large number of heroes who, throughout the world, devoted their lives to the Revolution; though it must be conceded that he did unusual work, especially in his elaboration and interpretation of working-class philosophy. “Proletarian science” and “proletarian philosophy” were his phrases for it, and therein he shows the provincialism of his mind—a defect, however, that was due to the times and that none in that day could escape.

But to return to the Manuscript. Especially valuable is it in communicating to us the *feel* of those terrible times. Nowhere do we find more vividly portrayed the psychology of the persons that lived in that turbulent period embraced between the years 1912 and 1932—their mistakes and ignorance, their doubts and fears and misapprehensions, their ethical delusions, their violent passions, their inconceivable sordidness and selfishness. These are the things that are so hard for us of this enlightened age to understand. History tells us that these things were, and biology and psychology tell us why they were; but history and biology and psychology do not make these things alive. We accept them as facts, but we are left without sympathetic comprehension of them.

This sympathy comes to us, however, as we peruse the Everhard Manuscript. We enter into the minds of the actors in that long-ago world-drama, and for the time being their

mental processes are our mental processes. Not alone do we understand Avis Everhard's love for her hero-husband, but we feel, as he felt, in those first days, the vague and terrible loom of the Oligarchy. The Iron Heel (well named) we feel descending upon and crushing mankind.

And in passing we note that that historic phrase, the Iron Heel, originated in Ernest Everhard's mind. This, we may say, is the one moot question that this new-found document clears up. Previous to this, the earliest-known use of the phrase occurred in the pamphlet, "Ye Slaves," written by George Milford and published in December, 1912. This George Milford was an obscure agitator about whom nothing is known, save the one additional bit of information gained from the Manuscript, which mentions that he was shot in the Chicago Commune. Evidently he had heard Ernest Everhard make use of the phrase in some public speech, most probably when he was running for Congress in the fall of 1912. From the Manuscript we learn that Everhard used the phrase at a private dinner in the spring of 1912. This is, without discussion, the earliest-known occasion on which the Oligarchy was so designated.

The rise of the Oligarchy will always remain a cause of secret wonder to the historian and the philosopher. Other great historical events have their place in social evolution.

They were inevitable. Their coming could have been predicted with the same certitude that astronomers to-day predict the outcome of the movements of stars. Without these other great historical events, social evolution could not have proceeded. Primitive communism, chattel slavery, serf slavery, and wage slavery were necessary stepping-stones in the evolution of society. But it were ridiculous to assert that the Iron Heel was a necessary stepping-stone. Rather, to-day, is it adjudged a step aside, or a step backward, to the social tyrannies that made the early world a hell, but that were as necessary as the Iron Heel was unnecessary.

Black as Feudalism was, yet the coming of it was inevitable. What else than Feudalism could have followed upon the breakdown of that great centralized governmental machine known as the Roman Empire? Not so, however, with the Iron Heel. In the orderly procedure of social evolution there was no place for it. It was not necessary, and it was not inevitable. It must always remain the great curiosity of history—a whim, a fantasy, an apparition, a thing unexpected and undreamed; and it should serve as a warning to those rash political theorists of to-day who speak with certitude of social processes.

Capitalism was adjudged by the sociologists of the time to be the culmination of bourgeois rule, the ripened fruit of the bourgeois revolution. And we of to-day can but

applaud that judgment. Following upon Capitalism, it was held, even by such intellectual and antagonistic giants as Herbert Spencer, that Socialism would come. Out of the decay of self-seeking capitalism, it was held, would arise that flower of the ages, the Brotherhood of Man. Instead of which, appalling alike to us who look back and to those that lived at the time, capitalism, rotten-ripe, sent forth that monstrous offshoot, the Oligarchy.

Too late did the socialist movement of the early twentieth century divine the coming of the Oligarchy. Even as it was divined, the Oligarchy was there—a fact established in blood, a stupendous and awful reality. Nor even then, as the Everhard Manuscript well shows, was any permanence attributed to the Iron Heel. Its overthrow was a matter of a few short years, was the judgment of the revolutionists. It is true, they realized that the Peasant Revolt was unplanned, and that the First Revolt was premature; but they little realized that the Second Revolt, planned and mature, was doomed to equal futility and more terrible punishment.

It is apparent that Avis Everhard completed the Manuscript during the last days of preparation for the Second Revolt; hence the fact that there is no mention of the disastrous outcome of the Second Revolt. It is quite clear that she intended the Manuscript for immediate publication, as

soon as the Iron Heel was overthrown, so that her husband, so recently dead, should receive full credit for all that he had ventured and accomplished. Then came the frightful crushing of the Second Revolt, and it is probable that in the moment of danger, ere she fled or was captured by the Mercenaries, she hid the Manuscript in the hollow oak at Wake Robin Lodge.

Of Avis Everhard there is no further record. Undoubtedly she was executed by the Mercenaries; and, as is well known, no record of such executions was kept by the Iron Heel. But little did she realize, even then, as she hid the Manuscript and prepared to flee, how terrible had been the breakdown of the Second Revolt. Little did she realize that the tortuous and distorted evolution of the next three centuries would compel a Third Revolt and a Fourth Revolt, and many Revolts, all drowned in seas of blood, ere the world-movement of labor should come into its own. And little did she dream that for seven long centuries the tribute of her love to Ernest Everhard would repose undisturbed in the heart of the ancient oak of Wake Robin Lodge.

ANTHONY MEREDITH  
ARDIS,  
November 27, 419 B.O.M.

# CHAPTER I. MY EAGLE

**T**he soft summer wind stirs the redwoods, and Wild-Water ripples sweet cadences over its mossy stones. There are butterflies in the sunshine, and from everywhere arises the drowsy hum of bees. It is so quiet and peaceful, and I sit here, and ponder, and am restless. It is the quiet that makes me restless. It seems unreal. All the world is quiet, but it is the quiet before the storm. I strain my ears, and all my senses, for some betrayal of that impending storm. Oh, that it may not be premature! That it may not be premature!<sup>1</sup>

---

1 The Second Revolt was largely the work of Ernest Everhard, though he cooperated, of course, with the European leaders. The capture and secret execution of Everhard was the great event of the spring of 1932 A.D. Yet so thoroughly had he prepared for the revolt, that his fellow-conspirators were able, with little confusion or delay, to carry out his plans. It was after Everhard's execution that his wife went to Wake Robin Lodge, a small bungalow in the Sonoma Hills of California.

Small wonder that I am restless. I think, and think, and I cannot cease from thinking. I have been in the thick of life so long that I am oppressed by the peace and quiet, and I cannot forbear from dwelling upon that mad maelstrom of death and destruction so soon to burst forth. In my ears are the cries of the stricken; and I can see, as I have seen in the past,<sup>2</sup> all the marring and mangling of the sweet, beautiful flesh, and the souls torn with violence from proud bodies and hurled to God. Thus do we poor humans attain our ends, striving through carnage and destruction to bring lasting peace and happiness upon the earth.

And then I am lonely. When I do not think of what is to come, I think of what has been and is no more—my Eagle, beating with tireless wings the void, soaring toward what was ever his sun, the flaming ideal of human freedom. I cannot sit idly by and wait the great event that is his making, though he is not here to see. He devoted all the years of his manhood to it, and for it he gave his life. It is his handiwork. He made it.<sup>3</sup>

And so it is, in this anxious time of waiting, that I shall write of my husband. There is much light that I alone of all

---

2 Without doubt she here refers to the Chicago Commune.

3 With all respect to Avis Everhard, it must be pointed out that Everhard was but one of many able leaders who planned the Second Revolt. And we to-day, looking back across the centuries, can safely say that even had he lived, the Second Revolt would not have been less calamitous in its outcome than it was.



persons living can throw upon his character, and so noble a character cannot be blazoned forth too brightly. His was a great soul, and, when my love grows unselfish, my chiefest regret is that he is not here to witness to-morrow's dawn. We cannot fail. He has built too stoutly and too surely for that. Woe to the Iron Heel! Soon shall it be thrust back from off prostrate humanity. When the word goes forth, the labor hosts of all the world shall rise. There has been nothing like it in the history of the world. The solidarity of labor is assured, and for the first time will there be an international revolution wide as the world is wide.<sup>4</sup>

You see, I am full of what is impending. I have lived it day and night utterly and for so long that it is ever present in my mind. For that matter, I cannot think of my husband without thinking of it. He was the soul of it, and how can I possibly separate the two in thought?

---

4 The Second Revolt was truly international. It was a colossal plan—too colossal to be wrought by the genius of one man alone. Labor, in all the oligarchies of the world, was prepared to rise at the signal. Germany, Italy, France, and all Australasia were labor countries—socialist states. They were ready to lend aid to the revolution. Gallantly they did; and it was for this reason, when the Second Revolt was crushed, that they, too, were crushed by the united oligarchies of the world, their socialist governments being replaced by oligarchical governments.

As I have said, there is much light that I alone can throw upon his character. It is well known that he toiled hard for liberty and suffered sore. How hard he toiled and how greatly he suffered, I well know; for I have been with him during these twenty anxious years and I know his patience, his untiring effort, his infinite devotion to the Cause for which, only two months gone, he laid down his life.

I shall try to write simply and to tell here how Ernest Everhard entered my life—how I first met him, how he grew until I became a part of him, and the tremendous changes he wrought in my life. In this way may you look at him through my eyes and learn him as I learned him—in all save the things too secret and sweet for me to tell.

It was in February, 1912, that I first met him, when, as a guest of my father's<sup>5</sup> at dinner, he came to our house in Berkeley. I cannot say that my very first impression of

---

5 John Cunningham, Avis Everhard's father, was a professor at the State University at Berkeley, California. His chosen field was physics, and in addition he did much original research and was greatly distinguished as a scientist. His chief contribution to science was his studies of the electron and his monumental work on the "Identification of Matter and Energy," wherein he established, beyond cavil and for all time, that the ultimate unit of matter and the ultimate unit of force were identical. This idea had been earlier advanced, but not demonstrated, by Sir Oliver Lodge and other students in the new field of radio-activity.

him was favorable. He was one of many at dinner, and in the drawing-room where we gathered and waited for all to arrive, he made a rather incongruous appearance. It was “preacher’s night,” as my father privately called it, and Ernest was certainly out of place in the midst of the churchmen.

In the first place, his clothes did not fit him. He wore a ready-made suit of dark cloth that was ill adjusted to his body. In fact, no ready-made suit of clothes ever could fit his body. And on this night, as always, the cloth bulged with his muscles, while the coat between the shoulders, what of the heavy shoulder-development, was a maze of wrinkles. His neck was the neck of a prize-fighter,<sup>6</sup> thick and strong. So this was the social philosopher and ex-horseshoer my father had discovered, was my thought. And he certainly looked it with those bulging muscles and that bull-throat. Immediately I classified him—a sort of prodigy, I thought, a Blind Tom<sup>7</sup> of the working class.

And then, when he shook hands with me! His handshake was firm and strong, but he looked at me boldly with

---

6 In that day it was the custom of men to compete for purses of money. They fought with their hands. When one was beaten into insensibility or killed, the survivor took the money.

7 This obscure reference applies to a blind negro musician who took the world by storm in the latter half of the nineteenth century of the Christian Era.

his black eyes—too boldly, I thought. You see, I was a creature of environment, and at that time had strong class instincts. Such boldness on the part of a man of my own class would have been almost unforgivable. I know that I could not avoid dropping my eyes, and I was quite relieved when I passed him on and turned to greet Bishop Morehouse—a favorite of mine, a sweet and serious man of middle age, Christ-like in appearance and goodness, and a scholar as well.

But this boldness that I took to be presumption was a vital clew to the nature of Ernest Everhard. He was simple, direct, afraid of nothing, and he refused to waste time on conventional mannerisms. “You pleased me,” he explained long afterward; “and why should I not fill my eyes with that which pleases me?” I have said that he was afraid of nothing. He was a natural aristocrat—and this in spite of the fact that he was in the camp of the non-aristocrats. He was a superman, a blond beast such as Nietzsche<sup>8</sup> has described, and in addition he was aflame with democracy.

In the interest of meeting the other guests, and what of my unfavorable impression, I forgot all about the

---

8 Friedrich Nietzsche, the mad philosopher of the nineteenth century of the Christian Era, who caught wild glimpses of truth, but who, before he was done, reasoned himself around the great circle of human thought and off into madness.

working-class philosopher, though once or twice at table I noticed him—especially the twinkle in his eye as he listened to the talk first of one minister and then of another. He has humor, I thought, and I almost forgave him his clothes. But the time went by, and the dinner went by, and he never opened his mouth to speak, while the ministers talked interminably about the working class and its relation to the church, and what the church had done and was doing for it. I noticed that my father was annoyed because Ernest did not talk. Once father took advantage of a lull and asked him to say something; but Ernest shrugged his shoulders and with an “I have nothing to say” went on eating salted almonds.

But father was not to be denied. After a while he said:

“We have with us a member of the working class. I am sure that he can present things from a new point of view that will be interesting and refreshing. I refer to Mr. Everhard.”

The others betrayed a well-mannered interest, and urged Ernest for a statement of his views. Their attitude toward him was so broadly tolerant and kindly that it was really patronizing. And I saw that Ernest noted it and was amused. He looked slowly about him, and I saw the glint of laughter in his eyes.

“I am not versed in the courtesies of ecclesiastical controversy,” he began, and then hesitated with modesty and indecision.

“Go on,” they urged, and Dr. Hammerfield said: “We do not mind the truth that is in any man. If it is sincere,” he amended.

“Then you separate sincerity from truth?” Ernest laughed quickly.

Dr. Hammerfield gasped, and managed to answer, “The best of us may be mistaken, young man, the best of us.”

Ernest’s manner changed on the instant. He became another man.

“All right, then,” he answered; “and let me begin by saying that you are all mistaken. You know nothing, and worse than nothing, about the working class. Your sociology is as vicious and worthless as is your method of thinking.”

It was not so much what he said as how he said it. I roused at the first sound of his voice. It was as bold as his eyes. It was a clarion-call that thrilled me. And the whole table was aroused, shaken alive from monotony and drowsiness.

“What is so dreadfully vicious and worthless in our method of thinking, young man?” Dr. Hammerfield demanded, and already there was something unpleasant in his voice and manner of utterance.

“You are metaphysicians. You can prove anything by metaphysics; and having done so, every metaphysician can prove every other metaphysician wrong—to his own

satisfaction. You are anarchists in the realm of thought. And you are mad cosmos-makers. Each of you dwells in a cosmos of his own making, created out of his own fancies and desires. You do not know the real world in which you live, and your thinking has no place in the real world except in so far as it is phenomena of mental aberration.

“Do you know what I was reminded of as I sat at table and listened to you talk and talk? You reminded me for all the world of the scholastics of the Middle Ages who gravely and learnedly debated the absorbing question of how many angels could dance on the point of a needle. Why, my dear sirs, you are as remote from the intellectual life of the twentieth century as an Indian medicine-man making incantation in the primeval forest ten thousand years ago.”

As Ernest talked he seemed in a fine passion; his face glowed, his eyes snapped and flashed, and his chin and jaw were eloquent with aggressiveness. But it was only a way he had. It always aroused people. His smashing, sledge-hammer manner of attack invariably made them forget themselves. And they were forgetting themselves now. Bishop Morehouse was leaning forward and listening intently. Exasperation and anger were flushing the face of Dr. Hammerfield. And others were exasperated, too, and some were smiling in an amused and superior way. As for myself, I found it most enjoyable.

I glanced at father, and I was afraid he was going to giggle at the effect of this human bombshell he had been guilty of launching amongst us.

“Your terms are rather vague,” Dr. Hammerfield interrupted. “Just precisely what do you mean when you call us metaphysicians?”

“I call you metaphysicians because you reason metaphysically,” Ernest went on. “Your method of reasoning is the opposite to that of science. There is no validity to your conclusions. You can prove everything and nothing, and no two of you can agree upon anything. Each of you goes into his own consciousness to explain himself and the universe. As well may you lift yourselves by your own bootstraps as to explain consciousness by consciousness.”

“I do not understand,” Bishop Morehouse said. “It seems to me that all things of the mind are metaphysical. That most exact and convincing of all sciences, mathematics, is sheerly metaphysical. Each and every thought-process of the scientific reasoner is metaphysical. Surely you will agree with me?”

“As you say, you do not understand,” Ernest replied. “The metaphysician reasons deductively out of his own subjectivity. The scientist reasons inductively from the facts of experience. The metaphysician reasons from theory to facts, the scientist reasons from facts to theory. The metaphysician



explains the universe by himself, the scientist explains himself by the universe.”

“Thank God we are not scientists,” Dr. Hammerfield murmured complacently.

“What are you then?” Ernest demanded.

“Philosophers.”

“There you go,” Ernest laughed. “You have left the real and solid earth and are up in the air with a word for a flying machine. Pray come down to earth and tell me precisely what you do mean by philosophy.”

“Philosophy is—” (Dr. Hammerfield paused and cleared his throat)—“something that cannot be defined comprehensively except to such minds and temperaments as are philosophical. The narrow scientist with his nose in a test-tube cannot understand philosophy.”

Ernest ignored the thrust. It was always his way to turn the point back upon an opponent, and he did it now, with a beaming brotherliness of face and utterance.

“Then you will undoubtedly understand the definition I shall now make of philosophy. But before I make it, I shall challenge you to point out error in it or to remain a silent metaphysician. Philosophy is merely the widest science of all. Its reasoning method is the same as that of any particular science and of all particular sciences. And by that

same method of reasoning, the inductive method, philosophy fuses all particular sciences into one great science. As Spencer says, the data of any particular science are partially unified knowledge. Philosophy unifies the knowledge that is contributed by all the sciences. Philosophy is the science of science, the master science, if you please. How do you like my definition?"

"Very creditable, very creditable," Dr. Hammerfield muttered lamely.

But Ernest was merciless.

"Remember," he warned, "my definition is fatal to metaphysics. If you do not now point out a flaw in my definition, you are disqualified later on from advancing metaphysical arguments. You must go through life seeking that flaw and remaining metaphysically silent until you have found it."

Ernest waited. The silence was painful. Dr. Hammerfield was pained. He was also puzzled. Ernest's sledge-hammer attack disconcerted him. He was not used to the simple and direct method of controversy. He looked appealingly around the table, but no one answered for him. I caught father grinning into his napkin.

"There is another way of disqualifying the metaphysicians," Ernest said, when he had rendered Dr. Hammerfield's

discomfiture complete. "Judge them by their works. What have they done for mankind beyond the spinning of airy fancies and the mistaking of their own shadows for gods? They have added to the gayety of mankind, I grant; but what tangible good have they wrought for mankind? They philosophized, if you will pardon my misuse of the word, about the heart as the seat of the emotions, while the scientists were formulating the circulation of the blood. They declaimed about famine and pestilence as being scourges of God, while the scientists were building granaries and draining cities. They builded gods in their own shapes and out of their own desires, while the scientists were building roads and bridges. They were describing the earth as the centre of the universe, while the scientists were discovering America and probing space for the stars and the laws of the stars. In short, the metaphysicians have done nothing, absolutely nothing, for mankind. Step by step, before the advance of science, they have been driven back. As fast as the ascertained facts of science have overthrown their subjective explanations of things, they have made new subjective explanations of things, including explanations of the latest ascertained facts. And this, I doubt not, they will go on doing to the end of time. Gentlemen, a metaphysician is a medicine man. The difference between you and the Eskimo who makes a fur-clad

blubber-eating god is merely a difference of several thousand years of ascertained facts. That is all.”

“Yet the thought of Aristotle ruled Europe for twelve centuries,” Dr. Ballingford announced pompously. “And Aristotle was a metaphysician.”

Dr. Ballingford glanced around the table and was rewarded by nods and smiles of approval.

“Your illustration is most unfortunate,” Ernest replied. “You refer to a very dark period in human history. In fact, we call that period the Dark Ages. A period wherein science was raped by the metaphysicians, wherein physics became a search for the Philosopher’s Stone, wherein chemistry became alchemy, and astronomy became astrology. Sorry the domination of Aristotle’s thought!”

Dr. Ballingford looked pained, then he brightened up and said:

“Granted this horrible picture you have drawn, yet you must confess that metaphysics was inherently potent in so far as it drew humanity out of this dark period and on into the illumination of the succeeding centuries.”

“Metaphysics had nothing to do with it,” Ernest retorted.

“What?” Dr. Hammerfield cried. “It was not the thinking and the speculation that led to the voyages of discovery?”

“Ah, my dear sir,” Ernest smiled, “I thought you were disqualified. You have not yet picked out the flaw in my definition of philosophy. You are now on an unsubstantial basis. But it is the way of the metaphysicians, and I forgive you. No, I repeat, metaphysics had nothing to do with it. Bread and butter, silks and jewels, dollars and cents, and, incidentally, the closing up of the overland trade-routes to India, were the things that caused the voyages of discovery. With the fall of Constantinople, in 1453, the Turks blocked the way of the caravans to India. The traders of Europe had to find another route. Here was the original cause for the voyages of discovery. Columbus sailed to find a new route to the Indies. It is so stated in all the history books. Incidentally, new facts were learned about the nature, size, and form of the earth, and the Ptolemaic system went glimmering.”

Dr. Hammerfield snorted.

“You do not agree with me?” Ernest queried. “Then wherein am I wrong?”

“I can only reaffirm my position,” Dr. Hammerfield retorted tartly. “It is too long a story to enter into now.”

“No story is too long for the scientist,” Ernest said sweetly. “That is why the scientist gets to places. That is why he got to America.”

I shall not describe the whole evening, though it is a joy to me to recall every moment, every detail, of those first hours of my coming to know Ernest Everhard.

Battle royal raged, and the ministers grew red-faced and excited, especially at the moments when Ernest called them romantic philosophers, shadow-projectors, and similar things. And always he checked them back to facts. "The fact, man, the irrefragable fact!" he would proclaim triumphantly, when he had brought one of them a cropper. He bristled with facts. He tripped them up with facts, ambuscaded them with facts, bombarded them with broadsides of facts.

"You seem to worship at the shrine of fact," Dr. Hammerfield taunted him.

"There is no God but Fact, and Mr. Everhard is its prophet," Dr. Ballingford paraphrased.

Ernest smilingly acquiesced.

"I'm like the man from Texas," he said. And, on being solicited, he explained. "You see, the man from Missouri always says, 'You've got to show me.' But the man from Texas says, 'You've got to put it in my hand.' From which it is apparent that he is no metaphysician."

Another time, when Ernest had just said that the metaphysical philosophers could never stand the test of truth, Dr. Hammerfield suddenly demanded:

“What is the test of truth, young man? Will you kindly explain what has so long puzzled wiser heads than yours?”

“Certainly,” Ernest answered. His cocksureness irritated them. “The wise heads have puzzled so sorely over truth because they went up into the air after it. Had they remained on the solid earth, they would have found it easily enough—ay, they would have found that they themselves were precisely testing truth with every practical act and thought of their lives.”

“The test, the test,” Dr. Hammerfield repeated impatiently. “Never mind the preamble. Give us that which we have sought so long—the test of truth. Give it us, and we will be as gods.”

There was an impolite and sneering scepticism in his words and manner that secretly pleased most of them at the table, though it seemed to bother Bishop Morehouse.

“Dr. Jordan<sup>9</sup> has stated it very clearly,” Ernest said. “His test of truth is: ‘Will it work? Will you trust your life to it?’”

---

9 A noted educator of the late nineteenth and early twentieth centuries of the Christian Era. He was president of the Stanford University, a private benefaction of the times.

“Pish!” Dr. Hammerfield sneered. “You have not taken Bishop Berkeley<sup>10</sup> into account. He has never been answered.”

“The noblest metaphysician of them all,” Ernest laughed. “But your example is unfortunate. As Berkeley himself attested, his metaphysics didn’t work.”

Dr. Hammerfield was angry, righteously angry. It was as though he had caught Ernest in a theft or a lie.

“Young man,” he trumpeted, “that statement is on a par with all you have uttered to-night. It is a base and unwarranted assumption.”

“I am quite crushed,” Ernest murmured meekly. “Only I don’t know what hit me. You’ll have to put it in my hand, Doctor.”

“I will, I will,” Dr. Hammerfield spluttered. “How do you know? You do not know that Bishop Berkeley attested that his metaphysics did not work. You have no proof. Young man, they have always worked.”

“I take it as proof that Berkeley’s metaphysics did not work, because—” Ernest paused calmly for a moment. “Because Berkeley made an invariable practice of going

---

10 An idealistic monist who long puzzled the philosophers of that time with his denial of the existence of matter, but whose clever argument was finally demolished when the new empiric facts of science were philosophically generalized.



through doors instead of walls. Because he trusted his life to solid bread and butter and roast beef. Because he shaved himself with a razor that worked when it removed the hair from his face.”

“But those are actual things!” Dr. Hammerfield cried. “Metaphysics is of the mind.”

“And they work—in the mind?” Ernest queried softly. The other nodded.

“And even a multitude of angels can dance on the point of a needle—in the mind,” Ernest went on reflectively. “And a blubber-eating, fur-clad god can exist and work—in the mind; and there are no proofs to the contrary—in the mind. I suppose, Doctor, you live in the mind?”

“My mind to me a kingdom is,” was the answer.

“That’s another way of saying that you live up in the air. But you come back to earth at meal-time, I am sure, or when an earthquake happens along. Or, tell me, Doctor, do you have no apprehension in an earthquake that that incorporeal body of yours will be hit by an immaterial brick?”

Instantly, and quite unconsciously, Dr. Hammerfield’s hand shot up to his head, where a scar disappeared under the hair. It happened that Ernest had blundered on an apposite illustration. Dr. Hammerfield had been nearly killed in the

Great Earthquake<sup>11</sup> by a falling chimney. Everybody broke out into roars of laughter.

“Well?” Ernest asked, when the merriment had subsided. “Proofs to the contrary?”

And in the silence he asked again, “Well?” Then he added, “Still well, but not so well, that argument of yours.”

But Dr. Hammerfield was temporarily crushed, and the battle raged on in new directions. On point after point, Ernest challenged the ministers. When they affirmed that they knew the working class, he told them fundamental truths about the working class that they did not know, and challenged them for disproofs. He gave them facts, always facts, checked their excursions into the air, and brought them back to the solid earth and its facts.

How the scene comes back to me! I can hear him now, with that war-note in his voice, flaying them with his facts, each fact a lash that stung and stung again. And he was merciless. He took no quarter,<sup>12</sup> and gave none. I can never forget the flaying he gave them at the end:

---

11 The Great Earthquake of 1906 A.D. that destroyed San Francisco.

12 This figure arises from the customs of the times. When, among men fighting to the death in their wild-animal way, a beaten man threw down his weapons, it was at the option of the victor to slay him or spare him.

“You have repeatedly confessed to-night, by direct avowal or ignorant statement, that you do not know the working class. But you are not to be blamed for this. How can you know anything about the working class? You do not live in the same locality with the working class. You herd with the capitalist class in another locality. And why not? It is the capitalist class that pays you, that feeds you, that puts the very clothes on your backs that you are wearing to-night. And in return you preach to your employers the brands of metaphysics that are especially acceptable to them; and the especially acceptable brands are acceptable because they do not menace the established order of society.”

Here there was a stir of dissent around the table.

“Oh, I am not challenging your sincerity,” Ernest continued. “You are sincere. You preach what you believe. There lies your strength and your value—to the capitalist class. But should you change your belief to something that menaces the established order, your preaching would be unacceptable to your employers, and you would be discharged. Every little while some one or another of you is so discharged.<sup>13</sup> Am I not right?”

---

13 During this period there were many ministers cast out of the church for preaching unacceptable doctrine. Especially were they cast out when their preaching became tainted with socialism.

This time there was no dissent. They sat dumbly acquiescent, with the exception of Dr. Hammerfield, who said:

“It is when their thinking is wrong that they are asked to resign.”

“Which is another way of saying when their thinking is unacceptable,” Ernest answered, and then went on. “So I say to you, go ahead and preach and earn your pay, but for goodness’ sake leave the working class alone. You belong in the enemy’s camp. You have nothing in common with the working class. Your hands are soft with the work others have performed for you. Your stomachs are round with the plentitude of eating.” (Here Dr. Ballingford winced, and every eye glanced at his prodigious girth. It was said he had not seen his own feet in years.) “And your minds are filled with doctrines that are buttresses of the established order. You are as much mercenaries (sincere mercenaries, I grant) as were the men of the Swiss Guard.<sup>14</sup> Be true to your salt and your hire; guard, with your preaching, the interests of your employers; but do not come down to the working class and serve as false leaders. You cannot honestly be in the two camps at once. The working class has done without you.

---

14 The hired foreign palace guards of Louis XVI, a king of France that was beheaded by his people.

Believe me, the working class will continue to do without you. And, furthermore, the working class can do better without you than with you.”



## CHAPTER II. CHALLENGES

**A**fter the guests had gone, father threw himself into a chair and gave vent to roars of Gargantuan laughter. Not since the death of my mother had I known him to laugh so heartily.

“I’ll wager Dr. Hammerfield was never up against anything like it in his life,” he laughed. “‘The courtesies of ecclesiastical controversy!’ Did you notice how he began like a lamb—Everhard, I mean, and how quickly he became a roaring lion? He has a splendidly disciplined mind. He would have made a good scientist if his energies had been directed that way.”

I need scarcely say that I was deeply interested in Ernest Everhard. It was not alone what he had said and how he had said it, but it was the man himself. I had never met a man like him. I suppose that was why, in spite of my twenty-four years, I had not married. I liked him; I had to confess it to myself. And my like for him was founded on things beyond

intellect and argument. Regardless of his bulging muscles and prize-fighter's throat, he impressed me as an ingenuous boy. I felt that under the guise of an intellectual swashbuckler was a delicate and sensitive spirit. I sensed this, in ways I knew not, save that they were my woman's intuitions.

There was something in that clarion-call of his that went to my heart. It still rang in my ears, and I felt that I should like to hear it again—and to see again that glint of laughter in his eyes that belied the impassioned seriousness of his face. And there were further reaches of vague and indeterminate feelings that stirred in me. I almost loved him then, though I am confident, had I never seen him again, that the vague feelings would have passed away and that I should easily have forgotten him.

But I was not destined never to see him again. My father's new-born interest in sociology and the dinner parties he gave would not permit. Father was not a sociologist. His marriage with my mother had been very happy, and in the researches of his own science, physics, he had been very happy. But when mother died, his own work could not fill the emptiness. At first, in a mild way, he had dabbled in philosophy; then, becoming interested, he had drifted on into economics and sociology. He had a strong sense of justice, and he soon became fired with a passion to redress wrong. It



was with gratitude that I hailed these signs of a new interest in life, though I little dreamed what the outcome would be. With the enthusiasm of a boy he plunged excitedly into these new pursuits, regardless of whither they led him.

He had been used always to the laboratory, and so it was that he turned the dining room into a sociological laboratory. Here came to dinner all sorts and conditions of men,—scientists, politicians, bankers, merchants, professors, labor leaders, socialists, and anarchists. He stirred them to discussion, and analyzed their thoughts of life and society.

He had met Ernest shortly prior to the “preacher’s night.” And after the guests were gone, I learned how he had met him, passing down a street at night and stopping to listen to a man on a soap-box who was addressing a crowd of workingmen. The man on the box was Ernest. Not that he was a mere soap-box orator. He stood high in the councils of the socialist party, was one of the leaders, and was the acknowledged leader in the philosophy of socialism. But he had a certain clear way of stating the abstruse in simple language, was a born expositor and teacher, and was not above the soap-box as a means of interpreting economics to the workingmen.

My father stopped to listen, became interested, effected a meeting, and, after quite an acquaintance, invited him to

the ministers' dinner. It was after the dinner that father told me what little he knew about him. He had been born in the working class, though he was a descendant of the old line of Everhards that for over two hundred years had lived in America.<sup>15</sup> At ten years of age he had gone to work in the mills, and later he served his apprenticeship and became a horseshoer. He was self-educated, had taught himself German and French, and at that time was earning a meagre living by translating scientific and philosophical works for a struggling socialist publishing house in Chicago. Also, his earnings were added to by the royalties from the small sales of his own economic and philosophic works.

This much I learned of him before I went to bed, and I lay long awake, listening in memory to the sound of his voice. I grew frightened at my thoughts. He was so unlike the men of my own class, so alien and so strong. His masterfulness delighted me and terrified me, for my fancies wantonly roved until I found myself considering him as a lover, as a husband. I had always heard that the strength of men was an irresistible attraction to women; but he was too strong. "No! no!" I cried out. "It is impossible, absurd!" And

---

15 The distinction between being native born and foreign born was sharp and invidious in those days.

on the morrow I awoke to find in myself a longing to see him again. I wanted to see him mastering men in discussion, the war-note in his voice; to see him, in all his certitude and strength, shattering their complacency, shaking them out of their ruts of thinking. What if he did swashbuckle? To use his own phrase, "it worked," it produced effects. And, besides, his swashbuckling was a fine thing to see. It stirred one like the onset of battle.

Several days passed during which I read Ernest's books, borrowed from my father. His written word was as his spoken word, clear and convincing. It was its absolute simplicity that convinced even while one continued to doubt. He had the gift of lucidity. He was the perfect expositor. Yet, in spite of his style, there was much that I did not like. He laid too great stress on what he called the class struggle, the antagonism between labor and capital, the conflict of interest.

Father reported with glee Dr. Hammerfield's judgment of Ernest, which was to the effect that he was "an insolent young puppy, made bumptious by a little and very inadequate learning." Also, Dr. Hammerfield declined to meet Ernest again.

But Bishop Morehouse turned out to have become interested in Ernest, and was anxious for another meeting. "A strong young man," he said; "and very much alive, very much alive. But he is too sure, too sure."

Ernest came one afternoon with father. The Bishop had already arrived, and we were having tea on the veranda. Ernest's continued presence in Berkeley, by the way, was accounted for by the fact that he was taking special courses in biology at the university, and also that he was hard at work on a new book entitled "Philosophy and Revolution."<sup>16</sup>

The veranda seemed suddenly to have become small when Ernest arrived. Not that he was so very large—he stood only five feet nine inches; but that he seemed to radiate an atmosphere of largeness. As he stopped to meet me, he betrayed a certain slight awkwardness that was strangely at variance with his bold-looking eyes and his firm, sure hand that clasped for a moment in greeting. And in that moment his eyes were just as steady and sure. There seemed a question in them this time, and as before he looked at me over long.

"I have been reading your 'Working-class Philosophy,'" I said, and his eyes lighted in a pleased way.

"Of course," he answered, "you took into consideration the audience to which it was addressed."

"I did, and it is because I did that I have a quarrel with you," I challenged.

---

16 This book continued to be secretly printed throughout the three centuries of the Iron Heel. There are several copies of various editions in the National Library of Ardis.

“I, too, have a quarrel with you, Mr. Everhard,” Bishop Morehouse said.

Ernest shrugged his shoulders whimsically and accepted a cup of tea.

The Bishop bowed and gave me precedence.

“You foment class hatred,” I said. “I consider it wrong and criminal to appeal to all that is narrow and brutal in the working class. Class hatred is anti-social, and, it seems to me, anti-socialistic.”

“Not guilty,” he answered. “Class hatred is neither in the text nor in the spirit of anything I have ever written.”

“Oh!” I cried reproachfully, and reached for his book and opened it.

He sipped his tea and smiled at me while I ran over the pages.

“Page one hundred and thirty-two,” I read aloud: “The class struggle, therefore, presents itself in the present stage of social development between the wage-paying and the wage-paid classes.”

I looked at him triumphantly.

“No mention there of class hatred,” he smiled back.

“But,” I answered, “you say ‘class struggle.’”

“A different thing from class hatred,” he replied. “And, believe me, we foment no hatred. We say that the class struggle

is a law of social development. We are not responsible for it. We do not make the class struggle. We merely explain it, as Newton explained gravitation. We explain the nature of the conflict of interest that produces the class struggle.”

“But there should be no conflict of interest!” I cried.

“I agree with you heartily,” he answered. “That is what we socialists are trying to bring about,—the abolition of the conflict of interest. Pardon me. Let me read an extract.” He took his book and turned back several pages. “Page one hundred and twenty-six: ‘The cycle of class struggles which began with the dissolution of rude, tribal communism and the rise of private property will end with the passing of private property in the means of social existence.’”

“But I disagree with you,” the Bishop interposed, his pale, ascetic face betraying by a faint glow the intensity of his feelings. “Your premise is wrong. There is no such thing as a conflict of interest between labor and capital—or, rather, there ought not to be.”

“Thank you,” Ernest said gravely. “By that last statement you have given me back my premise.”

“But why should there be a conflict?” the Bishop demanded warmly.

Ernest shrugged his shoulders. “Because we are so made, I guess.”

“But we are not so made!” cried the other.

“Are you discussing the ideal man?” Ernest asked, “—unselfish and godlike, and so few in numbers as to be practically non-existent, or are you discussing the common and ordinary average man?”

“The common and ordinary man,” was the answer.

“Who is weak and fallible, prone to error?”

Bishop Morehouse nodded.

“And petty and selfish?”

Again he nodded.

“Watch out!” Ernest warned. “I said ‘selfish.’”

“The average man IS selfish,” the Bishop affirmed valiantly.

“Wants all he can get?”

“Wants all he can get—true but deplorable.”

“Then I’ve got you.” Ernest’s jaw snapped like a trap. “Let me show you. Here is a man who works on the street railways.”

“He couldn’t work if it weren’t for capital,” the Bishop interrupted.

“True, and you will grant that capital would perish if there were no labor to earn the dividends.”

The Bishop was silent.

“Won’t you?” Ernest insisted.

The Bishop nodded.

“Then our statements cancel each other,” Ernest said in a matter-of-fact tone, “and we are where we were. Now to begin again. The workingmen on the street railway furnish the labor. The stockholders furnish the capital. By the joint effort of the workingmen and the capital, money is earned.<sup>17</sup> They divide between them this money that is earned. Capital’s share is called ‘dividends.’ Labor’s share is called ‘wages.’”

“Very good,” the Bishop interposed. “And there is no reason that the division should not be amicable.”

“You have already forgotten what we had agreed upon,” Ernest replied. “We agreed that the average man is selfish. He is the man that is. You have gone up in the air and are arranging a division between the kind of men that ought to be but are not. But to return to the earth, the workingman, being selfish, wants all he can get in the division. The capitalist, being selfish, wants all he can get in the division. When there is only so much of the same thing, and when two men want all they can get of the same thing, there is a conflict of interest between labor and capital. And it is an irreconcilable conflict. As long as workingmen and capitalists

---

17 In those days, groups of predatory individuals controlled all the means of transportation, and for the use of same levied toll upon the public.



exist, they will continue to quarrel over the division. If you were in San Francisco this afternoon, you'd have to walk. There isn't a street car running."

"Another strike?"<sup>18</sup> the Bishop queried with alarm.

"Yes, they're quarrelling over the division of the earnings of the street railways."

Bishop Morehouse became excited.

"It is wrong!" he cried. "It is so short-sighted on the part of the workingmen. How can they hope to keep our sympathy—"

"When we are compelled to walk," Ernest said slyly.

But Bishop Morehouse ignored him and went on:

"Their outlook is too narrow. Men should be men, not brutes. There will be violence and murder now, and sorrowing widows and orphans. Capital and labor should be friends. They should work hand in hand and to their mutual benefit."

---

18 These quarrels were very common in those irrational and anarchic times. Sometimes the laborers refused to work. Sometimes the capitalists refused to let the laborers work. In the violence and turbulence of such disagreements much property was destroyed and many lives lost. All this is inconceivable to us—as inconceivable as another custom of that time, namely, the habit the men of the lower classes had of breaking the furniture when they quarrelled with their wives.

“Ah, now you are up in the air again,” Ernest remarked dryly. “Come back to earth. Remember, we agreed that the average man is selfish.”

“But he ought not to be!” the Bishop cried.

“And there I agree with you,” was Ernest’s rejoinder. “He ought not to be selfish, but he will continue to be selfish as long as he lives in a social system that is based on pig-ethics.”

The Bishop was aghast, and my father chuckled.

“Yes, pig-ethics,” Ernest went on remorselessly. “That is the meaning of the capitalist system. And that is what your church is standing for, what you are preaching for every time you get up in the pulpit. Pig-ethics! There is no other name for it.”

Bishop Morehouse turned appealingly to my father, but he laughed and nodded his head.

“I’m afraid Mr. Everhard is right,” he said. “*Laissez-faire*, the let-alone policy of each for himself and devil take the hindmost. As Mr. Everhard said the other night, the function you churchmen perform is to maintain the established order of society, and society is established on that foundation.”

“But that is not the teaching of Christ!” cried the Bishop.

“The Church is not teaching Christ these days,” Ernest put in quickly. “That is why the workingmen will have nothing to do with the Church. The Church condones the

frightful brutality and savagery with which the capitalist class treats the working class.”

“The Church does not condone it,” the Bishop objected.

“The Church does not protest against it,” Ernest replied. “And in so far as the Church does not protest, it condones, for remember the Church is supported by the capitalist class.”

“I had not looked at it in that light,” the Bishop said naively. “You must be wrong. I know that there is much that is sad and wicked in this world. I know that the Church has lost the—what you call the proletariat.”<sup>19</sup>

“You never had the proletariat,” Ernest cried. “The proletariat has grown up outside the Church and without the Church.”

“I do not follow you,” the Bishop said faintly.

“Then let me explain. With the introduction of machinery and the factory system in the latter part of the eighteenth century, the great mass of the working people was separated from the land. The old system of labor was broken down. The working people were driven from their villages and

---

19 Proletariat: Derived originally from the Latin *proletarii*, the name given in the census of Servius Tullius to those who were of value to the state only as the rearers of offspring (*proles*); in other words, they were of no importance either for wealth, or position, or exceptional ability.

herded in factory towns. The mothers and children were put to work at the new machines. Family life ceased. The conditions were frightful. It is a tale of blood.”

“I know, I know,” Bishop Morehouse interrupted with an agonized expression on his face. “It was terrible. But it occurred a century and a half ago.”

“And there, a century and a half ago, originated the modern proletariat,” Ernest continued. “And the Church ignored it. While a slaughter-house was made of the nation by the capitalist, the Church was dumb. It did not protest, as to-day it does not protest. As Austin Lewis<sup>20</sup> says, speaking of that time, those to whom the command ‘Feed my lambs’ had been given, saw those lambs sold into slavery and worked to death without a protest.<sup>21</sup> The Church was dumb, then, and before I go on I want you either flatly to agree with me or flatly to disagree with me. Was the Church dumb then?”

---

20 Candidate for Governor of California on the Socialist ticket in the fall election of 1906 Christian Era. An Englishman by birth, a writer of many books on political economy and philosophy, and one of the Socialist leaders of the times.

21 There is no more horrible page in history than the treatment of the child and women slaves in the English factories in the latter half of the eighteenth century of the Christian Era. In such industrial hells arose some of the proudest fortunes of that day.

Bishop Morehouse hesitated. Like Dr. Hammerfield, he was unused to this fierce “infighting,” as Ernest called it.

“The history of the eighteenth century is written,” Ernest prompted. “If the Church was not dumb, it will be found not dumb in the books.”

“I am afraid the Church was dumb,” the Bishop confessed.

“And the Church is dumb to-day.”

“There I disagree,” said the Bishop.

Ernest paused, looked at him searchingly, and accepted the challenge.

“All right,” he said. “Let us see. In Chicago there are women who toil all the week for ninety cents. Has the Church protested?”

“This is news to me,” was the answer. “Ninety cents per week! It is horrible!”

“Has the Church protested?” Ernest insisted.

“The Church does not know.” The Bishop was struggling hard.

“Yet the command to the Church was, ‘Feed my lambs,’” Ernest sneered. And then, the next moment, “Pardon my sneer, Bishop. But can you wonder that we lose patience with you? When have you protested to your capitalistic

congregations at the working of children in the Southern cotton mills?<sup>22</sup> Children, six and seven years of age, working

---

22 Everhard might have drawn a better illustration from the Southern Church's outspoken defence of chattel slavery prior to what is known as the "War of the Rebellion." Several such illustrations, culled from the documents of the times, are here appended. In 1835 A.D., the General Assembly of the Presbyterian Church resolved that: "slavery is recognized in both the Old and the New Testaments, and is not condemned by the authority of God." The Charleston Baptist Association issued the following, in an address, in 1835 A.D.: "The right of masters to dispose of the time of their slaves has been distinctly recognized by the Creator of all things, who is surely at liberty to vest the right of property over any object whomsoever He pleases." The Rev. E. D. Simon, Doctor of Divinity and professor in the Randolph-Macon Methodist College of Virginia, wrote: "Extracts from Holy Writ unequivocally assert the right of property in slaves, together with the usual incidents to that right. The right to buy and sell is clearly stated. Upon the whole, then, whether we consult the Jewish policy instituted by God himself, or the uniform opinion and practice of mankind in all ages, or the injunctions of the New Testament and the moral law, we are brought to the conclusion that slavery is not immoral. Having established the point that the first African slaves were legally brought into bondage, the right to detain their children in bondage follows as an indispensable consequence. Thus we see that the slavery that exists in America was founded in right."

It is not at all remarkable that this same note should have been struck by the Church a generation or so later in relation to the defence of capitalistic property. In the great museum at Asgard there is a book entitled "Essays in Application," written by Henry van Dyke. The book was published in 1905 of the Christian Era. From what we can make out, Van Dyke must have been a churchman. The book is a good example of what Everhard would

every night at twelve-hour shifts? They never see the blessed sunshine. They die like flies. The dividends are paid out of their blood. And out of the dividends magnificent churches are builded in New England, wherein your kind preaches pleasant platitudes to the sleek, full-bellied recipients of those dividends.”

“I did not know,” the Bishop murmured faintly. His face was pale, and he seemed suffering from nausea.

“Then you have not protested?”

The Bishop shook his head.

“Then the Church is dumb to-day, as it was in the eighteenth century?”

The Bishop was silent, and for once Ernest forbore to press the point.

“And do not forget, whenever a churchman does protest, that he is discharged.”

“I hardly think that is fair,” was the objection.

“Will you protest?” Ernest demanded.

---

have called bourgeois thinking. Note the similarity between the utterance of the Charleston Baptist Association quoted above, and the following utterance of Van Dyke seventy years later: “The Bible teaches that God owns the world. He distributes to every man according to His own good pleasure, conformably to general laws.”

“Show me evils, such as you mention, in our own community, and I will protest.”

“I’ll show you,” Ernest said quietly. “I am at your disposal. I will take you on a journey through hell.”

“And I shall protest.” The Bishop straightened himself in his chair, and over his gentle face spread the harshness of the warrior. “The Church shall not be dumb!”

“You will be discharged,” was the warning.

“I shall prove the contrary,” was the retort. “I shall prove, if what you say is so, that the Church has erred through ignorance. And, furthermore, I hold that whatever is horrible in industrial society is due to the ignorance of the capitalist class. It will mend all that is wrong as soon as it receives the message. And this message it shall be the duty of the Church to deliver.”

Ernest laughed. He laughed brutally, and I was driven to the Bishop’s defence.

“Remember,” I said, “you see but one side of the shield. There is much good in us, though you give us credit for no good at all. Bishop Morehouse is right. The industrial wrong, terrible as you say it is, is due to ignorance. The divisions of society have become too widely separated.”

“The wild Indian is not so brutal and savage as the capitalist class,” he answered; and in that moment I hated him.



“You do not know us,” I answered. “We are not brutal and savage.”

“Prove it,” he challenged.

“How can I prove it . . . to you?” I was growing angry.

He shook his head. “I do not ask you to prove it to me. I ask you to prove it to yourself.”

“I know,” I said.

“You know nothing,” was his rude reply.

“There, there, children,” father said soothingly.

“I don’t care—” I began indignantly, but Ernest interrupted.

“I understand you have money, or your father has, which is the same thing—money invested in the Sierra Mills.”

“What has that to do with it?” I cried.

“Nothing much,” he began slowly, “except that the gown you wear is stained with blood. The food you eat is a bloody stew. The blood of little children and of strong men is dripping from your very roof-beams. I can close my eyes, now, and hear it drip, drop, drip, drop, all about me.”

And suiting the action to the words, he closed his eyes and leaned back in his chair. I burst into tears of mortification and hurt vanity. I had never been so brutally treated in my life. Both the Bishop and my father were embarrassed and perturbed. They tried to lead the conversation away into

easier channels; but Ernest opened his eyes, looked at me, and waved them aside. His mouth was stern, and his eyes too; and in the latter there was no glint of laughter. What he was about to say, what terrible castigation he was going to give me, I never knew; for at that moment a man, passing along the sidewalk, stopped and glanced in at us. He was a large man, poorly dressed, and on his back was a great load of rattan and bamboo stands, chairs, and screens. He looked at the house as if debating whether or not he should come in and try to sell some of his wares.

“That man’s name is Jackson,” Ernest said.

“With that strong body of his he should be at work, and not peddling,”<sup>23</sup> I answered curtly.

“Notice the sleeve of his left arm,” Ernest said gently.

I looked, and saw that the sleeve was empty.

“It was some of the blood from that arm that I heard dripping from your roof-beams,” Ernest said with continued gentleness. “He lost his arm in the Sierra Mills, and like a broken-down horse you turned him out on the highway to

---

23 In that day there were many thousands of these poor merchants called peddlers. They carried their whole stock in trade from door to door. It was a most wasteful expenditure of energy. Distribution was as confused and irrational as the whole general system of society.

die. When I say 'you,' I mean the superintendent and the officials that you and the other stockholders pay to manage the mills for you. It was an accident. It was caused by his trying to save the company a few dollars. The toothed drum of the picker caught his arm. He might have let the small flint that he saw in the teeth go through. It would have smashed out a double row of spikes. But he reached for the flint, and his arm was picked and clawed to shreds from the finger tips to the shoulder. It was at night. The mills were working overtime. They paid a fat dividend that quarter. Jackson had been working many hours, and his muscles had lost their resiliency and snap. They made his movements a bit slow. That was why the machine caught him. He had a wife and three children."

"And what did the company do for him?" I asked.

"Nothing. Oh, yes, they did do something. They successfully fought the damage suit he brought when he came out of hospital. The company employs very efficient lawyers, you know."

"You have not told the whole story," I said with conviction. "Or else you do not know the whole story. Maybe the man was insolent."

"Insolent! Ha! ha!" His laughter was Mephistophelian. "Great God! Insolent! And with his arm chewed off!

Nevertheless he was a meek and lowly servant, and there is no record of his having been insolent.”

“But the courts,” I urged. “The case would not have been decided against him had there been no more to the affair than you have mentioned.”

“Colonel Ingram is leading counsel for the company. He is a shrewd lawyer.” Ernest looked at me intently for a moment, then went on. “I’ll tell you what you do, Miss Cunningham. You investigate Jackson’s case.”

“I had already determined to,” I said coldly.

“All right,” he beamed good-naturedly, “and I’ll tell you where to find him. But I tremble for you when I think of all you are to prove by Jackson’s arm.”

And so it came about that both the Bishop and I accepted Ernest’s challenges. They went away together, leaving me smarting with a sense of injustice that had been done me and my class. The man was a beast. I hated him, then, and consoled myself with the thought that his behavior was what was to be expected from a man of the working class.

## CHAPTER III. JACKSON'S ARM

**L**ittle did I dream the fateful part Jackson's arm was to play in my life. Jackson himself did not impress me when I hunted him out. I found him in a crazy, ramshackle<sup>24</sup> house down near the bay on the edge of the marsh. Pools of stagnant water stood around the house, their surfaces covered with a green and putrid-looking scum, while the stench that arose from them was intolerable.

I found Jackson the meek and lowly man he had been described. He was making some sort of rattan-work, and he toiled on stolidly while I talked with him. But in spite of his meekness and lowliness, I fancied I caught the first note of a nascent bitterness in him when he said:

---

24 An adjective descriptive of ruined and dilapidated houses in which great numbers of the working people found shelter in those days. They invariably paid rent, and, considering the value of such houses, enormous rent, to the landlords.

“They might a-given me a job as watchman,<sup>25</sup> anyway.”

I got little out of him. He struck me as stupid, and yet the deftness with which he worked with his one hand seemed to belie his stupidity. This suggested an idea to me.

“How did you happen to get your arm caught in the machine?” I asked.

He looked at me in a slow and pondering way, and shook his head. “I don’t know. It just happened.”

“Carelessness?” I prompted.

“No,” he answered, “I ain’t for callin’ it that. I was workin’ overtime, an’ I guess I was tired out some. I worked seventeen years in them mills, an’ I’ve took notice that most of the accidents happens just before whistle-blow.<sup>26</sup> I’m wil-  
lin’ to bet that more accidents happens in the hour before whistle-blow than in all the rest of the day. A man ain’t so

---

25 In those days thievery was incredibly prevalent. Everybody stole property from everybody else. The lords of society stole legally or else legalized their stealing, while the poorer classes stole illegally. Nothing was safe unless guarded. Enormous numbers of men were employed as watchmen to protect property. The houses of the well-to-do were a combination of safe deposit vault and fortress. The appropriation of the personal belongings of others by our own children of to-day is looked upon as a rudimentary survival of the theft-characteristic that in those early times was universal.

26 The laborers were called to work and dismissed by savage, screaming, nerve-racking steam-whistles.

quick after workin' steady for hours. I've seen too many of 'em cut up an' gouged an' chewed not to know."

"Many of them?" I queried.

"Hundreds an' hundreds, an' children, too."

With the exception of the terrible details, Jackson's story of his accident was the same as that I had already heard. When I asked him if he had broken some rule of working the machinery, he shook his head.

"I chucked off the belt with my right hand," he said, "an' made a reach for the flint with my left. I didn't stop to see if the belt was off. I thought my right hand had done it—only it didn't. I reached quick, and the belt wasn't all the way off. And then my arm was chewed off."

"It must have been painful," I said sympathetically.

"The crunchin' of the bones wasn't nice," was his answer.

His mind was rather hazy concerning the damage suit. Only one thing was clear to him, and that was that he had not got any damages. He had a feeling that the testimony of the foremen and the superintendent had brought about the adverse decision of the court. Their testimony, as he put it, "wasn't what it ought to have ben." And to them I resolved to go.

One thing was plain, Jackson's situation was wretched. His wife was in ill health, and he was unable to earn, by his

rattan-work and peddling, sufficient food for the family. He was back in his rent, and the oldest boy, a lad of eleven, had started to work in the mills.

“They might a-given me that watchman’s job,” were his last words as I went away.

By the time I had seen the lawyer who had handled Jackson’s case, and the two foremen and the superintendent at the mills who had testified, I began to feel that there was something after all in Ernest’s contention.

He was a weak and inefficient-looking man, the lawyer, and at sight of him I did not wonder that Jackson’s case had been lost. My first thought was that it had served Jackson right for getting such a lawyer. But the next moment two of Ernest’s statements came flashing into my consciousness: “The company employs very efficient lawyers” and “Colonel Ingram is a shrewd lawyer.” I did some rapid thinking. It dawned upon me that of course the company could afford finer legal talent than could a workingman like Jackson. But this was merely a minor detail. There was some very good reason, I was sure, why Jackson’s case had gone against him.

“Why did you lose the case?” I asked.

The lawyer was perplexed and worried for a moment, and I found it in my heart to pity the wretched little creature. Then he began to whine. I do believe his whine was



congenital. He was a man beaten at birth. He whined about the testimony. The witnesses had given only the evidence that helped the other side. Not one word could he get out of them that would have helped Jackson. They knew which side their bread was buttered on. Jackson was a fool. He had been brow-beaten and confused by Colonel Ingram. Colonel Ingram was brilliant at cross-examination. He had made Jackson answer damaging questions.

“How could his answers be damaging if he had the right on his side?” I demanded.

“What’s right got to do with it?” he demanded back. “You see all those books.” He moved his hand over the array of volumes on the walls of his tiny office. “All my reading and studying of them has taught me that law is one thing and right is another thing. Ask any lawyer. You go to Sunday-school to learn what is right. But you go to those books to learn . . . law.”

“Do you mean to tell me that Jackson had the right on his side and yet was beaten?” I queried tentatively. “Do you mean to tell me that there is no justice in Judge Caldwell’s court?”

The little lawyer glared at me a moment, and then the belligerence faded out of his face.

“I hadn’t a fair chance,” he began whining again. “They made a fool out of Jackson and out of me, too. What chance had I? Colonel Ingram is a great lawyer. If he wasn’t great,

would he have charge of the law business of the Sierra Mills, of the Erston Land Syndicate, of the Berkeley Consolidated, of the Oakland, San Leandro, and Pleasanton Electric? He's a corporation lawyer, and corporation lawyers are not paid for being fools.<sup>27</sup> What do you think the Sierra Mills alone give him twenty thousand dollars a year for? Because he's worth twenty thousand dollars a year to them, that's what for. I'm not worth that much. If I was, I wouldn't be on the outside, starving and taking cases like Jackson's. What do you think I'd have got if I'd won Jackson's case?"

"You'd have robbed him, most probably," I answered.

"Of course I would," he cried angrily. "I've got to live, haven't I?"<sup>28</sup>

---

27 The function of the corporation lawyer was to serve, by corrupt methods, the money-grabbing propensities of the corporations. It is on record that Theodore Roosevelt, at that time President of the United States, said in 1905 A.D., in his address at Harvard Commencement: "We all know that, as things actually are, many of the most influential and most highly remunerated members of the Bar in every centre of wealth, make it their special task to work out bold and ingenious schemes by which their wealthy clients, individual or corporate, can evade the laws which were made to regulate, in the interests of the public, the uses of great wealth."

28 A typical illustration of the internecine strife that permeated all society. Men preyed upon one another like ravening wolves. The big wolves ate the little wolves, and in the social pack Jackson was one of the least of the little wolves.

“He has a wife and children,” I chided.

“So have I a wife and children,” he retorted. “And there’s not a soul in this world except myself that cares whether they starve or not.”

His face suddenly softened, and he opened his watch and showed me a small photograph of a woman and two little girls pasted inside the case.

“There they are. Look at them. We’ve had a hard time, a hard time. I had hoped to send them away to the country if I’d won Jackson’s case. They’re not healthy here, but I can’t afford to send them away.”

When I started to leave, he dropped back into his whine.

“I hadn’t the ghost of a chance. Colonel Ingram and Judge Caldwell are pretty friendly. I’m not saying that if I’d got the right kind of testimony out of their witnesses on cross-examination, that friendship would have decided the case. And yet I must say that Judge Caldwell did a whole lot to prevent my getting that very testimony. Why, Judge Caldwell and Colonel Ingram belong to the same lodge and the same club. They live in the same neighborhood—one I can’t afford. And their wives are always in and out of each other’s houses. They’re always having whist parties and such things back and forth.”

“And yet you think Jackson had the right of it?” I asked, pausing for the moment on the threshold.

“I don’t think; I know it,” was his answer. “And at first I thought he had some show, too. But I didn’t tell my wife. I didn’t want to disappoint her. She had her heart set on a trip to the country hard enough as it was.”

“Why did you not call attention to the fact that Jackson was trying to save the machinery from being injured?” I asked Peter Donnelly, one of the foremen who had testified at the trial.

He pondered a long time before replying. Then he cast an anxious look about him and said:

“Because I’ve a good wife an’ three of the sweetest children ye ever laid eyes on, that’s why.”

“I do not understand,” I said.

“In other words, because it wouldn’t a-ben healthy,” he answered.

“You mean—” I began.

But he interrupted passionately.

“I mean what I said. It’s long years I’ve worked in the mills. I began as a little lad on the spindles. I worked up ever since. It’s by hard work I got to my present exalted position. I’m a foreman, if you please. An’ I doubt me if there’s a man in the mills that’d put out a hand to drag me from drownin’.

I used to belong to the union. But I've stayed by the company through two strikes. They called me 'scab.' There's not a man among 'em to-day to take a drink with me if I asked him. D'ye see the scars on me head where I was struck with flying bricks? There ain't a child at the spindles but what would curse me name. Me only friend is the company. It's not me duty, but me bread an' butter an' the life of me children to stand by the mills. That's why."

"Was Jackson to blame?" I asked.

"He should a-got the damages. He was a good worker an' never made trouble."

"Then you were not at liberty to tell the whole truth, as you had sworn to do?"

He shook his head.

"The truth, the whole truth, and nothing but the truth?"

I said solemnly.

Again his face became impassioned, and he lifted it, not to me, but to heaven.

"I'd let me soul an' body burn in everlastin' hell for them children of mine," was his answer.

Henry Dallas, the superintendent, was a vulpine-faced creature who regarded me insolently and refused to talk. Not a word could I get from him concerning the trial and his testimony. But with the other foreman I had better luck.

James Smith was a hard-faced man, and my heart sank as I encountered him. He, too, gave me the impression that he was not a free agent, and as we talked I began to see that he was mentally superior to the average of his kind. He agreed with Peter Donnelly that Jackson should have got damages, and he went farther and called the action heartless and cold-blooded that had turned the worker adrift after he had been made helpless by the accident. Also, he explained that there were many accidents in the mills, and that the company's policy was to fight to the bitter end all consequent damage suits.

"It means hundreds of thousands a year to the stockholders," he said; and as he spoke I remembered the last dividend that had been paid my father, and the pretty gown for me and the books for him that had been bought out of that dividend. I remembered Ernest's charge that my gown was stained with blood, and my flesh began to crawl underneath my garments.

"When you testified at the trial, you didn't point out that Jackson received his accident through trying to save the machinery from damage?" I said.

"No, I did not," was the answer, and his mouth set bitterly. "I testified to the effect that Jackson injured himself by neglect and carelessness, and that the company was not in any way to blame or liable."

“Was it carelessness?” I asked.

“Call it that, or anything you want to call it. The fact is, a man gets tired after he’s been working for hours.”

I was becoming interested in the man. He certainly was of a superior kind.

“You are better educated than most workingmen,” I said.

“I went through high school,” he replied. “I worked my way through doing janitor-work. I wanted to go through the university. But my father died, and I came to work in the mills.

“I wanted to become a naturalist,” he explained shyly, as though confessing a weakness. “I love animals. But I came to work in the mills. When I was promoted to foreman I got married, then the family came, and . . . well, I wasn’t my own boss any more.”

“What do you mean by that?” I asked.

“I was explaining why I testified at the trial the way I did—why I followed instructions.”

“Whose instructions?”

“Colonel Ingram. He outlined the evidence I was to give.”

“And it lost Jackson’s case for him.”

He nodded, and the blood began to rise darkly in his face.

“And Jackson had a wife and two children dependent on him.”

“I know,” he said quietly, though his face was growing darker.

“Tell me,” I went on, “was it easy to make yourself over from what you were, say in high school, to the man you must have become to do such a thing at the trial?”

The suddenness of his outburst startled and frightened me. He ripped<sup>29</sup> out a savage oath, and clenched his fist as though about to strike me.

“I beg your pardon,” he said the next moment. “No, it was not easy. And now I guess you can go away. You’ve got all you wanted out of me. But let me tell you this before you go. It won’t do you any good to repeat anything I’ve said. I’ll deny it, and there are no witnesses. I’ll deny every word of it; and if I have to, I’ll do it under oath on the witness stand.”

After my interview with Smith I went to my father’s office in the Chemistry Building and there encountered Ernest. It was quite unexpected, but he met me with his bold eyes and firm hand-clasp, and with that curious blend of

---

29 It is interesting to note the virilities of language that were common speech in that day, as indicative of the life, ‘red of claw and fang,’ that was then lived. Reference is here made, of course, not to the oath of Smith, but to the verb ripped used by Avis Everhard.



his awkwardness and ease. It was as though our last stormy meeting was forgotten; but I was not in the mood to have it forgotten.

“I have been looking up Jackson’s case,” I said abruptly.

He was all interested attention, and waited for me to go on, though I could see in his eyes the certitude that my convictions had been shaken.

“He seems to have been badly treated,” I confessed. “I—I—think some of his blood is dripping from our roof-beams.”

“Of course,” he answered. “If Jackson and all his fellows were treated mercifully, the dividends would not be so large.”

“I shall never be able to take pleasure in pretty gowns again,” I added.

I felt humble and contrite, and was aware of a sweet feeling that Ernest was a sort of father confessor. Then, as ever after, his strength appealed to me. It seemed to radiate a promise of peace and protection.

“Nor will you be able to take pleasure in sackcloth,” he said gravely. “There are the jute mills, you know, and the same thing goes on there. It goes on everywhere. Our boasted civilization is based upon blood, soaked in blood, and neither you nor I nor any of us can escape the scarlet stain. The men you talked with—who were they?”

I told him all that had taken place.

“And not one of them was a free agent,” he said. “They were all tied to the merciless industrial machine. And the pathos of it and the tragedy is that they are tied by their heartstrings. Their children—always the young life that it is their instinct to protect. This instinct is stronger than any ethic they possess. My father! He lied, he stole, he did all sorts of dishonorable things to put bread into my mouth and into the mouths of my brothers and sisters. He was a slave to the industrial machine, and it stamped his life out, worked him to death.”

“But you,” I interjected. “You are surely a free agent.”

“Not wholly,” he replied. “I am not tied by my heartstrings. I am often thankful that I have no children, and I dearly love children. Yet if I married I should not dare to have any.”

“That surely is bad doctrine,” I cried.

“I know it is,” he said sadly. “But it is expedient doctrine. I am a revolutionist, and it is a perilous vocation.”

I laughed incredulously.

“If I tried to enter your father’s house at night to steal his dividends from the Sierra Mills, what would he do?”

“He sleeps with a revolver on the stand by the bed,” I answered. “He would most probably shoot you.”

“And if I and a few others should lead a million and a half of men<sup>30</sup> into the houses of all the well-to-do, there would be a great deal of shooting, wouldn't there?”

“Yes, but you are not doing that,” I objected.

“It is precisely what I am doing. And we intend to take, not the mere wealth in the houses, but all the sources of that wealth, all the mines, and railroads, and factories, and banks, and stores. That is the revolution. It is truly perilous. There will be more shooting, I am afraid, than even I dream of. But as I was saying, no one to-day is a free agent. We are all caught up in the wheels and cogs of the industrial machine. You found that you were, and that the men you talked with were. Talk with more of them. Go and see Colonel Ingram. Look up the reporters that kept Jackson's case out of the papers, and the editors that run the papers. You will find them all slaves of the machine.”

A little later in our conversation I asked him a simple little question about the liability of workingmen to accidents, and received a statistical lecture in return.

---

30 This reference is to the socialist vote cast in the United States in 1910. The rise of this vote clearly indicates the swift growth of the party of revolution. Its voting strength in the United States in 1888 was 2068; in 1902, 127,713; in 1904, 435,040; in 1908, 1,108,427; and in 1910, 1,688,211.

“It is all in the books,” he said. “The figures have been gathered, and it has been proved conclusively that accidents rarely occur in the first hours of the morning work, but that they increase rapidly in the succeeding hours as the workers grow tired and slower in both their muscular and mental processes.

“Why, do you know that your father has three times as many chances for safety of life and limb than has a working-man? He has. The insurance<sup>31</sup> companies know. They will charge him four dollars and twenty cents a year on a thousand-dollar accident policy, and for the same policy they will charge a laborer fifteen dollars.”

“And you?” I asked; and in the moment of asking I was aware of a solicitude that was something more than slight.

“Oh, as a revolutionist, I have about eight chances to the workingman’s one of being injured or killed,” he answered carelessly. “The insurance companies charge the

---

31 In the terrible wolf-struggle of those centuries, no man was permanently safe, no matter how much wealth he amassed. Out of fear for the welfare of their families, men devised the scheme of insurance. To us, in this intelligent age, such a device is laughably absurd and primitive. But in that age insurance was a very serious matter. The amusing part of it is that the funds of the insurance companies were frequently plundered and wasted by the very officials who were intrusted with the management of them.

highly trained chemists that handle explosives eight times what they charge the workingmen. I don't think they'd insure me at all. Why did you ask?"

My eyes fluttered, and I could feel the blood warm in my face. It was not that he had caught me in my solicitude, but that I had caught myself, and in his presence.

Just then my father came in and began making preparations to depart with me. Ernest returned some books he had borrowed, and went away first. But just as he was going, he turned and said:

"Oh, by the way, while you are ruining your own peace of mind and I am ruining the Bishop's, you'd better look up Mrs. Wickson and Mrs. Pertonwaithe. Their husbands, you know, are the two principal stockholders in the Mills. Like all the rest of humanity, those two women are tied to the machine, but they are so tied that they sit on top of it."



## CHAPTER IV. SLAVES OF THE MACHINE

**T**he more I thought of Jackson's arm, the more shaken I was. I was confronted by the concrete. For the first time I was seeing life. My university life, and study and culture, had not been real. I had learned nothing but theories of life and society that looked all very well on the printed page, but now I had seen life itself. Jackson's arm was a fact of life. "The fact, man, the irrefragable fact!" of Ernest's was ringing in my consciousness.

It seemed monstrous, impossible, that our whole society was based upon blood. And yet there was Jackson. I could not get away from him. Constantly my thought swung back to him as the compass to the Pole. He had been monstrously treated. His blood had not been paid for in order that a larger dividend might be paid. And I knew a score of happy complacent families that had received those dividends and by that much had profited by Jackson's blood. If one man could be so monstrously treated and society move on its way

unheeding, might not many men be so monstrously treated? I remembered Ernest's women of Chicago who toiled for ninety cents a week, and the child slaves of the Southern cotton mills he had described. And I could see their wan white hands, from which the blood had been pressed, at work upon the cloth out of which had been made my gown. And then I thought of the Sierra Mills and the dividends that had been paid, and I saw the blood of Jackson upon my gown as well. Jackson I could not escape. Always my meditations led me back to him.

Down in the depths of me I had a feeling that I stood on the edge of a precipice. It was as though I were about to see a new and awful revelation of life. And not I alone. My whole world was turning over. There was my father. I could see the effect Ernest was beginning to have on him. And then there was the Bishop. When I had last seen him he had looked a sick man. He was at high nervous tension, and in his eyes there was unspeakable horror. From the little I learned I knew that Ernest had been keeping his promise of taking him through hell. But what scenes of hell the Bishop's eyes had seen, I knew not, for he seemed too stunned to speak about them.

Once, the feeling strong upon me that my little world and all the world was turning over, I thought of Ernest as



the cause of it; and also I thought, "We were so happy and peaceful before he came!" And the next moment I was aware that the thought was a treason against truth, and Ernest rose before me transfigured, the apostle of truth, with shining brows and the fearlessness of one of God's own angels, battling for the truth and the right, and battling for the succor of the poor and lonely and oppressed. And then there arose before me another figure, the Christ! He, too, had taken the part of the lowly and oppressed, and against all the established power of priest and pharisee. And I remembered his end upon the cross, and my heart contracted with a pang as I thought of Ernest. Was he, too, destined for a cross?—he, with his clarion call and war-noted voice, and all the fine man's vigor of him!

And in that moment I knew that I loved him, and that I was melting with desire to comfort him. I thought of his life. A sordid, harsh, and meagre life it must have been. And I thought of his father, who had lied and stolen for him and been worked to death. And he himself had gone into the mills when he was ten! All my heart seemed bursting with desire to fold my arms around him, and to rest his head on my breast—his head that must be weary with so many thoughts; and to give him rest—just rest—and easement and forgetfulness for a tender space.

I met Colonel Ingram at a church reception. Him I knew well and had known well for many years. I trapped him behind large palms and rubber plants, though he did not know he was trapped. He met me with the conventional gayety and gallantry. He was ever a graceful man, diplomatic, tactful, and considerate. And as for appearance, he was the most distinguished-looking man in our society. Beside him even the venerable head of the university looked tawdry and small.

And yet I found Colonel Ingram situated the same as the unlettered mechanics. He was not a free agent. He, too, was bound upon the wheel. I shall never forget the change in him when I mentioned Jackson's case. His smiling good nature vanished like a ghost. A sudden, frightful expression distorted his well-bred face. I felt the same alarm that I had felt when James Smith broke out. But Colonel Ingram did not curse. That was the slight difference that was left between the workingman and him. He was famed as a wit, but he had no wit now. And, unconsciously, this way and that he glanced for avenues of escape. But he was trapped amid the palms and rubber trees.

Oh, he was sick of the sound of Jackson's name. Why had I brought the matter up? He did not relish my joke. It was poor taste on my part, and very inconsiderate. Did I not know that in his profession personal feelings did not count?

He left his personal feelings at home when he went down to the office. At the office he had only professional feelings.

“Should Jackson have received damages?” I asked.

“Certainly,” he answered. “That is, personally, I have a feeling that he should. But that has nothing to do with the legal aspects of the case.”

He was getting his scattered wits slightly in hand.

“Tell me, has right anything to do with the law?” I asked.

“You have used the wrong initial consonant,” he smiled in answer.

“Might?” I queried; and he nodded his head. “And yet we are supposed to get justice by means of the law?”

“That is the paradox of it,” he countered. “We do get justice.”

“You are speaking professionally now, are you not?” I asked.

Colonel Ingram blushed, actually blushed, and again he looked anxiously about him for a way of escape. But I blocked his path and did not offer to move.

“Tell me,” I said, “when one surrenders his personal feelings to his professional feelings, may not the action be defined as a sort of spiritual mayhem?”

I did not get an answer. Colonel Ingram had ingloriously bolted, overturning a palm in his flight.

Next I tried the newspapers. I wrote a quiet, restrained, dispassionate account of Jackson’s case. I made no charges against

the men with whom I had talked, nor, for that matter, did I even mention them. I gave the actual facts of the case, the long years Jackson had worked in the mills, his effort to save the machinery from damage and the consequent accident, and his own present wretched and starving condition. The three local newspapers rejected my communication, likewise did the two weeklies.

I got hold of Percy Layton. He was a graduate of the university, had gone in for journalism, and was then serving his apprenticeship as reporter on the most influential of the three newspapers. He smiled when I asked him the reason the newspapers suppressed all mention of Jackson or his case.

“Editorial policy,” he said. “We have nothing to do with that. It’s up to the editors.”

“But why is it policy?” I asked.

“We’re all solid with the corporations,” he answered. “If you paid advertising rates, you couldn’t get any such matter into the papers. A man who tried to smuggle it in would lose his job. You couldn’t get it in if you paid ten times the regular advertising rates.”

“How about your own policy?” I questioned. “It would seem your function is to twist truth at the command of your employers, who, in turn, obey the behests of the corporations.”

“I haven’t anything to do with that.” He looked uncomfortable for the moment, then brightened as he saw his way

out. "I, myself, do not write untruthful things. I keep square all right with my own conscience. Of course, there's lots that's repugnant in the course of the day's work. But then, you see, that's all part of the day's work," he wound up boyishly.

"Yet you expect to sit at an editor's desk some day and conduct a policy."

"I'll be case-hardened by that time," was his reply.

"Since you are not yet case-hardened, tell me what you think right now about the general editorial policy."

"I don't think," he answered quickly. "One can't kick over the ropes if he's going to succeed in journalism. I've learned that much, at any rate."

And he nodded his young head sagely.

"But the right?" I persisted.

"You don't understand the game. Of course it's all right, because it comes out all right, don't you see?"

"Delightfully vague," I murmured; but my heart was aching for the youth of him, and I felt that I must either scream or burst into tears.

I was beginning to see through the appearances of the society in which I had always lived, and to find the frightful realities that were beneath. There seemed a tacit conspiracy against Jackson, and I was aware of a thrill of sympathy for the whining lawyer who had ingloriously fought his case.

But this tacit conspiracy grew large. Not alone was it aimed against Jackson. It was aimed against every workingman who was maimed in the mills. And if against every man in the mills, why not against every man in all the other mills and factories? In fact, was it not true of all the industries?

And if this was so, then society was a lie. I shrank back from my own conclusions. It was too terrible and awful to be true. But there was Jackson, and Jackson's arm, and the blood that stained my gown and dripped from my own roof-beams. And there were many Jacksons—hundreds of them in the mills alone, as Jackson himself had said. Jackson I could not escape.

I saw Mr. Wickson and Mr. Pertonwaithe, the two men who held most of the stock in the Sierra Mills. But I could not shake them as I had shaken the mechanics in their employ. I discovered that they had an ethic superior to that of the rest of society. It was what I may call the aristocratic ethic or the master ethic.<sup>32</sup> They talked in large ways of policy, and they identified policy and right. And to me they talked in fatherly ways, patronizing my youth and inexperience.

---

32 Before Avis Everhard was born, John Stuart Mill, in his essay, *On Liberty*, wrote: "Wherever there is an ascendant class, a large portion of the morality emanates from its class interests and its class feelings of superiority."

They were the most hopeless of all I had encountered in my quest. They believed absolutely that their conduct was right. There was no question about it, no discussion. They were convinced that they were the saviours of society, and that it was they who made happiness for the many. And they drew pathetic pictures of what would be the sufferings of the working class were it not for the employment that they, and they alone, by their wisdom, provided for it.

Fresh from these two masters, I met Ernest and related my experience. He looked at me with a pleased expression, and said:

“Really, this is fine. You are beginning to dig truth for yourself. It is your own empirical generalization, and it is correct. No man in the industrial machine is a free-will agent, except the large capitalist, and he isn’t, if you’ll pardon the Irishism.<sup>33</sup> You see, the masters are quite sure that they are right in what they are doing. That is the crowning absurdity of the whole situation. They are so tied by their human nature that they can’t do a thing unless they think it is right. They must have a sanction for their acts.

---

33 Verbal contradictions, called bulls, were long an amiable weakness of the ancient Irish.

“When they want to do a thing, in business of course, they must wait till there arises in their brains, somehow, a religious, or ethical, or scientific, or philosophic, concept that the thing is right. And then they go ahead and do it, unwitting that one of the weaknesses of the human mind is that the wish is parent to the thought. No matter what they want to do, the sanction always comes. They are superficial casuists. They are Jesuitical. They even see their way to doing wrong that right may come of it. One of the pleasant and axiomatic fictions they have created is that they are superior to the rest of mankind in wisdom and efficiency. Therefrom comes their sanction to manage the bread and butter of the rest of mankind. They have even resurrected the theory of the divine right of kings—commercial kings in their case.<sup>34</sup>

“The weakness in their position lies in that they are merely business men. They are not philosophers. They are not biologists nor sociologists. If they were, of course all would be well. A business man who was also a biologist and a sociologist would know, approximately, the right thing to

---

34 The newspapers, in 1902 of that era, credited the president of the Anthracite Coal Trust, George F. Baer, with the enunciation of the following principle: “The rights and interests of the laboring man will be protected by the Christian men to whom God in His infinite wisdom has given the property interests of the country.”



do for humanity. But, outside the realm of business, these men are stupid. They know only business. They do not know mankind nor society, and yet they set themselves up as arbiters of the fates of the hungry millions and all the other millions thrown in. History, some day, will have an excruciating laugh at their expense.”

I was not surprised when I had my talk out with Mrs. Wickson and Mrs. Pertonwaithe. They were society women.<sup>35</sup> Their homes were palaces. They had many homes scattered over the country, in the mountains, on lakes, and by the sea. They were tended by armies of servants, and their social activities were bewildering. They patronized the university and the churches, and the pastors especially bowed at their knees in meek subservience.<sup>36</sup> They were powers, these two women, what of the money that was theirs. The power of subsidization of thought was theirs to a remarkable degree, as I was soon to learn under Ernest’s tuition.

---

35 Society is here used in a restricted sense, a common usage of the times to denote the gilded drones that did no labor, but only glutted themselves at the honey-vats of the workers. Neither the business men nor the laborers had time or opportunity for society. Society was the creation of the idle rich who toiled not and who in this way played.

36 “Bring on your tainted money,” was the expressed sentiment of the Church during this period.

They aped their husbands, and talked in the same large ways about policy, and the duties and responsibilities of the rich. They were swayed by the same ethic that dominated their husbands—the ethic of their class; and they uttered glib phrases that their own ears did not understand.

Also, they grew irritated when I told them of the deplorable condition of Jackson's family, and when I wondered that they had made no voluntary provision for the man. I was told that they thanked no one for instructing them in their social duties. When I asked them flatly to assist Jackson, they as flatly refused. The astounding thing about it was that they refused in almost identically the same language, and this in face of the fact that I interviewed them separately and that one did not know that I had seen or was going to see the other. Their common reply was that they were glad of the opportunity to make it perfectly plain that no premium would ever be put on carelessness by them; nor would they, by paying for accident, tempt the poor to hurt themselves in the machinery.<sup>37</sup>

---

37 In the files of the Outlook, a critical weekly of the period, in the number dated August 18, 1906, is related the circumstance of a workingman losing his arm, the details of which are quite similar to those of Jackson's case as related by Avis Everhard.

And they were sincere, these two women. They were drunk with conviction of the superiority of their class and of themselves. They had a sanction, in their own class-ethic, for every act they performed. As I drove away from Mrs. Pertonwaithe's great house, I looked back at it, and I remembered Ernest's expression that they were bound to the machine, but that they were so bound that they sat on top of it.



## CHAPTER V. THE PHILOMATHS

**E**rnest was often at the house. Nor was it my father, merely, nor the controversial dinners, that drew him there. Even at that time I flattered myself that I played some part in causing his visits, and it was not long before I learned the correctness of my surmise. For never was there such a lover as Ernest Everhard. His gaze and his hand-clasp grew firmer and steadier, if that were possible; and the question that had grown from the first in his eyes, grew only the more imperative.

My impression of him, the first time I saw him, had been unfavorable. Then I had found myself attracted toward him. Next came my repulsion, when he so savagely attacked my class and me. After that, as I saw that he had not maligned my class, and that the harsh and bitter things he said about it were justified, I had drawn closer to him again. He became my oracle. For me he tore the sham from the face of society and gave me glimpses of reality that were as unpleasant as they were undeniably true.

As I have said, there was never such a lover as he. No girl could live in a university town till she was twenty-four and not have love experiences. I had been made love to by beardless sophomores and gray professors, and by the athletes and the football giants. But not one of them made love to me as Ernest did. His arms were around me before I knew. His lips were on mine before I could protest or resist. Before his earnestness conventional maiden dignity was ridiculous. He swept me off my feet by the splendid invincible rush of him. He did not propose. He put his arms around me and kissed me and took it for granted that we should be married. There was no discussion about it. The only discussion—and that arose afterward—was when we should be married.

It was unprecedented. It was unreal. Yet, in accordance with Ernest's test of truth, it worked. I trusted my life to it. And fortunate was the trust. Yet during those first days of our love, fear of the future came often to me when I thought of the violence and impetuosity of his love-making. Yet such fears were groundless. No woman was ever blessed with a gentler, tenderer husband. This gentleness and violence on his part was a curious blend similar to the one in his carriage of awkwardness and ease. That slight awkwardness! He never got over it, and it was delicious. His

behavior in our drawing-room reminded me of a careful bull in a china shop.<sup>38</sup>

It was at this time that vanished my last doubt of the completeness of my love for him (a subconscious doubt, at most). It was at the Philomath Club—a wonderful night of battle, wherein Ernest bearded the masters in their lair. Now the Philomath Club was the most select on the Pacific Coast. It was the creation of Miss Brentwood, an enormously wealthy old maid; and it was her husband, and family, and toy. Its members were the wealthiest in the community, and the strongest-minded of the wealthy, with, of course, a sprinkling of scholars to give it intellectual tone.

The Philomath had no club house. It was not that kind of a club. Once a month its members gathered at some one of their private houses to listen to a lecture. The lecturers were usually, though not always, hired. If a chemist in New York made a new discovery in say radium, all his expenses across the continent were paid, and as well he received a princely fee for his time. The same with a returning explorer from

---

38 In those days it was still the custom to fill the living rooms with bric-a-brac. They had not discovered simplicity of living. Such rooms were museums, entailing endless labor to keep clean. The dust-demon was the lord of the household. There were a myriad devices for catching dust, and only a few devices for getting rid of it.

the polar regions, or the latest literary or artistic success. No visitors were allowed, while it was the Philomath's policy to permit none of its discussions to get into the papers. Thus great statesmen—and there had been such occasions—were able fully to speak their minds.

I spread before me a wrinkled letter, written to me by Ernest twenty years ago, and from it I copy the following:

*“Your father is a member of the Philomath, so you are able to come. Therefore come next Tuesday night. I promise you that you will have the time of your life. In your recent encounters, you failed to shake the masters. If you come, I'll shake them for you. I'll make them snarl like wolves. You merely questioned their morality. When their morality is questioned, they grow only the more complacent and superior. But I shall menace their money-bags. That will shake them to the roots of their primitive natures. If you can come, you will see the cave-man, in evening dress, snarling and snapping over a bone. I promise you a great caterwauling and an illuminating insight into the nature of the beast.*

*“They've invited me in order to tear me to pieces. This is the idea of Miss Brentwood. She clumsily hinted as*



*much when she invited me. She's given them that kind of fun before. They delight in getting trustful-souled gentle reformers before them. Miss Brentwood thinks I am as mild as a kitten and as good-natured and stolid as the family cow. I'll not deny that I helped to give her that impression. She was very tentative at first, until she divined my harmlessness. I am to receive a handsome fee—two hundred and fifty dollars—as befits the man who, though a radical, once ran for governor. Also, I am to wear evening dress. This is compulsory. I never was so apparelled in my life. I suppose I'll have to hire one somewhere. But I'd do more than that to get a chance at the Philomaths."*

Of all places, the Club gathered that night at the Pertonwaithe house. Extra chairs had been brought into the great drawing-room, and in all there must have been two hundred Philomaths that sat down to hear Ernest. They were truly lords of society. I amused myself with running over in my mind the sum of the fortunes represented, and it ran well into the hundreds of millions. And the possessors were not of the idle rich. They were men of affairs who took most active parts in industrial and political life.

We were all seated when Miss Brentwood brought Ernest in. They moved at once to the head of the room, from where he was to speak. He was in evening dress, and, what of his broad shoulders and kingly head, he looked magnificent. And then there was that faint and unmistakable touch of awkwardness in his movements. I almost think I could have loved him for that alone. And as I looked at him I was aware of a great joy. I felt again the pulse of his palm on mine, the touch of his lips; and such pride was mine that I felt I must rise up and cry out to the assembled company: "He is mine! He has held me in his arms, and I, mere I, have filled that mind of his to the exclusion of all his multitudinous and kingly thoughts!"

At the head of the room, Miss Brentwood introduced him to Colonel Van Gilbert, and I knew that the latter was to preside. Colonel Van Gilbert was a great corporation lawyer. In addition, he was immensely wealthy. The smallest fee he would deign to notice was a hundred thousand dollars. He was a master of law. The law was a puppet with which he played. He moulded it like clay, twisted and distorted it like a Chinese puzzle into any design he chose. In appearance and rhetoric he was old-fashioned, but in imagination and knowledge and resource he was as young as the latest statute. His first prominence had come when he broke the Shardwell

will.<sup>39</sup> His fee for this one act was five hundred thousand dollars. From then on he had risen like a rocket. He was often called the greatest lawyer in the country—corporation lawyer, of course; and no classification of the three greatest lawyers in the United States could have excluded him.

He arose and began, in a few well-chosen phrases that carried an undertone of faint irony, to introduce Ernest. Colonel Van Gilbert was subtly facetious in his introduction of the social reformer and member of the working class, and the audience smiled. It made me angry, and I glanced at Ernest. The sight of him made me doubly angry. He did not seem to resent the delicate slurs. Worse than that, he did not seem to be aware of them. There he sat, gentle, and stolid, and somnolent. He really looked stupid. And for a moment the thought rose in my mind, What if he were overawed by

---

39 This breaking of wills was a peculiar feature of the period. With the accumulation of vast fortunes, the problem of disposing of these fortunes after death was a vexing one to the accumulators. Will-making and will-breaking became complementary trades, like armor-making and gun-making. The shrewdest will-making lawyers were called in to make wills that could not be broken. But these wills were always broken, and very often by the very lawyers that had drawn them up. Nevertheless the delusion persisted in the wealthy class that an absolutely unbreakable will could be cast; and so, through the generations, clients and lawyers pursued the illusion. It was a pursuit like unto that of the Universal Solvent of the mediæval alchemists.

this imposing array of power and brains? Then I smiled. He couldn't fool me. But he fooled the others, just as he had fooled Miss Brentwood. She occupied a chair right up to the front, and several times she turned her head toward one or another of her *confrères* and smiled her appreciation of the remarks.

Colonel Van Gilbert done, Ernest arose and began to speak. He began in a low voice, haltingly and modestly, and with an air of evident embarrassment. He spoke of his birth in the working class, and of the sordidness and wretchedness of his environment, where flesh and spirit were alike starved and tormented. He described his ambitions and ideals, and his conception of the paradise wherein lived the people of the upper classes. As he said:

*“Up above me, I knew, were unselfishnesses of the spirit, clean and noble thinking, keen intellectual living. I knew all this because I read ‘Seaside Library’40 novels, in which, with the exception of the villains and adventureses, all men and women thought beautiful thoughts, spoke a beautiful tongue, and performed glorious deeds. In short, as I accepted the rising of the sun, I accepted that up above me was all that was fine and noble and*

---

40 A curious and amazing literature that served to make the working class utterly misapprehend the nature of the leisure class.

*gracious, all that gave decency and dignity to life, all that made life worth living and that remunerated one for his travail and misery.”*

He went on and traced his life in the mills, the learning of the horseshoeing trade, and his meeting with the socialists. Among them, he said, he had found keen intellects and brilliant wits, ministers of the Gospel who had been broken because their Christianity was too wide for any congregation of mammon-worshippers, and professors who had been broken on the wheel of university subservience to the ruling class. The socialists were revolutionists, he said, struggling to overthrow the irrational society of the present and out of the material to build the rational society of the future. Much more he said that would take too long to write, but I shall never forget how he described the life among the revolutionists. All halting utterance vanished. His voice grew strong and confident, and it glowed as he glowed, and as the thoughts glowed that poured out from him. He said:

*“Amongst the revolutionists I found, also, warm faith in the human, ardent idealism, sweetnesses of unselfishness, renunciation, and martyrdom—all the splendid, stinging things of the spirit. Here life was clean, noble, and*

*alive. I was in touch with great souls who exalted flesh and spirit over dollars and cents, and to whom the thin wail of the starved slum child meant more than all the pomp and circumstance of commercial expansion and world empire. All about me were nobleness of purpose and heroism of effort, and my days and nights were sunshine and starshine, all fire and dew, with before my eyes, ever burning and blazing, the Holy Grail, Christ's own Grail, the warm human, long-suffering and maltreated but to be rescued and saved at the last."*

As before I had seen him transfigured, so now he stood transfigured before me. His brows were bright with the divine that was in him, and brighter yet shone his eyes from the midst of the radiance that seemed to envelop him as a mantle. But the others did not see this radiance, and I assumed that it was due to the tears of joy and love that dimmed my vision. At any rate, Mr. Wickson, who sat behind me, was unaffected, for I heard him sneer aloud, "Utopian."<sup>41</sup>

---

41 The people of that age were phrase slaves. The abjectness of their servitude is incomprehensible to us. There was a magic in words greater than the conjurer's art. So befuddled and chaotic were their minds that the utterance of a single word could negative the generalizations of a lifetime of serious research and thought. Such a word was the adjective Utopian. The mere utterance of

Ernest went on to his rise in society, till at last he came in touch with members of the upper classes, and rubbed shoulders with the men who sat in the high places. Then came his disillusionment, and this disillusionment he described in terms that did not flatter his audience. He was surprised at the commonness of the clay. Life proved not to be fine and gracious. He was appalled by the selfishness he encountered, and what had surprised him even more than that was the absence of intellectual life. Fresh from his revolutionists, he was shocked by the intellectual stupidity of the master class. And then, in spite of their magnificent churches and well-paid preachers, he had found the masters, men and women, grossly material. It was true that they prattled sweet little ideals and dear little moralities, but in spite of their prattle the dominant key of the life they lived was materialistic. And they were without real morality—for instance, that which Christ had preached but which was no longer preached.

“I met men,” he said, “who invoked the name of the Prince of Peace in their diatribes against war, and who put

---

it could damn any scheme, no matter how sanely conceived, of economic amelioration or regeneration. Vast populations grew frenzied over such phrases as “an honest dollar” and “a full dinner pail.” The coinage of such phrases was considered strokes of genius.

rifles in the hands of Pinkertons<sup>42</sup> with which to shoot down strikers in their own factories. I met men incoherent with indignation at the brutality of prize-fighting, and who, at the same time, were parties to the adulteration of food that killed each year more babes than even red-handed Herod had killed.

“This delicate, aristocratic-featured gentleman was a dummy director and a tool of corporations that secretly robbed widows and orphans. This gentleman, who collected fine editions and was a patron of literature, paid blackmail to a heavy-jowled, black-browed boss of a municipal machine. This editor, who published patent medicine advertisements, called me a scoundrelly demagogue because I dared him to print in his paper the truth about patent medicines.<sup>43</sup> This man, talking soberly and earnestly about the beauties of idealism and the goodness of God, had just betrayed his comrades in a business deal. This man, a pillar of the church and heavy contributor to foreign missions, worked his shop

---

42 Originally, they were private detectives; but they quickly became hired fighting men of the capitalists, and ultimately developed into the Mercenaries of the Oligarchy.

43 Patent medicines were patent lies, but, like the charms and indulgences of the Middle Ages, they deceived the people. The only difference lay in that the patent medicines were more harmful and more costly.



girls ten hours a day on a starvation wage and thereby directly encouraged prostitution. This man, who endowed chairs in universities and erected magnificent chapels, perjured himself in courts of law over dollars and cents. This railroad magnate broke his word as a citizen, as a gentleman, and as a Christian, when he granted a secret rebate, and he granted many secret rebates. This senator was the tool and the slave, the little puppet, of a brutal uneducated machine boss;<sup>44</sup> so was this governor and this supreme court judge; and all three rode on railroad passes; and, also, this sleek capitalist owned the machine, the machine boss, and the railroads that issued the passes.

“And so it was, instead of in paradise, that I found myself in the arid desert of commercialism. I found nothing but stupidity, except for business. I found none clean, noble, and alive, though I found many who were alive—with rottenness. What I did find was monstrous selfishness and heartlessness, and a gross, gluttonous, practised, and practical materialism.”

---

44 Even as late as 1912, A.D., the great mass of the people still persisted in the belief that they ruled the country by virtue of their ballots. In reality, the country was ruled by what were called political machines. At first the machine bosses charged the master capitalists extortionate tolls for legislation; but in a short time the master capitalists found it cheaper to own the political machines themselves and to hire the machine bosses.

Much more Ernest told them of themselves and of his disillusionment. Intellectually they had bored him; morally and spiritually they had sickened him; so that he was glad to go back to his revolutionists, who were clean, noble, and alive, and all that the capitalists were not.

“And now,” he said, “let me tell you about that revolution.”

But first I must say that his terrible diatribe had not touched them. I looked about me at their faces and saw that they remained complacently superior to what he had charged. And I remembered what he had told me: that no indictment of their morality could shake them. However, I could see that the boldness of his language had affected Miss Brentwood. She was looking worried and apprehensive.

Ernest began by describing the army of revolution, and as he gave the figures of its strength (the votes cast in the various countries), the assemblage began to grow restless. Concern showed in their faces, and I noticed a tightening of lips. At last the gage of battle had been thrown down. He described the international organization of the socialists that united the million and a half in the United States with the twenty-three millions and a half in the rest of the world.

“Such an army of revolution,” he said, “twenty-five millions strong, is a thing to make rulers and ruling classes pause and consider. The cry of this army is: ‘No quarter! We

want all that you possess. We will be content with nothing less than all that you possess. We want in our hands the reins of power and the destiny of mankind. Here are our hands. They are strong hands. We are going to take your governments, your palaces, and all your purpled ease away from you, and in that day you shall work for your bread even as the peasant in the field or the starved and runty clerk in your metropolises. Here are our hands. They are strong hands!”

And as he spoke he extended from his splendid shoulders his two great arms, and the horseshoer's hands were clutching the air like eagle's talons. He was the spirit of regnant labor as he stood there, his hands outreaching to rend and crush his audience. I was aware of a faintly perceptible shrinking on the part of the listeners before this figure of revolution, concrete, potential, and menacing. That is, the women shrank, and fear was in their faces. Not so with the men. They were of the active rich, and not the idle, and they were fighters. A low, throaty rumble arose, lingered on the air a moment, and ceased. It was the forerunner of the snarl, and I was to hear it many times that night—the token of the brute in man, the earnest of his primitive passions. And they were unconscious that they had made this sound. It was the growl of the pack, mouthed by the pack, and mouthed in all unconsciousness. And in that moment, as I saw the harshness

form in their faces and saw the fight-light flashing in their eyes, I realized that not easily would they let their lordship of the world be wrested from them.

Ernest proceeded with his attack. He accounted for the existence of the million and a half of revolutionists in the United States by charging the capitalist class with having mismanaged society. He sketched the economic condition of the cave-man and of the savage peoples of to-day, pointing out that they possessed neither tools nor machines, and possessed only a natural efficiency of one in producing power. Then he traced the development of machinery and social organization so that to-day the producing power of civilized man was a thousand times greater than that of the savage.

“Five men,” he said, “can produce bread for a thousand. One man can produce cotton cloth for two hundred and fifty people, woollens for three hundred, and boots and shoes for a thousand. One would conclude from this that under a capable management of society modern civilized man would be a great deal better off than the cave-man. But is he? Let us see. In the United States to-day there are fifteen million<sup>45</sup> people living in poverty; and by poverty is meant

---

45 Robert Hunter, in 1906, in a book entitled “Poverty,” pointed out that at that time there were ten millions in the United States living in poverty.

that condition in life in which, through lack of food and adequate shelter, the mere standard of working efficiency cannot be maintained. In the United States to-day, in spite of all your so-called labor legislation, there are three millions of child laborers.<sup>46</sup> In twelve years their numbers have been doubled. And in passing I will ask you managers of society why you did not make public the census figures of 1910? And I will answer for you, that you were afraid. The figures of misery would have precipitated the revolution that even now is gathering.

“But to return to my indictment. If modern man’s producing power is a thousand times greater than that of the cave-man, why then, in the United States to-day, are there fifteen million people who are not properly sheltered and properly fed? Why then, in the United States to-day, are there three million child laborers? It is a true indictment. The capitalist class has mismanaged. In face of the facts that modern man lives more wretchedly than the cave-man, and that his producing power is a thousand times greater than that of the cave-man, no other conclusion is possible than that the capitalist class has mismanaged, that you have

---

46 In the United States Census of 1900 (the last census the figures of which were made public), the number of child laborers was placed at 1,752,187.

mismanaged, my masters, that you have criminally and selfishly mismanaged. And on this count you cannot answer me here to-night, face to face, any more than can your whole class answer the million and a half of revolutionists in the United States. You cannot answer. I challenge you to answer. And furthermore, I dare to say to you now that when I have finished you will not answer. On that point you will be tongue-tied, though you will talk wordily enough about other things.

“You have failed in your management. You have made a shambles of civilization. You have been blind and greedy. You have risen up (as you to-day rise up), shamelessly, in our legislative halls, and declared that profits were impossible without the toil of children and babes. Don’t take my word for it. It is all in the records against you. You have lulled your conscience to sleep with prattle of sweet ideals and dear moralities. You are fat with power and possession, drunken with success; and you have no more hope against us than have the drones, clustered about the honey-vats, when the worker-bees spring upon them to end their rotund existence. You have failed in your management of society, and your management is to be taken away from you. A million and a half of the men of the working class say that they are going to get the rest of the working class to join with them and

take the management away from you. This is the revolution, my masters. Stop it if you can.”

For an appreciable lapse of time Ernest’s voice continued to ring through the great room. Then arose the throaty rumble I had heard before, and a dozen men were on their feet clamoring for recognition from Colonel Van Gilbert. I noticed Miss Brentwood’s shoulders moving convulsively, and for the moment I was angry, for I thought that she was laughing at Ernest. And then I discovered that it was not laughter, but hysteria. She was appalled by what she had done in bringing this firebrand before her blessed Philomath Club.

Colonel Van Gilbert did not notice the dozen men, with passion-wrought faces, who strove to get permission from him to speak. His own face was passion-wrought. He sprang to his feet, waving his arms, and for a moment could utter only incoherent sounds. Then speech poured from him. But it was not the speech of a one-hundred-thousand-dollar lawyer, nor was the rhetoric old-fashioned.

“Fallacy upon fallacy!” he cried. “Never in all my life have I heard so many fallacies uttered in one short hour. And besides, young man, I must tell you that you have said nothing new. I learned all that at college before you were born. Jean Jacques Rousseau enunciated your socialistic theory nearly two centuries ago. A return to the soil, forsooth! Reversion! Our

biology teaches the absurdity of it. It has been truly said that a little learning is a dangerous thing, and you have exemplified it to-night with your madcap theories. Fallacy upon fallacy! I was never so nauseated in my life with overplus of fallacy. That for your immature generalizations and childish reasonings!"

He snapped his fingers contemptuously and proceeded to sit down. There were lip-exclamations of approval on the part of the women, and hoarser notes of confirmation came from the men. As for the dozen men who were clamoring for the floor, half of them began speaking at once. The confusion and babel was indescribable. Never had Mrs. Pertonwaithe's spacious walls beheld such a spectacle. These, then, were the cool captains of industry and lords of society, these snarling, growling savages in evening clothes. Truly Ernest had shaken them when he stretched out his hands for their moneybags, his hands that had appeared in their eyes as the hands of the fifteen hundred thousand revolutionists.

But Ernest never lost his head in a situation. Before Colonel Van Gilbert had succeeded in sitting down, Ernest was on his feet and had sprung forward.

"One at a time!" he roared at them.

The sound arose from his great lungs and dominated the human tempest. By sheer compulsion of personality he commanded silence.



“One at a time,” he repeated softly. “Let me answer Colonel Van Gilbert. After that the rest of you can come at me—but one at a time, remember. No mass-plays here. This is not a football field.

“As for you,” he went on, turning toward Colonel Van Gilbert, “you have replied to nothing I have said. You have merely made a few excited and dogmatic assertions about my mental caliber. That may serve you in your business, but you can’t talk to me like that. I am not a workingman, cap in hand, asking you to increase my wages or to protect me from the machine at which I work. You cannot be dogmatic with truth when you deal with me. Save that for dealing with your wage-slaves. They will not dare reply to you because you hold their bread and butter, their lives, in your hands.

“As for this return to nature that you say you learned at college before I was born, permit me to point out that on the face of it you cannot have learned anything since. Socialism has no more to do with the state of nature than has differential calculus with a Bible class. I have called your class stupid when outside the realm of business. You, sir, have brilliantly exemplified my statement.”

This terrible castigation of her hundred-thousand-dollar lawyer was too much for Miss Brentwood’s nerves. Her hysteria became violent, and she was helped, weeping and

laughing, out of the room. It was just as well, for there was worse to follow.

“Don’t take my word for it,” Ernest continued, when the interruption had been led away. “Your own authorities with one unanimous voice will prove you stupid. Your own hired purveyors of knowledge will tell you that you are wrong. Go to your meekest little assistant instructor of sociology and ask him what is the difference between Rousseau’s theory of the return to nature and the theory of socialism; ask your greatest orthodox bourgeois political economists and sociologists; question through the pages of every textbook written on the subject and stored on the shelves of your subsidized libraries; and from one and all the answer will be that there is nothing congruous between the return to nature and socialism. On the other hand, the unanimous affirmative answer will be that the return to nature and socialism are diametrically opposed to each other. As I say, don’t take my word for it. The record of your stupidity is there in the books, your own books that you never read. And so far as your stupidity is concerned, you are but the exemplar of your class.

“You know law and business, Colonel Van Gilbert. You know how to serve corporations and increase dividends by twisting the law. Very good. Stick to it. You are quite a

figure. You are a very good lawyer, but you are a poor historian, you know nothing of sociology, and your biology is contemporaneous with Pliny.”

Here Colonel Van Gilbert writhed in his chair. There was perfect quiet in the room. Everybody sat fascinated—paralyzed, I may say. Such fearful treatment of the great Colonel Van Gilbert was unheard of, undreamed of, impossible to believe—the great Colonel Van Gilbert before whom judges trembled when he arose in court. But Ernest never gave quarter to an enemy.

“This is, of course, no reflection on you,” Ernest said. “Every man to his trade. Only you stick to your trade, and I’ll stick to mine. You have specialized. When it comes to a knowledge of the law, of how best to evade the law or make new law for the benefit of thieving corporations, I am down in the dirt at your feet. But when it comes to sociology—my trade—you are down in the dirt at my feet. Remember that. Remember, also, that your law is the stuff of a day, and that you are not versatile in the stuff of more than a day. Therefore your dogmatic assertions and rash generalizations on things historical and sociological are not worth the breath you waste on them.”

Ernest paused for a moment and regarded him thoughtfully, noting his face dark and twisted with anger, his panting

chest, his writhing body, and his slim white hands nervously clenching and unclenching.

“But it seems you have breath to use, and I’ll give you a chance to use it. I indicted your class. Show me that my indictment is wrong. I pointed out to you the wretchedness of modern man—three million child slaves in the United States, without whose labor profits would not be possible, and fifteen million under-fed, ill-clothed, and worse-housed people. I pointed out that modern man’s producing power through social organization and the use of machinery was a thousand times greater than that of the cave-man. And I stated that from these two facts no other conclusion was possible than that the capitalist class had mismanaged. This was my indictment, and I specifically and at length challenged you to answer it. Nay, I did more. I prophesied that you would not answer. It remains for your breath to smash my prophecy. You called my speech fallacy. Show the fallacy, Colonel Van Gilbert. Answer the indictment that I and my fifteen hundred thousand comrades have brought against your class and you.”

Colonel Van Gilbert quite forgot that he was presiding, and that in courtesy he should permit the other clamorers to speak. He was on his feet, flinging his arms, his rhetoric, and his control to the winds, alternately abusing Ernest

for his youth and demagoguery, and savagely attacking the working class, elaborating its inefficiency and worthlessness.

“For a lawyer, you are the hardest man to keep to a point I ever saw,” Ernest began his answer to the tirade. “My youth has nothing to do with what I have enunciated. Nor has the worthlessness of the working class. I charged the capitalist class with having mismanaged society. You have not answered. You have made no attempt to answer. Why? Is it because you have no answer? You are the champion of this whole audience. Every one here, except me, is hanging on your lips for that answer. They are hanging on your lips for that answer because they have no answer themselves. As for me, as I said before, I know that you not only cannot answer, but that you will not attempt an answer.”

“This is intolerable!” Colonel Van Gilbert cried out. “This is insult!”

“That you should not answer is intolerable,” Ernest replied gravely. “No man can be intellectually insulted. Insult, in its very nature, is emotional. Recover yourself. Give me an intellectual answer to my intellectual charge that the capitalist class has mismanaged society.”

Colonel Van Gilbert remained silent, a sullen, superior expression on his face, such as will appear on the face of a man who will not bandy words with a ruffian.

“Do not be downcast,” Ernest said. “Take consolation in the fact that no member of your class has ever yet answered that charge.” He turned to the other men who were anxious to speak. “And now it’s your chance. Fire away, and do not forget that I here challenge you to give the answer that Colonel Van Gilbert has failed to give.”

It would be impossible for me to write all that was said in the discussion. I never realized before how many words could be spoken in three short hours. At any rate, it was glorious. The more his opponents grew excited, the more Ernest deliberately excited them. He had an encyclopaedic command of the field of knowledge, and by a word or a phrase, by delicate rapier thrusts, he punctured them. He named the points of their illogic. This was a false syllogism, that conclusion had no connection with the premise, while that next premise was an impostor because it had cunningly hidden in it the conclusion that was being attempted to be proved. This was an error, that was an assumption, and the next was an assertion contrary to ascertained truth as printed in all the text-books.

And so it went. Sometimes he exchanged the rapier for the club and went smashing amongst their thoughts right and left. And always he demanded facts and refused to discuss theories. And his facts made for them a Waterloo.

When they attacked the working class, he always retorted, "The pot calling the kettle black; that is no answer to the charge that your own face is dirty." And to one and all he said: "Why have you not answered the charge that your class has mismanaged? You have talked about other things and things concerning other things, but you have not answered. Is it because you have no answer?"

It was at the end of the discussion that Mr. Wickson spoke. He was the only one that was cool, and Ernest treated him with a respect he had not accorded the others.

"No answer is necessary," Mr. Wickson said with slow deliberation. "I have followed the whole discussion with amazement and disgust. I am disgusted with you gentlemen, members of my class. You have behaved like foolish little schoolboys, what with intruding ethics and the thunder of the common politician into such a discussion. You have been outgeneralled and outclassed. You have been very wordy, and all you have done is buzz. You have buzzed like gnats about a bear. Gentlemen, there stands the bear" (he pointed at Ernest), "and your buzzing has only tickled his ears.

"Believe me, the situation is serious. That bear reached out his paws tonight to crush us. He has said there are a million and a half of revolutionists in the United States. That is a fact. He has said that it is their intention to take away from us

our governments, our palaces, and all our purpled ease. That, also, is a fact. A change, a great change, is coming in society; but, haply, it may not be the change the bear anticipates. The bear has said that he will crush us. What if we crush the bear?"

The throat-rumble arose in the great room, and man nodded to man with indorsement and certitude. Their faces were set hard. They were fighters, that was certain.

"But not by buzzing will we crush the bear," Mr. Wickson went on coldly and dispassionately. "We will hunt the bear. We will not reply to the bear in words. Our reply shall be couched in terms of lead. We are in power. Nobody will deny it. By virtue of that power we shall remain in power."

He turned suddenly upon Ernest. The moment was dramatic.

"This, then, is our answer. We have no words to waste on you. When you reach out your vaunted strong hands for our palaces and purpled ease, we will show you what strength is. In roar of shell and shrapnel and in whine of machine-guns will our answer be couched.<sup>47</sup> We will grind

---

47 To show the tenor of thought, the following definition is quoted from "The Cynic's Word Book" (1906 A.D.), written by one Ambrose Bierce, an avowed and confirmed misanthrope of the period: "Grapeshot, n. An argument which the future is preparing in answer to the demands of American Socialism."



you revolutionists down under our heel, and we shall walk upon your faces. The world is ours, we are its lords, and ours it shall remain. As for the host of labor, it has been in the dirt since history began, and I read history aright. And in the dirt it shall remain so long as I and mine and those that come after us have the power. There is the word. It is the king of words—Power. Not God, not Mammon, but Power. Pour it over your tongue till it tingles with it. Power.”

“I am answered,” Ernest said quietly. “It is the only answer that could be given. Power. It is what we of the working class preach. We know, and well we know by bitter experience, that no appeal for the right, for justice, for humanity, can ever touch you. Your hearts are hard as your heels with which you tread upon the faces of the poor. So we have preached power. By the power of our ballots on election day will we take your government away from you—”

“What if you do get a majority, a sweeping majority, on election day?” Mr. Wickson broke in to demand. “Suppose we refuse to turn the government over to you after you have captured it at the ballot-box?”

“That, also, have we considered,” Ernest replied. “And we shall give you an answer in terms of lead. Power you have proclaimed the king of words. Very good. Power it shall be. And in the day that we sweep to victory at the ballot-box,

and you refuse to turn over to us the government we have constitutionally and peacefully captured, and you demand what we are going to do about it—in that day, I say, we shall answer you; and in roar of shell and shrapnel and in whine of machine-guns shall our answer be couched.

“You cannot escape us. It is true that you have read history aright. It is true that labor has from the beginning of history been in the dirt. And it is equally true that so long as you and yours and those that come after you have power, that labor shall remain in the dirt. I agree with you. I agree with all that you have said. Power will be the arbiter, as it always has been the arbiter. It is a struggle of classes. Just as your class dragged down the old feudal nobility, so shall it be dragged down by my class, the working class. If you will read your biology and your sociology as clearly as you do your history, you will see that this end I have described is inevitable. It does not matter whether it is in one year, ten, or a thousand—your class shall be dragged down. And it shall be done by power. We of the labor hosts have conned that word over till our minds are all a-tingle with it. Power. It is a kingly word.”

And so ended the night with the Philomaths.

## CHAPTER VI. ADUMBRATIONS

It was about this time that the warnings of coming events began to fall about us thick and fast. Ernest had already questioned father's policy of having socialists and labor leaders at his house, and of openly attending socialist meetings; and father had only laughed at him for his pains. As for myself, I was learning much from this contact with the working-class leaders and thinkers. I was seeing the other side of the shield. I was delighted with the unselfishness and high idealism I encountered, though I was appalled by the vast philosophic and scientific literature of socialism that was opened up to me. I was learning fast, but I learned not fast enough to realize then the peril of our position.

There were warnings, but I did not heed them. For instance, Mrs. Pertonwaithe and Mrs. Wickson exercised tremendous social power in the university town, and from them emanated the sentiment that I was a too-forward and self-assertive young woman with a mischievous penchant

for officiousness and interference in other persons' affairs. This I thought no more than natural, considering the part I had played in investigating the case of Jackson's arm. But the effect of such a sentiment, enunciated by two such powerful social arbiters, I underestimated.

True, I noticed a certain aloofness on the part of my general friends, but this I ascribed to the disapproval that was prevalent in my circles of my intended marriage with Ernest. It was not till some time afterward that Ernest pointed out to me clearly that this general attitude of my class was something more than spontaneous, that behind it were the hidden springs of an organized conduct. "You have given shelter to an enemy of your class," he said. "And not alone shelter, for you have given your love, yourself. This is treason to your class. Think not that you will escape being penalized."

But it was before this that father returned one afternoon. Ernest was with me, and we could see that father was angry—philosophically angry. He was rarely really angry; but a certain measure of controlled anger he allowed himself. He called it a tonic. And we could see that he was tonic-angry when he entered the room.

"What do you think?" he demanded. "I had luncheon with Wilcox."

Wilcox was the superannuated president of the university, whose withered mind was stored with generalizations that were young in 1870, and which he had since failed to revise.

“I was invited,” father announced. “I was sent for.”

He paused, and we waited.

“Oh, it was done very nicely, I’ll allow; but I was reprimanded. I! And by that old fossil!”

“I’ll wager I know what you were reprimanded for,” Ernest said.

“Not in three guesses,” father laughed.

“One guess will do,” Ernest retorted. “And it won’t be a guess. It will be a deduction. You were reprimanded for your private life.”

“The very thing!” father cried. “How did you guess?”

“I knew it was coming. I warned you before about it.”

“Yes, you did,” father meditated. “But I couldn’t believe it. At any rate, it is only so much more clinching evidence for my book.”

“It is nothing to what will come,” Ernest went on, “if you persist in your policy of having these socialists and radicals of all sorts at your house, myself included.”

“Just what old Wilcox said. And of all unwarranted things! He said it was in poor taste, utterly profitless, anyway,

and not in harmony with university traditions and policy. He said much more of the same vague sort, and I couldn't pin him down to anything specific. I made it pretty awkward for him, and he could only go on repeating himself and telling me how much he honored me, and all the world honored me, as a scientist. It wasn't an agreeable task for him. I could see he didn't like it."

"He was not a free agent," Ernest said. "The leg-bar<sup>48</sup> is not always worn graciously."

"Yes. I got that much out of him. He said the university needed ever so much more money this year than the state was willing to furnish; and that it must come from wealthy personages who could not but be offended by the swerving of the university from its high ideal of the passionless pursuit of passionless intelligence. When I tried to pin him down to what my home life had to do with swerving the university from its high ideal, he offered me a two years' vacation, on full pay, in Europe, for recreation and research. Of course I couldn't accept it under the circumstances."

"It would have been far better if you had," Ernest said gravely.

---

48 Leg-bar—the African slaves were so manacled; also criminals. It was not until the coming of the Brotherhood of Man that the leg-bar passed out of use.

“It was a bribe,” father protested; and Ernest nodded.

“Also, the beggar said that there was talk, tea-table gossip and so forth, about my daughter being seen in public with so notorious a character as you, and that it was not in keeping with university tone and dignity. Not that he personally objected—oh, no; but that there was talk and that I would understand.”

Ernest considered this announcement for a moment, and then said, and his face was very grave, withal there was a sombre wrath in it:

“There is more behind this than a mere university ideal. Somebody has put pressure on President Wilcox.”

“Do you think so?” father asked, and his face showed that he was interested rather than frightened.

“I wish I could convey to you the conception that is dimly forming in my own mind,” Ernest said. “Never in the history of the world was society in so terrific flux as it is right now. The swift changes in our industrial system are causing equally swift changes in our religious, political, and social structures. An unseen and fearful revolution is taking place in the fibre and structure of society. One can only dimly feel these things. But they are in the air, now, to-day. One can feel the loom of them—things vast, vague, and terrible. My mind recoils from contemplation of what they may crystallize

into. You heard Wickson talk the other night. Behind what he said were the same nameless, formless things that I feel. He spoke out of a superconscious apprehension of them.”

“You mean . . . ?” father began, then paused.

“I mean that there is a shadow of something colossal and menacing that even now is beginning to fall across the land. Call it the shadow of an oligarchy, if you will; it is the nearest I dare approximate it. What its nature may be I refuse to imagine.<sup>49</sup> But what I wanted to say was this: You are in a perilous position—a peril that my own fear enhances because I am not able even to measure it. Take my advice and accept the vacation.”

“But it would be cowardly,” was the protest.

---

49 Though, like Everhard, they did not dream of the nature of it, there were men, even before his time, who caught glimpses of the shadow. John C. Calhoun said: “A power has risen up in the government greater than the people themselves, consisting of many and various and powerful interests, combined into one mass, and held together by the cohesive power of the vast surplus in the banks.” And that great humanist, Abraham Lincoln, said, just before his assassination: “I see in the near future a crisis approaching that unnerves me and causes me to tremble for the safety of my country. . . . Corporations have been enthroned, an era of corruption in high places will follow, and the money-power of the country will endeavor to prolong its reign by working upon the prejudices of the people until the wealth is aggregated in a few hands and the Republic is destroyed.”



“Not at all. You are an old man. You have done your work in the world, and a great work. Leave the present battle to youth and strength. We young fellows have our work yet to do. Avis will stand by my side in what is to come. She will be your representative in the battle-front.”

“But they can’t hurt me,” father objected. “Thank God I am independent. Oh, I assure you, I know the frightful persecution they can wage on a professor who is economically dependent on his university. But I am independent. I have not been a professor for the sake of my salary. I can get along very comfortably on my own income, and the salary is all they can take away from me.”

“But you do not realize,” Ernest answered. “If all that I fear be so, your private income, your principal itself, can be taken from you just as easily as your salary.”

Father was silent for a few minutes. He was thinking deeply, and I could see the lines of decision forming in his face. At last he spoke.

“I shall not take the vacation.” He paused again. “I shall go on with my book.<sup>50</sup> You may be wrong, but whether you are wrong or right, I shall stand by my guns.”

---

50 This book, “Economics and Education,” was published in that year. Three copies of it are extant; two at Ardis, and one at Asgard. It dealt, in elaborate detail, with one factor in the persistence of

“All right,” Ernest said. “You are travelling the same path that Bishop Morehouse is, and toward a similar smash-up. You’ll both be proletarians before you’re done with it.”

The conversation turned upon the Bishop, and we got Ernest to explain what he had been doing with him.

“He is soul-sick from the journey through hell I have given him. I took him through the homes of a few of our factory workers. I showed him the human wrecks cast aside by the industrial machine, and he listened to their life stories. I took him through the slums of San Francisco, and in drunkenness, prostitution, and criminality he learned a deeper cause than innate depravity. He is very sick, and, worse than that, he has got out of hand. He is too ethical. He has been too severely touched. And, as usual, he is unpractical. He is up in the air with all kinds of ethical delusions and plans for mission work among the cultured. He feels it is his bounden duty to resurrect the ancient spirit of the Church and to deliver its message to the masters. He is overwrought.

---

the established, namely, the capitalistic bias of the universities and common schools. It was a logical and crushing indictment of the whole system of education that developed in the minds of the students only such ideas as were favorable to the capitalistic regime, to the exclusion of all ideas that were inimical and subversive. The book created a furor, and was promptly suppressed by the Oligarchy.

Sooner or later he is going to break out, and then there's going to be a smash-up. What form it will take I can't even guess. He is a pure, exalted soul, but he is so unpractical. He's beyond me. I can't keep his feet on the earth. And through the air he is rushing on to his Gethsemane. And after this his crucifixion. Such high souls are made for crucifixion."

"And you?" I asked; and beneath my smile was the seriousness of the anxiety of love.

"Not I," he laughed back. "I may be executed, or assassinated, but I shall never be crucified. I am planted too solidly and stolidly upon the earth."

"But why should you bring about the crucifixion of the Bishop?" I asked. "You will not deny that you are the cause of it."

"Why should I leave one comfortable soul in comfort when there are millions in travail and misery?" he demanded back.

"Then why did you advise father to accept the vacation?"

"Because I am not a pure, exalted soul," was the answer. "Because I am solid and stolid and selfish. Because I love you and, like Ruth of old, thy people are my people. As for the Bishop, he has no daughter. Besides, no matter how small the good, nevertheless his little inadequate wail will be productive of some good in the revolution, and every little bit counts."

I could not agree with Ernest. I knew well the noble nature of Bishop Morehouse, and I could not conceive that his voice raised for righteousness would be no more than a little inadequate wail. But I did not yet have the harsh facts of life at my fingers' ends as Ernest had. He saw clearly the futility of the Bishop's great soul, as coming events were soon to show as clearly to me.

It was shortly after this day that Ernest told me, as a good story, the offer he had received from the government, namely, an appointment as United States Commissioner of Labor. I was overjoyed. The salary was comparatively large, and would make safe our marriage. And then it surely was congenial work for Ernest, and, furthermore, my jealous pride in him made me hail the proffered appointment as a recognition of his abilities.

Then I noticed the twinkle in his eyes. He was laughing at me.

"You are not going to . . . to decline?" I quavered.

"It is a bribe," he said. "Behind it is the fine hand of Wickson, and behind him the hands of greater men than he. It is an old trick, old as the class struggle is old—stealing the captains from the army of labor. Poor betrayed labor! If you but knew how many of its leaders have been bought out in similar ways in the past. It is cheaper, so much cheaper, to

buy a general than to fight him and his whole army. There was—but I'll not call any names. I'm bitter enough over it as it is. Dear heart, I am a captain of labor. I could not sell out. If for no other reason, the memory of my poor old father and the way he was worked to death would prevent."

The tears were in his eyes, this great, strong hero of mine. He never could forgive the way his father had been malformed—the sordid lies and the petty thefts he had been compelled to, in order to put food in his children's mouths.

"My father was a good man," Ernest once said to me. "The soul of him was good, and yet it was twisted, and maimed, and blunted by the savagery of his life. He was made into a broken-down beast by his masters, the arch-beasts. He should be alive to-day, like your father. He had a strong constitution. But he was caught in the machine and worked to death—for profit. Think of it. For profit—his life blood transmuted into a wine-supper, or a jewelled gewgaw, or some similar sense-orgy of the parasitic and idle rich, his masters, the arch-beasts."



## CHAPTER VII. THE BISHOP'S VISION

““**T**he Bishop is out of hand,” Ernest wrote me. “He is clear up in the air. Tonight he is going to begin putting to rights this very miserable world of ours. He is going to deliver his message. He has told me so, and I cannot dissuade him. To-night he is chairman of the I.P.H.,<sup>51</sup> and he will embody his message in his introductory remarks.

“May I bring you to hear him? Of course, he is foredoomed to futility. It will break your heart—it will break his; but for you it will be an excellent object lesson. You know, dear heart, how proud I am because you love me. And because of that I want you to know my fullest value, I want to redeem, in your eyes, some small measure of my unworthiness. And so it is that my pride desires that you

---

51 There is no clue to the name of the organization for which these initials stand.

shall know my thinking is correct and right. My views are harsh; the futility of so noble a soul as the Bishop will show you the compulsion for such harshness. So come to-night. Sad though this night's happening will be, I feel that it will but draw you more closely to me."

The I.P.H. held its convention that night in San Francisco.<sup>52</sup> This convention had been called to consider public immorality and the remedy for it. Bishop Morehouse presided. He was very nervous as he sat on the platform, and I could see the high tension he was under. By his side were Bishop Dickinson; H. H. Jones, the head of the ethical department in the University of California; Mrs. W. W. Hurd, the great charity organizer; Philip Ward, the equally great philanthropist; and several lesser luminaries in the field of morality and charity. Bishop Morehouse arose and abruptly began:

"I was in my brougham, driving through the streets. It was night-time. Now and then I looked through the carriage windows, and suddenly my eyes seemed to be opened, and I saw things as they really are. At first I covered my eyes with my hands to shut out the awful sight, and then, in the

---

52 It took but a few minutes to cross by ferry from Berkeley to San Francisco. These, and the other bay cities, practically composed one community.



darkness, the question came to me: What is to be done? What is to be done? A little later the question came to me in another way: What would the Master do? And with the question a great light seemed to fill the place, and I saw my duty sun-clear, as Saul saw his on the way to Damascus.

“I stopped the carriage, got out, and, after a few minutes’ conversation, persuaded two of the public women to get into the brougham with me. If Jesus was right, then these two unfortunates were my sisters, and the only hope of their purification was in my affection and tenderness.

“I live in one of the loveliest localities of San Francisco. The house in which I live cost a hundred thousand dollars, and its furnishings, books, and works of art cost as much more. The house is a mansion. No, it is a palace, wherein there are many servants. I never knew what palaces were good for. I had thought they were to live in. But now I know. I took the two women of the street to my palace, and they are going to stay with me. I hope to fill every room in my palace with such sisters as they.”

The audience had been growing more and more restless and unsettled, and the faces of those that sat on the platform had been betraying greater and greater dismay and consternation. And at this point Bishop Dickinson arose, and with an expression of disgust on his face, fled from the platform

and the hall. But Bishop Morehouse, oblivious to all, his eyes filled with his vision, continued:

“Oh, sisters and brothers, in this act of mine I find the solution of all my difficulties. I didn’t know what broughams were made for, but now I know. They are made to carry the weak, the sick, and the aged; they are made to show honor to those who have lost the sense even of shame.

“I did not know what palaces were made for, but now I have found a use for them. The palaces of the Church should be hospitals and nurseries for those who have fallen by the wayside and are perishing.”

He made a long pause, plainly overcome by the thought that was in him, and nervous how best to express it.

“I am not fit, dear brethren, to tell you anything about morality. I have lived in shame and hypocrisies too long to be able to help others; but my action with those women, sisters of mine, shows me that the better way is easy to find. To those who believe in Jesus and his gospel there can be no other relation between man and man than the relation of affection. Love alone is stronger than sin—stronger than death. I therefore say to the rich among you that it is their duty to do what I have done and am doing. Let each one of you who is prosperous take into his house some thief and treat him as his brother, some unfortunate and treat her as his sister, and San Francisco will need

no police force and no magistrates; the prisons will be turned into hospitals, and the criminal will disappear with his crime.

“We must give ourselves and not our money alone. We must do as Christ did; that is the message of the Church today. We have wandered far from the Master’s teaching. We are consumed in our own flesh-pots. We have put mammon in the place of Christ. I have here a poem that tells the whole story. I should like to read it to you. It was written by an erring soul who yet saw clearly.<sup>53</sup> It must not be mistaken for an attack upon the Catholic Church. It is an attack upon all churches, upon the pomp and splendor of all churches that have wandered from the Master’s path and hedged themselves in from his lambs. Here it is:

*“The silver trumpets rang across the Dome;  
The people knelt upon the ground with awe;  
And borne upon the necks of men I saw,  
Like some great God, the Holy Lord of Rome.*

*“Priest-like, he wore a robe more white than foam,  
And, king-like, swathed himself in royal red,*

---

53 Oscar Wilde, one of the lords of language of the nineteenth century of the Christian Era.

*Three crowns of gold rose high upon his head;  
In splendor and in light the Pope passed home.*

*“My heart stole back across wide wastes of years  
To One who wandered by a lonely sea;  
And sought in vain for any place of rest:  
I, only I, must wander wearily,  
And bruise my feet, and drink wine salt with tears.”*

The audience was agitated, but unresponsive. Yet Bishop Morehouse was not aware of it. He held steadily on his way.

“And so I say to the rich among you, and to all the rich, that bitterly you oppress the Master’s lambs. You have hardened your hearts. You have closed your ears to the voices that are crying in the land—the voices of pain and sorrow that you will not hear but that some day will be heard. And so I say—”

But at this point H. H. Jones and Philip Ward, who had already risen from their chairs, led the Bishop off the platform, while the audience sat breathless and shocked.

Ernest laughed harshly and savagely when he had gained the street. His laughter jarred upon me. My heart seemed ready to burst with suppressed tears.

“He has delivered his message,” Ernest cried. “The manhood and the deep-hidden, tender nature of their Bishop burst out, and his Christian audience, that loved him, concluded that he was crazy! Did you see them leading him so solicitously from the platform? There must have been laughter in hell at the spectacle.”

“Nevertheless, it will make a great impression, what the Bishop did and said to-night,” I said.

“Think so?” Ernest queried mockingly.

“It will make a sensation,” I asserted. “Didn’t you see the reporters scribbling like mad while he was speaking?”

“Not a line of which will appear in to-morrow’s papers.”

“I can’t believe it,” I cried.

“Just wait and see,” was the answer. “Not a line, not a thought that he uttered. The daily press? The daily suppressage!”

“But the reporters,” I objected. “I saw them.”

“Not a word that he uttered will see print. You have forgotten the editors. They draw their salaries for the policy they maintain. Their policy is to print nothing that is a vital menace to the established. The Bishop’s utterance was a violent assault upon the established morality. It was heresy. They led him from the platform to prevent him from uttering more heresy. The newspapers will purge his heresy

in the oblivion of silence. The press of the United States? It is a parasitic growth that battens on the capitalist class. Its function is to serve the established by moulding public opinion, and right well it serves it.

“Let me prophesy. To-morrow’s papers will merely mention that the Bishop is in poor health, that he has been working too hard, and that he broke down last night. The next mention, some days hence, will be to the effect that he is suffering from nervous prostration and has been given a vacation by his grateful flock. After that, one of two things will happen: either the Bishop will see the error of his way and return from his vacation a well man in whose eyes there are no more visions, or else he will persist in his madness, and then you may expect to see in the papers, couched pathetically and tenderly, the announcement of his insanity. After that he will be left to gibber his visions to padded walls.”

“Now there you go too far!” I cried out.

“In the eyes of society it will truly be insanity,” he replied. “What honest man, who is not insane, would take lost women and thieves into his house to dwell with him sisterly and brotherly? True, Christ died between two thieves, but that is another story. Insanity? The mental processes of the man with whom one disagrees, are always wrong. Therefore the mind of the man is wrong. Where is the line

between wrong mind and insane mind? It is inconceivable that any sane man can radically disagree with one's most sane conclusions.

"There is a good example of it in this evening's paper. Mary McKenna lives south of Market Street. She is a poor but honest woman. She is also patriotic. But she has erroneous ideas concerning the American flag and the protection it is supposed to symbolize. And here's what happened to her. Her husband had an accident and was laid up in hospital three months. In spite of taking in washing, she got behind in her rent. Yesterday they evicted her. But first, she hoisted an American flag, and from under its folds she announced that by virtue of its protection they could not turn her out on to the cold street. What was done? She was arrested and arraigned for insanity. To-day she was examined by the regular insanity experts. She was found insane. She was consigned to the Napa Asylum."

"But that is far-fetched," I objected. "Suppose I should disagree with everybody about the literary style of a book. They wouldn't send me to an asylum for that."

"Very true," he replied. "But such divergence of opinion would constitute no menace to society. Therein lies the difference. The divergence of opinion on the parts of Mary McKenna and the Bishop do menace society. What if all the

poor people should refuse to pay rent and shelter themselves under the American flag? Landlordism would go crumbling. The Bishop's views are just as perilous to society. Ergo, to the asylum with him."

But still I refused to believe.

"Wait and see," Ernest said, and I waited.

Next morning I sent out for all the papers. So far Ernest was right. Not a word that Bishop Morehouse had uttered was in print. Mention was made in one or two of the papers that he had been overcome by his feelings. Yet the platitudes of the speakers that followed him were reported at length.

Several days later the brief announcement was made that he had gone away on a vacation to recover from the effects of overwork. So far so good, but there had been no hint of insanity, nor even of nervous collapse. Little did I dream the terrible road the Bishop was destined to travel—the Gethsemane and crucifixion that Ernest had pondered about.



## CHAPTER VIII. THE MACHINE BREAKERS

It was just before Ernest ran for Congress, on the socialist ticket, that father gave what he privately called his “Profit and Loss” dinner. Ernest called it the dinner of the Machine Breakers. In point of fact, it was merely a dinner for business men—small business men, of course. I doubt if one of them was interested in any business the total capitalization of which exceeded a couple of hundred thousand dollars. They were truly representative middle-class business men.

There was Owen, of Silverberg, Owen & Company—a large grocery firm with several branch stores. We bought our groceries from them. There were both partners of the big drug firm of Kowalt & Washburn, and Mr. Asmunsen, the owner of a large granite quarry in Contra Costa County. And there were many similar men, owners or part-owners in small factories, small businesses and small industries—small capitalists, in short.

They were shrewd-faced, interesting men, and they talked with simplicity and clearness. Their unanimous complaint was against the corporations and trusts. Their creed was, "Bust the Trusts." All oppression originated in the trusts, and one and all told the same tale of woe. They advocated government ownership of such trusts as the railroads and telegraphs, and excessive income taxes, graduated with ferocity, to destroy large accumulations. Likewise they advocated, as a cure for local ills, municipal ownership of such public utilities as water, gas, telephones, and street railways.

Especially interesting was Mr. Asmunsen's narrative of his tribulations as a quarry owner. He confessed that he never made any profits out of his quarry, and this, in spite of the enormous volume of business that had been caused by the destruction of San Francisco by the big earthquake. For six years the rebuilding of San Francisco had been going on, and his business had quadrupled and octupled, and yet he was no better off.

"The railroad knows my business just a little bit better than I do," he said. "It knows my operating expenses to a cent, and it knows the terms of my contracts. How it knows these things I can only guess. It must have spies in my employ, and it must have access to the parties to all my contracts. For look

you, when I place a big contract, the terms of which favor me a goodly profit, the freight rate from my quarry to market is promptly raised. No explanation is made. The railroad gets my profit. Under such circumstances I have never succeeded in getting the railroad to reconsider its raise. On the other hand, when there have been accidents, increased expenses of operating, or contracts with less profitable terms, I have always succeeded in getting the railroad to lower its rate. What is the result? Large or small, the railroad always gets my profits."

"What remains to you over and above," Ernest interrupted to ask, "would roughly be the equivalent of your salary as a manager did the railroad own the quarry."

"The very thing," Mr. Asmunsen replied. "Only a short time ago I had my books gone through for the past ten years. I discovered that for those ten years my gain was just equivalent to a manager's salary. The railroad might just as well have owned my quarry and hired me to run it."

"But with this difference," Ernest laughed; "the railroad would have had to assume all the risk which you so obligingly assumed for it."

"Very true," Mr. Asmunsen answered sadly.

Having let them have their say, Ernest began asking questions right and left. He began with Mr. Owen.

“You started a branch store here in Berkeley about six months ago?”

“Yes,” Mr. Owen answered.

“And since then I’ve noticed that three little corner groceries have gone out of business. Was your branch store the cause of it?”

Mr. Owen affirmed with a complacent smile. “They had no chance against us.”

“Why not?”

“We had greater capital. With a large business there is always less waste and greater efficiency.”

“And your branch store absorbed the profits of the three small ones. I see. But tell me, what became of the owners of the three stores?”

“One is driving a delivery wagon for us. I don’t know what happened to the other two.”

Ernest turned abruptly on Mr. Kowalt.

“You sell a great deal at cut-rates.<sup>54</sup> What have become of the owners of the small drug stores that you forced to the wall?”

---

54 A lowering of selling price to cost, and even to less than cost. Thus, a large company could sell at a loss for a longer period than a small company, and so drive the small company out of business. A common device of competition.

“One of them, Mr. Haasfurther, has charge now of our prescription department,” was the answer.

“And you absorbed the profits they had been making?”

“Surely. That is what we are in business for.”

“And you?” Ernest said suddenly to Mr. Asmunsen. “You are disgusted because the railroad has absorbed your profits?”

Mr. Asmunsen nodded.

“What you want is to make profits yourself?”

Again Mr. Asmunsen nodded.

“Out of others?”

There was no answer.

“Out of others?” Ernest insisted.

“That is the way profits are made,” Mr. Asmunsen replied curtly.

“Then the business game is to make profits out of others, and to prevent others from making profits out of you. That’s it, isn’t it?”

Ernest had to repeat his question before Mr. Asmunsen gave an answer, and then he said:

“Yes, that’s it, except that we do not object to the others making profits so long as they are not extortionate.”

“By extortionate you mean large; yet you do not object to making large profits yourself? . . . Surely not?”

And Mr. Asmunsen amiably confessed to the weakness. There was one other man who was quizzed by Ernest at this juncture, a Mr. Calvin, who had once been a great dairy-owner.

“Some time ago you were fighting the Milk Trust,” Ernest said to him; “and now you are in Grange politics.<sup>55</sup> How did it happen?”

“Oh, I haven’t quit the fight,” Mr. Calvin answered, and he looked belligerent enough. “I’m fighting the Trust on the only field where it is possible to fight—the political field. Let me show you. A few years ago we dairymen had everything our own way.”

“But you competed among yourselves?” Ernest interrupted.

“Yes, that was what kept the profits down. We did try to organize, but independent dairymen always broke through us. Then came the Milk Trust.”

“Financed by surplus capital from Standard Oil,”<sup>56</sup> Ernest said.

---

55 Many efforts were made during this period to organize the perishing farmer class into a political party, the aim of which was to destroy the trusts and corporations by drastic legislation. All such attempts ended in failure.

56 The first successful great trust—almost a generation in advance of the rest.

“Yes,” Mr. Calvin acknowledged. “But we did not know it at the time. Its agents approached us with a club. “Come in and be fat,” was their proposition, “or stay out and starve.” Most of us came in. Those that didn’t, starved. Oh, it paid us . . . at first. Milk was raised a cent a quart. One-quarter of this cent came to us. Three-quarters of it went to the Trust. Then milk was raised another cent, only we didn’t get any of that cent. Our complaints were useless. The Trust was in control. We discovered that we were pawns. Finally, the additional quarter of a cent was denied us. Then the Trust began to squeeze us out. What could we do? We were squeezed out. There were no dairymen, only a Milk Trust.”

“But with milk two cents higher, I should think you could have competed,” Ernest suggested slyly.

“So we thought. We tried it.” Mr. Calvin paused a moment. “It broke us. The Trust could put milk upon the market more cheaply than we. It could sell still at a slight profit when we were selling at actual loss. I dropped fifty thousand dollars in that venture. Most of us went bankrupt.<sup>57</sup> The dairymen were wiped out of existence.”

---

57 Bankruptcy—a peculiar institution that enabled an individual, who had failed in competitive industry, to forego paying his debts. The effect was to ameliorate the too savage conditions of the fang-and-claw social struggle.

“So the Trust took your profits away from you,” Ernest said, “and you’ve gone into politics in order to legislate the Trust out of existence and get the profits back?”

Mr. Calvin’s face lighted up. “That is precisely what I say in my speeches to the farmers. That’s our whole idea in a nutshell.”

“And yet the Trust produces milk more cheaply than could the independent dairymen?” Ernest queried.

“Why shouldn’t it, with the splendid organization and new machinery its large capital makes possible?”

“There is no discussion,” Ernest answered. “It certainly should, and, furthermore, it does.”

Mr. Calvin here launched out into a political speech in exposition of his views. He was warmly followed by a number of the others, and the cry of all was to destroy the trusts.

“Poor simple folk,” Ernest said to me in an undertone. “They see clearly as far as they see, but they see only to the ends of their noses.”

A little later he got the floor again, and in his characteristic way controlled it for the rest of the evening.

“I have listened carefully to all of you,” he began, “and I see plainly that you play the business game in the orthodox fashion. Life sums itself up to you in profits. You have a firm and abiding belief that you were created for the sole



purpose of making profits. Only there is a hitch. In the midst of your own profit-making along comes the trust and takes your profits away from you. This is a dilemma that interferes somehow with the aim of creation, and the only way out, as it seems to you, is to destroy that which takes from you your profits.

“I have listened carefully, and there is only one name that will epitomize you. I shall call you that name. You are machine-breakers. Do you know what a machine-breaker is? Let me tell you. In the eighteenth century, in England, men and women wove cloth on hand-loom in their own cottages. It was a slow, clumsy, and costly way of weaving cloth, this cottage system of manufacture. Along came the steam-engine and labor-saving machinery. A thousand looms assembled in a large factory, and driven by a central engine wove cloth vastly more cheaply than could the cottage weavers on their hand-loom. Here in the factory was combination, and before it competition faded away. The men and women who had worked the hand-loom for themselves now went into the factories and worked the machine-loom, not for themselves, but for the capitalist owners. Furthermore, little children went to work on the machine-loom, at lower wages, and displaced the men. This made hard times for the men. Their standard of living fell. They starved. And they said it was

all the fault of the machines. Therefore, they proceeded to break the machines. They did not succeed, and they were very stupid.

“Yet you have not learned their lesson. Here are you, a century and a half later, trying to break machines. By your own confession the trust machines do the work more efficiently and more cheaply than you can. That is why you cannot compete with them. And yet you would break those machines. You are even more stupid than the stupid workmen of England. And while you mander about restoring competition, the trusts go on destroying you.

“One and all you tell the same story,—the passing away of competition and the coming on of combination. You, Mr. Owen, destroyed competition here in Berkeley when your branch store drove the three small groceries out of business. Your combination was more effective. Yet you feel the pressure of other combinations on you, the trust combinations, and you cry out. It is because you are not a trust. If you were a grocery trust for the whole United States, you would be singing another song. And the song would be, ‘Blessed are the trusts.’ And yet again, not only is your small combination not a trust, but you are aware yourself of its lack of strength. You are beginning to divine your own end. You feel yourself and your branch stores a

pawn in the game. You see the powerful interests rising and growing more powerful day by day; you feel their mailed hands descending upon your profits and taking a pinch here and a pinch there—the railroad trust, the oil trust, the steel trust, the coal trust; and you know that in the end they will destroy you, take away from you the last per cent of your little profits.

“You, sir, are a poor gamester. When you squeezed out the three small groceries here in Berkeley by virtue of your superior combination, you swelled out your chest, talked about efficiency and enterprise, and sent your wife to Europe on the profits you had gained by eating up the three small groceries. It is dog eat dog, and you ate them up. But, on the other hand, you are being eaten up in turn by the bigger dogs, wherefore you squeal. And what I say to you is true of all of you at this table. You are all squealing. You are all playing the losing game, and you are all squealing about it.

“But when you squeal you don’t state the situation flatly, as I have stated it. You don’t say that you like to squeeze profits out of others, and that you are making all the row because others are squeezing your profits out of you. No, you are too cunning for that. You say something else. You make small-capitalist political speeches such as Mr. Calvin made. What did he say? Here are a few of his phrases I caught: ‘Our

original principles are all right,' 'What this country requires is a return to fundamental American methods—free opportunity for all,' 'The spirit of liberty in which this nation was born,' 'Let us return to the principles of our forefathers.'

"When he says 'free opportunity for all,' he means free opportunity to squeeze profits, which freedom of opportunity is now denied him by the great trusts. And the absurd thing about it is that you have repeated these phrases so often that you believe them. You want opportunity to plunder your fellow-men in your own small way, but you hypnotize yourselves into thinking you want freedom. You are piggish and acquisitive, but the magic of your phrases leads you to believe that you are patriotic. Your desire for profits, which is sheer selfishness, you metamorphose into altruistic solicitude for suffering humanity. Come on now, right here amongst ourselves, and be honest for once. Look the matter in the face and state it in direct terms."

There were flushed and angry faces at the table, and withal a measure of awe. They were a little frightened at this smooth-faced young fellow, and the swing and smash of his words, and his dreadful trait of calling a spade a spade. Mr. Calvin promptly replied.

"And why not?" he demanded. "Why can we not return to the ways of our fathers when this republic was founded?"

You have spoken much truth, Mr. Everhard, unpalatable though it has been. But here amongst ourselves let us speak out. Let us throw off all disguise and accept the truth as Mr. Everhard has flatly stated it. It is true that we smaller capitalists are after profits, and that the trusts are taking our profits away from us. It is true that we want to destroy the trusts in order that our profits may remain to us. And why can we not do it? Why not? I say, why not?"

"Ah, now we come to the gist of the matter," Ernest said with a pleased expression. "I'll try to tell you why not, though the telling will be rather hard. You see, you fellows have studied business, in a small way, but you have not studied social evolution at all. You are in the midst of a transition stage now in economic evolution, but you do not understand it, and that's what causes all the confusion. Why cannot you return? Because you can't. You can no more make water run up hill than can you cause the tide of economic evolution to flow back in its channel along the way it came. Joshua made the sun stand still upon Gibeon, but you would outdo Joshua. You would make the sun go backward in the sky. You would have time retrace its steps from noon to morning.

"In the face of labor-saving machinery, of organized production, of the increased efficiency of combination, you

would set the economic sun back a whole generation or so to the time when there were no great capitalists, no great machinery, no railroads—a time when a host of little capitalists warred with each other in economic anarchy, and when production was primitive, wasteful, unorganized, and costly. Believe me, Joshua's task was easier, and he had Jehovah to help him. But God has forsaken you small capitalists. The sun of the small capitalists is setting. It will never rise again. Nor is it in your power even to make it stand still. You are perishing, and you are doomed to perish utterly from the face of society.

“This is the fiat of evolution. It is the word of God. Combination is stronger than competition. Primitive man was a puny creature hiding in the crevices of the rocks. He combined and made war upon his carnivorous enemies. They were competitive beasts. Primitive man was a combinative beast, and because of it he rose to primacy over all the animals. And man has been achieving greater and greater combinations ever since. It is combination *versus* competition, a thousand centuries long struggle, in which competition has always been worsted. Whoso enlists on the side of competition perishes.”

“But the trusts themselves arose out of competition,” Mr. Calvin interrupted.

“Very true,” Ernest answered. “And the trusts themselves destroyed competition. That, by your own word, is why you are no longer in the dairy business.”

The first laughter of the evening went around the table, and even Mr. Calvin joined in the laugh against himself.

“And now, while we are on the trusts,” Ernest went on, “let us settle a few things. I shall make certain statements, and if you disagree with them, speak up. Silence will mean agreement. Is it not true that a machine-loom will weave more cloth and weave more cheaply than a hand-loom?” He paused, but nobody spoke up. “Is it not then highly irrational to break the machine-loom and go back to the clumsy and more costly hand-loom method of weaving?” Heads nodded in acquiescence. “Is it not true that that known as a trust produces more efficiently and cheaply than can a thousand competing small concerns?” Still no one objected. “Then is it not irrational to destroy that cheap and efficient combination?”

No one answered for a long time. Then Mr. Kowalt spoke.

“What are we to do, then?” he demanded. “To destroy the trusts is the only way we can see to escape their domination.”

Ernest was all fire and aliveness on the instant.

"I'll show you another way!" he cried. "Let us not destroy those wonderful machines that produce efficiently and cheaply. Let us control them. Let us profit by their efficiency and cheapness. Let us run them for ourselves. Let us oust the present owners of the wonderful machines, and let us own the wonderful machines ourselves. That, gentlemen, is socialism, a greater combination than the trusts, a greater economic and social combination than any that has as yet appeared on the planet. It is in line with evolution. We meet combination with greater combination. It is the winning side. Come on over with us socialists and play on the winning side."

Here arose dissent. There was a shaking of heads, and mutterings arose.

"All right, then, you prefer to be anachronisms," Ernest laughed. "You prefer to play atavistic roles. You are doomed to perish as all atavisms perish. Have you ever asked what will happen to you when greater combinations than even the present trusts arise? Have you ever considered where you will stand when the great trusts themselves combine into the combination of combinations—into the social, economic, and political trust?"

He turned abruptly and irrelevantly upon Mr. Calvin.

"Tell me," Ernest said, "if this is not true. You are compelled to form a new political party because the old parties



are in the hands of the trusts. The chief obstacle to your Grange propaganda is the trusts. Behind every obstacle you encounter, every blow that smites you, every defeat that you receive, is the hand of the trusts. Is this not so? Tell me.”

Mr. Calvin sat in uncomfortable silence.

“Go ahead,” Ernest encouraged.

“It is true,” Mr. Calvin confessed. “We captured the state legislature of Oregon and put through splendid protective legislation, and it was vetoed by the governor, who was a creature of the trusts. We elected a governor of Colorado, and the legislature refused to permit him to take office. Twice we have passed a national income tax, and each time the supreme court smashed it as unconstitutional. The courts are in the hands of the trusts. We, the people, do not pay our judges sufficiently. But there will come a time—”

“When the combination of the trusts will control all legislation, when the combination of the trusts will itself be the government,” Ernest interrupted.

“Never! never!” were the cries that arose. Everybody was excited and belligerent.

“Tell me,” Ernest demanded, “what will you do when such a time comes?”

“We will rise in our strength!” Mr. Asmunsen cried, and many voices backed his decision.

“That will be civil war,” Ernest warned them.

“So be it, civil war,” was Mr. Asmunsen’s answer, with the cries of all the men at the table behind him. “We have not forgotten the deeds of our forefathers. For our liberties we are ready to fight and die.”

Ernest smiled.

“Do not forget,” he said, “that we had tacitly agreed that liberty in your case, gentlemen, means liberty to squeeze profits out of others.”

The table was angry, now, fighting angry; but Ernest controlled the tumult and made himself heard.

“One more question. When you rise in your strength, remember, the reason for your rising will be that the government is in the hands of the trusts. Therefore, against your strength the government will turn the regular army, the navy, the militia, the police—in short, the whole organized war machinery of the United States. Where will your strength be then?”

Dismay sat on their faces, and before they could recover, Ernest struck again.

“Do you remember, not so long ago, when our regular army was only fifty thousand? Year by year it has been increased until to-day it is three hundred thousand.”

Again he struck.

“Nor is that all. While you diligently pursued that favorite phantom of yours, called profits, and moralized about that favorite fetich of yours, called competition, even greater and more direful things have been accomplished by combination. There is the militia.”

“It is our strength!” cried Mr. Kowalt. “With it we would repel the invasion of the regular army.”

“You would go into the militia yourself,” was Ernest’s retort, “and be sent to Maine, or Florida, or the Philippines, or anywhere else, to drown in blood your own comrades civil-warring for their liberties. While from Kansas, or Wisconsin, or any other state, your own comrades would go into the militia and come here to California to drown in blood your own civil-warring.”

Now they were really shocked, and they sat wordless, until Mr. Owen murmured:

“We would not go into the militia. That would settle it. We would not be so foolish.”

Ernest laughed outright.

“You do not understand the combination that has been effected. You could not help yourself. You would be drafted into the militia.”

“There is such a thing as civil law,” Mr. Owen insisted.

“Not when the government suspends civil law. In that day when you speak of rising in your strength, your strength would be turned against yourself. Into the militia you would go, willy-nilly. Habeas corpus, I heard some one mutter just now. Instead of habeas corpus you would get post mortems. If you refused to go into the militia, or to obey after you were in, you would be tried by drumhead court martial and shot down like dogs. It is the law.”

“It is not the law!” Mr. Calvin asserted positively. “There is no such law. Young man, you have dreamed all this. Why, you spoke of sending the militia to the Philippines. That is unconstitutional. The Constitution especially states that the militia cannot be sent out of the country.”

“What’s the Constitution got to do with it?” Ernest demanded. “The courts interpret the Constitution, and the courts, as Mr. Asmunsen agreed, are the creatures of the trusts. Besides, it is as I have said, the law. It has been the law for years, for nine years, gentlemen.”

“That we can be drafted into the militia?” Mr. Calvin asked incredulously. “That they can shoot us by drumhead court martial if we refuse?”

“Yes,” Ernest answered, “precisely that.”

“How is it that we have never heard of this law?” my father asked, and I could see that it was likewise new to him.

“For two reasons,” Ernest said. “First, there has been no need to enforce it. If there had, you’d have heard of it soon enough. And secondly, the law was rushed through Congress and the Senate secretly, with practically no discussion. Of course, the newspapers made no mention of it. But we socialists knew about it. We published it in our papers. But you never read our papers.”

“I still insist you are dreaming,” Mr. Calvin said stubbornly. “The country would never have permitted it.”

“But the country did permit it,” Ernest replied. “And as for my dreaming—” he put his hand in his pocket and drew out a small pamphlet—“tell me if this looks like dream-stuff.”

He opened it and began to read:

“Section One, be it enacted, and so forth and so forth, that the militia shall consist of every able-bodied male citizen of the respective states, territories, and District of Columbia, who is more than eighteen and less than forty-five years of age.’

“Section Seven, that any officer or enlisted man’—remember Section One, gentlemen, you are all enlisted men—‘that any enlisted man of the militia who shall refuse or neglect to present himself to such mustering officer upon being called forth as herein prescribed, shall be subject to trial by court martial, and shall be punished as such court martial shall direct.’

“Section Eight, that courts martial, for the trial of officers or men of the militia, shall be composed of militia officers only.’

“Section Nine, that the militia, when called into the actual service of the United States, shall be subject to the same rules and articles of war as the regular troops of the United States.’

“There you are gentlemen, American citizens, and fellow-militiamen. Nine years ago we socialists thought that law was aimed against labor. But it would seem that it was aimed against you, too. Congressman Wiley, in the brief discussion that was permitted, said that the bill ‘provided for a reserve force to take the mob by the throat’—you’re the mob, gentlemen—‘and protect at all hazards life, liberty, and property.’ And in the time to come, when you rise in your strength, remember that you will be rising against the property of the trusts, and the liberty of the trusts, according to the law, to squeeze you. Your teeth are pulled, gentlemen. Your claws are trimmed. In the day you rise in your strength, toothless and clawless, you will be as harmless as any army of clams.”

“I don’t believe it!” Kowalt cried. “There is no such law. It is a canard got up by you socialists.”

“This bill was introduced in the House of Representatives on July 30, 1902,” was the reply. “It was introduced by Representative Dick of Ohio. It was rushed through. It was passed unanimously by the Senate on January 14, 1903. And just seven days afterward was approved by the President of the United States.”<sup>58</sup>

---

58 Everhard was right in the essential particulars, though his date of the introduction of the bill is in error. The bill was introduced on June 30, and not on July 30. The Congressional Record is here in Ardis, and a reference to it shows mention of the bill on the following dates: June 30, December 9, 15, 16, and 17, 1902, and January 7 and 14, 1903. The ignorance evidenced by the business men at the dinner was nothing unusual. Very few people knew of the existence of this law. E. Untermann, a revolutionist, in July, 1903, published a pamphlet at Girard, Kansas, on the “Militia Bill.” This pamphlet had a small circulation among workingmen; but already had the segregation of classes proceeded so far, that the members of the middle class never heard of the pamphlet at all, and so remained in ignorance of the law.





# CHAPTER IX. THE MATHEMATICS OF A DREAM

**I**n the midst of the consternation his revelation had produced, Ernest began again to speak.

“You have said, a dozen of you to-night, that socialism is impossible. You have asserted the impossible, now let me demonstrate the inevitable. Not only is it inevitable that you small capitalists shall pass away, but it is inevitable that the large capitalists, and the trusts also, shall pass away. Remember, the tide of evolution never flows backward. It flows on and on, and it flows from competition to combination, and from little combination to large combination, and from large combination to colossal combination, and it flows on to socialism, which is the most colossal combination of all.

“You tell me that I dream. Very good. I’ll give you the mathematics of my dream; and here, in advance, I challenge you to show that my mathematics are wrong. I shall

develop the inevitability of the breakdown of the capitalist system, and I shall demonstrate mathematically why it must break down. Here goes, and bear with me if at first I seem irrelevant.

“Let us, first of all, investigate a particular industrial process, and whenever I state something with which you disagree, please interrupt me. Here is a shoe factory. This factory takes leather and makes it into shoes. Here is one hundred dollars’ worth of leather. It goes through the factory and comes out in the form of shoes, worth, let us say, two hundred dollars. What has happened? One hundred dollars has been added to the value of the leather. How was it added? Let us see.

“Capital and labor added this value of one hundred dollars. Capital furnished the factory, the machines, and paid all the expenses. Labor furnished labor. By the joint effort of capital and labor one hundred dollars of value was added. Are you all agreed so far?”

Heads nodded around the table in affirmation.

“Labor and capital having produced this one hundred dollars, now proceed to divide it. The statistics of this division are fractional; so let us, for the sake of convenience, make them roughly approximate. Capital takes fifty dollars as its share, and labor gets in wages fifty dollars as its share. We

will not enter into the squabbling over the division.<sup>59</sup> No matter how much squabbling takes place, in one percentage or another the division is arranged. And take notice here, that what is true of this particular industrial process is true of all industrial processes. Am I right?”

Again the whole table agreed with Ernest.

“Now, suppose labor, having received its fifty dollars, wanted to buy back shoes. It could only buy back fifty dollars’ worth. That’s clear, isn’t it?”

“And now we shift from this particular process to the sum total of all industrial processes in the United States, which includes the leather itself, raw material, transportation, selling, everything. We will say, for the sake of round figures, that the total production of wealth in the United States in one year is four billion dollars. Then labor has received in wages, during the same period, two billion dollars. Four billion dollars has been produced. How much of this

---

59 Everhard here clearly develops the cause of all the labor troubles of that time. In the division of the joint-product, capital wanted all it could get, and labor wanted all it could get. This quarrel over the division was irreconcilable. So long as the system of capitalistic production existed, labor and capital continued to quarrel over the division of the joint-product. It is a ludicrous spectacle to us, but we must not forget that we have seven centuries’ advantage over those that lived in that time.

can labor buy back? Two billions. There is no discussion of this, I am sure. For that matter, my percentages are mild. Because of a thousand capitalistic devices, labor cannot buy back even half of the total product.

“But to return. We will say labor buys back two billions. Then it stands to reason that labor can consume only two billions. There are still two billions to be accounted for, which labor cannot buy back and consume.”

“Labor does not consume its two billions, even,” Mr. Kowalt spoke up. “If it did, it would not have any deposits in the savings banks.”

“Labor’s deposits in the savings banks are only a sort of reserve fund that is consumed as fast as it accumulates. These deposits are saved for old age, for sickness and accident, and for funeral expenses. The savings bank deposit is simply a piece of the loaf put back on the shelf to be eaten next day. No, labor consumes all of the total product that its wages will buy back.

“Two billions are left to capital. After it has paid its expenses, does it consume the remainder? Does capital consume all of its two billions?”

Ernest stopped and put the question point blank to a number of the men. They shook their heads.

“I don’t know,” one of them frankly said.

“Of course you do,” Ernest went on. “Stop and think a moment. If capital consumed its share, the sum total of capital could not increase. It would remain constant. If you will look at the economic history of the United States, you will see that the sum total of capital has continually increased. Therefore capital does not consume its share. Do you remember when England owned so much of our railroad bonds? As the years went by, we bought back those bonds. What does that mean? That part of capital’s unconsumed share bought back the bonds. What is the meaning of the fact that to-day the capitalists of the United States own hundreds and hundreds of millions of dollars of Mexican bonds, Russian bonds, Italian bonds, Grecian bonds? The meaning is that those hundreds and hundreds of millions were part of capital’s share which capital did not consume. Furthermore, from the very beginning of the capitalist system, capital has never consumed all of its share.

“And now we come to the point. Four billion dollars of wealth is produced in one year in the United States. Labor buys back and consumes two billions. Capital does not consume the remaining two billions. There is a large balance left over unconsumed. What is done with this balance? What can be done with it? Labor cannot consume any of it, for labor has already spent all its wages. Capital will not consume

this balance, because, already, according to its nature, it has consumed all it can. And still remains the balance. What can be done with it? What is done with it?"

"It is sold abroad," Mr. Kowalt volunteered.

"The very thing," Ernest agreed. "Because of this balance arises our need for a foreign market. This is sold abroad. It has to be sold abroad. There is no other way of getting rid of it. And that unconsumed surplus, sold abroad, becomes what we call our favorable balance of trade. Are we all agreed so far?"

"Surely it is a waste of time to elaborate these A B C's of commerce," Mr. Calvin said tartly. "We all understand them."

"And it is by these A B C's I have so carefully elaborated that I shall confound you," Ernest retorted. "There's the beauty of it. And I'm going to confound you with them right now. Here goes.

"The United States is a capitalist country that has developed its resources. According to its capitalist system of industry, it has an unconsumed surplus that must be got rid of, and that must be got rid of abroad.<sup>60</sup> What is true of the

---

60 Theodore Roosevelt, President of the United States a few years prior to this time, made the following public declaration: "A more liberal and extensive reciprocity in the purchase and sale of commodities is necessary, so that the overproduction of

United States is true of every other capitalist country with developed resources. Every one of such countries has an unconsumed surplus. Don't forget that they have already traded with one another, and that these surpluses yet remain. Labor in all these countries has spent its wages, and cannot buy any of the surpluses. Capital in all these countries has already consumed all it is able according to its nature. And still remain the surpluses. They cannot dispose of these surpluses to one another. How are they going to get rid of them?"

"Sell them to countries with undeveloped resources," Mr. Kowalt suggested.

"The very thing. You see, my argument is so clear and simple that in your own minds you carry it on for me. And now for the next step. Suppose the United States disposes of its surplus to a country with undeveloped resources like, say, Brazil. Remember this surplus is over and above trade,

---

the United States can be satisfactorily disposed of to foreign countries." Of course, this overproduction he mentions was the profits of the capitalist system over and beyond the consuming power of the capitalists. It was at this time that Senator Mark Hanna said: "The production of wealth in the United States is one-third larger annually than its consumption." Also a fellow-Senator, Chauncey Depew, said: "The American people produce annually two billions more wealth than they consume."

which articles of trade have been consumed. What, then, does the United States get in return from Brazil?"

"Gold," said Mr. Kowalt.

"But there is only so much gold, and not much of it, in the world," Ernest objected.

"Gold in the form of securities and bonds and so forth," Mr. Kowalt amended.

"Now you've struck it," Ernest said. "From Brazil the United States, in return for her surplus, gets bonds and securities. And what does that mean? It means that the United States is coming to own railroads in Brazil, factories, mines, and lands in Brazil. And what is the meaning of that in turn?"

Mr. Kowalt pondered and shook his head.

"I'll tell you," Ernest continued. "It means that the resources of Brazil are being developed. And now, the next point. When Brazil, under the capitalist system, has developed her resources, she will herself have an unconsumed surplus. Can she get rid of this surplus to the United States? No, because the United States has herself a surplus. Can the United States do what she previously did—get rid of her surplus to Brazil? No, for Brazil now has a surplus, too.

"What happens? The United States and Brazil must both seek out other countries with undeveloped resources, in order to unload the surpluses on them. But by the very



process of unloading the surpluses, the resources of those countries are in turn developed. Soon they have surpluses, and are seeking other countries on which to unload. Now, gentlemen, follow me. The planet is only so large. There are only so many countries in the world. What will happen when every country in the world, down to the smallest and last, with a surplus in its hands, stands confronting every other country with surpluses in their hands?"

He paused and regarded his listeners. The bewilderment in their faces was delicious. Also, there was awe in their faces. Out of abstractions Ernest had conjured a vision and made them see it. They were seeing it then, as they sat there, and they were frightened by it.

"We started with A B C, Mr. Calvin," Ernest said slyly. "I have now given you the rest of the alphabet. It is very simple. That is the beauty of it. You surely have the answer forthcoming. What, then, when every country in the world has an unconsumed surplus? Where will your capitalist system be then?"

But Mr. Calvin shook a troubled head. He was obviously questing back through Ernest's reasoning in search of an error.

"Let me briefly go over the ground with you again," Ernest said. "We began with a particular industrial

process, the shoe factory. We found that the division of the joint product that took place there was similar to the division that took place in the sum total of all industrial processes. We found that labor could buy back with its wages only so much of the product, and that capital did not consume all of the remainder of the product. We found that when labor had consumed to the full extent of its wages, and when capital had consumed all it wanted, there was still left an unconsumed surplus. We agreed that this surplus could only be disposed of abroad. We agreed, also, that the effect of unloading this surplus on another country would be to develop the resources of that country, and that in a short time that country would have an unconsumed surplus. We extended this process to all the countries on the planet, till every country was producing every year, and every day, an unconsumed surplus, which it could dispose of to no other country. And now I ask you again, what are we going to do with those surpluses?"

Still no one answered.

"Mr. Calvin?" Ernest queried.

"It beats me," Mr. Calvin confessed.

"I never dreamed of such a thing," Mr. Asmunsen said.

"And yet it does seem clear as print."

It was the first time I had ever heard Karl Marx's<sup>61</sup> doctrine of surplus value elaborated, and Ernest had done it so simply that I, too, sat puzzled and dumbfounded.

"I'll tell you a way to get rid of the surplus," Ernest said. "Throw it into the sea. Throw every year hundreds of millions of dollars' worth of shoes and wheat and clothing and all the commodities of commerce into the sea. Won't that fix it?"

"It will certainly fix it," Mr. Calvin answered. "But it is absurd for you to talk that way."

Ernest was upon him like a flash.

"Is it a bit more absurd than what you advocate, you machine-breaker, returning to the antediluvian ways of your forefathers? What do you propose in order to get rid of the surplus? You would escape the problem of the surplus by not producing any surplus. And how do you propose to avoid producing a surplus? By returning to a primitive method of production, so confused and disorderly and irrational, so wasteful and costly, that it will be impossible to produce a surplus."

---

61 Karl Marx—the great intellectual hero of Socialism. A German Jew of the nineteenth century. A contemporary of John Stuart Mill. It seems incredible to us that whole generations should have elapsed after the enunciation of Marx's economic discoveries, in which time he was sneered at by the world's accepted thinkers and scholars. Because of his discoveries he was banished from his native country, and he died an exile in England.

Mr. Calvin swallowed. The point had been driven home. He swallowed again and cleared his throat.

“You are right,” he said. “I stand convicted. It is absurd. But we’ve got to do something. It is a case of life and death for us of the middle class. We refuse to perish. We elect to be absurd and to return to the truly crude and wasteful methods of our forefathers. We will put back industry to its pre-trust stage. We will break the machines. And what are you going to do about it?”

“But you can’t break the machines,” Ernest replied. “You cannot make the tide of evolution flow backward. Opposed to you are two great forces, each of which is more powerful than you of the middle class. The large capitalists, the trusts, in short, will not let you turn back. They don’t want the machines destroyed. And greater than the trusts, and more powerful, is labor. It will not let you destroy the machines. The ownership of the world, along with the machines, lies between the trusts and labor. That is the battle alignment. Neither side wants the destruction of the machines. But each side wants to possess the machines. In this battle the middle class has no place. The middle class is a pygmy between two giants. Don’t you see, you poor perishing middle class, you are caught between the upper and nether millstones, and even now has the grinding begun.

“I have demonstrated to you mathematically the inevitable breakdown of the capitalist system. When every

country stands with an unconsumed and unsalable surplus on its hands, the capitalist system will break down under the terrific structure of profits that it itself has reared. And in that day there won't be any destruction of the machines. The struggle then will be for the ownership of the machines. If labor wins, your way will be easy. The United States, and the whole world for that matter, will enter upon a new and tremendous era. Instead of being crushed by the machines, life will be made fairer, and happier, and nobler by them. You of the destroyed middle class, along with labor—there will be nothing but labor then; so you, and all the rest of labor, will participate in the equitable distribution of the products of the wonderful machines. And we, all of us, will make new and more wonderful machines. And there won't be any unconsumed surplus, because there won't be any profits.”

“But suppose the trusts win in this battle over the ownership of the machines and the world?” Mr. Kowalt asked.

“Then,” Ernest answered, “you, and labor, and all of us, will be crushed under the iron heel of a despotism as relentless and terrible as any despotism that has blackened the pages of the history of man. That will be a good name for that despotism, the Iron Heel.”<sup>62</sup>

---

62 The earliest known use of that name to designate the Oligarchy.

There was a long pause, and every man at the table meditated in ways unwonted and profound.

“But this socialism of yours is a dream,” Mr. Calvin said; and repeated, “a dream.”

“I’ll show you something that isn’t a dream, then,” Ernest answered. “And that something I shall call the Oligarchy. You call it the Plutocracy. We both mean the same thing, the large capitalists or the trusts. Let us see where the power lies today. And in order to do so, let us apportion society into its class divisions.

“There are three big classes in society. First comes the Plutocracy, which is composed of wealthy bankers, railway magnates, corporation directors, and trust magnates. Second, is the middle class, your class, gentlemen, which is composed of farmers, merchants, small manufacturers, and professional men. And third and last comes my class, the proletariat, which is composed of the wage-workers.<sup>63</sup>

“You cannot but grant that the ownership of wealth constitutes essential power in the United States to-day. How

---

63 This division of society made by Everhard is in accordance with that made by Lucien Sanial, one of the statistical authorities of that time. His calculation of the membership of these divisions by occupation, from the United States Census of 1900, is as follows: Plutocratic class, 250,251; Middle class, 8,429,845; and Proletariat class, 20,393,137.

is this wealth owned by these three classes? Here are the figures. The Plutocracy owns sixty-seven billions of wealth. Of the total number of persons engaged in occupations in the United States, only nine-tenths of one per cent are from the Plutocracy, yet the Plutocracy owns seventy per cent of the total wealth. The middle class owns twenty-four billions. Twenty-nine per cent of those in occupations are from the middle class, and they own twenty-five per cent of the total wealth. Remains the proletariat. It owns four billions. Of all persons in occupations, seventy per cent come from the proletariat; and the proletariat owns four per cent of the total wealth. Where does the power lie, gentlemen?"

"From your own figures, we of the middle class are more powerful than labor," Mr. Asmunsen remarked.

"Calling us weak does not make you stronger in the face of the strength of the Plutocracy," Ernest retorted. "And furthermore, I'm not done with you. There is a greater strength than wealth, and it is greater because it cannot be taken away. Our strength, the strength of the proletariat, is in our muscles, in our hands to cast ballots, in our fingers to pull triggers. This strength we cannot be stripped of. It is the primitive strength, it is the strength that is to life germane, it is the strength that is stronger than wealth, and that wealth cannot take away.

“But your strength is detachable. It can be taken away from you. Even now the Plutocracy is taking it away from you. In the end it will take it all away from you. And then you will cease to be the middle class. You will descend to us. You will become proletarians. And the beauty of it is that you will then add to our strength. We will hail you brothers, and we will fight shoulder to shoulder in the cause of humanity.

“You see, labor has nothing concrete of which to be despoiled. Its share of the wealth of the country consists of clothes and household furniture, with here and there, in very rare cases, an unencumbered home. But you have the concrete wealth, twenty-four billions of it, and the Plutocracy will take it away from you. Of course, there is the large likelihood that the proletariat will take it away first. Don't you see your position, gentlemen? The middle class is a wobbly little lamb between a lion and a tiger. If one doesn't get you, the other will. And if the Plutocracy gets you first, why it's only a matter of time when the Proletariat gets the Plutocracy.

“Even your present wealth is not a true measure of your power. The strength of your wealth at this moment is only an empty shell. That is why you are crying out your feeble little battle-cry, 'Return to the ways of our fathers.' You are aware of your impotency. You know that your strength is an empty shell. And I'll show you the emptiness of it.



“What power have the farmers? Over fifty per cent are thralls by virtue of the fact that they are merely tenants or are mortgaged. And all of them are thralls by virtue of the fact that the trusts already own or control (which is the same thing only better)—own and control all the means of marketing the crops, such as cold storage, railroads, elevators, and steamship lines. And, furthermore, the trusts control the markets. In all this the farmers are without power. As regards their political and governmental power, I’ll take that up later, along with the political and governmental power of the whole middle class.

“Day by day the trusts squeeze out the farmers as they squeezed out Mr. Calvin and the rest of the dairymen. And day by day are the merchants squeezed out in the same way. Do you remember how, in six months, the Tobacco Trust squeezed out over four hundred cigar stores in New York City alone? Where are the old-time owners of the coal fields? You know today, without my telling you, that the Railroad Trust owns or controls the entire anthracite and bituminous coal fields. Doesn’t the Standard Oil Trust<sup>64</sup> own a score of the ocean lines? And does it not also control copper, to say nothing of running a smelter trust as a little side enterprise?

---

64 Standard Oil and Rockefeller—see footnote [10]

There are ten thousand cities in the United States to-night lighted by the companies owned or controlled by Standard Oil, and in as many cities all the electric transportation,—urban, suburban, and interurban,—is in the hands of Standard Oil. The small capitalists who were in these thousands of enterprises are gone. You know that. It's the same way that you are going.

“The small manufacturer is like the farmer; and small manufacturers and farmers to-day are reduced, to all intents and purposes, to feudal tenure. For that matter, the professional men and the artists are at this present moment villeins in everything but name, while the politicians are henchmen. Why do you, Mr. Calvin, work all your nights and days to organize the farmers, along with the rest of the middle class, into a new political party? Because the politicians of the old parties will have nothing to do with your atavistic ideas; and with your atavistic ideas, they will have nothing to do because they are what I said they are, henchmen, retainers of the Plutocracy.

“I spoke of the professional men and the artists as villeins. What else are they? One and all, the professors, the preachers, and the editors, hold their jobs by serving the Plutocracy, and their service consists of propagating only such ideas as are either harmless to or commendatory of the Plutocracy. Whenever

they propagate ideas that menace the Plutocracy, they lose their jobs, in which case, if they have not provided for the rainy day, they descend into the proletariat and either perish or become working-class agitators. And don't forget that it is the press, the pulpit, and the university that mould public opinion, set the thought-pace of the nation. As for the artists, they merely pander to the little less than ignoble tastes of the Plutocracy.

“But after all, wealth in itself is not the real power; it is the means to power, and power is governmental. Who controls the government to-day? The proletariat with its twenty millions engaged in occupations? Even you laugh at the idea. Does the middle class, with its eight million occupied members? No more than the proletariat. Who, then, controls the government? The Plutocracy, with its paltry quarter of a million of occupied members. But this quarter of a million does not control the government, though it renders yeoman service. It is the brain of the Plutocracy that controls the government, and this brain consists of seven<sup>65</sup> small and

---

65 Even as late as 1907, it was considered that eleven groups dominated the country, but this number was reduced by the amalgamation of the five railroad groups into a supreme combination of all the railroads. These five groups so amalgamated, along with their financial and political allies, were (1) James J. Hill with his control of the Northwest; (2) the Pennsylvania railway group, Schiff financial manager, with big banking firms of Philadelphia and

powerful groups of men. And do not forget that these groups are working to-day practically in unison.

“Let me point out the power of but one of them, the railroad group. It employs forty thousand lawyers to defeat the people in the courts. It issues countless thousands of free passes to judges, bankers, editors, ministers, university men, members of state legislatures, and of Congress. It maintains luxurious lobbies<sup>66</sup> at every state capital, and at the national capital; and in all the cities and towns of the land it employs an immense army of pettifoggers and small politicians whose business is to attend primaries, pack conventions, get on juries, bribe judges, and in every way to work for its interests.<sup>67</sup>”

---

New York; (3) Harriman, with Frick for counsel and Odell as political lieutenant, controlling the central continental, Southwestern and Southern Pacific Coast lines of transportation; (4) the Gould family railway interests; and (5) Moore, Reid, and Leeds, known as the “Rock Island crowd.” These strong oligarchs arose out of the conflict of competition and travelled the inevitable road toward combination.

66 Lobby—a peculiar institution for bribing, bulldozing, and corrupting the legislators who were supposed to represent the people’s interests.

67 A decade before this speech of Everhard’s, the New York Board of Trade issued a report from which the following is quoted: “The railroads control absolutely the legislatures of a majority of the states of the Union; they make and unmake United States Senators, congressmen, and governors, and are practically dictators of the governmental policy of the United States.”

“Gentlemen, I have merely sketched the power of one of the seven groups that constitute the brain of the Plutocracy.”<sup>68</sup>

---

68 Rockefeller began as a member of the proletariat, and through thrift and cunning succeeded in developing the first perfect trust, namely that known as Standard Oil. We cannot forbear giving the following remarkable page from the history of the times, to show how the need for reinvestment of the Standard Oil surplus crushed out small capitalists and hastened the breakdown of the capitalist system. David Graham Phillips was a radical writer of the period, and the quotation, by him, is taken from a copy of the Saturday Evening Post, dated October 4, 1902 A.D. This is the only copy of this publication that has come down to us, and yet, from its appearance and content, we cannot but conclude that it was one of the popular periodicals with a large circulation. The quotation here follows:

“About ten years ago Rockefeller’s income was given as thirty millions by an excellent authority. He had reached the limit of profitable investment of profits in the oil industry. Here, then, were these enormous sums in cash pouring in—more than \$2,000,000 a month for John Davison Rockefeller alone. The problem of reinvestment became more serious. It became a nightmare. The oil income was swelling, swelling, and the number of sound investments limited, even more limited than it is now. It was through no special eagerness for more gains that the Rockefellers began to branch out from oil into other things. They were forced, swept on by this inrolling tide of wealth which their monopoly magnet irresistibly attracted. They developed a staff of investment seekers and investigators. It is said that the chief of this staff has a salary of \$125,000 a year.

“The first conspicuous excursion and incursion of the Rockefellers was into the railway field. By 1895 they controlled one-fifth of the railway mileage of the country. What do they own or, through dominant ownership, control to-day? They are powerful in all the

---

great railways of New York, north, east, and west, except one, where their share is only a few millions. They are in most of the great railways radiating from Chicago. They dominate in several of the systems that extend to the Pacific. It is their votes that make Mr. Morgan so potent, though, it may be added, they need his brains more than he needs their votes—at present, and the combination of the two constitutes in large measure the ‘community of interest.’

“But railways could not alone absorb rapidly enough those mighty floods of gold. Presently John D. Rockefeller’s \$2,500,000 a month had increased to four, to five, to six millions a month, to \$75,000,000 a year. Illuminating oil was becoming all profit. The reinvestments of income were adding their mite of many annual millions.

“The Rockefellers went into gas and electricity when those industries had developed to the safe investment stage. And now a large part of the American people must begin to enrich the Rockefellers as soon as the sun goes down, no matter what form of illuminant they use. They went into farm mortgages. It is said that when prosperity a few years ago enabled the farmers to rid themselves of their mortgages, John D. Rockefeller was moved almost to tears; eight millions which he had thought taken care of for years to come at a good interest were suddenly dumped upon his doorstep and there set up a-squawking for a new home. This unexpected addition to his worriments in finding places for the progeny of his petroleum and their progeny and their progeny’s progeny was too much for the equanimity of a man without a digestion. . . .

“The Rockefellers went into mines—iron and coal and copper and lead; into other industrial companies; into street railways, into national, state, and municipal bonds; into steamships and steamboats and telegraphy; into real estate, into skyscrapers and residences and hotels and business blocks; into life insurance, into banking. There was soon literally no field of industry where their millions were not at work. . . .

“The Rockefeller bank—the National City Bank—is by itself far

Your twenty-four billions of wealth does not give you twenty-five cents' worth of governmental power. It is an empty shell, and soon even the empty shell will be taken away from you. The Plutocracy has all power in its hands to-day. It to-day makes the laws, for it owns the Senate, Congress, the courts, and the state legislatures. And not only that. Behind law must be force to execute the law. To-day the Plutocracy makes the law, and to enforce the law it has at its beck and call the police, the army, the navy, and, lastly, the militia, which is you, and me, and all of us."

Little discussion took place after this, and the dinner soon broke up. All were quiet and subdued, and leave-taking

---

and away the biggest bank in the United States. It is exceeded in the world only by the Bank of England and the Bank of France. The deposits average more than one hundred millions a day; and it dominates the call loan market on Wall Street and the stock market. But it is not alone; it is the head of the Rockefeller chain of banks, which includes fourteen banks and trust companies in New York City, and banks of great strength and influence in every large money center in the country.

"John D. Rockefeller owns Standard Oil stock worth between four and five hundred millions at the market quotations. He has a hundred millions in the steel trust, almost as much in a single western railway system, half as much in a second, and so on and on and on until the mind wearies of the cataloguing. His income last year was about \$100,000,000— it is doubtful if the incomes of all the Rothschilds together make a greater sum. And it is going up by leaps and bounds."

was done with low voices. It seemed almost that they were scared by the vision of the times they had seen.

“The situation is, indeed, serious,” Mr. Calvin said to Ernest. “I have little quarrel with the way you have depicted it. Only I disagree with you about the doom of the middle class. We shall survive, and we shall overthrow the trusts.”

“And return to the ways of your fathers,” Ernest finished for him.

“Even so,” Mr. Calvin answered gravely. “I know it’s a sort of machine-breaking, and that it is absurd. But then life seems absurd to-day, what of the machinations of the Plutocracy. And at any rate, our sort of machine-breaking is at least practical and possible, which your dream is not. Your socialistic dream is . . . well, a dream. We cannot follow you.”

“I only wish you fellows knew a little something about evolution and sociology,” Ernest said wistfully, as they shook hands. “We would be saved so much trouble if you did.”



## CHAPTER X. THE VORTEX

**F**ollowing like thunder claps upon the Business Men's dinner, occurred event after event of terrifying moment; and I, little I, who had lived so placidly all my days in the quiet university town, found myself and my personal affairs drawn into the vortex of the great world-affairs. Whether it was my love for Ernest, or the clear sight he had given me of the society in which I lived, that made me a revolutionist, I know not; but a revolutionist I became, and I was plunged into a whirl of happenings that would have been inconceivable three short months before.

The crisis in my own fortunes came simultaneously with great crises in society. First of all, father was discharged from the university. Oh, he was not technically discharged. His resignation was demanded, that was all. This, in itself, did not amount to much. Father, in fact, was delighted. He was especially delighted because his discharge had been precipitated by the publication of his book, "Economics and

Education.” It clinched his argument, he contended. What better evidence could be advanced to prove that education was dominated by the capitalist class?

But this proof never got anywhere. Nobody knew he had been forced to resign from the university. He was so eminent a scientist that such an announcement, coupled with the reason for his enforced resignation, would have created somewhat of a furor all over the world. The newspapers showered him with praise and honor, and commended him for having given up the drudgery of the lecture room in order to devote his whole time to scientific research.

At first father laughed. Then he became angry—tonic angry. Then came the suppression of his book. This suppression was performed secretly, so secretly that at first we could not comprehend. The publication of the book had immediately caused a bit of excitement in the country. Father had been politely abused in the capitalist press, the tone of the abuse being to the effect that it was a pity so great a scientist should leave his field and invade the realm of sociology, about which he knew nothing and wherein he had promptly become lost. This lasted for a week, while father chuckled and said the book had touched a sore spot on capitalism. And then, abruptly, the newspapers and the critical magazines ceased saying anything about the book at

all. Also, and with equal suddenness, the book disappeared from the market. Not a copy was obtainable from any bookseller. Father wrote to the publishers and was informed that the plates had been accidentally injured. An unsatisfactory correspondence followed. Driven finally to an unequivocal stand, the publishers stated that they could not see their way to putting the book into type again, but that they were willing to relinquish their rights in it.

“And you won’t find another publishing house in the country to touch it,” Ernest said. “And if I were you, I’d hunt cover right now. You’ve merely got a foretaste of the Iron Heel.”

But father was nothing if not a scientist. He never believed in jumping to conclusions. A laboratory experiment was no experiment if it were not carried through in all its details. So he patiently went the round of the publishing houses. They gave a multitude of excuses, but not one house would consider the book.

When father became convinced that the book had actually been suppressed, he tried to get the fact into the newspapers; but his communications were ignored. At a political meeting of the socialists, where many reporters were present, father saw his chance. He arose and related the history of the suppression of the book. He laughed next

day when he read the newspapers, and then he grew angry to a degree that eliminated all tonic qualities. The papers made no mention of the book, but they misreported him beautifully. They twisted his words and phrases away from the context, and turned his subdued and controlled remarks into a howling anarchistic speech. It was done artfully. One instance, in particular, I remember. He had used the phrase "social revolution." The reporter merely dropped out "social." This was sent out all over the country in an Associated Press despatch, and from all over the country arose a cry of alarm. Father was branded as a nihilist and an anarchist, and in one cartoon that was copied widely he was portrayed waving a red flag at the head of a mob of long-haired, wild-eyed men who bore in their hands torches, knives, and dynamite bombs.

He was assailed terribly in the press, in long and abusive editorials, for his anarchy, and hints were made of mental breakdown on his part. This behavior, on the part of the capitalist press, was nothing new, Ernest told us. It was the custom, he said, to send reporters to all the socialist meetings for the express purpose of misreporting and distorting what was said, in order to frighten the middle class away from any possible affiliation with the proletariat. And repeatedly Ernest warned father to cease fighting and to take to cover.

The socialist press of the country took up the fight, however, and throughout the reading portion of the working class it was known that the book had been suppressed. But this knowledge stopped with the working class. Next, the "Appeal to Reason," a big socialist publishing house, arranged with father to bring out the book. Father was jubilant, but Ernest was alarmed.

"I tell you we are on the verge of the unknown," he insisted. "Big things are happening secretly all around us. We can feel them. We do not know what they are, but they are there. The whole fabric of society is a-tremble with them. Don't ask me. I don't know myself. But out of this flux of society something is about to crystallize. It is crystallizing now. The suppression of the book is a precipitation. How many books have been suppressed? We haven't the least idea. We are in the dark. We have no way of learning. Watch out next for the suppression of the socialist press and socialist publishing houses. I'm afraid it's coming. We are going to be throttled."

Ernest had his hand on the pulse of events even more closely than the rest of the socialists, and within two days the first blow was struck. The *Appeal to Reason* was a weekly, and its regular circulation amongst the proletariat was seven hundred and fifty thousand. Also, it very frequently

got out special editions of from two to five millions. These great editions were paid for and distributed by the small army of voluntary workers who had marshalled around the *Appeal*. The first blow was aimed at these special editions, and it was a crushing one. By an arbitrary ruling of the Post Office, these editions were decided to be not the regular circulation of the paper, and for that reason were denied admission to the mails.

A week later the Post Office Department ruled that the paper was seditious, and barred it entirely from the mails. This was a fearful blow to the socialist propaganda. The *Appeal* was desperate. It devised a plan of reaching its subscribers through the express companies, but they declined to handle it. This was the end of the *Appeal*. But not quite. It prepared to go on with its book publishing. Twenty thousand copies of father's book were in the bindery, and the presses were turning off more. And then, without warning, a mob arose one night, and, under a waving American flag, singing patriotic songs, set fire to the great plant of the *Appeal* and totally destroyed it.

Now Girard, Kansas, was a quiet, peaceable town. There had never been any labor troubles there. The *Appeal* paid union wages; and, in fact, was the backbone of the town, giving employment to hundreds of men and women. It was

not the citizens of Girard that composed the mob. This mob had risen up out of the earth apparently, and to all intents and purposes, its work done, it had gone back into the earth. Ernest saw in the affair the most sinister import.

“The Black Hundreds<sup>69</sup> are being organized in the United States,” he said. “This is the beginning. There will be more of it. The Iron Heel is getting bold.”

And so perished father’s book. We were to see much of the Black Hundreds as the days went by. Week by week more of the socialist papers were barred from the mails, and in a number of instances the Black Hundreds destroyed the socialist presses. Of course, the newspapers of the land lived up to the reactionary policy of the ruling class, and the destroyed socialist press was misrepresented and vilified, while the Black Hundreds were represented as true patriots and saviours of society. So convincing was all this misrepresentation that even sincere ministers in the pulpit praised the Black Hundreds while regretting the necessity of violence.

---

69 The Black Hundreds were reactionary mobs organized by the perishing Autocracy in the Russian Revolution. These reactionary groups attacked the revolutionary groups, and also, at needed moments, rioted and destroyed property so as to afford the Autocracy the pretext of calling out the Cossacks.

History was making fast. The fall elections were soon to occur, and Ernest was nominated by the socialist party to run for Congress. His chance for election was most favorable. The street-car strike in San Francisco had been broken. And following upon it the teamsters' strike had been broken. These two defeats had been very disastrous to organized labor. The whole Water Front Federation, along with its allies in the structural trades, had backed up the teamsters, and all had been smashed down ingloriously. It had been a bloody strike. The police had broken countless heads with their riot clubs; and the death list had been augmented by the turning loose of a machine-gun on the strikers from the barns of the Marsden Special Delivery Company.

In consequence, the men were sullen and vindictive. They wanted blood, and revenge. Beaten on their chosen field, they were ripe to seek revenge by means of political action. They still maintained their labor organization, and this gave them strength in the political struggle that was on. Ernest's chance for election grew stronger and stronger. Day by day unions and more unions voted their support to the socialists, until even Ernest laughed when the Undertakers' Assistants and the Chicken Pickers fell into line. Labor became mulish. While it packed the socialist meetings with mad enthusiasm, it was impervious to the wiles of the old-party



politicians. The old-party orators were usually greeted with empty halls, though occasionally they encountered full halls where they were so roughly handled that more than once it was necessary to call out the police reserves.

History was making fast. The air was vibrant with things happening and impending. The country was on the verge of hard times,<sup>70</sup> caused by a series of prosperous years wherein the difficulty of disposing abroad of the unconsumed surplus had become increasingly difficult. Industries were working short time; many great factories were standing idle against the time when the surplus should be gone; and wages were being cut right and left.

Also, the great machinist strike had been broken. Two hundred thousand machinists, along with their five hundred thousand allies in the metalworking trades, had been defeated in as bloody a strike as had ever marred the United States. Pitched battles had been fought with the small armies of armed strike-breakers<sup>71</sup> put in the field by

---

70 Under the capitalist régime these periods of hard times were as inevitable as they were absurd. Prosperity always brought calamity. This, of course, was due to the excess of unconsumed profits that was piled up.

71 Strike-breakers—these were, in purpose and practice and everything except name, the private soldiers of the capitalists. They were thoroughly organized and well armed, and they were

the employers' associations; the Black Hundreds, appearing in scores of wide-scattered places, had destroyed property; and, in consequence, a hundred thousand regular soldiers of the United States had been called out to put a frightful end to the whole affair. A number of the labor leaders had been executed; many others had been sentenced to prison, while thousands of the rank and file of the strikers had been herded into bull-pens<sup>72</sup> and abominably treated by the soldiers.

The years of prosperity were now to be paid for. All markets were glutted; all markets were falling; and amidst the general crumble of prices the price of labor crumbled fastest of all. The land was convulsed with industrial dissensions. Labor was striking here, there, and everywhere;

---

held in readiness to be hurled in special trains to any part of the country where labor went on strike or was locked out by the employers. Only those curious times could have given rise to the amazing spectacle of one, Farley, a notorious commander of strike-breakers, who, in 1906, swept across the United States in special trains from New York to San Francisco with an army of twenty-five hundred men, fully armed and equipped, to break a strike of the San Francisco street-car men. Such an act was in direct violation of the laws of the land. The fact that this act, and thousands of similar acts, went unpunished, goes to show how completely the judiciary was the creature of the Plutocracy.

72 Bull-pen—in a miners' strike in Idaho, in the latter part of the nineteenth century, it happened that many of the strikers were confined in a bull-pen by the troops. The practice and the name continued in the twentieth century.

and where it was not striking, it was being turned out by the capitalists. The papers were filled with tales of violence and blood. And through it all the Black Hundreds played their part. Riot, arson, and wanton destruction of property was their function, and well they performed it. The whole regular army was in the field, called there by the actions of the Black Hundreds.<sup>73</sup> All cities and towns were like armed camps, and laborers were shot down like dogs. Out of the vast army of the unemployed the strike-breakers were recruited; and when the strike-breakers were worsted by the labor unions, the troops always appeared and crushed the unions. Then there was the militia. As yet, it was not necessary to have recourse to the secret militia law. Only the regularly

---

73 The name only, and not the idea, was imported from Russia. The Black Hundreds were a development out of the secret agents of the capitalists, and their use arose in the labor struggles of the nineteenth century. There is no discussion of this. No less an authority of the times than Carroll D. Wright, United States Commissioner of Labor, is responsible for the statement. From his book, entitled "The Battles of Labor," is quoted the declaration that "in some of the great historic strikes the employers themselves have instigated acts of violence;" that manufacturers have deliberately provoked strikes in order to get rid of surplus stock; and that freight cars have been burned by employers' agents during railroad strikes in order to increase disorder. It was out of these secret agents of the employers that the Black Hundreds arose; and it was they, in turn, that later became that terrible weapon of the Oligarchy, the agents-provocateurs.

organized militia was out, and it was out everywhere. And in this time of terror, the regular army was increased an additional hundred thousand by the government.

Never had labor received such an all-around beating. The great captains of industry, the oligarchs, had for the first time thrown their full weight into the breach the struggling employers' associations had made. These associations were practically middle-class affairs, and now, compelled by hard times and crashing markets, and aided by the great captains of industry, they gave organized labor an awful and decisive defeat. It was an all-powerful alliance, but it was an alliance of the lion and the lamb, as the middle class was soon to learn.

Labor was bloody and sullen, but crushed. Yet its defeat did not put an end to the hard times. The banks, themselves constituting one of the most important forces of the Oligarchy, continued to call in credits. The Wall Street<sup>74</sup> group turned the stock market into a maelstrom where the values of all the land crumbled away almost to nothingness. And out of all the rack and ruin rose the form of the nascent Oligarchy, imperturbable, indifferent, and sure. Its serenity

---

74 Wall Street—so named from a street in ancient New York, where was situated the stock exchange, and where the irrational organization of society permitted underhanded manipulation of all the industries of the country.

and certitude was terrifying. Not only did it use its own vast power, but it used all the power of the United States Treasury to carry out its plans.

The captains of industry had turned upon the middle class. The employers' associations, that had helped the captains of industry to tear and rend labor, were now torn and rent by their quondam allies. Amidst the crashing of the middle men, the small business men and manufacturers, the trusts stood firm. Nay, the trusts did more than stand firm. They were active. They sowed wind, and wind, and ever more wind; for they alone knew how to reap the whirlwind and make a profit out of it. And such profits! Colossal profits! Strong enough themselves to weather the storm that was largely their own brewing, they turned loose and plundered the wrecks that floated about them. Values were pitifully and inconceivably shrunken, and the trusts added hugely to their holdings, even extending their enterprises into many new fields—and always at the expense of the middle class.

Thus the summer of 1912 witnessed the virtual death-thrust to the middle class. Even Ernest was astounded at the quickness with which it had been done. He shook his head ominously and looked forward without hope to the fall elections.

"It's no use," he said. "We are beaten. The Iron Heel is here. I had hoped for a peaceable victory at the ballot-box. I

was wrong. Wickson was right. We shall be robbed of our few remaining liberties; the Iron Heel will walk upon our faces; nothing remains but a bloody revolution of the working class. Of course we will win, but I shudder to think of it.”

And from then on Ernest pinned his faith in revolution. In this he was in advance of his party. His fellow-socialists could not agree with him. They still insisted that victory could be gained through the elections. It was not that they were stunned. They were too cool-headed and courageous for that. They were merely incredulous, that was all. Ernest could not get them seriously to fear the coming of the Oligarchy. They were stirred by him, but they were too sure of their own strength. There was no room in their theoretical social evolution for an oligarchy, therefore the Oligarchy could not be.

“We’ll send you to Congress and it will be all right,” they told him at one of our secret meetings.

“And when they take me out of Congress,” Ernest replied coldly, “and put me against a wall, and blow my brains out—what then?”

“Then we’ll rise in our might,” a dozen voices answered at once.

“Then you’ll welter in your gore,” was his retort. “I’ve heard that song sung by the middle class, and where is it now in its might?”

# CHAPTER XI. THE GREAT ADVENTURE

**M**r. Wickson did not send for father. They met by chance on the ferry-boat to San Francisco, so that the warning he gave father was not premeditated. Had they not met accidentally, there would not have been any warning. Not that the outcome would have been different, however. Father came of stout old *Mayflower*<sup>75</sup> stock, and the blood was imperative in him.

“Ernest was right,” he told me, as soon as he had returned home. “Ernest is a very remarkable young man, and I’d rather see you his wife than the wife of Rockefeller himself or the King of England.”

“What’s the matter?” I asked in alarm.

---

75 One of the first ships that carried colonies to America, after the discovery of the New World. Descendants of these original colonists were for a while inordinately proud of their genealogy; but in time the blood became so widely diffused that it ran in the veins practically of all Americans.

“The Oligarchy is about to tread upon our faces—yours and mine. Wickson as much as told me so. He was very kind—for an oligarch. He offered to reinstate me in the university. What do you think of that? He, Wickson, a sordid money-grabber, has the power to determine whether I shall or shall not teach in the university of the state. But he offered me even better than that—offered to make me president of some great college of physical sciences that is being planned—the Oligarchy must get rid of its surplus somehow, you see.

“Do you remember what I told that socialist lover of your daughter’s?’ he said. ‘I told him that we would walk upon the faces of the working class. And so we shall. As for you, I have for you a deep respect as a scientist; but if you throw your fortunes in with the working class—well, watch out for your face, that is all.’ And then he turned and left me.”

“It means we’ll have to marry earlier than you planned,” was Ernest’s comment when we told him.

I could not follow his reasoning, but I was soon to learn it. It was at this time that the quarterly dividend of the Sierra Mills was paid—or, rather, should have been paid, for father did not receive his. After waiting several days, father wrote to the secretary. Promptly came the reply that there was no record on the books of father’s owning any stock, and a polite request for more explicit information.



"I'll make it explicit enough, confound him," father declared, and departed for the bank to get the stock in question from his safe-deposit box.

"Ernest is a very remarkable man," he said when he got back and while I was helping him off with his overcoat. "I repeat, my daughter, that young man of yours is a very remarkable young man."

I had learned, whenever he praised Ernest in such fashion, to expect disaster.

"They have already walked upon my face," father explained. "There was no stock. The box was empty. You and Ernest will have to get married pretty quickly."

Father insisted on laboratory methods. He brought the Sierra Mills into court, but he could not bring the books of the Sierra Mills into court. He did not control the courts, and the Sierra Mills did. That explained it all. He was thoroughly beaten by the law, and the bare-faced robbery held good.

It is almost laughable now, when I look back on it, the way father was beaten. He met Wickson accidentally on the street in San Francisco, and he told Wickson that he was a damned scoundrel. And then father was arrested for attempted assault, fined in the police court, and bound over to keep the peace. It was all so ridiculous that when he got home he had to laugh himself. But what a furor was raised

in the local papers! There was grave talk about the bacillus of violence that infected all men who embraced socialism; and father, with his long and peaceful life, was instanced as a shining example of how the bacillus of violence worked. Also, it was asserted by more than one paper that father's mind had weakened under the strain of scientific study, and confinement in a state asylum for the insane was suggested. Nor was this merely talk. It was an imminent peril. But father was wise enough to see it. He had the Bishop's experience to lesson from, and he lessoned well. He kept quiet no matter what injustice was perpetrated on him, and really, I think, surprised his enemies.

There was the matter of the house—our home. A mortgage was foreclosed on it, and we had to give up possession. Of course there wasn't any mortgage, and never had been any mortgage. The ground had been bought outright, and the house had been paid for when it was built. And house and lot had always been free and unencumbered. Nevertheless there was the mortgage, properly and legally drawn up and signed, with a record of the payments of interest through a number of years. Father made no outcry. As he had been robbed of his money, so was he now robbed of his home. And he had no recourse. The machinery of society was in

the hands of those who were bent on breaking him. He was a philosopher at heart, and he was no longer even angry.

“I am doomed to be broken,” he said to me; “but that is no reason that I should not try to be shattered as little as possible. These old bones of mine are fragile, and I’ve learned my lesson. God knows I don’t want to spend my last days in an insane asylum.”

Which reminds me of Bishop Morehouse, whom I have neglected for many pages. But first let me tell of my marriage. In the play of events, my marriage sinks into insignificance, I know, so I shall barely mention it.

“Now we shall become real proletarians,” father said, when we were driven from our home. “I have often envied that young man of yours for his actual knowledge of the proletariat. Now I shall see and learn for myself.”

Father must have had strong in him the blood of adventure. He looked upon our catastrophe in the light of an adventure. No anger nor bitterness possessed him. He was too philosophic and simple to be vindictive, and he lived too much in the world of mind to miss the creature comforts we were giving up. So it was, when we moved to San Francisco into four wretched rooms in the slum south of Market Street, that he embarked upon the adventure with the joy and enthusiasm of a child—combined with the clear

sight and mental grasp of an extraordinary intellect. He really never crystallized mentally. He had no false sense of values. Conventional or habitual values meant nothing to him. The only values he recognized were mathematical and scientific facts. My father was a great man. He had the mind and the soul that only great men have. In ways he was even greater than Ernest, than whom I have known none greater.

Even I found some relief in our change of living. If nothing else, I was escaping from the organized ostracism that had been our increasing portion in the university town ever since the enmity of the nascent Oligarchy had been incurred. And the change was to me likewise adventure, and the greatest of all, for it was love-adventure. The change in our fortunes had hastened my marriage, and it was as a wife that I came to live in the four rooms on Pell Street, in the San Francisco slum.

And this out of all remains: I made Ernest happy. I came into his stormy life, not as a new perturbing force, but as one that made toward peace and repose. I gave him rest. It was the guerdon of my love for him. It was the one infallible token that I had not failed. To bring forgetfulness, or the light of gladness, into those poor tired eyes of his—what greater joy could have blessed me than that?

Those dear tired eyes. He toiled as few men ever toiled, and all his lifetime he toiled for others. That was the measure of his manhood. He was a humanist and a lover. And he, with his incarnate spirit of battle, his gladiator body and his eagle spirit—he was as gentle and tender to me as a poet. He was a poet. A singer in deeds. And all his life he sang the song of man. And he did it out of sheer love of man, and for man he gave his life and was crucified.

And all this he did with no hope of future reward. In his conception of things there was no future life. He, who fairly burnt with immortality, denied himself immortality—such was the paradox of him. He, so warm in spirit, was dominated by that cold and forbidding philosophy, materialistic monism. I used to refute him by telling him that I measured his immortality by the wings of his soul, and that I should have to live endless aeons in order to achieve the full measurement. Whereat he would laugh, and his arms would leap out to me, and he would call me his sweet metaphysician; and the tiredness would pass out of his eyes, and into them would flood the happy love-light that was in itself a new and sufficient advertisement of his immortality.

Also, he used to call me his dualist, and he would explain how Kant, by means of pure reason, had abolished reason, in order to worship God. And he drew the parallel

and included me guilty of a similar act. And when I pleaded guilty, but defended the act as highly rational, he but pressed me closer and laughed as only one of God's own lovers could laugh. I was wont to deny that heredity and environment could explain his own originality and genius, any more than could the cold groping finger of science catch and analyze and classify that elusive essence that lurked in the constitution of life itself.

I held that space was an apparition of God, and that soul was a projection of the character of God; and when he called me his sweet metaphysician, I called him my immortal materialist. And so we loved and were happy; and I forgave him his materialism because of his tremendous work in the world, performed without thought of soul-gain thereby, and because of his so exceeding modesty of spirit that prevented him from having pride and regal consciousness of himself and his soul.

But he had pride. How could he have been an eagle and not have pride? His contention was that it was finer for a finite mortal speck of life to feel Godlike, than for a god to feel godlike; and so it was that he exalted what he deemed his mortality. He was fond of quoting a fragment from a certain poem. He had never seen the whole poem, and he had tried vainly to learn its authorship. I here give the fragment, not alone because he loved it, but because it epitomized the

paradox that he was in the spirit of him, and his conception of his spirit. For how can a man, with thrilling, and burning, and exaltation, recite the following and still be mere mortal earth, a bit of fugitive force, an evanescent form? Here it is:

*“Joy upon joy and gain upon gain  
Are the destined rights of my birth,  
And I shout the praise of my endless days  
To the echoing edge of the earth.  
Though I suffer all deaths that a man can die  
To the uttermost end of time,  
I have deep-drained this, my cup of bliss,  
In every age and clime—*

*“The froth of Pride, the tang of Power,  
The sweet of Womanhood!  
I drain the lees upon my knees,  
For oh, the draught is good;  
I drink to Life, I drink to Death,  
And smack my lips with song,  
For when I die, another ‘I shall pass the cup along.*

*“The man you drove from Eden’s grove  
Was I, my Lord, was I,*

*And I shall be there when the earth and the air  
Are rent from sea to sky;  
For it is my world, my gorgeous world,  
The world of my dearest woes,  
From the first faint cry of the newborn  
To the rack of the woman's throes.*

*"Packed with the pulse of an unborn race,  
Torn with a world's desire,  
The surging flood of my wild young blood  
Would quench the judgment fire.  
I am Man, Man, Man, from the tingling flesh  
To the dust of my earthly goal,  
From the nestling gloom of the pregnant womb  
To the sheen of my naked soul.  
Bone of my bone and flesh of my flesh  
The whole world leaps to my will,  
And the unslaked thirst of an Eden cursed  
Shall harrow the earth for its fill.  
Almighty God, when I drain life's glass  
Of all its rainbow gleams,  
The hapless plight of eternal night  
Shall be none too long for my dreams.*



*“The man you drove from Eden’s grove  
Was I, my Lord, was I,  
And I shall be there when the earth and the air  
Are rent from sea to sky;  
For it is my world, my gorgeous world,  
The world of my dear delight,  
From the brightest gleam of the Arctic stream  
To the dusk of my own love-night.”*

Ernest always overworked. His wonderful constitution kept him up; but even that constitution could not keep the tired look out of his eyes. His dear, tired eyes! He never slept more than four and one-half hours a night; yet he never found time to do all the work he wanted to do. He never ceased from his activities as a propagandist, and was always scheduled long in advance for lectures to workingmen’s organizations. Then there was the campaign. He did a man’s full work in that alone. With the suppression of the socialist publishing houses, his meagre royalties ceased, and he was hard-put to make a living; for he had to make a living in addition to all his other labor. He did a great deal of translating for the magazines on scientific and philosophic subjects; and, coming home late at night, worn out from the strain of the campaign, he would plunge into his translating and toil on

well into the morning hours. And in addition to everything, there was his studying. To the day of his death he kept up his studies, and he studied prodigiously.

And yet he found time in which to love me and make me happy. But this was accomplished only through my merging my life completely into his. I learned shorthand and typewriting, and became his secretary. He insisted that I succeeded in cutting his work in half; and so it was that I schooled myself to understand his work. Our interests became mutual, and we worked together and played together.

And then there were our sweet stolen moments in the midst of our work—just a word, or caress, or flash of love-light; and our moments were sweeter for being stolen. For we lived on the heights, where the air was keen and sparkling, where the toil was for humanity, and where sordidness and selfishness never entered. We loved love, and our love was never smirched by anything less than the best. And this out of all remains: I did not fail. I gave him rest—he who worked so hard for others, my dear, tired-eyed mortalist.

## CHAPTER XII. THE BISHOP

It was after my marriage that I chanced upon Bishop Morehouse. But I must give the events in their proper sequence. After his outbreak at the I. P. H. Convention, the Bishop, being a gentle soul, had yielded to the friendly pressure brought to bear upon him, and had gone away on a vacation. But he returned more fixed than ever in his determination to preach the message of the Church. To the consternation of his congregation, his first sermon was quite similar to the address he had given before the Convention. Again he said, and at length and with distressing detail, that the Church had wandered away from the Master's teaching, and that Mammon had been instated in the place of Christ.

And the result was, willy-nilly, that he was led away to a private sanitarium for mental disease, while in the newspapers appeared pathetic accounts of his mental breakdown and of the saintliness of his character. He was held a prisoner

in the sanitarium. I called repeatedly, but was denied access to him; and I was terribly impressed by the tragedy of a sane, normal, saintly man being crushed by the brutal will of society. For the Bishop was sane, and pure, and noble. As Ernest said, all that was the matter with him was that he had incorrect notions of biology and sociology, and because of his incorrect notions he had not gone about it in the right way to rectify matters.

What terrified me was the Bishop's helplessness. If he persisted in the truth as he saw it, he was doomed to an insane ward. And he could do nothing. His money, his position, his culture, could not save him. His views were perilous to society, and society could not conceive that such perilous views could be the product of a sane mind. Or, at least, it seems to me that such was society's attitude.

But the Bishop, in spite of the gentleness and purity of his spirit, was possessed of guile. He apprehended clearly his danger. He saw himself caught in the web, and he tried to escape from it. Denied help from his friends, such as father and Ernest and I could have given, he was left to battle for himself alone. And in the enforced solitude of the sanitarium he recovered. He became again sane. His eyes ceased to see visions; his brain was purged of the fancy that it was the duty of society to feed the Master's lambs.

As I say, he became well, quite well, and the newspapers and the church people hailed his return with joy. I went once to his church. The sermon was of the same order as the ones he had preached long before his eyes had seen visions. I was disappointed, shocked. Had society then beaten him into submission? Was he a coward? Had he been bulldozed into recanting? Or had the strain been too great for him, and had he meekly surrendered to the juggernaut of the established?

I called upon him in his beautiful home. He was woefully changed. He was thinner, and there were lines on his face which I had never seen before. He was manifestly distressed by my coming. He plucked nervously at his sleeve as we talked; and his eyes were restless, fluttering here, there, and everywhere, and refusing to meet mine. His mind seemed preoccupied, and there were strange pauses in his conversation, abrupt changes of topic, and an inconsecutiveness that was bewildering. Could this, then, be the firm-poised, Christ-like man I had known, with pure, limpid eyes and a gaze steady and unfaltering as his soul? He had been man-handled; he had been cowed into subjection. His spirit was too gentle. It had not been mighty enough to face the organized wolf-pack of society.

I felt sad, unutterably sad. He talked ambiguously, and was so apprehensive of what I might say that I had not the

heart to catechise him. He spoke in a far-away manner of his illness, and we talked disjointedly about the church, the alterations in the organ, and about petty charities; and he saw me depart with such evident relief that I should have laughed had not my heart been so full of tears.

The poor little hero! If I had only known! He was battling like a giant, and I did not guess it. Alone, all alone, in the midst of millions of his fellow-men, he was fighting his fight. Torn by his horror of the asylum and his fidelity to truth and the right, he clung steadfastly to truth and the right; but so alone was he that he did not dare to trust even me. He had learned his lesson well—too well.

But I was soon to know. One day the Bishop disappeared. He had told nobody that he was going away; and as the days went by and he did not reappear, there was much gossip to the effect that he had committed suicide while temporarily deranged. But this idea was dispelled when it was learned that he had sold all his possessions,—his city mansion, his country house at Menlo Park, his paintings, and collections, and even his cherished library. It was patent that he had made a clean and secret sweep of everything before he disappeared.

This happened during the time when calamity had overtaken us in our own affairs; and it was not till we were well settled in our new home that we had opportunity really

to wonder and speculate about the Bishop's doings. And then, everything was suddenly made clear. Early one evening, while it was yet twilight, I had run across the street and into the butcher-shop to get some chops for Ernest's supper. We called the last meal of the day "supper" in our new environment.

Just at the moment I came out of the butcher-shop, a man emerged from the corner grocery that stood alongside. A queer sense of familiarity made me look again. But the man had turned and was walking rapidly away. There was something about the slope of the shoulders and the fringe of silver hair between coat collar and slouch hat that aroused vague memories. Instead of crossing the street, I hurried after the man. I quickened my pace, trying not to think the thoughts that formed unbidden in my brain. No, it was impossible. It could not be—not in those faded overalls, too long in the legs and frayed at the bottoms.

I paused, laughed at myself, and almost abandoned the chase. But the haunting familiarity of those shoulders and that silver hair! Again I hurried on. As I passed him, I shot a keen look at his face; then I whirled around abruptly and confronted—the Bishop.

He halted with equal abruptness, and gasped. A large paper bag in his right hand fell to the sidewalk. It burst, and about his feet and mine bounced and rolled a flood of

potatoes. He looked at me with surprise and alarm, then he seemed to wilt away; the shoulders drooped with dejection, and he uttered a deep sigh.

I held out my hand. He shook it, but his hand felt clammy. He cleared his throat in embarrassment, and I could see the sweat starting out on his forehead. It was evident that he was badly frightened.

“The potatoes,” he murmured faintly. “They are precious.”

Between us we picked them up and replaced them in the broken bag, which he now held carefully in the hollow of his arm. I tried to tell him my gladness at meeting him and that he must come right home with me.

“Father will be rejoiced to see you,” I said. “We live only a stone’s throw away.

“I can’t,” he said, “I must be going. Good-by.”

He looked apprehensively about him, as though dreading discovery, and made an attempt to walk on.

“Tell me where you live, and I shall call later,” he said, when he saw that I walked beside him and that it was my intention to stick to him now that he was found.

“No,” I answered firmly. “You must come now.”

He looked at the potatoes spilling on his arm, and at the small parcels on his other arm.



“Really, it is impossible,” he said. “Forgive me for my rudeness. If you only knew.”

He looked as if he were going to break down, but the next moment he had himself in control.

“Besides, this food,” he went on. “It is a sad case. It is terrible. She is an old woman. I must take it to her at once. She is suffering from want of it. I must go at once. You understand. Then I will return. I promise you.”

“Let me go with you,” I volunteered. “Is it far?”

He sighed again, and surrendered.

“Only two blocks,” he said. “Let us hasten.”

Under the Bishop’s guidance I learned something of my own neighborhood. I had not dreamed such wretchedness and misery existed in it. Of course, this was because I did not concern myself with charity. I had become convinced that Ernest was right when he sneered at charity as a poulticing of an ulcer. Remove the ulcer, was his remedy; give to the worker his product; pension as soldiers those who grow honorably old in their toil, and there will be no need for charity. Convinced of this, I toiled with him at the revolution, and did not exhaust my energy in alleviating the social ills that continuously arose from the injustice of the system.

I followed the Bishop into a small room, ten by twelve, in a rear tenement. And there we found a little old German

woman—sixty-four years old, the Bishop said. She was surprised at seeing me, but she nodded a pleasant greeting and went on sewing on the pair of men's trousers in her lap. Beside her, on the floor, was a pile of trousers. The Bishop discovered there was neither coal nor kindling, and went out to buy some.

I took up a pair of trousers and examined her work.

"Six cents, lady," she said, nodding her head gently while she went on stitching. She stitched slowly, but never did she cease from stitching. She seemed mastered by the verb "to stitch."

"For all that work?" I asked. "Is that what they pay? How long does it take you?"

"Yes," she answered, "that is what they pay. Six cents for finishing. Two hours' sewing on each pair."

"But the boss doesn't know that," she added quickly, betraying a fear of getting him into trouble. "I'm slow. I've got the rheumatism in my hands. Girls work much faster. They finish in half that time. The boss is kind. He lets me take the work home, now that I am old and the noise of the machine bothers my head. If it wasn't for his kindness, I'd starve.

"Yes, those who work in the shop get eight cents. But what can you do? There is not enough work for the young.

The old have no chance. Often one pair is all I can get. Sometimes, like to-day, I am given eight pair to finish before night."

I asked her the hours she worked, and she said it depended on the season.

"In the summer, when there is a rush order, I work from five in the morning to nine at night. But in the winter it is too cold. The hands do not early get over the stiffness. Then you must work later—till after midnight sometimes.

"Yes, it has been a bad summer. The hard times. God must be angry. This is the first work the boss has given me in a week. It is true, one cannot eat much when there is no work. I am used to it. I have sewed all my life, in the old country and here in San Francisco—thirty-three years.

"If you are sure of the rent, it is all right. The houseman is very kind, but he must have his rent. It is fair. He only charges three dollars for this room. That is cheap. But it is not easy for you to find all of three dollars every month."

She ceased talking, and, nodding her head, went on stitching.

"You have to be very careful as to how you spend your earnings," I suggested.

She nodded emphatically.

“After the rent it’s not so bad. Of course you can’t buy meat. And there is no milk for the coffee. But always there is one meal a day, and often two.”

She said this last proudly. There was a smack of success in her words. But as she stitched on in silence, I noticed the sadness in her pleasant eyes and the droop of her mouth. The look in her eyes became far away. She rubbed the dimness hastily out of them; it interfered with her stitching.

“No, it is not the hunger that makes the heart ache,” she explained. “You get used to being hungry. It is for my child that I cry. It was the machine that killed her. It is true she worked hard, but I cannot understand. She was strong. And she was young—only forty; and she worked only thirty years. She began young, it is true; but my man died. The boiler exploded down at the works. And what were we to do? She was ten, but she was very strong. But the machine killed her. Yes, it did. It killed her, and she was the fastest worker in the shop. I have thought about it often, and I know. That is why I cannot work in the shop. The machine bothers my head. Always I hear it saying, ‘I did it, I did it.’ And it says that all day long. And then I think of my daughter, and I cannot work.”

The moistness was in her old eyes again, and she had to wipe it away before she could go on stitching.

I heard the Bishop stumbling up the stairs, and I opened the door. What a spectacle he was. On his back he carried half a sack of coal, with kindling on top. Some of the coal dust had coated his face, and the sweat from his exertions was running in streaks. He dropped his burden in the corner by the stove and wiped his face on a coarse bandana handkerchief. I could scarcely accept the verdict of my senses. The Bishop, black as a coal-heaver, in a workingman's cheap cotton shirt (one button was missing from the throat), and in overalls! That was the most incongruous of all—the overalls, frayed at the bottoms, dragged down at the heels, and held up by a narrow leather belt around the hips such as laborers wear.

Though the Bishop was warm, the poor swollen hands of the old woman were already cramping with the cold; and before we left her, the Bishop had built the fire, while I had peeled the potatoes and put them on to boil. I was to learn, as time went by, that there were many cases similar to hers, and many worse, hidden away in the monstrous depths of the tenements in my neighborhood.

We got back to find Ernest alarmed by my absence. After the first surprise of greeting was over, the Bishop leaned back in his chair, stretched out his overall-covered legs, and actually sighed a comfortable sigh. We were the first of his old friends he had met since his disappearance,

he told us; and during the intervening weeks he must have suffered greatly from loneliness. He told us much, though he told us more of the joy he had experienced in doing the Master's bidding.

"For truly now," he said, "I am feeding his lambs. And I have learned a great lesson. The soul cannot be ministered to till the stomach is appeased. His lambs must be fed bread and butter and potatoes and meat; after that, and only after that, are their spirits ready for more refined nourishment."

He ate heartily of the supper I cooked. Never had he had such an appetite at our table in the old days. We spoke of it, and he said that he had never been so healthy in his life.

"I walk always now," he said, and a blush was on his cheek at the thought of the time when he rode in his carriage, as though it were a sin not lightly to be laid.

"My health is better for it," he added hastily. "And I am very happy—indeed, most happy. At last I am a consecrated spirit."

And yet there was in his face a permanent pain, the pain of the world that he was now taking to himself. He was seeing life in the raw, and it was a different life from what he had known within the printed books of his library.

"And you are responsible for all this, young man," he said directly to Ernest.

Ernest was embarrassed and awkward.

“I—I warned you,” he faltered.

“No, you misunderstand,” the Bishop answered. “I speak not in reproach, but in gratitude. I have you to thank for showing me my path. You led me from theories about life to life itself. You pulled aside the veils from the social shams. You were light in my darkness, but now I, too, see the light. And I am very happy, only . . .” he hesitated painfully, and in his eyes fear leaped large. “Only the persecution. I harm no one. Why will they not let me alone? But it is not that. It is the nature of the persecution. I shouldn’t mind if they cut my flesh with stripes, or burned me at the stake, or crucified me head-downward. But it is the asylum that frightens me. Think of it! Of me—in an asylum for the insane! It is revolting. I saw some of the cases at the sanitarium. They were violent. My blood chills when I think of it. And to be imprisoned for the rest of my life amid scenes of screaming madness! No! no! Not that! Not that!”

It was pitiful. His hands shook, his whole body quivered and shrank away from the picture he had conjured. But the next moment he was calm.

“Forgive me,” he said simply. “It is my wretched nerves. And if the Master’s work leads there, so be it. Who am I to complain?”

I felt like crying aloud as I looked at him: "Great Bishop! O hero! God's hero!"

As the evening wore on we learned more of his doings.

"I sold my house—my houses, rather," he said, "all my other possessions. I knew I must do it secretly, else they would have taken everything away from me. That would have been terrible. I often marvel these days at the immense quantity of potatoes two or three hundred thousand dollars will buy, or bread, or meat, or coal and kindling." He turned to Ernest. "You are right, young man. Labor is dreadfully underpaid. I never did a bit of work in my life, except to appeal aesthetically to Pharisees—I thought I was preaching the message—and yet I was worth half a million dollars. I never knew what half a million dollars meant until I realized how much potatoes and bread and butter and meat it could buy. And then I realized something more. I realized that all those potatoes and that bread and butter and meat were mine, and that I had not worked to make them. Then it was clear to me, some one else had worked and made them and been robbed of them. And when I came down amongst the poor I found those who had been robbed and who were hungry and wretched because they had been robbed."

We drew him back to his narrative.



“The money? I have it deposited in many different banks under different names. It can never be taken away from me, because it can never be found. And it is so good, that money. It buys so much food. I never knew before what money was good for.”

“I wish we could get some of it for the propaganda,” Ernest said wistfully. “It would do immense good.”

“Do you think so?” the Bishop said. “I do not have much faith in politics. In fact, I am afraid I do not understand politics.”

Ernest was delicate in such matters. He did not repeat his suggestion, though he knew only too well the sore straits the Socialist Party was in through lack of money.

“I sleep in cheap lodging houses,” the Bishop went on. “But I am afraid, and never stay long in one place. Also, I rent two rooms in workingmen’s houses in different quarters of the city. It is a great extravagance, I know, but it is necessary. I make up for it in part by doing my own cooking, though sometimes I get something to eat in cheap coffee-houses. And I have made a discovery. Tamales<sup>76</sup> are very good when the air grows chilly late at night. Only they are so expensive.

---

76 A Mexican dish, referred to occasionally in the literature of the times. It is supposed that it was warmly seasoned. No recipe of it has come down to us.

But I have discovered a place where I can get three for ten cents. They are not so good as the others, but they are very warming.

“And so I have at last found my work in the world, thanks to you, young man. It is the Master’s work.” He looked at me, and his eyes twinkled. “You caught me feeding his lambs, you know. And of course you will all keep my secret.”

He spoke carelessly enough, but there was real fear behind the speech. He promised to call upon us again. But a week later we read in the newspaper of the sad case of Bishop Morehouse, who had been committed to the Napa Asylum and for whom there were still hopes held out. In vain we tried to see him, to have his case reconsidered or investigated. Nor could we learn anything about him except the reiterated statements that slight hopes were still held for his recovery.

“Christ told the rich young man to sell all he had,” Ernest said bitterly. “The Bishop obeyed Christ’s injunction and got locked up in a madhouse. Times have changed since Christ’s day. A rich man to-day who gives all he has to the poor is crazy. There is no discussion. Society has spoken.”

## CHAPTER XIII. THE GENERAL STRIKE

**O**f course Ernest was elected to Congress in the great socialist landslide that took place in the fall of 1912. One great factor that helped to swell the socialist vote was the destruction of Hearst.<sup>77</sup> This the Plutocracy found an easy task. It cost Hearst eighteen million dollars a year to run his various papers, and this sum, and more, he got back from the middle class in payment for advertising. The source of his financial strength lay wholly in

---

77 William Randolph Hearst—a young California millionaire who became the most powerful newspaper owner in the country. His newspapers were published in all the large cities, and they appealed to the perishing middle class and to the proletariat. So large was his following that he managed to take possession of the empty shell of the old Democratic Party. He occupied an anomalous position, preaching an emasculated socialism combined with a nondescript sort of petty bourgeois capitalism. It was oil and water, and there was no hope for him, though for a short period he was a source of serious apprehension to the Plutocrats.

the middle class. The trusts did not advertise.<sup>78</sup> To destroy Hearst, all that was necessary was to take away from him his advertising.

The whole middle class had not yet been exterminated. The sturdy skeleton of it remained; but it was without power. The small manufacturers and small business men who still survived were at the complete mercy of the Plutocracy. They had no economic nor political souls of their own. When the fiat of the Plutocracy went forth, they withdrew their advertisements from the Hearst papers.

Hearst made a gallant fight. He brought his papers out at a loss of a million and a half each month. He continued to publish the advertisements for which he no longer received pay. Again the fiat of the Plutocracy went forth, and the small business men and manufacturers swamped him with a flood of notices that he must discontinue running their old advertisements. Hearst persisted. Injunctions were served on him. Still he persisted. He received six months' imprisonment for contempt of court in disobeying the injunctions, while he was bankrupted by countless damage suits. He had no

---

78 The cost of advertising was amazing in those helter-skelter times. Only the small capitalists competed, and therefore they did the advertising. There being no competition where there was a trust, there was no need for the trusts to advertise.

chance. The Plutocracy had passed sentence on him. The courts were in the hands of the Plutocracy to carry the sentence out. And with Hearst crashed also to destruction the Democratic Party that he had so recently captured.

With the destruction of Hearst and the Democratic Party, there were only two paths for his following to take. One was into the Socialist Party; the other was into the Republican Party. Then it was that we socialists reaped the fruit of Hearst's pseudo-socialistic preaching; for the great Majority of his followers came over to us.

The expropriation of the farmers that took place at this time would also have swelled our vote had it not been for the brief and futile rise of the Grange Party. Ernest and the socialist leaders fought fiercely to capture the farmers; but the destruction of the socialist press and publishing houses constituted too great a handicap, while the mouth-to-mouth propaganda had not yet been perfected. So it was that politicians like Mr. Calvin, who were themselves farmers long since expropriated, captured the farmers and threw their political strength away in a vain campaign.

"The poor farmers," Ernest once laughed savagely; "the trusts have them both coming and going."

And that was really the situation. The seven great trusts, working together, had pooled their enormous surpluses and

made a farm trust. The railroads, controlling rates, and the bankers and stock exchange gamblers, controlling prices, had long since bled the farmers into indebtedness. The bankers, and all the trusts for that matter, had likewise long since loaned colossal amounts of money to the farmers. The farmers were in the net. All that remained to be done was the drawing in of the net. This the farm trust proceeded to do.

The hard times of 1912 had already caused a frightful slump in the farm markets. Prices were now deliberately pressed down to bankruptcy, while the railroads, with extortionate rates, broke the back of the farmer-camel. Thus the farmers were compelled to borrow more and more, while they were prevented from paying back old loans. Then ensued the great foreclosing of mortgages and enforced collection of notes. The farmers simply surrendered the land to the farm trust. There was nothing else for them to do. And having surrendered the land, the farmers next went to work for the farm trust, becoming managers, superintendents, foremen, and common laborers. They worked for wages. They became villeins, in short—serfs bound to the soil by a living wage. They could not leave their masters, for their masters composed the Plutocracy. They could not go to the cities, for there, also, the Plutocracy was in control. They had but one alternative,—to leave the soil and become vagrants, in

brief, to starve. And even there they were frustrated, for stringent vagrancy laws were passed and rigidly enforced.

Of course, here and there, farmers, and even whole communities of farmers, escaped expropriation by virtue of exceptional conditions. But they were merely strays and did not count, and they were gathered in anyway during the following year.<sup>79</sup>

Thus it was that in the fall of 1912 the socialist leaders, with the exception of Ernest, decided that the end of capitalism had come. What of the hard times and the consequent vast army of the unemployed; what of the destruction of the farmers and the middle class; and what of the decisive defeat administered all along the line to the labor unions;

---

79 The destruction of the Roman yeomanry proceeded far less rapidly than the destruction of the American farmers and small capitalists. There was momentum in the twentieth century, while there was practically none in ancient Rome.

Numbers of the farmers, impelled by an insane lust for the soil, and willing to show what beasts they could become, tried to escape expropriation by withdrawing from any and all market-dealing. They sold nothing. They bought nothing. Among themselves a primitive barter began to spring up. Their privation and hardships were terrible, but they persisted. It became quite a movement, in fact. The manner in which they were beaten was unique and logical and simple. The Plutocracy, by virtue of its possession of the government, raised their taxes. It was the weak joint in their armor. Neither buying nor selling, they had no money, and in the end their land was sold to pay the taxes.

the socialists were really justified in believing that the end of capitalism had come and in themselves throwing down the gauntlet to the Plutocracy.

Alas, how we underestimated the strength of the enemy! Everywhere the socialists proclaimed their coming victory at the ballot-box, while, in unmistakable terms, they stated the situation. The Plutocracy accepted the challenge. It was the Plutocracy, weighing and balancing, that defeated us by dividing our strength. It was the Plutocracy, through its secret agents, that raised the cry that socialism was sacrilegious and atheistic; it was the Plutocracy that whipped the churches, and especially the Catholic Church, into line, and robbed us of a portion of the labor vote. And it was the Plutocracy, through its secret agents of course, that encouraged the Grange Party and even spread it to the cities into the ranks of the dying middle class.

Nevertheless the socialist landslide occurred. But, instead of a sweeping victory with chief executive officers and majorities in all legislative bodies, we found ourselves in the minority. It is true, we elected fifty Congressmen; but when they took their seats in the spring of 1913, they found themselves without power of any sort. Yet they were more fortunate than the Grangers, who captured a dozen state governments, and who, in the spring, were not permitted



to take possession of the captured offices. The incumbents refused to retire, and the courts were in the hands of the Oligarchy. But this is too far in advance of events. I have yet to tell of the stirring times of the winter of 1912.

The hard times at home had caused an immense decrease in consumption. Labor, out of work, had no wages with which to buy. The result was that the Plutocracy found a greater surplus than ever on its hands. This surplus it was compelled to dispose of abroad, and, what of its colossal plans, it needed money. Because of its strenuous efforts to dispose of the surplus in the world market, the Plutocracy clashed with Germany. Economic clashes were usually succeeded by wars, and this particular clash was no exception. The great German war-lord prepared, and so did the United States prepare.

The war-cloud hovered dark and ominous. The stage was set for a world-catastrophe, for in all the world were hard times, labor troubles, perishing middle classes, armies of unemployed, clashes of economic interests in the world-market, and mutterings and rumblings of the socialist revolution.<sup>80</sup>

---

80 For a long time these mutterings and rumblings had been heard. As far back as 1906 A.D., Lord Avebury, an Englishman, uttered the following in the House of Lords: "The unrest in Europe, the spread of socialism, and the ominous rise of Anarchism, are warnings to

The Oligarchy wanted the war with Germany. And it wanted the war for a dozen reasons. In the juggling of events such a war would cause, in the reshuffling of the international cards and the making of new treaties and alliances, the Oligarchy had much to gain. And, furthermore, the war would consume many national surpluses, reduce the armies of unemployed that menaced all countries, and give the Oligarchy a breathing space in which to perfect its plans and carry them out. Such a war would virtually put the Oligarchy in possession of the world-market. Also, such a war would create a large standing army that need never

---

the governments and the ruling classes that the condition of the working classes in Europe is becoming intolerable, and that if a revolution is to be avoided some steps must be taken to increase wages, reduce the hours of labor, and lower the prices of the necessaries of life." The Wall Street Journal, a stock gamblers' publication, in commenting upon Lord Avebury's speech, said: "These words were spoken by an aristocrat and a member of the most conservative body in all Europe. That gives them all the more significance. They contain more valuable political economy than is to be found in most of the books. They sound a note of warning. Take heed, gentlemen of the war and navy departments!"

At the same time, Sydney Brooks, writing in America, in Harper's Weekly, said: "You will not hear the socialists mentioned in Washington. Why should you? The politicians are always the last people in this country to see what is going on under their noses. They will jeer at me when I prophesy, and prophesy with the utmost confidence, that at the next presidential election the socialists will poll over a million votes."

be disbanded, while in the minds of the people would be substituted the issue, "America *versus* Germany," in place of "Socialism *versus* Oligarchy."

And truly the war would have done all these things had it not been for the socialists. A secret meeting of the Western leaders was held in our four tiny rooms in Pell Street. Here was first considered the stand the socialists were to take. It was not the first time we had put our foot down upon war,<sup>81</sup> but it was the first time we had done so in the United States. After our secret meeting we got in touch with the national organization, and soon our code cables were passing back and forth across the Atlantic between us and the International Bureau.

The German socialists were ready to act with us. There were over five million of them, many of them in the standing

---

81 It was at the very beginning of the twentieth century A.D., that the international organization of the socialists finally formulated their long-maturing policy on war. Epitomized their doctrine was: "Why should the workingmen of one country fight with the workingmen of another country for the benefit of their capitalist masters?"

On May 21, 1905 A.D., when war threatened between Austria and Italy, the socialists of Italy, Austria, and Hungary held a conference at Trieste, and threatened a general strike of the workingmen of both countries in case war was declared. This was repeated the following year, when the "Morocco Affair" threatened to involve France, Germany, and England.

army, and, in addition, they were on friendly terms with the labor unions. In both countries the socialists came out in bold declaration against the war and threatened the general strike. And in the meantime they made preparation for the general strike. Furthermore, the revolutionary parties in all countries gave public utterance to the socialist principle of international peace that must be preserved at all hazards, even to the extent of revolt and revolution at home.

The general strike was the one great victory we American socialists won. On the 4th of December the American minister was withdrawn from the German capital. That night a German fleet made a dash on Honolulu, sinking three American cruisers and a revenue cutter, and bombarding the city. Next day both Germany and the United States declared war, and within an hour the socialists called the general strike in both countries.

For the first time the German war-lord faced the men of his empire who made his empire go. Without them he could not run his empire. The novelty of the situation lay in that their revolt was passive. They did not fight. They did nothing. And by doing nothing they tied their war-lord's hands. He would have asked for nothing better than an opportunity to loose his war-dogs on his rebellious proletariat. But this was denied him. He could not loose his war-dogs. Neither

could he mobilize his army to go forth to war, nor could he punish his recalcitrant subjects. Not a wheel moved in his empire. Not a train ran, not a telegraphic message went over the wires, for the telegraphers and railroad men had ceased work along with the rest of the population.

And as it was in Germany, so it was in the United States. At last organized labor had learned its lesson. Beaten decisively on its own chosen field, it had abandoned that field and come over to the political field of the socialists; for the general strike was a political strike. Besides, organized labor had been so badly beaten that it did not care. It joined in the general strike out of sheer desperation. The workers threw down their tools and left their tasks by the millions. Especially notable were the machinists. Their heads were bloody, their organization had apparently been destroyed, yet out they came, along with their allies in the metal-working trades.

Even the common laborers and all unorganized labor ceased work. The strike had tied everything up so that nobody could work. Besides, the women proved to be the strongest promoters of the strike. They set their faces against the war. They did not want their men to go forth to die. Then, also, the idea of the general strike caught the mood of the people. It struck their sense of humor. The idea was infectious. The

children struck in all the schools, and such teachers as came, went home again from deserted class rooms. The general strike took the form of a great national picnic. And the idea of the solidarity of labor, so evidenced, appealed to the imagination of all. And, finally, there was no danger to be incurred by the colossal frolic. When everybody was guilty, how was anybody to be punished?

The United States was paralyzed. No one knew what was happening. There were no newspapers, no letters, no despatches. Every community was as completely isolated as though ten thousand miles of primeval wilderness stretched between it and the rest of the world. For that matter, the world had ceased to exist. And for a week this state of affairs was maintained.

In San Francisco we did not know what was happening even across the bay in Oakland or Berkeley. The effect on one's sensibilities was weird, depressing. It seemed as though some great cosmic thing lay dead. The pulse of the land had ceased to beat. Of a truth the nation had died. There were no wagons rumbling on the streets, no factory whistles, no hum of electricity in the air, no passing of street cars, no cries of news-boys—nothing but persons who at rare intervals went by like furtive ghosts, themselves oppressed and made unreal by the silence.

And during that week of silence the Oligarchy was taught its lesson. And well it learned the lesson. The general strike was a warning. It should never occur again. The Oligarchy would see to that.

At the end of the week, as had been prearranged, the telegraphers of Germany and the United States returned to their posts. Through them the socialist leaders of both countries presented their ultimatum to the rulers. The war should be called off, or the general strike would continue. It did not take long to come to an understanding. The war was declared off, and the populations of both countries returned to their tasks.

It was this renewal of peace that brought about the alliance between Germany and the United States. In reality, this was an alliance between the Emperor and the Oligarchy, for the purpose of meeting their common foe, the revolutionary proletariat of both countries. And it was this alliance that the Oligarchy afterward so treacherously broke when the German socialists rose and drove the war-lord from his throne. It was the very thing the Oligarchy had played for—the destruction of its great rival in the world-market. With the German Emperor out of the way, Germany would have no surplus to sell abroad. By the very nature of the socialist state, the German population would consume all that

it produced. Of course, it would trade abroad certain things it produced for things it did not produce; but this would be quite different from an unconsumable surplus.

“I’ll wager the Oligarchy finds justification,” Ernest said, when its treachery to the German Emperor became known. “As usual, the Oligarchy will believe it has done right.”

And sure enough. The Oligarchy’s public defence for the act was that it had done it for the sake of the American people whose interests it was looking out for. It had flung its hated rival out of the world-market and enabled us to dispose of our surplus in that market.

“And the howling folly of it is that we are so helpless that such idiots really are managing our interests,” was Ernest’s comment. “They have enabled us to sell more abroad, which means that we’ll be compelled to consume less at home.”



## CHAPTER XIV. THE BEGINNING OF THE END

**A**s early as January, 1913, Ernest saw the true trend of affairs, but he could not get his brother leaders to see the vision of the Iron Heel that had arisen in his brain. They were too confident. Events were rushing too rapidly to culmination. A crisis had come in world affairs. The American Oligarchy was practically in possession of the world-market, and scores of countries were flung out of that market with unconsumable and unsalable surpluses on their hands. For such countries nothing remained but reorganization. They could not continue their method of producing surpluses. The capitalistic system, so far as they were concerned, had hopelessly broken down.

The reorganization of these countries took the form of revolution. It was a time of confusion and violence. Everywhere institutions and governments were crashing. Everywhere, with the exception of two or three countries, the erstwhile capitalist masters fought bitterly for their

possessions. But the governments were taken away from them by the militant proletariat. At last was being realized Karl Marx's classic: "The knell of private capitalist property sounds. The expropriators are expropriated." And as fast as capitalistic governments crashed, cooperative commonwealths arose in their place.

"Why does the United States lag behind?"; "Get busy, you American revolutionists!"; "What's the matter with America?"—were the messages sent to us by our successful comrades in other lands. But we could not keep up. The Oligarchy stood in the way. Its bulk, like that of some huge monster, blocked our path.

"Wait till we take office in the spring," we answered. "Then you'll see."

Behind this lay our secret. We had won over the Grangers, and in the spring a dozen states would pass into their hands by virtue of the elections of the preceding fall. At once would be instituted a dozen cooperative commonwealth states. After that, the rest would be easy.

"But what if the Grangers fail to get possession?" Ernest demanded. And his comrades called him a calamity howler.

But this failure to get possession was not the chief danger that Ernest had in mind. What he foresaw was the defection of the great labor unions and the rise of the castes.

“Ghent has taught the oligarchs how to do it,” Ernest said. “I’ll wager they’ve made a text-book out of his ‘Benevolent Feudalism.’”<sup>82</sup>

Never shall I forget the night when, after a hot discussion with half a dozen labor leaders, Ernest turned to me and said quietly: “That settles it. The Iron Heel has won. The end is in sight.”

This little conference in our home was unofficial; but Ernest, like the rest of his comrades, was working for assurances from the labor leaders that they would call out their men in the next general strike. O’Connor, the president of the Association of Machinists, had been foremost of the six leaders present in refusing to give such assurance.

“You have seen that you were beaten soundly at your old tactics of strike and boycott,” Ernest urged.

O’Connor and the others nodded their heads.

---

82 “Our Benevolent Feudalism,” a book published in 1902 A.D., by W. J. Ghent. It has always been insisted that Ghent put the idea of the Oligarchy into the minds of the great capitalists. This belief persists throughout the literature of the three centuries of the Iron Heel, and even in the literature of the first century of the Brotherhood of Man. To-day we know better, but our knowledge does not overcome the fact that Ghent remains the most abused innocent man in all history.

“And you saw what a general strike would do,” Ernest went on. “We stopped the war with Germany. Never was there so fine a display of the solidarity and the power of labor. Labor can and will rule the world. If you continue to stand with us, we’ll put an end to the reign of capitalism. It is your only hope. And what is more, you know it. There is no other way out. No matter what you do under your old tactics, you are doomed to defeat, if for no other reason because the masters control the courts.”<sup>83</sup>

---

83 As a sample of the decisions of the courts adverse to labor, the following instances are given. In the coal-mining regions the employment of children was notorious. In 1905 A.D., labor succeeded in getting a law passed in Pennsylvania providing that proof of the age of the child and of certain educational qualifications must accompany the oath of the parent. This was promptly declared unconstitutional by the Luzerne County Court, on the ground that it violated the Fourteenth Amendment in that it discriminated between individuals of the same class—namely, children above fourteen years of age and children below. The state court sustained the decision. The New York Court of Special Sessions, in 1905 A.D., declared unconstitutional the law prohibiting minors and women from working in factories after nine o’clock at night, the ground taken being that such a law was “class legislation.” Again, the bakers of that time were terribly overworked. The New York Legislature passed a law restricting work in bakeries to ten hours a day. In 1906 A.D., the Supreme Court of the United States declared this law to be unconstitutional. In part the decision read: “There is no reasonable ground for interfering with the liberty of persons or

“You run ahead too fast,” O’Connor answered. “You don’t know all the ways out. There is another way out. We know what we’re about. We’re sick of strikes. They’ve got us beaten that way to a frazzle. But I don’t think we’ll ever need to call our men out again.”

“What is your way out?” Ernest demanded bluntly.

O’Connor laughed and shook his head. “I can tell you this much: We’ve not been asleep. And we’re not dreaming now.”

“There’s nothing to be afraid of, or ashamed of, I hope,” Ernest challenged.

“I guess we know our business best,” was the retort.

“It’s a dark business, from the way you hide it,” Ernest said with growing anger.

“We’ve paid for our experience in sweat and blood, and we’ve earned all that’s coming to us,” was the reply. “Charity begins at home.”

“If you’re afraid to tell me your way out, I’ll tell it to you.” Ernest’s blood was up. “You’re going in for grab-sharing. You’ve made terms with the enemy, that’s what you’ve done. You’ve sold out the cause of labor, of all labor. You are leaving the battle-field like cowards.”

---

the right of free contract by determining the hours of labor in the occupation of a baker.”

"I'm not saying anything," O'Connor answered sullenly. "Only I guess we know what's best for us a little bit better than you do."

"And you don't care a cent for what is best for the rest of labor. You kick it into the ditch."

"I'm not saying anything," O'Connor replied, "except that I'm president of the Machinists' Association, and it's my business to consider the interests of the men I represent, that's all."

And then, when the labor leaders had left, Ernest, with the calmness of defeat, outlined to me the course of events to come.

"The socialists used to foretell with joy," he said, "the coming of the day when organized labor, defeated on the industrial field, would come over on to the political field. Well, the Iron Heel has defeated the labor unions on the industrial field and driven them over to the political field; and instead of this being joyful for us, it will be a source of grief. The Iron Heel learned its lesson. We showed it our power in the general strike. It has taken steps to prevent another general strike."

"But how?" I asked.

"Simply by subsidizing the great unions. They won't join in the next general strike. Therefore it won't be a general strike."

“But the Iron Heel can’t maintain so costly a programme forever,” I objected.

“Oh, it hasn’t subsidized all of the unions. That’s not necessary. Here is what is going to happen. Wages are going to be advanced and hours shortened in the railroad unions, the iron and steel workers unions, and the engineer and machinist unions. In these unions more favorable conditions will continue to prevail. Membership in these unions will become like seats in Paradise.”

“Still I don’t see,” I objected. “What is to become of the other unions? There are far more unions outside of this combination than in it.”

“The other unions will be ground out of existence—all of them. For, don’t you see, the railway men, machinists and engineers, iron and steel workers, do all of the vitally essential work in our machine civilization. Assured of their faithfulness, the Iron Heel can snap its fingers at all the rest of labor. Iron, steel, coal, machinery, and transportation constitute the backbone of the whole industrial fabric.”

“But coal?” I queried. “There are nearly a million coal miners.”

They are practically unskilled labor. They will not count. Their wages will go down and their hours will increase. They will be slaves like all the rest of us, and they

will become about the most bestial of all of us. They will be compelled to work, just as the farmers are compelled to work now for the masters who robbed them of their land. And the same with all the other unions outside the combination. Watch them wobble and go to pieces, and their members become slaves driven to toil by empty stomachs and the law of the land.

“Do you know what will happen to Farley<sup>84</sup> and his strike-breakers? I’ll tell you. Strike-breaking as an occupation will cease. There won’t be any more strikes. In place of strikes will be slave revolts. Farley and his gang will be promoted to slave-driving. Oh, it won’t be called that; it will be called enforcing the law of the land that compels the laborers to work. It simply prolongs the fight, this treachery of the big unions. Heaven only knows now where and when the Revolution will triumph.”

“But with such a powerful combination as the Oligarchy and the big unions, is there any reason to believe that the

---

84 James Farley—a notorious strike-breaker of the period. A man more courageous than ethical, and of undeniable ability. He rose high under the rule of the Iron Heel and finally was translated into the oligarch class. He was assassinated in 1932 by Sarah Jenkins, whose husband, thirty years before, had been killed by Farley’s strike-breakers.



Revolution will ever triumph?" I queried. "May not the combination endure forever?"

He shook his head. "One of our generalizations is that every system founded upon class and caste contains within itself the germs of its own decay. When a system is founded upon class, how can caste be prevented? The Iron Heel will not be able to prevent it, and in the end caste will destroy the Iron Heel. The oligarchs have already developed caste among themselves; but wait until the favored unions develop caste. The Iron Heel will use all its power to prevent it, but it will fail.

"In the favored unions are the flower of the American workingmen. They are strong, efficient men. They have become members of those unions through competition for place. Every fit workman in the United States will be possessed by the ambition to become a member of the favored unions. The Oligarchy will encourage such ambition and the consequent competition. Thus will the strong men, who might else be revolutionists, be won away and their strength used to bolster the Oligarchy.

"On the other hand, the labor castes, the members of the favored unions, will strive to make their organizations into close corporations. And they will succeed. Membership in the labor castes will become hereditary. Sons will succeed fathers, and there will be no inflow of new strength from that eternal

reservoir of strength, the common people. This will mean deterioration of the labor castes, and in the end they will become weaker and weaker. At the same time, as an institution, they will become temporarily all-powerful. They will be like the guards of the palace in old Rome, and there will be palace revolutions whereby the labor castes will seize the reins of power. And there will be counter-palace revolutions of the oligarchs, and sometimes the one, and sometimes the other, will be in power. And through it all the inevitable caste-weakening will go on, so that in the end the common people will come into their own.”

This foreshadowing of a slow social evolution was made when Ernest was first depressed by the defection of the great unions. I never agreed with him in it, and I disagree now, as I write these lines, more heartily than ever; for even now, though Ernest is gone, we are on the verge of the revolt that will sweep all oligarchies away. Yet I have here given Ernest’s prophecy because it was his prophecy. In spite of his belief in it, he worked like a giant against it, and he, more than any man, has made possible the revolt that even now waits the signal to burst forth.<sup>85</sup>

---

85 Everhard’s social foresight was remarkable. As clearly as in the light of past events, he saw the defection of the favored unions, the rise and the slow decay of the labor castes, and the struggle between the decaying oligarchs and labor castes for control of the great governmental machine.

“But if the Oligarchy persists,” I asked him that evening, “what will become of the great surpluses that will fall to its share every year?”

“The surpluses will have to be expended somehow,” he answered; “and trust the oligarchs to find a way. Magnificent roads will be built. There will be great achievements in science, and especially in art. When the oligarchs have completely mastered the people, they will have time to spare for other things. They will become worshippers of beauty. They will become art-lovers. And under their direction and generously rewarded, will toil the artists. The result will be great art; for no longer, as up to yesterday, will the artists pander to the bourgeois taste of the middle class. It will be great art, I tell you, and wonder cities will arise that will make tawdry and cheap the cities of old time. And in these cities will the oligarchs dwell and worship beauty.<sup>86</sup>

“Thus will the surplus be constantly expended while labor does the work. The building of these great works and cities will give a starvation ration to millions of common laborers, for the enormous bulk of the surplus will compel an

---

86 We cannot but marvel at Everhard's foresight. Before ever the thought of wonder cities like Ardis and Asgard entered the minds of the oligarchs, Everhard saw those cities and the inevitable necessity for their creation.

equally enormous expenditure, and the oligarchs will build for a thousand years—ay, for ten thousand years. They will build as the Egyptians and the Babylonians never dreamed of building; and when the oligarchs have passed away, their great roads and their wonder cities will remain for the brotherhood of labor to tread upon and dwell within.<sup>87</sup>

“These things the oligarchs will do because they cannot help doing them. These great works will be the form their expenditure of the surplus will take, and in the same way that the ruling classes of Egypt of long ago expended the surplus they robbed from the people by the building of temples and pyramids. Under the oligarchs will flourish, not a priest class, but an artist class. And in place of the merchant class of bourgeoisie will be the labor castes. And beneath will be the abyss, wherein will fester and starve and rot, and ever renew itself, the common people, the great bulk of the population. And in the end, who knows in what day, the common people will rise up out of the abyss; the

---

87 And since that day of prophecy, have passed away the three centuries of the Iron Heel and the four centuries of the Brotherhood of Man, and to-day we tread the roads and dwell in the cities that the oligarchs built. It is true, we are even now building still more wonderful wonder cities, but the wonder cities of the oligarchs endure, and I write these lines in Ardis, one of the most wonderful of them all.

labor castes and the Oligarchy will crumble away; and then, at last, after the travail of the centuries, will it be the day of the common man. I had thought to see that day; but now I know that I shall never see it.”

He paused and looked at me, and added:

“Social evolution is exasperatingly slow, isn’t it, sweetheart?”

My arms were about him, and his head was on my breast.

“Sing me to sleep,” he murmured whimsically. “I have had a visioning, and I wish to forget.”



## CHAPTER XV. LAST DAYS

It was near the end of January, 1913, that the changed attitude of the Oligarchy toward the favored unions was made public. The newspapers published information of an unprecedented rise in wages and shortening of hours for the railroad employees, the iron and steel workers, and the engineers and machinists. But the whole truth was not told. The oligarchs did not dare permit the telling of the whole truth. In reality, the wages had been raised much higher, and the privileges were correspondingly greater. All this was secret, but secrets will out. Members of the favored unions told their wives, and the wives gossiped, and soon all the labor world knew what had happened.

It was merely the logical development of what in the nineteenth century had been known as grab-sharing. In the industrial warfare of that time, profit-sharing had been tried. That is, the capitalists had striven to placate the workers by interesting them financially in their work. But profit-sharing,

as a system, was ridiculous and impossible. Profit-sharing could be successful only in isolated cases in the midst of a system of industrial strife; for if all labor and all capital shared profits, the same conditions would obtain as did obtain when there was no profit-sharing.

So, out of the unpractical idea of profit-sharing, arose the practical idea of grab-sharing. "Give us more pay and charge it to the public," was the slogan of the strong unions.<sup>88</sup> And here and there this selfish policy worked successfully. In charging it to the public, it was charged to the great mass of unorganized labor and of weakly organized labor. These workers actually paid the increased wages of their stronger brothers who were members of unions that were labor

---

88 All the railroad unions entered into this combination with the oligarchs, and it is of interest to note that the first definite application of the policy of profit-grabbing was made by a railroad union in the nineteenth century A.D., namely, the Brotherhood of Locomotive Engineers. P. M. Arthur was for twenty years Grand Chief of the Brotherhood. After the strike on the Pennsylvania Railroad in 1877, he broached a scheme to have the Locomotive Engineers make terms with the railroads and to "go it alone" so far as the rest of the labor unions were concerned. This scheme was eminently successful. It was as successful as it was selfish, and out of it was coined the word "arthurization," to denote grab-sharing on the part of labor unions. This word "arthurization" has long puzzled the etymologists, but its derivation, I hope, is now made clear.



monopolies. This idea, as I say, was merely carried to its logical conclusion, on a large scale, by the combination of the oligarchs and the favored unions.

As soon as the secret of the defection of the favored unions leaked out, there were rumblings and mutterings in the labor world. Next, the favored unions withdrew from the international organizations and broke off all affiliations. Then came trouble and violence. The members of the favored unions were branded as traitors, and in saloons and brothels, on the streets and at work, and, in fact, everywhere, they were assaulted by the comrades they had so treacherously deserted.

Countless heads were broken, and there were many killed. No member of the favored unions was safe. They gathered together in bands in order to go to work or to return from work. They walked always in the middle of the street. On the sidewalk they were liable to have their skulls crushed by bricks and cobblestones thrown from windows and house-tops. They were permitted to carry weapons, and the authorities aided them in every way. Their persecutors were sentenced to long terms in prison, where they were harshly treated; while no man, not a member of the favored unions, was permitted to carry weapons. Violation of this law was made a high misdemeanor and punished accordingly.

Outraged labor continued to wreak vengeance on the traitors. Caste lines formed automatically. The children of the traitors were persecuted by the children of the workers who had been betrayed, until it was impossible for the former to play on the streets or to attend the public schools. Also, the wives and families of the traitors were ostracized, while the corner groceryman who sold provisions to them was boycotted.

As a result, driven back upon themselves from every side, the traitors and their families became clannish. Finding it impossible to dwell in safety in the midst of the betrayed proletariat, they moved into new localities inhabited by themselves alone. In this they were favored by the oligarchs. Good dwellings, modern and sanitary, were built for them, surrounded by spacious yards, and separated here and there by parks and playgrounds. Their children attended schools especially built for them, and in these schools manual training and applied science were specialized upon. Thus, and unavoidably, at the very beginning, out of this segregation arose caste. The members of the favored unions became the aristocracy of labor. They were set apart from the rest of labor. They were better housed, better clothed, better fed, better treated. They were grab-sharing with a vengeance.

In the meantime, the rest of the working class was more harshly treated. Many little privileges were taken away

from it, while its wages and its standard of living steadily sank down. Incidentally, its public schools deteriorated, and education slowly ceased to be compulsory. The increase in the younger generation of children who could not read nor write was perilous.

The capture of the world-market by the United States had disrupted the rest of the world. Institutions and governments were everywhere crashing or transforming. Germany, Italy, France, Australia, and New Zealand were busy forming cooperative commonwealths. The British Empire was falling apart. England's hands were full. In India revolt was in full swing. The cry in all Asia was, "Asia for the Asiatics!" And behind this cry was Japan, ever urging and aiding the yellow and brown races against the white. And while Japan dreamed of continental empire and strove to realize the dream, she suppressed her own proletarian revolution. It was a simple war of the castes, Coolie versus Samurai, and the coolie socialists were executed by tens of thousands. Forty thousand were killed in the street-fighting of Tokio and in the futile assault on the Mikado's palace. Kobe was a shambles; the slaughter of the cotton operatives by machine-guns became classic as the most terrific execution ever achieved by modern war machines. Most savage of all was the Japanese Oligarchy that arose. Japan dominated the East, and took

to herself the whole Asiatic portion of the world-market, with the exception of India.

England managed to crush her own proletarian revolution and to hold on to India, though she was brought to the verge of exhaustion. Also, she was compelled to let her great colonies slip away from her. So it was that the socialists succeeded in making Australia and New Zealand into cooperative commonwealths. And it was for the same reason that Canada was lost to the mother country. But Canada crushed her own socialist revolution, being aided in this by the Iron Heel. At the same time, the Iron Heel helped Mexico and Cuba to put down revolt. The result was that the Iron Heel was firmly established in the New World. It had welded into one compact political mass the whole of North America from the Panama Canal to the Arctic Ocean.

And England, at the sacrifice of her great colonies, had succeeded only in retaining India. But this was no more than temporary. The struggle with Japan and the rest of Asia for India was merely delayed. England was destined shortly to lose India, while behind that event loomed the struggle between a united Asia and the world.

And while all the world was torn with conflict, we of the United States were not placid and peaceful. The defection of the great unions had prevented our proletarian revolt, but

violence was everywhere. In addition to the labor troubles, and the discontent of the farmers and of the remnant of the middle class, a religious revival had blazed up. An offshoot of the Seventh Day Adventists sprang into sudden prominence, proclaiming the end of the world.

“Confusion thrice confounded!” Ernest cried. “How can we hope for solidarity with all these cross purposes and conflicts?”

And truly the religious revival assumed formidable proportions. The people, what of their wretchedness, and of their disappointment in all things earthly, were ripe and eager for a heaven where industrial tyrants entered no more than camels passed through needle-eyes. Wild-eyed itinerant preachers swarmed over the land; and despite the prohibition of the civil authorities, and the persecution for disobedience, the flames of religious frenzy were fanned by countless camp-meetings.

It was the last days, they claimed, the beginning of the end of the world. The four winds had been loosed. God had stirred the nations to strife. It was a time of visions and miracles, while seers and prophetesses were legion. The people ceased work by hundreds of thousands and fled to the mountains, there to await the imminent coming of God and the rising of the hundred and forty and four thousand

to heaven. But in the meantime God did not come, and they starved to death in great numbers. In their desperation they ravaged the farms for food, and the consequent tumult and anarchy in the country districts but increased the woes of the poor expropriated farmers.

Also, the farms and warehouses were the property of the Iron Heel. Armies of troops were put into the field, and the fanatics were herded back at the bayonet point to their tasks in the cities. There they broke out in ever recurring mobs and riots. Their leaders were executed for sedition or confined in madhouses. Those who were executed went to their deaths with all the gladness of martyrs. It was a time of madness. The unrest spread. In the swamps and deserts and waste places, from Florida to Alaska, the small groups of Indians that survived were dancing ghost dances and waiting the coming of a Messiah of their own.

And through it all, with a serenity and certitude that was terrifying, continued to rise the form of that monster of the ages, the Oligarchy. With iron hand and iron heel it mastered the surging millions, out of confusion brought order, out of the very chaos wrought its own foundation and structure.

“Just wait till we get in,” the Grangers said—Calvin said it to us in our Pell Street quarters. “Look at the states we’ve

captured. With you socialists to back us, we'll make them sing another song when we take office."

"The millions of the discontented and the impoverished are ours," the socialists said. "The Grangers have come over to us, the farmers, the middle class, and the laborers. The capitalist system will fall to pieces. In another month we send fifty men to Congress. Two years hence every office will be ours, from the President down to the local dog-catcher."

To all of which Ernest would shake his head and say:

"How many rifles have you got? Do you know where you can get plenty of lead? When it comes to powder, chemical mixtures are better than mechanical mixtures, you take my word."





## CHAPTER XVI. THE END

**W**hen it came time for Ernest and me to go to Washington, father did not accompany us. He had become enamoured of proletarian life. He looked upon our slum neighborhood as a great sociological laboratory, and he had embarked upon an apparently endless orgy of investigation. He chummed with the laborers, and was an intimate in scores of homes. Also, he worked at odd jobs, and the work was play as well as learned investigation, for he delighted in it and was always returning home with copious notes and bubbling over with new adventures. He was the perfect scientist.

There was no need for his working at all, because Ernest managed to earn enough from his translating to take care of the three of us. But father insisted on pursuing his favorite phantom, and a protean phantom it was, judging from the jobs he worked at. I shall never forget the evening he brought home his street pedler's outfit of shoe-laces and suspenders,

nor the time I went into the little corner grocery to make some purchase and had him wait on me. After that I was not surprised when he tended bar for a week in the saloon across the street. He worked as a night watchman, hawked potatoes on the street, pasted labels in a cannery warehouse, was utility man in a paper-box factory, and water-carrier for a street railway construction gang, and even joined the Dishwashers' Union just before it fell to pieces.

I think the Bishop's example, so far as wearing apparel was concerned, must have fascinated father, for he wore the cheap cotton shirt of the laborer and the overalls with the narrow strap about the hips. Yet one habit remained to him from the old life; he always dressed for dinner, or supper, rather.

I could be happy anywhere with Ernest; and father's happiness in our changed circumstances rounded out my own happiness.

"When I was a boy," father said, "I was very curious. I wanted to know why things were and how they came to pass. That was why I became a physicist. The life in me today is just as curious as it was in my boyhood, and it's the being curious that makes life worth living."

Sometimes he ventured north of Market Street into the shopping and theatre district, where he sold papers, ran

errands, and opened cabs. There, one day, closing a cab, he encountered Mr. Wickson. In high glee father described the incident to us that evening.

“Wickson looked at me sharply when I closed the door on him, and muttered, ‘Well, I’ll be damned.’ Just like that he said it, ‘Well, I’ll be damned.’ His face turned red and he was so confused that he forgot to tip me. But he must have recovered himself quickly, for the cab hadn’t gone fifty feet before it turned around and came back. He leaned out of the door.

“‘Look here, Professor,’ he said, ‘this is too much. What can I do for you?’

“‘I closed the cab door for you,’ I answered. ‘According to common custom you might give me a dime.’

“‘Bother that!’ he snorted. ‘I mean something substantial.’

“He was certainly serious—a twinge of ossified conscience or something; and so I considered with grave deliberation for a moment.

“His face was quite expectant when I began my answer, but you should have seen it when I finished.

“‘You might give me back my home,’ I said, ‘and my stock in the Sierra Mills.’”

Father paused.

“‘What did he say?’ I questioned eagerly.

“What could he say? He said nothing. But I said, ‘I hope you are happy.’ He looked at me curiously. ‘Tell me, are you happy?’” I asked.

“He ordered the cabman to drive on, and went away swearing horribly. And he didn’t give me the dime, much less the home and stock; so you see, my dear, your father’s street-arab career is beset with disappointments.”

And so it was that father kept on at our Pell Street quarters, while Ernest and I went to Washington. Except for the final consummation, the old order had passed away, and the final consummation was nearer than I dreamed. Contrary to our expectation, no obstacles were raised to prevent the socialist Congressmen from taking their seats. Everything went smoothly, and I laughed at Ernest when he looked upon the very smoothness as something ominous.

We found our socialist comrades confident, optimistic of their strength and of the things they would accomplish. A few Grangers who had been elected to Congress increased our strength, and an elaborate programme of what was to be done was prepared by the united forces. In all of which Ernest joined loyally and energetically, though he could not forbear, now and again, from saying, apropos of nothing in particular, “When it comes to powder, chemical mixtures are better than mechanical mixtures, you take my word.”

The trouble arose first with the Grangers in the various states they had captured at the last election. There were a dozen of these states, but the Grangers who had been elected were not permitted to take office. The incumbents refused to get out. It was very simple. They merely charged illegality in the elections and wrapped up the whole situation in the interminable red tape of the law. The Grangers were powerless. The courts were in the hands of their enemies.

This was the moment of danger. If the cheated Grangers became violent, all was lost. How we socialists worked to hold them back! There were days and nights when Ernest never closed his eyes in sleep. The big leaders of the Grangers saw the peril and were with us to a man. But it was all of no avail. The Oligarchy wanted violence, and it set its agents-provocateurs to work. Without discussion, it was the agents-provocateurs who caused the Peasant Revolt.

In a dozen states the revolt flared up. The expropriated farmers took forcible possession of the state governments. Of course this was unconstitutional, and of course the United States put its soldiers into the field. Everywhere the agents-provocateurs urged the people on. These emissaries of the Iron Heel disguised themselves as artisans, farmers, and farm laborers. In Sacramento, the capital of California, the Grangers had succeeded in maintaining order. Thousands

of secret agents were rushed to the devoted city. In mobs composed wholly of themselves, they fired and looted buildings and factories. They worked the people up until they joined them in the pillage. Liquor in large quantities was distributed among the slum classes further to inflame their minds. And then, when all was ready, appeared upon the scene the soldiers of the United States, who were, in reality, the soldiers of the Iron Heel. Eleven thousand men, women, and children were shot down on the streets of Sacramento or murdered in their houses. The national government took possession of the state government, and all was over for California.

And as with California, so elsewhere. Every Granger state was ravaged with violence and washed in blood. First, disorder was precipitated by the secret agents and the Black Hundreds, then the troops were called out. Rioting and mob-rule reigned throughout the rural districts. Day and night the smoke of burning farms, warehouses, villages, and cities filled the sky. Dynamite appeared. Railroad bridges and tunnels were blown up and trains were wrecked. The poor farmers were shot and hanged in great numbers. Reprisals were bitter, and many plutocrats and army officers were murdered. Blood and vengeance were in men's hearts. The regular troops fought the farmers as savagely as had they

been Indians. And the regular troops had cause. Twenty-eight hundred of them had been annihilated in a tremendous series of dynamite explosions in Oregon, and in a similar manner, a number of train loads, at different times and places, had been destroyed. So it was that the regular troops fought for their lives as well as did the farmers.

As for the militia, the militia law of 1903 was put into effect, and the workers of one state were compelled, under pain of death, to shoot down their comrade-workers in other states. Of course, the militia law did not work smoothly at first. Many militia officers were murdered, and many militiamen were executed by drumhead court martial. Ernest's prophecy was strikingly fulfilled in the cases of Mr. Kowalt and Mr. Asmunsen. Both were eligible for the militia, and both were drafted to serve in the punitive expedition that was despatched from California against the farmers of Missouri. Mr. Kowalt and Mr. Asmunsen refused to serve. They were given short shrift. Drumhead court martial was their portion, and military execution their end. They were shot with their backs to the firing squad.

Many young men fled into the mountains to escape serving in the militia. There they became outlaws, and it was not until more peaceful times that they received their punishment. It was drastic. The government issued a proclamation

for all law-abiding citizens to come in from the mountains for a period of three months. When the proclaimed date arrived, half a million soldiers were sent into the mountainous districts everywhere. There was no investigation, no trial. Wherever a man was encountered, he was shot down on the spot. The troops operated on the basis that no man not an outlaw remained in the mountains. Some bands, in strong positions, fought gallantly, but in the end every deserter from the militia met death.

A more immediate lesson, however, was impressed on the minds of the people by the punishment meted out to the Kansas militia. The great Kansas Mutiny occurred at the very beginning of military operations against the Grangers. Six thousand of the militia mutinied. They had been for several weeks very turbulent and sullen, and for that reason had been kept in camp. Their open mutiny, however, was without doubt precipitated by the agents-provocateurs.

On the night of the 22d of April they arose and murdered their officers, only a small remnant of the latter escaping. This was beyond the scheme of the Iron Heel, for the agents-provocateurs had done their work too well. But everything was grist to the Iron Heel. It had prepared for the outbreak, and the killing of so many officers gave it justification for what followed. As by magic, forty thousand soldiers



of the regular army surrounded the malcontents. It was a trap. The wretched militiamen found that their machine-guns had been tampered with, and that the cartridges from the captured magazines did not fit their rifles. They hoisted the white flag of surrender, but it was ignored. There were no survivors. The entire six thousand were annihilated. Common shell and shrapnel were thrown in upon them from a distance, and, when, in their desperation, they charged the encircling lines, they were mowed down by the machine-guns. I talked with an eye-witness, and he said that the nearest any militiaman approached the machine-guns was a hundred and fifty yards. The earth was carpeted with the slain, and a final charge of cavalry, with trampling of horses' hoofs, revolvers, and sabres, crushed the wounded into the ground.

Simultaneously with the destruction of the Grangers came the revolt of the coal miners. It was the expiring effort of organized labor. Three-quarters of a million of miners went out on strike. But they were too widely scattered over the country to advantage from their own strength. They were segregated in their own districts and beaten into submission. This was the first great slave-drive. Pocock<sup>89</sup> won

---

89 Albert Pocock, another of the notorious strike-breakers of earlier years, who, to the day of his death, successfully held all the coal-miners of the country to their task. He was succeeded by

his spurs as a slave-driver and earned the undying hatred of the proletariat. Countless attempts were made upon his life, but he seemed to bear a charmed existence. It was he who was responsible for the introduction of the Russian passport system among the miners, and the denial of their right of removal from one part of the country to another.

In the meantime, the socialists held firm. While the Grangers expired in flame and blood, and organized labor was disrupted, the socialists held their peace and perfected their secret organization. In vain the Grangers pleaded with us. We rightly contended that any revolt on our part was virtually suicide for the whole Revolution. The Iron Heel, at first dubious about dealing with the entire proletariat at one time, had found the work easier than it had expected, and would have asked nothing better than an uprising on

---

his son, Lewis Pocock, and for five generations this remarkable line of slave-drivers handled the coal mines. The elder Pocock, known as Pocock I., has been described as follows: "A long, lean head, semicircled by a fringe of brown and gray hair, with big cheek-bones and a heavy chin, . . . a pale face, lustreless gray eyes, a metallic voice, and a languid manner." He was born of humble parents, and began his career as a bartender. He next became a private detective for a street railway corporation, and by successive steps developed into a professional strikebreaker. Pocock V., the last of the line, was blown up in a pump-house by a bomb during a petty revolt of the miners in the Indian Territory. This occurred in 2073 A.D.

our part. But we avoided the issue, in spite of the fact that agents-provocateurs swarmed in our midst. In those early days, the agents of the Iron Heel were clumsy in their methods. They had much to learn and in the meantime our Fighting Groups weeded them out. It was bitter, bloody work, but we were fighting for life and for the Revolution, and we had to fight the enemy with its own weapons. Yet we were fair. No agent of the Iron Heel was executed without a trial. We may have made mistakes, but if so, very rarely. The bravest, and the most combative and self-sacrificing of our comrades went into the Fighting Groups. Once, after ten years had passed, Ernest made a calculation from figures furnished by the chiefs of the Fighting Groups, and his conclusion was that the average life of a man or woman after becoming a member was five years. The comrades of the Fighting Groups were heroes all, and the peculiar thing about it was that they were opposed to the taking of life. They violated their own natures, yet they loved liberty and knew of no sacrifice too great to make for the Cause.<sup>90</sup>

---

90 These Fighting groups were modelled somewhat after the Fighting Organization of the Russian Revolution, and, despite the unceasing efforts of the Iron Heel, these groups persisted throughout the three centuries of its existence. Composed of men and women actuated by lofty purpose and unafraid to die, the Fighting Groups exercised tremendous influence and tempered

---

the savage brutality of the rulers. Not alone was their work confined to unseen warfare with the secret agents of the Oligarchy. The oligarchs themselves were compelled to listen to the decrees of the Groups, and often, when they disobeyed, were punished by death—and likewise with the subordinates of the oligarchs, with the officers of the army and the leaders of the labor castes.

Stern justice was meted out by these organized avengers, but most remarkable was their passionless and judicial procedure. There were no snap judgments. When a man was captured he was given fair trial and opportunity for defence. Of necessity, many men were tried and condemned by proxy, as in the case of General Lampton. This occurred in 2138 A.D. Possibly the most bloodthirsty and malignant of all the mercenaries that ever served the Iron Heel, he was informed by the Fighting Groups that they had tried him, found him guilty, and condemned him to death—and this, after three warnings for him to cease from his ferocious treatment of the proletariat. After his condemnation he surrounded himself with a myriad protective devices. Years passed, and in vain the Fighting Groups strove to execute their decree. Comrade after comrade, men and women, failed in their attempts, and were cruelly executed by the Oligarchy. It was the case of General Lampton that revived crucifixion as a legal method of execution. But in the end the condemned man found his executioner in the form of a slender girl of seventeen, Madeline Provence, who, to accomplish her purpose, served two years in his palace as a seamstress to the household. She died in solitary confinement after horrible and prolonged torture; but to-day she stands in imperishable bronze in the Pantheon of Brotherhood in the wonder city of Serles.

We, who by personal experience know nothing of bloodshed, must not judge harshly the heroes of the Fighting Groups. They gave up their lives for humanity, no sacrifice was too great for them to accomplish, while inexorable necessity compelled them to bloody expression in an age of blood. The Fighting

The task we set ourselves was threefold. First, the weeding out from our circles of the secret agents of the Oligarchy. Second, the organizing of the Fighting Groups, and outside of them, of the general secret organization of the Revolution. And third, the introduction of our own secret agents into every branch of the Oligarchy—into the labor castes and especially among the telegraphers and secretaries and clerks, into the army, the agents-provocateurs, and the slave-drivers. It was slow work, and perilous, and often were our efforts rewarded with costly failures.

The Iron Heel had triumphed in open warfare, but we held our own in the new warfare, strange and awful and subterranean, that we instituted. All was unseen, much was unguessed; the blind fought the blind; and yet through it all was order, purpose, control. We permeated the entire organization of the Iron Heel with our agents, while our own organization was permeated with the agents of the

---

Groups constituted the one thorn in the side of the Iron Heel that the Iron Heel could never remove. Everhard was the father of this curious army, and its accomplishments and successful persistence for three hundred years bear witness to the wisdom with which he organized and the solid foundation he laid for the succeeding generations to build upon. In some respects, despite his great economic and sociological contributions, and his work as a general leader in the Revolution, his organization of the Fighting Groups must be regarded as his greatest achievement.

Iron Heel. It was warfare dark and devious, replete with intrigue and conspiracy, plot and counterplot. And behind all, ever menacing, was death, violent and terrible. Men and women disappeared, our nearest and dearest comrades. We saw them to-day. To-morrow they were gone; we never saw them again, and we knew that they had died.

There was no trust, no confidence anywhere. The man who plotted beside us, for all we knew, might be an agent of the Iron Heel. We mined the organization of the Iron Heel with our secret agents, and the Iron Heel countermined with its secret agents inside its own organization. And it was the same with our organization. And despite the absence of confidence and trust we were compelled to base our every effort on confidence and trust. Often were we betrayed. Men were weak. The Iron Heel could offer money, leisure, the joys and pleasures that waited in the repose of the wonder cities. We could offer nothing but the satisfaction of being faithful to a noble ideal. As for the rest, the wages of those who were loyal were unceasing peril, torture, and death.

Men were weak, I say, and because of their weakness we were compelled to make the only other reward that was within our power. It was the reward of death. Out of necessity we had to punish our traitors. For every man who betrayed us, from one to a dozen faithful avengers were loosed upon

his heels. We might fail to carry out our decrees against our enemies, such as the Pockocks, for instance; but the one thing we could not afford to fail in was the punishment of our own traitors. Comrades turned traitor by permission, in order to win to the wonder cities and there execute our sentences on the real traitors. In fact, so terrible did we make ourselves, that it became a greater peril to betray us than to remain loyal to us.

The Revolution took on largely the character of religion. We worshipped at the shrine of the Revolution, which was the shrine of liberty. It was the divine flashing through us. Men and women devoted their lives to the Cause, and new-born babes were sealed to it as of old they had been sealed to the service of God. We were lovers of Humanity.





## CHAPTER XVII. THE SCARLET LIVERY

**W**ith the destruction of the Granger states, the Grangers in Congress disappeared. They were being tried for high treason, and their places were taken by the creatures of the Iron Heel. The socialists were in a pitiful minority, and they knew that their end was near. Congress and the Senate were empty pretences, farces. Public questions were gravely debated and passed upon according to the old forms, while in reality all that was done was to give the stamp of constitutional procedure to the mandates of the Oligarchy.

Ernest was in the thick of the fight when the end came. It was in the debate on the bill to assist the unemployed. The hard times of the preceding year had thrust great masses of the proletariat beneath the starvation line, and the continued and wide-reaching disorder had but sunk them deeper. Millions of people were starving, while the oligarchs and

their supporters were surfeiting on the surplus.<sup>91</sup> We called these wretched people the people of the abyss,<sup>92</sup> and it was to alleviate their awful suffering that the socialists had introduced the unemployed bill. But this was not to the fancy of the Iron Heel. In its own way it was preparing to set these millions to work, but the way was not our way, wherefore it had issued its orders that our bill should be voted down. Ernest and his fellows knew that their effort was futile, but they were tired of the suspense. They wanted something

---

91 The same conditions obtained in the nineteenth century A.D. under British rule in India. The natives died of starvation by the million, while their rulers robbed them of the fruits of their toil and expended it on magnificent pageants and mumbo-jumbo fooleries. Perforce, in this enlightened age, we have much to blush for in the acts of our ancestors. Our only consolation is philosophic. We must accept the capitalistic stage in social evolution as about on a par with the earlier monkey stage. The human had to pass through those stages in its rise from the mire and slime of low organic life. It was inevitable that much of the mire and slime should cling and be not easily shaken off.

92 The people of the abyss—this phrase was struck out by the genius of H. G. Wells in the late nineteenth century A.D. Wells was a sociological seer, sane and normal as well as warm human. Many fragments of his work have come down to us, while two of his greatest achievements, "Anticipations" and "Mankind in the Making," have come down intact. Before the oligarchs, and before Everhard, Wells speculated upon the building of the wonder cities, though in his writings they are referred to as "pleasure cities."

to happen. They were accomplishing nothing, and the best they hoped for was the putting of an end to the legislative farce in which they were unwilling players. They knew not what end would come, but they never anticipated a more disastrous end than the one that did come.

I sat in the gallery that day. We all knew that something terrible was imminent. It was in the air, and its presence was made visible by the armed soldiers drawn up in lines in the corridors, and by the officers grouped in the entrances to the House itself. The Oligarchy was about to strike. Ernest was speaking. He was describing the sufferings of the unemployed, as if with the wild idea of in some way touching their hearts and consciences; but the Republican and Democratic members sneered and jeered at him, and there was uproar and confusion. Ernest abruptly changed front.

“I know nothing that I may say can influence you,” he said. “You have no souls to be influenced. You are spineless, flaccid things. You pompously call yourselves Republicans and Democrats. There is no Republican Party. There is no Democratic Party. There are no Republicans nor Democrats in this House. You are lick-spittlers and panderers, the creatures of the Plutocracy. You talk verbosely in antiquated terminology of your love of liberty, and all the while you wear the scarlet livery of the Iron Heel.”

Here the shouting and the cries of "Order! order!" drowned his voice, and he stood disdainfully till the din had somewhat subsided. He waved his hand to include all of them, turned to his own comrades, and said:

"Listen to the bellowing of the well-fed beasts."

Pandemonium broke out again. The Speaker rapped for order and glanced expectantly at the officers in the doorways. There were cries of "Sedition!" and a great, rotund New York member began shouting "Anarchist!" at Ernest. And Ernest was not pleasant to look at. Every fighting fibre of him was quivering, and his face was the face of a fighting animal, withal he was cool and collected.

"Remember," he said, in a voice that made itself heard above the din, "that as you show mercy now to the proletariat, some day will that same proletariat show mercy to you."

The cries of "Sedition!" and "Anarchist!" redoubled.

"I know that you will not vote for this bill," Ernest went on. "You have received the command from your masters to vote against it. And yet you call me anarchist. You, who have destroyed the government of the people, and who shamelessly flaunt your scarlet shame in public places, call me anarchist. I do not believe in hell-fire and brimstone; but in moments like this I regret my unbelief. Nay, in moments like this I almost do believe. Surely there

must be a hell, for in no less place could it be possible for you to receive punishment adequate to your crimes. So long as you exist, there is a vital need for hell-fire in the Cosmos."

There was movement in the doorways. Ernest, the Speaker, all the members turned to see.

"Why do you not call your soldiers in, Mr. Speaker, and bid them do their work?" Ernest demanded. "They should carry out your plan with expedition."

"There are other plans afoot," was the retort. "That is why the soldiers are present."

"Our plans, I suppose," Ernest sneered. "Assassination or something kindred."

But at the word "assassination" the uproar broke out again. Ernest could not make himself heard, but he remained on his feet waiting for a lull. And then it happened. From my place in the gallery I saw nothing except the flash of the explosion. The roar of it filled my ears and I saw Ernest reeling and falling in a swirl of smoke, and the soldiers rushing up all the aisles. His comrades were on their feet, wild with anger, capable of any violence. But Ernest steadied himself for a moment, and waved his arms for silence.

"It is a plot!" his voice rang out in warning to his comrades. "Do nothing, or you will be destroyed."

Then he slowly sank down, and the soldiers reached him. The next moment soldiers were clearing the galleries and I saw no more.

Though he was my husband, I was not permitted to get to him. When I announced who I was, I was promptly placed under arrest. And at the same time were arrested all socialist Congressmen in Washington, including the unfortunate Simpson, who lay ill with typhoid fever in his hotel.

The trial was prompt and brief. The men were foredoomed. The wonder was that Ernest was not executed. This was a blunder on the part of the Oligarchy, and a costly one. But the Oligarchy was too confident in those days. It was drunk with success, and little did it dream that that small handful of heroes had within them the power to rock it to its foundations. To-morrow, when the Great Revolt breaks out and all the world resounds with the tramp, tramp of the millions, the Oligarchy will realize, and too late, how mightily that band of heroes has grown.<sup>93</sup>

---

93 Avis Everhard took for granted that her narrative would be read in her own day, and so omits to mention the outcome of the trial for high treason. Many other similar disconcerting omissions will be noticed in the Manuscript. Fifty-two socialist Congressmen were tried, and all were found guilty. Strange to relate, not one received the death sentence. Everhard and eleven others, among whom were Theodore Donnelson and

As a revolutionist myself, as one on the inside who knew the hopes and fears and secret plans of the revolutionists, I am fitted to answer, as very few are, the charge that they were guilty of exploding the bomb in Congress. And I can say flatly, without qualification or doubt of any sort, that the socialists, in Congress and out, had no hand in the affair. Who threw the bomb we do not know, but the one thing we are absolutely sure of is that we did not throw it.

On the other hand, there is evidence to show that the Iron Heel was responsible for the act. Of course, we cannot prove this. Our conclusion is merely presumptive. But here are such facts as we do know. It had been reported to the Speaker of the House, by secret-service agents of the

---

Matthew Kent, received life imprisonment. The remaining forty received sentences varying from thirty to forty-five years; while Arthur Simpson, referred to in the Manuscript as being ill of typhoid fever at the time of the explosion, received only fifteen years. It is the tradition that he died of starvation in solitary confinement, and this harsh treatment is explained as having been caused by his uncompromising stubbornness and his fiery and tactless hatred for all men that served the despotism. He died in Cabañas in Cuba, where three of his comrades were also confined. The fifty- two socialist Congressmen were confined in military fortresses scattered all over the United States. Thus, Du Bois and Woods were held in Porto Rico, while Everhard and Merryweather were placed in Alcatraz, an island in San Francisco Bay that had already seen long service as a military prison.

government, that the Socialist Congressmen were about to resort to terroristic tactics, and that they had decided upon the day when their tactics would go into effect. This day was the very day of the explosion. Wherefore the Capitol had been packed with troops in anticipation. Since we knew nothing about the bomb, and since a bomb actually was exploded, and since the authorities had prepared in advance for the explosion, it is only fair to conclude that the Iron Heel did know. Furthermore, we charge that the Iron Heel was guilty of the outrage, and that the Iron Heel planned and perpetrated the outrage for the purpose of foisting the guilt on our shoulders and so bringing about our destruction.

From the Speaker the warning leaked out to all the creatures in the House that wore the scarlet livery. They knew, while Ernest was speaking, that some violent act was to be committed. And to do them justice, they honestly believed that the act was to be committed by the socialists. At the trial, and still with honest belief, several testified to having seen Ernest prepare to throw the bomb, and that it exploded prematurely. Of course they saw nothing of the sort. In the fevered imagination of fear they thought they saw, that was all.

As Ernest said at the trial: "Does it stand to reason, if I were going to throw a bomb, that I should elect to throw a



feeble little squib like the one that was thrown? There wasn't enough powder in it. It made a lot of smoke, but hurt no one except me. It exploded right at my feet, and yet it did not kill me. Believe me, when I get to throwing bombs, I'll do damage. There'll be more than smoke in my petards."

In return it was argued by the prosecution that the weakness of the bomb was a blunder on the part of the socialists, just as its premature explosion, caused by Ernest's losing his nerve and dropping it, was a blunder. And to clinch the argument, there were the several Congressmen who testified to having seen Ernest fumble and drop the bomb.

As for ourselves, not one of us knew how the bomb was thrown. Ernest told me that the fraction of an instant before it exploded he both heard and saw it strike at his feet. He testified to this at the trial, but no one believed him. Besides, the whole thing, in popular slang, was "cooked up." The Iron Heel had made up its mind to destroy us, and there was no withstanding it.

There is a saying that truth will out. I have come to doubt that saying. Nineteen years have elapsed, and despite our untiring efforts, we have failed to find the man who really did throw the bomb. Undoubtedly he was some emissary of the Iron Heel, but he has escaped detection. We have never got the slightest clew to his identity. And now, at this late

date, nothing remains but for the affair to take its place among the mysteries of history.<sup>94</sup>

---

94 Avis Everhard would have had to live for many generations ere she could have seen the clearing up of this particular mystery. A little less than a hundred years ago, and a little more than six hundred years after her death, the confession of Pervaise was discovered in the secret archives of the Vatican. It is perhaps well to tell a little something about this obscure document, which, in the main, is of interest to the historian only.

Pervaise was an American, of French descent, who in 1913 A.D., was lying in the Tombs Prison, New York City, awaiting trial for murder. From his confession we learn that he was not a criminal. He was warm-blooded, passionate, emotional. In an insane fit of jealousy he killed his wife—a very common act in those times. Pervaise was mastered by the fear of death, all of which is recounted at length in his confession. To escape death he would have done anything, and the police agents prepared him by assuring him that he could not possibly escape conviction of murder in the first degree when his trial came off. In those days, murder in the first degree was a capital offense. The guilty man or woman was placed in a specially constructed death-chair, and, under the supervision of competent physicians, was destroyed by a current of electricity. This was called electrocution, and it was very popular during that period. Anaesthesia, as a mode of compulsory death, was not introduced until later.

This man, good at heart but with a ferocious animalism close at the surface of his being, lying in jail and expectant of nothing less than death, was prevailed upon by the agents of the Iron Heel to throw the bomb in the House of Representatives. In his confession he states explicitly that he was informed that the bomb was to be a feeble thing and that no lives would be lost. This is directly in line with the fact that the bomb was lightly charged, and that its explosion at Everhard's feet was not deadly.

.....

Pervaise was smuggled into one of the galleries ostensibly closed for repairs. He was to select the moment for the throwing of the bomb, and he naively confesses that in his interest in Everhard's tirade and the general commotion raised thereby, he nearly forgot his mission.

Not only was he released from prison in reward for his deed, but he was granted an income for life. This he did not long enjoy. In 1914 A.D., in September, he was stricken with rheumatism of the heart and lived for three days. It was then that he sent for the Catholic priest, Father Peter Durban, and to him made confession. So important did it seem to the priest, that he had the confession taken down in writing and sworn to. What happened after this we can only surmise. The document was certainly important enough to find its way to Rome. Powerful influences must have been brought to bear, hence its suppression. For centuries no hint of its existence reached the world. It was not until in the last century that Lorbia, the brilliant Italian scholar, stumbled upon it quite by chance during his researches in the Vatican.

There is to-day no doubt whatever that the Iron Heel was responsible for the bomb that exploded in the House of Representatives in 1913 A.D. Even though the Pervaise confession had never come to light, no reasonable doubt could obtain; for the act in question, that sent fifty-two Congressmen to prison, was on a par with countless other acts committed by the oligarchs, and, before them, by the capitalists.

There is the classic instance of the ferocious and wanton judicial murder of the innocent and so-called Haymarket Anarchists in Chicago in the penultimate decade of the nineteenth century A.D. In a category by itself is the deliberate burning and destruction of capitalist property by the capitalists themselves. For such destruction of property innocent men were frequently punished—"railroaded" in the parlance of the times.

In the labor troubles of the first decade of the twentieth century A.D., between the capitalists and the Western Federation of Miners, similar but more bloody tactics were employed. The

.....

railroad station at Independence was blown up by the agents of the capitalists. Thirteen men were killed, and many more were wounded. And then the capitalists, controlling the legislative and judicial machinery of the state of Colorado, charged the miners with the crime and came very near to convicting them. Romaines, one of the tools in this affair, like Pervaise, was lying in jail in another state, Kansas, awaiting trial, when he was approached by the agents of the capitalists. But, unlike Pervaise, the confession of Romaines was made public in his own time.

Then, during this same period, there was the case of Moyer and Haywood, two strong, fearless leaders of labor. One was president and the other was secretary of the Western Federation of Miners. The ex-governor of Idaho had been mysteriously murdered. The crime, at the time, was openly charged to the mine owners by the socialists and miners. Nevertheless, in violation of the national and state constitutions, and by means of conspiracy on the parts of the governors of Idaho and Colorado, Moyer and Haywood were kidnapped, thrown into jail, and charged with the murder. It was this instance that provoked from Eugene V. Debs, national leader of the American socialists at the time, the following words: "The labor leaders that cannot be bribed nor bullied, must be ambushed and murdered. The only crime of Moyer and Haywood is that they have been unswervingly true to the working class. The capitalists have stolen our country, debauched our politics, defiled our judiciary, and ridden over us rough-shod, and now they propose to murder those who will not abjectly surrender to their brutal dominion. The governors of Colorado and Idaho are but executing the mandates of their masters, the Plutocracy. The issue is the Workers versus the Plutocracy. If they strike the first violent blow, we will strike the last."

## CHAPTER XVIII. IN THE SHADOW OF SONOMA

**O**f myself, during this period, there is not much to say. For six months I was kept in prison, though charged with no crime. I was a *suspect*—a word of fear that all revolutionists were soon to come to know. But our own nascent secret service was beginning to work. By the end of my second month in prison, one of the jailers made himself known as a revolutionist in touch with the organization. Several weeks later, Joseph Parkhurst, the prison doctor who had just been appointed, proved himself to be a member of one of the Fighting Groups.

Thus, throughout the organization of the Oligarchy, our own organization, weblike and spidery, was insinuating itself. And so I was kept in touch with all that was happening in the world without. And furthermore, every one of our imprisoned leaders was in contact with brave comrades who masqueraded in the livery of the Iron Heel. Though Ernest

lay in prison three thousand miles away, on the Pacific Coast, I was in unbroken communication with him, and our letters passed regularly back and forth.

The leaders, in prison and out, were able to discuss and direct the campaign. It would have been possible, within a few months, to have effected the escape of some of them; but since imprisonment proved no bar to our activities, it was decided to avoid anything premature. Fifty-two Congressmen were in prison, and fully three hundred more of our leaders. It was planned that they should be delivered simultaneously. If part of them escaped, the vigilance of the oligarchs might be aroused so as to prevent the escape of the remainder. On the other hand, it was held that a simultaneous jail-delivery all over the land would have immense psychological influence on the proletariat. It would show our strength and give confidence.

So it was arranged, when I was released at the end of six months, that I was to disappear and prepare a secure hiding-place for Ernest. To disappear was in itself no easy thing. No sooner did I get my freedom than my footsteps began to be dogged by the spies of the Iron Heel. It was necessary that they should be thrown off the track, and that I should win to California. It is laughable, the way this was accomplished.

Already the passport system, modelled on the Russian, was developing. I dared not cross the continent in my own

character. It was necessary that I should be completely lost if ever I was to see Ernest again, for by trailing me after he escaped, he would be caught once more. Again, I could not disguise myself as a proletarian and travel. There remained the disguise of a member of the Oligarchy. While the arch-oligarchs were no more than a handful, there were myriads of lesser ones of the type, say, of Mr. Wickson—men, worth a few millions, who were adherents of the arch-oligarchs. The wives and daughters of these lesser oligarchs were legion, and it was decided that I should assume the disguise of such a one. A few years later this would have been impossible, because the passport system was to become so perfect that no man, woman, nor child in all the land was unregistered and unaccounted for in his or her movements.

When the time was ripe, the spies were thrown off my track. An hour later Avis Everhard was no more. At that time one Felice Van Verdighan, accompanied by two maids and a lap-dog, with another maid for the lap-dog,<sup>95</sup>

---

95 This ridiculous picture well illustrates the heartless conduct of the masters. While people starved, lap-dogs were waited upon by maids. This was a serious masquerade on the part of Avis Everhard. Life and death and the Cause were in the issue; therefore the picture must be accepted as a true picture. It affords a striking commentary of the times.

entered a drawing-room on a Pullman,<sup>96</sup> and a few minutes later was speeding west.

The three maids who accompanied me were revolutionists. Two were members of the Fighting Groups, and the third, Grace Holbrook, entered a group the following year, and six months later was executed by the Iron Heel. She it was who waited upon the dog. Of the other two, Bertha Stole disappeared twelve years later, while Anna Roylston still lives and plays an increasingly important part in the Revolution.<sup>97</sup>

Without adventure we crossed the United States to California. When the train stopped at Sixteenth Street Station, in Oakland, we alighted, and there Felice Van Verdighan, with her two maids, her lap-dog, and her lap-dog's maid,

---

96 Pullman—the designation of the more luxurious railway cars of the period and so named from the inventor.

97 Despite continual and almost inconceivable hazards, Anna Roylston lived to the royal age of ninety-one. As the Pococks defied the executioners of the Fighting Groups, so she defied the executioners of the Iron Heel. She bore a charmed life and prospered amid dangers and alarms. She herself was an executioner for the Fighting Groups, and, known as the Red Virgin, she became one of the inspired figures of the Revolution. When she was an old woman of sixty-nine she shot “Bloody” Halcliffe down in the midst of his armed escort and got away unscathed. In the end she died peaceably of old age in a secret refuge of the revolutionists in the Ozark mountains.



disappeared forever. The maids, guided by trusty comrades, were led away. Other comrades took charge of me. Within half an hour after leaving the train I was on board a small fishing boat and out on the waters of San Francisco Bay. The winds baffled, and we drifted aimlessly the greater part of the night. But I saw the lights of Alcatraz where Ernest lay, and found comfort in the thought of nearness to him. By dawn, what with the rowing of the fishermen, we made the Marin Islands. Here we lay in hiding all day, and on the following night, swept on by a flood tide and a fresh wind, we crossed San Pablo Bay in two hours and ran up Petaluma Creek.

Here horses were ready and another comrade, and without delay we were away through the starlight. To the north I could see the loom of Sonoma Mountain, toward which we rode. We left the old town of Sonoma to the right and rode up a canyon that lay between outlying buttresses of the mountain. The wagon-road became a wood-road, the wood-road became a cow-path, and the cow-path dwindled away and ceased among the upland pastures. Straight over Sonoma Mountain we rode. It was the safest route. There was no one to mark our passing.

Dawn caught us on the northern brow, and in the gray light we dropped down through chaparral into redwood canyons deep and warm with the breath of passing summer.

It was old country to me that I knew and loved, and soon I became the guide. The hiding-place was mine. I had selected it. We let down the bars and crossed an upland meadow. Next, we went over a low, oak-covered ridge and descended into a smaller meadow. Again we climbed a ridge, this time riding under red-limbed madronos and manzanitas of deeper red. The first rays of the sun streamed upon our backs as we climbed. A flight of quail thrummed off through the thickets. A big jackrabbit crossed our path, leaping swiftly and silently like a deer. And then a deer, a many-pronged buck, the sun flashing red-gold from neck and shoulders, cleared the crest of the ridge before us and was gone.

We followed in his wake a space, then dropped down a zigzag trail that he disdained into a group of noble redwoods that stood about a pool of water murky with minerals from the mountain side. I knew every inch of the way. Once a writer friend of mine had owned the ranch; but he, too, had become a revolutionist, though more disastrously than I, for he was already dead and gone, and none knew where nor how. He alone, in the days he had lived, knew the secret of the hiding-place for which I was bound. He had bought the ranch for beauty, and paid a round price for it, much to the disgust of the local farmers. He used to tell with great glee how they were wont to shake their heads mournfully at the

price, to accomplish ponderously a bit of mental arithmetic, and then to say, "But you can't make six per cent on it."

But he was dead now, nor did the ranch descend to his children. Of all men, it was now the property of Mr. Wickson, who owned the whole eastern and northern slopes of Sonoma Mountain, running from the Spreckels estate to the divide of Bennett Valley. Out of it he had made a magnificent deer-park, where, over thousands of acres of sweet slopes and glades and canyons, the deer ran almost in primitive wildness. The people who had owned the soil had been driven away. A state home for the feeble-minded had also been demolished to make room for the deer.

To cap it all, Wickson's hunting lodge was a quarter of a mile from my hiding-place. This, instead of being a danger, was an added security. We were sheltered under the very ægis of one of the minor oligarchs. Suspicion, by the nature of the situation, was turned aside. The last place in the world the spies of the Iron Heel would dream of looking for me, and for Ernest when he joined me, was Wickson's deer-park.

We tied our horses among the redwoods at the pool. From a cache behind a hollow rotting log my companion brought out a variety of things,—a fifty-pound sack of flour, tinned foods of all sorts, cooking utensils, blankets, a canvas tarpaulin, books and writing material, a great bundle

of letters, a five-gallon can of kerosene, an oil stove, and, last and most important, a large coil of stout rope. So large was the supply of things that a number of trips would be necessary to carry them to the refuge.

But the refuge was very near. Taking the rope and leading the way, I passed through a glade of tangled vines and bushes that ran between two wooded knolls. The glade ended abruptly at the steep bank of a stream. It was a little stream, rising from springs, and the hottest summer never dried it up. On every hand were tall wooded knolls, a group of them, with all the seeming of having been flung there from some careless Titan's hand. There was no bed-rock in them. They rose from their bases hundreds of feet, and they were composed of red volcanic earth, the famous wine-soil of Sonoma. Through these the tiny stream had cut its deep and precipitous channel.

It was quite a scramble down to the stream bed, and, once on the bed, we went down stream perhaps for a hundred feet. And then we came to the great hole. There was no warning of the existence of the hole, nor was it a hole in the common sense of the word. One crawled through tight-locked briars and branches, and found oneself on the very edge, peering out and down through a green screen. A couple of hundred feet in length and width, it was half of that

in depth. Possibly because of some fault that had occurred when the knolls were flung together, and certainly helped by freakish erosion, the hole had been scooped out in the course of centuries by the wash of water. Nowhere did the raw earth appear. All was garmented by vegetation, from tiny maiden-hair and gold-back ferns to mighty redwood and Douglas spruces. These great trees even sprang out from the walls of the hole. Some leaned over at angles as great as forty-five degrees, though the majority towered straight up from the soft and almost perpendicular earth walls.

It was a perfect hiding-place. No one ever came there, not even the village boys of Glen Ellen. Had this hole existed in the bed of a canyon a mile long, or several miles long, it would have been well known. But this was no canyon. From beginning to end the length of the stream was no more than five hundred yards. Three hundred yards above the hole the stream took its rise in a spring at the foot of a flat meadow. A hundred yards below the hole the stream ran out into open country, joining the main stream and flowing across rolling and grass-covered land.

My companion took a turn of the rope around a tree, and with me fast on the other end lowered away. In no time I was on the bottom. And in but a short while he had carried all the articles from the cache and lowered them down to

me. He hauled the rope up and hid it, and before he went away called down to me a cheerful parting.

Before I go on I want to say a word for this comrade, John Carlson, a humble figure of the Revolution, one of the countless faithful ones in the ranks. He worked for Wickson, in the stables near the hunting lodge. In fact, it was on Wickson's horses that we had ridden over Sonoma Mountain. For nearly twenty years now John Carlson has been custodian of the refuge. No thought of disloyalty, I am sure, has ever entered his mind during all that time. To betray his trust would have been in his mind a thing undreamed. He was phlegmatic, stolid to such a degree that one could not but wonder how the Revolution had any meaning to him at all. And yet love of freedom glowed sombrely and steadily in his dim soul. In ways it was indeed good that he was not flighty and imaginative. He never lost his head. He could obey orders, and he was neither curious nor garrulous. Once I asked how it was that he was a revolutionist.

"When I was a young man I was a soldier," was his answer. "It was in Germany. There all young men must be in the army. So I was in the army. There was another soldier there, a young man, too. His father was what you call an agitator, and his father was in jail for lese majesty—what you call speaking the truth about the Emperor. And the young

man, the son, talked with me much about people, and work, and the robbery of the people by the capitalists. He made me see things in new ways, and I became a socialist. His talk was very true and good, and I have never forgotten. When I came to the United States I hunted up the socialists. I became a member of a section—that was in the day of the S. L. P. Then later, when the split came, I joined the local of the S. P. I was working in a livery stable in San Francisco then. That was before the Earthquake. I have paid my dues for twenty-two years. I am yet a member, and I yet pay my dues, though it is very secret now. I will always pay my dues, and when the cooperative commonwealth comes, I will be glad.”

Left to myself, I proceeded to cook breakfast on the oil stove and to prepare my home. Often, in the early morning, or in the evening after dark, Carlson would steal down to the refuge and work for a couple of hours. At first my home was the tarpaulin. Later, a small tent was put up. And still later, when we became assured of the perfect security of the place, a small house was erected. This house was completely hidden from any chance eye that might peer down from the edge of the hole. The lush vegetation of that sheltered spot make a natural shield. Also, the house was built against the perpendicular wall; and in the wall itself, shored by strong timbers, well drained and ventilated, we excavated two

small rooms. Oh, believe me, we had many comforts. When Biedenbach, the German terrorist, hid with us some time later, he installed a smoke-consuming device that enabled us to sit by crackling wood fires on winter nights.

And here I must say a word for that gentle-souled terrorist, than whom there is no comrade in the Revolution more fearfully misunderstood. Comrade Biedenbach did not betray the Cause. Nor was he executed by the comrades as is commonly supposed. This canard was circulated by the creatures of the Oligarchy. Comrade Biedenbach was absent-minded, forgetful. He was shot by one of our lookouts at the cave-refuge at Carmel, through failure on his part to remember the secret signals. It was all a sad mistake. And that he betrayed his Fighting Group is an absolute lie. No truer, more loyal man ever labored for the Cause.<sup>98</sup>

For nineteen years now the refuge that I selected had been almost continuously occupied, and in all that time, with one exception, it has never been discovered by an outsider. And yet it was only a quarter of a mile from Wickson's hunting-lodge, and a short mile from the village of Glen Ellen. I was able, always,

---

98 Search as we may through all the material of those times that has come down to us, we can find no clew to the Biedenbach here referred to. No mention is made of him anywhere save in the Everhard Manuscript.



to hear the morning and evening trains arrive and depart, and I used to set my watch by the whistle at the brickyards.<sup>99</sup>

---

99 If the curious traveller will turn south from Glen Ellen, he will find himself on a boulevard that is identical with the old country road seven centuries ago. A quarter of a mile from Glen Ellen, after the second bridge is passed, to the right will be noticed a barranca that runs like a scar across the rolling land toward a group of wooded knolls. The barranca is the site of the ancient right of way that in the time of private property in land ran across the holding of one Chauvet, a French pioneer of California who came from his native country in the fabled days of gold. The wooded knolls are the same knolls referred to by Avis Everhard.

The Great Earthquake of 2368 A.D. broke off the side of one of these knolls and toppled it into the hole where the Everhards made their refuge. Since the finding of the Manuscript excavations have been made, and the house, the two cave rooms, and all the accumulated rubbish of long occupancy have been brought to light. Many valuable relics have been found, among which, curious to relate, is the smoke-consuming device of Biedenbach's mentioned in the narrative. Students interested in such matters should read the brochure of Arnold Bentham soon to be published.

A mile northwest from the wooded knolls brings one to the site of Wake Robin Lodge at the junction of Wild-Water and Sonoma Creeks. It may be noticed, in passing, that Wild-Water was originally called Graham Creek and was so named on the early local maps. But the later name sticks. It was at Wake Robin Lodge that Avis Everhard later lived for short periods, when, disguised as an agent-provocateur of the Iron Heel, she was enabled to play with impunity her part among men and events. The official permission to occupy Wake Robin Lodge is still on the records, signed by no less a man than Wickson, the minor oligarch of the Manuscript.



## CHAPTER XIX. TRANSFORMATION

**“Y**ou must make yourself over again,” Ernest wrote to me. “You must cease to be. You must become another woman—and not merely in the clothes you wear, but inside your skin under the clothes. You must make yourself over again so that even I would not know you—your voice, your gestures, your mannerisms, your carriage, your walk, everything.”

This command I obeyed. Every day I practised for hours in burying forever the old Avis Everhard beneath the skin of another woman whom I may call my other self. It was only by long practice that such results could be obtained. In the mere detail of voice intonation I practised almost perpetually till the voice of my new self became fixed, automatic. It was this automatic assumption of a rôle that was considered imperative. One must become so adept as to deceive oneself. It was like learning a new language, say the French. At first speech in French is self-conscious, a matter of the will. The

student thinks in English and then transmutes into French, or reads in French but transmutes into English before he can understand. Then later, becoming firmly grounded, automatic, the student reads, writes, and *thinks* in French, without any recourse to English at all.

And so with our disguises. It was necessary for us to practise until our assumed roles became real; until to be our original selves would require a watchful and strong exercise of will. Of course, at first, much was mere blundering experiment. We were creating a new art, and we had much to discover. But the work was going on everywhere; masters in the art were developing, and a fund of tricks and expedients was being accumulated. This fund became a sort of text-book that was passed on, a part of the curriculum, as it were, of the school of Revolution.<sup>100</sup>

It was at this time that my father disappeared. His letters, which had come to me regularly, ceased. He no longer

---

100 Disguise did become a veritable art during that period. The revolutionists maintained schools of acting in all their refuges. They scorned accessories, such as wigs and beards, false eyebrows, and such aids of the theatrical actors. The game of revolution was a game of life and death, and mere accessories were traps. Disguise had to be fundamental, intrinsic, part and parcel of one's being, second nature. The Red Virgin is reported to have been one of the most adept in the art, to which must be ascribed her long and successful career.

appeared at our Pell Street quarters. Our comrades sought him everywhere. Through our secret service we ransacked every prison in the land. But he was lost as completely as if the earth had swallowed him up, and to this day no clew to his end has been discovered.<sup>101</sup>

Six lonely months I spent in the refuge, but they were not idle months. Our organization went on apace, and there were mountains of work always waiting to be done. Ernest and his fellow-leaders, from their prisons, decided what should be done; and it remained for us on the outside to do it. There was the organization of the mouth-to-mouth propaganda; the organization, with all its ramifications, of our spy system; the establishment of our secret printing-presses; and the establishment of our underground railways, which meant the knitting together of all our myriads of places of refuge, and the formation of new refuges where links were missing in the chains we ran over all the land.

---

101 Disappearance was one of the horrors of the time. As a motif, in song and story, it constantly crops up. It was an inevitable concomitant of the subterranean warfare that raged through those three centuries. This phenomenon was almost as common in the oligarch class and the labor castes, as it was in the ranks of the revolutionists. Without warning, without trace, men and women, and even children, disappeared and were seen no more, their end shrouded in mystery.

So I say, the work was never done. At the end of six months my loneliness was broken by the arrival of two comrades. They were young girls, brave souls and passionate lovers of liberty: Lora Peterson, who disappeared in 1922, and Kate Bierce, who later married Du Bois,<sup>102</sup> and who is still with us with eyes lifted to to-morrow's sun, that heralds in the new age.

The two girls arrived in a flurry of excitement, danger, and sudden death. In the crew of the fishing boat that conveyed them across San Pablo Bay was a spy. A creature of the Iron Heel, he had successfully masqueraded as a revolutionist and penetrated deep into the secrets of our organization. Without doubt he was on my trail, for we had long since learned that my disappearance had been cause of deep concern to the secret service of the Oligarchy. Luckily, as the outcome proved, he had not divulged his discoveries to any one. He had evidently delayed reporting, preferring to wait until he had brought things to a successful conclusion by discovering my hiding-place and capturing me. His information died with him. Under some pretext, after the

---

102 Du Bois, the present librarian of Ardis, is a lineal descendant of this revolutionary pair.

girls had landed at Petaluma Creek and taken to the horses, he managed to get away from the boat.

Part way up Sonoma Mountain, John Carlson let the girls go on, leading his horse, while he went back on foot. His suspicions had been aroused. He captured the spy, and as to what then happened, Carlson gave us a fair idea.

“I fixed him,” was Carlson’s unimaginative way of describing the affair. “I fixed him,” he repeated, while a sombre light burnt in his eyes, and his huge, toil-distorted hands opened and closed eloquently. “He made no noise. I hid him, and tonight I will go back and bury him deep.”

During that period I used to marvel at my own metamorphosis. At times it seemed impossible, either that I had ever lived a placid, peaceful life in a college town, or else that I had become a revolutionist inured to scenes of violence and death. One or the other could not be. One was real, the other was a dream, but which was which? Was this present life of a revolutionist, hiding in a hole, a nightmare? or was I a revolutionist who had somewhere, somehow, dreamed that in some former existence I have lived in Berkeley and never known of life more violent than teas and dances, debating societies, and lecture rooms? But then I suppose this was a common experience of all of us who had rallied under the red banner of the brotherhood of man.

I often remembered figures from that other life, and, curiously enough, they appeared and disappeared, now and again, in my new life. There was Bishop Morehouse. In vain we searched for him after our organization had developed. He had been transferred from asylum to asylum. We traced him from the state hospital for the insane at Napa to the one in Stockton, and from there to the one in the Santa Clara Valley called Agnews, and there the trail ceased. There was no record of his death. In some way he must have escaped. Little did I dream of the awful manner in which I was to see him once again—the fleeting glimpse of him in the whirlwind carnage of the Chicago Commune.

Jackson, who had lost his arm in the Sierra Mills and who had been the cause of my own conversion into a revolutionist, I never saw again; but we all knew what he did before he died. He never joined the revolutionists. Embittered by his fate, brooding over his wrongs, he became an anarchist—not a philosophic anarchist, but a mere animal, mad with hate and lust for revenge. And well he revenged himself. Evading the guards, in the nighttime while all were asleep, he blew the Pertonwaithe palace into atoms. Not a soul escaped, not even the guards. And in prison, while awaiting trial, he suffocated himself under his blankets.



Dr. Hammerfield and Dr. Ballingford achieved quite different fates from that of Jackson. They have been faithful to their salt, and they have been correspondingly rewarded with ecclesiastical palaces wherein they dwell at peace with the world. Both are apologists for the Oligarchy. Both have grown very fat. "Dr. Hammerfield," as Ernest once said, "has succeeded in modifying his metaphysics so as to give God's sanction to the Iron Heel, and also to include much worship of beauty and to reduce to an invisible wraith the gaseous vertebrate described by Haeckel—the difference between Dr. Hammerfield and Dr. Ballingford being that the latter has made the God of the oligarchs a little more gaseous and a little less vertebrate."

Peter Donnelly, the scab foreman at the Sierra Mills whom I encountered while investigating the case of Jackson, was a surprise to all of us. In 1918 I was present at a meeting of the 'Frisco Reds. Of all our Fighting Groups this one was the most formidable, ferocious, and merciless. It was really not a part of our organization. Its members were fanatics, madmen. We dared not encourage such a spirit. On the other hand, though they did not belong to us, we remained on friendly terms with them. It was a matter of vital importance that brought me there that night. I, alone in the midst of a score of men, was the only person unmasked. After the

business that brought me there was transacted, I was led away by one of them. In a dark passage this guide struck a match, and, holding it close to his face, slipped back his mask. For a moment I gazed upon the passion-wrought features of Peter Donnelly. Then the match went out.

“I just wanted you to know it was me,” he said in the darkness. “D’you remember Dallas, the superintendent?”

I nodded at recollection of the vulpine-faced superintendent of the Sierra Mills.

“Well, I got him first,” Donnelly said with pride. “Twas after that I joined the Reds.”

“But how comes it that you are here?” I queried. “Your wife and children?”

“Dead,” he answered. “That’s why. No,” he went on hastily, “’tis not revenge for them. They died easily in their beds—sickness, you see, one time and another. They tied my arms while they lived. And now that they’re gone, ’tis revenge for my blasted manhood I’m after. I was once Peter Donnelly, the scab foreman. But to-night I’m Number 27 of the ’Frisco Reds. Come on now, and I’ll get you out of this.”

More I heard of him afterward. In his own way he had told the truth when he said all were dead. But one lived, Timothy, and him his father considered dead because he

had taken service with the Iron Heel in the Mercenaries.<sup>103</sup> A member of the 'Frisco Reds pledged himself to twelve annual executions. The penalty for failure was death. A member who failed to complete his number committed suicide. These executions were not haphazard. This group of madmen met frequently and passed wholesale judgments upon offending members and servitors of the Oligarchy. The executions were afterward apportioned by lot.

In fact, the business that brought me there the night of my visit was such a trial. One of our own comrades, who for years had successfully maintained himself in a clerical position in the local bureau of the secret service of the Iron Heel, had fallen under the ban of the 'Frisco Reds and was being tried. Of course he was not present, and of course his judges did not know that he was one of our men. My mission had been to testify to his identity and loyalty. It may be wondered how we came to know of the affair at all.

---

103 In addition to the labor castes, there arose another caste, the military. A standing army of professional soldiers was created, officered by members of the Oligarchy and known as the Mercenaries. This institution took the place of the militia, which had proved impracticable under the new regime. Outside the regular secret service of the Iron Heel, there was further established a secret service of the Mercenaries, this latter forming a connecting link between the police and the military.

The explanation is simple. One of our secret agents was a member of the 'Frisco Reds. It was necessary for us to keep an eye on friend as well as foe, and this group of madmen was not too unimportant to escape our surveillance.

But to return to Peter Donnelly and his son. All went well with Donnelly until, in the following year, he found among the sheaf of executions that fell to him the name of Timothy Donnelly. Then it was that that clannishness, which was his to so extraordinary a degree, asserted itself. To save his son, he betrayed his comrades. In this he was partially blocked, but a dozen of the 'Frisco Reds were executed, and the group was well-nigh destroyed. In retaliation, the survivors meted out to Donnelly the death he had earned by his treason.

Nor did Timothy Donnelly long survive. The 'Frisco Reds pledged themselves to his execution. Every effort was made by the Oligarchy to save him. He was transferred from one part of the country to another. Three of the Reds lost their lives in vain efforts to get him. The Group was composed only of men. In the end they fell back on a woman, one of our comrades, and none other than Anna Royston. Our Inner Circle forbade her, but she had ever a will of her own and disdained discipline. Furthermore, she was a genius and lovable, and we could never discipline her anyway. She is in a class by herself and not amenable to the ordinary standards of the revolutionists.

Despite our refusal to grant permission to do the deed, she went on with it. Now Anna Royston was a fascinating woman. All she had to do was to beckon a man to her. She broke the hearts of scores of our young comrades, and scores of others she captured, and by their heart-strings led into our organization. Yet she steadfastly refused to marry. She dearly loved children, but she held that a child of her own would claim her from the Cause, and that it was the Cause to which her life was devoted.

It was an easy task for Anna Royston to win Timothy Donnelly. Her conscience did not trouble her, for at that very time occurred the *Nashville Massacre*, when the Mercenaries, Donnelly in command, literally murdered eight hundred weavers of that city. But she did not kill Donnelly. She turned him over, a prisoner, to the 'Frisco Reds. This happened only last year, and now she had been renamed. The revolutionists everywhere are calling her the "Red Virgin."<sup>104</sup>

---

104 It was not until the Second Revolt was crushed, that the 'Frisco Reds flourished again. And for two generations the Group flourished. Then an agent of the Iron Heel managed to become a member, penetrated all its secrets, and brought about its total annihilation. This occurred in 2002 A.D. The members were executed one at a time, at intervals of three weeks, and their bodies exposed in the labor-ghetto of San Francisco.

Colonel Ingram and Colonel Van Gilbert are two more familiar figures that I was later to encounter. Colonel Ingram rose high in the Oligarchy and became Minister to Germany. He was cordially detested by the proletariat of both countries. It was in Berlin that I met him, where, as an accredited international spy of the Iron Heel, I was received by him and afforded much assistance. Incidentally, I may state that in my dual rôle I managed a few important things for the Revolution.

Colonel Van Gilbert became known as “Snarling” Van Gilbert. His important part was played in drafting the new code after the Chicago Commune. But before that, as trial judge, he had earned sentence of death by his fiendish malignancy. I was one of those that tried him and passed sentence upon him. Anna Royston carried out the execution.

Still another figure arises out of the old life—Jackson’s lawyer. Least of all would I have expected again to meet this man, Joseph Hurd. It was a strange meeting. Late at night, two years after the Chicago Commune, Ernest and I arrived together at the Benton Harbor refuge. This was in Michigan, across the lake from Chicago. We arrived just at the conclusion of the trial of a spy. Sentence of death had been passed, and he was being led away. Such was the scene as we came upon it. The next moment the wretched man

had wrenched free from his captors and flung himself at my feet, his arms clutching me about the knees in a vicelike grip as he prayed in a frenzy for mercy. As he turned his agonized face up to me, I recognized him as Joseph Hurd. Of all the terrible things I have witnessed, never have I been so unnerved as by this frantic creature's pleading for life. He was mad for life. It was pitiable. He refused to let go of me, despite the hands of a dozen comrades. And when at last he was dragged shrieking away, I sank down fainting upon the floor. It is far easier to see brave men die than to hear a coward beg for life.<sup>105</sup>

---

105 The Benton Harbor refuge was a catacomb, the entrance of which was cunningly contrived by way of a well. It has been maintained in a fair state of preservation, and the curious visitor may to-day tread its labyrinths to the assembly hall, where, without doubt, occurred the scene described by Avis Everhard. Farther on are the cells where the prisoners were confined, and the death chamber where the executions took place. Beyond is the cemetery—long, winding galleries hewn out of the solid rock, with recesses on either hand, wherein, tier above tier, lie the revolutionists just as they were laid away by their comrades long years ago.





## CHAPTER XX. A LOST OLIGARCH

**B**ut in remembering the old life I have run ahead of my story into the new life. The wholesale jail delivery did not occur until well along into 1915. Complicated as it was, it was carried through without a hitch, and as a very creditable achievement it cheered us on in our work. From Cuba to California, out of scores of jails, military prisons, and fortresses, in a single night, we delivered fifty-one of our fifty-two Congressmen, and in addition over three hundred other leaders. There was not a single instance of miscarriage. Not only did they escape, but every one of them won to the refuges as planned. The one comrade Congressman we did not get was Arthur Simpson, and he had already died in Cabañas after cruel tortures.

The eighteen months that followed was perhaps the happiest of my life with Ernest. During that time we were never apart. Later, when we went back into the world, we were separated much. Not more impatiently do I await the

flame of to-morrow's revolt than did I that night await the coming of Ernest. I had not seen him for so long, and the thought of a possible hitch or error in our plans that would keep him still in his island prison almost drove me mad. The hours passed like ages. I was all alone. Biedenbach, and three young men who had been living in the refuge, were out and over the mountain, heavily armed and prepared for anything. The refuges all over the land were quite empty, I imagine, of comrades that night.

Just as the sky paled with the first warning of dawn, I heard the signal from above and gave the answer. In the darkness I almost embraced Biedenbach, who came down first; but the next moment I was in Ernest's arms. And in that moment, so complete had been my transformation, I discovered it was only by an effort of will that I could be the old Avis Everhard, with the old mannerisms and smiles, phrases and intonations of voice. It was by strong effort only that I was able to maintain my old identity; I could not allow myself to forget for an instant, so automatically imperative had become the new personality I had created.

Once inside the little cabin, I saw Ernest's face in the light. With the exception of the prison pallor, there was no change in him—at least, not much. He was my same lover-husband and hero. And yet there was a certain ascetic

lengthening of the lines of his face. But he could well stand it, for it seemed to add a certain nobility of refinement to the riotous excess of life that had always marked his features. He might have been a trifle graver than of yore, but the glint of laughter still was in his eyes. He was twenty pounds lighter, but in splendid physical condition. He had kept up exercise during the whole period of confinement, and his muscles were like iron. In truth, he was in better condition than when he had entered prison. Hours passed before his head touched pillow and I had soothed him off to sleep. But there was no sleep for me. I was too happy, and the fatigue of jail-breaking and riding horseback had not been mine.

While Ernest slept, I changed my dress, arranged my hair differently, and came back to my new automatic self. Then, when Biedenbach and the other comrades awoke, with their aid I concocted a little conspiracy. All was ready, and we were in the cave-room that served for kitchen and dining room when Ernest opened the door and entered. At that moment Biedenbach addressed me as Mary, and I turned and answered him. Then I glanced at Ernest with curious interest, such as any young comrade might betray on seeing for the first time so noted a hero of the Revolution. But Ernest's glance took me in and questioned impatiently

past and around the room. The next moment I was being introduced to him as Mary Holmes.

To complete the deception, an extra plate was laid, and when we sat down to table one chair was not occupied. I could have cried with joy as I noted Ernest's increasing uneasiness and impatience. Finally he could stand it no longer.

"Where's my wife?" he demanded bluntly.

"She is still asleep," I answered.

It was the crucial moment. But my voice was a strange voice, and in it he recognized nothing familiar. The meal went on. I talked a great deal, and enthusiastically, as a hero-worshipper might talk, and it was obvious that he was my hero. I rose to a climax of enthusiasm and worship, and, before he could guess my intention, threw my arms around his neck and kissed him on the lips. He held me from him at arm's length and stared about in annoyance and perplexity. The four men greeted him with roars of laughter, and explanations were made. At first he was sceptical. He scrutinized me keenly and was half convinced, then shook his head and would not believe. It was not until I became the old Avis Everhard and whispered secrets in his ear that none knew but he and Avis Everhard, that he accepted me as his really, truly wife.

It was later in the day that he took me in his arms, manifesting great embarrassment and claiming polygamous emotions.

“You are my Avis,” he said, “and you are also some one else. You are two women, and therefore you are my harem. At any rate, we are safe now. If the United States becomes too hot for us, why I have qualified for citizenship in Turkey.”<sup>106</sup>

Life became for me very happy in the refuge. It is true, we worked hard and for long hours; but we worked together. We had each other for eighteen precious months, and we were not lonely, for there was always a coming and going of leaders and comrades—strange voices from the under-world of intrigue and revolution, bringing stranger tales of strife and war from all our battle-line. And there was much fun and delight. We were not mere gloomy conspirators. We toiled hard and suffered greatly, filled the gaps in our ranks and went on, and through all the labour and the play and interplay of life and death we found time to laugh and love. There were artists, scientists, scholars, musicians, and poets among us; and in that hole in the ground culture was higher and finer than in the palaces of wonder-cities of the oligarchs.

---

106 At that time polygamy was still practised in Turkey.

In truth, many of our comrades toiled at making beautiful those same palaces and wonder-cities.<sup>107</sup>

Nor were we confined to the refuge itself. Often at night we rode over the mountains for exercise, and we rode on Wickson's horses. If only he knew how many revolutionists his horses have carried! We even went on picnics to isolated spots we knew, where we remained all day, going before daylight and returning after dark. Also, we used Wickson's cream and butter,<sup>108</sup> and Ernest was not above shooting Wickson's quail and rabbits, and, on occasion, his young bucks.

Indeed, it was a safe refuge. I have said that it was discovered only once, and this brings me to the clearing up of the mystery of the disappearance of young Wickson. Now that he is dead, I am free to speak. There was a nook on the bottom of the great hole where the sun shone for several hours and which was hidden from above. Here we

---

107 This is not braggadocio on the part of Avis Everhard. The flower of the artistic and intellectual world were revolutionists. With the exception of a few of the musicians and singers, and of a few of the oligarchs, all the great creators of the period whose names have come down to us, were revolutionists.

108 Even as late as that period, cream and butter were still crudely extracted from cow's milk. The laboratory preparation of foods had not yet begun.

had carried many loads of gravel from the creek-bed, so that it was dry and warm, a pleasant basking place; and here, one afternoon, I was drowsing, half asleep, over a volume of Mendenhall.<sup>109</sup> I was so comfortable and secure that even his flaming lyrics failed to stir me.

I was aroused by a clod of earth striking at my feet. Then from above, I heard a sound of scrambling. The next moment a young man, with a final slide down the crumbling wall, alighted at my feet. It was Philip Wickson, though I did not know him at the time. He looked at me coolly and uttered a low whistle of surprise.

“Well,” he said; and the next moment, cap in hand, he was saying, “I beg your pardon. I did not expect to find any one here.”

I was not so cool. I was still a tyro so far as concerned knowing how to behave in desperate circumstances. Later on, when I was an international spy, I should have been less clumsy, I am sure. As it was, I scrambled to my feet and cried out the danger call.

---

109 In all the extant literature and documents of that period, continual reference is made to the poems of Rudolph Mendenhall. By his comrades he was called “The Flame.” He was undoubtedly a great genius; yet, beyond weird and haunting fragments of his verse, quoted in the writings of others, nothing of his has come down to us. He was executed by the Iron Heel in 1928 A.D.

“Why did you do that?” he asked, looking at me searchingly.

It was evident that he had no suspicion of our presence when making the descent. I recognized this with relief.

“For what purpose do you think I did it?” I countered. I was indeed clumsy in those days.

“I don’t know,” he answered, shaking his head. “Unless you’ve got friends about. Anyway, you’ve got some explanations to make. I don’t like the look of it. You are trespassing. This is my father’s land, and—”

But at that moment, Biedenbach, ever polite and gentle, said from behind him in a low voice, “Hands up, my young sir.”

Young Wickson put his hands up first, then turned to confront Biedenbach, who held a thirty-thirty automatic rifle on him. Wickson was imperturbable.

“Oh, ho,” he said, “a nest of revolutionists—and quite a hornet’s nest it would seem. Well, you won’t abide here long, I can tell you.”

“Maybe you’ll abide here long enough to reconsider that statement,” Biedenbach said quietly. “And in the meanwhile I must ask you to come inside with me.”

“Inside?” The young man was genuinely astonished. “Have you a catacomb here? I have heard of such things.”



“Come and see,” Biedenbach answered with his adorable accent.

“But it is unlawful,” was the protest.

“Yes, by your law,” the terrorist replied significantly. “But by our law, believe me, it is quite lawful. You must accustom yourself to the fact that you are in another world than the one of oppression and brutality in which you have lived.”

“There is room for argument there,” Wickson muttered.

“Then stay with us and discuss it.”

The young fellow laughed and followed his captor into the house. He was led into the inner cave-room, and one of the young comrades left to guard him, while we discussed the situation in the kitchen.

Biedenbach, with tears in his eyes, held that Wickson must die, and was quite relieved when we outvoted him and his horrible proposition. On the other hand, we could not dream of allowing the young oligarch to depart.

“I’ll tell you what to do,” Ernest said. “We’ll keep him and give him an education.”

“I bespeak the privilege, then, of enlightening him in jurisprudence,” Biedenbach cried.

And so a decision was laughingly reached. We would keep Philip Wickson a prisoner and educate him in our ethics and sociology. But in the meantime there was work to be

done. All trace of the young oligarch must be obliterated. There were the marks he had left when descending the crumbling wall of the hole. This task fell to Biedenbach, and, slung on a rope from above, he toiled cunningly for the rest of the day till no sign remained. Back up the canyon from the lip of the hole all marks were likewise removed. Then, at twilight, came John Carlson, who demanded Wickson's shoes.

The young man did not want to give up his shoes, and even offered to fight for them, till he felt the horseshoer's strength in Ernest's hands. Carlson afterward reported several blisters and much grievous loss of skin due to the smallness of the shoes, but he succeeded in doing gallant work with them. Back from the lip of the hole, where ended the young man's obliterated trail, Carlson put on the shoes and walked away to the left. He walked for miles, around knolls, over ridges and through canyons, and finally covered the trail in the running water of a creek-bed. Here he removed the shoes, and, still hiding trail for a distance, at last put on his own shoes. A week later Wickson got back his shoes.

That night the hounds were out, and there was little sleep in the refuge. Next day, time and again, the baying hounds came down the canyon, plunged off to the left on the trail Carlson had made for them, and were lost to ear in the farther canyons high up the mountain. And all the time

our men waited in the refuge, weapons in hand—automatic revolvers and rifles, to say nothing of half a dozen infernal machines of Biedenbach's manufacture. A more surprised party of rescuers could not be imagined, had they ventured down into our hiding-place.

I have now given the true disappearance of Philip Wickson, one-time oligarch, and, later, comrade in the Revolution. For we converted him in the end. His mind was fresh and plastic, and by nature he was very ethical. Several months later we rode him, on one of his father's horses, over Sonoma Mountains to Petaluma Creek and embarked him in a small fishing-launch. By easy stages we smuggled him along our underground railway to the Carmel refuge.

There he remained eight months, at the end of which time, for two reasons, he was loath to leave us. One reason was that he had fallen in love with Anna Royston, and the other was that he had become one of us. It was not until he became convinced of the hopelessness of his love affair that he acceded to our wishes and went back to his father. Ostensibly an oligarch until his death, he was in reality one of the most valuable of our agents. Often and often has the Iron Heel been dumbfounded by the miscarriage of its plans and operations against us. If it but knew the number of its own members who are our agents, it would understand.

Young Wickson never wavered in his loyalty to the Cause. In truth, his very death was incurred by his devotion to duty. In the great storm of 1927, while attending a meeting of our leaders, he contracted the pneumonia of which he died.<sup>110</sup>

---

110 The case of this young man was not unusual. Many young men of the Oligarchy, impelled by sense of right conduct, or their imaginations captured by the glory of the Revolution, ethically or romantically devoted their lives to it. In similar way, many sons of the Russian nobility played their parts in the earlier and protracted revolution in that country.

## CHAPTER XXI. THE ROARING ABYSMAL BEAST

**D**uring the long period of our stay in the refuge, we were kept closely in touch with what was happening in the world without, and we were learning thoroughly the strength of the Oligarchy with which we were at war. Out of the flux of transition the new institutions were forming more definitely and taking on the appearance and attributes of permanence. The oligarchs had succeeded in devising a governmental machine, as intricate as it was vast, that worked—and this despite all our efforts to clog and hamper.

This was a surprise to many of the revolutionists. They had not conceived it possible. Nevertheless the work of the country went on. The men toiled in the mines and fields—perforce they were no more than slaves. As for the vital industries, everything prospered. The members of the great labor castes were contented and worked on merrily.

For the first time in their lives they knew industrial peace. No more were they worried by slack times, strike and lock-out, and the union label. They lived in more comfortable homes and in delightful cities of their own—delightful compared with the slums and ghettos in which they had formerly dwelt. They had better food to eat, less hours of labor, more holidays, and a greater amount and variety of interests and pleasures. And for their less fortunate brothers and sisters, the unfavored laborers, the driven people of the abyss, they cared nothing. An age of selfishness was dawning upon mankind. And yet this is not altogether true. The labor castes were honeycombed by our agents—men whose eyes saw, beyond the belly-need, the radiant figure of liberty and brotherhood.

Another great institution that had taken form and was working smoothly was the ves. This body of soldiers had been evolved out of the old regular army and was now a million strong, to say nothing of the colonial forces. The Mercenaries constituted a race apart. They dwelt in cities of their own which were practically self-governed, and they were granted many privileges. By them a large portion of the perplexing surplus was consumed. They were losing all touch and sympathy with the rest of the people, and, in fact, were developing their own class morality and

consciousness. And yet we had thousands of our agents among them.<sup>111</sup>

The oligarchs themselves were going through a remarkable and, it must be confessed, unexpected development. As a class, they disciplined themselves. Every member had his work to do in the world, and this work he was compelled to do. There were no more idle-rich young men. Their strength was used to give united strength to the Oligarchy. They served as leaders of troops and as lieutenants and captains of industry. They found careers in applied science, and many of them became great engineers. They went into the multitudinous divisions of the government, took service in the colonial possessions, and by tens of thousands went into the various secret services. They were, I may say, apprenticed to education, to art, to the church, to science, to literature; and in those fields they served the important function of moulding the thought-processes of the nation in the direction of the perpetuity of the Oligarchy.

---

111 The Mercenaries, in the last days of the Iron Heel, played an important rôle. They constituted the balance of power in the struggles between the labor castes and the oligarchs, and now to one side and now to the other, threw their strength according to the play of intrigue and conspiracy.

They were taught, and later they in turn taught, that what they were doing was right. They assimilated the aristocratic idea from the moment they began, as children, to receive impressions of the world. The aristocratic idea was woven into the making of them until it became bone of them and flesh of them. They looked upon themselves as wild-animal trainers, rulers of beasts. From beneath their feet rose always the subterranean rumbles of revolt. Violent death ever stalked in their midst; bomb and knife and bullet were looked upon as so many fangs of the roaring abysmal beast they must dominate if humanity were to persist. They were the saviours of humanity, and they regarded themselves as heroic and sacrificing laborers for the highest good.

They, as a class, believed that they alone maintained civilization. It was their belief that if ever they weakened, the great beast would engulf them and everything of beauty and wonder and joy and good in its cavernous and slime-dripping maw. Without them, anarchy would reign and humanity would drop backward into the primitive night out of which it had so painfully emerged. The horrid picture of anarchy was held always before their child's eyes until they, in turn, obsessed by this cultivated fear, held the picture of anarchy before the eyes of the children that followed them. This was the beast to be stamped upon, and the highest duty of the aristocrat was



to stamp upon it. In short, they alone, by their unremitting toil and sacrifice, stood between weak humanity and the all-devouring beast; and they believed it, firmly believed it.

I cannot lay too great stress upon this high ethical righteousness of the whole oligarch class. This has been the strength of the Iron Heel, and too many of the comrades have been slow or loath to realize it. Many of them have ascribed the strength of the Iron Heel to its system of reward and punishment. This is a mistake. Heaven and hell may be the prime factors of zeal in the religion of a fanatic; but for the great majority of the religious, heaven and hell are incidental to right and wrong. Love of the right, desire for the right, unhappiness with anything less than the right—in short, right conduct, is the prime factor of religion. And so with the Oligarchy. Prisons, banishment and degradation, honors and palaces and wonder-cities, are all incidental. The great driving force of the oligarchs is the belief that they are doing right. Never mind the exceptions, and never mind the oppression and injustice in which the Iron Heel was conceived. All is granted. The point is that the strength of the Oligarchy today lies in its satisfied conception of its own righteousness.<sup>112</sup>

---

112 Out of the ethical incoherency and inconsistency of capitalism, the oligarchs emerged with a new ethics, coherent and definite, sharp and severe as steel, the most absurd and unscientific and

For that matter, the strength of the Revolution, during these frightful twenty years, has resided in nothing else than the sense of righteousness. In no other way can be explained our sacrifices and martyrdoms. For no other reason did Rudolph Mendenhall flame out his soul for the Cause and sing his wild swan-song that last night of life. For no other reason did Hurlbert die under torture, refusing to the last to betray his comrades. For no other reason has Anna Royston refused blessed motherhood. For no other reason has John Carlson been the faithful and unrewarded custodian of the Glen Ellen Refuge. It does not matter, young or old, man or woman, high or low, genius or clod, go where one will among the comrades of the Revolution, the motor-force will be found to be a great and abiding desire for the right.

But I have run away from my narrative. Ernest and I well understood, before we left the refuge, how the strength of the Iron Heel was developing. The labor castes, the Mercenaries, and the great hordes of secret agents and

---

at the same time the most potent ever possessed by any tyrant class. The oligarchs believed their ethics, in spite of the fact that biology and evolution gave them the lie; and, because of their faith, for three centuries they were able to hold back the mighty tide of human progress—a spectacle, profound, tremendous, puzzling to the metaphysical moralist, and one that to the materialist is the cause of many doubts and reconsiderations.

police of various sorts were all pledged to the Oligarchy. In the main, and ignoring the loss of liberty, they were better off than they had been. On the other hand, the great helpless mass of the population, the people of the abyss, was sinking into a brutish apathy of content with misery. Whenever strong proletarians asserted their strength in the midst of the mass, they were drawn away from the mass by the oligarchs and given better conditions by being made members of the labor castes or of the Mercenaries. Thus discontent was lulled and the proletariat robbed of its natural leaders.

The condition of the people of the abyss was pitiable. Common school education, so far as they were concerned, had ceased. They lived like beasts in great squalid labor-ghettos, festering in misery and degradation. All their old liberties were gone. They were labor-slaves. Choice of work was denied them. Likewise was denied them the right to move from place to place, or the right to bear or possess arms. They were not land serfs like the farmers. They were machine-serfs and labor-serfs. When unusual needs arose for them, such as the building of the great highways and air-lines, of canals, tunnels, subways, and fortifications, levies were made on the labor-ghettos, and tens of thousands of serfs, willy-nilly, were transported to the scene of operations. Great armies of them are toiling now at the building of Ardis, housed in

wretched barracks where family life cannot exist, and where decency is displaced by dull bestiality. In all truth, there in the labor-ghettos is the roaring abysmal beast the oligarchs fear so dreadfully—but it is the beast of their own making. In it they will not let the ape and tiger die.

And just now the word has gone forth that new levies are being imposed for the building of Asgard, the projected wonder-city that will far exceed Ardis when the latter is completed.<sup>113</sup> We of the Revolution will go on with that great work, but it will not be done by the miserable serfs. The walls and towers and shafts of that fair city will arise to the sound of singing, and into its beauty and wonder will be woven, not sighs and groans, but music and laughter.

Ernest was madly impatient to be out in the world and doing, for our ill-fated First Revolt, that had miscarried in the Chicago Commune, was ripening fast. Yet he possessed his soul with patience, and during this time of his torment, when Hadly, who had been brought for the purpose from

---

113 Ardis was completed in 1942 A.D., Asgard was not completed until 1984 A.D. It was fifty-two years in the building, during which time a permanent army of half a million serfs was employed. At times these numbers swelled to over a million—without any account being taken of the hundreds of thousands of the labor castes and the artists.

Illinois, made him over into another man<sup>114</sup> he revolved great plans in his head for the organization of the learned proletariat, and for the maintenance of at least the rudiments of education amongst the people of the abyss—all this of course in the event of the First Revolt being a failure.

It was not until January, 1917, that we left the refuge. All had been arranged. We took our place at once as agents-provocateurs in the scheme of the Iron Heel. I was supposed to be Ernest's sister. By oligarchs and comrades on the inside who were high in authority, place had been made for us, we were in possession of all necessary documents,

---

114 Among the Revolutionists were many surgeons, and in vivisection they attained marvellous proficiency. In Avis Everhard's words, they could literally make a man over. To them the elimination of scars and disfigurements was a trivial detail. They changed the features with such microscopic care that no traces were left of their handiwork. The nose was a favorite organ to work upon. Skin-grafting and hair-transplanting were among their commonest devices. The changes in expression they accomplished were wizard-like. Eyes and eyebrows, lips, mouths, and ears, were radically altered. By cunning operations on tongue, throat, larynx, and nasal cavities a man's whole enunciation and manner of speech could be changed. Desperate times give need for desperate remedies, and the surgeons of the Revolution rose to the need. Among other things, they could increase an adult's stature by as much as four or five inches and decrease it by one or two inches. What they did is to-day a lost art. We have no need for it.

and our pasts were accounted for. With help on the inside, this was not difficult, for in that shadow-world of secret service identity was nebulous. Like ghosts the agents came and went, obeying commands, fulfilling duties, following clues, making their reports often to officers they never saw or cooperating with other agents they had never seen before and would never see again.

## CHAPTER XXII. THE CHICAGO COMMUNE

**A**s agents-provocateurs, not alone were we able to travel a great deal, but our very work threw us in contact with the proletariat and with our comrades, the revolutionists. Thus we were in both camps at the same time, ostensibly serving the Iron Heel and secretly working with all our might for the Cause. There were many of us in the various secret services of the Oligarchy, and despite the shakings-up and reorganizations the secret services have undergone, they have never been able to weed all of us out.

Ernest had largely planned the First Revolt, and the date set had been somewhere early in the spring of 1918. In the fall of 1917 we were not ready; much remained to be done, and when the Revolt was precipitated, of course it was doomed to failure. The plot of necessity was frightfully intricate, and anything premature was sure to destroy it. This the Iron Heel foresaw and laid its schemes accordingly.

We had planned to strike our first blow at the nervous system of the Oligarchy. The latter had remembered the general strike, and had guarded against the defection of the telegraphers by installing wireless stations, in the control of the Mercenaries. We, in turn, had countered this move. When the signal was given, from every refuge, all over the land, and from the cities, and towns, and barracks, devoted comrades were to go forth and blow up the wireless stations. Thus at the first shock would the Iron Heel be brought to earth and lie practically dismembered.

At the same moment, other comrades were to blow up the bridges and tunnels and disrupt the whole network of railroads. Still further, other groups of comrades, at the signal, were to seize the officers of the Mercenaries and the police, as well as all Oligarchs of unusual ability or who held executive positions. Thus would the leaders of the enemy be removed from the field of the local battles that would inevitably be fought all over the land.

Many things were to occur simultaneously when the signal went forth. The Canadian and Mexican patriots, who were far stronger than the Iron Heel dreamed, were to duplicate our tactics. Then there were comrades (these were the women, for the men would be busy elsewhere) who were to post the proclamations from our secret presses.



Those of us in the higher employ of the Iron Heel were to proceed immediately to make confusion and anarchy in all our departments. Inside the Mercenaries were thousands of our comrades. Their work was to blow up the magazines and to destroy the delicate mechanism of all the war machinery. In the cities of the Mercenaries and of the labor castes similar programmes of disruption were to be carried out.

In short, a sudden, colossal, stunning blow was to be struck. Before the paralyzed Oligarchy could recover itself, its end would have come. It would have meant terrible times and great loss of life, but no revolutionist hesitates at such things. Why, we even depended much, in our plan, on the unorganized people of the abyss. They were to be loosed on the palaces and cities of the masters. Never mind the destruction of life and property. Let the abysmal brute roar and the police and Mercenaries slay. The abysmal brute would roar anyway, and the police and Mercenaries would slay anyway. It would merely mean that various dangers to us were harmlessly destroying one another. In the meantime we would be doing our own work, largely unhampered, and gaining control of all the machinery of society.

Such was our plan, every detail of which had to be worked out in secret, and, as the day drew near, communicated to more and more comrades. This was the danger

point, the stretching of the conspiracy. But that danger-point was never reached. Through its spy-system the Iron Heel got wind of the Revolt and prepared to teach us another of its bloody lessons. Chicago was the devoted city selected for the instruction, and well were we instructed.

Chicago<sup>115</sup> was the ripest of all—Chicago which of old time was the city of blood and which was to earn anew its name. There the revolutionary spirit was strong. Too many bitter strikes had been curbed there in the days of capitalism for the workers to forget and forgive. Even the labor castes of the city were alive with revolt. Too many heads had been broken in the early strikes. Despite their changed and favorable conditions, their hatred for the master class had not died. This spirit had infected the Mercenaries, of which three regiments in particular were ready to come over to us *en masse*.

---

115 Chicago was the industrial inferno of the nineteenth century A.D. A curious anecdote has come down to us of John Burns, a great English labor leader and one time member of the British Cabinet. In Chicago, while on a visit to the United States, he was asked by a newspaper reporter for his opinion of that city. "Chicago," he answered, "is a pocket edition of hell." Some time later, as he was going aboard his steamer to sail to England, he was approached by another reporter, who wanted to know if he had changed his opinion of Chicago. "Yes, I have," was his reply. "My present opinion is that hell is a pocket edition of Chicago."

Chicago had always been the storm-centre of the conflict between labor and capital, a city of street-battles and violent death, with a class-conscious capitalist organization and a class-conscious workman organization, where, in the old days, the very school-teachers were formed into labor unions and affiliated with the hod-carriers and brick-layers in the American Federation of Labor. And Chicago became the storm-centre of the premature First Revolt.

The trouble was precipitated by the Iron Heel. It was cleverly done. The whole population, including the favored labor castes, was given a course of outrageous treatment. Promises and agreements were broken, and most drastic punishments visited upon even petty offenders. The people of the abyss were tormented out of their apathy. In fact, the Iron Heel was preparing to make the abysmal beast roar. And hand in hand with this, in all precautionary measures in Chicago, the Iron Heel was inconceivably careless. Discipline was relaxed among the Mercenaries that remained, while many regiments had been withdrawn and sent to various parts of the country.

It did not take long to carry out this programme—only several weeks. We of the Revolution caught vague rumors of the state of affairs, but had nothing definite enough for an understanding. In fact, we thought it was a spontaneous

spirit of revolt that would require careful curbing on our part, and never dreamed that it was deliberately manufactured—and it had been manufactured so secretly, from the very innermost circle of the Iron Heel, that we had got no inkling. The counter-plot was an able achievement, and ably carried out.

I was in New York when I received the order to proceed immediately to Chicago. The man who gave me the order was one of the oligarchs, I could tell that by his speech, though I did not know his name nor see his face. His instructions were too clear for me to make a mistake. Plainly I read between the lines that our plot had been discovered, that we had been countermined. The explosion was ready for the flash of powder, and countless agents of the Iron Heel, including me, either on the ground or being sent there, were to supply that flash. I flatter myself that I maintained my composure under the keen eye of the oligarch, but my heart was beating madly. I could almost have shrieked and flown at his throat with my naked hands before his final, cold-blooded instructions were given.

Once out of his presence, I calculated the time. I had just the moments to spare, if I were lucky, to get in touch with some local leader before catching my train. Guarding against being trailed, I made a rush of it for the Emergency

Hospital. Luck was with me, and I gained access at once to comrade Galvin, the surgeon-in-chief. I started to gasp out my information, but he stopped me.

“I already know,” he said quietly, though his Irish eyes were flashing. “I knew what you had come for. I got the word fifteen minutes ago, and I have already passed it along. Everything shall be done here to keep the comrades quiet. Chicago is to be sacrificed, but it shall be Chicago alone.”

“Have you tried to get word to Chicago?” I asked.

He shook his head. “No telegraphic communication. Chicago is shut off. It’s going to be hell there.”

He paused a moment, and I saw his white hands clinch. Then he burst out:

“By God! I wish I were going to be there!”

“There is yet a chance to stop it,” I said, “if nothing happens to the train and I can get there in time. Or if some of the other secret-service comrades who have learned the truth can get there in time.”

“You on the inside were caught napping this time,” he said.

I nodded my head humbly.

“It was very secret,” I answered. “Only the inner chiefs could have known up to to-day. We haven’t yet penetrated

that far, so we couldn't escape being kept in the dark. If only Ernest were here. Maybe he is in Chicago now, and all is well."

Dr. Galvin shook his head. "The last news I heard of him was that he had been sent to Boston or New Haven. This secret service for the enemy must hamper him a lot, but it's better than lying in a refuge."

I started to go, and Galvin wrung my hand.

"Keep a stout heart," were his parting words. "What if the First Revolt is lost? There will be a second, and we will be wiser then. Good-by and good luck. I don't know whether I'll ever see you again. It's going to be hell there, but I'd give ten years of my life for your chance to be in it."

The Twentieth Century<sup>116</sup> left New York at six in the evening, and was supposed to arrive at Chicago at seven next morning. But it lost time that night. We were running behind another train. Among the travellers in my Pullman was comrade Hartman, like myself in the secret service of the Iron Heel. He it was who told me of the train that immediately preceded us. It was an exact duplicate of our train, though it contained no passengers. The idea was that the empty train should receive the disaster were an attempt made to blow

---

116 This was reputed to be the fastest train in the world then. It was quite a famous train.

up the Twentieth Century. For that matter there were very few people on the train—only a baker's dozen in our car.

“There must be some big men on board,” Hartman concluded. “I noticed a private car on the rear.”

Night had fallen when we made our first change of engine, and I walked down the platform for a breath of fresh air and to see what I could see. Through the windows of the private car I caught a glimpse of three men whom I recognized. Hartman was right. One of the men was General Altendorff; and the other two were Mason and Vanderbold, the brains of the inner circle of the Oligarchy's secret service.

It was a quiet moonlight night, but I tossed restlessly and could not sleep. At five in the morning I dressed and abandoned my bed.

I asked the maid in the dressing-room how late the train was, and she told me two hours. She was a mulatto woman, and I noticed that her face was haggard, with great circles under the eyes, while the eyes themselves were wide with some haunting fear.

“What is the matter?” I asked.

“Nothing, miss; I didn't sleep well, I guess,” was her reply.

I looked at her closely, and tried her with one of our signals. She responded, and I made sure of her.

“Something terrible is going to happen in Chicago,” she said. “There’s that fake<sup>117</sup> train in front of us. That and the troop-trains have made us late.”

“Troop-trains?” I queried.

She nodded her head. “The line is thick with them. We’ve been passing them all night. And they’re all heading for Chicago. And bringing them over the air-line—that means business.

“I’ve a lover in Chicago,” she added apologetically. “He’s one of us, and he’s in the Mercenaries, and I’m afraid for him.”

Poor girl. Her lover was in one of the three disloyal regiments.

Hartman and I had breakfast together in the dining car, and I forced myself to eat. The sky had clouded, and the train rushed on like a sullen thunderbolt through the gray pall of advancing day. The very negroes that waited on us knew that something terrible was impending. Oppression sat heavily upon them; the lightness of their natures had ebbed out of them; they were slack and absent-minded in their service, and they whispered gloomily to one another in the far end of the car next to the kitchen. Hartman was hopeless over the situation.

---

117 False.



“What can we do?” he demanded for the twentieth time, with a helpless shrug of the shoulders.

He pointed out of the window. “See, all is ready. You can depend upon it that they’re holding them like this, thirty or forty miles outside the city, on every road.”

He had reference to troop-trains on the side-track. The soldiers were cooking their breakfasts over fires built on the ground beside the track, and they looked up curiously at us as we thundered past without slackening our terrific speed.

All was quiet as we entered Chicago. It was evident nothing had happened yet. In the suburbs the morning papers came on board the train. There was nothing in them, and yet there was much in them for those skilled in reading between the lines that it was intended the ordinary reader should read into the text. The fine hand of the Iron Heel was apparent in every column. Glimmerings of weakness in the armor of the Oligarchy were given. Of course, there was nothing definite. It was intended that the reader should feel his way to these glimmerings. It was cleverly done. As fiction, those morning papers of October 27th were masterpieces.

The local news was missing. This in itself was a masterstroke. It shrouded Chicago in mystery, and it suggested to the average Chicago reader that the Oligarchy did not

dare give the local news. Hints that were untrue, of course, were given of insubordination all over the land, crudely disguised with complacent references to punitive measures to be taken. There were reports of numerous wireless stations that had been blown up, with heavy rewards offered for the detection of the perpetrators. Of course no wireless stations had been blown up. Many similar outrages, that dovetailed with the plot of the revolutionists, were given. The impression to be made on the minds of the Chicago comrades was that the general Revolt was beginning, albeit with a confusing miscarriage in many details. It was impossible for one uninformed to escape the vague yet certain feeling that all the land was ripe for the revolt that had already begun to break out.

It was reported that the defection of the Mercenaries in California had become so serious that half a dozen regiments had been disbanded and broken, and that their members with their families had been driven from their own city and on into the labor-ghettos. And the California Mercenaries were in reality the most faithful of all to their salt! But how was Chicago, shut off from the rest of the world, to know? Then there was a ragged telegram describing an outbreak of the populace in New York City, in which the labor castes were joining, concluding with the statement

(intended to be accepted as a bluff<sup>118</sup>) that the troops had the situation in hand.

And as the oligarchs had done with the morning papers, so had they done in a thousand other ways. These we learned afterward, as, for example, the secret messages of the oligarchs, sent with the express purpose of leaking to the ears of the revolutionists, that had come over the wires, now and again, during the first part of the night.

“I guess the Iron Heel won’t need our services,” Hartman remarked, putting down the paper he had been reading, when the train pulled into the central depot. “They wasted their time sending us here. Their plans have evidently prospered better than they expected. Hell will break loose any second now.”

He turned and looked down the train as we alighted.

“I thought so,” he muttered. “They dropped that private car when the papers came aboard.”

Hartman was hopelessly depressed. I tried to cheer him up, but he ignored my effort and suddenly began talking very hurriedly, in a low voice, as we passed through the station. At first I could not understand.

“I have not been sure,” he was saying, “and I have told no one. I have been working on it for weeks, and I cannot

---

118 A lie.

make sure. Watch out for Knowlton. I suspect him. He knows the secrets of a score of our refuges. He carries the lives of hundreds of us in his hands, and I think he is a traitor. It's more a feeling on my part than anything else. But I thought I marked a change in him a short while back. There is the danger that he has sold us out, or is going to sell us out. I am almost sure of it. I wouldn't whisper my suspicions to a soul, but, somehow, I don't think I'll leave Chicago alive. Keep your eye on Knowlton. Trap him. Find out. I don't know anything more. It is only an intuition, and so far I have failed to find the slightest clew." We were just stepping out upon the sidewalk. "Remember," Hartman concluded earnestly. "Keep your eyes upon Knowlton."

And Hartman was right. Before a month went by Knowlton paid for his treason with his life. He was formally executed by the comrades in Milwaukee.

All was quiet on the streets—too quiet. Chicago lay dead. There was no roar and rumble of traffic. There were not even cabs on the streets. The surface cars and the elevated were not running. Only occasionally, on the sidewalks, were there stray pedestrians, and these pedestrians did not loiter. They went their ways with great haste and definiteness, withal there was a curious indecision in their movements, as though they expected the buildings to topple over on

them or the sidewalks to sink under their feet or fly up in the air. A few gamins, however, were around, in their eyes a suppressed eagerness in anticipation of wonderful and exciting things to happen.

From somewhere, far to the south, the dull sound of an explosion came to our ears. That was all. Then quiet again, though the gamins had startled and listened, like young deer, at the sound. The doorways to all the buildings were closed; the shutters to the shops were up. But there were many police and watchmen in evidence, and now and again automobile patrols of the Mercenaries slipped swiftly past.

Hartman and I agreed that it was useless to report ourselves to the local chiefs of the secret service. Our failure so to report would be excused, we knew, in the light of subsequent events. So we headed for the great labor-ghetto on the South Side in the hope of getting in contact with some of the comrades. Too late! We knew it. But we could not stand still and do nothing in those ghastly, silent streets. Where was Ernest? I was wondering. What was happening in the cities of the labor castes and Mercenaries? In the fortresses?

As if in answer, a great screaming roar went up, dim with distance, punctuated with detonation after detonation.

“It’s the fortresses,” Hartman said. “God pity those three regiments!”

At a crossing we noticed, in the direction of the stock-yards, a gigantic pillar of smoke. At the next crossing several similar smoke pillars were rising skyward in the direction of the West Side. Over the city of the Mercenaries we saw a great captive war-balloon that burst even as we looked at it, and fell in flaming wreckage toward the earth. There was no clew to that tragedy of the air. We could not determine whether the balloon had been manned by comrades or enemies. A vague sound came to our ears, like the bubbling of a gigantic caldron a long way off, and Hartman said it was machine-guns and automatic rifles.

And still we walked in immediate quietude. Nothing was happening where we were. The police and the automobile patrols went by, and once half a dozen fire-engines, returning evidently from some conflagration. A question was called to the fireman by an officer in an automobile, and we heard one shout in reply: "No water! They've blown up the mains!"

"We've smashed the water supply," Hartman cried excitedly to me. "If we can do all this in a premature, isolated, abortive attempt, what can't we do in a concerted, ripened effort all over the land?"

The automobile containing the officer who had asked the question darted on. Suddenly there was a deafening roar.

The machine, with its human freight, lifted in an upburst of smoke, and sank down a mass of wreckage and death.

Hartman was jubilant. "Well done! well done!" he was repeating, over and over, in a whisper. "The proletariat gets its lesson to-day, but it gives one, too."

Police were running for the spot. Also, another patrol machine had halted. As for myself, I was in a daze. The suddenness of it was stunning. How had it happened? I knew not how, and yet I had been looking directly at it. So dazed was I for the moment that I was scarcely aware of the fact that we were being held up by the police. I abruptly saw that a policeman was in the act of shooting Hartman. But Hartman was cool and was giving the proper passwords. I saw the levelled revolver hesitate, then sink down, and heard the disgusted grunt of the policeman. He was very angry, and was cursing the whole secret service. It was always in the way, he was averring, while Hartman was talking back to him and with fitting secret-service pride explaining to him the clumsiness of the police.

The next moment I knew how it had happened. There was quite a group about the wreck, and two men were just lifting up the wounded officer to carry him to the other machine. A panic seized all of them, and they scattered in every direction, running in blind terror, the wounded officer,

roughly dropped, being left behind. The cursing policeman alongside of me also ran, and Hartman and I ran, too, we knew not why, obsessed with the same blind terror to get away from that particular spot.

Nothing really happened then, but everything was explained. The flying men were sheepishly coming back, but all the while their eyes were raised apprehensively to the many-windowed, lofty buildings that towered like the sheer walls of a canyon on each side of the street. From one of those countless windows the bomb had been thrown, but which window? There had been no second bomb, only a fear of one.

Thereafter we looked with speculative comprehension at the windows. Any of them contained possible death. Each building was a possible ambushade. This was warfare in that modern jungle, a great city. Every street was a canyon, every building a mountain. We had not changed much from primitive man, despite the war automobiles that were sliding by.

Turning a corner, we came upon a woman. She was lying on the pavement, in a pool of blood. Hartman bent over and examined her. As for myself, I turned deathly sick. I was to see many dead that day, but the total carnage was not to affect me as did this first forlorn body lying there at my feet abandoned on the pavement. "Shot in the breast,"



was Hartman's report. Clasped in the hollow of her arm, as a child might be clasped, was a bundle of printed matter. Even in death she seemed loath to part with that which had caused her death; for when Hartman had succeeded in withdrawing the bundle, we found that it consisted of large printed sheets, the proclamations of the revolutionists.

"A comrade," I said.

But Hartman only cursed the Iron Heel, and we passed on. Often we were halted by the police and patrols, but our passwords enabled us to proceed. No more bombs fell from the windows, the last pedestrians seemed to have vanished from the streets, and our immediate quietude grew more profound; though the gigantic caldron continued to bubble in the distance, dull roars of explosions came to us from all directions, and the smoke-pillars were towering more ominously in the heavens.



## CHAPTER XXIII. THE PEOPLE OF THE ABYSS

**S**uddenly a change came over the face of things. A tingle of excitement ran along the air. Automobiles fled past, two, three, a dozen, and from them warnings were shouted to us. One of the machines swerved wildly at high speed half a block down, and the next moment, already left well behind it, the pavement was torn into a great hole by a bursting bomb. We saw the police disappearing down the cross-streets on the run, and knew that something terrible was coming. We could hear the rising roar of it.

“Our brave comrades are coming,” Hartman said.

We could see the front of their column filling the street from gutter to gutter, as the last war-automobile fled past. The machine stopped for a moment just abreast of us. A soldier leaped from it, carrying something carefully in his hands. This, with the same care, he deposited in the gutter. Then he leaped back to his seat and the

machine dashed on, took the turn at the corner, and was gone from sight. Hartman ran to the gutter and stooped over the object.

“Keep back,” he warned me.

I could see he was working rapidly with his hands. When he returned to me the sweat was heavy on his forehead.

“I disconnected it,” he said, “and just in the nick of time. The soldier was clumsy. He intended it for our comrades, but he didn’t give it enough time. It would have exploded prematurely. Now it won’t explode at all.”

Everything was happening rapidly now. Across the street and half a block down, high up in a building, I could see heads peering out. I had just pointed them out to Hartman, when a sheet of flame and smoke ran along that portion of the face of the building where the heads had appeared, and the air was shaken by the explosion. In places the stone facing of the building was torn away, exposing the iron construction beneath. The next moment similar sheets of flame and smoke smote the front of the building across the street opposite it. Between the explosions we could hear the rattle of the automatic pistols and rifles. For several minutes this mid-air battle continued, then died out. It was patent that our comrades were in one building, that Mercenaries were in the other, and that they were fighting across the street.

But we could not tell which was which—which building contained our comrades and which the Mercenaries.

By this time the column on the street was almost on us. As the front of it passed under the warring buildings, both went into action again—one building dropping bombs into the street, being attacked from across the street, and in return replying to that attack. Thus we learned which building was held by our comrades, and they did good work, saving those in the street from the bombs of the enemy.

Hartman gripped my arm and dragged me into a wide entrance.

“They’re not our comrades,” he shouted in my ear.

The inner doors to the entrance were locked and bolted. We could not escape. The next moment the front of the column went by. It was not a column, but a mob, an awful river that filled the street, the people of the abyss, mad with drink and wrong, up at last and roaring for the blood of their masters. I had seen the people of the abyss before, gone through its ghettos, and thought I knew it; but I found that I was now looking on it for the first time. Dumb apathy had vanished. It was now dynamic—a fascinating spectacle of dread. It surged past my vision in concrete waves of wrath, snarling and growling, carnivorous, drunk with whiskey from pillaged warehouses, drunk

with hatred, drunk with lust for blood—men, women, and children, in rags and tatters, dim ferocious intelligences with all the godlike blotted from their features and all the fiendlike stamped in, apes and tigers, anaemic consumptives and great hairy beasts of burden, wan faces from which vampire society had sucked the juice of life, bloated forms swollen with physical grossness and corruption, withered hags and death's-heads bearded like patriarchs, festering youth and festering age, faces of fiends, crooked, twisted, misshapen monsters blasted with the ravages of disease and all the horrors of chronic innutrition—the refuse and the scum of life, a raging, screaming, screeching, demoniacal horde.

And why not? The people of the abyss had nothing to lose but the misery and pain of living. And to gain?—nothing, save one final, awful glut of vengeance. And as I looked the thought came to me that in that rushing stream of human lava were men, comrades and heroes, whose mission had been to rouse the abysmal beast and to keep the enemy occupied in coping with it.

And now a strange thing happened to me. A transformation came over me. The fear of death, for myself and for others, left me. I was strangely exalted, another being in another life. Nothing mattered. The Cause for this one

time was lost, but the Cause would be here to-morrow, the same Cause, ever fresh and ever burning. And thereafter, in the orgy of horror that raged through the succeeding hours, I was able to take a calm interest. Death meant nothing, life meant nothing. I was an interested spectator of events, and, sometimes swept on by the rush, was myself a curious participant. For my mind had leaped to a star-cool altitude and grasped a passionless transvaluation of values. Had it not done this, I know that I should have died.

Half a mile of the mob had swept by when we were discovered. A woman in fantastic rags, with cheeks cavernously hollow and with narrow black eyes like burning gimlets, caught a glimpse of Hartman and me. She let out a shrill shriek and bore in upon us. A section of the mob tore itself loose and surged in after her. I can see her now, as I write these lines, a leap in advance, her gray hair flying in thin tangled strings, the blood dripping down her forehead from some wound in the scalp, in her right hand a hatchet, her left hand, lean and wrinkled, a yellow talon, gripping the air convulsively. Hartman sprang in front of me. This was no time for explanations. We were well dressed, and that was enough. His fist shot out, striking the woman between her burning eyes. The impact of the blow drove her backward, but she struck the wall of her on-coming fellows and

bounced forward again, dazed and helpless, the brandished hatchet falling feebly on Hartman's shoulder.

The next moment I knew not what was happening. I was overborne by the crowd. The confined space was filled with shrieks and yells and curses. Blows were falling on me. Hands were ripping and tearing at my flesh and garments. I felt that I was being torn to pieces. I was being borne down, suffocated. Some strong hand gripped my shoulder in the thick of the press and was dragging fiercely at me. Between pain and pressure I fainted. Hartman never came out of that entrance. He had shielded me and received the first brunt of the attack. This had saved me, for the jam had quickly become too dense for anything more than the mad gripping and tearing of hands.

I came to in the midst of wild movement. All about me was the same movement. I had been caught up in a monstrous flood that was sweeping me I knew not whither. Fresh air was on my cheek and biting sweetly in my lungs. Faint and dizzy, I was vaguely aware of a strong arm around my body under the arms, and half-lifting me and dragging me along. Feebly my own limbs were helping me. In front of me I could see the moving back of a man's coat. It had been slit from top to bottom along the centre seam, and it pulsed rhythmically, the slit opening and closing regularly with every leap of the wearer. This phenomenon fascinated



me for a time, while my senses were coming back to me. Next I became aware of stinging cheeks and nose, and could feel blood dripping on my face. My hat was gone. My hair was down and flying, and from the stinging of the scalp I managed to recollect a hand in the press of the entrance that had torn at my hair. My chest and arms were bruised and aching in a score of places.

My brain grew clearer, and I turned as I ran and looked at the man who was holding me up. He it was who had dragged me out and saved me. He noticed my movement.

“It’s all right!” he shouted hoarsely. “I knew you on the instant.”

I failed to recognize him, but before I could speak I trod upon something that was alive and that squirmed under my foot. I was swept on by those behind and could not look down and see, and yet I knew that it was a woman who had fallen and who was being trampled into the pavement by thousands of successive feet.

“It’s all right,” he repeated. “I’m Garthwaite.”

He was bearded and gaunt and dirty, but I succeeded in remembering him as the stalwart youth that had spent several months in our Glen Ellen refuge three years before. He passed me the signals of the Iron Heel’s secret service, in token that he, too, was in its employ.

“I’ll get you out of this as soon as I can get a chance,” he assured me. “But watch your footing. On your life don’t stumble and go down.”

All things happened abruptly on that day, and with an abruptness that was sickening the mob checked itself. I came in violent collision with a large woman in front of me (the man with the split coat had vanished), while those behind collided against me. A devilish pandemonium reigned,—shrieks, curses, and cries of death, while above all rose the churning rattle of machine-guns and the put-a-put, put-a-put of rifles. At first I could make out nothing. People were falling about me right and left. The woman in front doubled up and went down, her hands on her abdomen in a frenzied clutch. A man was quivering against my legs in a death-struggle.

It came to me that we were at the head of the column. Half a mile of it had disappeared—where or how I never learned. To this day I do not know what became of that half-mile of humanity—whether it was blotted out by some frightful bolt of war, whether it was scattered and destroyed piecemeal, or whether it escaped. But there we were, at the head of the column instead of in its middle, and we were being swept out of life by a torrent of shrieking lead.

As soon as death had thinned the jam, Garthwaite, still grasping my arm, led a rush of survivors into the wide

entrance of an office building. Here, at the rear, against the doors, we were pressed by a panting, gasping mass of creatures. For some time we remained in this position without a change in the situation.

“I did it beautifully,” Garthwaite was lamenting to me. “Ran you right into a trap. We had a gambler’s chance in the street, but in here there is no chance at all. It’s all over but the shouting. Vive la Revolution!”

Then, what he expected, began. The Mercenaries were killing without quarter. At first, the surge back upon us was crushing, but as the killing continued the pressure was eased. The dead and dying went down and made room. Garthwaite put his mouth to my ear and shouted, but in the frightful din I could not catch what he said. He did not wait. He seized me and threw me down. Next he dragged a dying woman over on top of me, and, with much squeezing and shoving, crawled in beside me and partly over me. A mound of dead and dying began to pile up over us, and over this mound, pawing and moaning, crept those that still survived. But these, too, soon ceased, and a semi-silence settled down, broken by groans and sobs and sounds of strangulation.

I should have been crushed had it not been for Garthwaite. As it was, it seemed inconceivable that I could bear the weight I did and live. And yet, outside of pain, the

only feeling I possessed was one of curiosity. How was it going to end? What would death be like? Thus did I receive my red baptism in that Chicago shambles. Prior to that, death to me had been a theory; but ever afterward death has been a simple fact that does not matter, it is so easy.

But the Mercenaries were not content with what they had done. They invaded the entrance, killing the wounded and searching out the unhurt that, like ourselves, were playing dead. I remember one man they dragged out of a heap, who pleaded abjectly until a revolver shot cut him short. Then there was a woman who charged from a heap, snarling and shooting. She fired six shots before they got her, though what damage she did we could not know. We could follow these tragedies only by the sound. Every little while flurries like this occurred, each flurry culminating in the revolver shot that put an end to it. In the intervals we could hear the soldiers talking and swearing as they rummaged among the carcasses, urged on by their officers to hurry up.

At last they went to work on our heap, and we could feel the pressure diminish as they dragged away the dead and wounded. Garthwaite began uttering aloud the signals. At first he was not heard. Then he raised his voice.

“Listen to that,” we heard a soldier say. And next the sharp voice of an officer. “Hold on there! Careful as you go!”

Oh, that first breath of air as we were dragged out! Garthwaite did the talking at first, but I was compelled to undergo a brief examination to prove service with the Iron Heel.

“Agents-provocateurs all right,” was the officer’s conclusion. He was a beardless young fellow, a cadet, evidently, of some great oligarch family.

“It’s a hell of a job,” Garthwaite grumbled. “I’m going to try and resign and get into the army. You fellows have a snap.”

“You’ve earned it,” was the young officer’s answer. “I’ve got some pull, and I’ll see if it can be managed. I can tell them how I found you.”

He took Garthwaite’s name and number, then turned to me.

“And you?”

“Oh, I’m going to be married,” I answered lightly, “and then I’ll be out of it all.”

And so we talked, while the killing of the wounded went on. It is all a dream, now, as I look back on it; but at the time it was the most natural thing in the world. Garthwaite and the young officer fell into an animated conversation over the difference between so-called modern warfare and the present street-fighting and sky-scraper fighting that was taking place all over the city. I followed them intently,

fixing up my hair at the same time and pinning together my torn skirts. And all the time the killing of the wounded went on. Sometimes the revolver shots drowned the voices of Garthwaite and the officer, and they were compelled to repeat what they had been saying.

I lived through three days of the Chicago Commune, and the vastness of it and of the slaughter may be imagined when I say that in all that time I saw practically nothing outside the killing of the people of the abyss and the mid-air fighting between sky-scrapers. I really saw nothing of the heroic work done by the comrades. I could hear the explosions of their mines and bombs, and see the smoke of their conflagrations, and that was all. The mid-air part of one great deed I saw, however, and that was the balloon attacks made by our comrades on the fortresses. That was on the second day. The three disloyal regiments had been destroyed in the fortresses to the last man. The fortresses were crowded with Mercenaries, the wind blew in the right direction, and up went our balloons from one of the office buildings in the city.

Now Biedenbach, after he left Glen Ellen, had invented a most powerful explosive—"expedite" he called it. This was the weapon the balloons used. They were only hot-air balloons, clumsily and hastily made, but they did the work.

I saw it all from the top of an office building. The first balloon missed the fortresses completely and disappeared into the country; but we learned about it afterward. Burton and O'Sullivan were in it. As they were descending they swept across a railroad directly over a troop-train that was heading at full speed for Chicago. They dropped their whole supply of expedite upon the locomotive. The resulting wreck tied the line up for days. And the best of it was that, released from the weight of expedite, the balloon shot up into the air and did not come down for half a dozen miles, both heroes escaping unharmed.

The second balloon was a failure. Its flight was lame. It floated too low and was shot full of holes before it could reach the fortresses. Herford and Guinness were in it, and they were blown to pieces along with the field into which they fell. Biedenbach was in despair—we heard all about it afterward—and he went up alone in the third balloon. He, too, made a low flight, but he was in luck, for they failed seriously to puncture his balloon. I can see it now as I did then, from the lofty top of the building—that inflated bag drifting along the air, and that tiny speck of a man clinging on beneath. I could not see the fortress, but those on the roof with me said he was directly over it. I did not see the expedite fall when he cut it loose. But I did see the balloon

suddenly leap up into the sky. An appreciable time after that the great column of the explosion towered in the air, and after that, in turn, I heard the roar of it. Biedenbach the gentle had destroyed a fortress. Two other balloons followed at the same time. One was blown to pieces in the air, the expedite exploding, and the shock of it disrupted the second balloon, which fell prettily into the remaining fortress. It couldn't have been better planned, though the two comrades in it sacrificed their lives.

But to return to the people of the abyss. My experiences were confined to them. They raged and slaughtered and destroyed all over the city proper, and were in turn destroyed; but never once did they succeed in reaching the city of the oligarchs over on the west side. The oligarchs had protected themselves well. No matter what destruction was wreaked in the heart of the city, they, and their womenkind and children, were to escape hurt. I am told that their children played in the parks during those terrible days and that their favorite game was an imitation of their elders stamping upon the proletariat.

But the Mercenaries found it no easy task to cope with the people of the abyss and at the same time fight with the comrades. Chicago was true to her traditions, and though a generation of revolutionists was wiped out, it took along



with it pretty close to a generation of its enemies. Of course, the Iron Heel kept the figures secret, but, at a very conservative estimate, at least one hundred and thirty thousand Mercenaries were slain. But the comrades had no chance. Instead of the whole country being hand in hand in revolt, they were all alone, and the total strength of the Oligarchy could have been directed against them if necessary. As it was, hour after hour, day after day, in endless train-loads, by hundreds of thousands, the Mercenaries were hurled into Chicago.

And there were so many of the people of the abyss! Tiring of the slaughter, a great herding movement was begun by the soldiers, the intent of which was to drive the street mobs, like cattle, into Lake Michigan. It was at the beginning of this movement that Garthwaite and I had encountered the young officer. This herding movement was practically a failure, thanks to the splendid work of the comrades. Instead of the great host the Mercenaries had hoped to gather together, they succeeded in driving no more than forty thousand of the wretches into the lake. Time and again, when a mob of them was well in hand and being driven along the streets to the water, the comrades would create a diversion, and the mob would escape through the consequent hole torn in the encircling net.

Garthwaite and I saw an example of this shortly after meeting with the young officer. The mob of which we had been a part, and which had been put in retreat, was prevented from escaping to the south and east by strong bodies of troops. The troops we had fallen in with had held it back on the west. The only outlet was north, and north it went toward the lake, driven on from east and west and south by machine-gun fire and automatics. Whether it divined that it was being driven toward the lake, or whether it was merely a blind squirm of the monster, I do not know; but at any rate the mob took a cross street to the west, turned down the next street, and came back upon its track, heading south toward the great ghetto.

Garthwaite and I at that time were trying to make our way westward to get out of the territory of street-fighting, and we were caught right in the thick of it again. As we came to the corner we saw the howling mob bearing down upon us. Garthwaite seized my arm and we were just starting to run, when he dragged me back from in front of the wheels of half a dozen war automobiles, equipped with machine-guns, that were rushing for the spot. Behind them came the soldiers with their automatic rifles. By the time they took position, the mob was upon them, and it looked as though they would be overwhelmed before they could get into action.

Here and there a soldier was discharging his rifle, but this scattered fire had no effect in checking the mob. On it came, bellowing with brute rage. It seemed the machine-guns could not get started. The automobiles on which they were mounted blocked the street, compelling the soldiers to find positions in, between, and on the sidewalks. More and more soldiers were arriving, and in the jam we were unable to get away. Garthwaite held me by the arm, and we pressed close against the front of a building.

The mob was no more than twenty-five feet away when the machine-guns opened up; but before that flaming sheet of death nothing could live. The mob came on, but it could not advance. It piled up in a heap, a mound, a huge and growing wave of dead and dying. Those behind urged on, and the column, from gutter to gutter, telescoped upon itself. Wounded creatures, men and women, were vomited over the top of that awful wave and fell squirming down the face of it till they threshed about under the automobiles and against the legs of the soldiers. The latter bayoneted the struggling wretches, though one I saw who gained his feet and flew at a soldier's throat with his teeth. Together they went down, soldier and slave, into the welter.

The firing ceased. The work was done. The mob had been stopped in its wild attempt to break through. Orders were being given to clear the wheels of the war-machines. They could not

advance over that wave of dead, and the idea was to run them down the cross street. The soldiers were dragging the bodies away from the wheels when it happened. We learned afterward how it happened. A block distant a hundred of our comrades had been holding a building. Across roofs and through buildings they made their way, till they found themselves looking down upon the close-packed soldiers. Then it was counter-massacre.

Without warning, a shower of bombs fell from the top of the building. The automobiles were blown to fragments, along with many soldiers. We, with the survivors, swept back in mad retreat. Half a block down another building opened fire on us. As the soldiers had carpeted the street with dead slaves, so, in turn, did they themselves become carpet. Garthwaite and I bore charmed lives. As we had done before, so again we sought shelter in an entrance. But he was not to be caught napping this time. As the roar of the bombs died away, he began peering out.

“The mob’s coming back!” he called to me. “We’ve got to get out of this!”

We fled, hand in hand, down the bloody pavement, slipping and sliding, and making for the corner. Down the cross street we could see a few soldiers still running. Nothing was happening to them. The way was clear. So we paused a moment and looked back. The mob came on slowly. It was

busy arming itself with the rifles of the slain and killing the wounded. We saw the end of the young officer who had rescued us. He painfully lifted himself on his elbow and turned loose with his automatic pistol.

“There goes my chance of promotion,” Garthwaite laughed, as a woman bore down on the wounded man, brandishing a butcher’s cleaver. “Come on. It’s the wrong direction, but we’ll get out somehow.”

And we fled eastward through the quiet streets, prepared at every cross street for anything to happen. To the south a monster conflagration was filling the sky, and we knew that the great ghetto was burning. At last I sank down on the sidewalk. I was exhausted and could go no farther. I was bruised and sore and aching in every limb; yet I could not escape smiling at Garthwaite, who was rolling a cigarette and saying:

“I know I’m making a mess of rescuing you, but I can’t get head nor tail of the situation. It’s all a mess. Every time we try to break out, something happens and we’re turned back. We’re only a couple of blocks now from where I got you out of that entrance. Friend and foe are all mixed up. It’s chaos. You can’t tell who is in those darned buildings. Try to find out, and you get a bomb on your head. Try to go peaceably on your way, and you run into a mob and are killed by machine-guns, or you run into the Mercenaries

and are killed by your own comrades from a roof. And on the top of it all the mob comes along and kills you, too.”

He shook his head dolefully, lighted his cigarette, and sat down beside me.

“And I’m that hungry,” he added, “I could eat cobblestones.”

The next moment he was on his feet again and out in the street prying up a cobblestone. He came back with it and assaulted the window of a store behind us.

“It’s ground floor and no good,” he explained as he helped me through the hole he had made; “but it’s the best we can do. You get a nap and I’ll reconnoitre. I’ll finish this rescue all right, but I want time, time, lots of it—and something to eat.”

It was a harness store we found ourselves in, and he fixed me up a couch of horse blankets in the private office well to the rear. To add to my wretchedness a splitting headache was coming on, and I was only too glad to close my eyes and try to sleep.

“I’ll be back,” were his parting words. “I don’t hope to get an auto, but I’ll surely bring some grub,<sup>119</sup> anyway.”

---

119 Food.

And that was the last I saw of Garthwaite for three years. Instead of coming back, he was carried away to a hospital with a bullet through his lungs and another through the fleshy part of his neck.





## CHAPTER XXIV. NIGHTMARE

I had not closed my eyes the night before on the Twentieth Century, and what of that and of my exhaustion I slept soundly. When I first awoke, it was night. Garthwaite had not returned. I had lost my watch and had no idea of the time. As I lay with my eyes closed, I heard the same dull sound of distant explosions. The inferno was still raging. I crept through the store to the front. The reflection from the sky of vast conflagrations made the street almost as light as day. One could have read the finest print with ease. From several blocks away came the crackle of small hand-bombs and the churning of machine-guns, and from a long way off came a long series of heavy explosions. I crept back to my horse blankets and slept again.

When next I awoke, a sickly yellow light was filtering in on me. It was dawn of the second day. I crept to the front of the store. A smoke pall, shot through with lurid gleams, filled the sky. Down the opposite side of the street tottered a

wretched slave. One hand he held tightly against his side, and behind him he left a bloody trail. His eyes roved everywhere, and they were filled with apprehension and dread. Once he looked straight across at me, and in his face was all the dumb pathos of the wounded and hunted animal. He saw me, but there was no kinship between us, and with him, at least, no sympathy of understanding; for he cowered perceptibly and dragged himself on. He could expect no aid in all God's world. He was a helot in the great hunt of helots that the masters were making. All he could hope for, all he sought, was some hole to crawl away in and hide like any animal. The sharp clang of a passing ambulance at the corner gave him a start. Ambulances were not for such as he. With a groan of pain he threw himself into a doorway. A minute later he was out again and desperately hobbling on.

I went back to my horse blankets and waited an hour for Garthwaite. My headache had not gone away. On the contrary, it was increasing. It was by an effort of will only that I was able to open my eyes and look at objects. And with the opening of my eyes and the looking came intolerable torment. Also, a great pulse was beating in my brain. Weak and reeling, I went out through the broken window and down the street, seeking to escape, instinctively and gropingly, from the awful shambles. And thereafter I lived

nightmare. My memory of what happened in the succeeding hours is the memory one would have of nightmare. Many events are focussed sharply on my brain, but between these indelible pictures I retain are intervals of unconsciousness. What occurred in those intervals I know not, and never shall know.

I remember stumbling at the corner over the legs of a man. It was the poor hunted wretch that had dragged himself past my hiding-place. How distinctly do I remember his poor, pitiful, gnarled hands as he lay there on the pavement—hands that were more hoof and claw than hands, all twisted and distorted by the toil of all his days, with on the palms a horny growth of callous a half inch thick. And as I picked myself up and started on, I looked into the face of the thing and saw that it still lived; for the eyes, dimly intelligent, were looking at me and seeing me.

After that came a kindly blank. I knew nothing, saw nothing, merely tottered on in my quest for safety. My next nightmare vision was a quiet street of the dead. I came upon it abruptly, as a wanderer in the country would come upon a flowing stream. Only this stream I gazed upon did not flow. It was congealed in death. From pavement to pavement, and covering the sidewalks, it lay there, spread out quite evenly, with only here and there a lump or mound of bodies to break

the surface. Poor driven people of the abyss, hunted helots—they lay there as the rabbits in California after a drive.<sup>120</sup> Up the street and down I looked. There was no movement, no sound. The quiet buildings looked down upon the scene from their many windows. And once, and once only, I saw an arm that moved in that dead stream. I swear I saw it move, with a strange writhing gesture of agony, and with it lifted a head, gory with nameless horror, that gibbered at me and then lay down again and moved no more.

I remember another street, with quiet buildings on either side, and the panic that smote me into consciousness as again I saw the people of the abyss, but this time in a stream that flowed and came on. And then I saw there was nothing to fear. The stream moved slowly, while from it arose groans and lamentations, cursings, babblings of senility, hysteria, and insanity; for these were the very young and the very old, the feeble and the sick, the helpless and the hopeless, all the wreckage of the ghetto. The burning of the great ghetto on the South Side had driven them forth into the inferno of

---

120 In those days, so sparsely populated was the land that wild animals often became pests. In California the custom of rabbit-driving obtained. On a given day all the farmers in a locality would assemble and sweep across the country in converging lines, driving the rabbits by scores of thousands into a prepared enclosure, where they were clubbed to death by men and boys.

the street-fighting, and whither they wended and whatever became of them I did not know and never learned.<sup>121</sup>

I have faint memories of breaking a window and hiding in some shop to escape a street mob that was pursued by soldiers. Also, a bomb burst near me, once, in some still street, where, look as I would, up and down, I could see no human being. But my next sharp recollection begins with the crack of a rifle and an abrupt becoming aware that I am being fired at by a soldier in an automobile. The shot missed, and the next moment I was screaming and motioning the signals. My memory of riding in the automobile is very hazy, though this ride, in turn, is broken by one vivid picture. The crack of the rifle of the soldier sitting beside me made me open my eyes, and I saw George Milford, whom I had known in the Pell Street days, sinking slowly down to the sidewalk. Even as he sank the soldier fired again, and Milford doubled in, then flung his body out, and fell sprawling. The soldier chuckled, and the automobile sped on.

The next I knew after that I was awakened out of a sound sleep by a man who walked up and down close beside

---

121 It was long a question of debate, whether the burning of the South Side ghetto was accidental, or whether it was done by the Mercenaries; but it is definitely settled now that the ghetto was fired by the Mercenaries under orders from their chiefs.

me. His face was drawn and strained, and the sweat rolled down his nose from his forehead. One hand was clutched tightly against his chest by the other hand, and blood dripped down upon the floor as he walked. He wore the uniform of the Mercenaries. From without, as through thick walls, came the muffled roar of bursting bombs. I was in some building that was locked in combat with some other building.

A surgeon came in to dress the wounded soldier, and I learned that it was two in the afternoon. My headache was no better, and the surgeon paused from his work long enough to give me a powerful drug that would depress the heart and bring relief. I slept again, and the next I knew I was on top of the building. The immediate fighting had ceased, and I was watching the balloon attack on the fortresses. Some one had an arm around me and I was leaning close against him. It came to me quite as a matter of course that this was Ernest, and I found myself wondering how he had got his hair and eyebrows so badly singed.

It was by the merest chance that we had found each other in that terrible city. He had had no idea that I had left New York, and, coming through the room where I lay asleep, could not at first believe that it was I. Little more I saw of the Chicago Commune. After watching the balloon attack, Ernest took me down into the heart of the building,

where I slept the afternoon out and the night. The third day we spent in the building, and on the fourth, Ernest having got permission and an automobile from the authorities, we left Chicago.

My headache was gone, but, body and soul, I was very tired. I lay back against Ernest in the automobile, and with apathetic eyes watched the soldiers trying to get the machine out of the city. Fighting was still going on, but only in isolated localities. Here and there whole districts were still in possession of the comrades, but such districts were surrounded and guarded by heavy bodies of troops. In a hundred segregated traps were the comrades thus held while the work of subjugating them went on. Subjugation meant death, for no quarter was given, and they fought heroically to the last man.<sup>122</sup>

Whenever we approached such localities, the guards turned us back and sent us around. Once, the only way past

---

122 Numbers of the buildings held out over a week, while one held out eleven days. Each building had to be stormed like a fort, and the Mercenaries fought their way upward floor by floor. It was deadly fighting. Quarter was neither given nor taken, and in the fighting the revolutionists had the advantage of being above. While the revolutionists were wiped out, the loss was not one-sided. The proud Chicago proletariat lived up to its ancient boast. For as many of itself as were killed, it killed that many of the enemy.

two strong positions of the comrades was through a burnt section that lay between. From either side we could hear the rattle and roar of war, while the automobile picked its way through smoking ruins and tottering walls. Often the streets were blocked by mountains of debris that compelled us to go around. We were in a labyrinth of ruin, and our progress was slow.

The stockyards (ghetto, plant, and everything) were smouldering ruins. Far off to the right a wide smoke haze dimmed the sky,—the town of Pullman, the soldier chauffeur told us, or what had been the town of Pullman, for it was utterly destroyed. He had driven the machine out there, with despatches, on the afternoon of the third day. Some of the heaviest fighting had occurred there, he said, many of the streets being rendered impassable by the heaps of the dead.

Swinging around the shattered walls of a building, in the stockyards district, the automobile was stopped by a wave of dead. It was for all the world like a wave tossed up by the sea. It was patent to us what had happened. As the mob charged past the corner, it had been swept, at right angles and point-blank range, by the machine-guns drawn up on the cross street. But disaster had come to the soldiers. A chance bomb must have exploded among them, for the mob, checked until its dead and dying formed the wave, had



white-capped and flung forward its foam of living, fighting slaves. Soldiers and slaves lay together, torn and mangled, around and over the wreckage of the automobiles and guns.

Ernest sprang out. A familiar pair of shoulders in a cotton shirt and a familiar fringe of white hair had caught his eye. I did not watch him, and it was not until he was back beside me and we were speeding on that he said:

“It was Bishop Morehouse.”

Soon we were in the green country, and I took one last glance back at the smoke-filled sky. Faint and far came the low thud of an explosion. Then I turned my face against Ernest’s breast and wept softly for the Cause that was lost. Ernest’s arm about me was eloquent with love.

“For this time lost, dear heart,” he said, “but not forever. We have learned. To-morrow the Cause will rise again, strong with wisdom and discipline.”

The automobile drew up at a railroad station. Here we would catch a train to New York. As we waited on the platform, three trains thundered past, bound west to Chicago. They were crowded with ragged, unskilled laborers, people of the abyss.

“Slave-levies for the rebuilding of Chicago,” Ernest said. “You see, the Chicago slaves are all killed.”



## CHAPTER XXV. THE TERRORISTS

It was not until Ernest and I were back in New York, and after weeks had elapsed, that we were able to comprehend thoroughly the full sweep of the disaster that had befallen the Cause. The situation was bitter and bloody. In many places, scattered over the country, slave revolts and massacres had occurred. The roll of the martyrs increased mightily. Countless executions took place everywhere. The mountains and waste regions were filled with outlaws and refugees who were being hunted down mercilessly. Our own refuges were packed with comrades who had prices on their heads. Through information furnished by its spies, scores of our refuges were raided by the soldiers of the Iron Heel.

Many of the comrades were disheartened, and they retaliated with terroristic tactics. The set-back to their hopes made them despairing and desperate. Many terrorist organizations unaffiliated with us sprang into existence and

caused us much trouble.<sup>123</sup> These misguided people sacrificed their own lives wantonly, very often made our own plans go astray, and retarded our organization.

And through it all moved the Iron Heel, impassive and deliberate, shaking up the whole fabric of the social structure in its search for the comrades, combing out the Mercenaries, the labor castes, and all its secret services, punishing without mercy and without malice, suffering in silence all retaliations

---

123 The annals of this short-lived era of despair make bloody reading. Revenge was the ruling motive, and the members of the terroristic organizations were careless of their own lives and hopeless about the future. The Danites, taking their name from the avenging angels of the Mormon mythology, sprang up in the mountains of the Great West and spread over the Pacific Coast from Panama to Alaska. The Valkyries were women. They were the most terrible of all. No woman was eligible for membership who had not lost near relatives at the hands of the Oligarchy. They were guilty of torturing their prisoners to death. Another famous organization of women was The Widows of War. A companion organization to the Valkyries was the Berserkers. These men placed no value whatever upon their own lives, and it was they who totally destroyed the great Mercenary city of Bellona along with its population of over a hundred thousand souls. The Bedlamites and the Helldamites were twin slave organizations, while a new religious sect that did not flourish long was called The Wrath of God. Among others, to show the whimsicality of their deadly seriousness, may be mentioned the following: The Bleeding Hearts, Sons of the Morning, the Morning Stars, The Flamingoes, The Triple Triangles, The Three Bars, The Rubonics, The Vindicators, The Comanches, and the Erebusites.

that were made upon it, and filling the gaps in its fighting line as fast as they appeared. And hand in hand with this, Ernest and the other leaders were hard at work reorganizing the forces of the Revolution. The magnitude of the task may be understood when it is taken into.<sup>124</sup>

---

124 This is the end of the Everhard Manuscript. It breaks off abruptly in the middle of a sentence. She must have received warning of the coming of the Mercenaries, for she had time safely to hide the Manuscript before she fled or was captured. It is to be regretted that she did not live to complete her narrative, for then, undoubtedly, would have been cleared away the mystery that has shrouded for seven centuries the execution of Ernest Everhard.



# MANIFESTO PELA DEMOCRATIZAÇÃO DO DOMÍNIO PÚBLICO

Um Livro Extraordinário passou pelo teste do tempo e sobreviveu para nos contar sua história. Essas obras nos levam a outros lugares, nos apresentam pessoas e novos modos de pensar; nos transformam em exploradores e renovam as maneiras como experimentamos a vida cotidiana.

Ler é um ato de liberdade que transforma leitores em turistas imaginários. Todos têm o direito de visitar o País das Maravilhas, a Terra do Nunca, Lilliput, Camelot e até de viajar dentro da barriga de uma baleia. Queremos falar a mesma língua de Mowgli, do Pequeno Príncipe, do barão Münchhausen, de Mulan. Merecemos um passaporte universal. Nos recusamos a ser estrangeiros nos mundos extraordinários.

Libertaremos os mundos imaginários das estantes empoeiradas do domínio público. Abriremos suas portas escondidas sob o manto de outras línguas. Destruiremos as muralhas para revelar tesouros escondidos em outras línguas a leitores de zero a mil anos!

— •

literatura  
**livre**

O projeto Literatura Livre, do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural, traduz para o português as melhores obras da literatura, gratuitamente, em formatos digitais. A biblioteca que formou a identidade humana ao longo de mais de dois milênios está sendo reconstruída e organizada por nossa equipe e nossos apoiadores como uma ponte temporal, com temas tão atuais hoje como quando foram escritos. Nossa missão é aproximar o antigo e o novo, desmistificar o desconhecido, iluminar o conhecimento. Histórias geram empatia e transmitem sentimentos desde antes da escrita, e nós as usamos para estreitar os laços que nos unem como uma só espécie. A realização deste bem social conta com o apoio de parceiros, instituições e pessoas. Conheça quem está fazendo essa magia junto com o Instituto Mojo em nosso site e em nossas redes.





Desde 2018 o Instituto Mojo promove a aproximação cultural sem fronteiras. Em um mundo unido pelos meios digitais e dividido pelas diferenças culturais e ideológicas, tomamos como nosso o esforço de reunir a todos os interessados em conhecer, respeitar e promover a sua cultura e a de outros. Nosso primeiro programa se concentra na veiculação gratuita de obras em domínio público nas mais diversas línguas, sempre em versões bilíngues. Visite nosso site e veja como apoiar as nossas ações.

  @institutomojo

[www.mojo.org.br](http://www.mojo.org.br)

# FICHA TÉCNICA



**SESC — SERVIÇO SOCIAL DO  
COMÉRCIO**

[SOCIAL SERVICE OF COMMERCE]

**Administração Regional no  
Estado de São Paulo**

[Regional Administration of São Paulo State]

**Presidente do Conselho Regional**

[Regional Board Chairman]

**Abram Szajman**

**Diretor do Departamento Regional**

[Regional Department Director]

**Danilo Santos de Miranda**

## **Superintendente de Comunicação Social**

[Social Communication Superintendent]

Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves

## **Superintendente Técnico-Social**

[Social-Technical Superintendent]

Rosana Paulo da Cunha

## **Gerentes**

[Departments]

## **Sesc Digital**

Fernando Amoedo Tuacek

## **Ação Cultural**

[Cultural Action]

Érika Mourão Trindade Dutra

## **Assessoria de Relações Internacionais**

[International Affairs]

Heloisa Pisani



**INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO  
INTERCULTURAL**

[MOJO INSTITUTE FOR INTERCULTURAL COMMUNICATION]

**Diretor Executivo**

[Executive Director]

Ricardo Giassetti

**Vice-Diretor Executivo**

[Vice Executive Director]

Bruno Girello

**Diretoria**

[Board]

Tatiana Bornato, Thiago Fogaça, Luiz Fuganti,

Paulo Buarque de Gusmão

**Conselheiro de Negócios**

[Business Advisor]

Abel Reis

## **Curadoria Acadêmica**

[Scholar Curatorship]

Ana Maria Haddad Baptista

## **Organizador e Produtor Literatura Livre**

[Executive Producer]

Ricardo Giassetti

## **Curadores e Editores**

[Curators and Editors]

Ricardo Giassetti, Renato Roschel e Camille Pezzino

## **Revisores**

[Proofreading]

Camilla Pezzino, Rebeca Benício e Adriana Zoudine

## **Direção de Arte**

[Art Director]

George Farwell

## **Ilustrações**

[Illustrations]

Chrismontez de Brito

## **Editoração Digital e Ebooks**

[Digital Art and Ebooks]

Fernando Ribeiro

### **Desenvolvedor**

[Developer]

Andre Resende

### **Tradutores**

[Translators]

Adriana Zoudine, Bruno Anselmi Matangrano, Camille Pezzino, Carol Chiovatto, Francisco de Araújo, Gabriel Naldi, Giovane Rodrigues Silva, Lica Hashimoto, Luciana Cammarota, Luis S. Krausz, Mamede Jarouche, Nana Yoshida, Nina Rizzi, Renato Roschel, Ricardo Giassetti, Safa AC Jubran.

## Literatura Livre

### Sesc São Paulo — Primeira Temporada, 2020

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — First Season, 2022]

***O Leviaatã*** (*Der Leviathan*, 1938), Joseph Roth (1894–1939);  
***Crônicas do Japão*** (*Nihonshoki*, 720), Príncipe Toneri (676–735)  
e Ō-no-Yassumaro (?–723); ***Viagens de Gulliver*** (*Gulliver's  
Travels*, 1726), Jonathan Swift (1667–1745); ***El Zarco*** (*El Zarco*,  
1901), Ignacio Manuel Altamirano (1834–1893);  
***Contos folclóricos africanos Vols. 1 e 2*** (*The Folk Tales from  
Southern Nigeria* (1910), Elphinstone Dayrell (1869–1917);  
*Zanzibar Tales* (1901), George W. Bateman (1850–1940);  
*Where Animals Talk* (1912), Robert Hamill Nassau (1835–  
1921); ***Os miseráveis*** (*Albukhalā'*, 868), Aljāhiz (776–868); ***Sra.  
Fragrância Primavera*** (*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far  
(Edith Maude Easton, 1865–1914); ***Contos de crianças chinesas***  
(*Mrs. Spring Fragrance*, 1912), Sui Sin Far (Edith Maude Easton,  
1865–1914); ***As roupas fazem as pessoas*** (*Kleider machen Leute*,  
1874), Gottfried Keller (1819–1890); ***Contos sardos*** (*Racconti  
Sardi*, 1894), Grazia Deledda (1871–1936); ***Pássaros sem ninho***  
(*Aves sin nido*, 1889), Clorinda Matto de Turner (1853–1909);  
***Coração das trevas*** (*Heart of Darkness*, 1899), Joseph Conrad  
(1857–1924); ***Histórias do tio Karel*** (*Outa Karel's Stories: South  
African Folk-Lore Tales*, 1914), Sanni Metelerkamp (1867–1945)

## Literatura Livre

Sesc São Paulo — Segunda Temporada, 2022

[Free Literature]

[Sesc São Paulo — Second Season, 2022]

**Mil novecentos e oitenta e quatro** (*Nineteen Eighty Four*, 1949), George Orwell (Eric Arthur Blair, 1903–1950) • **Contos de amor de loucura e de morte** (*Cuentos de amor de loucura y de muerte*, 1917), Horacio Quiroga (1878–1937) • **Contos da selva** (*Cuentos de la selva*, 1918), Horacio Quiroga (1878–1937) • **O boneco raivoso** (*El juguete rabioso*, 1926), Roberto Arlt (1900–1942) • **O ventre de Nápoles** (*Il ventre di Napoli*, 1884–1905), Matilde Serao (1856–1927) • **A metamorfose** (*Die Verwandlung*, 1915), Franz Kafka (1883–1924) • **Hōjōki — Anotações na solidão da cabana** (*Hōjōki ou 方丈記*, 1212), Kamo no Chōmei (1153 ou 55–1216) • **O retorno** (*Возвращение*, 1946), Andrei Platonov (1899–1951) • **Gravuras cariocas** (*Aguafuertes cariocas*, 1930), Roberto Arlt (1900–1942) • **Xingu** (*Xingu*, 1916), Edith Wharton (1862–1937) • **Avatar** (*Avatar*, 1856), Théophile Gautier (1811–1872) • **A Bota de Ferro** (*The Iron Heel*, 1908), Jack London (1876–1916) • **Na baía** (*At the Bay*, 1922), Katherine Mansfield (1888–1923) • **Livro do tigre e do raposo** (*Kitāb Annamir wa Atta<sup>ʿ</sup>lab*, séc. 9), Hārūn, Sahl Bin (m.c. 830 d.C.) • **Contos malévolos** (*Cuentos malevolos*, 1904), Clemente de Palma (1872–1946)